

**FACULDADES EST**  
**Programa de Pós-graduação em Teologia**

DANIEL BARROS DE LIMA

**PRIMÓRDIOS DA DOCTRINA PENTECOSTAL NA IMPRENSA:  
REPRESENTAÇÕES DE FÉ E DE PRÁTICAS NOS JORNAIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS  
(1919-1933)**

São Leopoldo

2020



DANIEL BARROS DE LIMA

**PRIMÓRDIOS DA DOCTRINA PENTECOSTAL NA IMPRENSA:  
REPRESENTAÇÕES DE FÉ E DE PRÁTICAS NOS JORNAIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS  
(1919-1933)**

Tese de Doutorado em Teologia apresentada à Banca Avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Teologia. Área de Concentração: Religião e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L732p Lima, Daniel Barros de  
Primórdios da doutrina pentecostal na imprensa :  
representações de fé e de práticas nos jornais da  
Assembleia de Deus (1919-1933) / Daniel Barros de Lima  
; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo :  
EST/PPG, 2020.  
338 p. : il. ; 31 cm

Tese (doutorado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo,  
2020.

1. Igrejas pentecostais – Doutrinas. 2. Assembleia  
de Deus – Brasil – História. 3. Comunicação – Aspectos  
religiosos – Igrejas pentecostais. 4. Imprensa pentecostal  
– Brasil – História. I. Wachholz, Wilhelm, orientador. II.  
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

DANIEL BARROS DE LIMA

**PRIMÓRDIOS DA DOCTRINA PENTECOSTAL NA IMPRENSA:  
REPRESENTAÇÕES DE FÉ E DE PRÁTICAS NOS JORNAIS DA  
ASSEMBLEIA DE DEUS (1919-1933)**

Tese de Doutorado em Teologia apresentada à Banca Avaliadora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade EST, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Teologia. Área de Concentração: Religião e Educação.

Data de Aprovação: 10/01/2020

Wilhelm Wachholz – Doutor em Teologia – Faculdade EST

---

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – Faculdade EST

---

Oneide Bobsin – Doutor em Ciências Sociais – Faculdade EST

---

Gedeon Freire de Alencar – Doutor em Ciências da Religião – FBT/SP

---

Manuel do Carmo da Silva Campos – Doutor em Teologia – UEA/AM

---



### *Dedicatória*

Dedico essa obra a minha amada mãe, Pepita, a qual me proporcionou dar os primeiros passos na fé cristã. Foi ela quem me deu a conhecer, ainda criança, o que significava ser pentecostal, na fé e na prática. Obrigado Mãe! Aqui está uma instigante história da nossa fé.



## AGRADECIMENTOS

Esse texto poderia ter dez páginas, considerando a extensa lista de nomes de pessoas que nos últimos quatro anos de algum modo – desde uma simples palavra de ânimo até auxílios prestimosos – contribuíram para a realização desse doutorado. Porém, elenquei aqui algumas pessoas que afetaram diretamente a produção dessa pesquisa, sem as quais não teria sido concluída.

Primeiramente, agradeço a Deus, Autor da vida e de todo o conhecimento verdadeiro. Consagro essa pesquisa a Ele, pois nela foi possível constatar que “a pesquisa é um ato supremo de adoração a Deus”, essa máxima teria sido dita por John Wycliffe. Alguns séculos antes, em seu *Proslogium*, Anselmo de Cantuária expressou bem a relação da pesquisa com a busca pela verdade ao dizer: “Não tento penetrar na Tua sublimidade, pois de modo algum comparo o meu conhecimento com Ela, mas, anseio para entender até certo ponto a Tua verdade, que meu coração crê e ama. Não busco, pois, entender para crer, mas creio para compreender. Pois, nisto também creio: que se não cresse, não entenderia”. Tomo como minhas essas palavras!

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Wilhelm Wachholz. Além de ter sido um exímio orientador da pesquisa em si, mostrou ser um leitor atento dos textos da pesquisa acerca do pentecostalismo clássico, por isso, sugeriu mudanças e ajustes oportunos para seu melhoramento. Essa pesquisa possui sua marca.

À minha esposa, Larissa. Companheira idônea, a qual escolhi viver todos os meus dias. Seu suporte foi fundamental nesses quatro anos de pesquisa, que pareciam ser intermináveis. Diante de tantas ocupações e imprevistos ela sempre mostrou ser uma auxiliadora capaz. Te Amo!

À minha filha, Ana Sophia. Minha eterna princesinha, que desde muito pequena sentiu a ausência do pai por causa dos estudos. Foram muitos finais de semanas sem olhar em seus olhos com a devida atenção, o que sempre me apertava o coração. Obrigado filha por ter entendido que seu pai estava fazendo uma grande obra. Te Amo!

À minha mãe, Pepita Barros, a quem essa pesquisa foi dedicada. Ela me deu toda a cobertura necessária para que eu pudesse trabalhar e investir tempo nessa pesquisa. Quantas vezes nos sustentou preparando almoços e dando estância em sua casa para nosso descanso nas idas e vindas da logística fatigante de trabalhar e pesquisar, além de, continuar cuidando de sua única neta, Ana Sophia, em momentos decisivos. Te Amo!

Ao meu pai, Gilázio Lima. Ao seu próprio modo me incentivou a continuar estudando. Embora, não tão próximo como antes, ele ainda nos encoraja a vencer na vida. Aos meus irmãos. Suelen Barros que ainda suporta pedagogicamente o cuidado da Ana Sophia em suas inúmeras atividades escolares, e o Samuel Barros, que esteve sempre por perto quando precisamos dele. Vocês são amados por mim!

Aos meus sogros Luiz Costa e Sônia Maria que compreenderam bem a obra que eu estava produzindo, me deixando à vontade em relação aos trabalhos da Igreja. Assim como irmãos e irmãs que sentiram minha ausência em eventos sociais quase sempre, em finais de semana, pois tinha que pesquisar e escrever. Agradeço o apoio e a compreensão.

Aos professores e professoras, doutores e doutoras do DINTER no PPG da EST em São Leopoldo: Laude Erandi Brandenburg; Gisela Isolde Waechter Streck; Rudolf Eduard von Sinner; Remí Klein; Iuri Andréas Reblin; Julio Cezar Adam e Valério Guilherme Schaper. Cada qual deu sua contribuição nessa marcante experiência do doutorado. Aos colegas do DINTER pela convivência e amizade. No decorrer desses quatro anos experienciamos trocas de conhecimentos imprescindíveis às nossas pesquisas.

À Evangelisches Missionswerk in Deutschland (Associação de Igrejas e Missões Protestantes na Alemanha) pela bolsa parcial concedida. Esse singelo apoio financeiro foi providencial para a produção dessa pesquisa. É de extrema importância que existam agências como essas em Igrejas brasileiras investindo em pesquisas para o melhoramento da Igreja e da Sociedade.

Agradeço ao Centro de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP) na pessoa da Flavianne Vaz que digitalizou e compartilhou conosco os documentos que solicitamos no decorrer dessa pesquisa. De igual modo, agradeço a Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais (RELEP) pela amizade e compartilhamento de ideias nos últimos anos.

À Faculdade Boas Novas (FBN), lugar de vida abundante. Aos diretores Maria José Costa Lima e Edivaldo Lopes de Lima, casal sem igual, que Deus tem usado para fazer da FBN uma estância profética no coração do Amazônia melhorando pessoas por meio da educação. Obrigado por terem investido em mim enquanto pessoa e vocação. Amo vocês!

Por fim, agradeço ao Prof. Dr. Gedeon Alencar e ao Prof. Dr. Manuel do Carmo por se disporem a participar da banca de defesa dessa tese, especialmente ao Prof. Gedeon de quem recebemos generosa atenção desde o início dessa pesquisa, do compartilhamento de fontes até a troca de ideias acerca do pentecostalismo clássico. Registro, assim, a todos e a todas a minha eterna gratidão!

“É necessario que demos liberdade ao Espirito Santo, para que elle opere livremente, seja por homem ou por mulher, seja por dom ou por ministerio, para que a egreja possa crescer na graça do Senhor”.

Gunnar Vingren.  
*Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, 01/12/1930.



## RESUMO

Essa pesquisa aborda os primórdios da doutrina pentecostal nos jornais da Assembleia de Deus em um recorte temporal de 1919 a 1933. Os jornais *Boa Semente* (1919-1930), *O Som Alegre* (1929-1930) e o *Mensageiro da Paz* (1930-1933), caracterizam o que chamamos na pesquisa de *imprensa assembleiana*. Esses jornais são as fontes primárias da pesquisa e, representam peça fundamental da formação da fé pentecostal no Brasil. A *imprensa assembleiana* não é apenas *fonte*, mas, *objeto* de pesquisa. Objetivamos compreender a doutrina pentecostal em seu berço de formação e as representações da fé e das práticas pentecostais percebidas nos jornais e que se configuram em práxis religiosa, teológica e fenomenológica na história do evangelicalismo brasileiro. Anunciamos o *método* de pesquisa documental com a utilização dos jornais em destaque, envolvendo o estudo acerca da *materialidade*, do *conteúdo* e dos *idealizadores* dos jornais. O conceito de *representação* perpassa todo o universo da pesquisa, pois, recupera e dá sentido a uma presentificação e realidade do passado. A pesquisa foi estruturada em cinco capítulos que permitiram discutir e analisar os temas delineados por seus objetivos: o caminho metodológico, caracterização e contextualização da imprensa assembleiana, especialmente o *Boa Semente*; a experiência como marca de fé e a difusão da doutrina pentecostal a partir dos jornais; as representações da *imprensa assembleiana* em contato com a conjuntura socioreligiosa do país e sua relação com os demais grupos evangélicos de seu tempo; as representações implícitas e explícitas nos jornais: produção dos discursos e sentidos representados na *imprensa assembleiana*, a institucionalização da Igreja e as relações de poder; e, por último, as representações do poder na *imprensa assembleiana*: as relações entre a fé e o poder: Berg-Pethrus-Nyrtrom-Vingren-Frida. Essa pesquisa demonstrou a possibilidade de se reconstituir um conjunto de representações sobre doutrina pentecostal por meio dos jornais, que não foi produzida desinteressadamente, mas, está incidida com a política eclesiástica e com o poder, especialmente, por meio do exercício da fé e prática dos membros pentecostais.

**Palavras-chave:** Doutrina; Imprensa; Pentecostalismo; Representações; Práticas.



## ABSTRACT

This research addresses the beginnings of Pentecostal doctrine in the newspapers of the Assembly of God in a time frame from 1919 to 1933. The newspapers *Boa Semente* [Good Seed] (1919-1930), *O Som Alegre* [The Happy sound] (1929-1930) and the *Mensageiro da Paz* [Messenger of Peace] (1930-1933), characterize what we call in research *Assembly Press*. These newspapers are the primary sources of research and represent a fundamental part of the formation of the Pentecostal faith in Brazil. The assembly press is not only a *source*, but an *object* of research. We aim to understand the Pentecostal doctrine in its formation berth and the representations of the Pentecostal faith and practices perceived in the newspapers and which are configured in religious, theological and phenomenological praxis in the history of Brazilian evangelicalism. We declare the *method* of documentary research with the use of featured newspapers, involving the study of the *materiality*, *content* and *creators* of the newspapers. The concept of *representation* permeates the entire universe of research, as it recovers and gives meaning to a presentification and reality of the past. The research was structured in five chapters that permitted the discussion and analysis of the themes outlined by its objectives: the methodological path, characterization and contextualization of the assembly press, especially *Boa Semente*; the experience as a mark of faith and the diffusion of the Pentecostal doctrine from the newspapers; the representations of the Assembly press in contact with the country's socio-religious situation and its relationship with the other evangelical groups of its time; the implicit and explicit representations in newspapers: production of the speeches and meanings represented in the assembly press, the institutionalization of the Church and power relations; and, finally, the representations of power in the assembly press: the relationship between faith and power: Berg-Pethrus-Nyrtrom-Vingren-Frida. This research demonstrated the possibility of reconstituting a set of representations about Pentecostal doctrine through the newspapers, which was not produced without specific intention, but is related to ecclesiastical politics and power, especially through the exercise of faith and practice of the Pentecostal members.

**Keywords:** Doctrine; the Press; Pentecostalism; Representations; Practices.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	17
<b>Capítulo 1</b>	
<b>CAMPO METODOLÓGICO, CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMPRENSA ASSEMBLEIANA: JORNAL <i>BOA SEMENTE</i>.....</b>	<b>25</b>
<b>1.1 Pentecostalismo: os jornais como fonte e objeto de pesquisa e o domínio das representações.....</b>	<b>25</b>
<b>1.2 História da imprensa, caracterização e contexto do jornal <i>Boa Semente</i> .....</b>	<b>38</b>
1.2.1 Breve história da imprensa no Brasil e os primeiros jornais protestantes	38
1.2.2 Contextualização da <i>imprensa assembleiana</i> no Norte do Brasil.....	48
1.2.3 Caracterização do jornal <i>Boa Semente</i> .....	51
<b>Capítulo 2</b>	
<b>A DOCTRINA PENTECOSTAL NO JORNAL <i>BOA SEMENTE</i>: A EXPERIÊNCIA E O PODER DA PALAVRA IMPRESSA .....</b>	<b>59</b>
<b>2.1 A experiência como marca e fonte do saber na fé pentecostal .....</b>	<b>60</b>
<b>2.2 A difusão da doutrina pentecostal por meio e a partir do jornal <i>Boa Semente</i> (1919-1930) .....</b>	<b>71</b>
2.2.1 O jornal e os opúsculos .....	72
2.2.2 As Escolas Bíblicas e os Estudos Dominicais.....	75
2.2.3 A doutrina pentecostal: enfoques histórico-teológicos no jornal .....	86
<b>Capítulo 3</b>	
<b>REPRESENTAÇÕES DA FÉ PENTECOSTAL ENTRE IGREJAS: A RELAÇÃO CATÓLICO-PROTESTANTE-PENTECOSTAL .....</b>	<b>105</b>
<b>3.1 Contextualização e inserção da fé pentecostal em Belém-PA.....</b>	<b>106</b>
<b>3.2 A perspectiva católica a partir dos jornais.....</b>	<b>111</b>
<b>3.3 A perspectiva protestante a partir dos jornais.....</b>	<b>118</b>
<b>3.4 A perspectiva pentecostal a partir dos jornais.....</b>	<b>128</b>

## Capítulo 4

<b>A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS E A IGREJA FILADÉLFIA: DO CHAMADO MISSIONÁRIO À CONVENÇÃO DE 1930 .....</b>	<b>141</b>
<b>4.1 O ponto de partida da institucionalização da Igreja: a relação Berg-Pethrus-Vingren .....</b>	<b>143</b>
<b>4.2 Os emissários da institucionalização: a representação de Samuel Nyström e a Missão Sueca “Livre” .....</b>	<b>151</b>
<b>4.3 A institucionalização estabelecida: lições da História da Igreja .....</b>	<b>160</b>
<b>4.4 O manifesto dos pastores “nordestinos” e o <i>ethos</i> sueco-nordestino .....</b>	<b>177</b>
<b>4.5 O “poder” de Lewi Pethrus e as resoluções da convenção de Natal .....</b>	<b>192</b>

## Capítulo 5

<b>GUNNAR E FRIDA VINGREN: AS RELAÇÕES ENTRE A FÉ E O “PODER” .....</b>	<b>219</b>
<b>5.1 A fé e o poder de Frida Vingren: a (dis)função da mulher na Igreja .....</b>	<b>219</b>
<b>5.2 O “poder” nos jornais: a <i>triade</i> nevrálgica de Frida Vingren .....</b>	<b>236</b>
<b>5.3 A conspiração “nordestina” contra Gunnar e Frida Vingren .....</b>	<b>258</b>
<b>5.4 Nyström, Gunnar e Frida: as relações entre a fé e o “poder” da Igreja .....</b>	<b>271</b>

<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>293</b>
------------------------	------------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>301</b>
--------------------------	------------

<b>ANEXOS .....</b>	<b>313</b>
---------------------	------------

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que se inicia deve muito à pesquisa desenvolvida na Dissertação de Mestrado em História Social na Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2014-2016). O contato com os jornais, enquanto, método, fonte e objeto de pesquisa significou um vislumbre de possibilidades na diversificação de objetos de pesquisa. O tratamento dos periódicos da imprensa amazonense possibilitou o começo de um rico aprendizado, especialmente no que diz respeito aos instrumentos de análise dos discursos e dos conteúdos reproduzidos em documentos impressos.

Essa nova pesquisa se justifica por se inserir conveniente e conscientemente em um momento – que, esperamos, não ser passageiro – em que a Assembleia de Deus, especialmente no Norte do país alça seus maiores vôos no campo da educação.<sup>1</sup> Esse efeito histórico possui muitas causas diretas, até mesmo paradoxais que carecem de estudo e análise. Mas, em linhas gerais, o estudo da gênese do pentecostalismo ressignifica a fé e prática pentecostal de hoje.

A história é sempre carregada de representações do passado as quais podem apresentar muitos temas que, como fenômenos históricos, ainda não foram suficientemente explorados, aqui em especial, *a doutrina pentecostal* em seus primórdios, por meio da imprensa, a saber, os jornais. Assim, é possível recuperar a memória da doutrina que contribuiu para a formação da maior Igreja evangélica do país, a Assembleia de Deus.

Os missionários Gunnar Vingren<sup>2</sup> e Samuel Nyström,<sup>3</sup> fundadores do primeiro jornal oficial da Assembleia de Deus, o *Boa Semente*, priorizaram a criação de sua imprensa, investindo tempo e recursos no empreendimento dos jornais. Os pioneiros

---

<sup>1</sup> Em 2005 foi fundada a Faculdade Boas Novas (FBN), que hoje oferece os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências da Religião, Direito, Jornalismo, Pedagogia, Psicologia e Teologia presencial e EAD, além dos cursos de Pós-graduação *lato sensu*. Em 2012 a Assembleia de Deus lançou o Programa de Educação Cristã Continuada (PECC), um programa inovador que permite ao membro da Igreja receber formação teológica em três níveis contínuos: básico, médio e superior. Em 2016 a FBN iniciou parceria com a Faculdades EST por meio de um Doutorado Interinstitucional – DINTER.

<sup>2</sup> Missionário e teólogo pentecostal. Juntamente com Daniel Berg fundou as Assembleias de Deus no Brasil. Professor de Bíblia atuou também na imprensa evangélica. É considerado um dos maiores apóstolos deste século. Ele morreu em 1933. ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 314.

<sup>3</sup> Quarto missionário de fé pentecostal. Pastor missionário procedente da Suécia via EUA, chega em Belém em 1916, mas, no ano seguinte já estava em Manaus. Considerado pioneiro da Igreja no Estado do Amazonas bem como do ensino teológico no Brasil. Líder da AD no Brasil nas ausências do missionário Gunnar Vingren no período de 1911 a 1930. Um dos principais comentaristas das lições bíblicas de EBD. CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 40.

mantinham um forte interesse pela palavra impressa, isso pode ser percebido pelas publicações que outros missionários faziam neste respeito.<sup>4</sup>

Os jornais *Boa Semente* (1919-1930), *O Som Alegre* (1929-1930) e o *Mensageiro da Paz* (1930-1933), caracterizam o que chamamos de *imprensa assembleiana*. Esses jornais constituíram as fontes primárias dessa pesquisa e, enquanto periódicos, a saber, com circulação regular em períodos determinados, também representam peça fundamental da formação da cultura pentecostal no Brasil. O recorte histórico de 1919 a 1933 caracterizou o período investigado nessa pesquisa. Nesse período a *imprensa assembleiana* nasce, se desenvolve e se estabelece na Assembleia de Deus.

A *imprensa assembleiana* não foi apenas *fonte* profícua para a produção da pesquisa, mas, ela mesma, se constituiu em *objeto* de pesquisa. Objetivamos, de modo geral, compreender a doutrina pentecostal em seu berço de formação e as representações da fé e das práticas pentecostais que foram percebidas nos jornais e que se constituíram em práxis religiosa, teológica e fenomenológica na história do evangelicalismo brasileiro.

A formação e o estabelecimento de um grupo religioso devem ser compreendidos como um processo. A doutrina bíblica que se produz está intrinsecamente relacionada à formação e identidade do grupo, aqui em questão, a Igreja Assembleia de Deus. A doutrina bíblica de orientação pentecostal que se circunscreve nos jornais da Igreja produziu uma problemática nos primeiros movimentos dessa pesquisa, por meio da qual indagamos:

Para além da ideia de difundir a doutrina pentecostal, em que medida a oficialização do jornal *Boa Semente* representou a preocupação dos pioneiros suecos em não perder o controle sobre a “obra”? Que representações podem ser percebidas na *imprensa assembleiana* que podem diferir do discurso doutrinal que a bibliografia clássica expõe? Que singularidades podem ser percebidas na gênese da doutrina pentecostal por meio de sua imprensa? Quais discursos podem fluir desse universo de notícias e temáticas em que a doutrina pentecostal deveria ser ensinada e defendida? Havia algum modo característico de interpretação bíblica usado pelos redatores da *imprensa assembleiana* do período (*Boa Semente*, *O Som Alegre* e o *Mensageiro da Paz*)? É possível perceber como se davam as relações de poder da liderança da Igreja com os demais membros da

---

<sup>4</sup> Otto Nelson escreveu o seguinte na edição de setembro de 1926: “[...] quero lembrar aos leitores que estando eu em visita ao Pará em 1919 e, quando certo dia conversava com o irmão Vingren acerca do trabalho do Senhor, surgiu o pensamento que era necessário existir um jornal para melhor podermos espalhar as verdades gloriosas da Bíblia, verdades nas quaes cremos e que teem sido mesmo a força de nossa vida e trabalho”. **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64, p. 2.

Assembleia de Deus? Como se davam as relações com outros grupos denominacionais, principalmente com aqueles que possuíam jornais próprios? Esses questionamentos conduzem essa pesquisa a uma pergunta central: Como a doutrina de orientação pentecostal está representada nos jornais da *imprensa assembleiana* entre os anos de 1919 e 1933?

Diante desse quadro de questões partimos em busca de confirmar a razoabilidade hipotética da ideia de que houve um conjunto de interesses defendidos pelos líderes pioneiros e, de igual modo, pelos redatores dos jornais em doutrinar os membros do movimento pentecostal para serem fieis a Deus, mas, também à nova denominação a medida em que a mesma se institucionalizava. A própria construção dos discursos nos jornais prefigurou a institucionalização do movimento pentecostal, não obstante, esses discursos não representavam um espelho da realidade e a totalidade de expressões singulares do movimento. Os jornais foram capazes de capturar uma realidade. Essa foi, então, a percepção inicial, e ao mesmo tempo, hipotética para a construção e sustentação de uma *tese*.

Mas, por que os jornais? Primeiramente, houve a constatação do rico arcabouço documental que se constitui os periódicos da imprensa para a pesquisa histórica. Em segundo lugar, embora a imprensa nos últimos anos tenha recebido melhor tratamento enquanto fonte primordial de algumas pesquisas, é bem verdade que a mesma ainda é pouco explorada. E, por último, e mais diretamente sobre essa pesquisa, ficou evidente a possibilidade de recuperar e produzir uma história de fé e práticas pentecostais por meio da *metodologia* de pesquisa com jornais, a qual segundo Tania Regina de Luca deve analisar a *materialidade*, o *conteúdo* e os *idealizadores* dos jornais,<sup>5</sup> fatores estes que abordaremos mais adiante.

Em seus primeiros anos de circulação, a *imprensa assembleiana* revela muito acerca da doutrina pentecostal em seu processo de formação, uma vez que no Brasil não havia nada do gênero que pudesse ser acessada ou compreendida enquanto teologia pentecostal com um corpo de doutrinas organizado e sistematizado. Foi por meio do jornal *Boa Semente*, este distinto jornal – o primeiro jornal oficial vinculado a uma Igreja Pentecostal no Brasil – que os pioneiros lançaram as bases da doutrina da Igreja na circulação em grande escala.

---

<sup>5</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 131-141.

A descrição do contexto histórico da imprensa regional e da imprensa protestante no período anterior ao nascimento dos jornais da *imprensa assembleiana* foi compreendido na pesquisa, respectivamente, por meio da obra de Maria Luiza Ugarte Pinheiro que pesquisa acerca da gênese e estabelecimento da imprensa amazonense na região Norte, bem como, por meio da obra de Sandro Carvalho que pesquisa acerca da inserção do protestantismo na Amazônia fazendo uso dos jornais protestantes da época.

O conceito de *representação* perpassou todo o universo da pesquisa. O historiador francês, Roger Chartier desenvolveu tal conceito no âmbito da História Cultural, que embora seja um conceito de complexa assimilação na historiografia, deu base teórica para que fossem analisadas as representações que o movimento pentecostal reverberou em seus jornais. Os jornais constituíram a produção de práticas que estabeleciam a autoridade no estabelecimento da Igreja, bem como, legitimou as escolhas e os valores dos indivíduos dentro do movimento.

Da bibliografia oficial algumas obras foram importantes para a compreensão da temática geral da pesquisa. Por meio delas conhecemos os marcos de periodização histórica do movimento pentecostal, ao que, no entrecruzamento com outras fontes foi possível perceber o que diferia significativamente do que foi registrado na bibliografia oficial, e ao mesmo tempo, confirmou e enriqueceu muito do que até aqui já se falou sobre a gênese do pentecostalismo clássico.

Nesse sentido, a obra intitulada *O Diário do Pioneiro* é de fundamental importância. Organizada e copidescada por Ivar Vingren, filho primogênito de Gunnar Vingren, relata as experiências colhidas dos diários do pai acerca da obra missionária no Brasil desde a chegada em 1910 até seu retorno à Suécia em 1932. Eram cerca de 25 diários, sendo publicadas apenas uma parte. Nessa obra acessamos depoimentos de Gunnar Vingren descrevendo o ambiente que se formava na cidade de Belém e adjacências com o início da obra pentecostal.

As obras intituladas *Dicionário do Movimento Pentecostal*, de Isael de Araújo, e a *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, de Silas Daniel, serviram de apoio enciclopédico para a compreensão de variados conceitos, doutrinas e práticas pentecostais, informações diversas acerca dos principais líderes, personagens, eventos, convenções e resoluções da Igreja. Assim, as duas obras, respectivamente, reúnem um vastíssimo material de documentação histórica que fundamenta a perspectiva oficial da Assembleia de Deus.

Algumas obras foram imprescindíveis para a compreensão de questões problemáticas acerca do movimento pentecostal. Tratam-se de algumas pesquisas acadêmicas que nos últimos anos têm contribuído largamente para uma releitura da história, pois, revisitam questões que, sob a perspectiva da bibliografia oficial eram – e ainda o são – dadas como encerradas. Porém, por meio das leituras de novas fontes, essas pesquisas instigaram o debate de problemas antigos a serem revistos para que ninguém na história seja silenciado e silenciada em nome de um suposto *status quo* da Igreja.

As pesquisas de Gedeon Alencar, obras intituladas *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)* e *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*, pesquisas de mestrado e doutorado respectivamente, convergiram significativamente para a compreensão e problematização de várias questões nessa pesquisa. As obras de Gedeon Alencar se configuram, por assim dizer, em uma radiografia geral do movimento pentecostal no Brasil em seu largo espectro socioreligioso. Muitas de suas instigantes provocações e elucubrações serviram de base para darmos algum aprofundamento nessa nova pesquisa.

A pesquisa de Valéria Vilhena, na obra intitulada *Frida Maria Strandberg (191-1940): mais do que esposa de pastor*, oriunda de sua tese de doutorado recentemente defendida, foi de igual modo importante por dar ênfase e aprofundar uma releitura da vida e da obra de Frida Vingren, uma das mais importantes líderes do movimento pentecostal no mundo. Frida possui uma significativa parcela na implantação do movimento pentecostal no Brasil, que ambigualmente, sofreu injustamente por ter ousado ser livre em tudo quanto fazia para Deus, sob a insistente ideia de que homens e mulheres são iguais. A obra recupera e ressignifica o olhar sobre a (dis)função da mulher na Igreja que provoca tensões até os dias de hoje na Assembleia de Deus e em outras denominações.

A escrita da tese foi estruturada em cinco capítulos que permitiram discutir e analisar os temas delineados para a pesquisa, de modo que a escrita da tese anuncia os capítulos espelhados por seus objetivos. O primeiro capítulo tem por título “Campo Metodológico, Caracterização e Contextualização da Imprensa assembleiana: jornal *Boa Semente*”, além de explorar o tema do pentecostalismo, tem por característica principal ser um capítulo contextualizador da temática, por esta razão, seu mote foi situar previamente o caminho metodológico da pesquisa, caracterização e contextualização da *imprensa assembleiana*, os jornais como *fonte* e *objeto*, especialmente o jornal *Boa Semente*, conhecendo seu tempo e espaço.

O segundo capítulo, intitulado “A Doutrina Pentecostal no jornal *Boa Semente*: a Experiência e o Poder da Palavra Impressa” investigou acerca do interesse da Igreja por difundir a doutrina por meio da palavra impressa, buscando compreender o pensamento dos líderes pioneiros sobre a imprensa como difusor da doutrina pentecostal. A experiência como marca e fonte do saber na fé pentecostal foi enfatizada, pois, é decisiva na construção identitária do movimento pentecostal. Nesse capítulo, aprofundamos a questão da difusão da doutrina pentecostal a partir do jornal *Boa Semente* analisando notícias, fatos, temas, eventos e enfoques histórico-teológicos de fé e práticas pentecostais.

O terceiro capítulo, denominado “Representações da Fé Pentecostal entre Igrejas: A Relação Católico-Protestante-Pentecostal” identificou, a partir da *imprensa assembleiana*, como se davam as relações da Assembleia de Deus com outras denominações do período, os possíveis intercâmbios ou divergências, principalmente nas cidades de Belém e Manaus. Identificamos como as Igrejas Católica, Batista e Presbiteriana desenvolveram suas perspectivas acerca dos pentecostais, a partir de seus próprios jornais. Essas publicações apontavam para divergências doutrinárias, mas, acabaram estigmatizando o grupo por causa de seu forte proselitismo.

O quarto capítulo tem por título “A Institucionalização da Assembleia de Deus e a Igreja Filadélfia: Do Chamado Missionário à Convenção de 1930” e, consideramos o ponto alto da pesquisa, pois as representações da doutrina pentecostal, implícitas e explícitas, são analisadas em seu processo irreversível de institucionalização. Assim, fizemos um necessário recuo no tempo e no espaço para compreender o chamado missionário dos pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg para o Brasil, pra entender quando e como, o movimento pentecostal iniciou sua relação com Lewi Pethrus na Suécia. Nesse capítulo as publicações da *imprensa assembleiana* configuram produção e disseminação de discursos dando sentido à relação da Assembleia de Deus com a Igreja Filadélfia de Estocolmo na Suécia. As relações de poder deram o tom na chamada “crise” entre os missionários suecos e os pastores nordestinos, supostamente pelo controle e autonomia das igrejas no Brasil, quando na verdade, alguns problemas estavam ou deveriam ficar velados (Frida Vingren). Nessa tensão, a pessoa de Lewi Pethrus ganhou enorme importância, bem como, a de Samuel Nyström, considerado o emissário da institucionalização da Assembleia de Deus, ao passo, que a influência e liderança de Gunnar Vingren vai desvanecendo gradativamente.

O quinto e último capítulo tem por título “Gunnar e Frida Vingren: As Relações entre a Fé e o ‘Poder’”. Esse capítulo é resultado e desdobramento do último tópico da pauta da Convenção Geral de Natal, em 1930, a saber, o trabalho feminino na Igreja. O entrecruzamento daquilo que a Igreja publicava nos jornais, na bibliografia oficial e em outras fontes, especialmente as de Kajsa Norell, desvelou que, na verdade, Frida Vingren foi o principal motivo da Convenção Geral de 1930. Analisamos três artigos publicados por Frida onde o papel da mulher no ministério é ressignificado, embora a decisão da Convenção de Natal tenha sido regulamentar a (dis)função da mulher no ambiente eclesiástico. O capítulo demonstrou que Frida e Gunnar buscavam equidade entre homens e mulheres na participação na obra pentecostal. Mas, as fontes revelam que eles foram vencidos pelo poder da Igreja, e tiveram em Samuel Nyström um antagonista severo, pois, foi opositor do ministério feminino na Assembleia de Deus, tramando uma conspiração entre missionários suecos e pastores brasileiros para que o casal Vingren fosse retirado da liderança da Assembleia de Deus no Brasil.

Assim posto, que a história comece...



# Capítulo 1

## CAMPO METODOLÓGICO, CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA IMPRENSA ASSEMBLEIANA: JORNAL *BOA SEMENTE*

*A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade.*

Maria Helena Capelato

### 1.1 Pentecostalismo: os jornais como fonte e objeto de pesquisa e o domínio das representações

Não chega a ser nenhum eufemismo a afirmação de que o advento do pentecostalismo constitui um dos maiores fenômenos de toda a história da Igreja cristã, tanto do ponto de vista quantitativo, no que concerne ao número de fiéis espalhados por todo o mundo, como pelas singularidades, que definem a sua teologia e práxis, as quais distinguem o pentecostalismo de quaisquer outros grupos do protestantismo.

Analisando a gênese e a contemporaneidade do pentecostalismo, descobrimos um paradoxo no que diz respeito a sua práxis, que por vezes gerou e ainda gera tensões. No início, na gênese de sua formação, é possível perceber no cotidiano e na vida dos primeiros membros pentecostais um certo ascetismo<sup>6</sup> enquanto práxis. Foi disseminada uma ética de desvalorização das “coisas do mundo”. Uma visão dualista do sagrado e do profano constantemente interpelando a membresia acerca de suas práticas que tendia a valorizar mais o sagrado, como algo verdadeiramente espiritual, e desprezar o profano, considerado terreno e, portanto, sem importância espiritual, como sendo mundano.

---

<sup>6</sup> Ascetismo [Do grego *askesis*, exercício (espiritual)]. Doutrina que tem a ascese como elemento essencial da vida moral e religiosa [...] tem como objetivo levar o homem à realização plena da virtude e à mortificação dos desejos da carne. O ascetismo induz o ser humano a desprezar os aspectos corporais e sensíveis da vida. ANDRADE, 1998, p. 55.

A membresia pentecostal não procurou viver a vida considerando a imanência do mundo terreno, mas, supervalorizou suas concepções transcendentais como superiores ao mundo imanente, objetivando assim um viver sagrado na esfera do profano, uma hierofania.<sup>7</sup> A tendência foi desprezar completamente as ações exclusivas do mundo e tentar viver nele a partir de ações que promovessem, principalmente, seu bem-estar espiritual.<sup>8</sup> Ou seja, ações como jejuns, orações, cultos, privações e abnegações da vida, representavam tal anseio, e serviam para legitimar o que realmente importava na vida cristã.

Essa mentalidade foi um reflexo da experiência religiosa pautada no fundamentalismo doutrinário que visava exclusivamente à preparação espiritual do homem e da mulher a fim de aguardar o retorno iminente de Jesus Cristo. Os próprios líderes pioneiros demonstraram isso em sua práxis.

De acordo com Francisco Rolim:

Os três missionários que lançaram entre nós o anúncio pentecostal trouxeram apenas a experiência religiosa. Não é difícil constatá-lo nos primeiros anos que aqui viveram. Gunnar Vingren e Daniel Berg em nada se interessaram pela vida do povo simples e pelas duras necessidades materiais por que este passava. Pelo que se sabe, viviam seus dias repartidos entre as horas de aprender a língua e o tempo que dedicavam às orações e leituras da Bíblia. Se reuniões faziam com os batistas, não tinham por objetivo se inteirar de como vivia o pessoal pobre que morava na periferia. [...] sua mente estava constantemente preocupada em inculcar nos batistas que os rodeavam a experiência de oração, a ponto de os pastores batistas se mostrarem um tanto apreensivos com esse tipo de comportamento: vigílias de oração noite a dentro, acompanhadas de cânticos e leitura da Bíblia.<sup>9</sup>

Na gênese do pentecostalismo uma práxis passou a ser desenvolvida habitualmente, enfatizando a experiência espiritual, caracterizada por um pragmatismo que apontava para a convicção de que tudo o mais, a saber, a política, a economia e a cultura, eram *coisas do mundo* e, dessa forma, deviam dar pouca ou nenhuma atenção.

A despeito disso, e aliás, por causa disso e das variadas singularidades do movimento atual, pesquisas contemporâneas constatam que o pentecostalismo no Brasil tem crescido vertiginosamente nas últimas décadas. É um fenômeno religioso distinto da história recente da nação, pois, seu impacto ultrapassa a esfera religiosa e incide na

<sup>7</sup> Hierofania [Do grego *hieros*, sagrado + *phaino*, mostrar]. Manifestação das coisas sagradas em suas diversas modalidades. ANDRADE, 1998, p. 174.

<sup>8</sup> FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. Ascetismo e sectarismo no pentecostalismo clássico das Assembleias de Deus. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo-RS, v. 39, jun/dez. 2015, p. 25-26.

<sup>9</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo**: Brasil e América Latina. Petrópolis: Vozes, 1994. Apud FERREIRA, 2015, p. 26.

própria sociedade brasileira, mesmo que de modo paradoxal, tenha desenvolvido intensamente uma práxis cristã contra cultural.

No início foi censurado como um movimento herege pela maioria das Igrejas chamadas históricas, como a Presbiteriana e a Batista, tal como pode ser verificado nos jornais<sup>10</sup> dessas Igrejas. Mas o cenário atual apresenta algo bem diferente. Acerca disso, Davi Mesquiati afirma que:

Cem anos depois, estudiosos de várias ciências concordam sobre os aportes que trouxe o movimento à sociedade. Promoveu a democratização dos ministérios, dons, combateu a segregação racial, dignificou os pobres e marginalizados, melhorou a autoestima, etc. Como movimento contribuiu e ainda contribui muito para uma América Latina mais humana.<sup>11</sup>

Essa mudança se deu no bojo de muitas outras transformações na cosmovisão pentecostal percebidas nas últimas décadas. Embora essa mudança de mentalidade não atinja todo o movimento pentecostal<sup>12</sup> de um modo coeso, em todos os seus grupos e ministérios, é possível perceber que houve um engajamento considerável em algumas esferas da vida, como na educação,<sup>13</sup> na política e na sociedade.

O movimento pentecostal está longe de ser considerado homogêneo, pois nas últimas décadas vem cada vez mais sofrendo mudanças. Os seus diversos grupos,<sup>14</sup> as contradições internas, as diferenças regionais constatadas por meio de características peculiares em seus grupos, e algumas últimas transformações, como a ordenação de

---

<sup>10</sup> Citamos aqui o Jornal batista “Correio Doutrinal” de Recife-PE que no ano de 1925 deu o seguinte título a uma notícia sobre os pentecostais: “Seita sem escrúpulo”, e o jornal “O Batista Amazonense”, de circulação local na cidade de Manaus, em abril do mesmo ano numa sessão de Estudos Bíblicos disse “...confusão e escândalo como fazem os pentecostais”. Além desses, o famoso jornal presbiteriano “O Estandarte” de fins do século XIX, e que no ano de 1919 publicou uma série de 13 artigos intitulada “Invasões Pentecostistas”.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.). **Pentecostalismo e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 58.

<sup>12</sup> Temos utilizado e preferido, vez ou outra na pesquisa, o uso do termo “movimento pentecostal” ao invés de Assembleia de Deus apenas por questão de convenção e por sabermos que os primeiros crentes pentecostais não se viam como membros de uma denominação, mas, sim de um movimento pentecostal. Cf. ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 40-42.

<sup>13</sup> Ultimamente algumas Igrejas pentecostais têm investido no campo da educação formal e construído um novo discurso, onde a fé possui uma práxis simultaneamente transcendente e imanente.

<sup>14</sup> Ao longo de sua história o pentecostalismo foi se metamorfoseando significativamente dando origem ao que comumente chamamos de *Ministérios*. Conforme Gedeon Alencar “no primeiro momento, são todos por todos; não há ainda divisões e as disputas acirradas; no segundo, por falta de uma organização nacional e coesa, eles se automatizam a cada um segue seu próprio caminho; no terceiro período são todos contra todos, pois é um momento de muita concorrência. [...] há três tipos de *Ministérios*: *Ministérios Orgânicos*, *Ministérios Estamentais* e *Ministérios Corporativos*”. ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011**. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013, p. 104.

mulheres ao pastorado,<sup>15</sup> atestam essa assertiva. É por isso que academicamente tem sido chamado de *pentecostalismos*,<sup>16</sup> dada a múltipla diversidade de grupos e convenções. Não obstante, o pentecostalismo vem despertando o interesse acadêmico e levantando uma grande demanda de objetos de estudos os quais historiadores e pesquisadores de áreas afins têm direcionado suas pesquisas.

Nessas pesquisas pode-se perceber algo em comum. Elas têm como ponto de partida a abordagem do sociólogo Paul Freston<sup>17</sup> que, em 1994, publicou um artigo icônico acerca do pentecostalismo brasileiro. Nesse estudo, Freston faz uma radiografia, embora sucinta, da história no movimento pentecostal brasileiro. Além disso, também inova formulando algumas problemáticas acerca dessa história, o que despertou o interesse de novos pesquisadores para investigar muitas temáticas. Assim, alguns fenômenos puderam ser compreendidos à luz das Ciências da Religião e na interdisciplinaridade de outras áreas de conhecimento. Freston demonstrou em seu estudo que havia um campo fértil para a pesquisa do pentecostalismo brasileiro.

Em suma, Freston apresenta a história do pentecostalismo brasileiro em três ondas de implantação de Igrejas. A primeira onda ocorreu na década de 1910, com a chegada da *Congregação Cristã* (1910) e da *Assembleia de Deus* (1911) também chamado de pentecostalismo clássico. A segunda onda pentecostal ocorre nos anos de 1950 e início de 1960, quando o pentecostalismo se fragmentou basicamente em três grandes grupos, a saber, a *Quadrangular* (1951), a *Brasil para Cristo* (1955) e a *Deus é Amor* (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos de 1970 e ganhou força na década 1980. As principais representantes são a *Igreja Universal do Reino de Deus* (1977) e a *Igreja Internacional da Graça de Deus* (1980). Esse contexto é

---

<sup>15</sup> Enquanto escrevíamos esse texto um fato inusitado ocorreu. O Pr. Samuel Câmara, presidente da Assembleia de Deus em Belém do Pará (Igreja mãe da Assembleia de Deus no Brasil), juntamente com diversas lideranças de outras convenções estaduais, se desligaram da CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Dentre algumas resoluções da nova convenção nacional, está a questão da ordenação de mulheres ao ministério pastoral. Esse desligamento e a criação da nova convenção é um fato histórico, que para além do campo pentecostal, poderá trazer implicações imensas para o cristianismo brasileiro.

<sup>16</sup> O fenômeno pentecostal foi sempre tratado de um modo muito simplista e genérico. Gedeon Alencar afirma que “nunca existiu um pentecostalismo no singular, mas *pentecostalismos* no plural, desde suas origens americanas e também – e bem mais anteriores –, dos movimentos de santidade e pietismos europeus. O movimento da Rua Azuza, em Los Angeles, se tornou a grande referência no século XX, mas não foi o único. Muito pouco desse *pentecostalism black*, chegou até nós. No Brasil o pentecostalismo teve seu início em 1910, na região sudeste, com uma igreja étnica e calvinista, a *Congregação Cristã*, mas também, miscigenada e arminianista com a *Assembleia de Deus*, no extremo norte. Ambas fundadas por migrantes europeus sem vínculos institucionais com os EUA. OLIVEIRA, 2013, p. 15.

<sup>17</sup> FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: A Assembleia de Deus. In: **Religião e Sociedade**, Vol./Nº 16/3, 1994, p. 104-129.

fundamentalmente carioca.<sup>18</sup> Depois de mais de duas décadas da publicação do estudo de Paul Freston, não podemos empreender este novo estudo sem lançar mão de apontamentos como este, bem como de outras pesquisas e estudos realizados nas últimas décadas acerca do pentecostalismo brasileiro.

Essa nova pesquisa identifica como contexto de tempo e espaço, os anos de 1919 a 1933, classificados em dois períodos distintos. O primeiro, de 1919 a 1930, período em que o jornal *Boa Semente* esteve em circulação a começar pela cidade de Belém, adjacências, e posteriormente por todo o país. A final desse período, final de 1929 até outubro de 1930, circulou no Rio de Janeiro o jornal *O Som Alegre*. Faremos uso de alguns números desse jornal e sua perspectiva. O segundo, de 1930 a 1933, período inicial e representativo em que o jornal *Mensageiro da Paz*<sup>19</sup> entrou em circulação, inaugurando uma nova conjuntura de Igreja institucionalizada, tendo como recorte final o ano de 1933, quando morreu na Suécia Gunnar Vingren, tempo em que também podemos afirmar, da “morte” (simbólica) de Frida Vingren.

A partir desse ponto objetivamos tratar do jornal enquanto *fonte, objeto e metodologia* de pesquisa. Os jornais *Boa Semente* (1919-1930), *O Som Alegre* (1929-1930) e o *Mensageiro da Paz* (1930-1933) foram explorados conforme as temáticas investigadas. A pesquisa explora um período dilatado de tempo (1919-1933), e nesse sentido, no que tange ao tratamento das fontes da *imprensa assembleiana*, buscamos assegurar uma base segura, contínua e acessível para o desenvolvimento da pesquisa.

O jornal *Boa Semente* é o primeiro jornal oficial das Assembleias de Deus no Brasil, fundado em janeiro de 1919, em Belém do Pará, pelo missionário sueco Gunnar Vingren, tendo como seus redatores Samuel Nyström, Nels Nelson<sup>20</sup> (Ver anexo 4) e Plácido Aristóteles.<sup>21</sup> Estes são, por assim dizer, os pioneiros da imprensa assembleiana. O *Boa Semente* era distribuído mensalmente e gratuitamente, e circulou em formato de

<sup>18</sup> FRESTON, 1994, p. 108.

<sup>19</sup> A partir de dezembro de 1930 por decisão da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus em Natal (RN) passou a circular o Jornal *Mensageiro da Paz*. Os convencionais resolveram fundir, em um só jornal, o *Boa Semente* (PA) e *O Som Alegre* (RJ). Custando seis mil réis a assinatura e 200 réis o número avulso. ARAÚJO, 2011, p. 282.

<sup>20</sup> Dentre os pioneiros é considerado o quinto missionário. De igual modo, de origem sueca, mas, vindo dos EUA chegara em Belém em 1921. Nos primeiros anos desenvolveu sua atividade missionária pelas ilhas do Estado do Pará. Auxiliou Samuel Nyström por cinco anos até se tornar pastor presidente da igreja em Belém. Assinala também o primeiro hinário da igreja o “Cantor Pentecostal”. CONDE, 2006, p. 44.

<sup>21</sup> Antigo pastor auxiliar da Assembleia de Deus em Belém (PA), redator, pioneiro da imprensa pentecostal brasileira. Os missionários suecos precisavam de um auxiliar que conhecesse o trabalho de impressão tipográfica e ao mesmo tempo tomasse conta da redação e revisão do jornal *Boa Semente*. Foi redator desse jornal até sua morte em 1930. ARAÚJO, 2007, p. 27-28.

21,5 x 30 cm em quatro páginas, de janeiro de 1919 até novembro de 1930.<sup>22</sup> (Ver anexo 19). Do *Boa Semente* temos disponíveis os exemplares físicos, bem como digitalizados. Nos primeiros anos de sua publicação, o *Boa Semente* teve periodicidade irregular e, contando desde seu primeiro número (jan.1919) até o último número (nov.1930), totalizam-se 114 números dentre os quais temos posse de 84 números. Do *O Som Alegre* totalizam-se 11 números. Temos 10 exemplares digitalizados, do primeiro número (dez.1929) ao último (out.1930). Um número se perdeu. (Ver anexo 20).

Do jornal *Mensageiro da Paz* temos posse apenas exemplares digitalizados. Diferentemente do *Boa Semente*, o *Mensageiro da Paz* manteve uma periodicidade regular desde seu primeiro número (dez.1930), sendo publicado quinzenalmente deste então, excetuando-se algum caso ou momento excepcional. Assim, para o recorte temporal estudado (1930-1933) totalizam-se 68 números deste jornal, dentre os quais temos posse de todos os 68 números. (Ver anexo 21).

Para além de difusor do pentecostalismo no advento de sua primeira onda no Brasil, esses jornais se constituem numa riquíssima fonte histórica acerca da doutrina de orientação pentecostal em um contexto em que fatos políticos e socioeconômicos estão orbitando o estabelecimento da Assembleia de Deus, principalmente na região amazônica.<sup>23</sup>

A pesquisa assume trabalhar uma articulação entre doutrina e jornal em que esta última é tanto *fonte* quanto *objeto* de análise e reflexão. Isso anuncia duas dimensões da pesquisa. Numa primeira dimensão, o jornal permite, pelo que informa e registra, uma aproximação dos temas que a Igreja considerou imprescindível na doutrinação de seus membros. É possível analisar por meio dos temas publicados o que deveria ser lido como instrução doutrinária para os primeiros membros pentecostais. Nesse sentido, é possível analisar eventos, temas e questões nem sempre explorados pela bibliografia oficial, especialmente porque a escrita oficial tendeu a ignorar os jornais como fonte documental, e os jornais podem remeter-nos a outras fontes.

---

<sup>22</sup> ARAÚJO, Isael de. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 133.

<sup>23</sup> Em fins da década de 1910 e início da década de 1920, a atividade gomífera deixava de dar o tom econômico à região amazônica afetada por uma crise sem precedentes a qual trouxe para as cidades de Belém e Manaus enorme contingente de trabalhadores falidos em êxodo dos seringais amazônicos (a maioria nordestinos, sem condições alguma de retornar à terra pátria). Dentre algumas estâncias a que recorreram, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus fora uma delas, a qual acolheu muitas pessoas oriundas desse fenômeno social e as congregou em suas fileiras justamente nos primeiros anos de sua fundação.

Numa segunda dimensão da pesquisa, parte-se do pressuposto de o jornal não ser, por si e em si, uma espécie de “voz do passado”, registro “seco”, absoluto e seguro do que aconteceu. Ele reflete um lugar social, aqui em destaque, o lugar religioso, e, enquanto tal, vê, compreende e constrói uma visão de mundo que está a sua volta. As matérias publicadas não são, portanto, um registro absoluto da realidade exterior, mas, produto e produtor de sentidos. Exemplificando isso, podemos dizer que, muito do que o jornal informou acerca de uma práxis cristã ideal também é construído por ele, e que não significa necessariamente o reflexo de uma práxis cristã real, como se fosse um espelho dele.

Sob um viés relativamente novo no campo historiográfico, a pesquisa documental por meio de jornais da imprensa auxilia a compreensão do fenômeno pentecostal sob uma nova perspectiva, o viés jornalístico. O jornal também nos permite uma aproximação da realidade e das experiências dos agentes pioneiros da fé pentecostal na formação de seu pensamento doutrinal, que, inclusive, pode diferir significativamente do modo que usualmente é registrado numa bibliografia e historiografia oficial, embora também possa confirmar e enriquecer muito do que até aqui já se apresentou sobre o assunto.

É importante frisar o caráter inovador do uso dos jornais como fonte histórica. Tania Regina de Luca afirma que:

O reconhecimento imediato das potencialidades da imprensa não veio juntamente com a crítica historiográfica feita pela Escola dos Annales na década de 1930, pois o uso da imprensa como fonte história permaneceu numa espécie de limbo nas décadas seguintes.<sup>24</sup>

A riqueza encontrada na pesquisa com a utilização dos jornais como fonte histórica é ratificada por muitos historiadores. Maria Helena Capelato, uma pesquisadora no campo da pesquisa histórica por meio de periódicos, afirma que eles são:

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.<sup>25</sup>

A imprensa enquanto fonte, trouxe para a história o aspecto de subjetividade necessária para a reinterpretação de fatos passados narrados sob conclusões fechadas geralmente sob inspiração positivista. Nesse sentido Maria do Pilar Vieira afirma que:

---

<sup>24</sup> LUCA, 2014, p. 112.

<sup>25</sup> CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 13.

A importância da imprensa para a pesquisa histórica se amplia consideravelmente. Se durante muito tempo, a imprensa foi desprezada pelos historiadores de formação positivista que a consideravam “pouco confiável” devido à carga de subjetividade que carrega, hoje a utilizamos, sobretudo, devido a essa subjetividade, mais ainda, pelo seu caráter de formadora de opinião.<sup>26</sup>

Assim, é de se considerar que o uso do jornal como *fonte* prioritária para a pesquisa sobre a *doutrina pentecostal* configura um procedimento metodológico – o da *História através da imprensa* – extremamente fértil no âmbito desta pesquisa histórica, ainda mais se levarmos em consideração as ponderações de Renée Zicman quando afirma serem os jornais “arquivos do cotidiano, registrando a memória do dia a dia e este acompanhamento diário permite estabelecer a cronologia dos fatos históricos”.<sup>27</sup>

O uso dos periódicos da *imprensa assembleiana* como método é exposto por Tania Regina de Luca em três eixos de análise: a *materialidade*, o *conteúdo* e os *idealizadores* dos jornais. Acerca da *materialidade*, Luca afirma que “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições as técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê [...] as funções sociais desses impressos”.<sup>28</sup>

Renée Zicman ainda lembra que a imprensa age sempre no campo político-ideológico, daí a necessidade de historicizar os jornais, pois a apresentação das notícias em um determinado período não é uma mera repetição de ocorrências e registros feitos e postos ali aleatoriamente, mas é, antes, uma causa direta dos acontecimentos ao redor do espaço da imprensa, onde as informações não são dadas desinteressadamente, mas, ao contrário, denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação. Dessa forma, todo periódico organiza os acontecimentos e as informações segundo seu próprio filtro, selecionando assim aquilo que, segundo essa filtragem, importa que o leitor saiba.<sup>29</sup>

Ao falar em torno do *conteúdo* do que se publica, Luca afirma que o historiador deve: saber distinguir a notícia da interpretação; compreender o problema da objetividade e da neutralidade; investigar o cerne da notícia, ou seja, saber e conhecer os porquês que a imprensa periódica seleciona, ordena, estrutura e narra a notícia de determinada forma; compreender aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público. Com esta apreensão, a autora aconselha o historiador a utilizar este saber como

<sup>26</sup> VIEIRA, Maria do Pilar. et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. São Paulo: **Projeto História 3**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, v. 3, jan/dez, 1984, p. 48-49.

<sup>27</sup> ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. São Paulo: **Projeto História 4**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, v. 4, jan/dez, 1985, p. 90.

<sup>28</sup> LUCA, 2014, p. 132.

<sup>29</sup> ZICMAN, 1985, p. 90-91

ferramenta própria da análise do discurso que problematiza a identificação imediata e linear da narração e do próprio acontecimento narrado.<sup>30</sup>

Ao que se refere aos *idealizadores* dos conteúdos dos jornais, Luca afirma que:

Identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. Igualmente importante é inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros, aí incluídos os de caráter publicitários.<sup>31</sup>

A compreensão, assim como cumprimentos desses eixos de análise, configuram o uso metodológico da pesquisa com jornais. Ao mesmo tempo, ressalta-se que o jornal não deve ser considerado o depositário do real, aliás, nenhum tipo de fonte tem essa prerrogativa, todas possibilitam a análise de interpretação do passado. Os jornais estão carregados de *representações* de uma realidade passada que ainda pôde ser investigada, compreendida e até mesmo reinterpretada.

De imediato, faz-se necessário alcançar uma compreensão do conceito de *representação*, tal como apresentado no trabalho de seu mais destacado teórico, o historiador francês, Roger Chartier. Não é uma tarefa simples, já que se trata de um conceito complexo e muitos dos textos que fundamentam o conceito de *representação* são considerados textos dos mais herméticos no campo da história contemporânea.<sup>32</sup>

Segundo Chartier as representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais. Elas aspiram à universalidade, mas, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. Representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, e mesmo a legitimar escolhas dos indivíduos ou das massas.<sup>33</sup>

Maria Helena Capelato também ratifica algo oportuno acerca do conceito de *representação* presente nos jornais, afirmando que “a imprensa, ao invés de espelho da

---

<sup>30</sup> LUCA, 2014, p. 139.

<sup>31</sup> LUCA, 2014, p. 140.

<sup>32</sup> O conceito de representação já vinha se impondo no cenário historiográfico francês desde meados do século XX e Roger Chartier lembrará sempre das discussões formuladas por Paul Ricoeur ou Michel de Certeau, em duas obras seminais: RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3 vols. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010; CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990, p. 17.

realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade”.<sup>34</sup>

Percebe-se, então, certa inerência do conceito de *representação* ao uso metodológico dos jornais. Isso conduz a uma necessária discussão conceitual em que a identificação e problematização de conceitos e categorias de análise possam ancorar com maior segurança e precisão ao trabalho de pesquisa, tal como sugere Marcelo Badaró Matos, correlacionando tais “conceitos às matrizes teóricas das quais surgem, bem como aos contextos históricos em que foram formulados”.<sup>35</sup>

O conceito de *representação* passou a ser utilizado ao longo do século XX, quando os historiadores se viram forçados a “abandonar a certeza de uma coincidência total entre, o passado tal como foi e a explicação histórica que o sustenta”.<sup>36</sup> Com efeito, Sandra Pesavento lembra que a “realidade do passado só chega ao historiador por meio de representações”, são as imagens que produzem a “presentificação de um passado ausente”.<sup>37</sup>

Sandra Pesavento alerta que o conceito potencializado pelo historiador francês é, todavia, mais complexo, e propõe sua compreensão não como mera “cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas [como] uma construção feita a partir dele”.<sup>38</sup> Isso fica melhor compreendido quando Roger Chartier amplia e complexifica essa discussão, ressaltando que “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes é externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.<sup>39</sup>

Ao assim argumentar, o conceito de representação, afirma Pesavento, opera uma transposição da “tradicional clivagem entre real e não-real, uma vez que [...] tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais nos quais as pessoas vivem”.<sup>40</sup>

---

<sup>34</sup> CAPELATO, 1999, p. 24.

<sup>35</sup> MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). **História: Pensar & Fazer**. Niterói: LDH/UFF, 1989, p. 96.

<sup>36</sup> CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 11-12.

<sup>37</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008, p. 40.

<sup>38</sup> A autora ainda nos lembra que as “representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. Há, no caso do fazer ver por uma imagem simbólica, a necessidade da decifração e do conhecimento de códigos de interpretação, mas antes revelam coerência de sentido pela sua construção histórica e datada, dentro de um contexto dado no tempo”. PESAVENTO, 2008, p. 41.

<sup>39</sup> CHARTIER, 2009, p. 51-52.

<sup>40</sup> PESAVENTO, 2008, p. 41.

Chartier trouxe importantes contribuições para a pesquisa histórica com a formulação de conceitos e noções que hoje são fundamentais para a História Cultural, sendo o de *representação* apenas o mais destacado por ele. Em paralelo e, em forte articulação com este, propõe também a atenção do historiador às *práticas*, lembrando que “a noção de representação não nos afasta nem do real nem do social”.<sup>41</sup>

Intimamente ligadas, *práticas* e *representações* se articulam num contínuo e pluridirecional processo de retroalimentação em que determinadas práticas geram representações, no mesmo instante em que determinadas representações geram práticas. Asseverando isso José D’Assunção Barros exemplifica o entendimento desta noção:

São práticas culturais não apenas a feitura de um livro, uma técnica artística ou uma modalidade de ensino, mas também os modos como, em uma dada sociedade, os homens falam e se calam, comem e bebem, sentam-se e andam, conversam ou discutem, solidarizam-se ou hostilizam-se, morrem ou adoecem, tratam seus loucos ou recebem seus estrangeiros.<sup>42</sup>

Toda essa discussão foi favorecida pela forte valorização que se deu ao conceito de *cultura*, fruto de um diálogo maior de parte dos historiadores com o campo antropológico. Chartier, por exemplo, entende *cultura* como *prática*, e por isso argumenta já em sua primeira grande obra, *A História Cultural: entre práticas e representações*, que prática:

chamava a atenção para os gestos e comportamentos, e não apenas para as ideias e os discursos, e considerava as representações (individuais ou coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não como meros reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social.<sup>43</sup>

De acordo com Ronaldo Vainfas, os conceitos de representação e apropriação de Chartier permitem articular três modalidades da relação com o mundo social: a delimitação e classificação das múltiplas configurações intelectuais; as práticas de reconhecimento de uma identidade social; as formas institucionalizadas que marcam a existência de um grupo.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> CHARTIER, 2009, p. 51.

<sup>42</sup> BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 77.

<sup>43</sup> CHARTIER, 2009, p. 7. O livro citado, *O Mundo como Representação*, é de 1988. No entanto, o tema voltaria a ser discutido e atualizado em outras obras do autor. Cf. CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

<sup>44</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011, p. 143.

Assim se compreende, através a abordagem de Chartier, que as representações geram identidades tanto para o indivíduo quanto para o grupo e são portadoras do simbólico, que também é construído social e historicamente, da mesma forma como, “não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações”.<sup>45</sup>

Dessa análise epistemológica, mas, que também sustenta a abordagem metodológica, é possível articular algumas deduções à compreensão das representações da cultura pentecostal que foi disseminada ou gerada na escrita e na leitura dos jornais *Boa Semente* e *Mensageiro da Paz* (1919-1933), nos anos iniciais da formação da práxis religiosa pentecostal. Essa práxis se solidificou ao longo das décadas e muito do que aspira e valora permite a compreensão do pentecostalismo, enquanto fenômeno, e como supracitado, compreender as formas institucionalizadas que marcam a existência desse grupo. O jornal, nesse sentido, também é um fator institucionalizador das práticas pentecostais.

Outro conceito bastante valorizado no âmbito da História Cultural, mais próxima de Chartier é o de *imaginário*, que, grosso modo, diz respeito às ideias e representações de uma determinada época, criadas para dar sentido ao mundo.<sup>46</sup> José de D’Assunção Barros trata o *imaginário* como uma dimensão histórica bastante profícua. Ao explicar as *representações* como domínio, afirma que:

Existem domínios que tem mais afinidade com uma determinada dimensão, dada a natureza dos temas por eles abarcados [...] a História das Representações, por motivos análogos, sempre terá intimidade com o campo definido como História do Imaginário, embora também se abra a uma História das Mentalidades e certamente à História Cultural.<sup>47</sup>

Em outro momento, D’Assunção Barros afirma que “a História do Imaginário é atravessada pelo conceito de “imagem”, que não se prende apenas ao de imagem visual, mas, abarca também o âmbito das imagens verbais e das imagens mentais”.<sup>48</sup>

Reportando-se a diversos teóricos, Sandra Pesavento sintetiza as características e dimensões do conceito, asseverando, como destacaram Bronislaw Baczko e Cornelius Castoriadis, sua dimensão histórica e sua capacidade de representar o mundo, dando-lhe

---

<sup>45</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, 11(5), 1991, p. 177.

<sup>46</sup> PESAVENTO, 2008, p. 43.

<sup>47</sup> BARROS, José D’assunção. **Teoria da História**: Princípio e conceitos fundamentais. vol. 1. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013, p. 200-201.

<sup>48</sup> BARROS, José D’assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, dez, 2004, p. 26.

sentido ontológico. Ou seja: “Em cada época, os homens constroem representações para conferir sentido ao real”,<sup>49</sup> configurando estas representações como o imaginário social.

Os estudos que envolvem o imaginário são quase sempre correlacionados aos estudos das mentalidades, à dimensão da história das mentalidades sobre a qual se afirma:

Na historiografia, o conceito de mentalidades passou a designar as atitudes mentais de uma sociedade, os valores, o sentimento, o imaginário, os medos, o que se considera verdade, ou seja, todas as atividades inconscientes de determinada época [...] a mentalidade permanece durante muito tempo sem modificações, e suas mudanças são tão lentas a ponto de nem serem percebidas [...] Do ponto de vista do método, a História das Mentalidades combina abordagem antropológica e abordagem psicológica. A Antropologia fornece as técnicas para a descrição da comunidade estudada: isolando-a e não se preocupando nem com sua origem, nem com sua evolução (ou seja, não se preocupando com sua historicidade).<sup>50</sup>

Temos aqui o que se objetiva estudar e observar como característica presente nos membros pentecostais em sua formação e em seu desenvolvimento, enquanto grupo, partindo da práxis percebida nas páginas dos jornais. A práxis em que os pentecostais constituíram e desenvolveram sua visão de mundo a partir de múltiplas *representações* que os jornais constroem, continua sendo elemento instigador e fomentador das leituras contínuas dos mesmos.

As discussões relativas ao conceito de representação e também, como se verá, a própria definição contemporânea de documento parecem dar conta das nossas preocupações, tanto pela dimensão do jornal enquanto fonte de informação quanto como objeto de investigação.

A pesquisa busca evidenciar que os jornais podem ser condutores de representações e imagens reveladoras de um tempo em que homens e mulheres liam o que criam e criam no que liam. Essa pesquisa confere aos jornais o viés principal para a compreensão da fé e prática da doutrina de um povo, em uma época, para a compreensão do que temos chamado de movimento pentecostal.

---

<sup>49</sup> A autora também destaca a contribuição de Jacques Le Goff para o refinamento da discussão conceitual de imaginário, uma vez que este autor o entende “como uma forma de realidade, como um regime de representação, tradução mental não-reprodutora do real, que induz e pauta as ações”. PESAVENTO, 2008, p. 43-44

<sup>50</sup> SILVA, K. V. SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 279-280

## 1.2 História da imprensa, caracterização e contexto do jornal *Boa Semente*

A partir das leituras acerca da doutrina pentecostal no ambiente bibliográfico, e mais precisamente da leitura documental dos primeiros números<sup>51</sup> do jornal *Boa Semente* foi possível traçar aqui três pontos de exposição temática sobre a história e o movimento da imprensa.

O primeiro ponto expõe uma breve narrativa histórica do surgimento da imprensa no Brasil e como, nesse contexto, emergiram os primeiros jornais protestantes no país, especialmente na região Norte. O segundo, uma contextualização sucinta da imprensa religiosa na região Norte, especialmente o contexto do surgimento da *imprensa assembleiana*. O terceiro, uma abordagem sobre o próprio jornal *Boa Semente* enquanto fonte e objeto, analisando seu editorial, primeira página, e algumas ênfases doutrinárias percebidas nas publicações.

### 1.2.1 Breve história da imprensa no Brasil e os primeiros jornais protestantes

Antes de apresentar e situar o jornal *Boa Semente*, faz-se necessário contextualizar brevemente a história da imprensa no país e a inserção da imprensa protestante no Brasil como sendo aquela de quem a própria *imprensa assembleiana* tomará bases de semelhanças, pois, não se deve ignorar o fato de que outros grupos protestantes lançaram seus periódicos no Brasil, muito antes da Assembleia de Deus, em meados do século XIX. Embora, a *imprensa assembleiana* tenha desenvolvido um estilo próprio e singular de comunicar seus ensinamentos doutrinários, esse recuo no tempo auxilia o avanço da análise dos jornais pesquisados.

Inicialmente, constatamos que o envolvimento de grupos protestantes com a palavra impressa pode ser considerado uma marca do próprio movimento. Nesse sentido, pontuamos a providente invenção da prensa de Johannes Gutenberg<sup>52</sup> justamente em tempos de transformações e efervescência religiosa na Europa. Nesse contexto, a imprensa foi imprescindível para Martinho Lutero na disseminação de suas ideias em

---

<sup>51</sup> Essas exposições se concentram nos primeiros números que tivemos acesso distribuídos nos anos de 1919 a 1921.

<sup>52</sup> A Bíblia de Gutenberg é o incunábulo impresso da tradução em latim da Bíblia, por Johannes Gutenberg, em Mogúncia (atual Mainz), Alemanha. A produção da Bíblia começou em 1452, tendo Gutenberg usado uma prensa de tipos móveis. Calcula-se que tenha terminado em 1455.

grande escala. Certa feita o reformador alemão proferiu a vibrante sentença: “A imprensa é o último dom de Deus e o maior. Efetivamente, por meio dela Deus quer dar a conhecer a causa da verdadeira religião a toda a terra até os confins do mundo”.<sup>53</sup>

Justo González afirma que o impacto da obra de Lutero se deve, em boa parte, às circunstâncias que o cercavam “das quais ele mesmo frequentemente não se apercebia. A invenção da imprensa fez com que suas obras fossem difundidas de uma maneira que teria sido impossível fazê-lo poucas décadas antes”.<sup>54</sup> Essa assertiva é também observada por Joyce Praça ao dizer que “ao passo que as ideias religiosas de Wycliffe se espalhavam com extrema lentidão por meio de cópias manuscritas, as ideias de Lutero cobriram a Europa em poucos meses”.<sup>55</sup>

Analisando a história da própria imprensa no mundo, observa-se que sua expansão, desde a publicação da Bíblia de Gutenberg no século XV até fins do século XVIII, foi lenta e restrita. No Brasil não foi diferente. Conforme afirma a historiadora Maria Luiza Pinheiro, “um rígido controle estatal impediu a montagem de prensas e a publicação de impressos durante todo o período colonial, mas, já no início do século XIX esse controle passaria a ser cotidianamente questionado”.<sup>56</sup>

Sem a pretensão de apresentar uma periodização da história da imprensa no Brasil, uma vez que isso ultrapassa os limites de nossa pesquisa, observa-se que os historiadores tomam como ponto de partida o ano de 1808, em que “a imprensa surgiria, finalmente no Brasil, e ainda desta vez, a definitiva, sob proteção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial, com o advento da Corte de D. João”.<sup>57</sup>

O surgimento da imprensa no Brasil tem como ponto de partida o momento em que a Corte portuguesa, fugindo de Napoleão Bonaparte, se estabelece no Brasil e não apenas torna possível a existência definitiva de uma imprensa que funcione de modo

---

<sup>53</sup> GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. vol. 2. São Paulo: Ática, 2002 (Introdução).

<sup>54</sup> GONZÁLEZ, Justo. **História Ilustrada do Cristianismo**. vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 28.

<sup>55</sup> PRAÇA, Joyce Torres. **A comunicação no movimento wesleyano**: pistas para uma mídia metodista hoje. Dissertação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP: 2010, p. 16.

<sup>56</sup> PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-1920. **ANPUH – Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, 2009, p. 1-2.

<sup>57</sup> SODRÉ, Néelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, p. 40.

sistemático, mas, também a oficializa,<sup>58</sup> no sentido de regulamentar seu funcionamento para servir aos interesses da Coroa e mais tarde do Império.

Antes da chegada da Corte, outra política se configurava no país em relação à imprensa. A censura prévia aos impressos era exercida nos âmbitos dos territórios pertencentes à nação portuguesa, pelo poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e pelo poder eclesial (Santo Ofício). Antes mesmo de 1808, foi possível inventariar mais de trezentas obras de autores nascidos no território brasileiro, incluindo não só livros, mas impressos anônimos, relatando festejos e acontecimentos, antologias e índices, além de alguns manuscritos de autores clássicos.<sup>59</sup>

Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins recapitulam o processo inicial de mudança na vida da Colônia afirmando que:

[...] a chegada da Corte mudaria radicalmente a vida da Colônia que se torna sede da monarquia. Às tão citadas abertura dos portos e fundação do Banco do Brasil, somou-se a menos propalada criação da Imprensa Régia responsável, a médio prazo, pela impressão dos vários periódicos em terras brasileiras. [...] a nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da Colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado.<sup>60</sup>

Na relação de forças em meio as vicissitudes políticas e decisões impostas por Napoleão, Portugal passou olhar a Colônia de modo diferente, fomentando a formação de uma nova conjuntura tão necessária para que o Brasil se desenvolvesse como nação, aqui compreendido, como alcançar “um nível de progresso em que a escrita tem largo uso, em que as artes e as ciências alcançaram certo grau de adiantamento, e as instituições políticas, sociais e econômicas se desenvolveram suficientemente [...]”.<sup>61</sup> A partir desse momento a imprensa passaria a fazer parte da vida da nação e de todos os processos históricos e políticos descritos.

A vinda de Dom João VI com a corte portuguesa para o Brasil não só trouxe uma nova dinâmica a vida da nação, mas, também possibilitou a chegada dos primeiros

<sup>58</sup> O primeiro jornal impresso do Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro* publicado em 10 de setembro de 1808 na Imprensa Régia, atual Imprensa Nacional. Como jornal oficial, basicamente publicava os comunicados do governo e as notícias da política internacional.

<sup>59</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 23-24.

<sup>60</sup> LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 7-8.

<sup>61</sup> DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 68.

protestantes no Brasil no início do século XIX (Isto é, em definitivo), uma vez que, era de se esperar que isso ocorresse a partir da amistosa relação política de portugueses católicos com ingleses protestantes. Isso também demonstra que os grupos protestantes lenta e gradativamente participavam daquele questionamento cotidiano ante o controle estatal, em relação à *montagem de prensas e à publicação de impressos*, o qual Maria Luíza Pinheiro se refere acima.

Acerca da análise da imprensa protestante no Brasil, Israel Belo de Azevedo afirma que: “A história da editoração evangélica se confunde com a história do próprio protestantismo brasileiro”.<sup>62</sup> Assim, a prática dos missionários protestantes já era imbuída da cultura pela palavra impressa e a Igreja evangélica brasileira receberia esta influência.

Nesse sentido, pontua-se que o Jornal *Imprensa Evangélica*<sup>63</sup> foi o primeiro jornal<sup>64</sup> protestante do qual se tem registro, não apenas do Brasil, mas, o primeiro da América Latina.<sup>65</sup> Este periódico presbiteriano representou importante contraponto ao discurso monolítico na esfera religiosa vigente à época, que era predominantemente católico. (Ver anexo 23).

Maria Helena Capelato apresenta uma diversidade de periódicos que, a partir de meados do século XIX foram gradativamente quebrando a visão monolítica de imprensa:

---

<sup>62</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo**: a formação do pensamento batista brasileiro. Piracicaba-SP: UNIMEP, 1996, p. 154.

<sup>63</sup> Jornal fundado por Ashbel Green Simonton (fundador da Igreja Presbiteriana no Brasil) que atribuiu a devida importância a literatura impressa como estratégica de divulgação do Evangelho na fé protestante. Cf. VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa**: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). Tese de Doutorado em História: PUC, São Paulo, 2010, p. 34-37.

<sup>64</sup> Inserimos aqui o que descobrimos acerca dessa informação. Comumente se lê na Academia que o *Imprensa Evangélica* foi o primeiro jornal publicado no Brasil, principalmente e orgulhosamente entre os presbiterianos. Fomos investigar, e descobrimos no texto de Janaína Helfenstein certa ponderação, considerando o jornal luterano *Sonntagsblatt* datado de 1888, ou, o jornal *Correio Alemão* de 1880, como “o nascimento da imprensa evangélica no Brasil” sem nenhuma menção ao *Imprensa Evangélica*. Cf. HELFENSTEIN, Janaína. Kirchenblatt, Sonntagsblatt e Der Lutheraner: a imprensa periódica luterana no Brasil. **Revista Temporalidades**. ed. 22, v. 9, n. 3, set/dez, 2016, p. 100-101. Além dessa referência, há o estudo de Ricardo Fiegenbaum, que embora seja uma pesquisa acerca da midiatização das Igrejas chamadas históricas, não faz nenhuma referência ao *Sonntagsblatt*, mas, afirma, repetidas vezes, que o *Imprensa Evangélica* foi o primeiro jornal evangélico do Brasil, datado de 1884, ano este equivocado. Cf. FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização**: a reforma protestante do século XXI? Igrejas, dispositivos midiáticos e sistemas de valor, de visibilidade e de vínculo entre regulações e resistências. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2010, p. 156. Embora esses trabalhos sejam importantes para a compreensão da imprensa protestante no Brasil, ratificamos que o primeiro jornal evangélico publicado no Brasil foi o *Imprensa Evangélica*, pois possuímos a fonte primária, que é o próprio primeiro número do jornal, datado de 05 de novembro de 1864, fundado por Ashbel Green Simonton.

<sup>65</sup> VASCONCELOS, 2010, p. 34.

Há outros tipos de imprensa que hoje, como no passado, expressam projetos e reivindicações das classes trabalhadoras e grupos minoritários. Os periódicos, porta-vozes desses setores da sociedade representam instrumentos de luta muito eficazes; são também fonte documental valiosa para a reconstrução da história dos movimentos sociais.<sup>66</sup>

É diante desse fenômeno da multiplicidade dos jornais impressos que jornais ligados a grupos religiosos também emergem e se consolidam, uma vez que a própria demanda brasileira é fundamentalmente religiosa e passa ser gradualmente alfabetizada, portanto, interessada pela palavra impressa.

Maria Luíza Pinheiro, em suas pesquisas, situa a expansão da imprensa no Amazonas no interior do espectro mais amplo do periodismo brasileiro. A autora informa que “na segunda metade do século XIX, o Amazonas partilhou com as demais regiões do Brasil de um verdadeiro *frenesi* de produção periódica, responsável pelo aparecimento de mais de 500 títulos nos cem primeiros anos de sua existência”.<sup>67</sup>

Observando o contexto amazônico, a região Norte se inseriu nessa efervescência jornalística que tomava conta do país em meados do século XIX. Porém, Maria Luíza Pinheiro destaca que os primeiros jornais da região tiveram sua “vinculação com a órbita do poder”,<sup>68</sup> o que era de se esperar quando se compreende a conjuntura política da nação enquanto Império.

Nesse tempo, Werneck Sodré informa que a difusão da imprensa nas províncias teve:

Lento desenvolvimento, portanto, geralmente iniciado com jornais oficiais, oficiosos ou ligados aos governos provinciais. Jornais de vida efêmera, como regra, refletindo o interesse transitório de alguma autoridade, de algum intelectual, de algum grupo. A imprensa se desenvolve com estreita ligação com a atividade política.<sup>69</sup>

Não obstante, Maria Luíza Pinheiro inclui um fator preponderante, que diz respeito à diversidade dos periódicos da região amazônica. Ela destaca que os jornais “produziram uma gama de abordagens acerca de temas comuns, quebrando uma visão preconceituosa inicial que entendia a imprensa como portadora de um discurso monolítico e oficial”.<sup>70</sup> Como parte dessa quebra, foram produzidos diversos impressos

<sup>66</sup> CAPELATO, 1999, p. 13.

<sup>67</sup> PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015, p. 73-74.

<sup>68</sup> PINHEIRO, 2015, p. 58.

<sup>69</sup> SODRÉ, 2011, p. 166.

<sup>70</sup> PINHEIRO, 2001, p. 8.

provenientes de diversos grupos, e no que tange a nossa pesquisa, em fins do século XIX surgiram os primeiros jornais protestantes da região amazônica.

Em recente pesquisa realizada sobre a inserção do protestantismo no Estado do Amazonas, bem como no Estado vizinho, o Pará, Sandro Carvalho traz contribuições oportunas para compreensão da fé protestante na região e, apresenta a relevante atuação dos primeiros missionários da Amazônia e o uso que fizeram dos jornais que publicaram.

No contexto da região Norte duas cidades se destacaram, e ainda se destacam como grandes metrópoles da Amazônia, as cidades de Manaus e de Belém. Em fins do século XIX, a vida e as relações sociais na região foram profundamente marcadas pelo apogeu e civilização da borracha, alterando significativamente as dimensões políticas, sociais e econômicas nessas cidades. Dessa forma, em direção à temática da pesquisa, o cenário religioso de Manaus e de Belém partilhou dessa efervescência por meio da inserção dos missionários protestantes que também utilizaram a publicação de jornais próprios para levar a cabo o anúncio de suas mensagens.

Acerca desses missionários e da origem do movimento protestante na região Norte, Sandro Carvalho identifica o Rev. Marcus Ellsworth Carver, de origem metodista, como o primeiro missionário na cidade de Manaus. O autor informa que ele “partiu para o Pará em maio de 1887, para encontrar-se com o Sr. Nelson onde receberia a formação inicial na língua portuguesa, antecipadamente decidido a ir para Santarém e Manaus”.<sup>71</sup>

Portanto, havia uma forte conexão missionária entre Manaus e Belém, e sobre isso Sandro Carvalho afirma que:

Despertado pelo movimento missionário característico do século XIX, o Rev. Marcus Carver chegou a Manaus para anunciar a fé cristã protestante e, estabelecendo-se na cidade, realizou atividades evangelísticas que consistia em pregação da Bíblia, isto é, publicamente proclamava sua fé através da leitura e proclamação das Sagradas Escrituras, prática comum aos protestantes. Abraçou um recurso comum em seu tempo: a palavra escrita empregando os meios disponíveis à época para realizar suas atividades missionárias e um deles foi a publicação de um jornal intitulado *A Paz*, através do qual anunciava as atividades de sua igreja, divulgava material protestante impresso colocado à venda como Bíblias, hinários e livros. Buscamos, com essa pesquisa, evidenciar essa atuação missionária, expor o modus operandi desse pastor, os meios utilizados por ele para cumprir sua missão e sua contribuição para a formação de uma cultura protestante na cidade de Manaus, no final do século XIX e início do XX.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> CARVALHO, Sandro Amorim de. **O Povo do livro**: o protestantismo no Amazonas. São Paulo: Fonte Editorial, 2016, p. 23.

<sup>72</sup> CARVALHO, 2016, p. 23.

A pesquisa de Sandro Carvalho é profícua e, em certo grau, conseguiu alcançar o objetivo assinalado ao fim da citação, analisando a história da inserção do protestantismo na Amazônia. Porém, deve-se destacar o pioneirismo de Marcus Carver na evangelização e divulgação da fé evangélica por meio do periódico *A Paz*, o primeiro publicado na cidade de Manaus, ao qual tivemos acesso, e no qual pode-se fazer breve análise.

Abaixo, segue de modo sucinto, para análise, dois fragmentos extraídos de um texto maior em seu primeiro número, publicado em 21 de março de 1898:

Despido das galas mundanas surge hoje nas plagas Amazonenses, este humilde periodico Evangelico denominado *A Paz*, como Orgão Official da Missão Bethesda de Manáos. Vencendo muitas dificuldades ajudado por Deus, a Missão conseguiu montar uma pequena typographia onde sera impresso *A Paz* que terá por fim único e exclusivo tratar dos actos da Missão, e especialmente á propaganda das virtudes do Evangelho de Jesus Christo, neste vasto campo da Amazônia. [...]

Não tendo o menor recurso (Marcos Carver) ao pisar as plagas amazonenses, devido ao seo genio empreendedor, consequio, com auxilio de seos irmãos, erigir um modesto Templo, onde dá tres cultos por semana, além de outros nos arrabaldes, e escolas, por isso que adoeceo, retirando-se p. o sul com o fim de tratar-se. Na colônia Oliveira Machado quase é victima de um grupo de crentes romanos, que o aggredio, por estar pregando o Evangelho, não consentindo que se instaurasse processo contra seos ofensores [...].<sup>73</sup>

O primeiro fragmento trata do modo como o jornal *A Paz*<sup>74</sup> se apresentou ao público amazonense. Além de evocar para si o favor divino em meio às dificuldades, o redator da Missão Bethesda, que mantinha o jornal, também relata a aquisição de uma tipografia própria, e principalmente, o objetivo da missão, que era fazer *propaganda das virtudes do Evangelho de Jesus Christo*. (Ver anexo 24).

Noutro fragmento, há uma apresentação panegírica a Marcus Carver e as ações por ele empreendidas com auxílio de irmãos e irmãs. Ao fim, há uma informação que se tornaria comum nos periódicos protestantes nas próximas décadas, a saber, a disputa com católicos romanos. O jornal *A Paz* fez referência, logo em seu primeiro número, à perseguição que sofreu o pregador protestante Marcus Carver ao ponto de ser agredido e, apesar disso, segundo a fonte informa, não prestou queixa dos agressores.

Tal discurso, em referência às perseguições católicas, eram notícia comum nas publicações de jornais protestantes da época, pois legitimava ainda mais a verdade e o fervor evangélico em detrimento da fé católica que, nesse tempo, começava a perder o

<sup>73</sup> **A Paz**. Manaus, 21 de março de 1898, nº 1, p. 1.

<sup>74</sup> É possível notar a escrita da língua portuguesa da época, pois a mesma sofre variações de uma época para outra, tanto na fala como na escrita. Dessa forma, optamos por manter na pesquisa a escrita e grafia original em cada jornal consultado.

controle do discurso religioso, inclusive no espaço da imprensa, pois, os protestantes se lançaram fortemente nessa arena. Mais adiante trataremos diretamente dessa questão.

Como já anunciado, no início do século XX, alguns grupos protestantes históricos não viram com bons olhos o movimento pentecostal, considerando-o muitas vezes um movimento herege ou uma seita. É oportuno nesse ponto, fazermos uma análise desse fato e considerá-lo como hipótese ultrapassada e superada, levando em consideração aquilo que pode ser observado no pentecostalismo clássico como convergência ao protestantismo histórico.

Embora boa parte da historiografia evangélica, e por assim dizer, ortodoxa protestante, tenha tratado o pentecostalismo como um movimento *alienígena*, à parte do protestantismo histórico, nos últimos anos pesquisadores<sup>75</sup> do campo religioso brasileiro tem reconsiderado essa definição e tratado o pentecostalismo como *protestante* quando este o é distinguido como pentecostalismo clássico. Trata-se daquele pentecostalismo, majoritariamente assembleiano, que se estabeleceu no Brasil a partir de 1911 e se desenvolveu com certa singularidade até meados da década de 1940.

O pentecostalismo desse período é sueco, período também chamado de “dominação sueca”. No ano de 1946 a Assembleia de Deus passa a possuir registro estatutário como Convenção Geral de âmbito nacional, e com um órgão de imprensa e produção oficial de seu material, a Casa Publicadora das Assembleias de Deus – CPAD. A partir desse período, com o estabelecimento da CPAD, com recursos norte-americanos, a Igreja no Brasil deixa a influência sueca e passa a receber influência norte americana. A partir da década de 1950, além da disputa fratricida dos *ministérios* e seu processo de institucionalização irreversível, a Assembleia de Deus teve que disputar espaço com diversos grupos pentecostais.<sup>76</sup> É nesse momento histórico que o pentecostalismo assembleiano sofre um processo de rupturas em que ele mesmo é modificado, sendo hoje tão plural que ganha nova terminologia, *pentecostalismos*.

Porém, aquele pentecostalismo clássico – com exceção, da doutrina do batismo com o Espírito Santo e a contemporaneidade dos dons – têm sido reconsiderado protestante, pois, possui matrizes doutrinárias convergentes à base doutrinário-teológica oriunda dos protestantes históricos e dos grupos reformados. Consideramos algumas

---

<sup>75</sup> Citamos como Exemplo: Paul Freston (1993) e Gedeon Alencar (2010) Valéria Vilhena (2018).

<sup>76</sup> ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. São Paulo: Arte Editorial, 2010, p. 25.

matrizes doutrinárias convergentes a crença: no *dogma trinitário*, na *inspiração das Escrituras* como Palavra de Deus, na *justificação pela fé*, na *parousia de Cristo*, e no *sacerdócio universal* de todos os crentes, este último em especial, afirmamos que fora muito bem assimilado da vida prática dos membros pentecostais, pois são muito ativos no serviço da Igreja, interna e externamente. Além dessas percepções encontramos alguns pesquisadores ratificando essa assertiva. David Mesquiati afirma que:

Os pentecostais também se veem como herdeiros da Reforma Protestante e no século XX e apareceram como o “irmão menor” em meio à família do cristianismo, se quisermos utilizar uma metáfora relativa a uma família com vários irmãos. Os mais experientes seriam os “irmãos católicos, ortodoxos e os protestantes.”<sup>77</sup>

Na articulação dos termos “irmão menor” em referência ao amadurecimento ante os “irmãos maiores”, Mesquiati continua e problematiza dizendo:

Mas nesse centenário do pentecostalismo moderno é possível falar em amadurecimento do “irmão menor” que, não só aprendeu (e aprende) com seus irmãos mais velhos, mas ao mesmo tempo busca fortalecer sua personalidade e também começa a fazer suas contribuições. A partir dos quatro princípios da reforma (os 4 *Sola*) e do credo niceno-constantinopolitano do século IV (Creio na igreja una, santa, católica e apostólica) vamos problematizar a perspectiva pentecostal. Esses fundamentos são assumidos pelos pentecostais e conferem identidade cristã e unidade como igreja, mas ao mesmo tempo, os pentecostais recuperam explicitamente a dimensão do Espírito, tornando mais complexa a correlação quaternária tanto dos *Sola* da Reforma Protestante quanto das marcas da igreja. Aqui, a estrutura é quántupla.<sup>78</sup>

Além da convergência com os quatro solas da Reforma, só Cristo, só a graça, só a fé e só a Escritura, o que temos aqui no pentecostalismo é o resgate de um novo elemento fundante, o protagonismo do Espírito Santo, um *solus Spiritus* que segundo David Mesquiati “atravessa inseparavelmente os quatro *solas*, de tal modo que é justo legitimar sua ação fundante”.<sup>79</sup>

<sup>77</sup> OLIVEIRA, David Mesquiati de. Lutero, o Espírito Santo e pentecostais. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Lutero e a teologia pentecostal**. São Leopoldo: Sinodal, 2017, p. 51.

<sup>78</sup> MESQUIATI, 2017, p. 51-52.

<sup>79</sup> MESQUIATI, 2017, p. 52.

Em sua obra, *Protestantismo tupiniquim*, além de apresentar os dois tipos clássicos de protestantismo, a saber, o de *imigração*<sup>80</sup> e o de *missão*,<sup>81</sup> Gedeon Alencar apresenta mais dois tipos, o *protestantismo pentecostal* e o *protestantismo contemporâneo*.<sup>82</sup>

Para efeito daquilo que interessa-nos a afirmar, a saber, que o pentecostalismo pode ser considerado protestante, vemos então Alencar tratando de um protestantismo pentecostal, o qual o autor apresenta as seguintes características.

O terceiro momento do protestantismo brasileiro é o pentecostalismo. Também vindo dos EUA, mas com uma conotação bem díspare da anterior, pois vem acompanhando o imigrante europeu marginal. É uma mensagem de pobres para pobres e incultos. Não tem o tom “modernizante” do *wasp*,<sup>83</sup> pois é um movimento que surge entre negros nos EUA. Mediado pelo discurso dos imigrantes – estes também pobres e marginalizados – atinge, obrigatoriamente os pobres e marginalizados do Brasil.[...] Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da Assembleia de Deus, em 1911, atingem ex-escravos e seus descendentes, nordestinos e seringueiros desempregados, que retornam a seus municípios de origem levando a mensagem que, em menos de 20 anos, atinge todo o país.<sup>84</sup>

Dessa forma, por meio dessas assertivas e argumentos expostos até aqui, e embora ainda haja uma discussão teórica e epistemológica acerca da (im)possibilidade do pentecostalismo ser protestante, optamos na pesquisa por fazer esse pertencimento naturalmente, basicamente por se tratar da gênese do movimento, chamado pentecostalismo clássico, o qual carregava em seu lócus doutrinário muito do que havia e há na doutrina protestante.

---

<sup>80</sup> Carl Hahn afirma que o protestantismo de imigração foi constituído primeiramente por imigrantes ingleses, mas logo seguidos por alemães e suíços. Entre os europeus que vieram para o Brasil para formar colônias havia alemães e suíços luteranos. A primeira onda de imigrantes alemães estabeleceu uma colônia em Nova Friburgo, em 1824. HAHN, Karl Joseph. **História do Culto Protestante no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: ASTE, 2011, p. 94-95.

<sup>81</sup> Gedeon Alencar define o protestantismo de missão como aquele movimento notadamente norte-americano. Denominações tradicionais, anglicana, congregacional, metodista, presbiteriana e batista. É o “protestantismo da conversão”, da mudança de vida, do proselitismo. ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005, p. 42.

<sup>82</sup> ALENCAR, 2005, p. 37.

<sup>83</sup> Segundo Alencar a sigla é um paradigma nos EUA para branco, protestante e anglo-saxão. ALENCAR, 2005, p. 46.

<sup>84</sup> ALENCAR, 2005, p. 45-46.

### 1.2.2 Contextualização da *imprensa assembleiana* no Norte do Brasil

Antes de apresentarmos o contexto de formação da *imprensa assembleiana*, especialmente do jornal *Boa Semente* enquanto órgão oficial da Igreja, há uma consideração a ser feita. Trata-se do primeiro jornal pentecostal, que se tem registro, publicado no Brasil, o jornal *Voz da Verdade*, que não era órgão oficial. (Ver anexo 18).

O jornal *Voz da Verdade* surgiu em novembro de 1917, em Belém do Pará, como primeiro jornal pentecostal, sem ser, no entanto, órgão oficial das Assembleias de Deus, pois atendia também a outras três igrejas da cidade, as quais criam nas mesmas verdades da doutrina do Espírito Santo. Essas igrejas eram pastoreadas por Almeida Sobrinho, o redator responsável pelo jornal. O jornal existiu por apenas dois meses. Nesse tempo, deixou profundas marcas de seriedade e responsabilidade perante a opinião pública, apresentando variado informe noticioso, acerca das atividades das igrejas, as doutrinas e notas sociais.<sup>85</sup>

Nessa fonte raríssima, acessamos uma informação oportuna. Trata-se do primeiro registro acerca da vinda de Severino Moreno para Manaus, o primeiro missionário da Assembleia de Deus no Amazonas, que na verdade era apenas um evangelista que se prontificou a ir para Manaus. Reproduzimos aqui essa fonte:

O nosso irmão Severino Moreno foi para Manaus e lá testificou acerca da verdade gloriosa de que Jesus batiza com o Espírito Santo. Em razão da grandiosa benção alcançada por esse irmão, um missionário da Fé Apostólica (Assembleia de Deus) precisou transferir-se para aquela capital para dar assistência aos novos crentes.<sup>86</sup>

Esse missionário foi Samuel Nyström que, no dia 18 de outubro de 1917, embarcou em um navio para Manaus com sua esposa, Lina Nyström (Ver anexo 2), atendendo assim a este chamado pastoral. Antes de se fixar em Belém do Pará, fundou a Assembleia de Deus em Manaus.

Embora, o contexto da pesquisa tenha como objeto e fonte um jornal com sede na cidade de Belém, é necessário acrescentar esses fatos, pois aproxima a cidade de Manaus do contexto estudado. Nesse sentido, a pessoa de Samuel Nyström é chave, tanto como primeiro pastor da Assembleia de Deus no Amazonas, como pelo fato de ter sido Nyström

<sup>85</sup> ARAÚJO, 2007, p. 907-908.

<sup>86</sup> **Voz da Verdade**. Belém do Pará, Novembro de 1917, nº 1.

um dos principais diretores do jornal *Boa Semente* a partir de 1922. Ele fez uma breve descrição da Manaus do início de século XX:

Um irmão que tinha sido condutor de bondes viajou para Manaus e algumas famílias se interessaram pelo Evangelho. Manaus era uma linda cidade, embora muito distante do centro do País; era uma cidade onde o povo tinha vivido em grande luxo. Mas eles estavam bem presos pelo pecado. Alguns anos antes, o dinheiro tinha abundado ali. Conta-se que um seringueiro costuma pegar uma nota de 10 mil réis e pôr fogo nela para ascender o seu cigarro. Eles ganhavam naquele tempo entre 50 e 100 mil réis por dia. Mas, não tardou que aquele orgulho foi abatido pela necessidade que veio quando os preços da borracha caíram de modo que os ordenados não davam nem para a comida.<sup>87</sup>

Assim como o primeiro jornal protestante, o *Imprensa Evangélica*, também o primeiro jornal pentecostal, o *Boa Semente*, enfrentou, em certo grau, a mesma oposição católica no Estado do Pará. Faz-se necessário conhecer o ambiente que se formava no início do século XX para melhor compreender a inserção do jornal *Boa Semente* na sociedade em Belém do Pará. De acordo com Rafael da Gama,

[...] no final do século XIX e início do século XX, quando a igreja deixa de ser religião oficial do estado e perde sua oficialidade judicial de principal religião brasileira. Os ataques as “seitas”, que muitas vezes eram títulos destinados a religiões não católicas, especialmente aos protestantes, foram mais intensos. Assim como os protestantes históricos, também encontramos citações aos pentecostais na imprensa católica da cidade, mas raramente ocorria, há apenas uma citação de Padre Dubois falando algumas frases sobre o crescimento do pentecostalismo dizendo que era “uma desgraça que nem os protestantes gostavam”.<sup>88</sup>

Por essa conjuntura pode-se compreender que o jornal *Boa Semente* não nasceu em “um jardim de flores e rosas”, muito pelo contrário, estava inserido em um verdadeiro campo de luta onde seu estabelecimento dependeu da leitura que seus redatores e líderes pioneiros fizeram de seu contexto, bem como de muita perseverança, uma vez que, pelo que se percebe, o grupo estava na periferia do núcleo socioreligioso de Belém e foi fortemente combatido pelos grupos católicos, inclusive por grupos protestantes que também discordavam de suas doutrinas.

<sup>87</sup> NYSTRÖM, Samuel. Trabalho de evangelização no Norte do Brasil. In: VINGREN, Ivar (Trad.). **Despertamento Apostólico no Brasil**: resumo da missão sueca no Brasil, alguns missionários. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 30.

<sup>88</sup> GAMA, Rafael da. “A heresia pentecostal”: Embates, tensões e diálogos do pentecostalismo em Belém do Pará (1911-1931). **Revista Nures**, PUC-São Paulo, Ano XI, n° 30, 2015, p. 6-7.

Assim, há algo relatado<sup>89</sup> pelo próprio fundador da Assembleia de Deus e diretor do jornal *Boa Semente*, Gunnar Vingren:

Naquele tempo se escreviam muitos artigos contra os crentes. Havia também jornais que defendiam os crentes e as ondas de discussão iam bem altas. Até que um dia veio um redator de um jornal de Belém para verificar o assunto. Para a alegria dos crentes, o redator desse diário defendeu-os contra os que os criticavam. Entre outras coisas escreveu esse redator que “os que pertencem a esta ‘Missão de fé apostólica’ (era o nome da igreja naquele tempo), só permitem manifestações do Espírito Santo. Não tratam de ter nenhum contato com os espíritos dos falecidos”.<sup>90</sup>

Pela tônica do relato de Vingren, nota-se que o pequeno grupo ainda informe, sofreu severas perseguições e, por assim dizer, o levantamento de calúnias, como a fonte informa, de que o grupo se reunia para evocar e contatar os espíritos dos mortos, talvez aqui, confundindo-os com grupos do espiritismo, pois, sua ênfase era o contato direto com o Espírito Santo de Deus.

Noutra ocasião, Isael de Araújo relata episódio noticiado por um repórter do jornal *A Folha do Norte* da cidade Belém do Pará. Ele visitou anonimamente umas das primeiras reuniões promovidas por Gunnar Vingren e teria publicado o seguinte: “Nunca vi uma reunião tão cheia de fé, fervor, sinceridade e alegria entre os crentes.”<sup>91</sup> Essa declaração, publicada pela grande imprensa de Belém, teria causado certo alvoroço entre os outros grupos, católicos e protestantes históricos, pois, não é exagero inferir que temessem que, de algum modo, seus membros pudessem ser atraídos pelo movimento pentecostal.

Na gênese da doutrina pentecostal, em sua imprensa oficial, o jornalista Emílio Conde<sup>92</sup> fornece informações imprescindíveis sobre essa época. Na segunda década do século XX se percebe que aquela Igreja passou a se interessar pela literatura impressa. Conforme registra Conde, “todos eram unânimes em reconhecer a necessidade da criação

---

<sup>89</sup> O relato aqui é proveniente do diário de Gunnar Vingren, reunido e editado por seu filho Ivar Vingren. O referido relato é datado de 02 de maio de 1913 quando havia apenas dois anos da chegada de Gunnar Vingren ao Brasil, e, portanto, 6 anos antes da fundação do jornal *Boa Semente*, lançado por Vingren em 1919. Cf. VINGREN, Ivar. **O Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1973, p. 53.

<sup>90</sup> VINGREN, 1973, p. 55.

<sup>91</sup> ARAÚJO, 2007, p. 41-42.

<sup>92</sup> Emílio Conde (1901-1971) é considerado o apóstolo da imprensa evangélica pentecostal no Brasil. Dedicou três décadas de sua vida ao trabalho na Casa Publicadora das Assembleias de Deus, período em que foi redator do jornal Mensageiro da Paz, atuou como escritor e articulista, e compôs 32 hinos da Harpa Cristã. CONDE, 2006 (capa).

de um jornal que divulgasse as doutrinas apostólicas. Era um campo de ação que, nas mãos de Deus, haveria de produzir cento por um.”<sup>93</sup>

A práxis doutrinária desses pioneiros desenvolvida por meio dos jornais, permite a descoberta do quê e do quanto a mesma influenciou a formação da cultura pentecostal, uma nova cultura cristã, distinta de outros grupos históricos. As representações que a *imprensa assembleiana* produziu na gênese do movimento pentecostal por meio de seus jornais pode ter sido fator preponderante para a construção de uma identidade cultural totalmente outra, ante os demais grupos denominacionais do país.

### 1.2.3 Caracterização do jornal *Boa Semente*

A abordagem sobre qualquer impresso deve considerar *a priori* e seriamente a necessária identificação de alguns elementos inerentes a sua publicação, e tratando-se de jornais, isso é uma constatação mais evidente. Considerando as grandes transformações ocorridas na virada do século XIX para o século XX, Tania Regina de Luca, lembra que a imprensa brasileira era caracterizada pelo “caráter doutrinário, a defesa apaixonada de ideias e a intervenção no espaço público”.<sup>94</sup> Não obstante a essa assertiva, a autora lembra que:

De fato, jornais e revistas, não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. [...] Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito do passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores.<sup>95</sup>

Consideramos tais observações imprescindíveis para que nossa análise encontre razoabilidade. Devemos estar atentos e possuir certo grau de suspeição diante de suas fontes, buscando sempre inquiri-las sistematicamente. Nenhuma fonte surge desinteressadamente na história, e nos jornais em si, não há discurso algum que seja considerado neutro. Assim, buscaremos apresentar e fazer uma caracterização devida do jornal *Boa Semente*.

---

<sup>93</sup> CONDE, 2006, 41-42.

<sup>94</sup> LUCA, 2014, p. 133.

<sup>95</sup> LUCA, 2014, p. 140.

Antes, é necessário lembrar que o movimento pentecostal<sup>96</sup> no Brasil não iniciou com o lançamento deste jornal. Em 1911 os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg<sup>97</sup> (Ver anexo 1) foram os responsáveis pelo início da obra no Brasil em Belém de Pará sob o nome de *Missão da Fé Apostólica*, que em 18 de Janeiro de 1918, passaria a se chamar Assembleia de Deus.<sup>98</sup>

Os missionários Gunnar Vingren e Samuel Nyström, fundadores do jornal *Boa Semente*, manifestaram forte interesse pela imprensa, que como já referido, estavam atentos aos benefícios da palavra impressa desde sua estada nos Estados Unidos da América – EUA. A própria historiografia oficial da Igreja relata como seus fundadores passaram a se interessar pela palavra impressa. Otto Nelson<sup>99</sup> escreveu o seguinte na edição<sup>100</sup> de setembro de 1926 acerca da estratégia concebida na propagação da fé por meio do jornal:

[...] quero lembrar aos leitores que estando eu em visita ao Pará em 1919 e, quando certo dia conversava com o irmão Vingren acerca do trabalho do Senhor, surgiu o pensamento que era necessário existir um jornal para melhor podermos espalhar as verdades gloriosas da Bíblia, verdades nas quaes cremos e que teem sido mesmo a força de nossa vida e trabalho.<sup>101</sup>

Em obra produzida por Isael de Araújo, o “Dicionário do Movimento Pentecostal”, temos algumas informações técnicas mais precisas do jornal *Boa Semente*:

Quando Gunnar Vingren viajou à Suécia, em 1921, Samuel Nyström tomou conta da igreja de Belém e o jornal começou a sair uma vez por mês. Continuou assim até o ano de 1930, quando Nyström se mudou do Pará. O jornal saía então numa edição de 3 mil exemplares. A redação funcionava na Trav. 9 de janeiro 75. Em 1923, Samuel Nyström comprou algumas máquinas e montou uma tipografia que se manteve com os esforços de muitos crentes, principalmente dele próprio e de Nels Nelson, que dedicaram tempo e dinheiro a esse empreendimento.

<sup>96</sup> Registra-se que oficialmente o movimento pentecostal se inicia no Brasil um ano antes, em 1910, com a Congregação Cristã no Brasil fundada pelo italiano Luigi Francescon. ARAÚJO, 2007, p. 202. Porém, essa versão tem sido revisada com a constatação da presença de outros grupos no Brasil, um proto-pentecostalismo em fins do século XIX.

<sup>97</sup> Missionário sueco, foi o pioneiro, juntamente com Gunnar Vingren, na implantação do pentecostalismo no Brasil. Abriu muitas igrejas de norte a sul de nosso país. É considerado um dos maiores apóstolos de século XX. Berg morreu em 1963, na Suécia. Foi um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. ANDRADE, 1998, p. 307.

<sup>98</sup> ARAÚJO, 2007, p. 40-41.

<sup>99</sup> Considerado o terceiro missionário de fé pentecostal. Sueco que imigrara para os Estados Unidos da América sendo ali comissionado para a obra missionária. No ano de 1914, com auxílio de Gunnar Vingren, começou a pregar no Estado do Pará. Em seguida foi para Alagoas, Bahia e Rio de Janeiro. Nos anos posteriores trabalhou avidamente na Argentina e no Uruguai. CONDE, 2006, p. 39.

<sup>100</sup> Nota-se pelas citações do jornal o modo em que a língua portuguesa era escrita na época, pois a mesma sofre variações de uma época para outra. Dessa forma, na transcrição dos textos, preferimos optar pela grafia original em que o jornal foi escrito.

<sup>101</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64, p. 2.

Publicaram também opúsculos, calendários, revistas de Escola Dominical e hinários.<sup>102</sup>

O jornal *Boa Semente* se apresentou à sociedade e aos fiéis como *Orgão da Igreja Pentecostal* e seu título estava baseado no texto bíblico: “o reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo” (Mt 13:24). Teve como diretor o próprio fundador, Gunnar Vingren.

Mas, pode-se perguntar: de onde vinha o interesse dos pioneiros líderes pentecostais pela palavra impressa? Através da bibliografia oficial se percebe que esse interesse vinha da cultura que os pioneiros trouxeram consigo para o Brasil,<sup>103</sup> e que se tornaria algo peculiar e pioneiro em uma Igreja pentecostal no Brasil, pois, outros grupos pentecostais que viriam posteriormente a se estabelecer nos país, não demonstraram tal interesse, como no caso da Igreja do Evangelho Quadrangular. O jornalista Emílio Conde observa que, no fim dos anos de 1920, o povo que pertencia a Assembleia de Deus mantinha certo interesse pela literatura, confirmando assim um efeito do investimento dos pioneiros e o valor da palavra impressa.

Em 1919, após fundação do jornal *Boa Semente*, Gunnar Vingren juntamente com Otto Nelson e outros cooperadores passaram a investir seu tempo e esforço para que o *Boa Semente* crescesse, tanto que passou a ser o órgão oficial das Assembleias de Deus. Assim, o jornal seria pelos próximos dez anos o principal periódico de imprensa e maior veículo de comunicação de uma igreja que crescia vertiginosamente por todo o território brasileiro. Como já anunciado, Emilio Conde, também informa que em 1923 Samuel Nyström passou a investir mais no empreendimento do jornal comprando máquinas e uma modesta tipografia, que também se manteve às custas de muitos esforços.<sup>104</sup>

Por meio do exame dos números que foram publicados em seu primeiro ano de fundação, o ano de 1919, logo se percebe que o *Boa Semente* não tinha periodicidade regular, devido, principalmente, à escassez de recursos. Em sua sessão de expediente os redatores nem informam ou prometem uma publicação regular do jornal, porém, em março de 1920 há uma primeira explicação a respeito:

---

<sup>102</sup> ARAÚJO, 2007. p. 133-134.

<sup>103</sup> Os fundadores Gunnar Vingren e Daniel Berg antes de se tornarem pastores pentecostais eram batistas, Vingren em especial era pastor batista formado em teologia num seminário sueco nos EUA. Infere-se que o interesse pela criação de periódicos vem de sua tradição batista, embora, a Igreja Filadelfia também já tivesse seu jornal, o *Evangelii Härold*.

<sup>104</sup> CONDE, 2006, p. 309-310.

Os nossos leitores terão notado, que entre os números 5 e 6 do nosso jornalzinho, houve um lapso de tempo de seis meses, pois o numero 5 foi publicado em setembro do anno passado e o 6 em fevereiro do corrente anno. Houve algumas razões para tão grande ausência e uma delas, naturalmente foi a falta do elemento monetario. O Senhor que é o dono da sementeira, não permitiu que acontecesse assim, com o presente numero, que, como poderão verificar, a demora foi apenas de um mez. [...] Agradecemos também as offertas, dos que com boa vontade nos enviaram; que o Senhor multiplique os seus bens para que, com boa vontade, possam auxiliar a santa causa da evangelisação desse paiz. [...] Pedimos a oração de todos os nossos irmãos para que a *Boa Semente* possa sahir com mais frequencia.<sup>105</sup>

Constata-se pela escrita dos redatores, o que já se tem anunciado acerca da dificuldade do empreendimento do jornal. Mesmo que os missionários pioneiros investissem o que podiam no jornal, ainda assim dependiam das ofertas e doações da membresa daquela Igreja para que o jornal fosse publicado com certa periodicidade. Na fonte lemos o redator relatando um intervalo de seis meses como resultado disso.

Mais adiante, no mês de março de 1921 se completavam já oito meses que o jornal *Boa Semente* não publicava um número, confirmando essa longa ausência o redator anuncia: “eis-nos emfim outra vez com os nossos leitores, desejavamos ter aparecido mais cedo [...] como é sabido dependemos da boa vontade dos nossos irmãos e amigos; se essa boa vontade se traduzir em offertas a ‘Boa Semente’ apparecerá com mais assuidade.”<sup>106</sup>

A leitura dos primeiros números do jornal *Boa Semente* instiga-nos a também investigar seu editorial, buscar conhecer as intenções de seus diretores e redatores, e principalmente saber como o jornal se apresentou ao grupo de membros da Igreja e, por conseguinte, àquela sociedade.

Em seu primeiro número, o jornal *Boa Semente* se apresenta à Igreja e à sociedade sob o título *A razão de nossa publicidade*:

A egreja pentecostal do Brazil, sentido ha tempos a necessidade de uma publicação de sua fé, em a qual melhor se pudesse conhecer os ensinns escriptos da Biblia Sagrada, vem hoje preencher esta necessidade com o presente jornal. Tal é o motivo que traz a luz a “Boa Semente” [...] A nossa attitude, pois, para com os crentes de qualquer denominação é esta: Não queremos dissensões, nem discussões. Ao contrário, queremos que todos sejam unidos, em um mesmo parecer. Achamos que todos são nossos irmãos, desde que verdadeiramente creiam em Jesus, como diz a Escripura e ainda que pertença a egreja ou a denominação que pertença [...] Queremos, é certo, falar a verdade do Senhor. Queremos, sim, anunciar-lhes todo o conselho de Deus.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> **Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1920, nº 7, p. 1.

<sup>106</sup> **Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1921, nº 10, p. 1.

<sup>107</sup> **Boa Semente.** Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1.

Primeiramente, a expansão da denominação para outros Estados já estava acontecendo quando o jornal *Boa Semente* foi criado. Isso se constata na leitura da primeira parte do trecho citado, quando se afirma que *há tempos* a igreja pentecostal percebia a necessidade da *publicação de sua fé*, ou seja, considerando que a própria expansão da obra demandaria a necessidade de fazer circular a nova doutrina, bem como, de ajudar aqueles e aquelas que iam sendo salvos em sua caminhada cristã.

Num segundo momento, percebemos na citação que o jornal se preocupa com os membros de outras denominações, manifestando de pronto sua atitude em relação: “Não queremos dissensões, nem discussões”, pelo o que se lê, desejam apenas anunciar o Evangelho de Jesus.

Não obstante, e ironicamente para outros membros, esse anúncio de apresentação do jornal não omite a marca distinta da doutrina pentecostal, pois mais adiante se lerá: “[...] anunciamos nossa humilde entrada entre todos os outros que, por sua leitura, anunciam as boas novas da Salvação, por Christo – Jesus, as do batismo no Espírito-Santo; as da cura divina [...]”.<sup>108</sup>

Certamente, a crença em doutrinas como o *batismo com o Espírito Santo* e da *cura divina* ainda trariam muitas dissensões e discussões, pois os membros de outras Igrejas as interpretavam teologicamente (como ainda hoje interpretam) de um modo diferente. Mas, não é nosso objetivo nesse ponto da pesquisa, analisar tais controvérsias teológicas e externas ao movimento pentecostal.

Mais do que meramente a percepção dessas ideias expostas no primeiro número do jornal *Boa Semente*, é importante também destacar que, nesse ambiente de imprensa, mais precisamente da utilização de jornais, além de católicos, outros grupos protestantes também já possuíam seus próprios jornais, e de igual modo publicavam assuntos do seu próprio interesse. Isso traz à tona a discussão acerca da natureza dos órgãos de imprensa, ratificando não serem desinteressados com aquilo que publicavam. Essa ideia pode ser confirmada por especialistas da imprensa no Brasil, como Ilka Stern Cohen, quando afirma que:

Uma radiografia rápida da imprensa brasileira desde suas primeiras publicações evidencia as raízes políticas da atividade jornalística: constituíram-se sempre a partir de grupos de interesse que viam na imprensa um meio de propagação de suas ideias e aspirações. [...] Essas publicações atendiam a interesses diversos,

---

<sup>108</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1.

não apenas como mercadorias, mas ainda como veículo de divulgação de valores, ideias e interesses.<sup>109</sup>

A imprensa sempre se manteve próxima dos interesses daquilo que ela mesma publicava, desde Johannes Gutenberg é assim, os interesses de pessoas ou de grupos estiveram à frente da impressão. A ideia de neutralidade é subjetiva e o sentido do que se quer falar é sempre objetivo. Isso não se evidencia apenas através de raízes políticas, mas, também por raízes religiosas, conforme apresentado no jornal *Boa Semente*.

Por isso Maria Luíza Pinheiro alerta para uma devida atenção no enfrentamento das fontes periódicas da imprensa. Devemos atentar para o poder do discurso do qual elas se mostram imbuídas, estando também carregadas de interesses para além do dado meramente informativo. A autora afirma que, “assumindo interesses de grupos e facções, o discurso jornalístico possibilita a percepção das tensões e conflitos que permeiam a própria sociedade,”<sup>110</sup> já que ele próprio é fruto dessas tensões e conflitos. Portanto, incorporar a imprensa à análise histórica permite ampliar a percepção das múltiplas dimensões do viver social.

Gedeon Alencar estudou o movimento pentecostal e no início de sua pesquisa tratou sucintamente do tema da imparcialidade, a qual chama de *aspepsia científica*:

Ontologicamente, a ciência precisa ser feita em nome da exatidão, da metodologia, da objetivação, excluindo-se daí, toda a subjetividade, valores, crenças, etc. Ora quem consegue isto? Uma pesquisa científica sobre religião situa-se sobre um limite muito tênue. Por que um pesquisador escolhe esse e não outro tema? [...] Convenhamos: situar isto numa objetividade científica é muita subjetividade.<sup>111</sup>

Do mesmo modo, essa assertiva respalda a ideia acerca dos discursos da imprensa. De acordo com Maria José Costa Lima essa publicidade da imprensa não é desprendida de interesses próprios. Não busca meramente beneficiar alguns grupos em detrimento de outros, mas, principalmente se configura na condução das massas que muitas vezes a grande imprensa controla através de seu discurso. Sob essa ótica não há nenhum discurso neutro, o que há, e o que sempre houve é a intencionalidade por detrás

---

<sup>109</sup> COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 104-105.

<sup>110</sup> PINHEIRO, 2001, p. 8.

<sup>111</sup> ALENCAR, 2010, p. 22.

dos discursos publicados, que são carregados de valores, ideias e interesses particulares, quer sejam de pessoas ou grupos dominantes.<sup>112</sup>

Uma das principais preocupações nessa pesquisa foi a de não tomar o discurso da imprensa como neutro na observação dos temas e questões que informa e discute. Ela não é espelho da realidade, reproduzindo com imparcialidade o que se passa no mundo ao seu redor. Pelo contrário, a imprensa atua no mundo como ator social crivado de interesses e preocupações próprias. Produz, desta forma, representações do real que são dinâmicas e que, muitas vezes, se impõe ao real, produzindo sentidos.

Podemos exemplificar esses sentidos num achado que fizemos no próprio jornal *Boa Semente* quando o redator faz uma comparação dos efeitos do púlpito e do jornal:

[...] E quantas bênçams providas do pulpito?! Quantos sermões fracos na forma, mas cheios de poder, teem abalado corações empedernidos?! Mas, realmente o que o púlpito não póde fazer, fal-o o jornal pela facilidade com que se dissemina por toda a parte. O jornal póde ingressar na choupana do pobre como no lar do rico; na tenda de trabalho do simples operario como no palacete do magistrado; no gabinete do litterato como na mesa tosca do homem sem lettras. O jornal percorre o mundo como o vehiculo do pensamento philosophico ou doutrinario [...].<sup>113</sup>

O próprio redator reafirma a assertiva de que além do jornal chegar em qualquer lugar a quaisquer pessoas, também chega levando uma mensagem objetiva. Aqui o *Boa Semente*, chegava como veículo do pensamento doutrinário da Igreja, da fé pentecostal como seu primordial compromisso. Gedeon Alencar afirma que o *Boa Semente* “não é um jornal, é uma causa. Não é simplesmente um veículo de informação da igreja nascente, é um instrumento de evangelização”.<sup>114</sup>

Renée Barata Zicman sustenta que há que se perceber os compromissos sociais assumidos por cada um dos periódicos utilizados na pesquisa, desnudando seus interesses e perspectivas.<sup>115</sup> Desta forma, quando o redator do jornal ou algum membro pentecostal aparece nas páginas do *Boa Semente*, ele não se desvela claramente na fonte, já que esta filtra as informações a partir de seus interesses e visões de mundo, atribuindo-lhes, de forma consciente ou inconsciente, novos significados e sentidos.

<sup>112</sup> LIMA, Maria José Costa. **Um enigma de Deus**: a história de um legado de fé e educação. Manaus: Travessia, 2015, p. 131-132.

<sup>113</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1926, nº 62, p. 2.

<sup>114</sup> ALENCAR, 2013, p. 138.

<sup>115</sup> ZICMAN, 1985.

Essas dimensões subjetivas da fonte imprensa – presente também em todo e qualquer registro documental<sup>116</sup> – não inviabiliza ou impede uma aproximação com a realidade da fé e da práxis pentecostal no cotidiano dos membros daquele período histórico, embora imponha a tarefa prévia de, questionando as intenções do documento, filtrar adequadamente as informações que nos são repassadas.

Em outras palavras, é razoável afirmar que o jornal *Boa Semente* via, compreendia e construía o mundo que estava a sua volta sob a perspectiva de suas doutrinas, e como última intenção influenciou o pensamento religioso, a visão de mundo daqueles e daquelas que o liam. Entendemos que, por mais controverso que possa ser a apresentação do jornal *Boa Semente*, o mesmo cumpre seu propósito em anunciar em suas páginas aquilo que lhe concerne e diz respeito aos interesses de seu grupo, a saber, da Igreja Assembleia de Deus e seus membros, os principais leitores.

---

<sup>116</sup> Para uma discussão acerca das concepções de documento e dos usos que os historiadores fazem deles ao longo dos dois últimos séculos, cabe conferir: LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **A História Nova**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-553.

## Capítulo 2

# A DOCTRINA PENTECOSTAL NO JORNAL *BOA SEMENTE*: A EXPERIÊNCIA E O PODER DA PALAVRA IMPRESSA

*No pentecostalismo temos o protagonismo do Espírito Santo, um solus Spiritus que atravessa inseparavelmente os quatros solas, de tal modo, que é justo legitimar sua ação fundante.*

David Mesquiati de Oliveira

Esse capítulo investiga e analisa cada um dos pontos supracitados para compreensão da difusão da doutrina pentecostal por meio do jornal *Boa Semente* nos primeiros anos em que a Assembleia de Deus se instaurava no Brasil. Não foram poucos os esforços e recursos empreendidos pelos líderes pioneiros para que essa Igreja se estabelecesse, mas, também o empenho e a perseverança de milhares de pessoas comuns, anônimos ou não, que viajavam de um lugar para outros e que podem ser conhecidos e conhecidas nas páginas desse singelo jornal.

A *experiência*, fator preponderante da fé e da práxis pentecostal, é o primeiro ponto de nossa análise. Ela se afirma acima e para além de qualquer avaliação racional ou especulação teológica, pois, é verdade vivida e anunciada por cada membro pentecostal. A experiência é marca distinta de sua espiritualidade. É *fonte de saber* e atesta para o fato de que qualquer crente pode ter sua vida cristã pautada por sua experiência direta com Deus, direta com o Espírito Santo, sem nenhum tipo de intermediação.

O enfoque doutrinário pentecostal é percebido nas páginas do jornal *Boa Semente* por meio dos *opúsculos*, *Escolas Bíblicas* e *Estudos Dominicais*. Evidenciamos que as publicações acerca desses tópicos testificam com afincamento a contemporaneidade dos dons espirituais e o batismo com o Espírito Santo. Essa testificação é feita não apenas do ponto de vista da exposição doutrinária aos leitores e leitoras pentecostais, mas, também de modo apologético à todos e todas que negavam esse corpo de doutrinas. Dessa forma, temos, a doutrina pentecostal anunciada em enfoques histórico-teológicos nos jornais.

## 2.1 A experiência como marca e fonte do saber na fé pentecostal

Temos em vista, nesse primeiro subtópico, empreender uma exposição acerca de uma das mais importantes bases da doutrina e da práxis pentecostal: *a experiência*. É a experiência que define e que gera o pragmatismo marcadamente pentecostal percebido nas páginas do *Boa Semente*. É uma teologia prática que lança mão das Escrituras, mas, a experiência pessoal de cada membro, torna-se o fator preponderante da verdade lida e crida na Bíblia, da verdade crida e lida no jornal. Sem a *experiência* como fundamento, todos os enfoques doutrinários que apresentaremos a partir do jornal *Boa Semente* perdem o sentido.

Antes da análise da experiência pentecostal em si, devemos observar a conceituação da palavra experiência e a natureza de sua operação na dimensão humana. Etimologicamente “a palavra experiência remete à ação de ir ao exterior (ex), às coisas, para buscar provar (per). Experimentar tem sentido de contato com o real. Experiências baseiam-se em percepções sensoriais”.<sup>117</sup>

Essa compreensão de experiência remete à ideia de que o ser humano é ativo na busca do experimentar aquilo que lhe é externo, e dessa forma desconhecido dele. Ainda assim, supõe-se a ideia de algo que ele pode controlar, pois, é sujeito ativo, o sujeito que vai em busca do conhecimento, de um mistério, de tocar aquilo que lhe transcende. Nesse sentido, Ceci Mariani afirma que:

O conceito de experiência será parte da prática do conhecimento e reduzido ao domínio da natureza em benefício da vida humana. Experimentar será, portanto, a atividade de propor experimentos que passam a ser repetidos com o objetivo de levar o sujeito ao conhecimento do “funcionamento” das coisas.<sup>118</sup>

Porém, devemos acrescentar a essa perspectiva o que Mariani pondera ao observar que, “experiência, no entanto, não é apenas fazer. Existe uma dimensão passiva da experiência que deve ser considerada. A experiência é também um ‘sofrer’, um ser afetado pelas ocorrências que nos atingem no contato com o real”.<sup>119</sup>

Avançando na análise, o conhecer para além de si também é experiência indecifrável e incognoscível à razão humana, e, desse modo, a razão fica num segundo plano e o próprio ser humano é passivo, pois, sofre e é afetado por aquilo que inadvertida

<sup>117</sup> MARIANI, Ceci M. C. Baptista. Experiência de Deus. In: **Theologica Latinoamericana**: enciclopédia digital. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=181> Acesso em: 03 jan 2018.

<sup>118</sup> MARIANI, 2018.

<sup>119</sup> MARIANI, 2018.

ou misteriosamente passa a conhecer e experimentar, que inclusive somente ele pode crer que o que descobre e vê, é verdadeiramente real.

O teólogo Jürgen Moltmann em sua obra seminal, *O Espírito da Verdade*, afirma que:

[...] a maioria das experiências nós não as fazemos, nem com a consciência nem com a razão ou com intenção consciente. Percebemos com nossos sentidos as ocorrências que nos atingem, elas tocam-nos o corpo, penetram nas camadas inconscientes de nossa alma, e de certo só uma pequena parte delas torna-se consciente e é 'adquirida' pela razão no exercício de sua atividade reflexiva e interpretativa. [...] A transição das percepções para as experiências certamente é tão fluida que não tem nenhum sentido estabelecer ou definir limites.<sup>120</sup>

Mais adiante ele esclarece ainda mais essa transição e o processo fluido e incontrolável que a experiência realiza no ser humano: "Não sou eu que 'faço' esta experiência, mas, sim a experiência que faz algo em mim. Eu percebo com meus sentidos o acontecer externo e observo em mim mesmo as alterações que ele realiza".<sup>121</sup>

Moltmann, enquanto teólogo europeu, é conhecido como um dos teólogos que mais compreendeu o fenômeno religioso e teológico na América Latina. Desde sua profícua estada no ano de 1977 na Argentina, no Brasil, e em outros países, Moltmann tem estabelecido diálogos com teólogos da libertação que muito contribuíram para sua aproximação e produção teológica sobre o contexto latino-americano. Portanto, suas reflexões acerca das experiências, bem como da própria espiritualidade latina, são fruto de suas percepções, inclusive, sobre o movimento carismático e o pentecostalismo.

Moltmann faz uma breve abordagem interpretativa acerca da principal doutrina ou dom do pentecostalismo, a glossolalia:

Como não tenho nenhuma experiência pessoal com este fenômeno, não estou em condições nem de explicá-lo nem de contestá-lo. Posso apenas descrevê-lo por fora, pelo efeito que exerce sobre os atingidos. Considero-o uma tão forte comoção interior pelo Espírito que sua forma de expressão ultrapassa a esfera da linguagem inteligível e externa-se pela glossolalia, da mesma forma como uma dor intensa se expressa por um choro desinibido, ou uma intensa alegria se manifesta pelo pular e o dançar. [...] Entendo o "falar em línguas" como o processo pelo qual a língua das pessoas mudas começa a desprender-se e elas começam a expressar o que sentem e experimentam [...] é uma nova expressão para experiência da fé, e é uma expressão pessoal.<sup>122</sup>

<sup>120</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da vida*: uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 32.

<sup>121</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 34.

<sup>122</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 178.

Assim, é observado “por fora” o impacto do falar em línguas. A experiência de fé, a qual o Moltmann aponta, é uma expressão pessoal de cada indivíduo. Porém, ao abordar acerca das experiências do Espírito Santo na atualidade, sua importância e seu significado simbólico, David Mesquiati observa “por dentro” o impacto do falar em línguas ao afirmar que, na experiência pentecostal, “os sacramentos são ressignificados, pois o falar em línguas passa a ser um ‘sacramento’ dos (e para os) pentecostais”.<sup>123</sup>

Essa percepção em tratar o *falar em línguas* como *sacramento* parece algo bastante inovador no âmbito da pesquisa e dos estudos sobre os pentecostalismos contemporâneos, pois, na própria teologia pentecostal, mais ortodoxa, o falar em línguas é tratado apenas como dom espiritual ou sinal do batismo no Espírito Santo.

Moltmann faz uma comparação da espiritualidade do culto, tão expressivo, de pentecostais e carismáticos, com a espiritualidade, tão rica de ideias, do culto marcadamente europeu:

Os cultos de nossas igrejas regionais, efetivamente, são ricos de ideias de pregação e em reflexões, mas pobres em formas de expressão, e totalmente desprovidas da possibilidade de uma expressão espontânea. São reuniões disciplinadas e disciplinantes em torno da palavra falada e ouvida. Mas será realmente que o Corpo de Cristo consiste apenas de uma grande boca e muitos pequenos ouvidos? Por isso sobre nós, europeus, exerce um efeito libertador vermos e aprendermos nos cultos carismáticos da África e dos EUA uma linguagem corporal diferente do mero estar sentado ou de juntar as mãos dos europeus.<sup>124</sup>

O conceito de espiritualidade<sup>125</sup> leva à compreensão das experiências de cada crente. Um conceito de espiritualidade relacionado à experiência individual afirma que:

A dimensão espiritual, transcendente, ou transpessoal, remete às experiências intra-útero, alcançando as existências passadas do ser, que é pré-existente ao corpo biológico e sobrevivente a ele, superando a morte física. A espiritualidade é o encontro e reconhecimento do “ser maior” em nós e nos outros. Encontro

<sup>123</sup> MESQUIATI, 2017, p. 51.

<sup>124</sup> MOLTSMANN, 1998, p. 178.

<sup>125</sup> Em recente publicação conceituamos espiritualidade analisando sua relação com a separação dos desejos da carne, que por sinal, se articula muito bem com a mentalidade pentecostal de “separação do mundo”. “Essa palavra traz o sentido do latim *spitualitatem*, qualidade do que é espiritual, predomínio do espírito sobre as tendências pecaminosas da carne. Embora, quando se lê que a espiritualidade predomina sobre “tendências pecaminosas da carne” denote certo dualismo religioso, dificilmente, o bom exercício de uma espiritualidade não resultará no controle sábio dos apetites da paixão humana, seja qual for a forma de religiosidade ou filosofia experienciada e, assim, praticada. LIMA, Daniel Barros de. O processo educativo-religioso e a espiritualidade. In: REBLIN, Iuri Andréas. (org.). **10 teses sobre religião e educação**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017, p. 55.

consigo mesmo. Autoconhecimento e conhecimento dos outros. Vida plena interior e ação exterior fraterna e solidária.<sup>126</sup>

Devemos, então, analisar como é caracterizada a espiritualidade pentecostal na qual, ou por meio da qual, se sustenta toda a liberdade espiritual exercida pelo membro pentecostal em que suas experiências são pautadas e vivenciadas. Na verdade, podemos dizer que a espiritualidade e a experiência estão intrinsecamente ligadas na práxis pentecostal, numa relação em que a espiritualidade gera a experiência, não necessariamente nessa ordem.

No “Dicionário do Movimento Pentecostal” acessamos uma conceituação ampla de *espiritualidade pentecostal*. O verbete é, na verdade, um extenso artigo sobre o assunto, mas, para o nosso objetivo aqui, extraímos a substância de sua definição relacionada diretamente com a experiência pentecostal, que, a priori, pauta-se no indivíduo.

De início, ratifica-se que essa espiritualidade, como percepção da devoção, é originária da tradição pentecostal. Os pentecostais usam mais facilmente o adjetivo “espiritual” do que o substantivo abstrato. Em seu uso pentecostal, a espiritualidade admite graus por meio dos quais se avalia a maior ou menor “consagração” de cada crente. Essa definição descreve algumas facetas da espiritualidade pentecostal e possui algumas nuances da prática pentecostal que é geralmente orientada por cinco valores implícitos: *A experiência individual; o verbalismo; a espontaneidade; a sobrenaturalidade e o biblicismo*, os quais podemos até afirmar que seus níveis de importância residem nessa ordem. De todo o modo, esses cinco valores implícitos da espiritualidade pentecostal, combinados, produzem uma constelação de práticas características da experiência pentecostal à parte dos seus distintivos centrais: o falar em línguas, o batismo no Espírito Santo e a oração para a cura divina.<sup>127</sup>

Dessa lista, queremos enfatizar o significado da *experiência individual* enquanto prática e representação do universo teológico do pentecostalismo:

A experiência individual inclui não somente sentimentos religiosos, mas também emoções de alegria e tristeza. Os pentecostais consideram a experiência pessoal a arena da verdadeira religião. As igrejas pentecostais alcançam a satisfação religiosa por meio da experiência pessoal, e isto sempre recai sobre a ênfase no Espírito Santo. [...]. A inclinação para experiência emocional entre os pentecostais pode tomar em consideração erros morais, uma vez que a experiência religiosa está entre as mais profundas experiências que o ser

<sup>126</sup> CAMARGO, Thiago Dutra de. **Educação Integral e espiritualidade**: os benefícios dessa relação para a formação integral do ser humano. Porto Alegre: UFRGS, FAGED, 2015, p. 8.

<sup>127</sup> ARAÚJO, 2007, p. 287-288.

humano pode vivenciar. [...]. Os pentecostais dizem: “Você precisa ter sua própria experiência. Não viva a experiência dos outros”. Aqueles que buscam precisam sempre encontrar Deus em sua própria experiência.<sup>128</sup>

A descrição desses elementos que categorizam a espiritualidade pentecostal definida marcadamente pela experiência pessoal nos leva a articular a compreensão de tais elementos aos conceitos de *práticas e representações* que, como já citados nessa pesquisa, são intimamente ligados e se articulam num contínuo e pluridirecional processo recíproco em que determinadas práticas geram representações, ao passo que determinadas representações também geram práticas.

Roger Chartier compreende *cultura* como *prática*, pois, ao observar em seus estudos culturais, gestos e comportamentos, “considerava as representações (individuais ou coletivas) não como meros reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas, como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social”.<sup>129</sup> Aqui, partindo do universo religioso, essas entidades não apenas constroem ou delimitam seu mundo social, mas, também sua visão de mundo.

As práticas aqui podem ser compreendidas como as experiências que uma pessoa ou um grupo desenvolve e estabelece tradicionalmente na história. Essas experiências possuem significados próprios para cada indivíduo ou grupo, e falando de uma prática religiosa, são inalienáveis deles, à medida que se constroem e se validam como verdade em seu cotidiano. São essas experiências que confirmam o cotidiano da membresia pentecostal no percurso e no reconhecimento de sua existência.

Um historiador vinculado à Escola da História Social Inglesa,<sup>130</sup> Edward Thompson,<sup>131</sup> direcionou seus estudos para as investigações de composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres e grupos étnicos. Assim, a dimensão cultural de Thompson acrescentou conceitos fundamentais a suas pesquisas, em que se percebe com clareza, uma articulação entre experiência e cultura, considerando que as

---

<sup>128</sup> ARAÚJO, 2007, p. 287.

<sup>129</sup> CHARTIER, 2009, p. 7.

<sup>130</sup> Abordagem historiográfica que propõe reinserir os sujeitos na história, buscando perceber seu protagonismo, para além do peso das estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais.

<sup>131</sup> Edward Thompson sob a perspectiva da *história vista de baixo* passou a dar atenção às histórias de homens e mulheres outrora esquecidos. Thompson passou a dar voz a essas trajetórias, que, para além da luta de classes, recuperava experiências históricas objetivando a construção de uma consciência de classe que serviria como modelo unificador das ações de todos os trabalhadores que partilham entre si as mesmas lutas e opressões próprias do processo de construção de suas identidades históricas. LIMA, Daniel Barros de. **Representações do seringueiro na imprensa amazonense: cotidiano e vivências no mundo da borracha (1890-1920)**. UFAM: Manaus, 2016. Dissertação de Mestrado, 2016, p. 89.

pessoas vivem suas próprias experiências, como sentimentos e valores, para além de ideias. Thompson chamou esse aspecto da cultura como consciência afetiva e moral.<sup>132</sup>

O conceito de experiência de Thompson busca recuperar o papel ativo do sujeito social estabelecendo sua própria história, sua consciência na ação de seu trabalho e visão de mundo. A partir dessa análise, o indivíduo pode expressar de maneira singular valores e modos de vida próprios. Essa concepção também foi desenvolvida na “História Nova” de Lucien Febvre e Marc Bloch, que afirma ser toda vivência humana portadora de uma história que é somente sua.<sup>133</sup>

É importante destacar que Thompson, em sua inovadora abordagem da história de *vista de baixo*, tem por base o universo religioso constituído pelo Anglicanismo e Metodismo na Inglaterra do século XVIII. Portanto, sua crítica historiográfica acerca do trabalho nasce da investigação de uma sociedade profundamente religiosa em que o próprio elemento das experiências dos trabalhadores ingleses<sup>134</sup> é permeado por diversos fatores, inclusive suas crenças religiosas.

Em célebre passagem de sua mais importante obra, *A formação da classe operária inglesa*, Thompson afirmou o seguinte:

Apenas os vitoriosos são lembrados. Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos. Estou tentando resgatar o pobre tecelão das malhas, o meeiro luddita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” e mesmo o iludido seguidor de Joanna Southcott, dos imensos ares de condescendência da posteridade. [...] Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência; se foram vítimas acidentais da história, continuam a ser condenados em vida, vítimas acidentais.<sup>135</sup>

Temos assim, a valorização epistemológica da experiência, não apenas por meio da perspectiva teológica, mas, também pela histórica, quando esta considera a dimensão espiritual como esfera legítima da condição humana, que é canalizadora e portadora de

<sup>132</sup> THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, 189.

<sup>133</sup> BLOCH Apud VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (Orgs.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011, p. 143-195.

<sup>134</sup> De acordo com Alexandre Fortes a tradição de dissidência religiosa, cujo auge histórico se situara no período da Revolução Inglesa do século XVIII (Cf. Hill, 1987), vivia um novo momento, com a ascensão do metodismo, que, com todas as suas contradições internas e seu forte pendor conservador, ainda assim se torna o grande canal de processamento das experiências psíquicas vividas pelos pobres diante da destruição do seu modo de vida tradicional no processo de desregulamentação que antecede a Revolução Industrial, além de uma importante via de resgate da autoestima, de acesso à alfabetização e de difusão de métodos organizativos. FORTES, Alexandre. “Miríades por toda a eternidade”: a atualidade de E. P. Thompson. **Revista Tempo social**. São Paulo, v. 18, n. 1, 2006, p. 203-204.

<sup>135</sup> THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 14.

sentidos e de múltiplas experiências. Em se tratando, e retomando a abordagem da experiência pentecostal, podemos compreender que a experiência aqui também é produtora da identidade do indivíduo, bem como do grupo que pertence e comunga hábitos. Gedeon Alencar utiliza o termo “meu pentecoste” significando “a experiência como realidade legalizadora do indivíduo”.<sup>136</sup> E ele também passa a expressar, de maneira singular, valores e modos de vida próprios, que constitui sua cultura religiosa.

De acordo com Kenner Terra, que aborda a experiência enquanto êxtase, a identidade pentecostal é firmada numa experiência tríade, o *Espírito*, a *Escritura* e a *Comunidade*. Por meio desses três elementos é indicada a leitura bíblica pneumática, valorizando a experiência do Espírito e o êxtase. Segundo Terra, o êxtase constitui parte importante das comunidades pentecostais. No entanto, lembra que, não podemos ser simplistas e interpretarmos essa experiência como alienação ou fuga da realidade. O êxtase (no sentido da experiência) precisa ser compreendido como possibilidade de presença pública pneumática. Assim, o lugar privilegiado do pentecostal é sua experiência não racionalista, mas, cheia de potencialidades não somente de sentidos, mas, de modelos de ação. Por isso, o autor a denomina de “racionalidade ampliada e própria”.<sup>137</sup>

Como lembra Antonio Magalhães “a experiência religiosa negou a ideia de que religião é expressão somente da alienação”.<sup>138</sup> Analisando o modo que a modernidade tratou a religião, desde a chamada *virada antropocêntrica*<sup>139</sup> proveniente do iluminismo do século XVIII, se constata que “a modernidade agoniza em muitos aspectos; a religião recupera lugares perdidos”.<sup>140</sup> Esse é o lugar dos sentidos que move a fé do membro pentecostal, pois, desde sua formação “a experiência de fé era muito mais importante do que sua compreensão sistemática e racional”.<sup>141</sup>

Inserindo mais uma perspectiva de alguém “de fora”, Alencar registra as impressões de Richard Shaull acerca do pentecostalismo:

---

<sup>136</sup> ALENCAR, 2010, p. 81.

<sup>137</sup> TERRA, 2017, p. 32-33.

<sup>138</sup> MAGALHÃES, Antonio C. M. Religião: Árvore ou Rizoma? **Estudos de Religião**. UMESP, v. 27, nº 1, jan-jun, 2013, p. 61.

<sup>139</sup> A virada antropocêntrica modificou radicalmente a problemática de Deus. As ciências, visando a dominar a natureza através da descoberta da regularidade dos fenômenos naturais, dispensam a hipótese de causa primeira. Kant descreveu o iluminismo como ‘a saída do homem da minoridade culpada. A minoridade é a incapacidade de servir-se de próprio entendimento sem a direção de outrem. *Sapere aude* (Ouse saber) Era o lema do iluminismo. ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 8-9.

<sup>140</sup> MAGALHÃES, 2013, p. 61.

<sup>141</sup> ALENCAR, 2010, p. 82.

Eu não poderia esperar compreender o que estava acontecendo no pensamento e na vida de pessoas que faziam parte desses movimentos a menos que fizesse um grande esforço para penetrar em seu mundo, compreender e experimentar a sua fé de dentro de sua realidade.<sup>142</sup>

Urbano Zilles aborda a questão da subjetividade humana como fator preponderante para se compreender a legitimidade das experiências do ser humano com sua espiritualidade. Segundo Zilles, o pensamento moderno não consegue pensar a subjetividade humana em seu relacionamento teórico e prático com o mundo sem referência, positiva ou negativa, a Deus. A questão de Deus passa a ser tematizada a partir da mediação do ser humano e de suas relações com o mundo, ou seja, a partir da subjetividade.<sup>143</sup>

Diante de tal compreenssão e direcionando nosso olhar para as experiências publicadas no jornal *Boa Semente*, devemos lembrar que um dos problemas que os historiadores do passado (ditos cientistas da história) viam no uso dos jornais como fonte de pesquisa estava justamente na questão de sua subjetividade, ou seja, na abertura para uma enorme imprecisão das ideias e dos fatos ali registrados ante ao “discurso investigativo da verdade”. Ora, como já anunciado, se os historiadores do passado, que tinham forte formação positivista, desprezaram o uso da imprensa na pesquisa por que a consideravam pouco confiável, “hoje a utilizamos, sobretudo, devido a essa subjetividade, mais ainda, pelo seu caráter de formadora de opinião”.<sup>144</sup> As experiências registradas no jornal *Boa Semente* são fontes preciosas de informação e de validade histórica, a despeito de suas subjetividades, aliás, essas subjetividades que se tornam legítimas e válidas na pesquisa para compreensão do fenômeno religioso pentecostal.

Assim, os jornais configuram matéria prima para a produção da história sob seu viés interpretativo de mundo e a partir da propagação de seus interesses e discurso. Imbuídos na constatação da riqueza dos jornais pesquisados, lembramos da validade do discurso da *fé-experiência* enquanto fonte própria da teologia e aspecto marcante das verdades doutrinárias anunciadas nos jornais da Assembleia de Deus.

Nesse sentido Clodovis Boff fala da importância da experiência religiosa como fonte de saber:

A Palavra da Revelação ressoa no espaço da experiência religiosa. O conhecimento da fé não é puramente teológico e menos ainda mera informação.

<sup>142</sup> SHAULL apud ALENCAR, 2010, p. 82.

<sup>143</sup> ZILLES, 2009, p. 8.

<sup>144</sup> VIEIRA, 1984, p. 48-49.

É sobretudo afetivo e experiencial, envolvendo o ser humano todo. [...] O próton da fé é a experiência [...] A fé implica um “saber substancial” [...] é a força regeneradora que se dirige ao ser humano inteiro, especialmente ao coração – donde o primado da experiência e da admiração sobre todo o entendimento. O saber da fé é saber iniciático: vem de uma experiência comunicada por via simbólico-sacramental. É saber de convivência e comunhão. É um saber “desde dentro”, não “desde fora”. Daí por que o mero “cientista da religião” jamais saberá como sabe o crente e o teólogo crente. Não saberá avaliar corretamente a substância da fé em questão. Isso que vale para qualquer religião, vale mais ainda para a fé cristã. Daí a afirmação de Santo Anselmo: “quem não crer, não experimentará; e quem não tiver experimentado, não entenderá”.<sup>145</sup>

A prática da doutrina pentecostal é intrinsecamente corroborada pelas experiências vivenciadas por cada membro da Igreja e são, por assim dizer, a fonte mais confiável que qualquer homem ou mulher poderia adquirir para validar a verdade pela qual vive. É o saber substancial de que nos fala Boff, saber que vem de dentro, absolutamente independente de coisas ou fatos exteriores. A experiência vivida é, portanto, uma fonte de saber incomensurável.

A compreensão deste saber pode ser ratificada, basicamente, pelas chamadas duas fontes da teologia: *a revelação e a tradição cristã*, de um lado, e *a experiência humana*, de outro. Portanto, “a teologia deve realizar um trabalho constante de correlação entre as duas fontes: fé cristã e experiência humana”.<sup>146</sup>

Nesse sentido, observamos os benefícios da *hermenêutica da experiência* e da *hermenêutica da práxis* de Edward Schillebeeckx:

A teologia não pode ser subordinada à teoria crítica, mas pode aprender da teoria crítica a compreender a si mesma não somente como “hermenêutica da fé”, mas também como “hermenêutica da práxis crente”, e por sua vez a teologia pode fazer que a teoria crítica aprenda a permanecer aberta para o “mistério que liberta também a razão”.<sup>147</sup>

Nesse ponto, e com o objetivo de ratificar a assertiva de que a hermenêutica pentecostal se situa numa linha tênue, entre a compreensão e o mistério da práxis, recapitulamos um pequeno fragmento de Gunnar Vingren, já citado do jornal *Boa Semente*, porém, queremos dar ênfase a outras palavras, as quais negritaremos a seguir: “como diz Marcos: falando língua estranha. E isto tanto em Jerusalem, como em Cesarea, e Epheso, o que tornou-se uma operação tao verossímil quão definitiva, **uma espécie de ‘doutrina’ prática ou experimental**, se assim podemos dizer”.<sup>148</sup>

<sup>145</sup> BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 129-130.

<sup>146</sup> GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2012, p. 332.

<sup>147</sup> GIBELLINI, 2012, p. 331.

<sup>148</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1-2.

O conceito de prática ou experiência nas palavras de Vingren ratificam o entendimento de que a tônica do jornal era hermenêuticamente experimental. Como Gedeon Alencar observa em sua pesquisa ratificando que a Bíblia era literalizada e experiencial, ou seja, o texto diz, então acontece, e acontece “hoje”. Inclusive, esta é uma das principais singularidades da teologia pentecostal. O discurso militante já evidenciava esta marca principalmente através das inúmeras curas, milagres, revelações e batismos que eram testemunhados nas páginas dos jornais. Assim, ao lerem tais depoimentos, os membros da Assembleia de Deus se identificavam com aquilo que outros membros relatavam nos jornais, pois, tinham as mesmas experiências.<sup>149</sup>

Há um outro relato que traduz “para fora” aquilo que o crente pentecostal vivencia “dentro de si”. A atitude de testemunhar torna-se parte fundamental da verdade experimentada. Sob o título *Testemunho de cura divina* lemos:

De há muito que desejo dar um testemunho pelas columnas deste jornal das bençams que o Senhor me tem concedido. Tenho um filho de 7 annos de idade, que era paralytico e, sendo unguido em nome do Senhor, fôra curado maravilhosamente. Gloria ao nome de Jesus! Também o Senhor concedeu-me a bençam de ver o meu esposo reetabelecido de uma enfermidade que lhe minava existencia. Era uma chaga de character canceroso que lhe destruia o calcanhar pouco a pouco com terriveis dores. Esteve no hospital onde foi operado por um habil cirurgião, mas sem resultados positivos. Então resolvi convidar o meu esposo a voltar para casa e confiar inteiramente no Senhor e, graças a Deus, a nossa oração foi ouvida. Hoje está curado e continua a trabalhar para manter a nossa familia. De modo que os que não provaram ainda da benignidade do Senhor, devem buscal-o, porque Elle é o bom Salvador que deu sua vida para nos remir de nossos peccados e enfermidades. *Letícia Fortaleza*.<sup>150</sup>

O relato pertence a uma mulher chamada Letícia. Lemos nele as marcas da experiência da fé pentecostal. Enquanto mãe, a cura do filho parálítico apenas por meio da unção por óleo foi a prova para si mesma de que a cura divina é real. Não obstante, e enquanto esposa, a doença de caráter canceroso do marido, não a fez abrir mão do tratamento pela medicina – e isso é muito explanado nos jornais, o legítimo uso da medicina como dom de Deus – porém, não achando solução, convence o marido a ir para casa e confiar em Deus. Uma vez que o milagre também ocorre com o marido, Letícia deseja testemunhar os fatos no jornal. Mais importante do que isso é a última mensagem que ela propaga: aqueles que ainda não provaram da benignidade do Senhor, deveriam

---

<sup>149</sup> ALENCAR, 2010, p. 79-81.

<sup>150</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1926, nº 58, p. 5.

buscá-lo, pois os efeitos de sua salvação contemplam não apenas o perdão dos pecados, mas, a cura das enfermidades.

Gedeon Alencar analisa essa práxis que se reverbera nos jornais a qual chama de “núcleo querigmático fundante”:

Que hermenêutica bíblica se faz disto? [...] Que importam os textos, se cada um tem a experiência/verdade? Os testemunhos/artigos assumem uma conotação ainda mais de verdade quando partem de um ex-batista, de um ex-presbiteriano etc. O Pentecoste é “núcleo querigmático fundante”, ele é origem, fundamento e razão de ser deste novo indivíduo. *Origem*, por que uma igreja com poucos anos de vida diante de tantas outras centenárias precisa apelar para algo anterior (daí o Atos dos Apóstolos) como forma de legitimação; *fundamento* porque, mais uma vez, todas as demais têm séculos de história teológica, credos, nomes (Calvino, Wesley, Confissão de Westminster), e na falta de algo similar, apela-se a um evento; *razão* do novo indivíduo, porque um crente cheio de poder é diferente – e nisso há implicações éticas, sociais.<sup>151</sup>

O membro pentecostal possui uma hermenêutica distinta e singular para confirmar a verdade crida. O próprio fundador do movimento, Gunnar Vingren, em seu diário chegou a expressar algo que confirma essa aspiração de verdade contida no pentecostalismo: “Ali estávamos os dois sem nenhum recurso, sem pertencer a nenhuma denominação, pertencendo somente à denominação que está no céu”.<sup>152</sup> A frase foi dita por Vingren quando ele e Berg se despediram da Igreja em Chicago em direção ao Brasil.

Emílio Conde, considerado o apóstolo da imprensa pentecostal no Brasil, instruiu cada membro a deixar “que a Bíblia fale e revele não só a metade da sabedoria, da riqueza e da graça, mas que nos transporte ao reino da revelação e da inspiração, onde todas as virtudes e os dons da graça desfilam ante a nossa perplexidade”.<sup>153</sup>

Os variados relatos de experiências nos jornais apontam para um propósito apascentador de uma obra que crescia vertiginosamente em menos de 20 anos no Brasil. Nesse sentido, é percebido uma certa lógica impressa nos jornais que deram o tom dos primeiros anos do movimento. Em todas as notícias, havia uma repetição exaustiva da sequência: 1. Estamos evangelizando; 2. Daí vem a perseguição; 3. Muitas pessoas estão se convertendo; 4. Muitos batismos (sempre os dois); 5. Nós temos a verdade.<sup>154</sup> Essa logicidade é especialmente percebida no jornal *Mensageiro da Paz*, quando a Assembleia de Deus, além de institucionalizada, experimenta um período de maior crescimento.

<sup>151</sup> ALENCAR, 2010, p. 82-83.

<sup>152</sup> VINGREN, 1973, p. 25.

<sup>153</sup> CONDE, Emílio. **Estudos da Palavra**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1979, p. 6.

<sup>154</sup> ALENCAR apud SOUZA, MATOS, 2017, p. 272-273.

## 2.2 A difusão da doutrina pentecostal por meio e a partir do jornal *Boa Semente* (1919-1930)

Os *opúsculos*<sup>155</sup> representam a primeira ideia presente no jornal *Boa Semente* que apontou para as doutrinas de modo mais substancial. Embora não haja nos jornais, explicitamente, nenhuma indicação que esses opúsculos integrassem algum corpo doutrinário formal ou que tivessem alguma sistematicidade teológica, inferimos que suas temáticas anunciaram a partir dos jornais, de modo ainda informe, os principais pontos doutrinários da fé pentecostal, que nos anos seguintes, em que a Igreja Assembleia de Deus passaria por sua institucionalização (1930), teria também sua profissão de fé e teologia oficial expressa e publicamente declarada.

Houve mais duas práticas intencionais articuladas diretamente com o jornal *Boa Semente* ou a partir dele, que podem ser tomadas como parte da ação doutrinária da Igreja daquele período. Tratam-se das *Escolas Bíblicas* e dos chamados *Estudos Dominicais*, que apontam para duas ações imprescindíveis na doutrinação da fé pentecostal. O jornal, enquanto veículo de circulação das doutrinas, imbrica-se com esses dois eventos que, por assim dizer, não estavam desconexos ou dissociados do jornal, pois, consideramos que o jornal também era suplemento de estudos bíblicos para os dois eventos.

Era uma dinâmica que envolvia e exigia a participação ativa dos membros da Igreja nascente. Para uma compreensão mais ampla dessa prática Gedeon Alencar nos informa que:

Os membros são desafiados em todas as edições a pegarem o jornal e o levarem para rua, para suas casas e locais de trabalho, e com ele em punho proclamarem a mensagem. Parece uma militância ingênua? Talvez nem tanto, se considerarmos o valor simbólico da palavra escrita nesse momento. Era o meio de comunicação mais moderno e eficiente da época. Uma demonstração de modernidade: palavra escrita. “Gente de letra” era gente da cidade, do mundo evoluído da tecnologia.<sup>156</sup>

Embora pareça algo estranho, na década de 1920, e especificamente entre os primeiros membros pentecostais, o jornal também é levado por cada crente para as reuniões de culto. Assim, mesmo enquanto eventos da Igreja, as *Escolas Bíblicas* e *Estudos Dominicais* se conectavam ao uso jornal, além do quê, esses eventos se consolidariam no

<sup>155</sup> Opúsculo é uma obra de carácter literário com uma extensão reduzida e que possui característica panfletária para a propagação de ideias, aqui especialmente, as doutrinas pentecostais.

<sup>156</sup> ALENCAR, 2013, p. 138-139.

fluxo dos anos subsequentes e ainda se fazem representar como marcas da práxis pentecostal até os dias de hoje na vida da missão e do culto.

Nesse sentido, identificamos as conceituações da *doutrina pentecostal* que, expostas e compreendidas, tornam-se de modo informe, os enfoques histórico-teológicos extraídos dos números do jornal *Boa Semente*. Nesses números, é possível visualizar um quadro geral e ao mesmo tempo, observar algumas especificidades das doutrinas que mais foram anunciadas até o ano de 1930, ano em que o *Boa Semente* deixaria de publicar e circular como órgão oficial da Assembleia de Deus no Brasil.

### 2.2.1 O jornal e os opúsculos

Nos primeiros anos da publicação do jornal *Boa Semente*, a ênfase na doutrina foi empreendida com veemência, pois, os seus redatores buscaram aprofundar alguns assuntos de ordem doutrinária e dessa forma começaram a publicar os pequenos opúsculos. De acordo com Isael Araújo:

O primeiro opúsculo editado pela tipografia do jornal *Boa Semente* foi *A salvação em Jesus Cristo é para todos*, com 4 páginas e sem data, traduzido por Gunnar Vingren. O segundo, editado em 1924, com o título *Conselhos aos Convertidos*, com 8 páginas. O terceiro, também 1924, *Jesus Cristo e Este Crucificado*, com 41 páginas, escrito pelo pastor sueco Sven Lidman e traduzido por Samuel Nyström. O quarto editado em 1925, *O segundo advento de Cristo*, com 78 páginas e escrito por Samuel Nyström. O quinto em 1929, *O Batismo no Espírito Sancto*, em duas edições, com 14 páginas, traduzido do espanhol por Manoel Maria Rodrigues.<sup>157</sup>

Observa-se o interesse dos redatores do jornal em traduzir e tornar disponível aos leitores brasileiros os enfoques doutrinários de suma importância da fé pentecostal. Como se lê, temas acerca da *salvação, discipulado, retorno de Cristo e o batismo no Espírito Santo* prefiguram e destacam os primeiros opúsculos publicados pela imprensa pentecostal no Brasil. Certamente isso não foi realizado aleatoriamente e sem propósito.

Em sua grande maioria, eram longos artigos ou pequenas obras traduzidas para o português e publicados, ora nos jornais, ora à parte dele (a maioria à parte dele). Esses opúsculos representavam a gênese da produção literária pentecostal e anos mais tarde a Igreja constituiria e empreenderia, a saber, a sua própria editora, a CPAD (fundada em 1940).

---

<sup>157</sup> ARAÚJO, 2007, p. 134.

No exame mais minucioso realizado no tratamento e organização dos números do *Boa Semente*, esclarecemos e ampliamos a compreensão acerca dos opúsculos que a Igreja publicou no período de 1919 até 1930, identificando os opúsculos que foram publicados à parte do jornal e os que foram publicados no próprio jornal, na íntegra ou em fragmentos.

A informação é melhor enquadrada no número acessado de novembro de 1929. Nele, em sua última página, há um quadro de anúncio intitulado *Temos à venda nesta redacção as seguintes publicações*.<sup>158</sup> A primeira publicação descrita no anúncio é a *Harpa Cristã*<sup>159</sup> em sua terceira edição, corrigida e aumentada. A seguir, no quadro, são alistados os seguintes opúsculos (além dos que foram citados por Isael de Araújo): *O plano de Deus a respeito da nossa salvação; Na véspera da vinda Christo; O eterno destino dos infiéis; Concernentes aos Dons do Espírito; O Lar Christão; Os sofrimentos, a obra intercessora e a gloria de Christo; Não valerá o homem mais que dez mil réis?; Crê no Senhor Jesus e Passando por cima da cruz*. Ao todo, até 1930, foram 14 opúsculos publicados e vendidos à parte do jornal, mas, produzidos pela mesma gráfica do *Boa Semente*. A última informação do quadro é que as publicações poderiam ser encomendadas a Samuel Nyström por meio de sua Caixa Postal.

O jornal publicava também, em forma de pequenos artigos, fragmentos extraídos desses opúsculos, enfatizando temáticas acerca dos dons e batismo com o Espírito Santo, a salvação em Cristo, a volta de Jesus, entre outros. Além disso, conseguimos identificar – nos números acessíveis – que dois desses opúsculos tiveram sua publicação no próprio jornal, a saber, *Jesus Christo e Este Crucificado* e *O segundo advento de Christo*.

O primeiro opúsculo foi publicado na íntegra, por nome *Christo e Este Crucificado*. Sua publicação teve início em janeiro de 1924 e durante o ano inteiro<sup>160</sup> foi publicado um fragmento da obra – um em cada mês – que ao todo era composto por 14 pequenos

<sup>158</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Novembro de 1929, n° 102, p. 8.

<sup>159</sup> A *Harpa Cristã* é o tradicional hinário da Assembleia de Deus. Em 1922 ela foi oficialmente lançada com o objetivo de elevar o cântico congregacional local, além de oferecer louvor a Deus nas diversas ocasiões em que hinos específicos se faziam necessários, como, culto público, santa ceia, batismo, casamento, culto de missões, apresentação de criança, entre outras. Nas décadas seguintes, a Harpa Cristã passaria por várias edições e acréscimos de hinos. A última ocorreu em 1999 que a deixou com o número de 640 hinos. A Harpa Cristã é intensamente usada até os dias de hoje sendo ela mesma um patrimônio histórico-cultural da Assembleia de Deus.

<sup>160</sup> Deste ano, 1924, tivemos posse e acesso de 8 números em sequência do *Boa Semente*, do n° 32 ao 39, ou seja, de janeiro até o mês de agosto. Mas é possível inferir que o opúsculo *Christo e Este Crucificado* durante todos os esses daquele ano. Do primeiro número de 1925, o n°44 em diante, já não há nenhum registro ao opúsculo.

capítulos. Ao que tudo indica, foi um texto pertencente ao pastor Sven Lidman e traduzido do sueco por Samuel Nyström. Abaixo uma pequena exposição fragmentada da obra:

Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito para que todo aquelle que nelle crê não pereça mas tenha a vida eterna. Mas, o mundo inteiro jaz no maligno, e o mundo inteiro enviou tudo o que possuía de mentida a este ponto ameaçado para defender a si e seu possuído – uma mobilização gigantesca de todos os recursos mundiais; uma românia de traidores e traidos, imperadores e reis, principes e prelados, sacerdotes e prégadores, escarnecedores e hypocritas, mornos e frios, cegos e vesgos, gentios e christãos nominaes. Todos estes deixaram a sua parte de dezenove seculos de mentira amontoada – uma cordilheira de mentira. Comtudo mais alto está o cume com a cruz, a porta espera, o caminho se abre. E em redor de cada um que quer andar neste, está a grande multidão de testemunhas de todas as nações, tribos, povos e linguas que ninguém pode contar. Mas acima do grito de guerra do mundo mentiroso a voz do povo da verdade: a salvação pertence ao nosso Deus, A'quelle que está assentado no throno e ao Cordeiro. Jesus Christo e Este Crucificado.<sup>161</sup>

O objetivo deste opúsculo foi o de apresentar a pessoa e a obra salvífica de Cristo na cruz do calvário, contextualizando-a com uma leitura da história através dos séculos. Nota-se em algumas de suas linhas um sentimento de particularismo pentecostal, bem como uma pretensa hermenêutica, a qual destaca a verdade anunciada da salvação em Cristo em detrimento da prática do que é chamado de *mentira amontada* de dezenove séculos de história da Igreja cristã.

Embora, em menor ou maior grau, se perceba este particularismo em outros grupos denominacionais protestantes, é razoável afirmar que no pentecostalismo isso foi mais evidente. Não obstante, é perceptível no texto o desejo de anunciar a todos e a todas, indistintamente, a salvação por meio da obra de Cristo. Essa seria a missão primordial.

O outro opúsculo, *O segundo advento de Christo*, foi publicado no *Boa Semente* a partir de julho de 1924 até junho de 1925, não seguidamente. No mês seguinte as essas publicações acessamos uma informação a este respeito:

Segundo advento de Christo – Subordinado ao título acima, sairá em breve á luz da publicidade, um opúsculo da auctoria de nosso Director, relativamente aos acontecimentos do advento de Christo. Os leitores da Boa Semente já conhecem bem os artigos publicados neste jornalzinho, ácerca do momentoso assumpto – a segunda vinda de Christo; artigos que constituíram uma resenha de lições luminosas, pondo em relevo a diferença que há entre a manifestação do Senhor á sua igreja em particular, e após ao mundo para juizo.<sup>162</sup>

Como já referido, este opúsculo fora escrito por Samuel Nyström e continha 78 páginas. Seu conteúdo não foi publicado na íntegra, mas, resenhado e compartilhado nos

<sup>161</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Janeiro de 1924, n° 32, p. 1.

<sup>162</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1925, n° 50, p. 4.

números do jornal por quase um ano, sendo editado em 1925 em sua versão completa. Pela notícia relatada, as resenhas publicadas no jornal permitiram que os leitores e leitoras pentecostais conhecessem a obra e a importância do assunto, as quais são chamadas de *lições luminosas*. Enquanto temática, a saber, a volta de Jesus, passaria a ser uma forte marca doutrinária na formação daquela Igreja, assunto este que abordaremos mais adiante.

### 2.2.2 As Escolas Bíblicas e os Estudos Dominicais

As *Escolas Bíblicas* caracterizam outra marca doutrinária do pentecostalismo da Assembleia de Deus. Sua função prática está relacionada, de igual modo, com o ensino da doutrina pentecostal e, mais do que isso, com o preparo de obreiros para o envio pastoral e missionário. Esse preparo possuiu característica essencialmente bíblica, não teológica, assim, faz-se necessário uma exposição do modo em que as *Escolas Bíblicas* foram idealizadas e como passaram a fazer parte da vida da Igreja a partir da década de 1920.

O primeiro relato testemunhal que tivemos acesso pertence ao próprio idealizador e fundador das *Escolas Bíblicas* na Assembleia de Deus, Samuel Nyström. Ao mesmo tempo em que expõe a ideia também explica as razões:

Ao terminar o meu primeiro período no campo missionário, senti a necessidade de os pastores nacionais poderem penetrar mais na Palavra de Deus, para serem mais capazes de admoestar segundo a sã doutrina e corrigirem os que falam contra. Muitos dizem que não é necessário a instrução dos homens, mas que podemos ser instruídos diretamente de Deus. Tudo isso é muito certo, porém Paulo diz a Timóteo, ao admoestá-lo sobre o que ele havia aprendido: “Tu sabes de quem o aprendestes”. E também o admoesta como devia apresentar-se diante de Deus: como obreiro aprovado, que maneja bem a palavra da verdade. Depois de haver sido tratado na igreja, no Pará, foi resolvido que os missionários deviam ter reuniões de estudos bíblicos e convidar os obreiros nacionais do Estado a assistirem essas reuniões [...].<sup>163</sup>

Observa-se que antes de Nyström informar ter sentido a necessidade do ensino aos pastores nacionais, ele recorda que havia passado um primeiro período no campo missionário, ou seja, Nyström havia lidado diretamente por seis anos, de 1916 a 1922, com a experiência de levar o Evangelho a vários lugares, lidando com os diversos desafios

---

<sup>163</sup> NYSTRÖM, Samuel. Escolas bíblicas e trabalho literário. In: VINGREN, Ivar (Trad.). **Despertamento Apostólico no Brasil**: resumo da missão sueca no Brasil, alguns missionários. Rio de Janeiro: CPAD, 1987, p. 125.

decorrentes disso.<sup>164</sup> O preparo considerava, inclusive, a necessária defesa da doutrina pentecostal. Nyström trata da justificativa do preparo numa Escola Bíblica, ponderando um discurso muito conhecido na fé pentecostal, a de que a instrução humana é dispensável pela direção única do próprio Deus por seu Espírito Santo. Essa mentalidade de tornar dispensável a instrução seria desenvolvida com mais rigidez nas décadas seguintes na Assembleia de Deus, muitas vezes conhecido pelas máximas: *“Deus capacita os chamados”*, ou, *“o conhecimento ensoberbece o homem”*, ou ainda, *“A letra mata, o Espírito vivifica”*. Uma mentalidade que na prática se transforma em um costume.

A despeito disso, parece razoável afirmar que, ao embasar-se dos textos de Paulo a Timóteo, Nyström considerasse necessário, ao menos um preparo básico de estudos bíblicos em que o pastor ou obreiro pudesse conhecer mais as Escrituras, nada extensivo, nem teológico. Os missionários suecos, pioneiros e fundadores da Assembleia de Deus, não consideravam necessário o ensino teológico e formal da Bíblia para que os membros se tornassem pastores ou evangelistas. Eram práticos e enfatizavam mais a experiência do indivíduo com Deus, que pudesse levá-lo a pregar o Evangelho, do que qualquer preparo teológico para este fim. A ideia do ensino estava e deveria sempre estar ligada à liderança da Igreja, pois, seriam eles, os líderes que poderiam transmitir qualquer ensino necessário para o envio de pastores para o campo missionário. É também por isso que, no fim de sua fala, Nyström informa que o assunto fora tratado pela liderança da Igreja no Pará a qual deliberou tal resolução.

Após essa explicação, Nyström relata o fato em si, a realização da primeira Escola Bíblica, como a mesma foi empreendida e quais foram os efeitos dela para o avanço da obra pentecostal no país:

[...] No mês de março de 1922, realizou-se a primeira reunião, quando uns trinta obreiros participaram, entre eles algumas irmãs que ajudavam na obra. Os assuntos tratados, segundo a Bíblia, foram: a autoridade divina e histórica da Bíblia, as dispensações de Deus, o livro de Efésios e o de Apocalipse. O Espírito Santo foi derramado poderosamente e tivemos um tempo maravilhoso. A outra Escola Bíblica realizou-se em março de 1924, quando o irmão Vingren também participou. Depois disto, os obreiros do Norte se têm reunido cada ano para realização de uma Escola Bíblica, com a participação de 30 a 50 obreiros. Sempre experimentamos uma profunda comoção diante da Palavra de Deus, como

<sup>164</sup> Em 5 de junho de 1916, na Igreja Filadélfia de Estocolmo, Samuel e Lina Nyström foram separados para o trabalho missionário no Brasil. Após um longo e profícuo trabalho nas ilhas do Pará, implantando igrejas inclusive a Igreja de Manaus, ter pastoreado a Igreja de Belém e ainda realizado a primeira Escola Bíblica da Assembleia de Deus, depois de 6 anos de trabalho missionário, Samuel e Lina retornaram a Suécia em 1922 brevemente, tendo retornado ao Brasil em 21 de janeiro de 1923. ARAÚJO, 2007, p. 509-510.

também muita alegria. Do mesmo modo, em outras partes do País realizaram-se escola bíblicas para obreiros nacionais, como por exemplo no Rio de Janeiro, no ano de 1933. Porém ali tem sido mais difícil este trabalho, porque os gastos no Sul são mais altos que no Norte. No Rio de Janeiro costumam os pastores e evangelistas ter uma reunião por 2 a 3 dias cada quatro meses, quando assuntos atuais da igreja são tratados.<sup>165</sup>

Samuel Nyström dirigiu a primeira *Escola Bíblica* de obreiros em Belém do Pará, de 4 de março a 4 de abril de 1922, proferindo ele mesmo os estudos. Nota-se que irmãos e irmãs participaram da *Escola Bíblica*. A participação de mulheres no testemunho de Nyström demonstra que as mulheres participavam do serviço da Igreja, além disso, é o prenúncio de uma problemática que, ainda naquela década, os líderes pioneiros suecos e os demais líderes brasileiros haveriam de enfrentar, a saber, o reconhecimento do trabalho pastoral das mulheres no ministério, bem como a sua ordenação. Mas, isso é um assunto que trabalharemos em outro capítulo, onde a pessoa e a obra de Frida Vingren<sup>166</sup> terão destaque.

No restante da citação, são apresentadas as temáticas dos estudos bíblicos, que configuram em si a ênfase das doutrinas que marcam a fé pentecostal: A autoridade da Bíblia, ou como na teologia chamamos de *bibliologia*,<sup>167</sup> e o *dispensacionalismo*,<sup>168</sup> que anuncia uma posição doutrinária da Assembleia de Deus até os dias de hoje. Além disso, Nyström deve ter exposto o livro de Efésios como referencial para o governo e pastoreio da Igreja, e o livro de Apocalipse teria sido a base da ênfase para a segundo retorno de Cristo. Ao fim, vemos o quanto a implantação da *Escola Bíblica* obteve frutos. A partir de 1922 a realização de *Escolas Bíblicas* passou a ser uma prática na Assembleia de Deus em todo o país.

<sup>165</sup> NYSTRÖM, VINGREN, 1987, p. 125.

<sup>166</sup> Missionária sueca de notável talento literário. Ela dedicou grande parte de seu ministério à imprensa como redatora, articulista e poetisa. Foi esposa do pioneiro Gunnar Vingren. Muitas vezes incompreendida, era uma mulher considerada a frente de seu tempo. ARAÚJO, Isael de. **História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus: 1940 – 2010**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 19.

<sup>167</sup> Bibliologia [Do gr. *biblos*, livro; *logia*, discurso ou tratado racional sobre determinado assunto] Divisão da teologia sistemática que versa sobre a origem, formação, inspiração, autoridade e confiabilidade das Sagradas Escrituras, como a infalível Palavra de Deus. ANDRADE, 1998, p. 69.

<sup>168</sup> O dispensacionalismo foi popularizado nos EUA pelos comentários de John Nelson Darby através da *Bíblia de Referência Scofield* (1909). O dispensacionalismo é um esquema interpretativo enxertado no corpo tradicional da doutrina cristã. Não fazia parte das principais tradições teológicas do cristianismo reformado e do wesleyano. A interpretação do dispensacionalismo varia, mas sua hipótese é que Deus lida com raça humana em dispensações sucessivas. Cada dispensação tem seu início, seu teste, e seu término em julgamento de acordo com o contínuo fracasso da humanidade. A maioria dos intérpretes dispensacionalista identifica sete dispensações: da Inocência, da Consciência, do Governo Civil, da promessa, da Lei, da Graça e do Reino. ARAÚJO, 2007, p. 611.

Acessamos o número do *Boa Semente* que publicou acerca da primeira *Escola Bíblica*. Esse número é imprescindível para a compreensão do modo como foi realizada. O texto foi publicado no jornal por Almeida Sobrinho<sup>169</sup> e ocupou quase uma página inteira, aqui, fragmentamos:

O nosso pastor e missionário Samuel Nyström, sentindo-se dirigido pelo Espírito Santo, para repartir com os seus cooperadores na Seára do Senhor, o precioso alimento da Palavra de Deus, convidou aos irmãos que se sentissem dirigidos pelo Senhor, para que viessem tomar parte da *Escola Bíblica*. O seu precioso convite foi atendido e a sala da casa previamente alugada pelo irmão Nyström para esse fim, ficou bem installada e repleta dos que vieram aprender a dividir rectamente a Escripura da Verdade [...]. Depois do estudo dispensacional, onde se pode apreciar o nosso privilegio, em pertencermos a presente dispensação de graça, teve logo o estudo sobre a Epistola aos Ephesios no qual vimos sahir catadupas de conhecimentos enunciadados, pelo nosso professor em guardar todas as linhas da disciplina e da ordem que a verdadeira exegese da Epístola exigia, fazendo o devido confronto das nossas traducções portuguezas com o original, desse modo abrindo vastíssimos horizontes nos conhecimentos escripturaes. Incontestavelmente o nosso irmão Nyström, nos mostrou todos os departamentos do vasto edifício [...] um mez já estava completo – de 4 de Março a 4 de Abril – e cada uma tinha de voltar ao seu campo de trabalho para *orar e agir*, aguardando uma nova *Escola Bíblica*.<sup>170</sup>

Do ponto de vista documental e histórico, as informações acessadas nesse número revelam mais sobre o modo em que a *Escola Bíblica* foi empreendida. Almeida Sobrinho apresentou o programa de estudos a que se submeteram aqueles primeiros líderes da Assembleia de Deus e detalhou que houve uma exegese destacada nos estudos acerca do livro de Efésios, ministrados por Nyström. A despeito da crítica que a hermenêutica pentecostal recebe, da qual Gedeon Alencar reverbera, “a Bíblia é literalizada e experiencial, ou seja, o texto diz, então acontece, e acontece ‘hoje’”,<sup>171</sup> podemos inferir que embora a *Escola Bíblica* não representasse preparo teológico formal e sistemático, houve uma razoável preocupação hermenêutica na exposição dessa epístola

<sup>169</sup> José Manoel Cavalcante de Almeida Sobrinho foi evangelista, pastor, editor, redator e compositor. Almeida Sobrinho, como era conhecido, nasceu no Estado de Pernambuco, membro da Igreja Batista, ele estudou na Escola Teológica de Zacarias Taylor, na Bahia. Pastoreou igrejas em Manaus, Belém e Salvador até que, em 1916, transferiu-se para a Assembleia de Deus. Tudo indica que o motivo fora a posição doutrinária de Sobrinho a respeito do Espírito Santo. Em novembro de 1917, Almeida Sobrinho, junto com João Trigueiro, lançou o primeiro jornal pentecostal do Brasil, o *Voz da Verdade*, que circulou até janeiro de 1918. A partir de 1919 com a fundação do *Boa Semente*, Sobrinho também publicava nele. Participou da hinologia da Igreja editando o hinário *Cantor Pentecostal* em 1921. Na *Harpa Cristã* constam seis hinos de sua autoria e 14 hinos de sua versão. Sobrinho participou da primeira Escola Bíblica das Assembleias de Deus em Belém de 4 de março a 4 de abril de 1922, sendo ele mesmo o autor da publicação do evento no *Boa Semente*. ARAÚJO, 2007, p. 817-819.

<sup>170</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março e Abril de 1922, nº 17 e 18, p. 5.

<sup>171</sup> ALENCAR, 2010, p. 80.

Paulina, considerada instrução preponderante para o exercício pastoral que aqueles líderes precisariam.

Nesse sentido, talvez a própria crítica à hermenêutica pentecostal deva ser ponderada, pois, para além das *Escolas Bíblicas* que foram noticiadas, podem ser acessados diversos artigos bíblico-teológicos os quais possuem essa característica, em que pode ser percebido razoável cuidado hermenêutico. Assim, pelo menos o que se encontra expresso nas páginas dos jornais, não seria um despreparo hermenêutico, mas sim, a formação do olhar distintamente pentecostal sobre os textos e traduções originais da Bíblia.

Assim nasceram as *Escolas Bíblicas* da Assembleia de Deus que, em suma, foram reuniões de estudos bíblicos intensivos para quem desejasse entrar no ministério pastoral, ou para aqueles e aquelas que já estavam exercendo o ministério. Esse era o objetivo principal e prático das *Escolas Bíblicas*: o chamado e o envio de obreiros e obreiras para o campo missionário.

A Escola Bíblica passava a ser um evento oficial da Igreja no que se refere a preparação das lideranças. Acessamos no ano de 1923 um convite para participação do que seria então a segunda *Escola Bíblica*:

Convida-se pastores, evangelistas e irmãos das Assembléas de Deus, que se sentem chamados do Senhor para o ministerio do Evangelho, para tomar parte nos estudos biblicos que terá lugar de 24 de Março a 27 de Abril de 1924. E' preciso que todos que tencionam assistir participem por carta ate 10 de Março. Os que ainda não entraram no ministerio do Evangelho, necessitam recommendação do pastor da igreja local. Cada um se esforce de trazer com que auxiliar nas despesas de comedorias. As communicações devem ser feitas a Samuel Nyström ou a Gunnar Vingren. Caixa, 672. Pará.<sup>172</sup>

Nesse convite vemos que essa segunda Escola Bíblica foi realizada dois anos após a primeira. Em publicação anterior, quatro meses antes, descobrimos o porquê: Samuel Nyström, idealizador da Escola Bíblica, havia ficado ausente do Brasil por um ano e meio.<sup>173</sup> Ao retornar, uma das primeiras coisas que empreendeu foi a realização da segunda *Escola Bíblica*.

<sup>172</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Dezembro de 1923, n° 31, p. 3.

<sup>173</sup> "Chegados da Suécia e Estados Unidos da América, onde permaneceram anno e meio, encontram-se, finalmente, entre nós, desde os primeiros dias do corrente, os prezados irmãos Lina e Samuel Nyström os quaes vieram continuar no serviço do Senhor Jesus Christo aqui no Brasil". **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1923, n° 27, p. 4.

Também notamos no convite a distinção entre aqueles que já haviam sido chamado ao *ministério do Evangelho*, denominados como pastores e evangelistas, e, aqueles denominados *irmãos das Assembleas de Deus*, como sendo os que desejavam entrar no ministério. Estes últimos deveriam ter recomendação pastoral. Assim, atentamos para o fato de que haviam pastores e evangelistas que já haviam sido ordenados ao ministério sem terem participado da Escola Bíblica, algo comum na práxis pentecostal assembleiana. O curso bíblico não era requisito para a ordenação do obreiro – algo que seria debatido somente décadas depois – mas, como já dito, representava um preparo informal para a compreensão básica das Escrituras.

Há de se destacar, em outro momento, anos mais tarde, que o próprio Samuel Nyström fez referência ao propósito da *Escola Bíblica* ao recordar do envio do pastor que o substituiu na cidade de Manaus:

Tivemos a nossa primeira Escola Bíblica em março de 1922, quando cerca de 30 obreiros se reuniram para depois saírem para diferentes lugares e Estados. Um deles, Manoel José da Penha, voltou a Manaus para continuar a obra que eu tinha deixado. Ele já está com o Senhor.<sup>174</sup>

Samuel Nyström menciona em seu relato o nome do primeiro pastor brasileiro que pastoreou a Assembleia de Deus em Manaus nos primeiros anos de sua formação. Manoel José da Penha, também conhecido como pastor Zuca, foi fruto da *Escola Bíblica*. Obviamente o texto fora escrito muitos anos depois dos fatos ocorridos, o que explica a menção de que Manoel da Penha já era falecido. O que Nyström faz é apenas rememorar as histórias vividas no campo missionário. Nesse sentido, lembramos que, após um ano e oito meses pastoreando a Igreja em Manaus, Nyström teve que voltar à Belém chamado por Gunnar Vingren. “Como pensou que demoraria pouco, deixou sua esposa Lina Nyström na cidade pastoreando aquele pequeno rebanho por quatro meses e meio.”<sup>175</sup>

O jornal *Boa Semente* chegou a noticiar o envio de Manoel da Penha para Manaus, em uma sessão denominada: *Movimento Evangelístico durante o corrente mez*. Era uma sessão que informava a chegada ou envio de pastores para o campo missionário. Em determinado ponto da notícia diz: “Também tomaram passagem no mesmo navio para Manáos, capital do estado do Amazonas, irmão José da Penha (Zuca) e esposa. Irmão Zuca vae tomar conta do pequeno rebanho do Senhor, que alli temos”.<sup>176</sup>

<sup>174</sup> NYSTRÖM, 1987, p. 41.

<sup>175</sup> FERNANDES, Mirian Lins. **História da Assembleia de Deus no Amazonas**. Manaus, (s.e.), 1993, p. 8-9.

<sup>176</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1923, nº 27, p. 4.

Observando o cálculo dos anos nesta linha do tempo, descobrimos que, da saída de Lina Nyström até a chegada de Manoel da Penha em Manaus, temos um período de pelo menos três anos, período este que a Igreja em Manaus ficou sem pastor, entregue aos cuidados de irmãos e irmãs membros da Igreja.

Esse período atesta pelo menos dois fatos: o primeiro, da Assembleia de Deus em Manaus sofreu com a ausência de um pastor nos primeiros anos de sua implantação. Esses três anos, aproximadamente, foi o primeiro longo período sem um pastor fixo. Isso ocorreu outras vezes nas primeiras décadas.<sup>177</sup> O segundo, diz respeito a falta de pastores daquela Igreja para cuidar da obra que crescia vertiginosamente. Havia uma escassez de pastores que pudessem dar conta de muitas igrejas que eram implantadas pelos missionários. Isso também ratifica a decisão da abertura e realização de *Escolas Bíblicas* ainda no ano de 1922 com o intuito e objetivo de sanar essa problemática.

Noutro número do *Boa Semente* acessamos relato do próprio Manoel da Penha num período posterior, em 1925, já na cidade São Luís-MA, testificando da obra que empreendeu em Manaus:

Com alegria dou notícias do trabalho do Senhor Jesus Christo. Em Manáos estive 19 mezes trabalhando no campo do Mestre, muitos peccadores creram em Jesus os quaes foram baptisados em agua, e alguns têm recebido o baptismo no Espirito Santo. Alguns crentes que não tinham um verdadeiro conhecimento do baptismo no Espirito Santo, agora estão crendo em toda Palavra de Deus, e alguns têm recebido o baptismo no Espirito Santo. Agora estão reunindo-se na Assembleia de Deus, e conosco cantam um novo cantico ao Senhor. Convidamos todos para conosco cantar um novo cantico ao Senhor Jesus que disse: aos que crêem em meu nome fallarão novas línguas (Marc. 16.17) Agora acho-me em S. Luiz do Maranhão por graça de Deus [...].<sup>178</sup>

Temos no depoimento de Manoel da Penha um breve relatório do que ocorreu em Manaus no período em que esteve à frente da Igreja. Penha afirma que as pessoas crentes ali não tinham, o que ele chamou de *verdadeiro conhecimento*, acerca do batismo com o Espírito Santo, e que esta crença significava crer em *toda Palavra de Deus*. A marca doutrinária pentecostal é ratificada e testificada por esse pastor no uso da citação bíblica,

<sup>177</sup> Ainda na primeira década isso foi fortemente vivenciado. Podemos destacar o pastorado de José Paulino Estumano de Moraes, um distinto pastor, que presidiu a Igreja em Manaus por 5 vezes nas duas primeiras décadas. Ele também foi um dos pastores presentes na primeira *Escola Bíblica* em Belém em 1922. Inicialmente crente da igreja batista, Jose de Moraes creu na doutrina pentecostal em 1917 e recebeu o batismo no Espírito Santo. Inicialmente serviu à igreja em Natal (RN). Em 1924 foi designado por Gunnar Vingren para assumir o pastorado da Assembleia de Deus em Manaus que ocorreu de 1924 a 1927/Ainda em 1927 um curto período de meses/De 1929 a 1930/De 1933 a 1934 e pela última vez de 1940 a 1942. ARAÚJO, 2007, p. 481-482.

<sup>178</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Fevereiro de 1925, n° 45, p. 4.

a qual confirma a lógica simples de seu argumento, a saber, *aqueles que crerem*, falarão novas línguas. As línguas aqui são interpretadas não como dom, mas, como sinal e evidência do batismo no Espírito Santo. Após um ano e sete meses, o pastor Manoel da Penha deixou a Igreja de Manaus. Em outubro de 1924, deixou o Amazonas.

Optamos por utilizar o exemplo de Manoel da Penha para demonstrar o papel significativo que as *Escolas Bíblicas* tiveram na formação dos obreiros da Assembleia de Deus nos anos iniciais de sua formação, e do quanto eles mesmos estavam comprometidos com os principais temas que marcavam a doutrina pentecostal, com destaque ao batismo com o Espírito Santo.

Não menos importante que as *Escolas Bíblicas*, destacam-se as *Escolas Bíblicas Dominicais – EBD*, os chamados *Estudos Dominicais*, como inicialmente se publicava nos jornais em referência aos estudos bíblicos realizados aos domingos pela manhã na igreja. Esses estudos, também doutrinários, eram ministrados aos membros da Igreja e serviam para fortalecer a fé dos novos convertidos e alicerçá-los na doutrina pentecostal. Inicialmente saíam como esboços temáticos a serem estudados trimestralmente. Posteriormente, foram publicados como suplementos à parte do jornal *Boa Semente*. Mais adiante, recebeu o nome de *Revista Dominical*.

Acerca da importância da EBD para a Igreja, Maria José Lima a define como “uma das principais agências de ensino da Igreja cristã nos últimos séculos”.<sup>179</sup> Deve-se reconhecer o papel fundamental da EBD não apenas na perspectiva da Assembleia de Deus, mas, em todas as Igrejas evangélicas que a adotaram a partir da era do denominacionalismo.<sup>180</sup>

De acordo com André Ramos:

O termo escola dominical teve seu início na Inglaterra no século XVIII. No ano de 1780 na cidade de Gloucester na Inglaterra, onde Robert Raikes ficou conhecido como “o pai da Escola dominical” Raikes exercia a função de jornalista e desenvolveu um sistema de aulas cujo objetivo era alcançar os meninos de rua, evitando assim a criminalidade. A história diz que ele contratou por conta própria, professores, que ensinavam crianças que trabalhavam nas fábricas

<sup>179</sup> LIMA, 2015, p. 62.

<sup>180</sup> Antes deve-se compreender o significado de *denominação*: grupo de fiéis, ou igrejas, que se acham unidos pelos mesmos artigos de fé e prática. Com a Reforma protestante, as denominações, agora conhecidas como evangélicas, tornaram-se mais acentuadas. Elas surgiram por causa de divergências doutrinárias, administrativas e consuetudinárias. Assim, gera-se o *denominacionalismo*: fervor que o fiel dedica à sua denominação. O denominacionalismo em si não constitui qualquer pecado. No entanto, pode vir a ser uma ameaça se questiona a unidade dos fiéis e passa a ter os seus credos e cânones como mais importantes que a Palavra de Deus. ANDRADE, 1998, p. 113.

durante seis dias da semana, e que aos domingos ficavam perambulando pelas ruas, à beira da delinquência.<sup>181</sup>

Destacamos sucintamente a importância desses estudos dominicais para o membro comum da Assembleia de Deus. O objetivo básico da EBD em todas as denominações evangélicas é comum: Ao se tornar membro da Igreja, o novo convertido é levado de imediato a frequentar a EBD com o propósito de crescer no conhecimento da doutrina e dos costumes de sua nova fé. Por meio de sua participação, cada homem e mulher aprende as doutrinas elementares da fé cristã e se fortalece no convívio com outros e outras crentes que ali estão.

Essa prática não foi diferente na Assembleia de Deus, aliás, guardadas as devidas proporções na comparação com outras Igrejas, é razoável afirmar que na Assembleia de Deus a EBD tenha sido tratada com muito mais ênfase, tornando-se uma marca cultural dos costumes de seus membros, ratificando o conceito de “habitus” de Pierre Bourdieu em que na prática cotidiana há uma “estrutura de esquemas inculcados pela cultura tanto na mente como no corpo”.<sup>182</sup> Essa estrutura caracteriza a práxis pentecostal em que uma reprodução cultural torna-se uma estratégia de distinção cultural que afirma a identidade social do grupo.

É importante recapitular que “dois meses após a fundação da Assembléia de Deus no Brasil, em 1911, a primeira aula de estudos dominicais, é realizada na casa do irmão José Batista Carvalho, na Av. São Jerônimo, em Belém, PA”,<sup>183</sup> porém, sem nenhum material elaborado, apenas estudos bíblicos.

As primeiras lições bíblicas de EBD foram elaboradas por Samuel Nyström ainda na década de 1920. Essas lições se constituíram num importante difusor da doutrina pentecostal em grande escala, pois, a medida que as reuniões ocorriam nos templos aos domingos pela manhã, os membros também tinham acesso durante a semana às lições publicadas no *Boa Semente*.

---

<sup>181</sup> De acordo com André Ramos “o termo escola dominical teve seu início na Inglaterra no século XVIII. No ano de 1780 na cidade de Gloucester na Inglaterra, onde Robert Raikes ficou conhecido como “o pai da Escola dominical”. Raikes exercia a função de jornalista e desenvolveu um sistema de aulas cujo objetivo era alcançar os meninos de rua, evitando assim a criminalidade. A história diz que ele contratou por conta própria, professores, que ensinavam crianças que trabalhavam nas fábricas durante seis dias da semana, e que aos domingos ficavam perambulando pelas ruas, à beira da delinquência”. RAMOS, André Luiz. **Escola Bíblica Dominical: história e situação atual**. Universidade Mackenzie: São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado, 2013, p. 32. Assim, Raikes iniciou uma escola aos domingos pela manhã para ensinar crianças pobres de 6 a 14 anos a ler e escrever e dava-lhes instrução bíblica.

<sup>182</sup> BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 77.

<sup>183</sup> **Revista da Escola Dominical**. Centenário Assembleia de Deus no Amazonas: um legado histórico em 13 lições. PECC: Belém-PA, 2017, p. 71.

Buscando referências no *Boa Semente* acerca da EBD realizada na Assembleia de Deus em Manaus durante os anos de 1920, acessamos uma extensa notícia que, dentre outras informações, apresenta um relatório da EBD em Manaus no ano de 1925. Abaixo segue uma parte fragmentada:

[...] O Senhor vae fazendo sua obra completa: salvando e baptizando immediatamente com o Espirito Santo. E' assim que a maioria dos que Elle tem accrescentado ao seu povo aqui, é baptizada com o Espirito Santo. Até o dia primeiro do corrente o numero de membros era de 125, sendo o baptizados com o Espirito Santo 68. Gloria a Jesus! Nossa Escola Dominical tem boa frequencia. Recebemos agora, vindas de Belém, duas irmãs, membros daquela Assembléa. Tambem recebemos um irmão vindo da Egreja Baptista que, por ter crido nos signaes que seguem "aos que crêem", está muito alegre em Jesus, como Barnabé, que vendo a "graça de Deus, alegrou-se muito" (Act. 11.23) [...].<sup>184</sup>

A Assembleia de Deus havia sido fundada na cidade de Manaus em janeiro de 1918 por Samuel Nyström, e passados poucos mais de sete anos conta com uma membresia de 125 pessoas. Vemos no fragmento acima a ênfase que se faz ao fato da maioria desse número ter sido batizada com o Espírito Santo. Foram 68 pessoas, mais da metade. Essa ênfase também ratifica a marca singular da doutrina pentecostal. Onde quer se encontre qualquer relatório acerca de uma igreja que está sendo implantada, veremos a descrição de *batizados com o Espírito Santo*. Assim, uma coisa segue a outra, a boa frequência da EBD é também atestada pelo ensino doutrinário que se fazia a todos e todas indiscriminadamente.

Ao final da citação há a descrição da chegada de alguns crentes, dentre eles um irmão que era batista, mas, que passou a crer nos sinais. Conforme o relato bíblico, seriam os sinais do batismo no Espírito Santo, dons de línguas, curas, dentre outros. Além disso, este irmão é comparado com Barnabé. Este tipo de relato, era sempre lido nas páginas do *Boa Semente*, pois respaldava a crença do grupo, ao mesmo tempo que refutava as críticas que a Assembleia de Deus recebia de outras Igrejas não pentecostais, inclusive batistas.

Os esboços que eram publicados no jornal *Boa Semente*, ou como suplementos à parte, mantinham essa ênfase: *as doutrinas da fé pentecostal*. Os membros da igreja podiam assim acompanhar as referências bíblicas e, por meio do ensino regular que recebiam aos domingos, eram fortalecidos na fé e prática das doutrinas da Igreja. Devemos registrar ainda que "o ensino para as crianças era a leitura de um versículo bíblico e o canto de alguns corinhos",<sup>185</sup> sendo esta uma peculiaridade do ensino infantil,

<sup>184</sup> *Boa Semente*. Belém do Pará, Março de 1925, nº 46. p. 4.

<sup>185</sup> *Revista da Escola Dominical*, 2017, p. 71.

visto que demoraria ainda décadas para que houvesse a escrita e a publicação de lições bíblicas a serem estudadas por faixas etárias.

Uma dessas lições foi analisada por Maria Jose Lima de quem trazemos algumas definições para compreendermos como se fazia o ensino por meio das lições bíblicas. Cada lição bíblica era composta em sua estrutura básica por quatro partes. A primeira parte trazia o tema da lição, que era seguido por um texto bíblico principal relativamente longo, além do chamado *texto áureo*. A segunda parte era denominada *Resumo da Lição*, a qual dividia em quatro tópicos o texto bíblico principal. A terceira parte trazia a proposição dos comentários dos autores. Esses comentaristas faziam perguntas indutivas no texto para que o aluno e a aluna da Escola Dominical pudesse progressivamente alcançar o aprendizado do assunto. E por último, a quarta parte, *Leituras Diárias*, que trazia sete referências bíblicas para serem lidas em cada dia da semana.<sup>186</sup>

Essas lições foram posteriormente republicadas, e nelas podemos exemplificar um pequeno trecho de uma lição de meados da década de 1930 que teve por tema *Revestidos do Poder do Alto*:

Para que veio o Espírito Santo?

1° - Para cumprir as promessas. Atos. 2:17.

2° - Para dar virtude aos discípulos. Atos. 1:8.

3° - Preparar os discípulos, para evangelização do mundo. v. 4.

Que aconteceu, na vida dos discípulos, no dia dos Pentecostes, pôde acontecer, ainda hoje, na vida de cada crente. Atos. 2:39. Onde houve confusão, nesse referido dia? Entre os discípulos? Não, mas, entre os homens religiosos. v.5. O que causava maior confusão ao povo, eram as linguas que os discípulos falavam, pois o povo achava que estavam embriagados. Nunca existe confusão entre crentes verdadeiros, mas, sim, entre os homens religiosos, cheios de dúvidas. Quando Deus quer, pôde, ainda hoje, conceder ao crente batizado no Espírito Santo, falar em linguas conhecidas, confundindo, assim, sábios e entendidos. Graças a Deus!<sup>187</sup>

Esse pequeno fragmento nos informa como a Igreja ensinava na lição bíblica acerca da ação do Espírito Santo, sendo este um dos principais temas doutrinários da fé pentecostal. A didática de ensino era muito simples, porém indispensável para edificação da Igreja. Nessa didática não deixavam de ratificar a contemporaneidade dos dons espirituais, e principalmente o batismo no Espírito Santo, ao mesmo tempo em que apontavam que tais crenças, “graças a Deus”, confundiam sábios e entendidos.

---

<sup>186</sup> LIMA, 2015, p. 42.

<sup>187</sup> **Coleção Lições Bíblicas**. Vol.1. 1934 – 1940. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 508-509.

As primeiras *Lições Bíblicas* foram publicadas em 1930, por ocasião das grandes decisões tomadas na Primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) realizada em Natal (RN). Tinha como editor Samuel Nyström, que também era comentarista, além dele muitos outros “homens” integravam o quadro de comentaristas das lições, incluindo o missionário Nils Kastberg.<sup>188</sup> Frida Vingren também integrou o quadro de comentaristas das lições, sendo a única mulher comentarista da Revista de Escola Dominal da Assembleia de Deus até os dias de hoje.

Nos seus primeiros anos, a publicação era trimestral e depois passou a ser semestral. A razão disso não eram apenas a falta de recursos financeiros, mas, principalmente a morosidade e a escassez de transporte de carga que, naquele tempo, era todo marítimo e somente costeiro ao longo do litoral. Dessa forma, a revista levava muito tempo para alcançar os pontos distantes do país. Com o passar do tempo e a melhora dos transportes, a revista voltou a ser trimestral.<sup>189</sup>

### 2.2.3 A doutrina pentecostal: enfoques histórico-teológicos no jornal

A doutrina publicada no *Boa Semente* é nosso principal objetivo de análise. Assim, articulamos analisá-la enquanto enfoques histórico-teológicos, uma vez que a transmissão da doutrina pentecostal no jornal se deu ineditamente num tempo histórico, a saber, a década de 1920, e, sem que os primeiros líderes do movimento tivessem essa intenção – pois não anunciam – as doutrinas ali publicadas representam uma teologia pentecostal informe, a qual seria melhor desenvolvida nas décadas posteriores.

No segundo número do *Boa Semente*, mais precisamente na sessão de *Expediente*, há uma informação que ratifica o cuidado dos redatores com o que seria publicado no jornal: “[...] só aceitaremos em nossas columnas os artigos que tenham assignatura de seus próprios autores e que estejam em conformidade com a sã doutrina”.<sup>190</sup>

O que se tem aqui é a preocupação com a identidade de quem está escrevendo artigos para o jornal, no sentido de saber se a pessoa que escreve, pertence à fé

<sup>188</sup> Missionário sueco que, na década de 1930, dirigiu a AD de Belo Horizonte e do Rio de Janeiro. Escreveu alguns livros pela CPAD e hinos da Harpa Cristã. Além de comentaristas das lições bíblicas, também foi colaborador dos jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*, do qual foi diretor por vários anos. *Coleção Lições Bíblicas*, 2011, p. XII.

<sup>189</sup> *Coleção Lições Bíblicas*, 2011, p. V-VI.

<sup>190</sup> *Boa Semente*. Belém do Pará, 16 de Abril de 1919, nº 2, p. 1.

pentecostal ou não. Além disso, se vê o anúncio de que seriam publicado no jornal apenas os artigos que estivessem de acordo com a doutrina pentecostal, que os redatores chamam de “sã doutrina”, numa clara apropriação do termo bíblico, que se lê em diversas referências, como em II Timóteo 4:3, “*Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos juntarão mestres para si mesmos*”.

Portanto, faz-se necessária uma conceituação do que se entende por *doutrina pentecostal*, uma vez que isso representa importante ponto de investigação na pesquisa, na qual busca-se compreender o pensamento dos líderes pioneiros – que também são redatores – acerca do uso do jornal como difusor da doutrina pentecostal.

Passados mais de cem anos do advento do pentecostalismo no Brasil, a fé pentecostal possui um *corpus* teológico suficientemente denso para explicar o que é a doutrina pentecostal de um modo mais substancial. Assim, antes que possamos lançar mão de qualquer manual de doutrina da Assembleia de Deus recente, ou de qualquer livro de teologia sistemática pentecostal, preferimos saber o que o próprio jornal diz acerca da doutrina, a qual, como supracitado, a chama de sã doutrina. Os dois primeiros números do jornal *Boa Semente*, já citados nessa pesquisa, são preponderantes para a compreensão do que é a doutrina pentecostal.

No segundo número de 16 de abril de 1919, há uma descrição tópica, disposta em alguns parágrafos, das crenças que prefiguram a doutrina pentecostal em formação. Como já ressaltamos, os artigos publicados nas páginas do jornal *Boa Semente* não tratavam ainda de ensino teológico formal, ou sistematizado, porém, já é possível perceber a sua gênese. Sob o título “*O que nós cremos*” lemos o seguinte:

*Cremos em toda a palavra de Deus, que foi escripta pela inspiração do Espírito de Deus, e que Deus quer que nós sigamol-a, para que esperimentemos tudo o que n’ella é mencionado e prometido; Cremos em uma salvação completa: salvação de todo o peccado, pelo pagamento de sua divida, pela lavagem completa de suas manchas, e pelo aniquilamento do seu poder; Cremos na cura divina effetuada por Jesus, em toda a doença, porque tanto os nossos pecados como as nossas doenças Jesus tomou sobre si (Is. 53); Cremos no poder efficaz da oração, e por isso nós oramos; Cremos nas benções do Senhor, e na necessidade de obedecermos a Jesus em tudo, conforme a sua palavra, e que para isso descemos com Elle á sepultura, na morte pelo baptismo; Cremos que Jesus morreu e que também ressuscitou, morreu, cumpridor da lei e substituto do peccador, mas ressuscitou e vive “para ser nosso intercessor”; Cremos que devemos e podemos entrar em communhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo; e que esta communhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua extranha, etc; Cremos que Jesus em breve virá para receber sua Esposa, e que ella, durante o*

milênio, julgará e reinará com Elle. *Isto é o que cremos, praticamos e anunciamos como testemunhas do Senhor, e por isso, como testemunhas suas que somos, nada queremos occultar, augmentar ou mudar, sobre tão importante assumpto.* – O que nós não queremos ser é perjuros espirituaes.<sup>191</sup>

Nessas linhas, as bases doutrinárias da fé pentecostal foram expressas e impressas pela primeira vez no Brasil, por meio de um periódico pertencente a uma Igreja pentecostal, a Assembleia de Deus. Em síntese, temos o caráter geral em que as doutrinas cridas pelos membros da Igreja aparecem dispostas: *a doutrina da palavra inspirada pelo Espírito de Deus como regra normativa de fé e prática; a doutrina da salvação paga pela morte de Cristo e da libertação do poder do pecado; a cura divina, o poder da oração, na operação do batismo, na morte e ressurreição de Cristo, que vivo se constitui como intercessor da Igreja, e no retorno de Cristo para reinar junto com a Igreja na eternidade.*

Destacamos um ponto nessa breve exposição doutrinária, o qual se refere à união espiritual de cada crente com o Espírito Santo. Evidencia-se na profissão de fé que essa união espiritual é o ponto de partida para atuação sobrenatural do Espírito Santo na vida do membro pentecostal que deve pautar sua visão de mundo nessa dependência. Essa assertiva é percebida na exortação pela busca dos dons espirituais. O modo como é concluída essa profissão atesta que os redatores possuíam seriedade, zelo e temor, talvez no intuito de não serem considerados hereges na transmissão dessas crenças.

Na pesquisa de Gedeon Alencar estão classificadas e quantificadas as ênfases teológicas que foram publicadas no *Boa Semente* de 1919 a 1929. Para o avanço de nossa análise, de conceituação e compreensão da doutrina pentecostal, não podemos deixar de lançar mão desses dados importantes. Esboçamos o quadro com as ênfases teológicas:

	Tema	Total	%	Produção Feminina	Produção Masculina	Produção Nacional	Produção Estrangeira
1	Compromisso	70	20.1	6	64	63	7
2	Evangelismo	33	9.4	1	32	32	1
3	Poesia	35	10	3	32	35	0
4	Apologia	36	10.3	4	34	28	8
5	Doutrina	54	15.5	1	53	51	3
6	Escatologia	22	6.3	2	20	18	4
7	Pessoa de Jesus Cristo	47	13.5	2	45	41	6
8	Conforto na Tribulação	13	3.7	2	11	9	4
9	Oração	10	2.9	2	8	10	0
10	Diversos	29	8.3	2	27	25	4
	<b>Total</b>	<b>349</b>		<b>25</b>	<b>324</b>	<b>312</b>	<b>37</b>

Tabulações do Jornal *Boa Semente*<sup>192</sup>

<sup>191</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 16 de Abril de 1919, nº 2, p. 1.

<sup>192</sup> ALENCAR, 2010, p. 79.

As ênfases teológicas tabuladas acima permitem analisar o que a Igreja daquela época realmente dava importância. Observa-se que a produção masculina, 324 artigos, foi muito superior à feminina, 25 artigos. Obviamente, isto se explica pelo contexto da época, um jornal produzido na década de 1920, mesmo evangélico, também reflete o forte ambiente machista da época. Além disso, nota-se, que brasileiros e brasileiras (homens e mulheres) produziram muito mais que estrangeiros: foram 312 artigos de autores e autoras brasileiros e brasileiras e apenas 37 artigos produzidos por estrangeiros e estrangeiras.

Desse quadro destacamos os temas sobre *doutrina*, *compromisso* e *apologia*. O tema *doutrina*, aparece 54 vezes, e, de acordo com Gedeon Alencar esse número revela certa obviedade pois “essa nascente igreja precisava de uma fundamentação teológica/bíblica. Nessa categoria estão os textos sobre salvação, nascimento e morte de Jesus, santa ceia, batismos, etc”.<sup>193</sup> Mesmo que Alencar refira uma fundamentação teológica, preferimos afirmar que a Igreja precisava apenas de uma fundamentação bíblica. O tema *compromisso*, que aparece 70 vezes, revela muito da práxis pentecostal em formação. Em suma Alencar nos diz que:

A igreja precisava disciplinar seus membros para a luta e os mesmos não podiam vacilar diante das intempéries que se apresentam. O jornal era panfletariamente evangelístico: o leitor (ou como diria Weber, o adepto) era peça fundamental da história e, portanto, precisava se envolver, dar o sangue, a vida. Em linguagem weberiana, isso daria a legitimidade. O discurso do jornal serviu de reforço para esta mensagem. Todos os textos dentro desta categoria se objetivam: 1. Conclamar os leitores/adeptos a se envolverem com a obra; 2. Fazê-los entender que isto é prioritário e absoluto.<sup>194</sup>

Por último, nessa análise, temos o tema *Apologia*, encontrado em 36 artigos. Essa temática evidencia o que temos suspeitado, a saber, a forte ênfase na defesa de uma apologética marcadamente pentecostal. Aliás, parece que o jornal pentecostal nasce e destina-se quase que exclusivamente para isto, a defesa da fé pentecostal. Gedeon Alencar lembra que nos artigos publicados no jornal “há seguidos ‘testemunhos’ de ex-batistas, ex-presbiterianos, ex-adventistas, agora pentecostais, admitindo, enfim, terem encontrado a ‘verdade completa’”.<sup>195</sup>

O conceito de *doutrina pentecostal* é amplo e possui singularidades que abarca um leque de temas próprios que Isael de Araújo define como:

---

<sup>193</sup> ALENCAR, 2010, p. 80.

<sup>194</sup> ALENCAR, 2010, p. 80.

<sup>195</sup> ALENCAR, 2010, p. 49.

Expressão que abrange temas e fatos bíblicos destacados e ensinados pelos crentes pentecostais, que caracterizam e distinguem as suas denominações ou movimentos dentre as igrejas protestantes e evangélicas. É também empregada no plural, “doutrinas pentecostais”, ou como “verdades pentecostais”. Os principais temas são: a doutrina do Espírito Santo (pneumatologia, procedente dos termos gregos *pneuma* [espírito], *hagios* [santo], e *logia* [estudo, ciência]. Também é usado o termo paractologia (de *paracletos* [consolador], Jo 16.7); o batismo no Espírito Santo (At 2.1-13); o falar noutras línguas (gr. *glossais lalein*); o dom ou dons (gr. *dorea*, *dóron*, *doma* ou *domata*, *dorema*, dádiva, presente, graça, mercê); os dons do Espírito Santo (gr. *pneumatika*, coisas espirituais; *charismata*, graça ou favores; *phaneroseis*, manifestações ou demonstrações; *energemata*, operações; *diakoniai*, ministérios); os dons espirituais (pneumatika), mencionados em 1 Co 12.1-11 e enfatizados por meio dos seus mais conhecidos: profecia, línguas, dons de curar e maravilhas; os dons ministeriais (gr. *diakoniai*), de Efésios 4.11 (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres); a plenitude do Espírito (Ef 5.18); a santificação (1 Pe 1.15); o fruto do Espírito (Gl 5.22); a cura divina (Mc 16.18); o jejum (Mt 6.16-18; 9.14-17); a expulsão de demônios (Mc 16:18); a batalha espiritual (Ef 6.12); e as últimas coisas ou eventos futuros (escatologia, do gr. *eschatos* [último numa sucessão] e *logia* [estudo ou tratado]), salientados pelo grande tema “a segunda vinda de Jesus Cristo” (1 Co 15 e 1 Ts 4).<sup>196</sup>

Temos nessa definição, expresso aquilo que representa a *doutrina pentecostal* em suas nuances e articulações teológicas. Em cada tema citado ou aspecto observado, é possível acessar nos jornais as suas exposições com clareza. Era a defesa doutrinária, publicada e exposta nos artigos do jornal *Boa Semente*.

No primeiro número, de 18 de janeiro de 1919, na primeira página, após as sessões “*A razão da nossa publicidade*” e “*Expediente*”, há uma terceira sessão maior e bem destacada sob o título “*O Batismo no Espírito-Santo*”. Em uma coluna única (o jornal possuía duas colunas de textos), que finda na segunda página, o próprio Gunnar Vingren fez uma longa e detalhada exposição da principal marca doutrinária da fé pentecostal.

Nesse texto, Vingren argumenta por meio de diversas passagens bíblicas a existência do batismo com o Espírito Santo, como uma necessária experiência cristã após o novo nascimento, ou a conversão. Mais do que isso, Vingren afirma, de modo apologético, a *língua estranha* como experiência e evidência necessária para a comprovação do batismo. Usa textos como: “*Pois a promessa é para vocês, para os seus filhos e para todos os que estão longe, para todos quantos o Senhor, o nosso Deus chamar*”. Atos 2:39, contrapondo-se assim, aos argumentos doutrinários de outros grupos protestantes.

Abaixo fragmentamos uma parte de seu discurso nessa coluna:

---

<sup>196</sup> ARAÚJO, 2007, p. 272.

[...] Mas dirá quem ler: no dia de Pentecostes as línguas que eles fallaram foram numerosas, mas comprehendidas, conhecidas e interpretadas por todos os presentes, mas em Epheso, não se tem notícia que se assim fosse, e por que? Certamente que neste não podia acontecer como no Pentecostes [...] Tal, porém, não se deu em casa de Cornelio e em Epheso onde talvez nem uma só língua poudeser interpretada. Ainda assim, não é para admirar que a língua extranha, sem interpretação, não possa ser compreendida. S. Paulo diz: “o que fala lingua estranha, não fala aos homens, SENÃO A DEUS, porque ninguém o entende, e em espirito fala mysterios”. (1 Cor 14 v 2.). O facto é que elles receberam o Espírito-Santo (isto é, o baptismo), tanto num como noutra, igualmente como os que foram baptisados em Pentecostes. São Pedro diz: “também receberam como nós o Espírito-Santo” (Act. 10 v. 47). O que não parece duvida é que todos que receberam o baptismo no Espírito, nenhum delles o fez, sem o demonstrar por signaes convincentes e muito evidentes taes, como diz Marcos: fallando língua estranha. E isto tanto em Jerusalem, como em Cesarea, e Epheso, o que tornou-se uma operação tao verossímil quão definitiva, uma espécie de “doutrina” prática ou experimental, se assim podemos dizer.<sup>197</sup>

Temos aqui parte de uma exposição doutrinária do próprio Gunnar Vingren, líder pioneiro do movimento pentecostal no Brasil. A referências acerca das línguas que foram faladas, primeiro no dia de pentecostes em Atos 2, e as outras, posteriormente, na casa de Cornélio (Atos 10:46, e em Éfeso, Atos 19:6), são bastante conhecidas nos círculos teológicos e essa temática é debatida até os dias de hoje.<sup>198</sup>

Porém, analisando apenas as últimas linhas do texto de Vingren, ele mesmo chama de *doutrina o falar em línguas entranhas*, buscando respaldar essa assertiva pelas mesmas referências quando afirma no texto: “tanto em Jerusalem, como em Cesarea, e Epheso, o que tornou-se uma operação tao verossímil quão definitiva, uma espécie de ‘doutrina’ prática ou experimental, se assim podemos dizer”.<sup>199</sup> Ele não apenas pôde

<sup>197</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1-2.

<sup>198</sup> Basicamente o debate gira em todo das definições de Glossolalia e Xenolalia. Glossolalia: [do gr. *glossos*, língua + *lalia*, falar em língua] Dom sobrenatural concedido pelo Espírito Santo, que capacita o crente a fazer enunciados proféticos em línguas que lhe são desconhecidas. O objetivo da glossolalia é enunciar o Evangelho de Cristo, como aconteceu no Dia de Pentecoste (At 2); levar o crente a consolar-se no espírito, e a proclamar, com o auxílio do dom da interpretação, o conhecimento e a vontade de Deus à Igreja (1 Co 14). A glossolalia, conhecida também como dom de línguas, línguas estranhas ou variedade de línguas, é um dom espiritual que, à semelhança dos demais, não ficou circunscrito aos dias dos apóstolos: continua atual e atuante na vida da Igreja. ANDRADE, 1998, p. 167. Xenolalia: (do gr. *xeno* = estrangeiro, estranho + gr. *lalein* = falar) Habilidade para falar um idioma que o indivíduo ainda não aprendeu. [...] No decurso dos anos, depois de 1906, cada vez mais pentecostais passaram a reconhecer que, na maioria das ocorrências das línguas entranhas, os crentes realmente estavam orando em línguas inidentificáveis mais do que idiomas identificáveis (i.e., glossolalia mais do que Xenolalia). ARAÚJO, 2007, p. 922. A Xenolalia é, ao mesmo tempo, a mais difícil variação da glossolalia para documentar e a mais amplamente registrada. [...] A maioria dos casos de glossolalia não consiste no extraordinário uso da linguagem identificável. Então, na vida da igreja, o bem do coletivo fica acima do individual e o dom acompanhante da “interpretação” é necessário. ARAÚJO, 2007, p. 332. Para melhor explicar acerca da glossolalia, nas notas da Bíblia de Estudo Pentecostal, Donald Stamps afirma que essas línguas, como sinal do batismo no Espírito Santo, “podem ser humanas, i.e., atualmente faladas (At 2.6), ou desconhecidas na terra (Cf. 1 Co 13.1)”. STAMPS, Donald. O Falar em Línguas. In: **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 1631.

<sup>199</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1.

chamar de doutrina, como também a declaração dessa verdade se tornou verossímil e definitiva para os membros pentecostais das futuras gerações.

Passadas algumas décadas da emergência dessa doutrina, Davi Mesquiati afirma que “no âmbito pentecostal o falar em línguas em estado de êxtase passa a ser *standard* para a espiritualidade cristã que se pratica de forma pessoal nos momentos de orações intensas ou mesmo no culto público”.<sup>200</sup> Ou seja, uma marca indelével que somente o membro pentecostal sabe o que significa, pois tem pertencimento e nessa crença pauta toda sua vida. Sobre essa efusão espiritual na vida e no culto, Maxwell Fajardo acrescenta o fator “da participação dos leigos e abertura para manifestações emocionais coletivas, como gritos de ‘glórias e aleluias’. No culto assembleiano [...] o ‘fator surpresa’ da atuação do Espírito Santo pode ‘desmontar’ a estrutura litúrgica pré-estabelecida [...]”.<sup>201</sup>

Nos chama a atenção de que no mesmo número, ainda na primeira página, na sessão “*A razão da nossa publicidade*”, provavelmente, o próprio Gunnar Vingren tenha escrito que “a nossa atitude, pois, para com os crentes de qualquer denominação é esta: “Não queremos dissensões, nem discussões. Ao contrário, queremos que todos sejam unidos, em um mesmo parecer.”<sup>202</sup>

Não podemos afirmar que fora o próprio Vingren o autor do texto de apresentação do jornal, mas, como diretor, inferimos que conhecia seu conteúdo. Nesse texto se afirma que, com a chegada do jornal, os redatores não queriam dissensões nem discussões. Porém, mais adiante noutro texto, esse sim, assinado por Vingren, verificamos a doutrina pentecostal sendo defendida com certo tom de refutação aos argumentos que a negam. Embora, haja certa incoerência nisso, é possível compreender ao menos duas razões para tal procedimento.

A primeira razão é sobre o discurso que se constrói em uma apresentação de um jornal: o que se quer é deixar uma boa impressão. O jornal *Boa Semente* foi assim apresentado à esfera socioreligiosa da época, em que deve-se lembrar, eram as primeiras décadas que o catolicismo romano se desenvolvia sem a oficialidade do Estado, sob a qual, por séculos, a Igreja Católica havia adquirido muitas prerrogativas, inclusive, possuindo periódicos próprios. Além disso, grupos protestantes históricos desse período não viam

---

<sup>200</sup> MESQUIATI, 2017, p. 50.

<sup>201</sup> FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Editora Primas, 2017, p. 262.

<sup>202</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1.

com bons olhos o movimento pentecostal, considerando-o seita (talvez ainda hoje o vejam a assim).

A segunda razão está relacionada aquilo que Roger Olson explica ao classificar as crenças e os graus de importância que as mesmas adquirem na história. Em um dos seus pressupostos para o estudo correto das crenças, o autor demonstra a diferença básica entre dogma e doutrina:

[...] as crenças cristãs válidas — as que são consideradas verdadeiras — não têm o mesmo grau de importância. Algumas são dogmas e merecem ser defendidas séria e até mesmo calorosamente. Acredito que a Trindade e a encarnação pertençam a essa categoria. Por essa razão, considero Atanásio, bispo e teólogo egípcio do século IV, um grande herói. Ele foi exilado de Alexandria, sua cidade natal e diocese cinco vezes, por ser intransigente em relação a essas crenças. Há outras crenças que são verdadeiras e não são tão cruciais para o evangelho ou para a identidade do cristianismo e de sua mensagem. Mas têm sua importância. Chamo-as doutrinas em contraposição aos dogmas. Tratam-se de crenças que poucos ou talvez nenhum grande grupo cristão impõe como essenciais para uma pessoa ser considerada cristã, mas que por alguns são consideradas testes de comunhão. Isto é, para pertencer a determinada tradição, denominação ou igreja, a pessoa deve confessá-las ou, pelo menos, não negá-las. Por exemplo, os batistas — os da minha tradição, que se originou no século XVII — insistem que o batismo dos crentes (também chamado batismo de adultos), normalmente mediante a imersão na água, é o modo normativo do batismo. No entanto, os batistas não negam o cristianismo autêntico das pessoas que acreditam no batismo de bebês e o praticam. Para os batistas, portanto, o batismo por imersão dos crentes é uma doutrina, mas não um dogma.<sup>203</sup>

Assim, a priori, pode-se afirmar que o discurso de Gunnar Vingren é *doutrina* e não *dogma*. Ele está muito mais alinhado com a exposição e reafirmação da doutrina do batismo com o Espírito Santo que é marca característica do seu grupo e, embora estivesse em formação, já define sua tradição. Porém, há quem dê mais importância à doutrina particular de seu grupo em detrimento da doutrina de outros, e/ou até mesmo em detrimento de dogmas, considerados fundamentais da fé cristã, que por sinal, unem todos os grupos evangélicos na afirmação de verdades comuns e irrefutáveis da fé cristã. Ou seja, há quem trate ou transforme doutrina em dogma. Não podemos afirmar que Vingren fez isso, mas, é possível encontrar em seu discurso os elementos para tal finalidade.

Um outro tema doutrinário marcadamente pentecostal é o da *segunda volta de Cristo*. Dentre àqueles primeiros opúsculos que foram produzidos na primeira década do *Boa Semente*, destaca-se *O segundo advento de Cristo* de 1925, de Samuel Nyström. Ao lermos os textos deste opúsculo e de outros artigos publicados no jornal fica evidente o

---

<sup>203</sup> OLSON, 2001, p. 17-18.

forte *escatologismo*<sup>204</sup> pentecostal da época e sobre o qual Gedeon Alencar afirma que “há uma exacerbação da escatologia: o mundo é decadente e avança para a destruição; sua destinação final, a destruição, está cada vez mais próxima e com ele, todos os seus pertencentes”.<sup>205</sup> Aqueles primeiros membros pentecostais ansiavam pelo retorno de Cristo para reinar junto com a Igreja na terra e na eternidade.

Isso encontra explicação no que Richard Niebuhr chamou de modelo *Cristo contra cultura*. A primeira resposta lógica e cronologicamente dada a tensão do relacionamento entre Cristo e a cultura foi *Cristo contra a cultura*. A ética do pentecostalismo clássico baseou-se na negação desse mundo pelo outro, o céu, a eternidade. O modelo *Cristo contra a cultura* exprime a contraposição radical e exasperada entre natureza e graça, em que, por causa do pecado, aquela se opõe a esta, e vice-versa.<sup>206</sup> Tertuliano de Cartago é o exemplo típico desse posicionamento na história do pensamento cristão. Nesse ponto lembramos da famosa máxima de Tertuliano: “O que Atenas tem a ver com Jerusalém? Que concordância existe entre a Academia e a Igreja? E entre hereges e cristãos?”.<sup>207</sup>

Tal aforismo representaria para a história da Igreja a construção radical de uma dicotomia em que os “mundos” são separados. Um mundo é espiritual e tão somente necessário para ser vivido e desenvolvido por cada cristão e cada cristã. O outro mundo é profano e carrega consigo todas as vaidades do mundo e dele o cristão e a cristã deve se separar, pois, *que comunhão há entre as trevas e a luz?* Assim, se argumenta.

Esse paradigma não é uma categoria exclusiva da práxis pentecostal, embora tenha sido amplamente aceito por ela, também foi a atitude típica dos primeiros cristãos da Igreja primitiva,<sup>208</sup> que Justo González afirma, por meio das fontes de Tácito,

---

<sup>204</sup> Alencar apresenta o que chama de “discurso da negação do mundo” e o “escatologismo” provenientes de dois tipos de negações no pentecostalismo dessa época, a social e a teológica. A negação social nasce como resposta ao desprezo recebido pela sociedade e até por outras igrejas, que enquanto pentecostais, sua pobreza e falta de status produzia uma atitude de menosprezo ao status, optando por uma identificação bíblica e espiritual. A negação teológica, a aprovação do mundo significava desaprovação de Deus. Negar este mundo por mundo melhor, também é negar aquele que despreza Deus. ALENCAR, 2010, p. 141.

<sup>205</sup> ALENCAR, 2010, p. 141.

<sup>206</sup> NIEBUHR, Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967, p. 67.

<sup>207</sup> OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2001, p. 53.

<sup>208</sup> Além da inserção de cristãos na política, ou na filosofia, apontamos aqui apenas a questão social no sentido da consciência coletiva da Igreja primitiva em relação ao *modus operandi* da sociedade greco-romana. Earle Cairns nos informa que “os cristãos se separavam dos ajuntamentos pagãos dos templos, teatros e lugares de recreação. Este inconformismo com os modelos sociais vigentes lhes trouxe uma antipatia jamais conhecida por qualquer grupo inconformista da história [...] os caracterizavam como ‘inimigos da raça humana’”. CAIRNS, Earle. **Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1996, p. 72-73.

historiador romano, que eles chegaram a ser acusados de terem “ódio à raça humana”.<sup>209</sup> Essa atitude acompanhou outros grupos do cristianismo nos séculos subsequentes da história da Igreja.<sup>210</sup> De modo geral, podemos afirmar que sempre existiu uma forte tensão entre a práxis cristã (espiritual) e o desenvolvimento de sua mente (racional) na assimilação do *mundo imanente*. Essa dicotomia gerou a construção de um paradigma, mas, também a *ruptura* dele por ocasião da Reforma Protestante, quando todas as áreas da vida humana são ressignificadas pelas Escrituras, pois, possuem importância para Deus.

De acordo com Wilhelm Wachholz essa ruptura possui um ponto de partida em Martinho Lutero quando este substituiu a ética medieval, cujos olhos se voltavam para o céu com medo do inferno e purgatório, por uma ética, cujos olhos estão voltados para onde estão voltados os olhos de Deus: a terra. Desse modo, o ser humano que tem seus olhos voltados para o céu é um ser humano egoísta, individualista e alienado. O ser humano liberto, isto é, tornado justo pela fé, é ser humano que testemunha, no âmbito eclesiásticos, econômico e político, aquilo que Deus pretendeu na própria criação do mundo: um mundo justo com relações justas.<sup>211</sup>

A Assembleia de Deus, enquanto Igreja, não herdou tal compreensão e mentalidade advinda da reforma. Ao contrário, desenvolveu uma mentalidade que se torna marca cultural do grupo, que como observado por Niebuhr, gera aquela tensão do relacionamento entre Cristo e a cultura, em seu modelo *Cristo contra cultura*, “que afirma sem meios termos a exclusiva autoridade de Cristo sobre o cristão e resolutamente rejeita as exigências de lealdade à cultura”.<sup>212</sup>

Acessamos um número do *Boa Semente* de julho de 1926, com um pequeno artigo intitulado *Deus e o mundo* que demonstra bem essa mentalidade. Num trecho diz assim:

Não há aliança entre ambos. Há de persistir para sempre o dilemma: ou Deus ou o mundo. Estão diametralmente opostos e não pôde haver entre ambos

<sup>209</sup> GONZÁLEZ, Justo. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. A era dos mártires. vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 55. O autor ratifica que “isto se compreende se recordarmos que todas as atividades da época – o teatro, o exército, as letras, os esportes, etc. – estavam tão ligadas ao culto pagão que os cristãos se viam obrigados a se ausentarem delas”.

<sup>210</sup> Dentre tantos, podemos lembrar do pietismo alemão caracterizado por “uma afirmação da primazia do sentimento na experiência cristã, uma defesa da participação ativa dos leigos na edificação da vida cristã e uma ênfase numa atitude ascética estrita para com o mundo”. WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006, p. 688.

<sup>211</sup> WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martinho Lutero. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, jan/jun, 2017, p. 24-25.

<sup>212</sup> NIEBUHR, 1967, p. 67.

intercambio moral ou espiritual. Agem de modo diferente: o primeiro é amor; o mundo é ódio. Deus é paz; o mundo é guerra. O mundo é a corrupção, é o engano, é a impiedade [...].<sup>213</sup>

O olhar sobre o mundo é desprezível. Uma dicotomia que separa radicalmente no mundo o santo do profano, que se faz e se forma na construção de uma mentalidade absolutamente impiedosa e pessimista com tudo o que está em volta, com tudo que constitui o mundo terreno. O santo é reconhecido apenas pelas práticas de devoções a Deus, na vida e no culto, consideradas assim as verdadeiras práticas espirituais. Esse olhar fortalece o escatologismo desenvolvido à época que não é desenvolvido sem causas externas a Igreja. Gedeon Alencar explica e define esse escatologismo pentecostal como:

Uma tendência teológica nascida do fundamentalismo religioso, agravada pela contingência dos conflitos mundiais – pleno período entre as duas grandes guerras – a teologia pentecostal assembleiana quer resgatar não o mundo, mas as pessoas do mundo. Aqui cabe muito bem a designação de Sachs (1988:49) de que o pentecostal tem uma “identidade sectária” (algo bem diverso do atual). O pentecostalismo não tem esperança ou alguma boa vontade para com o mundo e tudo o que lhe diga respeito. Ele, o mundo, está irremediavelmente perdido e a única relação possível é de desprezo. Portanto, pretende-se, literalmente, sair dele. Por que, então, haveria a preocupação de modificá-lo? Influenciá-lo?<sup>214</sup>

Ao abordar acerca da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira, Alencar trata do pentecostalismo como sendo um ramo protestante distinto que nunca teve a pretensão de atingir a elite ou qualquer outro grupo étnico, mas que era, em sua base, um movimento bastante popular. Nesse sentido, e se não fosse por seu escatologismo, os pentecostais poderiam ter operado uma grande influência cultural no Brasil.<sup>215</sup> Embora, atualmente, o pentecostalismo tenha sofrido muitas mudanças e variações e em certa medida interferido na cultura brasileira, ainda não ocorreu uma influência sólida e significativa no país.

Ainda acerca desse escatologismo característico do pentecostalismo, Ismael Ferreira apresenta um quadro geral do que podemos chamar de ética pentecostal, a saber, daquilo que realmente caracterizou a doutrina e a práxis pentecostal na primeira década de sua formação:

Enfatizava-se unicamente uma teologia embasada no experiencialismo, tendo aqui o Espírito Santo papel fundamental, e numa escatologia pré-milenarista que ansiava pelo retorno iminente de Jesus Cristo. Associando-se esses fenômenos às reuniões ou cultos que eram realizados sempre com espontaneidade e muita

<sup>213</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1926, nº 62, p. 2.

<sup>214</sup> ALENCAR, 2005, p. 47.

<sup>215</sup> ALENCAR, 2005, p. 47.

emoção, não havia espaço para outras convicções consideradas externas e seculares. Ademais, com as programações religiosas cada vez mais competitivas, o fiel praticamente não tinha tempo de pensar em outra coisa fora da igreja. Havia sim uma dedicação racional e ascética por parte desses fiéis que os tornava cada vez mais dependentes da igreja com o intuito de resolver sua condição humana espiritualmente decadente. Essa resolução só aconteceria a partir do momento em que as preocupações provenientes da vida social fossem deixadas de lado, ou melhor, do lado de fora da igreja. Afinal, o próprio discurso da denominação desvalorizava tais preocupações, incentivando seus membros a concentrarem-se exclusivamente “nas coisas de cima”, na adoração a Deus, no serviço à igreja e na iminência da volta de Jesus Cristo, desprezando assuntos que só contemplavam a condição pecaminosa e efêmera do homem.<sup>216</sup>

O texto acima define bem o pragmatismo pentecostal e demonstra a seriedade doutrinária que a vinda de Cristo representa para a vida de cada membro. Todo seu cotidiano é pautado por uma práxis que não lhe permite olhar para a terra, ou melhor, para o “mundo”. O mundo aqui, não significa apenas não querer olhar para o mundo enquanto, ou por que, é um sistema corrompido pelo pecado, mas, significa não olhar também para o mundo social, onde há pessoas que transitam nessas esferas, a saber: na política, na econômica e na social.

Se envolver com tais esferas, ou exercer criticamente uma cidadania “terrena” – pois o entendimento do membro<sup>217</sup> é que sua cidadania é do céu – significava, para a ética pentecostal desse período, um afastamento perigoso do plano e da vontade de Deus. Daí destaca-se todo o empenho e fervor evangelístico que homens e mulheres desse tempo deram em prol de sua fé. Aliás, como Alencar afirma: “por que a Igreja deveria se preocupar com as questões do mundo, se sua destruição é irreversível e qualquer tentativa infrutífera?”<sup>218</sup>

Há referências nos jornais acerca dessas esferas, especialmente a política, mas, “os fatos e personagens são citados de forma episódica e aleatória e servem apenas para

---

<sup>216</sup> FERREIRA, 2015, p. 26-27.

<sup>217</sup> Devemos ponderar aqui, como já temos feito na pesquisa, que este *modus vivendi* ou práxis religiosa não é um fenômeno exclusivo dos crentes pentecostais, mas, em certo grau, é também da fé protestante, inclusive quando é contextualizada no século XX no Brasil, tal como afirma Antônio Mendonça: “Pode-se concluir que o pré-milenismo incorporou-se ao pensamento institucional protestante brasileiro. É possível aduzir, de passagem, que o movimento fundamentalista que começou a ser pregado no Brasil na década de 40 veio reforçar consideravelmente o pré-milenismo com sua enfática preocupação com o fim do mundo e a conseqüente relativização dos bens terrenos em virtude da iminência da segunda vinda de Cristo. A visão histórica no sentido de sua aproximação cada vez maior de um fim apocalíptico, é feita a partir dos textos apocalípticos da Bíblia dispostos na ordem em que os eventos da história a eles devem corresponder. Isso é feito a partir de uma leitura literal dos textos, sendo rechaçada qualquer forma de relativização. Essa espécie de racionalização da Bíblia e da história além de ser geralmente simpática ao protestantismo, fornece vigoroso apoio às crenças relativas à expectativa milenarista”. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 250.

<sup>218</sup> ALENCAR, 2010, p. 142.

confirmação escatológica da sua doutrina”,<sup>219</sup> tal como o seguinte fato político do ano de 1923, que foi noticiado assim:

Entendemos que ainda não chegou o tempo do povo judaico, mas que em breve chegará; então Deus restaura-lo-á em tudo segundo as profecias. No fim de 1917 foi Jerusalém libertada do jugo otomano, e depois que a guerra fundou ficou sob o protectorado da Inglaterra, tendo um judeu assumido o governo. Mas vemos que, quando Zorobabel foi feito governador, os povos em redor perturbaram a prosperidade (Esd. Cap. 4); assim li também há pouco como os arabes procuram perturbar a restauração judaica. Encontrei, em outubro do anno passado, num jornal diário, que um chefe dos arabes foi a Londres e procurou, quando foi escolhido um novo “premier-ministro”, fazer dificuldades, para que os judeus não tivessem a preeminencia na Palestina. Em janeiro desse ano veio a resposta do governo inglez, affirmando que a Palestina havia de ficar nas mãos dos judeus; e muitos deste povo estão voltando para a sua terra [...].<sup>220</sup>

Embora extenso, o texto acima é um fragmento extraído de um artigo escatológico de Samuel Nyström intitulado *Eis, que venho à pressa!*, mas, serve bem para atestar a assertiva acerca do desinteresse do jornal com as questões políticas externas ao círculo da fé pentecostal. Aqui, de modo pontual, Nyström respalda sua análise escatológica sobre a restauração da nação de Israel com alguns fatos ocorridos no interior da Primeira Guerra Mundial no ano de 1917, quando Jerusalém fora devolvida ao domínio dos judeus por meio da força britânica. A referência factual dos acontecimentos políticos daquele tempo serviu apenas para confirmar que a volta de Jesus estava mais próxima do que podiam imaginar, Israel é, por assim dizer, na escatologia pentecostal, um relógio o qual todos devem estar atentos. Não havia nenhum interesse em fornecer aos leitores e leitoras crentes as notícias do mundo exterior<sup>221</sup> com outro intuito que não fosse o embasamento do seu escatologismo.

*O Batismo no Espírito Santo e A Segunda Volta de Cristo* configuram, assim, os principais temas doutrinários que marcaram a fé pentecostal nas primeiras décadas de sua formação, e os artigos dos jornais confirmam essa assertiva. Além desses temas, um outro tema sempre recorrente no *Boa Semente* é a *Cura Divina do Corpo*.

Em diversos artigos são descritos muitos testemunhos de curas e milagres. Aliás, as doutrinas pentecostais ensinadas por meio das publicações são testificadas pelos

<sup>219</sup> ALENCAR, 2005, p. 47.

<sup>220</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1923, nº 26, p. 2.

<sup>221</sup> Encontramos uma variedade de artigos publicados nos jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e no *Mensageiro da Paz* que traziam notícias com conteúdo político, especialmente, política internacional, como por exemplo, os desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e o Comunismo Europeu. Esse último tratado como o “mal” que a Igreja devia evitar. Essas notícias não faziam parte de uma conscientização política, mas, episódicas, serviam para reforçar o escatologismo marcante da fé pentecostal.

relatos desses milagres, em que busca-se, desse modo, respaldar a contemporaneidade dos dons espirituais. Os artigos possuíam uma característica marcante, a convicção da verdade pregada por pentecostais respaldada por textos da Bíblia, como, por exemplo, o texto de Marcos 16:20 que diz: “Então, os discípulos saíram e pregaram por toda parte; e o Senhor cooperava com eles, confirmando-lhes a palavra com os sinais que a acompanhavam”.

Gedeon Alencar nos informa que o *Boa Semente* trazia uma marca singular da cultura pentecostal que pode ser percebida nos textos de apologia. Ele diz que:

[...] a leitura do jornal reforça o discurso militante na medida em que, pessoas de todas as partes do país estão recebendo as mesmas curas, revelações, perseguições e batismos com o Espírito Santo e estão relatando nas páginas do jornal umas às outras.<sup>222</sup>

Isto remete-se ao pensamento de Pierre Bourdieu acerca da reprodução da ordem social. Em sua obra *O Poder Simbólico*, o autor afirma que “a cultura dominante contribuiu para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes)”.<sup>223</sup> É possível constatar na identificação dessa práxis pentecostal uma causa, que se mostra como sendo uma causa distinta e histórica que se desenvolve em certa conjuntura no tempo e no espaço.

Conforme Carl Hahn a obra pentecostal se inicia no Brasil concomitantemente a outros fatores:

Esta igreja chegou ao Brasil exatamente quando a migração do campo para a cidade começou a acelerar-se. Quando camponeses frustrados e analfabetos deslocados nas cidades formavam grandes favelas da noite para o dia, esta igreja veio ao encontro de uma necessidade social para essa gente. Seus pastores eram leigos ou leigos ordenados, isto é, homens que nunca haviam recebido preparo teológico e que falavam a mesma linguagem e pensavam do mesmo modo daqueles trabalhadores. À margem dos novos centros de comércio, transportes, manufaturas, comunicações e política, desenvolveram-se as salas de pregação das Assembleias de Deus.<sup>224</sup>

Fatores socioeconômicos somam-se à propagação inicial da fé pentecostal. Sua mensagem é harmoniosamente ajustada à realidade de grande parte do seu público

---

<sup>222</sup> ALENCAR, 2010, p. 81.

<sup>223</sup> BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989, p. 10.

<sup>224</sup> HAHN, 2011, p. 378-379.

receptor, e este passa a ter na aparência de uma Igreja simples dirigida por obreiros ignorantes, uma agência de refúgio ante tantas desilusões da vida.

Gedeon Alencar investiga o fenômeno de as doutrinas serem tão atrativas ao povo. O autor utiliza um outro conceito de Richard Niebuhr, “igreja dos deserdados” em contraposição à “igreja dos afortunados e cultos”. Em uma leitura geral na obra de Niebuhr acerca das origens sociais do protestantismo, Alencar destaca que o presbiterianismo era intelectualista, aristocrático e autoritário, e o luteranismo aliado à nobreza tornou-se religião estatal com os mesmos problemas que o catolicismo tinha antes. A partir disso não é difícil concluir que a Reforma Protestante não conseguiu satisfazer as necessidades dos camponeses e das demais classes subalternas, como, por exemplo, justiça social, participação popular no culto, fervor emocional e esperanças apocalípticas. Nesse sentido, a “igreja dos deserdados” tem visões, revelações, luz interior, atmosfera sobrenatural de milagres, tudo o que mais tarde representaria o pentecostalismo. Embora Richard Niebuhr não mencione o pentecostalismo em si, pois o metodismo se enquadraria nesse fenômeno estudado por ele, pode-se inferir o mesmo no pentecostalismo, pois não há nenhum outro movimento na atualidade que represente bem a ideia de Niebuhr.<sup>225</sup>

Somado a esse típico pentecostalismo nascente, que é marcadamente marginal, está a todo vapor um outro fator, absolutamente inusitado: o uso da palavra impressa, considerando o valor simbólico implícito do jornal em plena década de 1920. Nesse sentido, Alencar ratifica:

Assembleianos pobres na periferia tinham a seu dispor nesse momento um elemento incontestável de distinção social, mesmo muitos sendo semiletrados (talvez a grande maioria), mas de posse de um livro grande – a Bíblia – e de um jornal, ascendiam em importância.<sup>226</sup>

Acrescentamos o fato de que as reuniões dos cultos pentecostais começavam nas casas e os templos se instalavam nos subúrbios, a liturgia com caráter inclusivo, com uso de linguagem simples, cultos dirigidos por pares onde todos poderiam expressar suas individualidades. Isso elevava a autoestima e projetava um senso de identificação aos marginalizados.<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> ALENCAR, 2010, p. 34-35.

<sup>226</sup> ALENCAR, 2013, p. 139.

<sup>227</sup> SOUZA, Catiane Rocha Passos de. MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. In: **Extraprensa**: cultura e comunicação na América Latina. vol. 1, n. 1, 2017, p. 271.

Lemos algo em um número do *Boa Semente* absolutamente incomum. Esse número é inteiramente dedicado para falar sobre cura divina. Em todas as suas sessões foram escritos artigos para respaldar que a cura divina do corpo é algo real e para os dias de “hoje”. Esses artigos foram traduzidos do inglês e do sueco e continham exposição bíblica e testemunhos de pessoas que foram milagrosamente curadas.

O primeiro artigo, de primeira página, intitulado *A cura divina*, é inclusive um *Editorial* do jornal *Boa Semente* nesse número. É muito extenso, assim, limitamo-nos a apresentar alguns trechos:

Uma das verdades de Deus que hoje está muito combatida, certamente do “alto criticismo” e aqueles que o seguem mais ou menos de perto, é a cura divina do corpo. Esta verdade tem se tornado uma pedra de tropeço para muitos, porque uma grande parte d’aqueles que gostam de chamar-se “Revds” teem apostatado da simplicidade da fé que uma vez foi entregue aos santos [...] ficando assim também debaixo do anathema Gal 1:18. Defraudando as almas fracas e de pouco conhecimento espiritual, ensinando que os prodígios e manifestações de cura divina do corpo e outros dons espirituais só pertenciam ao tempo apostólico e findando o ultimo dos dozes apóstolos não aconteciam mais milagres desta ordem [...] Notamos agora o que Jesus diz: “Ide por todo o mundo [...] E estes signaes seguirão aos crerem: Em meu nome expulsarão os demonios; fallarão novas linguas; pegarão as serpentes; e se beberem alguma coisa mortifera, não lhe fará damno algum; e porão as mãos sobre os enfermos e os sararão”. Ficou a ordem do Senhor [...] Se estivesse escripto no v. 17 estes signaes seguirão os apóstolos, então teriam alguma razão de contestar a cura milagrosa [...] temos outras partes da Escriptura á nosso favor [...] Encontramos depois nos tempos postapostolicos que testificam das curas de seus tempos como Clemente (no fim do primeiro século) disse: “Homens receberam os dons de cura”. Irinéu (segundo século) disse: Homens curaram os doentes pelas imposição das mãos” [...] Orígenes (terceiro século) disse: “Homens tinham poder maravilhoso para curar invocando o nome divino de Jesus”. Em suas anotações de milagres diz Trench que Agostinho (354-430) na sua mocidade negou a continuação do dom de curar, mas que elle durante a ultima parte da sua vida annulou este dito e expressou grande confiança nesse dom. [...] Melanchton diz: “Eu estaria morto se não tivesse sido tirado da própria morte pela vinda Lutherô”. Dr. Horace Bushnell diz que no seu tempo havia signaes de revivificação dos dons apostolicos. John Wesley, que no principio de seu trabalho no evangelho estabeleceu uma pharmacia aos pobres, na ultima parte de sua vida creu inteiramente que se devia buscar a Deus para receber-se cura dos soffrimentos do corpo. Em seu diário conta 20 casos dos mais importantes. Dorothea Trudel de Mannedorf, Alemanha tornou-se um meio de cura para 10.000 pela oração, a ponto do governo reconhecer isto e dar-lhe licença para abrir hospitais e tratar doentes pela oração [...] Fora desses podemos nomear muitos outros, mas basta por agora [...] Ide ensinar todas as nações a guardar TODAS AS COISAS que vos tenho mandado. Amen.<sup>228</sup>

Os fragmentos acima demonstram o que foi especialmente registrado nesse número. A cura divina é defendida numa dinâmica argumentativa, que se inicia com a exposição de textos bíblicos para respaldar a veracidade das curas. Para contra

<sup>228</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Outubro de 1921, nº 13, p. 1-2.

argumentar o ensino que afirma terem cessado os dons e os sinais na era apostólica, o *Editorial* se vale de testemunhos da história da Igreja e até de escritores acadêmicos como do Dr. Horace Bushnell.<sup>229</sup> Por fim, esse longo artigo é seguido por diversos relatos que descrevem testemunhos de pessoas que foram milagrosamente curadas.

A experiência do batismo com o Espírito Santo é a marca distintiva de fé e prática pentecostal. É nessa doutrina que o membro pentecostal pauta sua vida. Acerca dela Gedeon Alencar diz que “é a experiência/adepto quem comprova e atesta o carisma, então, mês após mês os testemunhos/artigos se repetem, contando que em diferentes lugares e ocasiões pecadores aceitaram a Jesus e foram batizados com o Espírito Santo”.<sup>230</sup>

É oportuno lembrar o que Kenner Terra afirma: “A hermenêutica pentecostal é a reexperiência dos textos bíblicos”.<sup>231</sup> O autor lembra, a seguir, da afirmativa de Marius Nel: “O Movimento Pentecostal crê que o Espírito manifestou-se a si mesmo novamente com a glossolalia, profecia, milagres de curas e outros sinais que surgem contemporaneamente. Eles agora leem a Bíblia a fim de compreenderem a si mesmos”.<sup>232</sup> A Bíblia passa a ser um espelho que reflete a realidade da fé que o movimento professa. As histórias da Bíblia também são representações.

Fica compreendido que no pentecostalismo as experiências testemunhadas na Bíblia são vivenciadas na não mediação para construção dos sentidos, sentido este preponderante para o crente pentecostal, pois o torna participante do que lê. Assim, o testemunho dos milagres de Deus no presente é fundamental no processo hermenêutico. Para essa perspectiva, o Espírito é ponto axial, porque Ele não somente ilumina a intenção original, mas pode ainda elucidar um sentido contemporâneo o qual não é necessariamente idêntico ao original.<sup>233</sup>

Em outro ponto daquele artigo sobre a cura divina, lemos o seguinte:

---

<sup>229</sup> Teólogo norte americano da Igreja Congregacional. Foi editor literário do *New York Journal of Commerce* e professor na Universidade de Yale. Estudou Direito, mas, em 1831 entrou para o departamento de Teologia. Foi ordenado pastor da Igreja Congregacional do Norte. Defendeu fortemente a crença no sobrenatural, inclusive os milagres de Jesus e, ao mesmo tempo, defendeu a necessidade de ajustar as doutrinas cristãs com o contexto cultural em mudança. Disponível em: <http://historiacongregacional.blogspot.com.br/2013/08/horace-bushnell-o-pai-do-liberalismo.html>  
Acesso em: 10 set 2016.

<sup>230</sup> ALENCAR, 2010, p. 82.

<sup>231</sup> TERRA, Kenner Roger Cazotto. O êxtase na reforma: superando preconceitos e afirmando identidade. In: LIMA, Daniel Barros de. ALENCAR, Gedeon Freire de. CORREA, Marina Santos (Orgs.). **Reforma protestante e pentecostalismo: convergências e divergências**. Manaus: FBN/Vitória: Editora Unida, 2017, p. 31.

<sup>232</sup> NEL apud TERRA, 2017, p. 31.

<sup>233</sup> TERRA, 2017, p. 31.

[...] A doutrina no baptismo no Espírito Santo e da cura divina tem sido propagada neste jornal, porque queremos que estas verdades não sejam mais uma pedra de tropeço para os sinceros, que ainda tem falta de conhecimento neste assumpto, que é uma perola preciosa no meio das outras pérolas de verdade, que se encontram nas Sagradas Escripuras.<sup>234</sup>

É perceptível o modo que o redator trata aquilo que o próprio jornal se propõe a fazer: propagar as verdades pentecostais. As verdades listadas são o *batismo no Espírito Santo* e a *cura divina*, que segundo percebemos na leitura da fonte, são comparadas a pérolas das Escrituras, tão preciosas como tantas outras, ou seja, essas verdades compõe as verdades gerais da Bíblia e devem ser ensinadas para que ninguém se torne ou permaneça ignorante acerca delas. O jornal é, então, o veículo fundamental do anúncio dessas verdades.

Em um pequeno texto, em número de 1923 intitulado *Obedientes á doutrina*, lemos algo bem sugestivo para concluir esse tópico:

Os verdadeiros christaos não devem discutir a doutrina com os que resistem á verdade, isto é, ao Espírito-Santo. (Act. 7:51; II Tim. 3:8). Por essa razão, Jesus disse que não ditássemos as perolas aos porcos nem as coisas santas aos cães (Math. 7:6) E a Palavra de Deus é para crida e não discutida. (I Cor. 11:16). Mas o limite não termina aqui; porque Jesus tambem disse que não veio trazer paz á terra, mas a espada. (Math. 10:34). Mostrando claramente que temos de sustentar uma renhida lucta pela verdade. [...] Jesus disse: A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade d'elle, da mesma doutrina conhecerá se é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo. (João. 7:16,17). Podemos vêr que Jesus mesmo poe á prova a Sua doutrina, para os que buscam saber a vontade de Deus e obedecer-lhe [...].<sup>235</sup>

Nessa hermenêutica pentecostal, analisando o contexto do texto, temos a ideia geral de que não se deve discutir doutrina. Ao que se segue, há duas razões simples do porquê não se deve discutir doutrina: a primeira está pautada na resistência à doutrina, ou seja, resistir a verdade significa resistir ao Espírito Santo. A segunda razão, está pautada em Jesus, nem mesmo ele discutiu doutrina, apenas a obedecia, assim, pelos textos citados, pede-se que se faça o mesmo.

Abordamos assim, acerca da doutrina pentecostal e os enfoques, que denominamos, como histórico-teológicos, pois, objetivamos analisar a partir dos jornais como a doutrina pentecostal foi sendo disseminada por todo o país. Para a compreensão do fenômeno que se constitui o pentecostalismo brasileiro era necessária essa análise epistemológica da doutrina pentecostal nos e a partir dos jornais.

<sup>234</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, outubro de 192. n° 13, p. 1.

<sup>235</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1923, n° 27, p. 3-4.



## Capítulo 3

# REPRESENTAÇÕES DA FÉ PENTECOSTAL ENTRE IGREJAS: A RELAÇÃO CATÓLICO-PROTESTANTE-PENTECOSTAL

*O pentecostalismo descobriu nas massas esquecidas e analfabetas e nos adeptos do catolicismo popular um campo fértil para sua mensagem e métodos e obteve resposta.*

Carl Joseph Hahn

A relação dos membros pentecostais com as demais Igrejas no país, considerando, também, é um tema à parte dessa história. Esse capítulo busca identificar e compreender, a partir da *imprensa assembleiana*, como se davam as relações da Assembleia de Deus com outras Igrejas do período pesquisado, e como essas Igrejas atuavam no campo da imprensa com seus próprios jornais. Essa relação trouxe para a arena jornalística religiosa muitos embates.

A *imprensa assembleiana*, a saber, os jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e o *Mensageiro da Paz* estão carregados de notícias acerca da relação com outras Igrejas. No período de abrangência da pesquisa, de 1919 a 1933, são inúmeros os relatos. São as representações que a Assembleia de Deus produziu a partir da formação identitária de seu grupo na esfera pública por meio de intercâmbios e embates com outros grupos. Em alguns momentos há convergências, mas, a maioria das publicações manifesta divergências doutrinárias as quais acabaram por estigmatizar aqueles e aquelas que pertenciam ao grupo, chegando a denominá-lo, de modo depreciativo, como *seita pentecostista*.<sup>236</sup> Nesse sentido, vale, introdutoriamente, fazermos uma recapitulação do contexto em que o movimento pentecostal emergiu, inclusive, a partir do momento em que o *Boa Semente* passou a circular na cidade de Belém do Pará.

---

<sup>236</sup> Gedeon Alencar informa que no início os outros grupos chamavam o movimento pentecostal de seita pentecostista. “É dessa forma que o pentecostalismo é nominado por livros e jornais de outras denominações [...] é bem possível que fosse uma expressão depreciativa”. ALENCAR, 2010, p. 48.

### 3.1 Contextualização e inserção da fé pentecostal em Belém-PA

O pentecostalismo emergente do início do século XX, denominado pentecostalismo clássico, produziu uma cultura de fé distinta dos demais grupos evangélicos que desde século XIX se desenvolviam no país. A sua inserção, a partir de Belém do Pará, no início do século XX, enfrentou um contexto socioreligioso bastante desfavorável e hostil, pois, a Igreja Católica ainda gozava do *status* de ter sido a religião oficial do Brasil por muito tempo, embora a Proclamação da República anunciasse a laicidade.

Nessa ambiência, católicos e protestantes históricos enfrentaram a nova seita, inclusive por meio da imprensa, como uma publicação do padre Dubois no jornal católico *A Palavra* em 1923. Acerca do vertiginoso crescimento dos pentecostais ele declarou que o grupo era “uma desgraça que nem os protestantes gostavam”.<sup>237</sup> Embora houvesse protestantes históricos inseridos em Belém, a Igreja Católica era a Igreja predominante. Rafael Gama afirma que “Belém do Pará era uma cidade fervorosa em sua religiosidade, especialmente por seu catolicismo, rezas muitas vezes sincretizadas com banho de ervas, devoções aos santos e com fervorosa adoração a Nossa Senhora de Nazaré”.<sup>238</sup> Esse fervor advinha da tradição da celebração a histórica do Círio de Nazaré.

Os pentecostais se espalharam na região Norte com práticas impulsionadoras, principalmente, contra o Catolicismo da época. De acordo com Francisco Rolim a resistência pentecostal agiu fortemente contra a devoção aos santos, condenando tal prática de adoração a ídolos. Os santos de madeira ou barro e medalhas foram substituídos pela Bíblia. Cada crente era porta-voz da sua fé proclamando-a sem respeito com forte apelo proselitista. Ele se deslocava e carregava consigo sua Igreja para plantá-la no lugar onde morava ou em qualquer lugar que chegava, periferia, cidade ou vila. Era um agente de nucleação incipiente, ele não precisava de templo, nem de pastor. Dessa relação, também nascia a solidariedade de uma consciência mútua, pois, eram, predominantemente, pobres. Enfim, a novidade se espalhada rapidamente.<sup>239</sup> Nesse sentido, Paul Freston afirma que “A AD se espalhou, não só com a ação planejada de líderes, mas, também pela mão de leigos, geralmente, pessoas simples”.<sup>240</sup>

---

<sup>237</sup> GAMA, 2015, p. 7.

<sup>238</sup> GAMA, 2015, p. 14.

<sup>239</sup> ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**: Uma interpretação socioreligiosa. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 45-47

<sup>240</sup> FRESTON, 1994, p. 116.

O movimento nasceu intrigante, pois, surgiu de uma divisão na Igreja Batista de Belém do Pará. Gunnar Vingren e Daniel Berg chegaram ao Brasil sem nenhum apoio denominacional, mas, como tinham formação batista, foi com os batistas que eles iniciaram seu trabalho. Porém, “após sete meses em Belém, congregando na Igreja Batista, ocorreu um cisma a respeito da sua mensagem pentecostal. Dezoito pessoas foram excluídas da Igreja Batista e formaram uma nova igreja”.<sup>241</sup>

Acessando os registros da época, encontramos um documento que apresenta a versão batista acerca dessa expulsão. Vingren e Berg foram muito bem recebidos pelo pastor da Igreja Batista em Belém, o pastor Eurico Nelson,<sup>242</sup> que precisou se ausentar por ocasião de uma viagem pelos campos do Nordeste e os deixou na congregação na esperança de que eles pudessem ajudar no trabalho da igreja local. Porém, pouco tempo depois, por ocasião de algumas reuniões incomuns à Igreja Batista, diz o documento, que “começaram esses batistas a tremer e a gritar sendo já, a esta altura, imitados por alguns brasileiros [...] línguas e balelas tornaram os cultos um horror”.<sup>243</sup> (Ver anexo 30).

A seguir, o evangelista Raimundo Nobre, com a ajuda de mais um auxiliar, convocou uma reunião extraordinária para tratar do problema ocorrido, porém, o documento diz que “os pentecostais já constituíam a maioria, e com a minoria excluiu os que tinham se desviado das doutrinas. [...] Ficou dizimada a Igreja. Sem diáconos, uma desolação, este fim de 1911. Foi o começo do pentecostalismo no Brasil”.<sup>244</sup> A perspectiva batista é oportuna, pois, também dá sentido à compreensão do ambiente que se formava na gênese da fé pentecostal em Belém do Pará,<sup>245</sup> uma vez que, por essa perspectiva, os membros pentecostais é quem são os cismáticos, pois teriam dividido a unidade Igreja ali. Essa perspectiva legitima a narrativa dos batistas, inclusive, até os dias de hoje.

As memórias de Daniel Berg estão reunidas em uma biografia sob o título “Enviado por Deus”. Berg descreve acerca do cisma inicial com a Igreja Batista. Ele afirma que, após a expulsão, “Vingren chegou em casa com um folheto na mão [...] estavam os

<sup>241</sup> FRESTON, 1994, p. 115.

<sup>242</sup> Missionário sueco que chegou a Belém no ano de 1891. Eurico Nelson foi um exemplo de perseverança e fé enfrentando horrendas adversidades. Ele organizou, em 1897, a primeira igreja evangélica da Amazônia. Disponível em: <https://pibpa.org.br/sobre-nos/> Acesso em: 02 out 2019.

<sup>243</sup> REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003, p. 374.

<sup>244</sup> REILY, 2003, p. 374.

<sup>245</sup> Após o cisma descrito em 1911, encontramos o seguinte relato: “Todo o ano de 1912 foi para reparar os estragos feitos pela divisão e pelo pentecostismo”. MESQUITA. Antonio N. de. **História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935**. vol. II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 145.

nossos nomes em letra bem legível. Tinha sido escrito pelo pastor da Igreja Batista. Nele todas as igrejas eram prevenidas contra nós. Acusavam-nos de falsidade e de traição”.<sup>246</sup> Assim, Vingren e Berg enfrentaram perseguições de todos os lados, inicialmente pelos batistas e depois pelos católicos e demais grupos. Mas, apesar disso, eles viam, diariamente, crescer o número de novos adeptos, inclusive, de fiéis batistas e católicos.

De acordo com Carl Hahn “o pentecostalismo descobriu nas massas esquecidas e analfabetas e nos adeptos do catolicismo popular um campo fértil para sua mensagem e métodos e obteve resposta”.<sup>247</sup> Essa singularidade expressa na fé pentecostal foi tão combatente em sua evangelização e proselitismo, que instabilizou os demais grupos protestantes no país, que tiveram que reinventar sua liturgia para competir com os pentecostais e, ao mesmo tempo, proteger seus membros. É também por essa razão que, conforme afirma Hahn, “Igrejas Metodistas, Presbiterianas e Batistas perderam pastores, congregações locais e às vezes até mesmo grupos de igrejas para esse movimento. Um estudo do culto evangélico no Brasil não pode ignorar este movimento”.<sup>248</sup>

Em seu diário, Vingren relatou o momento em que quase foi morto em uma turba de católicos durante um batismo nas águas. Três pessoas eram batizadas quando centenas de homens se aproximaram do local. Eles estavam armados de facas e queriam impedir o batismo. Então, o líder deles empunhou uma faca e preparou para lançá-la contra Vingren, porém, uma irmã se interpôs entre o homem católico e Vingren, lhe salvando a vida. Era a irmã Celina Albuquerque, que constava entre os dezoito expulsos da Igreja Batista, e da qual os pioneiros afirmaram ter sido a primeira pessoa batizada com o Espírito Santo. Mais adiante, Vingren escreve que ele teria que lutar muito contra a mentira e toda superstição que o povo aprendeu desde criança pelos sacerdotes católicos.<sup>249</sup>

Pela compreensão dessa conjuntura, o ambiente para a implantação da fé pentecostal era extremamente difícil. Em 1919, com o advento do primeiro jornal oficial, o *Boa Semente*, isso ficaria mais latente, pois, os jornais reverberaram a tensão vivida pelos pioneiros da Assembleia de Deus. Na imprensa, eles entravam em um campo de luta ferrenha que exigiria muita perseverança, ainda mais se considerarmos a representação do grupo, situado na periferia socioreligiosa de Belém, sendo fortemente combatido pelos demais grupos religiosos da cidade.

---

<sup>246</sup> BERG, Daniel. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 63

<sup>247</sup> HAHN, 2011, p. 375.

<sup>248</sup> HAHN, 2011, p. 375.

<sup>249</sup> VINGREN, 1973, p. 43, 58.

Gunnar Vingren testemunha, em seu diário, um pouco da tensão e do efeito produzido pela propagação da fé pentecostal: “Naquele tempo, escreviam muitos artigos contra os crentes, mas, haviam também jornais que nos defendiam. As ondas de discussão iam bem altas [...].<sup>250</sup> Por essa declaração é possível imaginar o impacto que o movimento pentecostal causou através dos jornais e o alvoroço causado em outras igrejas.

A preocupação dessas igrejas era óbvia, não perder seus membros para a nova seita. Portanto, esse era o contexto socioreligioso de Belém no qual as publicações do jornal *Boa Semente* fariam ressoar, bem como, se fariam reverberar nas publicações dos jornais das outras Igrejas. Observando o conteúdo dos jornais, o *Boa Semente* apresentou em seu segundo número um corpo de doutrinas da fé pentecostal inscrito sob título: *O que nós cremos*.

*Cremos* que devemos e podemos entrar em comunhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo; e que esta comunhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua extranha, etc.<sup>251</sup>

Falar de sinais, prodígios sobrenaturais, dons e línguas estranhas não era apenas uma propaganda da fé pentecostal, mas, anunciava o poder e o arsenal apologético dos pentecostais. Eram os elementos de um discurso que atraía as pessoas, ainda mais quando, de fato, entre o povo ocorriam os sinais e as maravilhas que se anunciavam nas pregações. A leitura e a constatação disso nos jornais reforçava ainda mais o discurso de uma fé militante, pois, conforme Gedeon Alencar, “pessoas de todas as partes do país estão recebendo as mesmas curas, revelações, perseguições e batismos com o Espírito Santo e estão relatando nas páginas do jornal umas às outras”.<sup>252</sup>

Uma característica que marcava o grupo e que provavelmente causou a ira de protestantes históricos era a sua total aversão ao conhecimento teológico disseminado no pragmatismo de uma fé permeada, predominantemente, por um discurso antiintelectualista. Essa prática se opunha a qualquer tipo de exigência de formação teológica ou preparo intelectual como condição para que alguém recebesse ordenação pastoral. Alguns textos bíblicos reforçavam uma mentalidade centrada unicamente na experiência de cada pessoa com Deus, “pois, segundo o texto mais usado por esses

---

<sup>250</sup> VINGREN, 1973, p. 65.

<sup>251</sup> **Boa Semente**. Belém, 16 de Abril de 1919, nº 2, p. 1.

<sup>252</sup> ALENCAR, 2010, p. 78.

defensores da experiência, o texto de II Coríntios cap.3 verso 6, '[...] a letra mata, mas o Espírito vivifica' o que realmente importava era a unção do Espírito e não as letras".<sup>253</sup>

As publicações nos jornais da Assembleia de Deus reforçavam essa mentalidade em que a ação pragmática era mais importante que a ação reflexiva. Anos depois, em 1931, o *Mensageiro da Paz* publicaria um artigo denominado "Como ser um Bom Obreiro", no qual assevera que "o melhor seminário para o pregador, é o de 'joelhos' perante o Senhor. Ali, o Espírito Santo, nos transmite, os mais bellos e poderosos sermões. Alleluia! S. Pedro não foi formado por nenhum seminário".<sup>254</sup> Pedro é utilizado como "padrão doutrinário" para reforçar o discurso de aversão ao conhecimento. Essa seria a tônica que os jornais dariam ao assunto por toda a década de 1930 e, pelas décadas seguintes.

Eram muitos os artigos que reforçavam esse antitiinlectualimo pentecostal. Em 1937 foi publicado um extenso artigo, em que se alertava sobre os riscos eminentes do uso da teologia na Igreja. Sob o título "O teologismo humano e a simplicidade cristã – palestra entre irmãos", o ataque foi contra os teólogos que se contrastavam com uma vida piedosa e simples. Fragmentamos uma parte desse discurso:

Os teólogos são, espiritualmente secos. Curiosos esmiuçadores da história e dos fatos religiosos, em geral, perdem-se, ordinariamente em pesquisas mais ou menos importantes [...] Enquanto esses teóricos escavam e encontram *papeis*, o crente simples nas suas escavações (de joelhos dobrados) encontra *agua viva* com abundancia. Um acha a palavra que mata, outro o Espírito que vivifica. O primeiro tem o seu nome no lombo de compendios complicados, de difícil acesso, enquanto o segundo se satisfaz em ter o seu humilde nome no livro da vida [...] se, para irmos ao céu, necessitássemos ter a cabeça cheia de letras, os iletrados nada mais teriam à sua espera, que não fosse o inferno.<sup>255</sup>

Nesse texto, o jornal questiona a função e a utilidade do teólogo na vida prática da Igreja e apresenta um certo estilo contencioso que irremediavelmente provocaria as igrejas protestantes e seus teólogos, pois, tais igrejas, histórica e culturalmente, valorizavam o preparo intelectual e a formação teológica do pastor, inclusive como condição para sua ordenação ministerial, algo que o movimento pentecostal tornaria dispensável na demonstração pragmática de seu desenvolvimento.

Observando as linhas desse texto, vemos uma clara valorização do caráter prático da fé pentecostal em detrimento da reflexão e atividade contemplativa de teólogos. De um

---

<sup>253</sup> ARAÚJO, Arão Inocêncio Alves de. O Mensageiro da Paz: uma história do sagrado. In: **Cadernos da FaEL**, Nova Iguaçu-RJ: Universidade Iguaçu, FaEL. v. 1, n° 1, jan/fev, 2008, p. 4.

<sup>254</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1931, n° 18, p. 3.

<sup>255</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 2ª Quinzena de Agosto de 1937, n° 16, p. 2.

modo absoluto, eles são considerados “espiritualmente secos”, pois, são esmiuçadores da história e, por isso, se perdem ordinariamente em pesquisas que são caracterizadas como “mais ou menos importantes” para a Igreja. O argumento enrijece a comparação entre o teólogo e o crente e a crente simples com exemplos antagônicos, produzindo esteriótipos fechados sem nenhuma problematização, como quando é dito que enquanto os teólogos “encontram *papeis*, o crente simples nas suas escavações (de joelhos dobrados) encontra *agua viva* [...] O primeiro tem o seu nome no lombo de compendios complicados, de difícil acesso, o segundo se satisfaz em ter o seu humilde nome no livro da vida”.

Esse discurso é produto e produtor de sentidos para os membros pentecostais. Esse é o tom característico da gênese cultural de sua fé, que pode ser compreendida como base para a formação de seu próprio fundamentalismo. Além disso, esse é o cerne que inaugura um debate acirrado pelas páginas da imprensa para o enfretamento do que publicavam os jornais de outras Igrejas. Não obstante, entendamos que o conteúdo contencioso nas publicações pentecostais pode ser compreendido como uma reação, uma resposta a tudo o que os outros grupos publicavam e disseminavam acerca dos pentecostais.

### 3.2 A perspectiva católica a partir dos jornais

Embora o recorte temporal da pesquisa acerca da *imprensa assembleiana* seja diminuto, convém informar, introdutoriamente, a ampla dimensão do trabalho jornalístico católico. Ao mesmo tempo, os jornais que lidaram diretamente com o “problema” pentecostal são bastante reduzidos. Uma vez que as fontes católicas são secundárias nessa pesquisa, as que pudemos acessar foram suficientes para apresentar a perspectiva católica sobre a fé pentecostal e, assim, produzir um sentido divergente às práticas pentecostais.

A história da imprensa católica no Brasil remonta aos tempos do Império. A partir da década de 1970, um grupo de historiadores católicos se lançou em organizar estudos e pesquisas que pudessem dar sistematicidade e sentido a um grandioso arcabouço documental, que inclui, diversos periódicos católicos.<sup>256</sup> A obra pioneira desses estudos

---

<sup>256</sup> De acordo com Jérri Roberto Marin esses estudos não dissociaram a história das religiões da história da mídia, pois, “a apropriação dos meios de comunicação pelos diferentes segmentos religiosos possibilita trazer novas dimensões para a compreensão da religião na contemporaneidade. MARIN, Jérri Roberto.

foi “Os Bispos do Brasil e a Imprensa”, pertencente a Oscar de Figueiredo Lustosa. Nela foi realizado um extenso levantamento de exemplares dos jornais católicos publicados a partir de 1822, além de reunir diversos outros documentos e bibliografias sobre o tema. Lustosa estabeleceu uma periodização dividida em quatro fases: 1ª – *fase de iniciação* (1830–1860); 1ª – *fase de consolidação* (1870–1900); 3ª – *fase de organização e articulação* (1900–1945) e a 4ª – *fase de especialização* (1945/...).<sup>257</sup>

Os jornais católicos que acessamos encontram-se na *fase de organização e articulação*, portanto, um período de amadurecimento da imprensa católica no país. Acessamos alguns títulos desse período na “Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional” da Hemeroteca Nacional, destacando algumas publicações que diretamente trataram do movimento pentecostal. Os embates são amplos.

Uma publicação do padre Agnelo Rossi,<sup>258</sup> no jornal católico intitulado *A Cruz*, apresenta o tom jornalístico que a Igreja Católica tratou o movimento pentecostal nas primeiras décadas no Brasil. (Ver anexo 27). Após apresentar uma breve história do movimento pentecostal, o padre aponta para o que ele chama de “tática pentecostal”. Os membros pentecostais, afirma ele, “procuram captar a amizade e prestígio na congregação batista para depois fazer sua propaganda e desenvolver a ação separatista”.<sup>259</sup> Rossi fez referência ao primeiro episódio de divisão ocorrido na Igreja Batista de Belém com Vingren e Berg. Mais adiante ele assevera que:

O movimento cresceu rapidamente no Norte, no Vale do Amazonas, e agora se alastra por toda parte. Os outros protestantes comparam-no á ‘titirica’ que por todo canto deixa raízes. O mal que tem feito o espiritismo entre católicos fez o pentecostismo às outras denominações protestantes. Na verdade esse movimento nada mais é do que uma mescla de protestantismo e o mais baixo espiritismo.<sup>260</sup>

A comparação do pentecostalismo com o espiritismo seria uma das formas do ataque católico. Intentava-se tornar o movimento pentecostal sincrético, uma vez que sua

---

Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: v. 38, nº 3, set/dez, 2018, p. 197.

<sup>257</sup> MARIN, 2018, p. 197-199.

<sup>258</sup> Dom Agnelo Cardeal Rossi foi um sacerdote católico brasileiro, décimo sexto bispo de São Paulo, sendo seu quarto arcebispo e segundo cardeal. Foi o brasileiro que mais alto subiu na hierarquia eclesiástica, sendo considerado o maior expoente da Igreja do Brasil, chegando a ser cardeal-decano do Colégio Cardinalício. Disponível em: <http://arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/dom-agnelo-cardeal-rossi> Acesso em: 03 out 2019.

<sup>259</sup> **A Cruz**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1942, nº 21, p. 6.

<sup>260</sup> **A Cruz**. Rio de Janeiro, 24 de maio de 1942, nº 21, p. 6.

fé é expressa predominantemente com brados e gritos nas orações e movimentos corporais no culto sem nenhum tipo de constringimento.

É oportuno lembrar que o padre Agnelo Rossi foi o autor do “Diretório Protestante no Brasil” publicado em 1938, onde apresenta uma radiografia da ação protestante no país “com o especial propósito de preparar a Igreja Católica Romana para defender-se dos avanços das igrejas protestantes e atacar o protestantismo onde quer que ele se encontrasse”.<sup>261</sup> No capítulo intitulado “Maneiras de impedir e resistir à propaganda protestante”, Rossi ressalta: “Devemos combater os protestantes”.<sup>262</sup>

O padre Agnelo Rossi teve marcada presença na imprensa católica a partir da década de 1930. Durante a pesquisa, acessamos a “Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional”, e impressiona a quantidade de jornais católicos<sup>263</sup> nessa Hemeroteca com publicações de Rossi contra o pentecostalismo. (Ver anexo 28 e 29). São diversos jornais que davam espaço aos seus artigos, e não poucas vezes, citando o que diziam os jornais das Igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista entre outros, contra a fé pentecostal.

Apresentamos a seguir outras publicações do padre Agnelo Rossi que contemplam os elementos principais de seu combate:

[...] o pentecostismo é um resultado consequente e natural da regra de fé erigida pelo protestantismo. Constantemente surgem novas aberrações [...] O folhetim “Os pentecostistas”, divulgado pela Casa Publicadora Batista do Brasil, assim expressa: “Conhecendo esses métodos ardilosos, traiçoeiros, os crentes a um tempo poderão ver quão detestável é essa seita [...]”, o opusculo acima citado, considera os pentecostistas como “o joio por excelência”, “salteadores”, “falsos operadores de milagres” (pag. 15) [...] Os jornais protestantes, com frequência falam das tais “assembléias tremeliqueiras da onda herética”, da “seita nefasta” que se assemelha ao baixo espiritismo e feiticismo”. [...] Sem precisar aumentar esta lista, o que se poderá fazer sem dificuldade, já os leitores perceberam em que pé andam no protestantismo brasileiro as relações amáveis e fraternas com os pentecostistas”.<sup>264</sup>

O padre aqui não cita as Igrejas protestantes históricas contra o movimento pentecostal como se fossem aliados da Igreja Católica, ao contrário, ele aproveita os cismas internos entre as Igrejas protestantes para fundamentar ainda mais seu combate contra todas as Igrejas, especialmente, a Assembleia de Deus, para quem a Igreja Católica mais perdia membros nas últimas décadas. O argumento é que os membros pentecostais saíram de dentro do desvio protestante, produto do erro protestante e, é, como ele mesmo

<sup>261</sup> HAHN, 2011, p. 377.

<sup>262</sup> ROSSI, Agnelo. **Diretório Protestante no Brasil**. Campinas: Tipografia Paulista, 1938, p. 172.

<sup>263</sup> Os principais jornais que lemos são: *A Cruz* (RJ), *A Ordem* (RN) e o *Lar Católico* (MG).

<sup>264</sup> **A Ordem**. Natal, 3 de dezembro de 1941, nº 1844, p. 1.

denominou, uma “anti-seita”, que age como parasista das seitas. Por isso, chamou o problema dos cismas de “babel protestante”.<sup>265</sup>

O objetivo maior do padre Agnelo Rossi é que os leitores católicos não sejam “seduzidos” pelo suposto engano do pentecostalismo. Ao fim, expressa ironicamente que “os leitores perceberam em que pé andam no protestantismo brasileiro as relações amáveis e fraternas com os pentecostistas”. Em outra publicação o ataque foi ainda mais contundente, pois, para além do estigma representado pelas práticas pentecostais, o padre assevera que:

[...] vários nomes com que são apelidados os membros das Assembleias de Deus. Os nomes mais vulgarizados entre nós são: pentecostistas; pentecostais; pentecostes; pente-nas-costas, glórias; aleluias; rodadores; linguas; lingua de fogo; pedra hume, tremedores, etc. [...] A balburdia das assembleias, o espírito fanático dos adeptos, a doutrina da cura divina, o sentido da impecabilidade dos pentecostistas e os crimes que conduz esta persuasão, bem mostram que o movimento pentecostal é a maior blasfêmia atual ao Divino Espírito Santo.<sup>266</sup>

O apontamento das práticas doutrinárias pentecostais e os crimes praticados na persuasão deles levam o padre Agnelo Rossi a condenar, categoricamente, o movimento como sendo a maior blasfêmia contra o Espírito Santo, ironicamente, sobre o qual a mensagem pentecostal encontra seu maior fundamento. O pentecostalismo foi repudiado e odiado pela frente católica a este nível de ataque. Além disso, o texto mostra que Rossi se utiliza do jornal para propagar os nomes pejorativos dos pentecostais chamando-os de vulgar. A fé católica era assim protegida pelo texto combativo do padre Rossi.

Agnelo Rossi não foi uma voz solitária na imprensa católica, embora a produção do “Diretório Protestante no Brasil” tenha lhe dado maior destaque. Havia muitos outros articulistas e padres católicos que utilizavam os jornais na mesma direção dos textos de Rossi. Encontramos alguns artigos de Eurípedes Cardoso de Meneses,<sup>267</sup> ironicamente, um ex-pastor convertido ao Catolicismo em 1935. Dele extraímos o seguinte fragmento no jornal:

<sup>265</sup> Em outra publicação o padre Agnelo Rossi diz: “Como se não bastasse a exuberante e progressiva proliferação de seitas, que vêm complicar ainda mais a Babel protestante, surgem, com animadora frequência, as parasitas das seitas: as anti-seitas”. **A Ordem**. Natal, 10 de setembro de 1942, nº 2065, p. 2.

<sup>266</sup> **A Ordem**. Natal, 15 de setembro de 1942, nº 2069, p. 3.

<sup>267</sup> Eurípedes Cardoso de Meneses formou-se em ciências e letras, filosofia e teologia pelas faculdades de teologia do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Rio Grande do Sul. Pastor protestante (luterano) convertido ao catolicismo. Se tornaria político e forte líder católico atuante na Imprensa, na Igreja e na Universidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/meneses-euripedes-cardoso-de> Acesso em: 04/10/2019.

Cindir para “reformatar” é mania de quase todos os filhos, netos e bisnetos de Lutero e de Calvino. Já os luteranos e os calvinistas pretenderam “reformatar” a Igreja Católica; a “igreja” dos luteranos-livres surgiu para reformatar os luteranos; a dos Discipulos para reformatar os presbiterianos; os metodistas se levantaram para reformatar os anglicanos, e os pentecostais, que pretendem se alastrar agora no Brasil, vieram á luz para reformatar todas as seitas e tambem para acabar de vez com a Igreja Católica [...] que chama delicadamente de “Meretriz do Apocalipse” [...] Sua principal característica, porém, é considerar imprescindível ao cristão o carisma extraordinario concedido por Deus á Igreja Primitiva – o *dom de linguas*, que dizem ser prova de ter “o crente” recebido o batismo purificador do Espirito Santo. Suas reuniões são autenticas macumbas. Os resultados práticos, os mais lamentaveis e desastrosos. [...] “*A Mensagem*”, folha presbiteriana em seu numero de 1-10-39 [...] classifica de ridicula a pretensão dos adeptos de uma seita tubulenta e de confusão [...] se arroga o privilegio de ser a “Assembleia de Deus” [...] O “*Jornal Batista*” de 28-9-39, pag. 10 chama a seita pentecostal de “onda heretica”. [...] a solução não depende de altas controversias historicas, filosoficas e teologicas, mas apenas de patriotismo esclarecido, da consciencia profissional e da ação energetica do sr. Delegado de Policia.<sup>268</sup>

Nesse fragmento do artigo de Eurípedes Meneses temos uma argumentação baseada em uma lógica simples de interpretação da história dos cismas protestantes. Nela, Lutero e Calvino são os primeiros causadores das divisões, pois, a partir deles, a lógica teria sido a mesma nos séculos seguintes com os demais ramos do luteranismo, calvinismo e anglicanismo, sendo o pentecostalismo o seu pior subproduto. Este último ramo fazia mais barulho, “literalmente”, e ousava atacar, firmemente, o predomínio católico no Brasil, pois, seu público alvo eram os pobres e analfabetos católicos os quais não tinham, como indica Francisco Rolim, “nenhuma participação nos cultos católicos oficiais”.<sup>269</sup>

Como pentecostais, todos e todas eram, rapidamente, engajados e engajadas nos trabalhos da Igreja, um exercício prático do princípio luterano de *sacerdócio universal* de todos os crentes. Houve, nesse sentido, uma assimilação desse princípio na vida prática dos membros pentecostais.

Embora o movimento pentecostal, à época, fosse um grupo considerado *inculto*, os membros faziam a sua leitura de mundo e do exercício de sua fé com muita convicção. O texto de Eurípedes Meneses revela que os pentecostais chamavam a Igreja Católica de “Meretriz do Apocalipse”. Isso deve ter causado grande alvoroço entre os membros da Igreja Católica, daí o motivo do porquê eles escrevem, com todo ímpeto, contra o pentecostalismo.

<sup>268</sup> A Cruz. Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1939, nº 50, p. 3-4.

<sup>269</sup> ROLIM, 1985, p. 42.

Após utilizar as referências dos jornais protestantes, tal como fez o padre Agnelo Rossi, o problema pentecostal é exposto como um caso insolúvel e, Meneses afirma, como quem também tem muita convicção, que “a solução não depende de altas controversias históricas, filosóficas e teológicas, mas apenas de patriotismo esclarecido”. Em suma, o pentecostalismo era caso de polícia, religião de pobre sempre foi caso de polícia.

Acerca desse ambiente tenso e efervescente que se passava na imprensa católica da época, Micheline de Vasconcelos afirma que:

A corrente ultramontana tentou frear as transformações pelas quais o mundo ocidental passava, tais como o liberalismo, o socialismo, o racionalismo, o protestantismo, assim como algumas modificações na sociedade civil, entre elas a liberdade religiosa, o casamento civil e a liberdade de imprensa. O *Imprensa Evangélica*, além de seu caráter pioneiro entre a imprensa protestante, mostrou-se relevante por dar visibilidade aos protestantes no Brasil de então, combatendo abertamente a oficialidade católica ligada ao ultramontanismo.<sup>270</sup>

O ultramontanismo<sup>271</sup> representou, durante muito tempo, na contemporaneidade, a forte tentativa da Igreja Católica manter o controle do discurso religioso como detentora de uma única fé verdadeira, rejeitando quaisquer ideias modernas de liberdade religiosa e a própria laicidade do Estado.

Mesmo após a Proclamação da República no Brasil, o que em tese representou a separação da Igreja do Estado, o catolicismo permaneceu por muitas décadas reivindicando seu espaço e monopólio no ideário religioso brasileiro. No Norte do país isso também foi evidente e se fez ressoar.

Embora passados mais de 50 anos da Proclamação da República que, em tese e constitucionalmente,<sup>272</sup> a Igreja Católica deixava o *status* de religião oficial do Estado brasileiro,<sup>273</sup> ela ainda permanecia tendo forte poder e influência na esfera pública, o que

<sup>270</sup> VASCONCELOS, 2010, p. 36.

<sup>271</sup> De acordo com Ivan Manoel, o ultramontanismo pode ser definido como “um conjunto de medidas teórico e práticas alicerçadas na condenação a modernidade em seu conjunto (sociedade, política, economia, cultura) tendo a medievalidade como paradigma; centralização das atitudes da Igreja em Roma, reforçando a infalibilidade papal, sobretudo após o estabelecimento dessa diretriz como dogma após o concílio do Vaticano I em 1870; valorização do episcopado e o reforço do magistério retomando o tomismo, considerado pela Igreja a única filosofia necessária para o cristão”. MANOEL, Ivan Aparecido. **O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960)**. Maringá: Eduem, 2004, p. 123.

<sup>272</sup> Conforme publicação do Senado da República, dentre várias inovações da Constituição Republicana de 24 de fevereiro de 1891, está a “separação entre a Igreja e o Estado, não sendo mais assegurado à religião católica o status de religião oficial”. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/constituicoes-brasileiras> Acesso em: 05 out 2019

<sup>273</sup> O primeiro decreto de resolução da Constituição Republicana trata da questão da liberdade religiosa, é o Decreto nº 119-A, de 7 de janeiro de 1890. Resumidamente, o artigo 3º afirma: “A liberdade aqui instituída abrange não só os indivíduos nos actos individuais, sinão tabem as igrejas [...] cabendo a todos

lhe dava a prerrogativa de continuar fazendo o que sempre fizera no Brasil, cercear a liberdade de culto, perseguir e destruir<sup>274</sup> quaisquer outras religiões que considerava heréticas, as quais condenava e chamava todas, indiscriminavelmente, de seitas.

Com o passar das primeiras décadas do século XX, a Igreja Católica foi perdendo o controle do discurso da verdade religiosa no país. Não bastasse isso, via as Igrejas protestantes se estabelecerem, crescerem e ainda terem imprensa própria, entre estas, até pentecostais “ignorantes” da Assembleia de Deus. Émile Léonard utiliza uma afirmação de Fernando de Azevedo para caracterizar a relação entre a nação e a religião: “À antiga comunhão de sentimentos que se tinha formado entre o clero e a nação [...] sucedeu hoje uma indiferença recíproca, uma dissociação entre a igreja e o século, entre a religião e as forças vivas da sociedade”.<sup>275</sup> Esse era o sentimento e a percepção acerca do combate católico ante às sutis novidades da fé protestante que crescia a cada dia.

Era uma batalha perdida, a saber, a luta da Igreja Católica contra os protestantes no Brasil. Somente anos mais tarde, por ocasião da realização do Concílio Vaticano II<sup>276</sup> a Igreja Católica teria reestabelecido seu percurso e seus caminhos na contemporaneidade, inclusive, reconhecendo os movimentos de renovação carismática<sup>277</sup> como uma expressão legítima da fé católica. Parece até ironia, mas, assim é a História. A origem da renovação carismática católica deu-se por meio do diálogo e intercâmbios com irmãos e irmãs pentecostais nos EUA em 1967, como esforço para compreender a ampla perspectiva cristã da experiência com Espírito Santo, embora alguns católicos possam

---

o pleno direito de se constituírem e viverem colectivamente, segundo o seu credo e a sua disciplina”. [...] Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm) Acesso em: 06 out 2019

<sup>274</sup> De acordo com Émile Léonard as violências esporádicas são desaparecidas absolutamente, pois agindo assim, certos padres acreditavam estar protegendo suas paróquias. Leonard expõe relatos de templos das Igrejas Presbiteriana, Metodista e Batista que foram incendiados na década de 1930 por católicos no interior de Minas Gerais, São Paulo e Bahia. LÉONARD, Émile G. **O protestantismo no Brasil: estudo de eclesiologia e história social**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2002, p. 235.

<sup>275</sup> LÉONARD, 2002, p. 233.

<sup>276</sup> O Concílio Vaticano II é considerado um dos mais importantes eventos da história da Igreja contemporânea, realizado em Roma de 1962 a 1965. Como resultados somam-se ao todo, entre *Constituições, Declarações e Decretos*, 16 documentos que alteraram significativamente a compreensão da Igreja Católica sobre sua presença e ação no mundo contemporâneo. Entre tantos temas polêmicos foi repensada a questão da liberdade religiosa e as relações com as outras igrejas cristãs. Os documentos que tratam desses assuntos são a *Declaração Dignitatis Humanae* e o *Decreto Unitatis Redintegratio* respectivamente. Cf. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)

<sup>277</sup> Em 14 de setembro de 1993 ocorreu o reconhecimento pontifício do movimento carismático por meio do “Decreto AIC 73 Pontificium Consilium Pro Laicis”. Quatro dias depois, em 18 de setembro de 1993 o Papa João Paulo II publicou um discurso aos líderes da renovação carismática no mundo. Cf. [https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1993/september/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19930918\\_rinnovam-carismatico.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1993/september/documents/hf_jp-ii_spe_19930918_rinnovam-carismatico.html)

afirmar que essa renovação foi fruto da oração<sup>278</sup> do Papa João XXIII. Portanto, essa é a perspectiva católica acerca da inserção do pentecostalismo no Brasil no período de circulação dos jornais pentecostais pesquisados.

### 3.3 A perspectiva protestante a partir dos jornais

Algumas obras ajudaram a nortear a leitura do protestantismo histórico no Brasil, bem como, assinalaram o acesso a alguns jornais pertencentes às Igrejas protestantes que fizeram frente ao avanço do movimento pentecostal. As principais obras foram *O protestantismo no Brasil* de Émile Léonard; *O Celeste Porvir* de Antônio Gouvêa Mendonça e *História documental do protestantismo no Brasil* de Duncan Alexander Reily, obras consideradas clássicas, por assim dizer, pois, apresentam uma vastíssima documentação histórica acerca dos diversos grupos protestantes no Brasil. Os apontamentos a seguir apresentam a perspectiva dos jornais das Igrejas<sup>279</sup> Batista e Presbiteriana.

Como já apontado, os membros pentecostais da Assembleia de Deus no Brasil nasceram do cisma com a Igreja Batista de Belém-PA, assim que os missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg se instalaram naquela Igreja pela permissão do pastor Eurico Nelson. Nesse período os membros pentecostais ainda não tinham o seu primeiro jornal em circulação, aliás, nesse período o movimento não tem nada patrimonialmente. Após a expulsão passaram a viver numa tensão ambígua: por um lado, tinha muita gente lhes perseguindo, por outro, muita gente se convertendo à sua pregação.

Eurico Nelson é considerado na história dos batistas no Brasil, o *apóstolo da Amazônia*.<sup>280</sup> Além de vários trabalhos abertos na região, Nelson foi o fundador da primeira Igreja Batista de Belém, em 1897, e de Manaus, em 1900. O jornal que faremos uso é *O Jornal Baptista*<sup>281</sup> que existe desde 1901, publicado na cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>278</sup> Na *Constituição Humanae Salutis* (Convocação do Concílio Vaticano II) o Papa João XXIII transcrevera a seguinte oração “Renova em nossa época os prodígios, como em novo Pentecostes [...]”. Cf. [http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html)

<sup>279</sup> As Igrejas Luterana e Metodista também tiveram jornais nesse período, mas, optamos por eleger os jornais das Igrejas Batista e Presbiteriana por representarem bem o olhar protestante sobre os pentecostais.

<sup>280</sup> CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906**. vol. I. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962, p. 197.

<sup>281</sup> *O Jornal Baptista* surge no dia 10 de janeiro de 1901, no Rio de Janeiro, pelas mãos de W. E. Entzminger. Contudo, apenas na Assembleia da CBB do ano de 1909, realizada na cidade de Recife, é que a publicação se tornou o órgão oficial da Convenção Batista Brasileira, com o propósito de servir, instruir e divulgar

Infelizmente o acesso aos principais números desse jornal foi muito difícil, e ficamos limitados nas diversas tentativas junto à sua Casa Publicadora.<sup>282</sup> (Ver anexo 25).

Por meio da leitura da obra clássica “História dos batistas do Brasil até 1906” do Dr. A. R. Crabtree foi possível identificar uma informação acerca do trabalho na região amazônica. Em seu primeiro número, o jornal fez referência ao trabalho de Eurico Nelson: “O nosso colega Eurico Nelson continua com sua ativa propaganda, vendendo exemplares das Escrituras aos milhares [...] Em fins do ano findo organizou em Manaus uma igreja batista com 20 membros. [...] houve a notável conversão de um fabricante de imagens”.<sup>283</sup>

A Igreja Batista se lançou no empreendimento editorial muito tempo antes do nascimento do movimento pentecostal. Suas atividades datam do ano de 1893 quando foi fundada a Casa Publicadora Batista, iniciando assim as publicações de alguns panfletos, hinários e livros. O trabalho evoluiu até a fundação do *O Jornal Baptista* que segundo Crabtree representa “o maior serviço que a Casa Publicadora prestou à causa Batista”.<sup>284</sup> Chama atenção uma informação presente no primeiro número onde os redatores publicaram dez conselhos para o bom desempenho da missão do seu jornal. O sexto conselho reza: “Tratar cortêsmente a todos, até os adversários”.<sup>285</sup>

Os batistas tinham suas diferenças com outros grupos protestantes históricos no país, porém, elas eram ínfimas, salvo uma ou outra exceção. Com a Igreja Católica as diferenças eram mais acirradas e o seu jornal evidencia as muitas divergências, perseguições e conflitos, mas, nada se compararia ao enfrentamento do movimento pentecostal, que provocaria o cisma na Igreja Batista de Belém em 1911, e que, a partir de 1919 teria o seu próprio jornal, o *Boa Semente*. O sexto conselho publicado no primeiro número do *O Jornal Baptista* não resistiria ao teste do tempo. Em seu jornal, foram diversos os ataques e embates doutrinários contra o pentecostalismo.

---

as ações dos batistas brasileiros, além de defender a causa da denominação. Disponível em: [http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=12](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=12) Acesso em: 06 out 2019.

<sup>282</sup> Após seguidas tentativas de acesso (junto à Convenção Batista Brasileira) aos números do *O Jornal Baptista* do período do cisma de Belém em 1911, bem como, de outros números do período em que, concomitantemente, circulava o *Boa Semente*, desistimos de obtê-los e optamos por trabalhar apenas com os números que pudemos acessar entre amigos/as pesquisadores/as e na Hemeroteca Nacional (números distribuídos, não sequenciáveis, entre os anos de 1928 a 1938), uma vez que a perspectiva batista acerca da fé pentecostal não muda no escopo do período da pesquisa.

<sup>283</sup> CRABTREE, 1962, p. 200.

<sup>284</sup> CRABTREE, 1962, p. 193.

<sup>285</sup> CRABTREE, 1962, p. 194.

Selecionamos dentre os números que tivemos acesso do *O Jornal Baptista*, uma exposição bíblica sob o título “A doutrina de línguas”, contestando a doutrina, sendo essa uma das marcas da fé pentecostal. Fragmentamos um trecho:

O dom de línguas nos dias apostólicos mostrou a influencia e o crescimento da Causa de Deus. Há quatro textos nos Actos dos Apostolicos referentes ao dom de línguas como resultado do poder do Espirito Santo nos homens, e cada um refere-se á entrada da verdade entre um povo diferente. Em Actos 2:4 [...] para que os judeus de todas as nações [...] ouvisse as boas novas na sua propria lingua. [...] em Samaria o poder do Espirito Santo desceu sobre aquelles que receberam a imposição das mãos dos apóstolos (Actos 8:17). Mais tarde lemos, [...] Actos 10:44-46 [...] o poder se manifestou entre os Romanos. A passagem de Actos 19:6 refere-se ao dom de línguas dados aos gregos [...] não haverá um segundo Pentecostes porque o Espirito Santo fica conosco para sempre (João 14:16). O dom de línguas serviu de signal para os infiéis (I Cor. 14:22, 23), e ocupa o ultimo lugar na categoria dos dons dada por Paulo em I Cor. 12:28. [...] O fenômeno não se manifestou em todos os que receberam o Espirito Santo. Os crentes de Corinto foram todos baptizads no Espirito (I Co. 12:13), mas nem todos falaram em lingua estranha (I Cor. 12:30). Por causa disto o apóstolo Paulo descriminou contra esse dom, prohibindo qualquer pessoa utilizar-se delle sem interprete (I Cor. 14:28), porque é loucura diante do mundo (I Cor. 14:23) [...] Desordem na igreja [...] Deus não é de confusão (I Cor. 14:33).<sup>286</sup>

A perspectiva bíblica dos batistas acerca dos dons espirituais é cessacionista.<sup>287</sup> O extenso artigo fundamenta essa perspectiva com textos bíblicos desde o Antigo Testamento até o livro de Atos, mas, especialmente, os de Paulo em sua primeira carta aos Coríntios. O autor do texto, anônimo por sinal, não distingue *Glossolalia* de *Xenolalia*, mas, trata dos seus efeitos por igual, ou seja, todas as manifestações de línguas desconhecidas cumpriram, tão somente, seu propósito no tempo apostólico para que o mundo conhecesse as Boas Novas do Evangelho.

Nessa perspectiva, não há uma segunda benção após a salvação. O batismo com o Espírito Santo em si, ocorre no momento da regeneração espiritual da pessoa convertida a Cristo. Por isso, os textos de Paulo aos Coríntios seriam chaves para pôr fim ao debate, pois, ali, Paulo estabeleceu a ordem no culto e o correto exercício dos dons para o seu tempo, condicionando o uso do dom de línguas à sua interpretação. Mas, então, o que dizer dos fatos já conhecidos da manifestação e uso dom de línguas entre os membros pentecostais?

<sup>286</sup> **O Jornal Baptista**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1929, n° 30, p. 5.

<sup>287</sup> A tese cessacionista está baseada na ideia de que alguns dons e seus ministérios equivalentes apresentados no Novo Testamento são ordinários e perpétuos, enquanto outros são considerados extraordinários e foram gradativamente desaparecendo da vida da igreja a partir do fim da era apostólica.

Após a exposição bíblica propriamente dita, o jornal direciona seu texto a atacar todos e todas que ainda criam na manifestação desse dom tal qual descrito no livro de Atos. A parte final do texto diz:

Em analysar o phenomeno que se manifesta hoje em dia entre os que professam ter o dom de linguas devemos lembrar que a mente póde dominar o corpo sem o consentimento consciencioso deste, produzindo sobre certas condições, como resultado de suggestão, emoções, gritos, e fala mysteriosa. A repetição continua de “Glória a Jesus” e “Glória”, e a esperança de ter em breve o poder para falar linguas estranhas, produzem um impulso hypnotico que elles, os inquiridores atribuem ao Espirito Santo. Estas cousas são produzidas mais facilmente num corpo fraco, pelo hysterismo, na presença de grande numero de pessoas, pela concentração da mente no dom desejado e por influencias poderosas feitas á pessoa submissa á ellas. O poder satanico transformado em agencia de luz illude a humanidade fazendo-a acreditar no phenomeno psychico como se fosse a obra do Espirito Santo. A obra do Espirito Santo é outra. Por elle o mundo é convencido do pecado, da justiça e do juízo. [...] A distribuição dos dons está com elle, dons estes que são dados para “aperfeiçoamento dos santos para obra do ministério para edificação do corpo de Christo” [...] não para a producção de escândalos que o chamado dom de línguas opera entre as almas incautas e sem doutrina [...] fanatismo que produz desastre desgosto e derrota, e não glorifica a Deus.<sup>288</sup>

No início do texto o fenômeno de línguas estranhas é atribuído meramente a uma condição psicológica, uma espécie de fenômeno psíquico, uma sugestão mental que na coletividade dos sentimentos exprimidos, geravam, invariavelmente, as manifestações do fervor pentecostal, supostamente, atribuídas ao Espírito Santo. Essa é a ideia! A despeito dessa argumentação, ironicamente, a sentença é desferida àqueles e àquelas que acreditam no uso do dom de línguas como obra do poder satânico, embora não cite, em nenhum momento, crentes pentecostais. Ao fim, reitera, que a distribuição dos dons compete ao próprio Espírito Santo com a finalidade do aperfeiçoamento dos santos na Igreja. Seria essa mais uma ironia? O texto ainda fala da ocorrência de muitos escândalos, mas, que escândalos seriam estes?

Em outro número acessamos um artigo sob o título “O pentecostismo” no qual são relatadas muitas histórias sobre os membros pentecostais, além de algumas severas acusações. Fragmentamos alguns trechos do artigo em duas partes:

Os resultados finaes do Pentecostismo são quase sempre funestos. Perdem-se nas doutrinas mais antibiblicas e até vergonhosamente immoraes. Trarei agora alguns exemplos de casos que conheço, ou pessoalmente, ou por informação de muitas testemunhas oculares. [...] Nas suas pregações os pentecostistas declarados têm só dois assumptos: Espirito Santo, uma especie de defesa do pentecostismo hodierno, e os Baptistas, ataque que dirigem aos últimos [...] Um dos fructos mais funestos do Pentecostismo é a acção mandatária dos espíritos

<sup>288</sup> **O Jornal Baptista**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1929, nº 30, p. 5.

maléficos. Entre outras imoralidades, a de maior destaque é a da troca de mulheres, a mando, dizem dos espíritos. [...] No Estado de S. P. uma prophetiza tomou o marido de outra, em obediencia ao mando do espirito, dizendo: “Entre nós não existem mais diferenças espirituaes; não podem tambem existir physicas”. Correu já até o boato que ia nascer o christo deste par, boato que exprime o maior sacrilegio que eu jámais ouvi, com os meus proprios ouvidos. No mesmo estado uns jovens metteram-se numa cova “para orarem melhor a Deus!” [...].<sup>289</sup>

O artigo é assinado pelo Dr. Pedro Tarsier, um erudito escritor e teólogo batista, que se apresenta como testemunha de muitas histórias vivenciadas quando esteve próximo a crentes pentecostais ou que ouviu, segundo afirma, “de muitas testemunhas oculares”. Inicialmente, é informado que as pregações pentecostais possuem apenas dois assuntos: o Espírito Santo e os Baptistas. O primeiro, sendo a sua principal marca, pois os pentecostais pregavam a manifestação do Espírito Santo tal como nos tempos bíblicos, e, o segundo assunto, os batistas, de onde os pentecostais surgiram no cisma de Belém. Se o que Tarsier informa tem seu sentido de verdade, é provável que nas pregações os pentecostais fizessem muitas menções às doutrinas batistas as quais haviam deixado de crer.

A seguir, Tarsier inicia a desferir uma série de ataques aos pentecostais. Trata-se de alguns escândalos absurdos atribuídos a “espíritos maléficos” que provocavam, entre crentes pentecostais, diversas práticas imorais, como “troca de mulheres” entre casados; uma profecia para que uma mulher tomasse o marido de outra e, nesse caso, Tarsier divulga esse caso como boato a ponto de informar que “ia nascer o christo deste par”. Temerário? Enfim, a sequência das histórias termina com o relato de alguns jovens pentecostais que teriam entrado numa cova de cemitério “para orarem melhor a Deus!”

Na segunda parte que fragmentamos, temos um outro tipo de ataque aos pentecostais. Suas práticas são atribuídas a Satanás:

Os pentecostistas declarados se levantam contra tudo que é santo e puro. Abaixam-se ao nível dos animaes irracionais. [...] Há poucos dias mostrou-me um irmão russo um jornal Pentecostal, onde se diz que a pessoa póde andar com Espirito Santo, póde ser dirigido pelo Espirito Santo, estar no Espirito Santo, etc., e ainda não possui-O no seu coração. Que ideia perversa e que mente obscurecida! [...] O sacrilégio dos sacrilégios é que os pentecostistas falam em nome do Espirito Santo, as coisas mais vergonhosas. [...] O crime não consiste em eles falarem “línguas estranhas”, mas em attribuirem a acção do espirito do homem á do Espirito Santo. Elles zombam do Espirito do Altissimo, pois dão-lhe attributos maléficos, attributos vis e até diabolicos. [...] eles falam em nome e em virtude do próprio Satanás, sendo auxiliares do Anti-christo, e sendo um preludio insonoro da marcha do Anti-christo que há de apparecer em breve no mundo (I

<sup>289</sup> O **Jornal Baptista**. Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1930, nº 52, p. 6.

Tim 4:1; I João 2:18-23; 4:1-6). Deus queira estender a Sua dextra poderosa sobre nós e proteger-nos de todo o mal. Sirva este artigo para abrir os olhos de muitos, afim de não caírem nos laços do Pentecostismo! Permaneça o amor fraternal. I João 4:7; Heb. 13:1.<sup>290</sup>

Depois dos supostos casos de escândalos, nessa parte do artigo vemos Tarsier desferir os mais duros ataques às práticas pentecostais. Os membros pentecostais se levantam contra tudo o que é puro e santo e agem como animais irracionais. Há a referência a um jornal pentecostal, que considerando o tempo e o espaço, pode se tratar do *O Som Alegre* ou o próprio *Mensageiro da Paz*, jornais estes que seguidamente publicavam temas acerca do “andar e ser dirigido pelo Espírito Santo”. Porém, e isso nos chama a atenção, essa ideia é absolutamente rejeitada por Tarsier, pois, segundo ele mesmo: “Que ideia pervertida e que mente obscurecida!”.

Essa é a tônica final do artigo, pois, o objetivo do ataque é desacreditar as práticas pentecostais, não apenas atribuindo-as às ações humanas ao invés do Espírito Santo, mas, também sentenciá-las como atos diabólicos como sendo obra “do próprio Satanás”. Utiliza textos bíblicos para relacionar o “Pentecostismo” ao advento do Anticristo. Ao fim, clama a Deus para protegê-los de todo o mal e reitera o objetivo do artigo: “abrir os olhos de muitos, afim de não caírem nos laços do Pentecostismo!”.

Tivemos ciência, por meio da Hemeroteca Nacional, que circulou em Manaus nos anos 1920 um jornal denominado *O Baptista Amazonense*, jornal local, pertencente à Primeira Igreja Batista de Manaus. Seu diretor e principal redator foi o pastor José Munguba Sobrinho que a época também fundou a Segunda Igreja Batista de Manaus.<sup>291</sup> Lamentamos o fato de não podermos ter acessado os números disponíveis desse jornal.<sup>292</sup> Mais adiante, o nome do pastor Munguba seria citado no *Boa Semente* em meio a um grande embate que se deu com a Assembleia de Deus em Manaus. Trataremos dessa história mais adiante.

Por fim, perguntemos pelos presbiterianos, que também fizeram frente ao avanço pentecostal no Brasil e combateram a fé pentecostal, fortemente, em seus jornais.

<sup>290</sup> **O Jornal Baptista**. Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1930, nº 52, p. 6-7.

<sup>291</sup> No portal da Segunda Igreja Batista de Manaus acessamos o seguinte histórico: “No dia 17 de janeiro de 1921, sob a direção do Pastor José Munguba Sobrinho, junto a 15 irmãos que vinham da PIB de Manaus, foi organizada a Segunda Igreja Batista de Manaus. O pastor José Munguba Sobrinho foi o primeiro líder da Segunda Igreja Batista de Manaus”. Disponível em: <http://www.sibmanaus.com.br/quem-somos/historia/>. Acesso em: 14 out 2019.

<sup>292</sup> Acessamos o site da Biblioteca Nacional e conseguimos acessar apenas as informações de três números do *O Baptista Amazonense* (jun.1919/set.1920/set.1922) e tratam-se de números microfilmados. Ao que parece, esses números estão disponíveis apenas no Rio de Janeiro, pois em Manaus, no IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, base local da Biblioteca Nacional, nenhum número foi encontrado.

Tivemos o acesso completo<sup>293</sup> ao histórico e centenário jornal presbiteriano *O Estandarte*. (Ver anexo 26). O uso desse jornal se deu, primeiramente, pela necessidade do acesso a alguns números do ano de 1919. Neste ano ficou conhecida entre os membros presbiterianos a publicação de uma série de artigos sob o título de “Invasão Pentecostista”, escrita pelo Reverendo Manoel Machado<sup>294</sup> por treze semanas ininterruptas, entre 13 de março e 26 de junho de 1919.

Os artigos de Manoel Machado são essencialmente teológicos e se constituem em uma representação doutrinária e antagônica ao discurso da fé pentecostal. Trata-se de alguém que liderou Igrejas Presbiterianas (Presbitério do Norte) na região Norte e Nordeste e, dessa forma acompanhou de perto o crescente avanço da obra pentecostal nessas regiões.

Não temos a pretensão de analisar os treze artigos de Manoel Machado, mas, construir uma síntese de sua abordagem nos primeiros artigos com o objetivo de conhecer a tratativa que presbiterianos deram a pentecostais, assim como a interpretação que tinham acerca das doutrinas pregadas por pentecostais. A abordagem presbiteriana ao problema pentecostal não difere dos batistas, mas, também confirma os conflitos e divergências ocorridas entre os grupos que acabaram por reverberar nos jornais.

A Igreja Presbiteriana enfrentou alguns cismas em seu desenvolvimento histórico no país por diversas razões, dentre elas, questões de ordem doutrinária. Conforme Sérgio Gini “em termos históricos, porém, tanto a questão do batismo ou plenitude do Espírito Santo, também chamada de segunda bênção, quanto a dos carismas, ou dons, sempre estiveram em

---

<sup>293</sup> Devemos registrar que no dia 11/11/2017, entramos em contato, via e-mail, com a Igreja Presbiteriana Independente, por meio do seu Ministério da Comunicação, departamento responsável pelo jornal *O Estandarte*, e solicitamos alguns números do ano de 1919, referenciando uma série de artigos intitulada “Invasões Pentecostistas”, publicada naquele ano pelo Reverendo Manoel Machado. No dia 16/11/2017 recebemos e-mail do André Lima, membro da equipe editorial do jornal, disponibilizando um link de acesso a todos os números digitalizados do jornal *O Estandarte* de 1893 até 2012, desejando sucesso a nossa pesquisa. Registramos, assim, a nossa generosidade à Igreja Presbiteriana Independente, que com essa atitude demonstrou compromisso com a pesquisa histórica cedendo livremente as fontes históricas de seu jornal.

<sup>294</sup> Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado, foi pastor em vários estados do Nordeste [...] pertencia ao Presbitério do Norte da IPI [...] Em 1919, Manoel escreveu em *O Estandarte* uma série de artigos intitulada “Invasão Pentecostista”. Foi o porta-voz da Igreja Presbiteriana Independente do Norte do Brasil, indo ocasionalmente ao sul para defender a causa da sua região. O último sínodo a que compareceu foi o do cinquentenário da IPI, em 1953, quando foi registrado um voto de gratidão a Deus pela presença e exemplo do ministro mais idoso da denominação. Faleceu em Caruaru, Pernambuco, no dia 17 de agosto de 1954. Disponível em: <http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Parte-3-Pastores-nacionais.pdf> Acesso em: 16 out 2019.

debate no presbiterianismo pátrio e o consenso nem sempre tem sido possível”.<sup>295</sup> Não foi a implantação da Assembleia de Deus que despertou a Igreja Presbiteriana para a questão pentecostal, internamente o presbiterianismo já lidava com o problema, mas, a pregação arrojada e o trabalho proselitista pentecostal afetou seriamente as fileiras da Igreja, e assim, algo deveria ser feito a respeito.

O ano de 1916 é nossa primeira referência acerca do problema pentecostal, pois, segundo os registros da Igreja Presbiteriana Independente “o Rev. Manoel Machado pertencia ao Presbitério do Norte da IPI, que a partir de 1916 enfrentou problemas devido ao crescimento das Assembléias de Deus”.<sup>296</sup> Essa informação está contida no registro histórico elaborado a partir do livro “Os Pioneiros Presbiterianos do Brasil: Missionários, Pastores e Leigos do Século 19”, de Alderi Souza de Matos, historiador presbiteriano.

No primeiro artigo da série no *O Estandarte*, Manoel Machado contextualizou o raio de ação pentecostal afirmando: “Há já alguns annos que surgiu no Pará essa nova seita, cuja acção se tem feito sentir naquele Estado, no Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba do Norte e, segundo nos consta, já se acha actividade no Recife e em Maceió”.<sup>297</sup> As regiões Norte e Nordeste representam a extensão geográfica em que fez sentir o forte avanço da obra pentecostal. Por isso, Manoel Machado faz um alerta às Igrejas brasileiras, afirmando que “até agora não nos consta que Egreja Evangélica Brasileira se tenha pronunciado oficialmente pró ou contra esse novo ensino”. Machado, então, assevera os efeitos da ação da nova seita, relatando que “congregações inteiras teem sido arrebatadas por ella; e quanto mais ingênua é a congregação ou o crente individualmente, tanto mais fácil é a conquista”.<sup>298</sup> Esse relato demonstra o impacto sentido nas fileiras das Igrejas presbiterianas ao final da última década de implantação da Assembleia de Deus no Brasil.

Nesse artigo Manoel Machado faz uma refutação à interpretação pentecostal da passagem de Mateus 3:10-12:<sup>299</sup>

---

<sup>295</sup> GINI, Sérgio. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975). *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano III, n. 8, set, 2010, p. 128.

<sup>296</sup> **Pastores Nacionais**. Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado. p. 86. <http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Parte-3-Pastores-nacionais.pdf> Acesso em: 17 out 2019.

<sup>297</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 13 de Março de 1919, n° 11, p. 8.

<sup>298</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 13 de Março de 1919, n° 11, p. 8.

<sup>299</sup> A passagem bíblica de Mateus 3:10-12 diz: “Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível”.

[...] assim como os versículos 10 e 12 do cap. 3. de Math. são figurados, assim também o versículo 11 é uma figura. Ora, um tal combate forçosamente tem efeito negativo, porque o baptismo do Espírito Sancto, de que falou S. São, o Baptista, não foi uma figura, mas uma realidade, um acontecimento que teve lugar no dia de Pentecoste. Qualquer simples crente, indo examinar o ponto, verá que se engana muito quem assevera que o baptismo do Espírito Sancto é uma figura; porque realmente Elle desceu e baptizou os discipulos que o esperavam segundo a promessa de Jesus. Ainda hoje, embora o baptismo do Espírito Sancto não tenha a fôrma visível, como no Pentecostes, elle é uma realidade concretizada na vida regenerada e renovada do crente em Jesus Christo. Ninguém é regenerado por figura, porque isto seria um Christianismo rotulado. Combate-se, pois, o erro com pleno conhecimento de causa, examinando-se cuidadosamente a Palavra de Deus, sem sophisma e sem uma interpretação forçada.<sup>300</sup>

Essa refutação está baseada na ideia de que todos os aspectos presentes do versículo 10 ao 13, como árvore, fogo, palha, água, pá e trigo, são figurativos. Embora Manoel Machado acredite no Pentecostes (Atos 2), ele refuta a ideia de que o batismo com fogo presente no verso 11 seja relacionado ao evento de Pentecostes. O elemento figurativo do *fogo* nesse verso é tal qual os outros presentes no verso anterior, o 10, bem como, no posterior, o 12. Essa é a chamada *regra do contexto*, que segundo Machado, os membros pentecostais ignoravam, pois, consideravam o *fogo* presente nesse verso como a extensão e enchimento do Espírito Santo ou seja, uma segunda experiência após a conversão. A refutação e o argumento interpretativo de Machado é afirmar que a passagem se refere figuradamente a “uma realidade concretizada na vida regenerada e renovada do crente em Jesus Christo”. Esse é, então, o batismo no Espírito Santo na perspectiva presbiteriana, e segundo Machado “sem sophisma e sem uma interpretação forçada”.

Ao fim, Machado conclama outras pessoas a escreverem contra a seita pentecostal, advertindo que se algo não fosse feito “ficarão assolados os nossos campos”. Nos próximos artigos faria uma exposição do que os pentecostais creem, e avisa que tal exposição teria por base: “o que conhecemos de suas theorias, por um contato pessoal com eles em suas reuniões. Depois iremos sucessivamente confrontando o ensino deles com o da Escripura”, o que realmente Manoel Machado fez pelas próximas treze semanas nos números do jornal *O Estandarte*.

O objetivo desse primeiro artigo é tão somente informar aos leitores e leitoras, não só membros presbiterianos, mas, os outros grupos do protestantismo histórico, quem eram os pentecostais e o modo como se operava o seu proselitismo. Além disso, na série

---

<sup>300</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 13 de Março de 1919, nº 11, p. 8.

de artigos, a primeira refutação de Manoel Machado é a doutrina central da fé pentecostal, o batismo no Espírito Santo.

No segundo artigo, publicado na semana seguinte, Manoel Machado compartilha algumas experiências que ele presenciou nos cultos entre os membros pentecostais e o que deles ouviu pessoalmente. Inicia apresentando e distinguindo a crença pentecostal: “Crêem no batismo do Espírito Sancto ainda de uma fôrma visível como a do Pentecostes, com o vento impectuoso, o fogo e as línguas extranhas. Manteem que os mesmos poderes e dons apostólicos ainda existem [...] por que Cristo diz [...] Marc.<sup>301</sup> 16:17-18”.<sup>302</sup> Após essa explicação, Machado relata a liturgia dos cultos pentecostais e as experiências de seus membros, e faz isso com certo sarcasmo: “seus joelhos parecem de bronze; passam horas e horas ajoelhados [...] quando o individuo é possuído das convulsões, o seu estado physico é muito semelhante ao do moribundo [...] como uma galinha presa, pés e azas”.<sup>303</sup>

Após algumas descrições e comparações do gênero, Machado detalha algumas características do movimento pentecostal: “Em suas reuniões, todos, sem excepção, oram homens e mulheres [...] Eles não tem tribunaes ecclesiasticos que exerçam ordem ou disciplina [...] eles crêem que um crente salvo póde cair e perder-se”.<sup>304</sup>

Essas práticas representam expressões do movimento pentecostal em sua origem, são aspectos singulares da fé pentecostal. Homens e mulheres tinham ampla participação no culto, o que Machado parece considerar inapropriado. Acerca dos “tribunaes ecclesiasticos”, realmente, em 1919, a Assembleia de Deus não tinha realizado nenhuma Convenção e as igrejas eram implantadas em um sistema livre de organização, o que não significa que não havia disciplina na Igreja. Por fim, Machado fala de um aspecto teológico, que para os pentecostais, de fé essencialmente arminiana, trata-se de um aspecto de compreensão prática, a saber, uma pessoa salva não apenas poder cair da fé, mas, perder a salvação. Daí a ênfase pragmática no exercício e na vigilância da própria fé. A teologia pentecostal se fundamenta em um sinergismo<sup>305</sup> soterológico.

---

<sup>301</sup> A passagem de Marcos 16:17-18 diz: “Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos sobre os doentes, e estes ficarão curados”.

<sup>302</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 20 de Março de 1919, n° 12, p. 6.

<sup>303</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 20 de Março de 1919, n° 12, p. 6.

<sup>304</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 20 de Março de 1919, n° 12, p. 6.

<sup>305</sup> De acordo com Roger Olson, teólogo arminiano, sinergismo soterológico “é a ideia de que a agência de Deus e a agência humana cooperam mutuamente de algum modo para produzir a história e a salvação”. Olson apresenta o sinergismo evangélico de Jacobus Arminius lembrando que ele não negava a *perseverança dos santos*, mas, advertia contra a falsa segurança e certeza. Supomos que por isso “muitos arminianos posteriormente rejeitaram a perseverança incondicional e ensinaram que a pessoa pode

Os artigos seguintes do Reverendo João Machado se constituem em uma narrativa hermenêutica em que a doutrina presbiteriana é reafirmada em detrimento da doutrina pentecostal. As passagens bíblicas do Antigo Testamento, especialmente de Joel 2:28-29,<sup>306</sup> são interpretadas sob a perspectiva de seu ambiente histórico formativo, sua aplicação refere-se à nação de Israel, tão somente, e seu cumprimento restringe-se ao fato histórico de Pentecostes em Atos 2. Além disso, Machado critica, fortemente, o *dispensacionalismo* pentecostal.<sup>307</sup>

Até a publicação do último artigo, o décimo terceiro, Manoel Machado trata de algumas temáticas teológicas sob a perspectiva presbiteriana, provocando outros desdobramentos com o objetivo de refutar a fé e as práticas pentecostais. Em linhas gerais, a maior ênfase e aprofundamento se dão na reafirmação doutrinária de que o verdadeiro batismo no Espírito Santo, que se dá por meio da misericórdia de Deus, é o “baptismo de regeneração e renovação do Espírito Sancto, que elle derramou sobre nós abundantemente por Jesus Christo nosso Salvador, afim de que, justificados pela graça, fossemos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna”.<sup>308</sup> A regeneração e a renovação do Espírito Santo de uma pessoa em Cristo fundamentam todos os artigos de Manoel Machado, e ele assevera que isso só pode ser compreendido por uma correta hermenêutica bíblica e pelo bom senso. Vejamos a perspectiva pentecostal nesses embates.

### 3.4 A perspectiva pentecostal a partir dos jornais

A perspectiva doutrinária pentecostal tem sido apresentada no bojo de toda essa pesquisa, mas, selecionamos algumas publicações que diretamente trataram dos problemas que o movimento enfrentou com a Igreja Católica e as demais Igrejas protestantes. Tratam-se dos embates da fé pentecostal com essas Igrejas por meio dos jornais, onde há uma infinidade de casos e histórias nas quais os pentecostais puderam,

---

perder a salvação por indiferença e também pela rejeição consciente da graça. Muitos outros arminianos passaram a crer na segurança eterna dos genuinamente regenerados e justificados pela graça”. OLSON, 2001, p. 260; 482.

<sup>306</sup> A passagem de Joel 2:28-29 diz: “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias”.

<sup>307</sup> Cf. **O Estandarte**. São Paulo, 27 de Março de 1919, nº 13, p. 6.

<sup>308</sup> **O Estandarte**. São Paulo, 10 de Abril de 1919, nº 15, p. 6.

através de seus jornais oficiais, estabelecer uma resistência a tudo o que sofriam enquanto grupo periférico, sectário e proselitista.

É oportuno apresentar a primeira referência que o *Boa semente* fez ao tratamento pejorativo dos outros grupos que chamavam os pentecostais de seita pentecostista. A publicação data de outubro de 1921, quando o jornal não possuía periodicidade:

[...] Dizem que os “pentecostistas” dão preeminência ao dom de linguas e ao dom de curar, mas é porque não os conhecem de perto. Se os conhecessem de perto saberiam que aqueles que assim vulgarmente são chamados, em primeiro lugar buscam dar gloria a Jesus e testificar de amor de Amor aos peccadores, com o fim de que sejam salvos do peccado. A doutrina no baptismo no Espirito Santo e da cura divina tem sido propagada neste jornal, porque queremos que estas verdades não sejam mais uma pedra de tropeço para os sinceros, que ainda tem falta de conhecimento neste assumpto, que é uma perola preciosa no meio das outras pérolas de verdade, que se encontram nas Sagradas Escripturas.<sup>309</sup>

A referência os “pentecostistas” na publicação aponta para o tratamento que os grupos católicos e protestantes davam aos membros pentecostais. Como já demonstrado sob suas perspectivas, eles possuíam (ainda possuem) outras interpretações acerca dos dons de línguas e de cura divina. Nesse número, o redator pentecostal enfatiza que “a doutrina no baptismo no Espirito Santo e da cura divina tem sido propagada neste jornal”, são as principais marcas da fé pentecostal e o jornal é seu principal propagador. Acerca do que os outros grupos propagam sobre esses dons, ele também salienta que o motivo desse estigma difamador não é outro senão a falta de conhecimento.

O jornal *Boa Semente*, criado em 1919, foi o primeiro órgão da Assembleia de Deus a lidar com essa tensão especialmente no contexto da região Norte e Nordeste do Brasil. Mais adiante com a criação do *O Som Alegre* em 1929, e mais fortemente, com a chegada do *Mensageiro da Paz* em 1930, a Assembleia de Deus entrava definitivamente na arena jornalística a partir e diretamente da capital federal do país. Porém, ao fazermos uma comparação dos jornais da *imprensa assembleiana* com os demais jornais de outras Igrejas usados nessa pesquisa, fica notória a simplicidade técnica dos jornais pentecostais.

Em sua pesquisa Gedeon Alencar também faz essa comparação apresentando algumas diferenças, com certo detalhamento, entre o *Mensageiro da Paz* e o *Expositor Cristão*<sup>310</sup> jornal da Igreja Metodista. Em linhas gerais O *Mensageiro da Paz* jornal

<sup>309</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Outubro de 1921, n° 13, p. 1.

<sup>310</sup> O *Expositor Cristão* é o jornal oficial da Igreja Metodista no Brasil. Tem mais de 130 anos de história. O *Expositor Cristão* foi fundado em 1º de janeiro de 1886 pelo missionário norte-americano John James Ranson. É também o jornal protestante brasileiro mais antigo ainda em circulação. Disponível em: <https://www.expositorcristao.com.br/sobre> Acesso em: 27 out 2019.

compunha-se de artigos, poesia, notícias sobre a “obra”. “Na Seara do Senhor”, “Breves Monções”, “Testemunhos”, e diversos drops de anúncios institucionais. Venda da Harpa Cristã e o Psaltério Pentecostal, Revistas de EBD, entre outros. Convites para as Escolas Bíblicas, Convenções e inaugurações de novos templos. O jornal é de uma simplicidade franciscana. Usa o mesmo tipo de letras em doze páginas, pouquíssimas fotos, nenhuma ilustração e nenhuma propaganda. Um observador, isoladamente, poderia até se pensar que era estilo da época, mas, comparado com o *Expositor Cristão*, o *Mensageiro da Paz* perde e muito. O *Expositor Cristão* tem dezesseis páginas, inúmeras ilustrações, inclusive uma página infantil. Diversas fotos com uma diagramação mais moderna, diversas propagandas de profissionais liberais, empresas e eventos. Ressaltando-se que as instituições educacionais metodistas têm um espaço privilegiado de propaganda. Parece que o *Expositor Cristão*, além de exercer o mesmo objetivo do *Mensageiro da Paz* para sua igreja, que é o de divulgar a própria igreja e sua mensagem, realiza também algo que o *Mensageiro da Paz* parece não se propor, a saber, a divulgação do status da igreja para os que são de fora dela. O *Expositor Cristão* também mostra o seu foco, a classe média e alta, com suas instituições e seus “membros doutores”. O *Mensageiro da Paz* se presta apenas à evangelização.<sup>311</sup>

Não obstante, seu conteúdo carrega as representações de um discurso doutrinário combatente, predominantemente apologético nas inúmeras referências que faz acerca das outras Igrejas que refutam a fé pentecostal. Enquanto a Assembleia de Deus estabelecia seu jornal, o *Boa Semente*, foi publicado em junho de 1924 um pequeno artigo intitulado: “Não cessaram os dons”. Em sua introdução afirma que:

Há uma longa e grande controvérsia entre os que se levantam para defender a pureza das doutrinas ensinadas por nosso Senhor Jesus Christo e os que, desviando-se da sã doutrina, se dão às fabulas, mal orientados pelo racionalismo contraproducente que bem assignala a apostasia dos últimos tempos. A questão allusiva aos dons é, actualmente, de grande interesse e contitúe, sobremodo, o pomo de discórdia entre os que affirmam a sua existencia e os que a negam.<sup>312</sup>

Nessas linhas iniciais o autor, identificado ao final do artigo apenas com as iniciais P. A., assinala o quadro da discórdia acerca da contemporaneidade dos dons espirituais. O racionalismo, entendido como uma crítica à razão teológica, é criticado e apontado como causa de apostasia. Mais adiante o autor assevera e argumenta que não cessaram os dons:

<sup>311</sup> ALENCAR, 2010, p. 115.

<sup>312</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Junho de 1924, n° 37, p. 3.

[...] Pois bem; afirmamos convictamente que não cessaram os dons, e que tampouco fôram privativos dos apóstolos, visto que a obra do ministerio, não sendo susceptível de solução de continuidade através dos tempos, não pôde jamais effectivar-se sem os dons; e si não existem hoje, por força de regra ou por inferencia logica, o ministerio deixou de existir, o que não se pôde admitir. Ministério e dons estão visceralmente ligados [...] onde há ministerio, há, sem duvida dons. [...] Os dons são causa; o ministerio o effeito [...] P. A.<sup>313</sup>

Além de negar que os dons tenham cessado na era apostólica, argumenta na ideia de que a compreensão da natureza dos dons precede o exercício do ministério, da chamada, vocação de cada pessoa salva pelo Evangelho. Dons e ministérios possuem uma relação intrínseca, portanto, não se pode negar um sem negar o outro, nem vice-versa.

Como já anunciado, os membros pentecostais sofreram forte oposição católica na cidade de Belém nos anos da formação da Assembleia de Deus, e, à medida que a Igreja crescia, também se intensificavam as perseguições. Essa era a lógica legitimadora da fé do movimento pentecostal, e tal lógica era, de igual modo, reverberada nos jornais, pois, havia uma repetição exaustiva em todas as notícias, como indicado por Gedeon Alencar: “estamos evangelizando; daí vem a perseguição (tal como na Igreja primitiva); muitas pessoas estão se convertendo (Deus está conosco); Muitos batismos (sempre os dois); Nós temos a verdade”.<sup>314</sup> Estes aspectos tem sido percebidos nas publicações que até aqui temos analisado, mesmo que não seja necessariamente nessa ordem.

Assim como a Igreja Batista, de onde os primeiros membros pentecostais são originários, a Igreja Católica sofreu com o forte proselitismo da fé pentecostal, como já referido, por meio dos jornais católicos. Esse proselitismo não consistia em apenas fazer da doutrina pentecostal a verdade que “convertia” católicos à nova fé, mas, também em atacar os ensinamentos católicos, uma vez que por meio deles fiéis católicos eram levados a duvidar da fé pentecostal. Gunnar Vingren descreveu indignado algumas falas dos sacerdotes católicos as quais chamou de mentiras e superstição. Vingren assevera:

Algumas mentiras são: “A Bíblia dos protestantes é falsa”; “Salvação só se consegue por meio da santa Igreja Católica”; “A virgem Maria é a mãe de Deus, deve ser adorada e é também intercessora junto ao seu filho Jesus”; “Os santos devem ser adorados, pois eles também intercedem por nós”.<sup>315</sup>

Essas expressões são as mais básicas de entendimento comum do povo católico brasileiro. Mais adiante Gunnar apresenta outras falas com maior indignação:

<sup>313</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Junho de 1924, nº 37, p. 3.

<sup>314</sup> ALENCAR apud SOUZA, MATOS, 2017, p. 272-273.

<sup>315</sup> VINGREN, 1973, p. 58.

“A Bíblia”, dizem os padres, “só pode ser compreendida pelos sacerdotes e não deve ser lida pelo povo. Salvação só se consegue por intermédio dos santos e por meio das boas obras que se fazem, e também depois de passar por uma purificação no Purgatório. Dali as pessoas vão para o Céu. Os que não vão à missa e não obedecem aos costumes e dogmas católicos são do Diabo, mesmo que sejam as pessoas mais puras, santas e justas do mundo. Se alguém lê a Bíblia protestante, só por isso vai para o inferno”. Isso é o que os sacerdotes católicos ensinam ao povo.<sup>316</sup>

Como já dissemos, o Concílio Vaticano II alteraria profundamente a relação da Igreja Católica com os chamados “irmãos separados”, de outras denominações. Mas, todas essas expressões ressignificam, no tempo histórico pesquisado, a perspectiva pentecostal acerca da hegemônica fé católica no Brasil. Elas constituem o poder doutrinal da Igreja Católica na formação da mentalidade religiosa brasileira. Ao analisarmos o que Gunnar descreve, quando refere que “são do Diabo” quem não ia à missa e, iria “para o inferno” quem que lesse a Bíblia protestante, entendemos que não se tratava apenas de poder doutrinal religioso, mas, um poder coercitivo de ordem psicológica. Portanto, foi contra essa dominação que o movimento pentecostal atuou em seu proselitismo.

Nesse sentido, e como parte da lógica da obra pentecostal, muitas pessoas estavam se “convertendo”, fiéis católicos estavam abraçando a fé pentecostal e o jornal precisava ser porta-voz desse fato. Eram inúmeros os relatos e testemunhos de pessoas que deixaram o catolicismo romano. Sob o título “Minha Conversão”, o *Mensageiro da Paz* publicou a longa história de Ludovico Barbosa, um ex-católico que relatava sua nova experiência de fé. Em linhas gerais ele diz:

Por meio do “Mensageiro de Paz”, venho fazer notório a todos os meus presados irmãos e leitores a minha conversão ao verdadeiro christianismo [...] procurei arranjar uma Biblia Sagrada, logo mostrando a um padre, o qual disse-me: “É falsa! Queime”. Isto fiz em obdiencia a este reverendo. Continuei assim, na minha cegueira [...] Procurei comprar uma outra Biblia Sagrada identica á primeira, monstrando a outro padre. Este disse-me que aquella Biblia era verdadeira, acrescentando que aquelles que estudavam a Biblia Sagrada, contumavam a mudar de religião, mas como eu era um catholico pratico e fervoroso, podia lel-a [...] Comecei a ouvir a voz do Espirito Santo [...] agora, estou descansando nos braços de Jesus! [...] peço as orações de todos os santos, pois a perseguição da parte dos padres contra mim tem sido tenaz, até por cartas tem me offendido, por ter deixado a egreja apostata. Deus é o meu auxilio, Jesus, o meu defensor! Alleluia! Ludovico Barbosa Correa.<sup>317</sup>

Relatos como esses legitimavam o proselitismo dos membros pentecostais e as conversões lhes davam a convicção de serem portadores da verdade, mesmo que o mundo

<sup>316</sup> VINGREN, 1973, p. 58.

<sup>317</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 01 de Outubro de 1931, nº 19, p. 4.

inteiro os considerassem heréticos. A história confirma o desinteresse que os padres tinham em oportunizar a leitura da Bíblia aos fiéis. Ao que parece, no testemunho relatado, o segundo padre deu abertura para que Ludovico lesse a Bíblia, pois, o padre suponha ser ele era um católico prático e fervoroso. O padre não negou que a Bíblia fosse verdadeira, mas, alertou que “aquelles que estudavam a Biblia Sagrada, contumavam a mudar de religião”. Foi exatamente o que ocorreu com Ludovico Barbosa, que, por isso, passou a ser perseguido e ameaçado pelos padres, conforme registra em seu relato. Há outras histórias do gênero, com perseguições violentas contra os membros pentecostais, como apedrejamento de congregações, insultos e até ameaças de morte, ao ponto que, muitas vezes as autoridades serem obrigadas a intervir.

Entre tais registros está a emblemática história de Otto Nelson, missionário sueco e pastor responsável por implantar a Assembleia de Deus em Maceió-AL, em 1915. O fato ocorreu no ano de 1923. Nelson residia no bairro de Bebedouro, em Maceió, quando um dos seus filhos morreu, um bebê de apenas 10 meses de idade. Quando Nelson foi realizar o enterro, foi surpreendido com a informação de que o padre católico romano não permitiria que a criança fosse sepultada no cemitério local. Além de se opor ao enterro, o padre levantou a população contra o missionário e instigou os membros católicos dessa comunidade a se oporem aos membros pentecostais. Por causa dessa ordem, os coveiros foram obrigados a cavar a sepultura do menino do lado de fora do cemitério. Sem poder enterrar seu filho, Otto Nelson teve que apelar às autoridades para que o enterro fosse realizado, implorando uma solução urgente, pois, de outra maneira ele não poderia enterrar o menino. Ao tomar conhecimento da proibição imposta pelo padre, o delegado mandou que uma escolta de soldados acompanhasse o enterro até o cemitério e ali guarnecesse os membros pentecostais, enquanto era realizada a cerimônia de sepultamento, que só pôde ocorrer à noite, sob a luz de candeeiros.<sup>318</sup>

Esse clima de permanente tensão, que violentava até mesmo dignidade humana, só faz algum sentido quando observamos o crescimento acelerado do movimento pentecostal, especialmente na região Nordeste, considerando ser esta a principal razão das perseguições, a saber, o forte crescimento da Assembleia de Deus, que se dava por meio de sua fé pragmática e militante, mas, também se fazia por meio de seu forte proselitismo.

---

<sup>318</sup> ARAÚJO, 2007, p. 504.

A chamada “seita pentecostista” crescia sobremaneira, aliás, a ponto de, em apenas 20 anos de existência, ter se espalhado por todo o Brasil e ser maior do que qualquer outro grupo, por assim dizer protestante, que inclusive chegaram no Brasil com mais antecedência que o movimento pentecostal.<sup>319</sup> São questões imbricadas como tantas outras o são, porém, é inegável a constatação do fenômeno do crescimento.

Nos primeiros números do jornal *Boa Semente*, lemos várias notícias que demonstram a expansão acelerada do movimento pentecostal no país. Geralmente essas informações eram publicadas numa sessão denominada “Do Campo”. Anunciamos aqui algumas delas fragmentadas:

Quero dá algumas noticias do trabalho aqui. Temos novos logares de culto onde com liberdade podemos fallar o evangelho [...] Há algumas pessoas crendo e muitas desejosas. Estive em um novo logar onde pude testificar a cerca de cinquenta pessoas. O dono da casa que é pessoa de certa importancia no logar, creu lancando fora os seus idolos [...] Galdino Candido do Nascimento – Alagôa Grande – Parahyba.<sup>320</sup>

O trabalho do Senhor em Pernambuco vae animado, Jesus está dando graça para que nós possamos anunciar as bôas novas aos peccadores [...] Desde o princípio deste ano muitos teem sido baptisados no Espirito Santo. Temos tido cultos em trez differentes partes da cidade e assim espalhamos a Palavra de Deus e o Senhor dá o crescimento. No fim do anno passado estive entre nós o nosso irmão Vingren durante trez semanas [...] Jesus vem breve, sejamos fieis até o fim e Elle nos dará a corôa da vida – Joel Carlson.<sup>321</sup>

De Nova Cruz, R. G. do Norte escreve o irmão Adriano Nobre, que elle ali baptizou 19 pessoas em agua no dia 8 de Maio. O trabalho do Evangelho ali tem agora um anno e há cerca de 50 crentes em Jesus. Deus os abençoe para que elles cresçam em numero e em graça do Senhor.<sup>322</sup>

Através da leitura dessas notícias do campo missionário, constatamos a expansão da obra pentecostal para a região Nordeste, nos Estados de Rio Grande do Norte e Paraíba, região onde o movimento cresceu e se desenvolveu mais rapidamente nas primeiras décadas. É possível também perceber, nos depoimentos do campo, uma distinta espiritualidade na descrição dos fatos, que tinha o objetivo de legitimar o crescimento da obra e a verdade da fé pentecostal.

Dentro do recorte histórico dessa pesquisa no contexto da região amazônica, mais precisamente no Estado do Amazonas, o nome e a atuação do pastor José Paulino

<sup>319</sup> ALENCAR, 2010, p. 73-76.

<sup>320</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1920, nº 7, p. 4.

<sup>321</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1921, nº 10, p. 3.

<sup>322</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1921, nº 11, p. 3.

Estumano de Moraes<sup>323</sup> ganha destaque. José de Moraes presidiu a Igreja em Manaus por cinco vezes nas duas primeiras décadas de sua existência. A Igreja em Manaus, como já informamos, foi implantada em 1918 por Samuel Nyström e, posteriormente, em seus primeiros anos de existência, a Igreja sempre sentiu a ausência de um pastor que acompanhasse por mais tempo o desenvolvimento da obra na cidade.

Após ter sido ordenado por Gunnar Vingren para assumir o chamado pastoral, o primeiro lugar em que José de Moraes atuou como pastor da Assembleia de Deus foi em Manaus, de 1924 a 1927. Foi Gunnar Vingren quem o enviou e, essa foi a primeira de cinco vezes em que José de Moraes pastoreou a Igreja amazonense. O último pastor responsável pela Assembleia de Deus ali foi o pastor Manoel da Penha e acerca da obra que realizou em Manaus, o jornal *Boa Semente* publicou um breve relatório onde Penha descreve que “em Manáos estive 19 mezes, muitos pecadores creram em Jesus [...] alguns têm recebido o batismo no Espírito Santo. Alguns crentes não tinham um verdadeiro conhecimento do batismo no Espírito Santo, agora estão crendo em toda Palavra de Deus”.<sup>324</sup>

É sob esse positivo ambiente espiritual que José de Moraes assumiu a Igreja no Amazonas. A ênfase que observamos no relato de Manoel da Penha está na frase que ele afirma que “alguns crentes não tinham um verdadeiro conhecimento do batismo no Espírito Santo”. A Assembleia de Deus faz do batismo no Espírito Santo seu principal emblema. A Bíblia torna-se incompleta se tal conhecimento não for apregoado e crido. Salvação e batismo são imperativos, pois, à medida que a pessoas pecadoras estão crendo em Jesus, também estão sendo batizadas no Espírito Santo.

Com essa contextualização destacamos o avanço da obra pentecostal, ao oeste amazônico, no Estado do Amazonas, mais precisamente na cidade de Manaus, atestando o trabalho, eficiente e dinâmico, do pastor José de Moraes. Em comparação com a Assembleia de Deus de Belém-PA, a Igreja de Manaus é muito pequena. Acessamos no *Boa Semente* um relatório da Igreja em números e algumas atividades nesse período. Abaixo transcrevemos algumas partes do mesmo:

---

<sup>323</sup> José de Moraes converteu-se ao Evangelho em 1902 na Igreja Batista, tendo sido batizado nas águas pelo pastor Almeida Sobrinho. Em 1917, creu na doutrina pentecostal e recebeu o batismo no Espírito Santo. Dois anos depois, foi consagrado ao ministério, tendo assumido a Assembleia de Deus em Natal (RN). Moraes foi um dos pastores presentes na primeira Escola Bíblica de Obreiros em Belém em 1922. Em 1924 foi designado por Gunnar Vingren para assumir o pastorado da Assembleia de Deus em Manaus que ocorreu de 1924 a 1927; ainda em 1927 um curto período de meses; de 1929 a 1930; de 1933 a 1934 e pela última vez de 1940 a 1942. ARAÚJO, 2007, p. 481-482.

<sup>324</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Fevereiro de 1925, nº 45, p. 4

Noticias do Campo. Manáos – Amazonas. Glória a Deus nas maiores alturas! Sua obra tem sido maravilhosa. As varas de sua videira tem fructificado. Alleluia! [...] Dezesete foi o numero dos que foram sepultados pelo baptismo para testemunho de sua nova vida em Christo Jesus [...] O Senhor vai fazendo a obra completa: salvando e baptizando imediatamente com o Espirito Santo. É assim que a maioria dos que Elle tem accrescentado ao seu povo aqui, é baptizada com o Espirito Santo. Até dia primeiro do corrente o numero de membros era de 125, sendo o de baptizados com o Espirito Santo 68. Gloria a Jesus! Nossa Escola Dominical com a boa frequencia. [...] recebemos um irmão vindo da Igreja Baptista, que, por ter crido nos signaes que seguem “aos que crêem”, está muito alegre em Jesus, como Barnabé, que vendo a “graça de Deus, alegrou-se muito” (Act. 11:23) [...] Continuamos a pedir as orações de todos os irmãos para que, continuamente vejamos o Senhor cooperando com o seu povo neste Estado [...].<sup>325</sup>

O pastor José de Moraes liderava esse crescimento que, pelo que informa o restante do relatório, se estendeu para o vasto interior do Estado do Amazonas. Muitos outros irmãos, trabalhadores homens, da Igreja viajavam para o Rio Purus a fim de trabalhar na extração da borracha e acabavam por testificar da fé pentecostal. Na capital, Manaus, a Igreja possuía 125 membros com mais da metade batizados no Espírito Santo. Nesse relatório, registra-se, ao que parece, com grande satisfação, que um irmão vindo da Igreja Batista passou a fazer parte da Assembleia de Deus em Manaus, segundo afirma, “por ter crido nos signaes que seguem ‘aos que crêem’”. A ênfase de pessoas vindo de outras Igrejas é perceptível nesses relatórios, mesmo que isso deixasse furiosos alguns pastores batistas.<sup>326</sup> Os pentecostais, com isso, buscavam legitimar a sua doutrina.

Em outro relatório, publicado três meses depois, um correspondente do *Boa Semente* informa que “um irmão presbyteriano creu na continuidade da obra do Senhor, foi logo baptizado no Espirito Santo [...] E igualmente, um irmão baptista creu, ficou muito alegre, está buscando o poder do Alto e uniu-se ao povo do Senhor”.<sup>327</sup> Essa é a tônica presente nas notícias acerca do crescimento da Assembleia de Deus em Manaus. Nesse número se informa ainda que a quantidade de membros já chegara aos 180 e que a Igreja estava crescendo semanalmente.

Esse prevaecente avanço da Assembleia de Deus na cidade Manaus trouxe à luz um caso policial envolvendo José de Moraes. Os pentecostais encontrariam um forte opositor ao seu movimento no Reverendo Munguba Sobrinho, pastor da Segunda Igreja

<sup>325</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1925, nº 46, p. 4

<sup>326</sup> Essa insatisfação era sentida em toda a região amazônica. Em abril de 1925, o *Boa Semente* publicou: “Fomos muito perseguidos pelo pastor baptista que veio á Porto Velho mais ou menos um anno depois, fazendo grande esforço para aniquilar ahi o trabalho do Senhor d que somos emissarios, publicando artigos ferinos e calumniosos e fazendo cultos livres em torno da nossa Igreja [...]”. **Boa Semente**. Belém do Pará, Abril de 1925, nº 47, p. 4.

<sup>327</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Junho de 1925, nº 49, p. 4.

Batista de Manaus, já mencionado dentro da perspectiva protestante. A história, sob o título “Pela verdade historica”, ocupou duas páginas do jornal *Boa Semente* no número de agosto de 1925 e fragmentamos resumidamente como a mesma foi publicada:

“Seita sem escrupulo” é o título de um artigo de combate á doutrina que professamos, escripto pelo redactor do “Correio Doutrinal”, jornal baptista que se publica na Capital pernambucana. [...] Lêmos attentiosamente a ultima parte do artigo em questão e nada de importancia achámos, visto que é o mesmo estribilho, tantas vezes repetido para armar o effeito. [...] desejamos falar alguma coisa, não para fomentar uma polemica, porque neste particular não somos *useiros* e *vezeiros*; mas simplesmente para mostrar mais uma vez o desastre das acusações de nossos adversarios. [...] a citada declaração do pastor Munguba Sobrinho, de Manaus que, segundo o redactor, tem bastante opportunidade para saber a verdade, e a coragem de dizel-a [...].<sup>328</sup>

Essa primeira parte é um preâmbulo da matéria para que se compreenda que o artigo “Seita sem escrupulo” fora publicado pelo jornal *Correio Doutrinal* da Igreja Batista de Recife, no qual o Reverendo Munguba Sobrinho, de Manaus, publicara um depoimento acerca dos membros pentecostais de Manaus. Em linhas gerais, Munguba diz:

Eil-a: “Não há menção algumas nas Escripturas de que os apóstolos e discipulos primitivos, ao receberem o Espirito Santo gritassem como loucos; berrassem; [...] soltassem gargalhadas hystericas; tremessem das cabeça aos pés; tivessem convulsões espasmodicas; quebrassem moveis [...] como fazem os pentecostais e os espiritas, seus mestres, de maneira que, as vezes, a pedido da vizinhança alarmada e encandalizada com taes christãos, bulhentos e gritadores, faz-se necessária a intervenção energética da policia para aplacar-lhes o fervor, como por mais de uma vez tem acontecido aqui em Manaus e em toda parte onde esses heréticos proliferam”.<sup>329</sup>

Após transcrever a declaração de Munguba Sobrinho, a redação do *Boa Semente* continua: “Agora, em face da citação acima, convidamos os leitores deste jornal e tambem dos srns. baptistas para considerarem o que vamos publicar abaixo; e dahi poderão fazer um juizo, se, realmente, o pastor Munguba falou a verdade ou, se no caso contrario”.<sup>330</sup> Diante desse quadro, o *Boa Semente* prepara e anuncia a entrada em cena do pastor José de Moraes que contra tais acusações se pôs a agir destemidamente:

Com a devida venia passamos para estas columnas o protesto do pastor José Estumano de Moraes, publicado no “O Libertador”. Orgam do povo amazonense, um uma *nota explicativa* acerca de um requerimento ao Dr. Delegado Auxiliar da Policia, afim de que o ilustre representante da justiça, se dignasse a attestar se nos assentamentos policiaes, existia alguma nota que desabonasse da conducta

<sup>328</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

<sup>329</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

<sup>330</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

dos pentecostaes ou alguma intervenção em cultos para o estabelecimento da ordem.<sup>331</sup>

Como se lê, José de Moraes procurou a delegacia de polícia e, posteriormente, a imprensa de Manaus, por meio do jornal *O Libertador*. Sua intenção é esclarecer, para além do público religioso, mas, à sociedade manauara acerca do movimento pentecostal. A matéria publicada no *O Libertador*, sob o título MENTIRA DESFEITA (com letras maiúsculas), publicada também no *Boa Semente*, traz a *nota explicativa* do delegado de polícia acerca das acusações feitas por Munguba Sobrinho. Com base no que os registros policiais de Manaus atestaram, José de Moraes publicou o seguinte:

Eil-o: MENTIRA DESFEITA. Tendo lido “O Baptista Amazonense” de primeiro de Abril fluente, do qual é redactor responsável o Rev. Munguba Sobrinho, deparou-se-me o artigo assim epigrafado – “Estudos Bíblicos”, de autor desconso e nele o trecho seguinte: “...confusão e escândalo como fazem os pentecostaes... de maneira que, as vezes, a pedido da vizinhança alarmada com taes christãos, bulhentos e gritadores, faz-se necessária a intervenção da policia para aplacar-lhes o fervor, como por mais de uma vez tem acontecido aqui em Manaus, etc...” Apesar de ser uma de *primeiro de Abril*, requeri ao Exmo. Snr. Dr. Delegado Auxiliar da Policia que se dignasse a attestar se contra os pentecostes havia alguma acção policial nos assentamentos daquela Delegacia. Por deferimento recebi o seguinte: “Illmo. Snr. Dr. Delegado Auxiliar. Informo a V. S. que dos assentamentos desta Delegacia nada consta prol ou contra, relativamente ao exercicio cultural, a que se refere a peticionaria, por seu pastor José Estumano de Moraes. Informo que nenhuma diligencia foi determinada no sentido de impedir o funcionamento do referido culto. Manaus, 4-4-1925. – O Escrevente, *Francisco J. Ribeiro*. – De accordo dê-se ao requerente. Em 4 de Abril de 1925. – R. Nogueira”. Dispensio o commentario, ficando aos leitores este direito. José Estumano de Moraes.<sup>332</sup>

Uma nova informação é divulgada na *nota explicativa* policial. Munguba Sobrinho também havia publicado seu texto no jornal local da Igreja Batista de Manaus, o jornal *O Baptista Amazonense*, do qual, como já anunciado, ele era diretor e principal redator. O ataque de Munguba Sobrinho se tornou uma questão pública. José de Moraes decidiu agir com inteligência e perspicácia ao investigar junto ao delegado, se procedia o que Munguba Sobrinho espalhara acerca do movimento pentecostal em Manaus, afirmando que eram membros “bulhentos e gritadores, faz-se necessária a intervenção energética da policia para aplacar-lhes o fervor, como por mais de uma vez tem acontecido aqui em Manaus”.

Quando soube por meio da *nota explicativa* do delegado que nada daquilo constava nas ocorrências policiais de Manaus, Moraes não hesitou em publicar a nota tanto no *Boa Semente* como no *O Libertador*, jornal que circulava em Manaus. Detalhe

<sup>331</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

<sup>332</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

curioso: Moraes ainda faz menção ao suposto *dia da mentira* ao afirmar antes de entregar seu requerimento ao delegado: “Apesar de ser uma de *primeiro de Abril*”. A matéria de José de Moraes é concluída com a intenção de dar veracidade aos fatos. Ele afirma:

Assumo na forma da lei a responsabilidade da publicação do presente artigo que assignei sob a epigraphe – Mentira desfeita. Manaus, 4 de Abril de 1925. José Estumano de Moraes. Reconheço a firma de José José Estumano de Moraes. Em testemunho de verdade. – O tabelião interino, Manoel da Silva Dias. – Manaus, 4 de Abril de 1925. Deante deste documento insophismavel, como ficarão os snrs. Munguba Sobrinho e o critico do “Correio Doutrinal”?<sup>333</sup>

A resposta a essa pergunta foi objeto de nossa investigação. Procuramos alguma referência ao episódio nos números posteriores do *Boa Semente* e nada mais foi publicado. Fomos em busca do próprio jornal *O Baptista Amazonense*, fundado por Munguba Sobrinho, pois intuímos que devesse haver algum tipo de resposta ao que José de Moraes publicou, mas, também não encontramos. Buscamos contato com a Segunda Igreja Batista de Manaus e, depois de seguidas tentativas, quando puderam nos atender, alegaram não terem encontrado nenhum número do jornal *O Baptista Amazonense* e informaram não haver nenhuma ata desse período na Igreja.

Como já informado, chegamos a acessar o site da Biblioteca Nacional, onde há um grande arquivo de jornais digitalizados e microfilmados em sua Hemeroteca. Conseguimos acessar apenas as informações de três números do *O Baptista Amazonense* (jun.1919/set.1920/set.1922). Tratam-se de números microfilmados de um período anterior ao problema pesquisado. Em Manaus, fomos ao IGHA – Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, base local da Biblioteca Nacional, mas, nenhum número foi encontrado.

Não sabemos se houve uma resposta do Reverendo Munguba Sobrinho ao pastor José de Moraes, mas, certamente, ela seria oportuna para compreender a perspectiva batista nesse embate. Ao que parece, e com base no depoimento do delegado de polícia e do tabelião do cartório, Munguba publicou um texto permeado de calúnias e difamação contra a Assembleia de Deus de Manaus.

Invertendo a perspectiva, é oportuno relatar que, quem batizou o pastor da Assembleia de Deus, José de Moraes, foi Almeida Sobrinho. Ambos eram batistas dissidentes e haviam crido na doutrina pentecostal se tornando os primeiros pastores brasileiros na Assembleia de Deus na região Norte.

---

<sup>333</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51, p. 2.

A perspectiva pentecostal acerca dos embates e das divergências com os demais grupos se dá na construção e no estabelecimento de uma narrativa apologética em que, embora não houvesse uma teologia sistemática, sólida e organizada, o movimento pentecostal se consolidava por meio de um pragmatismo engajado que envolvia todos os membros da Igreja, além de atestar a verdade crida com os diversos testemunhos de ex-batistas, ex-presbiterianos, ex-católicos, entre outros, que iam admitindo terem encontrado e experimentado os sinais e os dons do Espírito Santo, a chamada *verdade completa*. Uma das mais contundentes propagandas da doutrina pentecostal se dava quando se publicava acerca de adessões de pastores<sup>334</sup> das chamadas igrejas protestantes históricas que haviam crido no batismo no Espírito Santo.

O impacto da crença nessa *verdade completa* dava sentido ao grupo e explicava o fenômeno de seu crescimento, apesar das duras perseguições. Já demonstramos que essas perseguições não se davam somente por questões teológicas ou doutrinárias, mas, principalmente por causa do crescimento do grupo, que, na perspectiva dos outros grupos, só ocorria por causa do forte proselitismo pentecostal. Se não fosse assim, os pentecostais teriam sido tão perseguidos? Uma outra indagação que fazemos é: Diante de tantos embates, não houve entre os protestantes históricos quem pensasse no clássico conselho de Gamaliel?<sup>335</sup> (Atos 5:34-39), uma vez que o movimento pentecostal, no início, se auto denominava um movimento de caráter apostólico assemelhado à Igreja de Atos dos Apóstolos? Pelas fontes lidas dos seus jornais não lemos nada a respeito. O movimento pentecostal se tornou um paradigma para os protestantes históricos que deveria ser tão somente combatido, pois a ideia de que o movimento não se encolheria só pôde ser compreendida gradualmente com o passar do tempo e das décadas.

---

<sup>334</sup> Como exemplo, o jornal *Boa Semente* publicou em agosto de 1926, com letras garrafais, a seguinte notícia: “Como um ministro presbiteriano recebeu o batismo no Espírito Santo”. A matéria dedica uma página inteira para contar a trajetória de um pastor presbiteriano com a fé pentecostal, desde a rejeição da doutrina até a adesão, resultado de sua experiência com o batismo com o Espírito Santo. Cf. **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1926, nº 63, p. 3.

<sup>335</sup> A passagem bíblica de Atos 5:34-39 diz: 34Mas um fariseu chamado Gamaliel, mestre da lei, respeitado por todo o povo, levantou-se no Sinédrio e pediu que os homens fossem retirados por um momento. 35Então lhes disse: “Israelitas, considerem cuidadosamente o que pretendem fazer a esses homens. 36Há algum tempo, apareceu Teudas, reivindicando ser alguém, e cerca de quatrocentos homens se juntaram a ele. Ele foi morto, todos os seus seguidores se dispersaram e acabaram em nada. 37Depois dele, nos dias do recenseamento, apareceu Judas, o galileu, que liderou um grupo em rebelião. Ele também foi morto, e todos os seus seguidores foram dispersos. 38Portanto, neste caso eu os aconselho: deixem esses homens em paz e soltem-nos. Se o propósito ou atividade deles for de origem humana, fracassará; 39se proceder de Deus, vocês não serão capazes de impedi-los, pois se acharão lutando contra Deus”.

## Capítulo 4

# A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA ASSEMBLEIA DE DEUS E A IGREJA FILADÉLFIA: DO CHAMADO MISSIONÁRIO À CONVENÇÃO DE 1930

*O ethos sueco-nordestino é elemento fundante da identidade assembleiana. As primeiras lideranças viveram na tensão entre a revelação carismática e a oficialização da denominação.*

Gedeon Freire de Alencar

A temática em vista objetiva a compreensão do processo de institucionalização da Assembleia de Deus tendo como ponto alto de interlocução do fato, as publicações produzidas nos jornais da Igreja até 1930 e a partir de então, no jornal *Mensageiro da Paz*, jornal que passou a ser denominado desde então, como único órgão de imprensa oficial da Igreja, por ocasião das resoluções da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus realizada em Natal-RN de 05 a 10 de setembro de 1930. (Ver anexo 14).

Esse processo de institucionalização já vinha ocorrendo fortemente desde a década de 1920, mas, iniciou em 1915, quando a missão liderada por Gunnar Vingren e Daniel Berg ampliou a relação e as tratativas de progresso da missão com Lewi Pethrus<sup>336</sup> pastor principal da Igreja Filadélfia<sup>337</sup> em Estocolmo, Suécia. A parte desse instante

---

<sup>336</sup> Lewi Pethrus (1884-1974). Pastor sueco, compositor, pioneiro do pentecostalismo na Suécia e líder internacional do Movimento Pentecostal, sendo pastor principal da Igreja Filadélfia de 1913 a 1975. Foi um autor prolífero, foram ao todo 50 títulos. Ele também contribuiu amplamente para publicações periódicas. Seus livros e ensaios têm sido traduzidos para muitos idiomas. Dezenas de seus artigos foram publicados no *Boa Semente* e no *Mensageiro da Paz*. Sua vida também foi marcada por polêmicas e controvérsias, como na questão da administração da ceia aberta, governo da Igreja, projeto missionário, liderança da Igreja no Brasil, entre outros. ARAÚJO, 2007, p. 655-656.

<sup>337</sup> Igreja Filadélfia, conhecida anteriormente como Sétima Igreja Batista, fundada em 1909, por E. W. Olsson, o qual em 1911 transferiu a liderança da Igreja para Lewi Petrus. Em 1913 a União Batista Sueca excluiu a Sétima Igreja Batista de Estocolmo, curiosamente por causa da atitude da igreja quanto à comunhão livre, ou seja, a celebração da Ceia do Senhor a crentes de quaisquer denominações [...]. O motivo principal não foi o fato de seu pastor e membros serem fortemente pentecostais. A partir de então, deu-se o início do Movimento Pentecostal na Suécia, com a Igreja que passou a ser conhecida como Igreja Filadélfia, que à época tinha 500 membros. Em 1915, a igreja abriu sua própria escola bíblica, com 30 alunos. No ano seguinte, 1916, foi publicado o primeiro número da revista semanal, o jornal *Evangelii*

dezenas de missionários e missionárias chegaram da Suécia para cooperar na missão e juntamente com eles veio a provisão dos recursos necessários para a expansão da obra pentecostal no Brasil.

É preponderante entender a relação de Lewi Pethrus com Gunnar Vingren, desde os primeiros anos, quando e como se conheceram e, como iniciaram e desenvolveram a relação de apoio institucional da Igreja sueca à Igreja no Brasil até o ano de 1930. Nessa relação, a figura de Lewi Pethrus ganha enorme importância para a nova fase de Igreja organizada no Brasil. A influência de Samuel Nyström cresce, ao passo que a de Gunnar Vingren parece desvanecer gradativamente. A bibliografia oficial também auxiliou a compreensão dessa relação, pois, se remete a um tempo anterior aos jornais.

A compreensão dessas representações na *imprensa assembleiana*, exige um recuo no tempo para uma análise das relações institucionais dos pioneiros, Vingren e Berg, com a Igreja Filadélfia e com Lewi Pethrus, como já ressaltamos. Mas, prioritariamente, o acesso dos últimos anos do jornal *Boa Semente*, assim como um outro jornal, denominado *O Som Alegre*<sup>338</sup> nos traz a compreensão, a partir dos jornais, da dinâmica que se fazia em fins da década de 1920 e a nova conjuntura que a Igreja Assembleia de Deus vivia internamente.

Devem ser considerados alguns entrecruzamentos entre os jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* nos anos de 1929-30, período transicional que prenunciou o fato da institucionalização da Igreja. O jornal sueco *Evangelii Härold*,<sup>339</sup> pertencente à Igreja da

---

*Härold* (Mensageiro do Evangelho), e foram enviados os primeiros missionários, Samuel e Lina Nyström, para o Brasil. ARAÚJO, 2007, p. 578-779.

<sup>338</sup> Jornal fundado no Rio de Janeiro por Gunnar Vingren. O primeiro número de *O Som Alegre* foi publicado no mês de novembro de 1929. *O Som Alegre*, que era lido por crentes assembleianos em todo o país, circulou até outubro de 1930, dando lugar ao *Mensageiro da Paz*, que surgiu como resultado da fusão *Boa Semente* e *O Som Alegre*, pela Convenção Geral da CGADB, realizada na cidade de Natal (RN). ARAÚJO, 2007, p. 819-820. De acordo com Emílio Conde “reconhecendo o valor da literatura na evangelização, e constatando que a pouca quantidade que existia não atendia às necessidades, e nem sempre era recebida no tempo oportuno, o pastor Vingren e seus auxiliares no Rio de Janeiro resolveram fundar um jornal de caráter evangélico e noticioso. Era uma tarefa difícil, trabalhosa e dispendiosa, mas se Deus ordenara que se fizesse, assim devia ser feito”. CONDE, 2006, p. 208. Uma constatação: o primeiro número publicado do *O Som Alegre* data de dezembro de 1929. Emílio Conde o coloca em novembro de 1929, talvez se refira ao momento em o jornal tenha sido distribuído, mas, no próprio número do jornal está datado dezembro de 1929. Se sim, ou, se não, esta pesquisa contribui para constatar, pelo acesso da fonte (jornal), o correto mês de sua publicação.

<sup>339</sup> Periódico semanal pentecostal sueco fundado em 1915 por Lewi Pethrus. *Evangelii Härold* significa “Mensageiro do Evangelho”. Acerca da importância do jornal Pethrus afirmou que “desde o início do despertamento pentecostal, nós, pregadores, falamos que teríamos de fazer algo para imprimirmos a Palavra de Deus em um jornal, a fim de espalharmos o despertamento pentecostal”. PETHRUS, Lewi. **Lewi Pethrus**: a vida e a obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 153. Gedeon Alencar informa que “sua tiragem inicia com seis mil exemplares, em 1920 é de vinte mil, ultrapassa os setenta mil em 1945, no início de 1990 caiu para

Suécia, também reverbera essa relação. Os jornais brasileiros, tinham no *Evangelii Härold* sua caixa de ressonância para o mundo, nele foram publicados centenas de artigos e cartas acerca do trabalho missionário no Brasil.

Além do olhar analítico sobre os jornais, as representações dessa dinâmica configuram produção e disseminação de discursos transmitindo sentidos, ora implícitos, ora explícitos, aos membros da Assembleia de Deus no período de formação, instrução e difusão da doutrina pentecostal, além de apontarem para a compreensão do gradual processo de institucionalização da Igreja, culminando com a realização da Convenção de Natal, evento este que também exige uma releitura.

#### **4.1 O ponto de partida da institucionalização da Igreja: a relação Berg-Pethrus-Vingren**

Como ponto de partida, deve-se observar como e quando se inicia a relação de Gunnar Vingren, líder de fato da Assembleia de Deus no Brasil, com Lewi Petrus, líder da Igreja Filadélfia na Suécia. Não obstante, não queremos e nem devemos, apresentar Gunnar Vingren como um líder isento de relações institucionais, aliás, Vingren sempre manteve relação institucional com a Igreja organizada, era batista de formação, porém, teve dificuldades nesse sentido, primeiramente por conta da experiência com o batismo com o Espírito Santo, como ele mesmo relata: “[...] quando voltei para a minha igreja em Menominee, Michigan, comecei a pregar a verdade que Jesus batiza com o Espírito Santo e com fogo. O resultado é que tive que deixar a igreja, que ficou dividida [...]”.<sup>340</sup> Isso teria ocorrido no verão de 1909 nos EUA.

Até mesmo a chamada missionária para vir para o Brasil se deu por causa de uma divergência. Gunnar pertencia a Igreja Batista de Michigan, da qual teria sido enviado como missionário para a Índia se não fosse impelido, segundo relata, “a não seguir mais aquele caminho”.<sup>341</sup> Fato é, que, por ter desistido de ser missionário na Índia até sua noiva rompeu com o plano de casar-se com ele.

---

vinte e dois mil. [...] Foi publicado até 1993 e deixou de circular, mantendo uma versão on-line, e atualmente tem um aspecto ecumênico”. ALENCAR, 2013, p. 307.

<sup>340</sup> VINGREN, 1973, p. 25-26.

<sup>341</sup> VINGREN, 1973, p. 25.

Portanto, o que queremos compreender é como e quando se reinicia, por assim dizer, a relação institucional de Vingren com a Igreja da Suécia na pessoa de Lewi Pethrus, considerando pontualmente o hiato, de sua vinda para o Brasil em novembro de 1910,<sup>342</sup> até junho de 1914, ano em que Vingren e Berg passaram a constar nos registros da Igreja Filadélfia<sup>343</sup> como seus missionários em terras brasileiras.

Esse hiato é o tempo, ou, os anos em que movimento pentecostal (precursor da Assembleia de Deus) existiu sem nenhuma relação institucional estabelecida, e por conseguinte, foi um movimento independente sem apoio de qualquer organização ou denominação eclesiástica. Eram missionários, que durante o hiato supracitado, recebiam ofertas esporádicas de pessoas que desejavam cooperar com a missão, não de Igrejas propriamente ditas.<sup>344</sup>

Nesse sentido Isael de Araújo confirma:

No início, os missionários não tinham nenhum sustento regular estabelecido, mas eram assim chamados *missionários pela fé*. Desde o primeiro dia, eles sempre disseram que eram independentes, tanto na sua manutenção como na liderança da igreja, pois não eram enviados por uma junta, mas dependiam de Deus. [...] no primeiros três anos os recursos vinham de alguns crentes pentecostais nos EUA.<sup>345</sup>

Nota-se, então, que quaisquer recursos que Vingren e Berg recebessem tinham como origem os EUA e não a Suécia, o que também se explica pelo fato de eles terem vindo de lá e até vivido alguns anos na América antes da partida missionária. Até então, e para esse sentido, presumimos que não havia contato com conterrâneos suecos da Suécia, a

---

<sup>342</sup> De acordo com Gunnar Vingren, no verão de 1910, em uma determinada visita de oração, o irmão Adolfo Ullidin recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas, e segundo relata, “vários mistérios sobre o meu futuro lhes foram revelados [...] o Espírito Santo falou através desse irmão que eu deveria ir para o Pará. Foi-nos revelado também que o povo para quem eu testificaria de Jesus era de um nível social muito simples. Eu deveria ensinar-lhes os primeiros rudimentos da doutrina do Senhor”. VINGREN, 1973, p. 27-28. De acordo com Daniel Berg este irmão “recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará [...] Procuramos então na biblioteca da cidade a fim de pesquisarmos onde estaria localizado o Pará. Descobrimos que o Pará ficava no Norte do Brasil”. BERG, 1995, p. 34. Conforme relata Emílio Conde, “no dia 05 de novembro, a bordo do navio Clement, os missionários deixaram a frígida Nova Iorque com destino a Belém do Pará [...] No dia 19 de novembro de 1910, em um dia de sol causticante dos trópicos, os dois missionários desembarcaram em Belém. Não possuíam eles amigos ou conhecidos nessa cidade. Não traziam endereço que os acolhesse ou orientasse. Vinham unicamente encomendados à graça de Deus; tinham a protegê-los o Deus de Abraão”. CONDE, 2006, p. 29-30.

<sup>343</sup> ARAÚJO, 2007, p. 470.

<sup>344</sup> Gunnar Vingren testemunhou sobre isso quando em viagem à Suécia ficou cerca de quatro meses nos EUA. Quem narra é Ivar, seu filho: “Durante aqueles meses nos EUA, realizou longas viagens a participou de cultos, falando ardentemente sobre a obra no Brasil, contando a todos como Deus havia derramado o seu Espírito Santo sobre os brasileiros.[...] No primeiro culto de que participou em Nova Iorque deram-lhe uma oferta para o Brasil. A oferta foi de cinco dólares. ‘No dia seguinte enviei esses cinco dólares ao Brasil. Glória a Jesus’, conta o missionário”. VINGREN, 1973, p. 77.

<sup>345</sup> ARAÚJO, 2007, p. 471.

não ser com familiares. Era dos EUA que esperavam qualquer tipo de apoio, e como já dissemos, ofertas de pessoas, não de alguma denominação que os sustentassem.

O primeiro contato com alguma denominação, sobre o qual temos registro, é de Daniel Berg, com a Igreja Filadélfia da Suécia. Em 1914, Berg viajou para a Suécia, e também nessa ocasião fez contato com Lewi Pethrus. Assim, ele teria sido convidado para dar um relatório missionário sobre a missão no Brasil, na Igreja Filadélfia de Estocolmo, e, em seguida levantaram oferta. Isso ocorreu em 06 de fevereiro de 1914. Berg voltou para o Brasil e manteve contato via correspondência com a igreja sueca. Em junho de 1914 apareceram pela primeira vez os nomes de Gunnar Vingren e Daniel Berg nos registros da Igreja Filadélfia.<sup>346</sup>

De acordo com Luigi Bonaita, Daniel Berg teria voltado à Suécia para visitar sua família a qual há anos não via e restabeleceu o contato com o pastor Lewi Pethrus, que estava trabalhando à frente da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Os dois aldeões de Vargön eram amigos de infância e já tinham se reencontrado na ocasião da volta de Berg dos EUA, no ano de 1909, quando Pethrus despertou, por meio de Berg, o desejo da experiência pentecostal.<sup>347</sup>

Firmado o registro de Vingren e Berg com a Igreja Filadélfia, o trabalho missionário iniciado há quatro anos antes via EUA, de modo voluntário e não institucional, agora passa a ser campo missionário sueco. Não obstante, não se pode ignorar o fato de Berg ter trocado correspondência com a igreja sueca após o recebimento da primeira oferta, o que se presume, é que Vingren e Berg tenham buscado essa filiação. A ida de Berg à Suécia deve ser considerada, pois seu encontro com Pethrus foi significativo para os novos rumos da missão no Brasil. Consideramos este fato preponderante e simbólico, por assim dizer, pois constitui o início da relação institucional dos missionários pioneiros, outrora livres na atividade missionária, mas, nesse instante são incorporados a uma Igreja, uma denominação, a qual além de ser pentecostal, é do país de origem dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg. Isto altera profundamente a dinâmica da missão no Brasil.

Daniel Berg voltou ao Brasil com as ofertas e a confiança de que seriam a partir de então apoiados pela Igreja Filadélfia. Em maio daquele mesmo ano por sugestão de

---

<sup>346</sup> ARAÚJO, 2007, p. 470.

<sup>347</sup> BONAITA, Luigi. **A influência de Lewi Pethrus, do pingströrelse e da missão sueca na identidade das Assembleias de Deus no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, Pindamonhangaba-SP, 2012, p. 55.

Berg, a igreja sueca enviou ofertas a obreiros e obreiras do Brasil ou como denominavam, aos nativos. Esses recursos seriam enviados<sup>348</sup> diretamente a Adriano Nobre.<sup>349</sup> Para além do apoio financeiro já destacado, um novo fator institucional é adicionado à missão, agora missão sueca: A Igreja Filadélfia passa a enviar regularmente missionários e missionárias ao Brasil. De acordo com Isael de Araujo “o envolvimento da Igreja cresceu cada vez mais, e também tomou iniciativa de enviar vários missionários. Entre junho de 1916 e outubro de 1917, foram enviados, pelo menos, cinco missionários ao Brasil”.<sup>350</sup>

O primeiro jornal que devemos inserir nessa análise é o *Evangelii Hårold*, pois, como já anunciado, enquanto jornal da igreja sueca reverberou as notícias da missão no Brasil naquele país nórdico, por meio das cartas enviadas por missionários e missionárias, como na carta abaixo de Berg a Pethrus, publicada no primeiro número do *Evangelii Hårold*:

Pará, Brasil, 23 de dezembro de 1915. Meu amado irmão Lewi Pethrus! Graça seja contigo, e paz de Deus! O Senhor é a nossa parte e o nosso refúgio. Aleluia! Obrigado pela tua preciosa carta do dia 9 de setembro e pelo cheque incluído em libras esterlinas 11-10-8. Deus abençoe a ti e à congregação pela vossa solicitude a nosso respeito, não somente pelas vossas orações, mas também pelos vossos recursos.<sup>351</sup>

A carta traz a representação da dependência de Berg e Vingren à Igreja Filadélfia. Luigi Bonaita afirma que “essa relação entre os dois aldeões de Vargön veio colocar um término ao hiato entre os anos 1911 e 1914, durante o qual não existem claros indícios de um relacionamento efetivo entre as igrejas da Suécia e os dois pioneiros no Brasil”.<sup>352</sup>

<sup>348</sup> A seguir a carta de Adriano Nobre enviada a Lewi Pethrus ratificando solicitação de Berg para que as ofertas aos obreiros brasileiros fossem enviadas diretamente a Adriano Nobre: “Pará, Brasil, 24 de dezembro de 1915. Amado irmão Lewi Pethrus! O meu íntimo desejo é que o Senhor te abençoe em tudo que fizer. Tenho recebido o dinheiro das duas vezes que me enviaste, pelo qual te agradeço de coração. O irmão Vingren está agora nos EUA. O trabalho tem sido muito esparramado para mim, pelo fato de eu ter que cuidar de uma família de oito pessoas, mas até aqui me ajudou o Senhor. Glória seja dada a Jesus! O irmão Daniel está fora no interior desse estado. De vez em quando fica fora por um ou dois meses seguidos. Quero te pedir que, se for me mandar algo para o meu mantimento, o envie diretamente a mim, para que fique mais fácil para mim o receber, se Daniel estiver fora viajando. Por gentileza, escreve tuas cartas também em inglês. Teu no amor e na comunhão do Senhor Jesus Cristo”. Adriano Nobre Caixa 653, Pará, Brasil. NOBRE, Adriano. *Evangelii Hårold*, Stockholm, 1916, n° 5, p. 18 (Carta traduzida por Luigi Bonaita).

<sup>349</sup> Adriano Nobre foi um evangelista, pastor e pioneiro das Assembleias de Deus no Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Por falar inglês serviu como intérprete de Gunnar Vingren e Daniel Berg quando chegaram em Belém (PA) em novembro 1910 [...] Foi Adriano Nobre quem também ministrou aos pioneiros as primeiras lições de língua portuguesa, tendo se tornado depois um obreiro valoroso a serviço do Movimento Pentecostal. ARAÚJO, 2007, p. 13-14.

<sup>350</sup> ARAÚJO, 2007, p. 470.

<sup>351</sup> BERG, Daniel. *Evangelii Hårold*, Stockholm, 1916, n° 5, p. 18 (Carta traduzida por Luigi Bonaita).

<sup>352</sup> BONAITA, 2012, p. 56.

No ano de 1915 temos a pessoa de Gunnar Vingren em contato com Lewi Pethrus pela primeira vez consolidando assim a intermediação feita por Daniel Berg. Conforme relatado no diário do pioneiro – seja por Ivar ou pelo próprio Gunnar – já havia cinco anos que o pioneiro trabalhava incessantemente no clima tropical tão terrível que domina a região amazônica. Vingren estava bastante cansado, esgotado e necessitava de um descanso. Em 1º de agosto daquele ano embarcou para os EUA, e sua permanência ali se prolongou até dezembro de 1915, tendo durante esses meses pregado em várias igrejas e realizado longas viagens. Embarcou para a Suécia no dia 1º de dezembro após exatos quatro meses da partida do Brasil.<sup>353</sup>

Era sua primeira viagem ao seu país de origem do qual Vingren estava longe desde sua migração para os EUA em 1903. Nos chama a atenção o que se relata em seu diário acerca da necessidade de descanso após cinco anos de intensos trabalhos no Brasil. Em contraste e, ao mesmo tempo, em que na própria viagem de retorno para um tempo de férias em seu país, Vingren fez longas viagens e pregou diversas vezes nos EUA, o que por sinal, continuaria a acontecer na Suécia após sua chegada. De igual modo, Vingren não parava, não descansava, e nem recuperava o “fôlego” de que tanto precisava para melhorar sua saúde. Ele informa em seu diário, um detalhamento de viagens e pregações nos EUA nesse período do qual sintetizamos o seu ritmo de trabalho no seguinte relato: “[...] realizamos vários cultos, e um deles durou desde as oito da noite às duas horas da madrugada. Depois de dois meses de trabalho intenso cheios de muitos cultos e viagens. Vingren voltou a Estocolmo. Iniciou imediatamente uma semana de estudos bíblicos”.<sup>354</sup>

Essa seria uma das marcas do trabalho de Gunnar Vingren; ele viajava muito e incansavelmente se dedicava ao serviço da Igreja da qual ele é o fundador. Isso se seguiria pelos anos seguintes, embora algumas vezes tenha interrompido o trabalho para ir até a Suécia “descansar”. A imagem que temos de Gunnar é sempre de muito trabalho, por isso, vivia adoecendo.

Lemos em seu diário algo marcante exposto por seu filho Ivar, após uma sequência de viagens pelo Nordeste no ano de 1928:

Em seguida Vingren voltou para o Rio de Janeiro. Foi um ano muito trabalhoso, com a realização de muitos cultos, tanto na igreja como nos subúrbios e ao ar livre na grande cidade. Ele trabalhou e lutou com coragem e fidelidade. Guardo muitíssimas lembranças de meu pai deste tempo. Eu sempre o via de joelhos no

---

<sup>353</sup> VINGREN, 1973, p. 76-80.

<sup>354</sup> VINGREN, 1973, p. 80.

chão, com a testa sobre o assoalho, clamando a Deus por graça, poder e vitória. A sua vida de oração era constante e intensiva. Ele lutava muito pela salvação das almas. Mas também ficava cansado. “Um dia”, conta ele, “eu desejei um pouco de descanso. Queria estar livre do trabalho pelo menos por um mês, e orei pedindo ao Senhor este descanso”. O que aconteceu foi que Vingren certo dia correu para pegar um ônibus em movimento, caiu, machucou-se na perna e no joelho, e teve que ficar na cama durante mais de um mês por causa dos ferimentos. “Depois disso eu nunca mais pedi a Deus que me desse férias”.<sup>355</sup>

Para além do caráter oficioso, espiritual e sentimental retratado pelo filho Ivar, pois, também aponta para a “hagiografia assembleiana”, exemplos e testemunhos como esse fortalecem ainda mais a cultura pentecostal de urgência da obra de Deus, de uma vida cristã essencialmente prática. Nesse sentido, inferimos que tal atitude para com o serviço, tão engajado, aponta para aquele pragmatismo pentecostal do qual já fizemos alguns apontamentos. Ele se desenvolve diariamente no serviço da igreja e tudo é feito de modo urgente, e pauta-se em textos bíblicos, como: *“Jesus respondeu: As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”*. Mateus 8:20. Entendendo o versículo bíblico de modo hermeneuticamente experiencial, cada crente assume a urgente responsabilidade de trabalhar incansavelmente para “Deus”, uma prática teológica predominantemente arminiana.

O que isso tem a ver com a institucionalização da qual estamos discorrendo? E mais, o que isso tem a ver com o emblemático encontro de Vingren com Pethrus? De modo direto sinaliza que, em contato com irmãos dos EUA, Vingren criava uma rede de contatos com igrejas pentecostais as quais estão de portas abertas para recebê-lo e ouvi-lo pregar e dar testemunho acerca da missão no Brasil. Além disso, antes do encontro pessoal com Lewi Pethrus, Vingren lhe envia uma carta esboçando minimamente acerca das pregações e viagens itinerantes que fez nos EUA antes de partir para a Suécia.

Querido irmão Lewi Pethrus! A paz de Deus! Quero agora para glória de Jesus contar algo referente às minhas viagens na América e à obra do Senhor no Brasil. Cheguei à América no dia 12 de agosto do ano passado e tive o privilégio de visitar as diversas congregações pentecostais desde Massachusetts até Minnesota e pude assim me alegrar em Jesus junto com aqueles simples filhos de Deus que não se deixaram contagiar pela ilusão russelliana.<sup>356</sup>

Vingren não está apenas relatando a Pethrus, segundo ele mesmo diz, sua alegria em “Jesus juntos com aqueles simples filhos de Deus”, mas, inferimos que o relato da carta também demonstra cumplicidade e vínculo institucional com o então maior líder do

<sup>355</sup> VINGREN, 1973, p. 152-153.

<sup>356</sup> VINGREN, Gunnar. **Evangelii Härold**, Stockholm, 1916, n° 3, p. 11 (Carta traduzida por Luigi Bonaita).

movimento pentecostal no mundo, o qual havia, há pouco mais de um ano incorporado os pioneiros da missão no Brasil nos registros da Igreja Filadélfia como seus missionários e dessa forma, iniciado o envio de recursos regularmente. Além disso, ainda no relato da carta, vemos Vingren demonstrar seu zelo doutrinário ante a ameaça, do que ele chama de “ilusão russelliana”,<sup>357</sup> numa referência direta ao líder fundador das *Testemunhas de Jeová* nos EUA.

Então é chegado o momento em que Gunnar Vingren finalmente chega à Suécia. Ele chegou em 24 de dezembro de 1915 e foi diretamente para a casa de seus pais, na cidade de Rönninge, nos arredores de Estocolmo. Vingren relata em seu diário acerca desse dia:

“A tarde os pastores Lewi Pethrus e Alfredo Gustavsson vieram visitar-me. Cantamos hinos natalinos, oramos juntos e celebramos o Natal saboreando uma típica comida sueca. Senti muito amor e alegria ao ver os meus pais, especialmente minha mãe, que me recebera na porta”. No culto e vigília de Anovno 1915/1916, Vingren pregou na igreja Filadélfia, em Estocolmo. Cerca de 800 pessoas estavam presentes. Alguns receberam o batismo com o Espírito Santo e com fogo.<sup>358</sup>

Esse encontro também foi relatado por Lewi Pethrus e publicado em artigo no jornal *Evangelii Härold*:

O irmão Gunnar Vingren, do Brasil, chegou, na noite de Natal, à casa de seus pais em Rönninge. Pois que o irmão Alfr. Gustafsson e eu, o mesmo dia, estávamos visitando a creche em Rönninge, demos uma esticada para ver e saudar o nosso irmão. Não é necessário dizer que a alegria do reencontro chegou ao ponto mais alto já fora da casa. O irmão Vingren nos disse que passaram doze anos desde que tinha visto seus familiares aqui na Suécia, e que ele passou cinco desses anos no longínquo campo missionário do Brasil e que agora o Senhor o abençoou e protegeu durante a perigosa viagem marítima, pelo que de coração louva a Deus. Nós o achamos com saúde melhor de quanto esperássemos, considerando as privações e fadigas que ele enfrentou no Brasil. Louvado seja Deus! Comunicaremos, o mais breve possível, através desse jornal, pelo próprio irmão Vingren, a respeito de suas viagens à América e sobre as maravilhosas obras realizadas por Deus no Brasil.<sup>359</sup>

É possível perceber no relato de Pethrus, por meio do jornal oficial de igreja, a intenção de apresentar Gunnar Vingren como alguém próximo e vinculado à Igreja

<sup>357</sup> Expressão que tem por referência Charles Taze Russell líder fundador das *Testemunhas de Jeová* sobre a qual tinham suas ideias bastante disseminadas à época e entre as igrejas pentecostais. Vingren sugere isso em seu relato na carta quando esteve de passagem pelos EUA. Não obstante, haviam muitos apologistas da fé pentecostal que também expunham as heresias de Charles Taze Russell, Vingren possivelmente era um deles.

<sup>358</sup> VINGREN, 1973, p. 81.

<sup>359</sup> PETHRUS, Lewi. *Evangelii Härold*, Stockholm, 1916, nº 1, p. 3 (Traduzido por Luigi Bonaita).

Filadélfia. Pethrus resume em poucas palavras a trajetória de Vingren, primeiramente longe da família por doze anos e enfatiza cinco deles vividos em prol da obra missionária no Brasil. O objetivo de Pethrus é informar à igreja que o missionário pioneiro da missão no hemisfério sul, em uma região tão longínqua e difícil de se viver, agora estava em casa. É importante ressaltar a vinculação do trabalho de Vingren à missão sueca e o encontro singular entre os dois, pois, Pethrus ainda não conhecia Vingren pessoalmente, o que reforça o papel crucial de Daniel Berg em contato com Pethrus no ano anterior, servindo como intermediador do vínculo institucional que, a essa altura, já está firmado.

Não se pretende com esse recuo que fizemos traçar uma linha temporal de todos os fatos da relação intitucional dos pioneiros com a Igreja Filadélfia e seus missionários e missionárias até 1930, ano da primeira Convenção em Natal, mas, apenas apontar alguns fatos preponderantes dessa relação nos primeiros anos. Não obstante, ainda temos que acrescentar, ou pelo menos sinalizar, um segundo fato marcante da primeira viagem de Vingren à Suécia.

Nesse primeiro retorno ele ficou em seu país de dezembro de 1915 a março de 1917. De acordo com Ivar Vingren, antes de iniciar a viagem de volta ao Brasil, Gunnar encontrou uma enfermeira chamada Frida Maria Strandberg. Esse encontro teve consequências imprevisíveis para ele. Os dois se casariam mais tarde em Belém do Pará. Frida já havia comunicado a Lewi Pethrus que o Senhor a chamara para o campo missionário no Brasil. O encontro foi oportuno, pois, Vingren iniciou o namoro com Frida e durante várias noites se reuniram para orar com uma família de Väster, assim como na casa do próprio Lewi Pethrus. Oravam especialmente por Frida e pela chamada que ela havia recebido do Senhor.<sup>360</sup> Frida viria para o Brasil em julho de 1917. (Ver anexo 10).

Frida é a figura mais emblemática dessa história. Por isso, trataremos de sua vida e obra no próximo capítulo. Ela é uma representação ambígua, pois, por um lado, é a líder prolífera que, ao lado de Vingren, mudaria totalmente a missão no Brasil, sem falar de suas muitas qualidades. Ao mesmo tempo, e por outro lado, ela também representa um traço marcante da institucionalização da missão, pois, é a missionária enviada pela Igreja Filadélfia, a primeira mulher solteira por sinal, e que mais tarde o rígido fator institucional agiria contra ela mesma e contra Gunnar Vingren.<sup>361</sup>

---

<sup>360</sup> VINGREN, 1973, p. 89-90.

<sup>361</sup> Esse é o prenúncio dos problemas os quais o casal, Gunnar e Frida Vingren enfrentaram desde os primeiros anos da década de 1920 e que culminariam nas tratativas da Convenção de Natal em 1930. Basicamente o casal, mas, principalmente Frida tinham ideias consideradas “modernas demais” para a

## 4.2 Os emissários da institucionalização: a representação de Samuel Nyström e a Missão Sueca “Livre”

A chegada do missionário Samuel Nyström em Belém-PA em 1916 deve ser tomada como passo seguinte. Ele foi o primeiro missionário enviado pela Igreja Filadélfia ao Brasil. Sua chegada é ponto nevrálgico da institucionalização *in loco*, tanto do ponto de vista doutrinário para a Assembleia de Deus, como do ponto de vista da gestão do jornal *Boa Semente*. Devemos lembrar que Nyström foi responsável pela implantação das chamadas Escolas Bíblicas, ele era o principal ensinador e pregador nesses encontros. Nyström também foi diretor do jornal, tradutor de artigos e mensagens, elaborador dos opúsculos bíblicos, além de incansável investidor para as melhorias do jornal.

O jornal *Boa Semente* teve uma melhoria significativa a partir do momento em que Samuel Nyström assumiu sua direção. Recapitulando esse momento, em determinado período, em que o *Boa Semente* sofria com falta de periodicidade, quando Gunnar Vingren viajou à Suécia em 1921 (sua segunda viagem), foi Samuel Nyström quem assumiu a Igreja e o jornal começou a ser publicado uma vez por mês e, assim continuou assim até o ano de 1930, quando Nyström se mudou do Pará. Em 1923, Samuel Nyström comprou algumas máquinas e montou uma tipografia que se manteve com os esforços de muitos membros, principalmente dele próprio e de Nels Nelson, que dedicaram tempo e dinheiro a esse empreendimento.<sup>362</sup>

Na historiografia oficial da Assembleia de Deus, Samuel Nyström aparece como quarto missionário da fé pentecostal. Além disso, é considerado pioneiro do ensino teológico pentecostal no Brasil. Outro fato a se destacar é que Nyström liderou a Igreja no Brasil nas ausências de Gunnar Vingren no período de 1921 a 1930.<sup>363</sup> Nyström fazia parte da Igreja Filadélfia desde 1913, e compôs o primeiro grupo de missionários daquela Igreja, sendo enviado ao Brasil por Lewi Pethrus.

O envio de Samuel e sua esposa Lina Nyström para o Brasil<sup>364</sup> como missionários em 1916 perpassa pela compreensão do que foi a Missão Sueca Livre (Svenska Fria

---

Igreja naquele tempo, como a abertura de um seminário teológico, a utilização da rádio, mas, nada pior do que a participação direta da mulher na liderança da Igreja e sua ordenação ministerial. Tais assuntos serão melhor abordados no próximo capítulo *Gunnar e Frida Vingren: As Relações entre a Fé e o “Poder”*.

<sup>362</sup> ARAÚJO, 2007, p. 133-134.

<sup>363</sup> CONDE, 2006, p. 40.

<sup>364</sup> Os missionários Samuel e Lina Nyström foram “os primeiros missionários enviados ao estrangeiro pela Svenka Fria Missionen, a Junta Missionária fundada pela Igreja Filadélfia de Estocolmo (Suécia), pastoreada por Lewi Pethrus. Foram também os primeiros missionários suecos enviados oficialmente

Missionen) organizada naquele ano e que pelas décadas seguintes seria o principal projeto missionário pentecostal do mundo:

Em 1916, Pethrus deu início a um dos mais arrojados projetos missionários do mundo pentecostal, com a fundação da *Svenska Fria Missionen* (Missão Sueca Livre), que em seus tempos áureos na década de 40 chegou a ter mais de 600 missionários em várias nações. A igreja Filadélfia de Estocolmo mantinha em 1964, 40 missionários em 15 países. Nesse mesmo ano todas as igrejas pentecostais suecas, com cerca de 100 mil crentes, mantinham 510 missionários em 32 países. O pastor Lewi Pethrus veio ao Brasil em três ocasiões: 1930 na primeira Convenção Geral; 1953 na Convenção Geral em Porto Alegre; e em 1967 na Conferência Mundial Pentecostal no Rio de Janeiro. Entre o período de 1910 e 1976, somam-se, incluindo as esposas, 64 missionários da Missão Livre Sueca no Brasil. Foram 19 casais com suas famílias, 20 mulheres solteiras e seis homens solteiros. Somando a quantidade de esposas com a de missionárias solteiras, dá um total de 39 mulheres, ou seja, 56,5% da força missionária sueca no Brasil.<sup>365</sup>

Essa citação resume o que foi a *Svenska Fria Missionen* (Missão Sueca Livre) e sua importância para a expansão do movimento pentecostal no mundo. Em linhas gerais dava apoio na abertura de novos campos, mas, centralizava o trabalho. A missão foi de início um suporte fortíssimo da Igreja Filadélfia na abertura e sustento de novos campos missionários ao redor do mundo, mas, posteriormente precisou deixar de controlar as Igrejas tornando-as livres para se autos sustentarem e serem autônomas.

Portanto, a partir da década de 1920 o apoio institucional da Igreja Filadélfia por meio da *Svenska Fria Missionen* se tornou bem mais evidente no Brasil. Do ponto de vista econômico acerca das ofertas enviadas, Isael de Araújo informa que na Igreja Filadélfia eram feitas coletas e os recursos a cada trimestre eram enviados à medida que se recolhiam e constavam em relatórios publicados no *Evangelii Härold*. Os antigos relatórios anuais da Igreja revelam o aumento das contribuições missionárias no período, em especial para o Brasil. Durante a década de 1920 passou a ser comum enviar os recursos a cada trimestre. Ao fim dessa década, missionários e missionárias foram saírem da Suécia com remuneração mensal fixa. Até missionários e missionárias que chegavam dos EUA também passaram a receber sustento regular da igreja sueca.<sup>366</sup>

---

ao Brasil pela Igreja Filadélfia de Estocolmo após o contrato de sustento missionário feito em 1914 entre os pioneiros Daniel Berg e Gunnar Vingren, e Lewi Pethrus. [...] em 5 de junho de 1916 [...] Samuel e Lina foram separados para o trabalho missionário no Brasil. Nesse mesmo dia também se realizou o casamento deles. A Igreja Filadélfia custeou a festa de casamento e levantou uma oferta para a missão que rendeu 650 coroas suecas. Uma importância muito grande para a época". ARAÚJO, 2011, p. 93-94.

<sup>365</sup> PAIXÃO, Daniel dos Santos. A missão sueca na construção da identidade assembleiana no Brasil. In: **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**. Joinville, v. 2, n. 1, janeiro/2011, p. 15.

<sup>366</sup> ARAÚJO, 2007, p. 471.

Acerca da chegada ao Brasil de missionários e missionárias, suecos e suecas, provenientes dos EUA, ou propriamente de missionários e missionárias nascidos nos EUA, que foram de igual modo participantes da missão, há uma notícia do ano de 1921 que ilustra bem esse novo movimento institucional. Sob o título *Bemvindos* lemos:

Damos com alegria a noticia de que no dia 21 do corrente chegaram da América do Norte pelo vapor “Uberaba” doze irmãos que vem trabalhar na santa causa do Senhor neste paiz. Foi um dia de grande alegria para todos os que amam a causa de Jesus, quando puderam abraçar mais estes soldados do Senhor, que de tão longe vieram cooperar conosco na santa causa da evangelização. Alleluia! Daquelles irmãos dez são Suecos e dois Norte Americanos, trez delles seguem para Recife, Pernambuco, e os demais ficam no Pará exercendo o seu ministério neste Estado. Sejam bemvindos!<sup>367</sup>

Um último fato a ser acrescentado é o registro da Igreja liderada por Vingren e Berg com o nome de Assembleia de Deus. A seguir transcrevemos esse registro:

“A Sociedade Evangélica Assembléa de Deus é uma Associação para fins religiosos sob a denominação de Assembléa de Deus (Pentecostal), com sede nesta Capital, à Travessa 9 de Janeiro, nº 75, reger-se-á pelo dispositivo nos seus Estatutos e de acordo com o Código Civil em vigor. Fazem parte da Sociedade além dos outros sócios fundadores, os missionários GUNNAR VINGREN, DANIEL BERG, ilimitadamente, outros sócios adeptos ao mesmo culto que a ela queiram pertencer e que aqui venham empregar as suas actividades. A Sociedade será administrada pelos missionários GUNNAR VINGREN, DANIEL BERG e SAMUEL NYSTRÖM, que a representarão, activa e passivamente em juízo ou afora delle, os estatutos só poderão ser reformados de acordo com os missionários da mesma fé e ordem. A sociedade durará por tempo indeterminado, só podendo ser dissolvida quando assim entenderem os dois missionários fundadores. No caso de Dissolução o Patrimônio da Sociedade ficará pertencendo aos três missionários ou seus sucessores. Belém, 4 de janeiro de 1918”. Os extratos do Estatuto foram publicados no Diário Oficial do Estado do Pará, sob o nº 7665.<sup>368</sup>

O registro da Igreja feito em janeiro de 1918 com a presença do nome de Samuel Nyström entre os nomes de Vingren e Berg carrega um sentido implícito de institucionalização. Até então, como já informado, o movimento levava o nome de *Missão de Fé Apostólica*,<sup>369</sup> sem registro jurídico. Era chamado assim entre seus membros e tinha

<sup>367</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1921, nº 10, p. 4.

<sup>368</sup> ARAÚJO, 2007, p. 41.

<sup>369</sup> Este foi o primeiro nome dado ao movimento pentecostal nos EUA a partir de 1901, iniciado por Charles Fox Parham. Para os primeiros pentecostais norte-americanos, eles haviam restaurado para os seus dias a manifestação do Espírito Santos conforme os tempos apostólicos. Cada igreja aberta por Parham chamava-se *Apostolic Faith Mission* (Missão da Fé Apostólica), incluindo a missão da fé apostólica da Rua Azuza (Los Angeles). Iniciada em 1906, que permaneceu ligada por pouco tempo a Parham. Contribuiu ainda mais para difundir o termo “Fé Apostólica”, o lançamento do jornal *The Apostolic Faith*, primeiro por Charles Parham e depois por Willian Seymour e Florence Crawford, no Oregon. Vingren e Berg, embora batistas, creram, nos EUA, na “Fé Apostólica”. ARAÚJO, 2007, p. 40.

direta relação com a crença de que os atos realizados pelo Espírito Santo no livro de Atos eram novamente vivenciados e anunciados pelo movimento pentecostal.

O novo nome da Igreja, conforme consta no registro jurídico, fora escolhido e adotado por sugestão de Gunnar Vingren inspirado nas primeiras igrejas norte americanas<sup>370</sup> pentecostais que haviam adotado o nome de Assembleia de Deus. Os primeiros membros no Brasil concordaram e aceitaram o uso desse novo nome. De acordo com Isael de Araújo “a igreja passou a existir legalmente como pessoa jurídica adequando-se aos artigos 16 e 18 do primeiro Código Civil Brasileiro que acabara de entrar em vigor em 1º de janeiro de 1917”.<sup>371</sup>

Acerca desse fato, devemos dar destaque a alguns detalhes: a presença de Samuel Nyström no documento de registro da Igreja, que não pode ser tomada como desinteressada, pelo contrário, sinaliza implicitamente o traço institucional que incorpora a missão dos pioneiros à Igreja Filadélfia. Inferimos, por isso, que ao ter no registro da igreja brasileira o nome de um missionário enviado diretamente pela igreja sueca, temos o apontamento, ainda em formação, do controle administrativo da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. Embora os nomes de Gunnar Vingren e Daniel Berg apareçam e sejam mantidos como fundadores, o mesmo documento afirma que, em caso de dissolução, o patrimônio da Igreja pertenceria aos três missionários, incluindo Samuel Nyström, ou seus sucessores. Juntos formavam um tipo de administração societária da Igreja, agora legalmente fundada.

Diante do recuo temporal feito até aqui para compreender o processo inicial de institucionalização da Assembleia de Deus, não perdemos de vista a Convenção de Natal em 1930 como seu ápice, sobre o qual devemos fazer alguns apontamentos analíticos que perpassam pela compreensão de uma Igreja e sua relação com as estruturas de poder.

A questão não é necessariamente julgar o quanto isso foi bom para a missão, ou se em alguma medida e a longo prazo tenha sido ruim, mas, compreender o aspecto institucional em ação, ou seja, a institucionalização da obra missionária no Brasil,

---

<sup>370</sup> De acordo com Isael de Araújo “em 2 de abril de 1914, foi fundado o Concílio Geral da Assembleia de Deus nos EUA. O nome Assembleia de Deus nos EUA. O nome “Assembleia de Deus” fora adotado em Hot Springs acompanhando o nome “Assembly of God” (Assembleia de Deus em inglês) dado em 1912, pelo pastor Thomas King Leonard à sua pequena igreja em Findley (Ohio). Ele se tornara pentecostal e agora fazia parte do primeiro Concílio dos crentes pentecostais norte-americanos que organizaram a Assembléia de Deus nos EUA”. ARAÚJO, 2011, p. 17.

<sup>371</sup> ARAÚJO, 2007, p. 41.

tomando forma e conteúdo institucional.<sup>372</sup> O apoio de uma instituição eclesiástica a uma missão traz sérias implicações de ordem política, social e econômica. Altera significativamente os interesses dos sujeitos envolvidos com a fé religiosa, ou dos sujeitos articuladores da fé religiosa. Aliás, esse conceito aparentemente comum, o de *fé religiosa*, foi criticado na década de 1950 pelo teólogo Richard Niebuhr. Em sua conhecida obra “Cristo e Cultura”, ele afirma:

É necessário distinguir religião, canga e instrumento de dominação, de Evangelho - mensagem de libertação dos cativos; distinguir entre fé, resposta positiva ao ato de libertação, e cultura - meio através do qual ela se deve expressar. É necessário superar definitivamente conceitos absurdos como o de uma *fé religiosa*, pois fé e religião são inconciliáveis. Uma só pode subsistir com o sufocamento da outra. A fé é a semente fértil. A religião é a semente esterilizada que pode servir para comer ou para o comércio. A fé é o futuro. A religião é o apego ao passado, à segurança, ao *status quo*, muitas vezes feita em nome do futuro, e quase sempre feita em benefício dos comerciantes. A fé é o desapego dos que aguardam a madrugada e não perdem tempo olhando para trás. A fé é a loucura, a audácia. A religião é a prudência, o instinto de conservação.<sup>373</sup>

Ao distinguir religião de fé (evangelho), Niebuhr aponta para o aspecto puramente humano da religião que é estruturado, *a priori*, pelos interesses de indivíduos, que embora pautem sua vida no contato com o transcendente ou com algum tipo de *fé*, implicitamente revelam e direcionam suas práticas em direção àquilo que produzem para si e para os “seus”. Comerciam valores de fé que lhes trazem lucro e *status quo*, seja simbólico ou material. Pior que isso, para a grande maioria de crentes que estão abaixo da hierarquia religiosa, essa prática representa também a canga,<sup>374</sup> o instrumento de dominação. Não por acaso Niebuhr, em outra obra, ao estudar as origens sociais das denominações cristãs afirma categoricamente que “o denominacionalismo é, na Igreja cristã [protestante], essa hipocrisia inconfessada”.<sup>375</sup>

<sup>372</sup> Ratificando nossas deduções de acordo com Maxwell Fajardo “os membros da Missão Sueca estiveram presentes em todo o processo inicial de institucionalização da Igreja e lhe impingiram algumas marcas identitárias em alguns casos a contragosto das opções dos próprios fundadores. [...] Nyström teve grande influência na estruturação da AD e no desenvolvimento do pensamento teológico e ideológico da igreja em suas primeiras décadas”. FAJARDO, 2017, p. 96.

<sup>373</sup> NIEBUHR, 1967, p. 16-17.

<sup>374</sup> Acerca da superação da fé sobre a religião, Niebuhr lembra das assertivas de alguns teólogos proeminentes de seu tempo. Ele afirma que “sofrendo o impacto do trabalho revolucionário de Marx, Karl Barth, o conhecido e influente teólogo suíço, afirma que religião é mesmo a mais alta expressão do pecado humano. Paul Tillich, teólogo alemão refugiado de Hitler nos EUA, afirma que Jesus veio ao mundo para provar que a religião não compensa e que o Evangelho significa exatamente a libertação da canga da religião da lei e da lei da religião. Estas afirmações ilustram certamente a necessidade de ganharmos maior precisão nos termos que usamos correntemente nessa área”. NIEBUHR, 1967, p. 16.

<sup>375</sup> NIEBUHR, Richard H. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: Ciências da Religião/Aste, 1992, p. 13.

Mais adiante, Niebuhr denuncia profeticamente a prática da Igreja (instituição) que trai o Evangelho quando sacraliza objetos em nome do seu *status quo* sustentando a dominação dos mais fracos:

A grande traição da Igreja como instituição consiste em que, ao invés de constituir-se portadora e testemunha do Evangelho, ela se apresentou como “defensora” do Evangelho. Isto na prática se refletiu num esforço de domesticar o Evangelho, a serviço de determinada cultura e dos seus interesses arraigados. Como resultado, ao invés de seguir o caminho da fé, a Igreja se colocou na defesa dos privilégios que lhe garantiam a segurança, na santificação do *status quo*, e a religião resultante dessa traição tornou-se a principal sustentação da ideologia das classes dominantes, da luta pela santificação dos objetos.<sup>376</sup>

É também por isso que Niebuhr indaga acerca da implicação dessa crítica ao cenário latino-americano, quando afirma: “Quais serão as consequências desta reformulação de conceitos e de posição no quadro brasileiro e latino-americano tradicionalmente religiosos?”.<sup>377</sup> Isso vai de encontro com a análise que estamos fazendo, pois, a obra de Niebuhr, publicada em 1951, já levava em conta pelo menos 50 anos de implantações de Igrejas ao redor do mundo, especialmente na América do Sul, pela chamada *era do denominacionalismo*, quando no processo de institucionalização de Igrejas do início do século XX quando missionários e missionárias dos EUA se destacaram como evangelizadores e evangelizadoras do mundo. Implantavam suas denominações<sup>378</sup> nos países a serem “evangelizados”,<sup>379</sup> e no bojo desse processo, ao seu modo, também

---

<sup>376</sup> NIEBUHR, 1967, p. 17.

<sup>377</sup> NIEBUHR, 1967, p. 17.

<sup>378</sup> No estudo acerca das origens sociais das denominações cristãs, Niebuhr fala que nos EUA, o denominacionalismo era uma adaptação do evangelho às diversas camadas socioeconômicas e raciais da sociedade. O denominacionalismo “representa a acomodação do cristianismo ao sistema de castas da sociedade humana. Introduz na institucionalização do princípio cristão da fraternidade, a soberba e os preconceitos, o privilégio e o prestígio, bem como a humilhação e a degradação, as injustiças e as desigualdades, própria da ordem enganosa de superiores e inferiores na qual as pessoas satisfazem seus anseios de vanglória. A divisão das igrejas segue de perto a divisão social em castas de grupos nacionais, raciais e econômicos. Traz a barreira racial para dentro da Igreja de Deus, promove o desentendimento, a autoglorificação e o ódio próprio do nacionalista chauvinista, ao alimentar no corpo de Cristo diferenças espúrias oriundas de lealdades provincianas. Faz ricos e pobres sentarem-se separados à mesa do Senhor, onde afortunados desfrutam da abundância enquanto os outros se alimentam das migalhas da sua pobreza”. NIEBUHR, 1992, p. 13.

<sup>379</sup> A evangelização dos primeiros grupos protestantes na Amazônia trouxe no bojo do processo, conforme Liliâne Oliveira e Marilina Pinto afirmam, “uma ‘dose’ de preconceito contra o povo brasileiro”. Em recente publicação as autoras analisam o trabalho Richard Holden, bem como os motivos do insucesso de sua atividade na região amazônica, elas apontam que ficou “evidente a visão de superioridade de Holden quanto aos costumes locais. Trata-se de um olhar etnocêntrico, pois via o povo, alvo de sua evangelização no Brasil, a partir do seu modo de ser, por isso ele queria, por meio do protestantismo, desenvolver a região, lugar onde viviam pessoas com costumes e valores religiosos diferentes”. OLIVEIRA, Liliâne Costa de. PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. In: **Revista Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo-SP, v. 31, nº 2, maio/ago, 2017, p. 110-111.

possuíam o mesmo “espírito” colonialista dos chamados colonizadores desses países quando foram “descobertos”.

Por “espírito” colonialista queremos expressar *prática, mentalidade ou comportamento* dos países colonizadores oriundos dos primeiros impérios a empreender grandes navegações em destino de terras além mar. As próximas referências relacionadas abaixo dão o tom do significado disso, e de como o imperialismo e seu projeto de conquista recebeu forte influência religiosa. Numa releitura sobre refundação e dependência do Brasil, Leonardo Boff esclarece que:

O assim chamado “descobrimento” equivale a um encobrimento e um apagamento do outro, da história dos povos originários do Brasil e depois da África. [...] o que de fato aconteceu foi um imenso desencontro, um verdadeiro choque de civilizações com o submetimento completo dos indígenas e negros, mais fracos e vulneráveis. O lema era ‘Dilatar a fé e o império’. O que houve foi uma negação pura e simples da alteridade e da reciprocidade. [...] A empresa-Brasil resultou da articulação entre reinos, igrejas e grandes companhias [...] com navegadores, mercadores, banqueiros; não esquecendo as vanguardas modernas, dotadas de espírito de aventura, buscando enriquecimento rápido.<sup>380</sup>

Acerca do impacto da fé cristã aos povos tradicionais do Brasil, Darcy Ribeiro afirma que:

Com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o despojo, o cativo, muitíssimos índios deitavam em suas redes [...] morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira. Sobre esses índios assombrados com o que lhes sucedia é que caiu a pregação missionária, como um flagelo. Com ela, os índios souberam que era por culpa sua, de sua iniquidade, de seus pecados, que o bom deus do céu caíra sobre eles, com um cão selvagem, ameaçando lança-los para sempre nos infernos. O bem e o mal, a virtude e o pecado, o valor e a covardia, tudo se confundia, transtrocando o belo pelo feio, o ruim com o bom. [...] Abre-se com esse encontro um tempo novo, em que nenhuma inocência abrandaria sequer a sanha com que os invasores se lançavam sobre o gentio, prontos a subjugar-los pela honra de Deus e pela prosperidade cristã.<sup>381</sup>

Mais precisamente na Amazônia, na articulação entre Igreja, colonos e índios, Marilene Silva afirma:

Entre os prós e contras da ação religiosa na Amazônia, há sempre uma referência à Igreja como a agência cultural predominante do processo de colonização. Na Amazônia, especialmente, o clero foi o primeiro difusor do pensamento europeu sobre as terras e as gentes. Ao seu modo, a sua visão do mundo, classificou o

<sup>380</sup> BOFF, Leonardo. **Brasil**: concluir a refundação ou prolongar a dependência? Petrópolis: Vozes, 2018, p. 19-21.

<sup>381</sup> RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015, p. 34-35.

espaço físico, os habitantes, as relações existentes, o maravilhoso e o bárbaro. O que lhes era estranho e diverso foi formalizado segundo as suas referências próprias.<sup>382</sup>

Sob tais contextos anunciados, resta-nos saber de que modo o protestantismo se encaixa nessa conjuntura, mais que isso, o próprio pentecostalismo. Gedeon Alencar afirma que:

[...] o que nos interessa é a constatação de que as culturas indígenas, portuguesas e afro são os componentes básicos do que vem a ser o Brasil. E elas são, até o século XIX, os únicos componentes culturais deste país, pois o protestantismo até agora não conseguiu se instalar. Há, aparentemente, alguma confusão conceitual, pois estamos falando de raças e introduzimos uma religião. [...] Raça e religião aqui são sinônimas; a raça implica na religião e vice-versa. [...] O protestantismo divide, separa, discrimina. Não há um espaço – físico ou imaginável – que possa transcender os dogmas ou interditos. Se não for assim, não é protestante. [...] O multiculturalismo brasileiro é incômodo para a ética protestante, pois o primeiro é inclusivista, já a segunda é exclusivista. A cultura brasileira é relativizadora, a pretensão protestante é deontológica. [...] Enquanto a teologia protestante afirma o “deve ser”, a cultura brasileira advoga o “jeitinho”. Daí o sucesso do neopentecostalismo atual, pois é a forma mais abasileirada já professada. [...] Muitas das expressões do protestantismo clássico se abasileiraram, ou surgiram exatamente contra o caráter estrangeiro; por outro lado, diversas expressões do pentecostalismo nasceram e, se mantêm até hoje, com matizes essencialmente estrangeiras, sem contar com o deslumbramento *gospel* em relação aos EUA. [...] O pentecostalismo, apesar de sua origem estrangeira, sempre esteve mais próximo da cultura nacional. Exatamente por ser periférico e pobre. [...] Mas convenhamos, existe algo mais brasileiro do que esta síndrome de querer parecer com os EUA?<sup>383</sup>

Em linhas gerais, partindo apenas da leitura das referências supracitadas, sem uma análise pormenorizada, podemos afirmar que no Brasil, e inclusive na Amazônia, desde sempre, por meio da transmissão da religião, foram importados valores e práticas os quais dificilmente crentes convertidos e convertidas tinham a capacidade de questionar. Muito pelo contrário, como fruto da imposição cultural de seus “missionários” colonizadores, passaram a desejar ser como eles, ser como os missionários, como se isso não lhes custasse a perda de sua cultura e de seus próprios valores os quais o Evangelho sempre leva em consideração.

Sobre esse quadro deveria haver uma crítica ideológica e estrutural da situação real em que vivem os adeptos e as adeptas da religião cristã. Tudo leva a crer que os esforços para essa crítica tenham sido empreendidos sem um estudo sério das estruturas religiosas que herdamos da era colonial. Por isso, há todo o sentido na ideia de que

<sup>382</sup> SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer, 2004, p. 115.

<sup>383</sup> ALENCAR, 2005, p. 29-35; 20-21.

qualquer pessoa que tivesse lido Marx com o mínimo cuidado e atenção teria aprendido que “a crítica a religião é o início de toda a crítica”.<sup>384</sup>

Estamos abordando o caráter da institucionalização da Assembleia de Deus, e enquanto Igreja ela também experimenta a tensão entre a fé genuinamente pura e simples no Evangelho e a religião ou *práxis* religiosa (humana) que gera toda forma de opressão e dominação. Embora, não haja dúvidas que na fé pentecostal, houvesse indivíduos envolvidos com a fé a qual Niebuhr purifica e a isola da religião, é impossível não acreditar que a partir do apoio institucional da Igreja Filadélfia com a missão no Brasil e, por conseguinte, a partir do envio de recursos para o sustento da missão e a construção de patrimônio da Igreja, não ocorresse também, por parte das lideranças, o ensejo pelo controle da obra, ação essa que dá forma à estrutura organizacional e que também aponta para as estruturas de poder. A esse respeito Pierre Bourdieu abordou a função própria do campo religioso, apontando para as práticas de indivíduos e instituições, que enquanto instâncias religiosas, não hesitam em lançar mão do capital religioso para a satisfação de seus interesses.<sup>385</sup>

É algo ambíguo. Não obstante, o aspecto relevante e legítimo do apoio institucional, ao fim e ao cabo, a mesma estruturação da religião, ou da Igreja, por meio do aspecto econômico e social (material), dá à luz a instabilidade dos membros fiéis que, pela liberdade do Evangelho, pensam ou exercem a fé individualmente diferente da estrutura coletiva e para ela apontam mudanças. Os membros são incorporados ao *habitus* religioso, pois, tudo está posto e determinado pelo fator institucional para o qual o capital religioso constrói representações e práticas.<sup>386</sup> É nesse sentido que Roger Chartier aponta que as representações não são discursos neutros, mas, “produzem

---

<sup>384</sup> NIEBUHR, 1967, p. 17-18.

<sup>385</sup> BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013, p. 57.

<sup>386</sup> De acordo com Pierre Bourdieu “em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política de mundo social. De um lado (I), este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a *demanda religiosa* (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos e leigos) e a *oferta religiosa* (ou seja, em função de seu capital religioso) e, de outro lado (II), este capital religioso determina tanto a natureza, a forma, e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como as funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência, na divisão do trabalho político”. BOURDIEU, 2013, p. 57.

estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, e mesmo a legitimar escolhas dos indivíduos ou das massas”.<sup>387</sup> Mais adiante, será possível exemplificar o modo em que questões de liberdades individuais foram sufocadas pela rigidez institucional que mantém coeso o coletivo da estrutura religiosa, aqui, a Igreja que se organiza até 1930.

### 4.3 A institucionalização estabelecida: lições da História da Igreja

O jornal *Boa Semente*, em julho de 1921, apresenta em sua primeira página duas matérias intrínsecas, embora também paradoxais. A primeira faz recordação dos dez anos da implantação do movimento pentecostal liderado por Vingren e Berg, considerando tal contagem a partir do episódio da expulsão dos missionários da Igreja Batista em junho de 1911. A matéria está escrita sob o título de “10 aniversario da fundação da Assembléa de Deus”, que transcrevemos na íntegra:

Que, despreza o dia das coisas pequenas? Zc 4:10. No dia 18 de Junho tivemos a alegria de render um culto de acções de graças, por dez annos de vida e bênçãos, que o nosso bemdito Senhor nos concedeu. Foi no dia 18 de Julho de 1911, que os missionários Gunnar Vingren, Daniel Berg e 17 crentes se reuniram para juntos trabalhar para o Senhor, dirigidos pelo Espírito-Santo; se chamaram primeiramente “Egreja Pentecostal” cujo nome depois mudou-se para ASSEMBLÉA DE DEUS. Estes crentes vinham da Egreja Babtista, e foram excluídos dali por causa da fé no baptismo no Espírito-Santo com o signal segundo as Escripturas. Alguns disseram que era um movimento fanático e que em pouco tempo teria de acabar. Mas graças a nosso bemdito Salvador, esta obra não se acabou, mas em logar se espalhou para todos os lados deste estado, e também para muitos outros. Muitas difficuldades haviam e muitos teem feito como Sanbalat e Tobias escarnecido Neh. 4:1-3; outros como os inimigos de Judá e Benjamim, teem vindo como amigos mortrando ter interesse pela obra do Senhor mas teem sido tão falsas como os inimigos em I Esdras cap. 4. Mas as perseguições e as mentiras pelos jornaes, dos púlpitos e dos mexeriqueiros que andam nas casas particulares, buscando em logar de falar de amor de Jesus, difamar os que em sinceridade servem a Jesus-Cristo, teem tido como resultado, muitos se teem interessado para conhecer esta obra de perto e assim ficaram convencido da verdade. “Quem és tu, ó monte grande? Serás feito uma campina”; “Não por força nem por violencia, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exercitos”. Zac. 4:7.6. Podemos olhar para atraz e dizer: Glorificae ao Senhor, porque é bom; porque a sua misericordia é para sempre. Houve muita alegria e conforto durante o culto e diversos irmãos fallaram engrandecendo o nome do Senhor. Houve também prophecia, linguas estranhas com interpretações e todos nós podemos dizer: “Foi um dia nos átrios do Senhor”. A casa não coube todos que vieram. A Ti pertence toda a honra e gloria, ó Senhor dos Exercitos!<sup>388</sup>

<sup>387</sup> CHARTIER, 1990. p. 17.

<sup>388</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1921, nº 11, p. 1.

Lembrar de sua história é reafirmar a identidade do movimento pentecostal que até aquele instante completava dez anos no Brasil. A recordação remete à ideia de afirmação de uma identidade que está sendo fortalecida e legitimada apesar ou por causa das dificuldades e ataques enfrentados nesse período, inclusive no próprio ambiente da imprensa (assunto que abordaremos mais adiante). A narrativa possui um caráter simples e rudimentar com o objetivo de afirmar e respaldar tudo o que foi realizado como sendo obra de Deus, ação e traço característico que a fé pentecostal possui para defender-se das perseguições e ataques, tal como fora com a igreja neotestamentária, na qual o movimento se inspira e ainda afirma ser a continuidade dela. Por isso, a matéria enfatiza no fim um culto repleto de expressões pentecostais e externa o aspecto dos dons espirituais manifestados na ocasião da celebração dos dez anos da Igreja. Mas, pergunta-se, se a obra é realmente de Deus, por que tanta gente começa a querer mandar nela nos idos da década de 1920?

A outra matéria vem ao lado da matéria sobre a comemoração dos dez anos do movimento. Ela aponta para outro traço de organização institucional da Assembleia de Deus – agora igreja registrada no Brasil e com trabalho missionário mantido pela Igreja Filadélfia (pela *Svenska Fria Missionen*) – a participação da Igreja brasileira no Concílio Pentecostal Internacional de Amsterdã, representada pelo missionário Otto Nelson da Assembleia de Deus de Maceió-AL. Fragmentamos a notícia do Concílio assim:

Nos dias 9 e 16 de janeiro no anno corrente havia uma reunião de pentecostais em Amsterdam, cidade Hollandeza. Diversos países. Estavam ali directamente representados: Suécia, Irlanda,, America do Norte e do Sul. [...] o Brazil estava representado pelo missionário Otto Nelson, de Maceió. Toramos uns extractos das conferencias. A. Booth-Clibborn da Inglaterra disse: Há vinte annos estava nesse paiz reunido o Concilio da Paz Mundial. Muitos naquelle tempo tinham muitas esperanças neste Conselho, mas acabaram-se com a grande e terrível guerra. Agora o Concilio Pentecostal Internacional está reunido no mesmo. O primeiro Conselho de Haia, estava edificado na areia, palavras e conselho dos homens; o último está fundado encima da Rocha, a Palavra de Deus. O primeiro edifício cahiu e a queda foi grande, o ultimo cremos continuará a até vinda do Senhor e depois será mudado para um melhor logar. O primeiro foi cheio de orgulho e arrogância; o ultimo humilde e sem presunção. O primeiro buscou exaltar homens pecadores, o último o nosso Senhor e Salvador”. Max Wood Morehead de Londres, Inglaterra, disse o thema do Concilio é: “O pensamento de Deus com sua Egreja no tempo presente”. [...] Os outros pastores que estavam eram Lewi Pethrus, Suecia; Paul, Berlin, Allemanha; A. L. Fraser, Chicago, América do Norte; Polman, Amsterdam; e muitos outros.<sup>389</sup>

---

<sup>389</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1921, nº 11, p. 1-2.

Nessa segunda matéria é possível analisar ao menos dois pontos. O primeiro é a representação da Igreja brasileira, da Assembleia de Deus, por Otto Nelson, em um evento de reunião de igrejas pentecostais ao redor do mundo, evento internacional no ano de 1921. Embora o missionário, representante da Igreja, fosse um sueco, isso conecta a Assembleia de Deus brasileira, por meio dos contatos dos líderes suecos, a outras lideranças pentecostais do mundo. A presença de Lewi Pethrus no evento não pode passar despercebida que, na publicação da matéria, é o primeiro nome a ser apresentado após os resumos das falas de dois conferencistas ingleses. Obviamente esse destaque se dá pela importância e preeminência da pessoa de Pethrus para a Igreja brasileira e o jornal *Boa Semente* é o órgão oficial da Igreja que receberia apoio institucional da Igreja sueca, especialmente a partir do momento em que Samuel Nyström assumisse o jornal, momento em que Gunnar Vingren se mudaria para o Rio de Janeiro em 1924.<sup>390</sup>

O segundo ponto a ser analisado é a referência que se faz deste evento em detrimento de outro. Cerca de 20 anos antes, no mesmo país, a Holanda, mas, em cidade diferente, Haia, ocorrera a Primeira Conferência Internacional de Haia<sup>391</sup> no ano de 1899, também chamada de Conferência de Paz. O evento, com aspirações políticas, carregava o ideário da paz entre as nações do mundo com “o novo e positivo papel representado pelo

---

<sup>390</sup> De acordo com o Samuel Nelson “no período em que Samuel Nyström assumiu o pastorado da igreja em Belém pela primeira vez, o jornal *Boa Semente* começou a ter uma edição mensal, continuando assim até o ano de 1930. [...] o jornal *Boa Semente* saía mensalmente com uma edição de 3 mil exemplares. NELSON, Samuel. **Samuel Nyström**: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 32.

<sup>391</sup> “A Primeira Conferência da Paz teve lugar em Haia no período que se estendeu de 18 de maio a 19 de julho de 1899. A ela compareceram delegados de 26 países: 20 europeus, ou seja, a totalidade dos países da Europa na época; quatro asiáticos, China, Japão, Pérsia e Sião, e dois do continente americano, EUA e México. A Primeira Conferência de Haia foi expressão da “idéia a realizar” de um pacifismo ativo, voltado para uma ação sobre os meios de obter a paz, seja pelo estímulo à solução pacífica de controvérsias para, deste modo, evitar a guerra, seja pelo desarmamento para, desta maneira, afastar a sua possibilidade. Buscava, igualmente, ampliar a disciplina jurídica do uso da força nos conflitos bélicos – o *jus in bello* – do direito humanitário, que teve início como acima apontado com a criação da Cruz Vermelha, por meio de normas voltadas para influenciar a conduta das hostilidades de modo a evitar sofrimentos inúteis e limitar o número de vítimas. Haia foi escolhida como sede da Primeira Conferência porque, como sugeriu o czar em nota de 11 de janeiro de 1898, seria aconselhável que ela não se realizasse na capital de uma das grandes potências, cujos interesses políticos poderiam dificultar o progresso de um trabalho em que todos os países do universo estavam igualmente interessados. A Holanda, na época, não era grande potência e era vista como país neutro. Era, além do mais, a pátria de Grócio, o grande jurista inaugurador da visão moderna do direito internacional e, como tal, fonte inspiradora do positivo papel que pode ter o direito nas relações internacionais”. LAFER, Celso. **Conferências de Paz de Haia (1899 e 1907)**. Repositório do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas, 2013, p. 2-3. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONFER%C3%84NCIAS%20DA%20PAZ%20DE%20HAIA.pdf> Acesso em: 27 fev 2019.

recurso à arbitragem como meio pacífico para dirimir diferenças entre Estados no plano internacional por meio do direito”.<sup>392</sup>

Do modo característico de seu apoliticismo, as igrejas pentecostais e seus líderes ali representados, optam por referenciar o seu evento em detrimento desse outro. Na publicação, a Conferência de Haia é tomada como uma importante reunião internacional que falhou ao empreender resoluções políticas aos problemas do mundo, aos problemas do ser humano, pois, conforme anunciado as “esperanças neste Conselho, [...] acabaram-se com a grande e terrível guerra”, numa referência direta à Primeira Guerra Mundial iniciada em 1914. Inferimos que ao se apresentar como um Concílio Pentecostal no plano internacional, tomando o evento de Haia como um evento fracassado, os líderes pentecostais sinalizam que seu evento seria diferente, afinal, como publicaram, a Conferência de Paz de Haia “estava edificado na areia, palavras e conselho dos homens; o último (a Conferência Pentecostal) está fundado encima da Rocha, a Palavra de Deus”. Dessa forma, demonstram seu apoliticismo e rejeitam a ideia de paz mediante acordos e resoluções políticas, pois, os líderes nacionais fracassaram em evitar a guerra.

A ideia do novo Concílio, embora sendo uma reunião de igrejas pentecostais, subestima a reunião política de Haia ocorrida 20 anos antes, pois, segundo o registro, teria sido “cheio de orgulho e arrogância; o último humilde e sem presunção. O primeiro buscou exaltar homens pecadores, o último o nosso Senhor e Salvador”. Por meio dessa fala, ironicamente, o que temos é uma representação presunçosa em que uma reunião de igrejas pentecostais possui maior importância e, fica supostamente implícito, que seria capaz de solucionar o que Haia não solucionou, sendo revelado na própria matéria o escatologismo corrente da fé pentecostal da época, pois, encerra a ideia afirmando que “o último (Concílio) cremos continuará a até vinda do Senhor e depois será mudado para um melhor lugar”.

Essa análise ainda traz a reflexão paradoxal de que, mesmo que tais líderes pentecostais tivessem a convicção de que seu Concílio nada tinha a ver com uma reunião política fracassada de representantes de Estado, é óbvio que o caráter institucional das Igrejas ali reunidas, também aponta para a sua própria institucionalização eclesiástica, que também é política, e se tratando da Assembleia de Deus brasileira, nos anos subsequentes, a instituição ganharia forma e conteúdo político-eclesiástico. Pior que isso,

---

<sup>392</sup> LAFER, 2013, p. 3.

produziria, enquanto mais uma religião cristã organizada, ambiguidades convenientes<sup>393</sup> em seu papel diante dos males sociais da sociedade e do Estado, que são refletidos dentro da própria Igreja, e são até mesmo por ela vistos como males institucionalizados. Tais males são normais sob a justificativa única de uma hermenêutica que os considera frutos do pecado e da separação inerente de Deus, sem considerar que, como Igreja, deveria possuir um papel profético e militante contra toda forma de opressão na sociedade.

Coincidentemente essa prática encontra um terrível precedente na história recente da Igreja que ilustra bem as consequências da relação equivocada da Igreja com um regime político o qual, possuindo interesses inconfessáveis, arrastou milhares de membros cristãos para longe da missão da Igreja. Coincidentemente isso ocorreu no início da década de 1930, quando alguns teólogos alertaram a Igreja sob esse risco e sobre a utilidade do Evangelho diante de um mundo amadurecido.<sup>394</sup> Tendo a Alemanha como contexto da ascensão do regime nazista de Adolf Hitler, diversas Igrejas convenientemente se coadunaram com os poderes e o sistema do mundo e por meio de interesses escusos feriram a alma do Evangelho. De acordo com Justo González:

Em 1932, a Igreja Metodista e o Conselho Federal de Igrejas (fundado em 1908 por 33 denominações) manifestaram-se publicamente em apoio da participação do governo no planejamento econômico e para prover meios que garantissem o bem-estar dos pobres. Isso era considerado socialismo radical, e logo viria a reação. Essa reação combinava elementos do fundamentalismo tradicional com concepções políticas anti-socialistas e às vezes fascistas. À medida que os líderes de diversas denominações principais convenciam-se da necessidade de um sistema de previdência social, seguro-desemprego e leis antitruste, muitos homens do povo moviam-se na direção contrária, acusando essa liderança de ter

<sup>393</sup> Acerca da grande incongruência da função da Igreja, Richard Niebuhr afirma que “o Cristianismo tem frequentemente obtido aparente sucesso ao ignorar os preceitos de seu fundador. Como instituição interessada em autopreservar-se e em ganhar poder, a Igreja tem às vezes achado a mensagem da cruz tão imprópria quanto à têm achado grupos nacionais e econômicos. Ao defrontar-se com grandes problemas sociais como a guerra, a escravidão e as desigualdades sociais, ela descobriu convenientes ambiguidades na letra dos evangelhos que lhe permitiram violar seu espírito e aliar-se ao prestígio e ao poder que tais males obtiveram ao se institucionalizarem. Adaptando-se às condições de uma civilização que seu fundador determinara que fosse permeada pelo amor divino, ela achou mais fácil dar a César o que é de César se a constatação do que podia pertencer a Deus não fosse tão intensamente exigida”. NIEBUHR, 1992, p. 11.

<sup>394</sup> Em recente publicação afirmamos que “um desses pensadores, em pleno curso da II Guerra Mundial, foi o teólogo Dietrich Bonhoeffer. Em seus escritos teológicos, demonstrou que a igreja poderia estar perdendo a centralidade de seu discurso e por assim dizer perdendo o horizonte de sua mensagem. Mas, para além da “perca do centro” e da “perca do horizonte”, a teologia de Dietrich Bonhoeffer carregou um motivo central que ficou muito bem expresso na máxima: “esta é a questão: Cristo e o mundo que se tornou adulto”. Bonhoeffer se situa além do compromisso e contraposição enfrentando o problema do confronto da fé cristã e a nova realidade do *mundo tornado adulto*. Dessa forma, torna-se impossível apresentar uma fé dissociada da realidade das pessoas, mais do que isso, dissociada de todas as dimensões que integram o ser humano”. LIMA, Daniel Barros de. BRANDENBRUG, Laude Erandi. A educação integral correlacionada aos princípios educacionais na cosmovisão cristã: tensões e rupturas. **Protestantismo em Revista**, v. 43, nº 1, jan./jun, São Leopoldo, 2017, p. 140.

sido infiltrada pelo comunismo. À medida que a guerra se aproximava, uma parte significativa desse movimento aliou-se ao fascismo, e alguns de seus líderes chegaram a declarar que os cristãos deveriam ser gratos a Adolf Hitler, porque ele estava detendo o avanço do socialismo na Europa. Raramente se fazia alguma distinção entre o comunismo russo e outras formas de socialismo e, quando isso ocorria, todas eram consideradas igualmente ímpias.<sup>395</sup>

Nesse período a relação entre as Igrejas dos EUA com as Igrejas da Europa foi permeada de incertezas, e refletiu uma tensão da qual a América do Sul e mais precisamente as Igrejas do Brasil sofreriam seus efeitos, principalmente com o fundamentalismo teológico. Uma parte significativa dessas igrejas, as quais Justo González aponta como anti-socialistas e anti-fascistas, sugeriram que os cristãos da Igreja fossem gratos a Hitler.<sup>396</sup>

Por outro lado, num movimento não tão generalizado, mas, bem qualificado, vemos alguns poucos líderes e teólogos da época, tanto nos EUA como na Europa, percebendo o quanto esse caminho poderia ferir o cerne do Evangelho e contribuir para que a Igreja perdesse a força de sua missão no mundo. Acerca desses teólogos, em ambiente norte-americano e europeu, González diz:

Foi então que teologias menos otimistas passaram a ter impacto nos EUA. A obra *The Word of God and the word of man* [A Palavra de Deus e a palavra do homem], de Karl Barth, publicada em inglês pouco antes do *cracking* de 1929, começou a fazer sentido para os americanos, em quem a Grande Depressão exerceu um efeito semelhante ao da Primeira Guerra Mundial sobre Barth e sua geração. A teologia dos dois irmãos Niebuhr, Reinhold (1892-1971) e H. Richard (1894-1962), veio para o primeiro plano. Em 1929, H. Richard Niebuhr publicou *The social sources of denominationalism* [As origens sociais do denominacionalismo], afirmando que, nos EUA, o denominacionalismo era uma adaptação do evangelho às diversas camadas socioeconômicas e raciais da sociedade, mostrando assim “a dominação da ética de uma igreja de classes autopreservadora no que diz respeito à ética do evangelho”. Sua conclusão que soou ainda mais pungente pelo fato de o mundo se aproximar da pior guerra que jamais conhecera, foi que “um cristianismo que rende sua liderança às forças sociais da vida nacional e econômica não oferece nenhuma esperança para o mundo dividido”. Em 1937, seu livro *The kingdom of God in America* [O reino de Deus nos EUA] indiciou novamente esse tipo de religião, declarando que nela “um Deus sem ira trouxe homens sem pecado a um reino sem juízo, por meio das

<sup>395</sup> GONZÁLEZ, Justo. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. A era inconclusa. vol. 10. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 89.

<sup>396</sup> Paradoxalmente na Alemanha, González afirma que “os protestantes liberais não possuíam ferramentas teológicas com as quais pudessem reagir de maneira crítica ao novo desafio. Pior, muitos deles haviam declarado que acreditavam na perfectibilidade da raça humana e era exatamente isso o que Hitler proclamava. Eles também se haviam inclinado a confundir o evangelho com a cultura alemã, e a reivindicação nazista de que a Alemanha fora chamada a civilizar o mundo encontrou eco em muitos púlpitos alemães e cátedras acadêmicas. O próprio programa de Hitler incluía a unificação de todas as igrejas protestantes na Alemanha, usando-as na pregação da mensagem sobre a superioridade racial alemã e de uma missão divinamente recebida. Surgiu assim o partido dos “cristãos alemães”, unindo crenças cristãs tradicionais, em geral conforme haviam sido reinterpretadas pelo liberalismo, a noções de superioridade racial e de nacionalismo alemão”. GONZÁLEZ, 1995, p. 71.

ministrações de um Cristo sem cruz”. [...] Em 1934, diversos mestres da teologia, dentre os quais Barth e Bultmann, assinaram um protesto contra os rumos que a Igreja Unida (Na Alemanha) estava tomando. Alguns dias depois, então, os líderes cristãos de toda a Alemanha, tanto luteranos quanto reformados, reuniram-se em Barmen para o que denominaram o “sínodo do testemunho” e publicaram a *Declaração de Barmen*, que se tornou o documento de origem para a “Igreja da Confissão”, grupo que se opôs às medidas de Hitler em nome do evangelho. A *Declaração de Barmen* rejeitava “a falsa doutrina, pela qual a igreja deve aceitar, como base de sua mensagem, além e à parte da Palavra de Deus, outros fatos e poderes, figuras ou verdades, como se fossem a revelação de Deus”. Além disso, conclamou todos os cristãos da Alemanha a provar as palavras da declaração pela Palavra de Deus e só aceitá-la se a considerassem coerente com essa Palavra. A reação do Reich não tardou a chegar. O Dr. Martin Niernöller, pastor em Berlim e pronunciado crítico do governo foi preso e permaneceria na cadeia por oito anos. Quase todos os pastores que criticavam o governo foram recrutados pelo exército e enviados para a frente de batalha. Exigiu-se que todos os professores das universidades alemãs assinassem uma declaração de apoio incondicional ao Reich (Barth recusou-se a assinar e voltou à Suíça, onde ensinou na Basílica até aposentar-se). Entre os que sofreram sob o regime de Hitler, quem mais se destacou foi o jovem teólogo Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), que pastoreava em Londres quando a Igreja da Confissão o convidou a voltar à Alemanha para dirigir um seminário clandestino. Seus amigos na Inglaterra tentaram dissuadi-lo, mas ele sentia ser esse um chamado que tinha de aceitar e voltou à Alemanha cômico de que estava arriscando a vida. [...] seus colegas alemães logo seriam forçados a optar entre o patriotismo e a verdade, e declarou: “Sei qual dessas alternativas devo escolher; mas não posso fazer tal opção em segurança”.<sup>397</sup>

Essa longa, mas, necessária citação fornece as informações do contexto, que estamos próximo a adentrar, da década de 1930, em que o pentecostalismo brasileiro está se formando e, aparentemente está isento de qualquer envolvimento ou engajamento político que perpassasse a dimensão imanente do mundo. Baseados na sua negação de mundo, líderes pentecostais do mundo se reuniram no início da década de 1920 anunciando um evento de porte internacional, onde se evidencia seu escatologismo como um *modus operandi* de como a religião pentecostal lidaria com a política pelas próximas décadas. Mas, o que devemos apontar aqui é que a própria institucionalização da Igreja já representa em si, e de modo informe, uma estrutura política de poder, a qual, mesmo com seu característico escatologismo e “apoliticismo”, produziria, na organização da Igreja, práticas similares da política secular as quais as lideranças criticavam como sendo fracassadas, pois, segundo a matéria diz, uma reunião de cunho político internacional como Haia não fez nada pelo mundo e apenas “buscou exaltar homens pecadores”.

Em sua tese de doutorado, Osiel Carvalho rejeita a ideia de que o pentecostalismo desse período fosse apolítico por conta de seu escatologismo. Em suma ele afirma:

---

<sup>397</sup> GONZÁLEZ, 1995, p. 86-87, 72-73.

Acreditamos que desde a década de 1930 há posições políticas nas ADs, de modo que nesse processo, a concepção escatológica está relacionada com resistência e crítica social [...] há espaços nos jornais para zombar de estadistas e dizer que mesmo sendo cultos vacilam na condução dos governos. Pode-se tratar com ironia certos políticos, pois esse pentecostalismo desconfiava de determinadas pretensões políticas governamentais. Tal postura também configura posição política[...].<sup>398</sup>

Compreendemos que Osiel Carvalho nega o apoliticismo predominante da Assembleia de Deus na época. Sua ideia se dá em afirmar que o não posicionamento político já configura uma posição política, e a não política é expressão política. Em nossa pesquisa concordamos com o que diz o autor acerca da resistência ao mundo político, bem como a crítica social que se fazia com zombarias sobre as pretensões políticas do seu tempo, como já tem sido apresentado e ratificado pelos jornais. Porém, reafirmamos a ideia apolítica intrínseca ao escatologismo da Assembleia de Deus nesse tempo sob o sentido prático do que significa o “fazer político”, pois, entendemos que não havia uma conscientização para o engajamento político no sentido de pensar o agir do Reino de Deus na terra, perpassado também por essa esfera. Isso definitivamente não havia, pois a negação do mundo<sup>399</sup> incluía também a falta de engajamento político que levasse a Igreja a transformar realidades sociais inerentes aos problemas das pessoas e de seu contexto.

Esse engajamento prático, como expressão política da Igreja é legítimo, e, isso, não quer dizer partidarismo político, o qual criticamos veementemente como disfunção da missão da Igreja, tal como também o é, e também criticamos, o apoliticismo que resiste, zomba e subestima o exercício da política, sem nada empreender, pois, como disse Justo Gonzalez, “a igreja nunca foi uma comunidade desprovida de todo contato com o mundo

---

<sup>398</sup> CARVALHO, Osiel Lourenço de. **(In)versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro: uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus de 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz.** Tese de Doutorado em Ciências da Religião: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2016, p. 59, 65.

<sup>399</sup> Richard Niebuhr referencia historicamente o modelo de operação da Igreja *Cristo contra Cultura* com Tertuliano de Cartago lembrando que “quando ele admoesta os crentes, seu conselho é para que eles se retirem dos muitos encontros e muitas ocupações, não somente porque estas coisas estão corrompidas por causa de sua relação com a fé pagã, mas porque elas requerem um modo de vida contrário ao espírito e à lei de Cristo. Assim, a vida política deve ser evitada. ‘Como aqueles em quem todo ardor de busca de honra e glória está morto’, escreve Tertuliano, ainda em defesa, ‘nada nos induz prementemente a participar de vossas reuniões públicas nem há algo mais inteiramente estranho para nós do que as lides do Estado’. Há uma contradição íntima entre o exercício do poder político e a fé cristã”. NIEBUHR, 1967, p. 76. Em recente obra publicada D. A. Carson faz uma releitura do sentido dos apontamentos de Niebuhr para o século XXI e sobre o modelo *Cristo contra Cultura* afirma que “com frequência, essa posição procura se defender com novas leis, novas regras de conduta, que são tão inflexíveis e tão minuciosas que a própria graça parece ser rebaixada para um segundo e terceiro nível”. CARSON, D. A. **Cristo e Cultura: uma releitura.** São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 25.

exterior”,<sup>400</sup> e quando soube assimilar sua função terrena e o aspecto de dialogicidade com as estruturas do mundo<sup>401</sup> terreno sua mensagem foi melhor compreendida e recebida em quaisquer tempo, espaço ou cultura.

A própria encarnação de verbo, na pessoa de Cristo, dogma fundamental da fé cristã, assume tal pressuposição e aponta para a importância das esferas política econômica e social, consideradas *superfícies duras da vida*,<sup>402</sup> pois, Cristo se envolve com essas superfícies e encarna tomando para si as crises existenciais da condição humana do povo com o qual se envolve, por isso, Ele toca nas necessidades das pessoas e Ele mesmo é como pedra fundamental que a despeito e sob a conjuntura religiosa (judaísmo), cultural (grega) e política (romana) de seu tempo, irrompe poderosamente anunciando o Reino de Deus e suas obras, não desconsiderando essas esferas, mas, atuando por meio delas.

Essa leitura pode ser melhor empreendida à luz do que afirma Leonardo Boff em sua conhecida obra, *Jesus Cristo libertador*:

O Reino de Deus que Cristo anuncia não é libertação deste ou daquele mal, da opressão política dos romanos, das dificuldades econômicas do povo ou só do pecado. Reino de Deus não pode ser privatizado a este ou àquele aspecto: ele abarca tudo, mundo, homem e sociedade; a totalidade da realidade deve ser transformada por Deus. [...] por que o Reino de Deus está dentro de vós (Lc 17, 21). [...] De tudo isso um dado resulta claro: Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade desse mundo material, espiritual e humano agora introduzido na ordem de Deus. Caso não fosse assim como poderia Cristo ter entusiasmado as massas? [...]<sup>403</sup>

---

<sup>400</sup> GONZÁLEZ, 1980, p. 15.

<sup>401</sup> Com o objetivo de não incorrer em anacronismo ou críticas desnecessárias ao movimento pentecostal da época, em pensar que o mesmo não possuía instrumentos suficientes para obtenção de uma leitura crítica e engajamento político, embasamos nossa análise crítica apoiados, primeiro, justamente no modo que os jornais disseminavam seus tópicos políticos, sempre com um teor jornalístico pejorativo por meio de redatores cristão bem instruídos (muitos deles intelectuais) e, segundo, nos exemplos históricos, em que a Igreja, que por vários séculos se deparou com as contingências do mundo, e que, em menor ou em maior grau obteve uma interpretação mais aproximada de um Evangelho integral, sabendo lidar com as tensões e conflitos dessa interpretação. Assim sendo, nossa crítica torna-se razoável considerando a dimensão do tempo histórico da Igreja como um *locus epistêmico* de acesso aos sujeitos envolvidos em disseminar seu apoliticismo escatológico nos jornais e na Igreja.

<sup>402</sup> O termo é oriundo do antropólogo Clifford Geertz. Ele alertava que “o perigo da análise cultural era perder contato com as superfícies duras da vida, como as estruturas políticas e econômicas”. BURKE, 2008, p. 148. De igual modo, inferimos que a Igreja, especialmente a Assembleia de Deus, ocupada durante muito tempo em enfatizar em sua mensagem tão somente as coisas do céu e da eternidade, esqueceu-se de dar atenção às realidades duras da vida, pois, antes de seus/as congregados/as entrarem dimensão da eternidade com Deus, eles/as também vivem na terra o drama da existência e da condição humana. Todos/as são pessoas vivas e reais, no tempo e no espaço, e deveriam viver plenamente aquilo que o próprio Cristo disse possibilitar aos seus: “Eu vim para que tenham vida e a tenham com abundância” (João 10:10).

<sup>403</sup> BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 68-69.

O que temos aqui é a constatação da abrangência e da incomensurabilidade do Reino de Deus revelado por Jesus Cristo, o que desmistifica qualquer possibilidade de considerá-lo numa forma ou em qualquer espaço delimitador – físico ou metafísico – pois certamente isso reduziria sua realidade a uma ou outra dimensão, tal como Boff explicita esse sentido na ideia de algo privatizado. As massas que Boff diz ter Cristo entusiasmado, é uma constatação direta que Cristo se importava com a humanidade das pessoas, com a condição humana. Cristo se importa com o ser humano que, sob as superfícies duras da vida, sofre e morre num tempo não redimido.

De tudo isso uma coisa devemos reter seguramente: a encarnação de Deus não significa apenas que Deus se fez homem. Quer dizer muito mais. Ele participou realmente de nossa condição humana e assumiu nossos anseios mais profundos. Utilizou nossa linguagem marcada fortemente de conteúdos ideológicos. Tentou esvaziá-la e dar-lhe um sentido de total libertação e absoluta esperança. Mostrou esse novo conteúdo com sinais e comportamentos típicos. O Reino de Deus que pregou já não é mais uma utopia humana impossível. Mas “porque a Deus nada é impossível” (Lc 1,37), ele é uma realidade já incipiente dentro nosso mundo.<sup>404</sup>

A preponderância da fala de Leonardo Boff nesse ponto possui um caráter profético singular, pois, maximiza o sentido que estamos aplicando à compreensão de uma Igreja militante na terra a qual é portadora do anúncio de um Evangelho encarnado em um Reino dinâmico. É um Evangelho que se importa e se envolve com todas as esferas possíveis que tangem a condição humana, provando assim, a sua aplicação e a incomensurabilidade do Reino que anuncia, mesmo que tal anúncio também requeira da Igreja portadora desse Evangelho, *a priori*, a denúncia dos déspotas da religião e da política ou de quaisquer estruturas humanas de poder. Isso testa e revela por si só a natureza e a missão da Igreja na terra.

As lideranças eclesiais que não souberam fazer do Evangelho a força motriz de libertação de *todo o ser humano, e do ser humano todo* (Em Lausanne<sup>405</sup> foi dito: de todo o homem e do homem todo), em todas as dimensões da vida, especialmente a política, social e econômica, fracassaram, pois, exaltaram a si mesmos e seus projetos de poder. Nesse sentido, e acerca da relação da Igreja com a política, é preciso perguntarmos e avaliarmos o que é pior: uma Igreja que se desenvolve com o discurso supostamente

---

<sup>404</sup> BOFF, 1972, p. 75.

<sup>405</sup> Em 1974 mais de quatro mil líderes procedentes de mais de 150 nações se reuniram em Lausanne na Suíça e estabeleceram o que ficou conhecido como *Pacto de Lausanne*. Este pacto sintetiza resoluções imprescindíveis que as igrejas evangélicas deveriam empreender para tornar sua missão mais eficiente no mundo. É composto por quinze tópicos que expressam uma responsabilidade cristã engajada num discurso de fé alinhado a uma práxis transformadora no mundo social.

apolítico e escatológico, mas, em sua prática, busca e ama o poder, e sobre ele estabelece projetos terrenos? Ou a Igreja que se torna politicamente partidária, perde sua função e missão, e, amordaçada, coaduna-se convenientemente com as forças políticas nacionais de seu tempo? (Pois, elas sustentam seus projetos, lhes trazem benefícios e mantém seu *status quo*, elementos esses próprios da religião).

O apontamento dessa imbricação exige necessariamente uma terceira via como caminho possível, pois como já vimos, pelo o que apontam as duas perguntas retóricas supracitadas, a história não perdoa os erros do passado, revela e expõe as falhas da Igreja. Com isso a história também ensina e aponta, não para o poder da religião, mas, para o verdadeiro poder do Evangelho sobre o qual Charles Spurgeon disse certa feita: “O evangelho é como um leão enjaulado, não precisamos defendê-lo, só precisamos deixar que saia da jaula”.<sup>406</sup> A terceira via exige a interpretação da máxima de Spurgeon.

Avançando na década de 1920, mais precisamente em direção aos primeiros movimentos que prenunciam a organização da Assembleia de Deus por meio de convenções regionais, os jornais nos são, mais uma vez, muito úteis. Essa dimensão de institucionalização em curso se evidencia nas publicações dos jornais e são preponderantes para os novos caminhos de organização que as igrejas espalhadas, agora por outros Estados, além do Pará, deveriam tomar.

No ano de 1921 a Assembleia de Deus completou 10 anos de existência da obra pentecostal no Brasil e, como já apresentado, isso foi registrado no jornal *Boa Semente*. No mesmo ano, ocorreu a primeira Convenção<sup>407</sup> Estadual da Assembleia de Deus, evento este que também deve ter tido espaço no *Boa Semente*, porém, em um número perdido, o número 12, do ano de 1921. De acordo com Isael Araújo:

O primeiro encontro reunindo os obreiros da Assembleia de Deus no Brasil ocorreu de 18 a 22 de agosto de 1921, na Vila São Luiz, localizada no município de Igarapé-Açu, no Pará. Na época, a pequena vila paraense era ponto estratégico de ligação entre a igreja-mãe, em Belém, e os demais trabalhos que foram erguidos ao redor da antiga Estrada de Ferro Belém-Bragança [...]. Nessa Convenção, foi quando, pela primeira vez, encontraram-se reunidos o maior número de obreiros [...]. Os principais assuntos tratados parecem ter sido a evangelização, o esclarecimento de pequenas dúvidas teológicas e o andamento dos trabalhos. O missionário Gunnar Vingren não participou porque viajara para

<sup>406</sup> PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta**: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 20.

<sup>407</sup> Tipo de associação de pastores e evangelistas [...] de âmbito estadual ou regional, cadastrada e registrada na Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (CGADB). ARAÚJO, 2007, p. 206

a Suécia, em 08 de maio de 1921, a fim de tratar de uma grave enfermidade, e só retornou ao Brasil em janeiro de 1923.<sup>408</sup>

Explorando o único número de jornal que temos e que possa informar algo acerca da primeira Convenção, descobrimos que havia ocorrido naquele ano muitas conversões na Vila São Luiz, local da Convenção. Isso confirma que a pequena vila paraense devia ter sido ponto estratégico para o crescimento da Igreja. A notícia foi assim publicada no jornal: “De São Luiz, interior do Pará, tem chegado as boas novas dum despertamento na Assembléa de Deus e muitos novos convertidos. Nos dois últimos batismos foram 25 pessoas batizadas em agua e Jesus batizou 12 em Espirito Santo”.<sup>409</sup>

A primeira reunião oficial e, portanto, a primeira reunião organizada da Assembleia de Deus, considerada embrião da CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, reuniu numa cidade do interior do Pará pastores e obreiros das igrejas dos Estados do Pará e do Amazonas para avaliar o trabalho da obra pentecostal no país. Além do fato de Gunnar Vingren não ter estado presente nessa reunião, pois, foi Samuel Nyström quem a presidiu, nos chama a atenção que, após dez anos de expansão dos trabalhos, entre os assuntos a serem tratados nessa primeira Convenção, estava o tópico “pequenas dúvidas teológicas”, pois, conforme já temos tratado, nesse período não havia uma organização sistemática da teologia pentecostal, a formação do grupo se deu muito mais pelo caráter pragmático no exercício da evangelização do que por qualquer forma reflexiva de ação.

Não há nada informado sobre quais seriam essas dúvidas teológicas, mas, inferimos que Samuel Nyström, presidindo a Convenção, deve ter percebido a necessidade um preparo básico nas doutrinas pentecostais para aqueles primeiros líderes e, conforme anunciado, foi ele quem organizou a primeira *Escola Bíblica* de obreiros em Belém do Pará, no ano seguinte em 1922, evento este, que possuía 30 dias de duração e, sendo assim, havia muito mais tempo do que apenas aqueles cinco dias de Convenção, para o aprendizado das doutrinas pentecostais.

Além disso, consideramos também razoável inferir que tais “pequenas dúvidas teológicas”, poderiam sinalizar, ou já contemplavam, mesmo que de um modo incipiente, o desejo das lideranças brasileiras de assumir o governo da Igreja, ou dos campos os quais eles eram responsáveis pela abertura, pois, em matérias de estudos teológicos é

---

<sup>408</sup> ARAÚJO, 2007, p. 206.

<sup>409</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1921, nº 11, p. 3.

normativo o estudo acerca das formas de governo da Igreja. Isso também foi observado por Marina Correa, que afirmou “na verdade, o que eles pleiteavam de fato era a participação nas tomadas de decisões administrativas das igrejas”.<sup>410</sup>

O mais antigo registro que temos acerca de uma reunião de pastores ou Convenção Estadual realizada fora do Estado do Pará é o da Assembleia de Deus de Alagoas, a primeira Convenção do Estado do Alagoas. Ela foi realizada em Maceió de 21 a 28 de outubro de 1923 e o *Boa Semente* dedicou um espaço amplo em suas páginas para detalhar dia a dia como se deu a Convenção. Inicialmente informou os líderes que haviam chegado em Maceió afirmando que:

Jesus enviou muitos dos seus mensageiros para assistir-a. Logo na semana anterior chegou o evangelista José de Menezes do R. G. do Norte, e no sábado a noite os irmãos Gunnar Vingren e Samuel Nyström, Samuel Hedlund e Simon Sjogren, e as irmãs Elizabeth Johanson e Lily Johnson.<sup>411</sup>

Mesmo antes da realização de uma Convenção Geral de caráter nacional é possível notar a importância dada aos nomes de líderes suecos presentes a reunião de Maceió, enquanto apenas um brasileiro é citado, a saber, José de Menezes representando a Assembleia de Deus do Estado do Rio Grande do Norte. Mais que isso, em toda a extensa notícia sobre a Convenção, não há nenhuma outra menção a lideranças brasileiras ou propriamente a pastores locais. A notícia é assinada por Otto Nelson, missionário sueco responsável por implantar a Assembleia de Deus em Maceió em 1915 e por inaugurar “o terceiro templo da AD no Brasil e o maior da denominação, na época”,<sup>412</sup> justamente um ano antes, em 22 de outubro de 1922, data essa também celebrada durante os dias da Convenção.

Em suma, é possível extrair da extensa notícia, basicamente duas atividades que apontam para os dois objetivos principais dessa Convenção: a organização do trabalho no campo missionário e a doutrina das últimas coisas. Em determinado ponto lemos que:

Havia também reuniões todos os dias as 10 horas da manhã quando os trabalhadores do Senhor tratavam do trabalho em geral, e às 3 horas da tarde nos reuníamos para estudo bíblico, quando o irmão Samuel Nyström falava sobre o grande e importante assumpto – “A vinda do Senhor, os signaes que o precederão e também sobre o que ha de acontecer depois da vinda do Senhor”.<sup>413</sup>

<sup>410</sup> CORREA, Marina. **Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 100.

<sup>411</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Dezembro de 1923, nº 31, p. 4.

<sup>412</sup> ARAÚJO, 2007, p. 504.

<sup>413</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Dezembro de 1923, nº 31, p. 4.

É nesse sentido que Gedeon Alencar afirma que a construção da identidade assembleiana brasileira “é marcada pela teologia do sofrimento dentro de um contexto de exacerbada escatologia”,<sup>414</sup> pois, enquanto fundamenta seu estatologismo diariamente em uma Convenção, também se supera a dor e o sofrimento do trabalho no campo missionário. Nessa década, como já temos indicado, a institucionalização da Assembleia de Deus é reforçada a cada ano na organização e no controle do trabalho realizado, feito predominantemente, por misionários e pastores suecos. Nos anos seguintes da década de 1920 começaram a se reunir anualmente Convenções estaduais e regionais, conforme se davam o avanço e o crescimento das igrejas no Brasil. É importante ressaltar que nesse início de organização das igrejas houve certa resistência pela ideia de transformar ministérios em convenções, mas, aos poucos isso foi ocorrendo e evoluindo, até que em 1935, numa Convenção Geral (Nacional) da Assembleia de Deus “foi oficializada a criação de convenções regionais em todos os Estados onde houvesse trabalhos implantados das Assembleias de Deus”.<sup>415</sup>

O movimento dessas reuniões estaduais e regionais era o prenúncio da organização e institucionalização que estamos investigando, agora, sob o caráter nacional e sob o aspecto da influência da Igreja Filadélfia, na pessoa de Lewi Pethrus e da missão sueca no Brasil (Svenka Fria Missionen – Missão Sueca Livre). Assim, ressaltamos que Lewi Pethrus se tornaria, até 1930, a mais importante liderança mundial do pentecostalismo, especialmente da Assembleia de Deus brasileira, que nessa fusão de cooperação entre missionários suecos e obreiros brasileiros – a *priori*, nortistas e nordestinos – formando o *ethos* sueco-nordestino,<sup>416</sup> gerou, irremediavelmente, a subserviência de brasileiros a suecos. Gedeon Alencar afirma que “as primeiras lideranças vivem na tensão entre a *revelação carismática* e a oficialização da denominação”.<sup>417</sup>

À medida que ocorre o crescimento da Assembleia de Deus e a realização de suas Convenções estaduais e regionais, é também fortalecida a identidade do grupo e juntamente com suas práticas – as quais os jornais registram – temos reveladas as representações desse universo socioreligioso pentecostal em formação. Nesse sentido,

---

<sup>414</sup> ALENCAR, 2013, p. 145.

<sup>415</sup> ARAÚJO, 2007, p. 206.

<sup>416</sup> O termo *ethos* sueco-nordestino foi usado por Paul Freston, sobre o qual Gedeon Alencar diz ser o “elemento fundante da identidade assembleiana. As ADs, sim, nascem do labor dos muitos suecos, mas, desde seu início, nacionalizou-se a partir do Norte e Nordeste, e é do (des) encontro desses dois mundos que ela se forma. Uma questão político-teológica vai ser fundamental para sua constituição: a ideia de igrejas livres”. ALENCAR, 2013, p. 149.

<sup>417</sup> ALENCAR, 2013, p. 145.

Roger Chartier categorizou os conceitos de representação e apropriação, desvelando as modalidades de relação com o mundo social, especialmente as práticas de reconhecimento de uma identidade social e as formas institucionalizadas que marcam a existência de um grupo.<sup>418</sup> Essa última modalidade, é expressa nos jornais da Igreja e revela o fator institucionalizador das práticas pentecostais, da identidade do grupo, da razão de ser do grupo, do seu *fazer-se*.

É importante uma breve retomada ao conceito do *fazer-se*<sup>419</sup> cunhado por Edward Thompson que, conquanto tenha pesquisado a formação da classe trabalhadora da Inglaterra, estudou também nesse processo a fortíssima dimensão religiosa que a constituía, a saber, o metodismo em formação que se opunha ao anglicanismo elitista e dominante da época. A percepção da condição em que se encontravam os trabalhadores e membros da comunidade de fé se dava pela tomada de consciência que eles tinham de suas próprias experiências constituídas na dimensão do seu próprio *fazer-se* apontado por Thompson como ação fundamental para superar os traumas e dilemas de seu tempo, que por conseguinte, também contribui para a formação de sua identidade enquanto grupo. De acordo com Alexandre Fortes a ascensão do metodismo,

se torna o grande canal de processamento das experiências psíquicas vividas pelos pobres diante da destruição do seu modo de vida tradicional no processo de desregulamentação que antecede a Revolução Industrial, além de uma importante via de resgate da autoestima, de acesso à alfabetização e de difusão de métodos organizativos.<sup>420</sup>

Guardadas as devidas diferenças da comparação entre os grupos, o próprio ambiente socioreligioso de rejeição e perseguição que sofreram os pentecostais nas primeiras décadas de sua formação, serviu para legimitar e reafirmar a identidade do grupo, conforme se davam e se faziam suas experiências. O jornais foram o canal de processamento tanto das experiências do campo missionário como do estabelecimento do pensamento do grupo, de sua doutrina, de sua legitimação, de sua institucionalização. Nesse sentido, o pentecostalismo no Brasil experienciou, enquanto se institucionalizava, aquilo que o metodismo foi em seu estabelecimento na Inglaterra.

---

<sup>418</sup> VAINFAS, 2011, p. 143.

<sup>419</sup> O *fazer-se* de Thompson pode ser compreendido como um estudo sobre um processo ativo que se deve tanto à ação humana como aos condicionamentos. A classe operária não surgiu tal como o sol, numa hora determinada. Ela estava presente ao seu próprio *fazer-se*. THOMPSON, 2011. p. 9.

<sup>420</sup> FORTES, 2006, p. 203-204.

A institucionalização da Assembleia de Deus é assim compreendida. É evidente que a relação dos missionários pioneiros com a Igreja Filadélfia na pessoa de Lewi Pethrus fortaleceu a institucionalização da Igreja brasileira, da Assembleia de Deus, e o movimento que se dá nos últimos anos década 1920 confirma essa assertiva. Os jornais verbalizaram uma efervescência única em suas páginas, algo que não se via desde o início da obra em 1911, e desde das primeiras representações impressas nos jornais da Igreja.

Enquanto iam sendo realizadas as convenções estaduais ou regionais, aconteceu uma reunião de fundamental importância para o desenvolvimento da obra missionária no Brasil sob a perspectiva dos suecos. Trata-se da Primeira Conferência Pentecostal do Brasil, realizada de 17 a 25 de julho de 1926 no Rio de Janeiro. A edição de setembro do *Boa Semente*, daquele ano, dedicou uma página inteira para registrar o evento, da qual, primeiramente, fragmentamos o seguinte:

Em razão da visita do secretário das missões estrangeiras da “Svenka Fria Missionen” (Missão Sueca Livre) – Dr. A. P. Franklin – fez-se mister a reunião dos missionários das Assembleas de Deus na referida capital afim de tractarem de assumptos de maxima importancia no presente e futuro, a respeito das relações entre missionários da supracitada missão que representa a mór parte das Assembleas Livres da Suecia. Até bem pouco tempo, cada assemblea na Suecia estava em directa correspondência com os missionarios auxiliados por ella; e todo o trabalho estava sob a base da fé no tocante ao sustento dos missionarios. Não havia também interferencia da parte das Assembleas da Suecia na direcção do trabalho no Brasil, que deve ter como director o Espirito Sancto. Tendo o trabalho na Suecia crescido muito, missionários foram enviados a muitos paizes e se resolveu entregar-se a administração e representação do trabalho das missões no estrangeiro a trez obreiros idoneos da Suecia e assim estabeleceu a “Missão Sueca Livre”. A visita do Dr. A. P. Franklin teve por objectivo conhecer melhor o trabalho evangelico do Brasil, as suas necessidades e ao mesmo tempo conferencia com os misionarios das Assembleas de Deus do Brasil e a missão que ceio representar.<sup>421</sup>

Temos inicialmente na análise desse primeiro fragmento, aquilo que já apontamos acerca da criação e função da “Svenka Fria Missionen” (Missão Sueca Livre), que passados, até então, dez anos de sua existência, seu secretário vem pela primeira vez ao campo missionário brasileiro, o Dr. A. P. Franklin,<sup>422</sup> para tratar, como registrado na

<sup>421</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64, p. 5.

<sup>422</sup> Anders Petter Franklin, sueco, estrategista de missões, primeiro secretário da Missão Livre Sueca e fundador das igrejas pentecostais suecas. Em 1923, Franklin juntou-se ao Movimento Pentecostal Sueco, passando a pertencer à Igreja Filadélfia de Estocolmo, a convite de Lewi Pethrus, para cuidar das Missões no exterior, dando início à organização da Svenka Fria Missionen (Missão Livre Sueca). [...] Não há registro sobre o assunto exato que levou a Igreja de Estocolmo a enviá-lo ao Brasil. Tudo indica ter sido uma viagem de supervisão missionária, visto que Lewi Pethrus só veio ao Brasil em 1930. [...] A. P. Franklin era contrário ao ponto de vista de Lewi Pethrus [...] parece que Franklin defendia a necessidade de uma estrutura institucionalizada para a obra missionária, numa associação segundo o modelo de

notícia “de assumptos de máxima importancia no presente e futuro”, reunindo apenas os missionários suecos, os quais a missão dava auxílio no tocante aos seus sustentos, embora, como também anunciado, “todo o trabalho estava [estivesse] sob a base da fé”. É possível notar que, ao passo que a missão sueca crescia no exterior, a administração do trabalho não era entregue às lideranças nacionais, mas, sim, organizada por três “obreiros idoneos”, aqui, A. P. Franklin é um deles.

Mais adiante extraímos outro fragmento dessa notícia:

Os missionários que se reuniram foram os seguintes: Gustavo Nordlund, do Rio G. do Sul; Gunnar Vingren, do Rio de Janeiro; Otto Nelson, de Alagoas; Joel Carlson e Simon Lundgren, de Pernambuco, Nels J. Nelson e Samuel Nyström; do Pará; Gunnar Svenson, da Argentina e Dr. A. P. Franklin, da Suecia. Ficou determinado em nossa reunião que estendessemos as mãos em cooperação com a “Svenka Fria Missionen” da Suecia e declarámos também que a referida missão representasse lá os interesses do trabalho das Assembléas de Deus do Brasil. [...] Enquanto ao trabalho do Senhor aqui, ficou resolvido que devíamos deixar ao Espirito Sancto a direcção de seus servos, os quaes serão usados, conforme a sua boa vontade e assim certamente teremos o melhor resultado. Se todos os obreiros tanto nacionaes como estrangeiros se submeterem á direcção do Espirito Sancto, grandes resultados veremos e muitas almas serão conduzidas das trevas para a luz do Senhor.<sup>423</sup>

Por três vezes, nesses dois fragmentos, há a afirmativa de que a obra a qual os missionários estavam realizando era ou deveria ser dirigida pelo Espírito Santo. Isso é sempre reafirmado na notícia. Desde o início, essa forma de pensar o fazer “missões”, sempre esteve presente na mentalidade pentecostal e, é também por isso que se afirma categoricamente que a missão sueca não interferia no trabalho no Brasil tendo “como director o Espírito Sancto”. Será mesmo? Por que passados quase 20 anos da implantação da obra pentecostal no Brasil não vemos destaque para a presença de lideranças brasileiras<sup>424</sup> em uma Primeira Conferência de missionários realizada no Brasil? Mais do que isso, por que não vemos nenhuma liderança brasileira como pastores responsáveis pelas igrejas das capitais citadas na notícia? A menos que fosse o Espírito Santo dirigindo dessa maneira a obra, não devemos pensar que os suecos, e sua forte influência

---

igrejas pentecostais norte-americanas. [...] Por fim, Franklin desligou-se da Igreja de Estocolmo. ARAÚJO, 2007, p. 321-322.

<sup>423</sup> **Boa Semente.** Belém do Pará, Setembro de 1926, n° 64, p. 5.

<sup>424</sup> Ao final da publicação, o redator da notícia, Samuel Nyström, menciona os nomes de três ministros brasileiros que estiveram presentes durante a conferencia são eles: Climaco Bueno Aza; Raul e Manoel dos Santos. Não sabemos os motivos do porquê que outras lideranças, que já eram atuantes da Assembleia de Deus na década de 1920, não se fizeram presentes à Conferência dos missionários. Não obstante é razoável afirmar que o evento era fechado e dizia respeito a relação da Missão Sueca Livre com os missionários por ela sustentados. No entanto, isso não deveria eximir as lideranças brasileiras de igual responsabilidade e acompanhamento.

institucional no controle da missão, tivessem excluído as lideranças brasileiras por vontade própria.

Na Conferência havia assuntos que diziam respeito às lideranças brasileiras, como, por exemplo, as medidas tomadas para a manutenção do próprio jornal *Boa Semente*. Na mesma edição lemos que “na convenção há pouco havida capital federal, um dos principais assuntos fora a ordem econômica em favor da *Boa Semente*”,<sup>425</sup> que ao que parece, enfrentava dificuldades para se manter. Diante de tal necessidade algumas mudanças ocorreram apenas pelo assentimento dos missionários suecos, como as novas medidas de custeio e os novos preços das assinaturas do jornal. Ao fim, lemos o seguinte pedido: “queremos pedir aos srs. pastores ou encarregados das diversas Assembleas de Deus, o favor de tomarem a si a responsabilidade de arranjar assignaturas, sendo que por 20 exemplares, daremos gratuitamente aos que se esforçarem um exemplar”.<sup>426</sup> Mas relação entre pastores brasileiros e missionários suecos haveria de se imbricar para uma relação de trocas tendo o *Boa Semente* como produto interlocutor.

#### 4.4 O manifesto dos pastores “nordestinos” e o *ethos* sueco-nosdestino

Observando a Convenção Geral<sup>427</sup> de Natal em 1930 como ápice dessa investigação, a análise e a compreensão desse momento em que a Assembleia de Deus gradualmente se institucionalizava, perpassa pela leitura do quadro geral em que essa Igreja chegava em fins da década de 1920.

Conforme Silas Daniel nos informa, os primeiros passos para a realização da primeira Convenção foram dados em 1929, e a iniciativa partiu dos obreiros nacionais. Foram os pastores brasileiros das regiões Norte e Nordeste os idealizadores da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Até 1930, os missionários suecos lideravam ou supervisionavam todas as Assembleias de Deus no país. Nenhum trabalho aberto pelos missionários havia recebido autonomia, mesmo sendo boa parte das igrejas do Norte e Nordeste dirigida por pastores nacionais. O líder natural dos missionários era

<sup>425</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64, p. 7.

<sup>426</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64, p. 7.

<sup>427</sup> Com o crescimento das Assembleias de Deus, iniciadas por Gunnar Vingren e Daniel Berg, surgiu a necessidade de serem realizados encontros periódicos reunindo missionários pastores, evangelistas e demais obreiros, com o propósito de manter a identidade e a unidade doutrinária das Assembleias de Deus, e resolver questões internas e externas (agora em caráter nacional). ARAÚJO, 2007, p. 207.

Gunnar Vingren, que desde 1924 liderava a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, então capital do Brasil. Na sua ausência, Samuel Nyström, que estava em Belém do Pará, era quem exercia a liderança nacional. Antes da Convenção de 1930, só os missionários se reuniam para decidir o andamento das Assembleias de Deus. Os pastores brasileiros eram apenas comunicados das resoluções e as implementavam.<sup>428</sup>

A Segunda Conferência Pentecostal, que tal qual a primeira, teve por objetivo reunir apenas os missionários suecos no Brasil, aconteceu de 10 a 17 de outubro de 1929 na Assembleia de Deus de Recife-PE e foi dirigida pelo missionário Joel Carlson.<sup>429</sup> (Ver anexo 6). Cabe observar que oito meses antes, em fevereiro de 1929 em Natal-RN, ocorrera uma reunião *sui generis* apenas com pastores e obreiros brasileiros e, é para esse fato que devemos apontar nossa investigação. O que estaria ocorrendo entre aqueles líderes brasileiros, que representavam a maioria dos líderes de uma Igreja que crescia vertiginosamente no país, para terem que fazer uma reunião, pela primeira vez, sem a participação de suecos?

Embora Gedeon Alencar não mencione essa segunda Conferência em Recife, que como a primeira, contou apenas com missionários suecos, faz uma suposição razoável para compreender a reação dos líderes brasileiros, com base apenas na primeira Conferência realizada no Rio de Janeiro:

Mas a despeito da ausência de documentos, fica muito claro: havia uma *estrutura de poder sueco que liderava a AD no Brasil*, e talvez tenha sido essa reunião que ocasionou o levante dos brasileiros para “convocar” a Convenção de 30. O jornal não diz como e o por que de os brasileiros terem sido dela alijados [...].<sup>430</sup>

A bibliografia oficial da Assembleia de Deus não ignora o fato, mas, apresenta o seguinte registro:

Foi pouco antes da Conferência Pentecostal de Recife que os obreiros brasileiros se reuniram para amadurecer uma ideia que crescia em seus corações. Após 18 anos de Movimento Pentecostal no Brasil, sentindo a necessidade de terem maior liberdade na condução dos trabalhos já estabelecidos nas regiões Norte e Nordeste, os obreiros nacionais se reuniram de 17 a 18 de fevereiro de 1929, em Natal-RN, para tomarem uma decisão. Ao final da reunião, resolveram marcar um outro encontro, também em Natal, mas dessa vez reunindo tanto os pastores nacionais como os missionários suecos. O objetivo era expor aos missionários o

<sup>428</sup> DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 22-23.

<sup>429</sup> ARAÚJO, 2007, p. 201.

<sup>430</sup> ALENCAR, 2010, p. 98.

desejo de ganharem autonomia, e instaram para que não fossem mal compreendidos e para que a obra no Brasil continuasse unida.<sup>431</sup>

Essa narrativa pertence à bibliografia oficial publicada pela CPAD. Nossa investigação pretende desvelar mais. Embora tome como ponto de partida a narrativa oficial, é fundamental a busca dessas informações nos jornais na Igreja, o *Boa Semente* e *O Som Alegre*, jornais que se faziam publicar no ano de 1929 e início de 1930, ou seja, os meses do contexto do fato, além de outras fontes possíveis.

De pronto, os números do *Boa Semente* de janeiro a dezembro de 1929 não informam nada, nenhum único indício acerca de qualquer mal-estar dos líderes brasileiros com os missionários suecos. Se a reunião informada ocorrera em meados de fevereiro de 1929, intuímos ler, mais detalhadamente, os números de março a maio investigando qualquer indício, mesmo que indireto, do trabalho e da direção das Igrejas por parte de pastores brasileiros.

As Igrejas eram administradas pelos suecos, e os jornais muito mais, pois diretor, gerente e redatores eram em sua maioria suecos e, por conseguinte, as publicações possuíam essa preeminência. Os espaços que os pastores ou obreiros brasileiros aparecem são geralmente aqueles dedicados às informações do trabalho no campo missionário e relatórios de cultos, conversões, batismos, do crescimento da obra em si.

No entanto, no mês de março de 1929, encontramos duas notícias que tomamos como indícios indiretos do que estava acontecendo na Igreja, mas, que o jornal não publicava. Primeiramente, lemos por quase meia página um extenso relato de viagens do missionário Joel Carlson<sup>432</sup> pelo Nordeste, partindo de Recife e por várias cidades do interior do Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, inclusive a capital, Natal, onde seria realizada a Primeira Convenção Geral no ano seguinte, de 1930.

Acerca desses três Estados nordestinos Joel Carlson afirma no início de seu relato: “Innegavelmente, Deus tem abençoado esses tres estados maravilhosamente. São logares onde é muito difficil o trabalho, por causa da grande pobreza entre a população. [...] estamos fazendo esforços, porque sentimos a grande responsabilidade de trabalhar”.<sup>433</sup> Em linhas gerais, a tônica da narrativa de Carlson é testemunhar o crescimento da obra

---

<sup>431</sup> DANIEL, 2004, p. 23.

<sup>432</sup> Missionário, sueco, evangelista, pastor, antigo líder da Assembleia de Deus em Pernambuco e ex-presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil (Liderou a Assembleia de Deus em Recife em 1918 até seu falecimento em 1942). ARAÚJO, 2007, p. 156-157.

<sup>433</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1929, nº 94, p. 6.

nos campos visitados. Esse tipo de notícia era muito comum no jornal desde seu início em 1919. Os missionários sempre relatavam o andamento da obra, principalmente os suecos.

Na página seguinte, desse mesmo número, lemos um breve informativo acerca da movimentação de pastores brasileiros que estavam sendo removidos ou substituídos dos campos missionários em que atuavam para outros campos de trabalho da Igreja.

Ultimamente, conforme a direcção de Deus, tivemos a remoção de trez de nossos pastores para campo diferentes. O irmão Julião Silva que, vindo há pouco de S. Izabel, se achava em Belem, nos auxiliando, viajou para Timboteua, onde actualmente está pastoreando aquele campo. O irmão José Bezerra, ex-pastor daquelle campo, foi para o logar Bonito afim de substituir ao pastor Absalão Piano, que por sua vez se acha em um novo campo, pastoreando-o. É Coxiú, no Guamã, o novo campo de actividade do irmão Absalão. O Senhor salvou alli muitas almas e o trabalho se torna cada dia mais prospero. Que Deus abençoe a cada um no seu campo.<sup>434</sup>

Passados dez anos da existência do jornal da Igreja e quase vinte anos do início da missão pentecostal no Brasil, inegavelmente a obra, que desde o início sempre foi relatada pelos missionários suecos, cresceu bastante e, conforme lemos nos jornais, os relatos do crescimento se intensificavam, dezenas de novos missionários e novas missionárias chegavam do exterior para serem responsáveis pela abertura de novos campos e, mais precisamente, nos últimos anos da década de 1920 é possível notar publicações desse tipo. Os suecos começavam a desenvolver uma espécie de rodízio mudando os pastores brasileiros de um lugar para outro nos campos. Não encontramos nos jornais nenhuma explicação para isso, a não ser declarações como lidas na fonte “conforme a direcção de Deus”, ou, “Que Deus abençoe a cada um no seu campo”.

A informação relatada e usada como exemplo de publicação do gênero, não foi assinada, o que também nos surpreende, pois, algo muito importante estava sendo informado e feito sem muitas explicações, e ainda, com um redator anônimo. Tais omissões se justificam pelo caráter officioso que tinham (tem) os jornais da Igreja, também motivados e carregados de interesses próprios, tanto naquilo que revela como naquilo que não revela.

Um mês antes da reunião emblemática de pastores brasileiros – nordestinos – o *Boa Semente* publicou a seguinte notícia:

PARAHYBA – Temos recebido sempre de nosso irmão Cícero Lima boas notícias a respeito da obra do Senhor naquella abençoada capital nordestina. Durante o anno passado houve muitas conversões e baptismos alli, prova de que estão

---

<sup>434</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Março de 1929, n° 94, p. 7.

abençoados os irmãos e confirma-se o ministério abençoado de nosso presado irmão. Deus os abençoe sempre, são nossos votos.<sup>435</sup>

Na notícia divulgada em janeiro de 1929 temos um novo personagem que entra em cena. Trata-se do pastor Cícero Canuto de Lima, que se tornaria um líder nacional das Assembleias de Deus. Ainda no ano de 1923, “Cícero foi consagrado ministro do evangelho pelo missionário Gunnar Vingren. No ano seguinte, dirigiu-se para o Nordeste, chegando a João Pessoa, em junho de 1924. O trabalho ali prosperou sob sua liderança”,<sup>436</sup> tal como se evidencia em uma na notícia publicada ao seu respeito: “confirma-se o ministério de nosso presado irmão”. Assim, é razoável afirmar que o pastor Cícero Lima é o primeiro pastor brasileiro a ganhar tal notoriedade nos jornais da Igreja, e isso, obviamente, permitido pelos suecos. Isso não deve ser tomado como algo aleatório, pois, o jornal dissemina sentido e, nada ocorre sem que haja interesse. Esse é um sentido implícito que denota e representa o caráter institucional que a Igreja ganhava, tendo na “disputa” pela obra a implicação da legitimidade do trabalho de líderes brasileiros. Por conseguinte, eles também desejavam ser responsáveis e ter o controle da obra que realizavam.

Então, decidimos investigar os números anteriores ao ano de 1929, porém, descobrimos que os números do *Boa Semente* de 1928 são números considerados perdidos, e após um período de buscas,<sup>437</sup> encontramos apenas algumas páginas dispersas de seus números junto ao CEMP.

O acesso ao Diário de Vingren é chave para compreendermos o que ocorrera naquele ano, especialmente no Nordeste. Ali a obra confluía, pois, era um campo missionário ainda vastíssimo e os missionários do Norte e Sudeste, sempre paravam em algumas cidades nordestinas durante as suas viagens. Assim, acessamos um relato de Vingren acerca de sua viagem ao Recife a convite de Joel Carlson por ocasião da inauguração do Templo, descrito assim por seu filho Ivar:

No princípio do mês de abril de 1928, Vingren viajou, com a esposa (Frida Vingren), para o Recife. Haviam sido convidados pelo missionário Joel Carlson. Esse querido irmão estava trabalhando agora arduamente naquele Estado [...] Os irmãos Samuel Nyström e esposa (Lina Nyström) também estiveram presentes nessa oportunidade. Vingren ficou ali durante três semanas. Os missionários pregaram a Palavra de Deus noite após noite, em diferentes congregações. No dia

<sup>435</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Janeiro de 1929, nº 92, p. 8.

<sup>436</sup> ARAÚJO, 2007, p. 423.

<sup>437</sup> Contatamos a CPAD e insistimos em recuperar qualquer número que fosse possível. Porém, o que a editora encontrou em seus arquivos não acrescenta muito ao fato.

da inauguração do templo, foram batizados 34 novos crentes, e um deles batizado com o Espírito Santo [...].<sup>438</sup>

É possível notar no fragmento extraído do relato de Ivar, primeiro, aquela dinamicidade já apontada sobre Vingren que viajava muito pelos campos missionários em que a Assembleia de Deus se desenvolvia, e nessa viagem, especialmente, encontrou-se com Nyström, vindo de Belém. Ambos acompanhados de suas respectivas esposas, Frida Vingren e Lina Nyström. O que temos, então, é uma reunião de missionários e missionárias. São eles quem pregam e, portanto, têm a primazia dos púlpitos das congregações do Recife, até o grande evento de inauguração do templo construído por Joel Carlson. Muitas pessoas são convertidas e batizadas. Mas, onde estão os obreiros e pastores brasileiros?

Nesse ponto, faz-se necessário observar o jornal *O Som Alegre*, já apresentado nessa pesquisa, que também teve seus primeiros números investigados (esse jornal teve um total de apenas onze números publicados). Como já anunciado, o jornal *O Som Alegre* foi fundado no Rio de Janeiro por Gunnar Vingren em fins de 1929 e circulou até outubro de 1930, dando lugar ao *Mensageiro da Paz*, que surgiu como resultado da fusão entre os jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* como decisão ordinária da Convenção Geral de Natal em 1930.

No entanto, conforme Vingren relata em seu diário, o empreendimento do novo jornal surgiu quando ele constatou que o *Boa Semente*, publicado em Belém do Pará, não atendia às necessidades da nova demanda no Sudeste, e nem sempre o jornal chegava em tempo oportuno, então, ele e seus auxiliares no Rio de Janeiro resolveram fundar o jornal *O Som Alegre*. Razão convincente?

O primeiro número do *O Som Alegre* data de dezembro de 1929 e se apresentou à Igreja e ao público primeiramente fazendo referência ao seu título citando a referência bíblica de Salmos: “Bem-aventurado o povo que conhece o som alegre; andará, ó Senhor, na luz da tua face. Salmos 89:15”. Após uma breve exposição bíblica, que teve como palavra-chave a *alegria*, a redação do jornal traz, em seu breve editorial, a apresentação do jornal:

Com grande alegria e temor, e pela direcção do Espírito Santo vos apresentamos este humilde jornal – “O Som Alegre”. Não pretendemos que elle seja perfeito quanto á linguagem, mas desejamos e nos esforçamos para que seja um

---

<sup>438</sup> VINGREN, 1973, p. 151.

verdadeiro “Som Alegre” de salvação para os peccadores, de bênçãos recebidas para o povo de Deus.<sup>439</sup>

Mais adiante o editorial ratifica o que já havia sido expressado no jornal *Boa Semente* dez anos antes acerca do que chamamos de marca singular da doutrina pentecostal: “Pelo ‘O Som Alegre’ anunciaremos as promessas gloriosas no Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, [...] O baptismo no Espírito Santo, os dons espirituais, e a próxima e gloriosa vinda do Senhor”.<sup>440</sup>

Não obstante essa breve, mas, necessária apresentação<sup>441</sup> do jornal *O Som Alegre*, lemos os primeiros números referentes aos primeiros meses de publicação do jornal para saber se havia algum indício que pudesse demonstrar, sob a perspectiva do Rio de Janeiro, ou mais precisamente de Gunnar Vingren, diretor e líder nacional da Assembleia de Deus, alguma tensão ou instabilidade na relação dos missionários suecos e pastores brasileiros no que se refere à administração da Igreja, uma vez que, para além das regiões Norte e Nordeste, o movimento se espalhava para as demais regiões do país.

Analisando o contexto prévio da Convenção de 1930, mais precisamente o que o jornal *O Som Alegre* registrou sobre o ambiente que se formava, encontramos alguns indícios que apontam para o controle da obra pelos suecos, ao mesmo tempo em que vemos alguns personagens brasileiros entrar em cena. Entrecruzando relatos de Vingren percebemos nos registros certa tensão ao mesmo tempo em que se anuncia a Convenção de Natal. A primeira edição do jornal trouxe a seguinte informação: “O nosso pastor e irmão Gunnar Vingren embarcou no dia 17 para Recife e Parahyba do Norte, para assistir a inauguração do templo em Parahyba, no dia 24 do mês findo”.<sup>442</sup> No segundo número, vemos Frida, sua esposa, relatando a volta de Vingren:

Regressou ao nosso meio, no dia 9 deste mez, depois de uma ausência de tres semanas, o nosso irmão amado Vingren. Motivou sua viagem a inauguração do novo templo no Estado da Parahyba do Norte, a qual por convite fora assistir. Graças a Deus elle chegou bem em paz, trazendo também muito boas impressões de sua viagem. [...] O irmão Cícero de Lima, pastor da igreja da capital, conta

<sup>439</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Dezembro de 1929, nº 1, p. 1.

<sup>440</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Dezembro de 1929, nº 1, p. 1.

<sup>441</sup> No terceiro número, o jornal insere os testemunhos dos pastores acerca do trabalho das Igrejas nas cidades (capitais) brasileiras as quais o jornal já havia chegado, como Belo Horizonte-MG e Curitiba-PR. Ao fim, o próprio Vingren escreve: “Pedimos aos irmãos e amigos, que têm apreciado o “Som Alegre”, que façam tudo para propaganda do mesmo. Faremos um esforço para que elle seja um jornal que sirva também para propaganda entre os peccadores. Portanto os irmãos podem comprar números avulsos para dar aos amigos, conhecidos e parentes. Sim, podem até vendel-os. Pedimos as orações dos justos para que o Senhor nos dirija em todo o trabalho, eferente ao jornal”. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930, nº 3, p. 7.

<sup>442</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Dezembro de 1929, nº 1, p. 8.

como o Senhor os tem abençoado naquelle logar, pois começando sem causa alguma conseguiram, ajudados por Deus levantar o novo templo. Na construcção deste, não só trabalharam os crentes, mas também muitos interessados e amigos, voluntariamente, prestaram seus serviços. [...] O irmão Vingren em companhia do missionário Nils Kastberg, e os irmãos Adina e Otto Nelson, onde permaneceu alguns dias. O irmão Otto Nelson pastor da igreja em Maceió, tem feito uma viagem ao sul da Bahia, acerca da qual esperamos um relatório. Existe ali uma porta aberta e um começo de trabalho.<sup>443</sup>

Antes da análise dessa notícia, devemos atentar para do fato, que nesse contexto de visitaçao dos missionários ao Nordeste, a reunião realizada somente com pastores e obreiros brasileiros, já havia ocorrido quase um ano antes, em fevereiro de 1929. Portanto, a inauguração de um templo fortalece a ideia de que o crescimento da obra estava ocorrendo também por causa do empenho e da direção de um pastor brasileiro, Cícero de Lima, o que também aponta para a autonomia desejada pelos brasileiros na condução das Igrejas.

Observando o texto da matéria, vemos o líder da Assembleia de Deus no Brasil, Gunnar Vingren, visitando um importante Estado no Nordeste por ocasião da inauguração de mais um templo. Notamos na narrativa a presença de outros três missionários suecos que participaram do evento, ao passo que, também se relata o movimento das viagens deles pela Bahia em campos nos quais a Assembleia de Deus ainda deveria ser implantada. Mas, são os suecos que protagonizam tal o feito, não os brasileiros.

Vemos mais uma vez a referência ao pastor Cícero Canuto de Lima, mas, agora, com maior destaque, a figura de um pastor brasileiro como pastor principal de um Estado, que de acordo com a matéria, liderou com muito esforço e cooperação de grande voluntariado, a construção de um grande templo na cidade João Pessoa na Parahyba do Norte, antiga denominação do atual Estado da Paraíba. Devemos acrescentar que, de acordo com Isael de Araújo, Cícero de Lima “fez parte da reunião de obreiros brasileiros das regiões Norte e Nordeste que idealizou a primeira Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil realizada em 1930, na cidade de Natal”.<sup>444</sup>

Temos, então, aqui um dado, no mínimo instigante. O pastor principal da Assembleia de Deus na Paraíba, não apenas é responsável pela construção de um grande templo – até então prerrogativa apenas dos missionários suecos, como no templo de Recife inaugurado por Joel Carlson em 1928 – mas, também identificado como sendo um daqueles pastores que se reuniram em fevereiro de 1929, conforme já relatado, que

<sup>443</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, nº 2, p. 6.

<sup>444</sup> ARAÚJO, 2007, p. 423-424.

sentiam “a necessidade de terem maior liberdade na condução dos trabalhos já estabelecidos nas regiões Norte e Nordeste”, e queriam, sem serem mal compreendidos, “expor aos missionários suecos o desejo de ganharem autonomia”.<sup>445</sup>

Nesse quadro, constatamos o que era de se supor, os jornais não revelaram explicitamente o que se passava naquele ambiente acerca do desejo dos pastores brasileiros, principalmente por seu caráter oficial, mas, revelou indícios, que até aqui demonstram com razoável clareza que o clima de administração do trabalho não era o mesmo de 20 anos atrás quando a obra havia sido iniciada de um modo muito simples. Às vésperas de uma Convenção Geral, o fator da institucionalização vinha ganhando força desde o momento em que Lewi Pethrus se apropriou da missão e investiu recursos financeiros e humanos (missionários e missionárias) na obra pentecostal no Brasil.

Observamos nessa investigação o levantamento apenas de indícios, e tais indícios remetem-se à análise do conceito do *paradigma indiciário* desenvolvido por Carlo Ginzburg. Em seu texto clássico de historiografia, *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, Ginzburg apresenta o método indiciário como sendo:

A capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente. Pode-se acrescentar que esses dados são sempre dispostos pelo observador de modo tal a dar lugar a uma sequência narrativa, cuja a formulação mais simples poderia ser “alguém passou por lá”. Talvez a própria ideia de narrativa tenha nascido pela primeira vez numa sociedade de caçadores, a partir da experiência da decifração de pistas.<sup>446</sup>

A ideia do historiador Carlo Ginzburg pode ser definida, ou melhor compreendida em uma frase: “Deus está no particular”, posta como epígrafe principal na abertura de seu conhecido texto. Sandra Pesavento utiliza, didaticamente, uma ilustração para explicar o *paradigma indiciário* de Ginzburg afirmando que:

Nele o historiador é equiparado a um detetive, pois é responsável pela decifração de um enigma, pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo. Qual Sherlock Holmes, ele enfrenta o desafio do passado com atitude dedutiva e movido pela suspeita: vai em busca de traços, de pegadas como um caçador, de vestígios, com um policial. Presta atenção nas evidências, por certo, mas, não entende o real como transparente. Aliás, refere Ginzburg, o próprio Marx afirmara que, se a realidade fosse transparente, não haveria necessidade de interpretá-la!<sup>447</sup>

---

<sup>445</sup> DANIEL, 2004, p. 23.

<sup>446</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 152.

<sup>447</sup> PESAVENTO, 2008, p. 63.

Assumindo tal função, investigativa e interpretativa, é possível inferir que, embora nenhum número do jornal *Boa Semente* de 1929 tenha feito qualquer menção direta a qualquer situação instável da relação entre os missionários suecos e pastores brasileiros, publicações como as duas referenciadas acima podem significar indiretamente que os pastores brasileiros não estavam tão satisfeitos assim, ou que talvez a “direção de Deus” já pudesse ser outra. Ou, o que explicaria o fato deles terem se reunido em particular em Natal, durante aqueles dois dias no mês de fevereiro de 1929?

Inferimos também que, embora as fontes não anunciem explicitamente, e até mesmo expressem que os pastores não tinham desejo de dividir a obra, pois, não queriam ser mal interpretados, é evidente que os suecos controlavam demais a obra, e a autonomia que os pastores brasileiros buscavam perpassava pelos conflitos que eles poderiam estar enfrentando no relacionamento com os líderes suecos. Além disso, desejavam ser eles os responsáveis pela obra no sentido de alcançarem alguns benefícios com isso, como provavelmente viam os suecos alcançar. Nos referimos aqui ao prestígio e ao poder.

Se o evento culminante dessa história é a Convenção Geral de 1930, passamos a ler, número a número, o *Boa Semente* e o *O Som Alegre* com o duplo objetivo, primeiro de encontrar mais indícios que indicassem a tensão e conflitos entre os pastores brasileiros e missionários suecos, e também a própria interpretação da Convenção Geral de Natal, pois, a partir das letras dos jornais é possível ver mais.

Ao iniciar o ano de 1930, mais precisamente no mês de fevereiro, encontramos mais do que indícios, encontramos uma constatação, algo que também pode ser chamado de *manifesto dos pastores brasileiros*, o qual está carregado de evidências que revelam o tenso ambiente que se formava na Assembleia de Deus naquele ano. Nesse sentido, reproduzimos aqui a matéria completa, para depois analisarmos em partes as representações contidas no seu texto:

A TODAS ASSEMBLÉAS NO BRASIL Nós, reunidos na cidade de Natal, nos dias 17 e 18 de dezembro próximo findo, tivemos pela graça de Deus a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral, em que se congregue a mór parte dos trabalhadores brasileiros e missionários para resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor. Todos nós sabemos a crise por que, como uma dura prova, passou á Assembléa de Deus neste paiz e não podemos nos conformar com esse estado de coisas, sem o necessário entendimento daquelles que teem responsabilidade deante de Deus. Sabemos que crises podem ocorrer; mas temos na Palavra do Senhor o exemplo a seguir. Todos conhecem a dificuldade por que passou a igreja em Jerusalém com a innovação dos judaisantes; porém vemos, aliás, que se congregaram os apóstolos e anciãos para considerar a questão (Act. 15:6). Não tomaram attitudes pessoaes, porém se congregaram e com elles estava o Espirito Sancto que os

dirigia. Assim queremos fazer, amados irmãos, e pedimos em nome do Senhor a vossa aprovação. Temos em vista convidar todos os obreiros por meio deste manifesto e solicitamos que nos respondeas com urgencia, pois a nossa Convenção se realizará em julho vindouro, na cidade de Natal. Deve começar no dia 12 do referido mez e se não precisamos o termino da mesma Convenção, é porque achámos justo deixar no arbítrio das necessidades e circunstancias de occasião. Temos a certeza de que foi o Senhor que dos dictou a necessidade de uma Convenção Geral, pois só assim será possível remover certos obstaculos que podem embaraçar a causa de Nosso Senhor Jesus Christo. Certos de que não haveis de desprezar o que sentimos da parte do Senhor, contamos com a vossa presença na referida Convenção, cujo fim será a exaltação do nome do Senhor e a fraternidade daquelles que desejam extender o reino de Deus neste mundo. Francisco Gonzaga, Cícero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco César, Nathanael G. de Figueiredo, Pedro Costa. - Os que vierem tenham a bondade de comunicar com urgencia, afim de que se torne facil a hospedagem. Endereço - Francisco Gonzaga. Rua Amaro Barreto, 40.<sup>448</sup>

Esse manifesto foi republicado no *Boa Semente* nos meses seguintes durante o ano de 1930 anunciando, em linhas gerais, a necessidade de uma reunião geral da Igreja com todos os pastores e missionários da Assembleia de Deus. Esse anúncio, e, por conseguinte, a necessidade dessa nova reunião, é resultado daquela primeira reunião, a qual já relatamos, realizada nos dias 17 e 18 de fevereiro de 1929 na mesma cidade de Natal, apenas com pastores brasileiros, lembrando e ressaltando que oito meses depois ocorreria, em Recife, a Segunda Conferência Pentecostal, reunião distinta, que reunia apenas missionários e missionárias da Suécia. Essa interconexão dos fatos integram o conjunto de dados que analisados, podem confirmar o que chamamos de evidência.

O modo como os pastores brasileiros se expressam por meio dessa convocação deve ser analisada. Antes de tudo, ressaltamos os nomes desses líderes que abertamente assinam o manifesto: Francisco Gonzaga, Cícero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco César, Nathanael G. de Figueiredo, Pedro Costa. Totalizam o número de dez lideranças, sobre os quais Gedeon Alencar reitera que “nenhum desses signatários são nomes de pastores conhecidos; ou têm textos publicados no jornal *Boa Semente*”,<sup>449</sup> excetuando o nome do pastor Cícero Lima sobre o qual temos exposto sua trajetória e que de fato era o único que não apenas publicava no *Boa Semente*, mas, dentre estes, já havia alcançado certa preeminência entre os pastores brasileiros<sup>450</sup> e missionários suecos.

<sup>448</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Fevereiro de 1930, nº 105, p. 6.

<sup>449</sup> ALENCAR, 2010, p. 122.

<sup>450</sup> Acerca de Cicero Canuto de Lima, o jornal *Boa Semente*, vez ou outra, publicava algum texto dele ou a seu respeito como no exemplo a seguir: “Da Parahyba do Norte recebemos uma carta de nosso presado irmão Cícero Lima, communicando-nos o progresso do trabalho alli e, ao mesmo tempo, o nascimento

Portanto, o que eles assinam representa uma nova perspectiva que se faz e se legitima pelo ponto de vista de um grupo de líderes que está trabalhando desde o início da obra pentecostal e, por conseguinte, na sua expansão. Mais do que isso, o manifesto deles não é algo que deva se considerar fechado às lideranças, mas, por meio dos jornais estende e sinaliza novas resoluções acerca da administração da Igreja a quem pudesse interessar, como os demais membros da Igreja em todo o país, a Igreja que de Norte a Sul assimilava o uso do jornal como porta-voz da mensagem pentecostal no país. Porém, a publicação não é apenas uma mensagem, mas, um indício evidente das tensões em torno do poder advindo do processo de institucionalização da Assembleia de Deus.

Um fator que deve ser considerado, mesmo que brevemente, é a compreensão do porquê a cidade de Natal foi escolhida para sediar a Primeira Convenção Geral. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer o contexto histórico da Convenção e a Igreja Assembleia de Deus que está inserida na cidade Natal-RN<sup>451</sup> nesse período.

Gedeon Alencar investiga essa questão observando que:

A maior igreja está em Belém, porém a mais importante fica no Rio de Janeiro, pois, além de ser dirigida por Vingren, é a capital do país; entretanto, a Convenção acontece em Natal. Por quê? A convocação para a Convenção partiu de um grupo de pastores de Natal. Dentre os dez nomes, apenas um, posteriormente, se torna um nome conhecido na liderança nacional: Cícero Canuto de Lima, consagrado pastor por Vingren em 1923, em Belém. Ademais, mesmo sendo um período entre-guerras, Natal é uma cidade moderna e de muita importância, pois ali está a Base Americana. [...] Natal tinha na época o principal movimento sufragista feminino com apoio do Governador. Lá, de forma inusitada, as mulheres votaram pela primeira vez no Brasil, em 1927, e também ocorreu a primeira eleição de uma mulher à prefeitura, em 1928. Um abaixo-assinado foi organizado com duas mil e setecentas assinaturas em defesa do voto feminino. Qual a ressonância disso dentro das ADs no Rio Grande do Norte, e demais Estados nordestinos? Alguns/as assembleianos/as também firmaram este abaixo-assinado? Até onde essa subversão feminina alcançou e afetou a igreja? Não temos nenhum registro, mas evidentemente essa orquestração masculina contra o ministério feminino, exatamente nessa região e neste período, é indício de algo. Essa cidade é “moderna” demais para os padrões dessa

---

de mais um filho que recebeu o nome de Jasiel. Endereçamos ao nosso irmão e a sua esposa Esther Lima nossos parabéns”. **Boa Semente**. Belém do Pará, Junho de 1930, nº 109, p. 7.

<sup>451</sup> Há um importante relato de Lewi Pethrus sobre a cidade Natal e sua hospedagem publicado no jornal *Evangelii Harold* que diz assim: “Natal é um lugar com muito paludismo (febre intermitente). A cidade tem cerca de trinta e cinco mil habitantes, e somente no distrito em que estamos são 1500 os enfermos de malária. O pequeno quarto, onde moro, é bom, mas muito simples. As paredes são de terra e o teto é de telhas colocadas sobre vigas de madeira atravessadas. As portas são feitas de pedaços de toda espécie de material, o que chamaria atenção de fosse na Suécia, pois nem os ranchos na Suécia são assim. Mas não posso compreender o que torna tudo isto tão agradável! Porque de nenhuma forma parece descuidado ou relaxado. Se me houvessem convidado para ir ao Grande Hotel, eu não trocava de modo nenhum um cômodo ali por este simples quarto nesta casa pobre. No espaço que havia entre as paredes e o teto, os mosquitos (os portadores da malária) saíam e entravam à vontade. [...] havia uma terrível epidemia de mara na cidade! Graças a Deus Ele guardou a todos os irmãos que vieram à Conferência”. VINGREN, 1973, p. 174.

igreja e, antes que ela fosse contaminada os machos dirigentes tomaram uma atitude.<sup>452</sup>

Em sua investigação e análise Gedeon Alencar amplia a compreensão acerca da Convenção de Natal. Além de dar sentido aos prováveis motivos de sua realização ser na capital potiguar – afinal, os pastores nordestinos que haviam assinado o manifesto se reuniram na cidade de Natal em fevereiro de 1929 – também é informado o contexto de fins da década de 1920 em Natal, acerca da emancipação da mulher na esfera pública, algo que reverberou para todo o país. Nesse sentido, Alencar já sinaliza um problema, que talvez estivesse velado nas publicações dos jornais, mas, que pode ter contribuído para os problemas que a liderança enfrentava e que também motivasse o manifesto daqueles pastores, a saber, a questão do ministério feminino na Igreja, ou mais precisamente, Frida Vingren e, o que ela representava. Mas, acerca disso trataremos mais adiante.

Observando alguns trechos do manifesto, inicialmente é anunciado que os pastores brasileiros, líderes da Igreja no Nordeste, tiveram “pela graça de Deus a inspiração da necessidade urgente de uma Convenção Geral [...] para resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor”. Mas quais seriam essas “certas questões” que estavam prendendo o progresso da obra? O jornal não expõe. A bibliografia oficial da Assembleia de Deus se limitou a explicar a expressão “certas questões” como sendo apenas o desejo dos pastores em terem mais autonomia no trabalho da Igreja, como já fora aqui apontado.

Mais adiante é informado de modo categórico “todos nós sabemos a crise por que, como uma dura prova, passou á Assembléa de Deus neste paiz [...]”. Sobre a denominada crise, a historiografia oficial ainda afirma que: “A crise causadora dos problemas que precisavam de entendimento de todos, não foi bem definida nos documentos aos quais temos acesso na atualidade”<sup>453</sup> e assim, a inferência novamente é apontar a motivação principal: que o pastores nacionais queriam mais liberdade na condução dos trabalhos da Igreja, que não queriam ser mal compreendidos e que obra deveria continuar unida.

Ora, mas, pergunta-se: é plausível usar a palavra “crise”, ou “dura prova” para uma resolução acerca da direção da Igreja, sem que já não tivesse ocorrido algum tipo de embate ou desgaste com os suecos que de fato trouxera uma crise e já não houvesse instaurado um clima de divisão da Igreja? Presume-se que não. Numa coisa a

---

<sup>452</sup> ALENCAR, 2013, p. 136-137.

<sup>453</sup> ARAÚJO, 2011, p. 275.

historiografia oficial está certa, os documentos não revelam o que eles queriam dizer ao usar a palavra “crise”, mas, embora não tenham revelado o que eles estavam enfrentando, presumimos que o clima de tensão e de divisão estava instaurado.

Para além disso, seria ainda possível conjecturar que a tal “crise” ou a “dura prova” pudesse também estar relacionada ao colapso econômico mundial de 1929, que afetou o Brasil, e, por conseguinte, pode ter, de algum modo, afetado a vida material e econômica dos líderes e dos membros pentecostais, uma vez que a Igreja também vive e sofre os problemas do mundo em cada tempo? Talvez sim, talvez não. A fonte não diz. Mas, sabe-se que a própria questão nacionalista é um assunto que precede a chamada revolução de 1930 no pós-crise no Brasil onde a relação dos brasileiros com os estrangeiros foi profundamente afetada.<sup>454</sup> Sobre o que indagamos, trazemos uma pequena fala de Lewi Pethrus acerca do ambiente que se formava antes da Convenção de Natal: “havia fortes rompimentos políticos no país e a nacionalidade tinha contribuído para criar uma certa aversão a estrangeiros”.<sup>455</sup>

Outro detalhe a ser examinado no manifesto dos líderes brasileiros é o uso do texto bíblico, uma referência do livro de Atos acerca do Concílio de Jerusalém para respaldar e ainda reafirmar que o que eles estavam empreendendo estava na correta direção de Deus: “[...] se congregaram os apóstolos e anciãos para considerar a questão (Act. 15:6). Não tomaram atitudes pessoais [...] Assim queremos fazer, amados irmãos por meio deste manifesto [...] foi o Senhor que nos dictou a necessidade de uma Convenção Geral [...]”. A referência supracitada de Atos se refere aos problemas que gentios e judeus tiveram que enfrentar acerca da relação entre Lei e Evangelho.

É no mínimo intrigante a apropriação que se faz da Bíblia aqui, a ponto de afirmarem que tal como foi na questão de Atos, eles não tinham atitudes pessoais, digamos, interesses pessoais, não havia projetos de poder. Será? O que aconteceria logo depois? Ao abordar o caudilhismo assembleiano por meio do chamado *ethos* sueco-

---

<sup>454</sup> Ao analisar a Revolução de 1930, Boris Fausto afirma que “a crise de 1929 teve um papel importante, reforçando convicções autoritárias. Ela parecia demonstrar a falência do capitalismo, ou pelo menos de certo tipo de capitalismo, associado ao livre mercado e à democracia liberal; tanto mais que, no caso brasileiro como no dos outros países latino-americanos, a democracia liberal correspondia ao liberalismo oligárquico. Não por acaso a marca dominante do sistema político vigente entre 1930 e 1945 foi a ditadura autoritária, informal (Governo Provisório) ou formal (Estado Novo), cortada apenas pelos anos de 1934-1937, em que as liberdades democráticas foram sendo suprimidas, após a tentativa de golpe do PCB, em 1935”. FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 23.

<sup>455</sup> PETHRUS, 2004, p. 222.

nordestino, Gedeon Alencar afirma categoricamente que “os ‘caciques’ nordestinos ‘tomaram o poder’ e imprimiram seu estilo”.<sup>456</sup> Além disso, o que dizer da convicção inflamada que tinham ao afirmar que o Senhor havia ditado a necessidade da Convenção? Ao que parece, os suecos precisavam saber disso, pois até então, lideravam a obra do modo como lideravam, crenes que o mesmo Senhor os havia ditado isso. Outra questão é a própria publicação do manifesto, ao que tudo indica, sob alguma tensão os brasileiros obtiveram a permissão dos suecos, e aqui, mais precisamente do atual diretor do jornal, Samuel Nyström, para publicar o tal manifesto conclamando a necessidade de uma ampla participação dos pastores. Porém, o espaço dado à essa publicação deve ser considerado, pois, o manifesto saiu na sexta página, mas, por que não saiu na primeira página?

Nesse sentido, os missionários suecos também falam. Quais os indícios que revelam a sua perspectiva? No diário de Gunnar Vingren<sup>457</sup> é exposto, em linhas gerais, o que levou os missionários suecos da Assembleia de Deus, não apenas a concordar, mas, realizar a primeira Convenção de caráter nacional:

Tendo a obra pentecostal se espalhado por muitos Estados com muitos obreiros em plena atividade, surgiram vários assuntos de grande importância para o trabalho, para os quaisurgia uma solução rápida e justa [...] algumas dificuldades haviam surgido quanto à direção do trabalho. Não era de admirar que houvesse aparecido opiniões e experiências diferentes. Embora os obreiros nacionais tivessem sido muito abençoados pelo Senhor na sua chamada e tarefa, haviam surgido dificuldades que se acentuaram [...].<sup>458</sup>

O olhar do pioneiro, fundador da Assembleia de Deus amplia a compreensão dos mesmos problemas, ou da “crise” a qual estamos investigando, embora, de igual modo, não revela detalhes. Porém, notamos o olhar condescendente de Vingren que primeiramente, demonstra compreender que com o passar do tempo era natural que opiniões diferentes e experiências diferentes surgissem. Diferentes do que? Além disso, Vingren afirma que os obreiros nacionais haviam sido muito abençoados pelo Senhor. Tão abençoados que desejam mais, a ponto de terem “surgido dificuldades”? Gedeon Alencar acrescenta, com certa ironia, as seguintes perguntas retóricas, sobre o que hipoteticamente os suecos devem ter pensado: “Uma ‘Convenção Geral’ envolvendo todo o país? De onde este grupo tirou esta idéia tão ‘moderna’, já que isto não existia na AD? Qual o

---

<sup>456</sup> ALENCAR, 2010, p. 57.

<sup>457</sup> É importante registrar que Ivar Vingren editou boa parte dos diários de seu Pai Gunnar Vingren e a CPAD enquanto editora oficial da Igreja publicou essa versão. Nota-se pelo termo “algumas dificuldades”, assim, como em outros trechos do livro, que Ivar deseja atenuar os problemas, pois, sabemos que as cartas que foram trocadas entre os missionários e pastores brasileiros revelam muitas intrigas e brigas.

<sup>458</sup> VINGREN, 1973, p. 160.

objetivo de um organismo como este, já que os suecos, na ‘direção do Espírito Santo’, lideravam essa igreja muito bem?”.<sup>459</sup>

A compreensão do que Vingren diz perpassa pelo entendimento do conceito de igrejas livres,<sup>460</sup> modelo defendido pelos missionários suecos, especialmente, por Lewi Pethrus, o líder-mor, por assim dizer, da missão no Brasil.

#### 4.5 O “poder” de Lewi Pethrus e as resoluções da convenção de Natal

Em entrevista ao jornal *Mensagem da Paz*, Ivar, filho de Gunnar Vingren, relatou o que se lembrava da época ou provavelmente aquilo que ouviu de seu pai. São memórias vivas de um menino que tinha apenas 12 anos de idade. Desse relato fragmentamos o seguinte: “[...] fiquei sabendo que havia dificuldades no Norte entre pastores e missionários por causa do trabalho. Porém, Deus colocou no coração de meu pai para ele ir à Suécia e trazer o Pr. Lewis Pethrus para participar daquela importante Convenção”.<sup>461</sup>

Na leitura do diário de Gunnar, Ivar Vingren recupera outros detalhes, revelando a ambiência daquele momento e o que moveu seu pai, Gunnar Vingren, a realizar a longínqua viagem até Estocolmo para convidar e trazer Lewi Pethrus:

O missionário Gunnar Vingren sentiu então a direção de Deus de viajar para a Suécia para convidar pessoalmente o irmão Lewi Pethrus para essa Conferência. Ele viajou do Rio de Janeiro no navio “Madrid”, no dia 22 de maio. Com ele viajou também o missionário Simão Lundgren com a família, para um tempo de descanso na sua terra natal. [...] chegaram a pátria no dia 12 de junho, e Vingren foi diretamente a Rönninge, à casa de seus pais e os surpreendeu, pois não sabiam da sua chegada. No dia seguinte o irmão Vingren falou com o pastor Lewi Pethrus sobre o assunto. Após várias horas de conversação, ele aceitou o convite. Durante um culto, Vingren expôs também o assunto aos presbíteros e à diretoria da igreja e ficou decidido que o irmão Pethrus viajaria ao Brasil.<sup>462</sup>

<sup>459</sup> ALENCAR, 2010, p. 123.

<sup>460</sup> Os suecos consideram uma igreja organizada e institucionalizada como uma denominação tendo por referência à Igreja Luterana na Suécia da qual eram dissidentes, por supostamente, desejaram uma igreja liderada pelo Espírito Santo, sem uma hierarquia de caráter político-institucional que desse forma a Igreja e assim prejudicasse a obra de Deus. Gedeon Alencar coloca isso da seguinte maneira: “os suecos têm, portanto, absoluta aversão a todo e qualquer tipo de organização e institucionalidade, por isso a celebração ufanista das ‘igrejas-livres’. Para eles, como para todo o modelo congregacional, só era uma igreja verdadeira se fosse uma igreja-livre”. ALENCAR, 2013, p. 149.

<sup>461</sup> *Mensagem da Paz*. Rio de Janeiro, Junho de 1985, n° 1178, p. 7.

<sup>462</sup> VINGREN, 1973, p. 162.

Ao que parece, nesse relato Ivar, ou talvez o próprio Gunnar, foi reticente quanto ao que foi relatado a Pethrus, naquilo que se descreve no relato como “após várias horas de conversação”. Porém, em sua biografia, Pethrus revela mais do que Vingren:

No verão de 1930, o missionário Gunnar Vingren chegou do Brasil. Sua missão era me levar à Convenção Nacional que se realizaria em setembro. Havia dificuldades entre os missionários e os pastores brasileiros, e Vingren considerou que se não houvesse um entendimento, todo o trabalho seria dividido. Primeiro eu disse-lhe que era impossível que eu viajasse. Estávamos justamente concluindo o trabalho de construção da igreja, que seria inaugurada no outono, e tínhamos apenas alguns meses para isso. Tínhamos mil coisas para organizar [...] Vingren era um homem que não admitia ceder logo na primeira vez. Ele disse que seria de grande importância se eu pudesse ir, e ele considerou que nada deveria me impedir.<sup>463</sup>

A primeira nova informação que temos no relato de Pethrus é que Vingren considerou que, se não houvesse uma intervenção direta de Pethrus na situação da Igreja no Brasil, “todo o trabalho seria dividido”. Outra informação é a de que Pethrus inicialmente se recusou vir ao Brasil e tem motivos razoáveis para não vir, mas, vemos e confirmamos que aparentemente as “várias horas de conversação” as quais Vingren se referiu, foram horas de insistente persuasão. O que indagamos é: o que levaria Gunnar Vingren, pioneiro e principal líder da Igreja no Brasil, atravessar o Atlântico, para convencer Lewi Pethrus de vir ao Brasil resolver a “crise”, a “dura prova” que a Assembleia de Deus estava passando?

A figura de Pethrus tem uma importância superior à que supomos, como já relatado nessa pesquisa. Mais do que isso, é possível que os problemas com os pastores brasileiros fossem mais sérios do que pensamos ou supomos e, exigia, ao que parece, uma decisão de alguém de cima. Em sua pesquisa Gedeon Alencar afirma: “Nada mais óbvio que quem sustenta financeiramente, decida. A Convenção de 30 é uma demonstração da dependência da liderança sueca no Brasil a Lewis Pethrus, pastor da Igreja Filadélfia de Estocolmo”.<sup>464</sup> É o peso e o poder da institucionalização que tem na prerrogativa econômica seu assentimento político-eclesiástico.

Gedeon Alencar parte do pressuposto de que Gunnar Vingren fora subserviente demais a Pethrus demonstrando, assim, uma fraca liderança:

Vingren tinha ido à Suécia em 1926, mas volta emergencialmente em 1930 para trazer L. Pethrus. Foi buscar o apoio de Pethrus? Se sim, o resultado foi desastroso para ele, pois mostrou a fraqueza de sua liderança e seu pequeno

<sup>463</sup> PETHRUS, 2004, p. 221-222.

<sup>464</sup> ALENCAR, 2010, p. 97.

cacife para a luta que iria enfrentar, além de deixar claro que seu carisma pessoal não era suficiente; segundo, essa não era a viagem dos sonhos e a prioridade do Pethrus, pois em sua biografia frise que, em 1930, estava inaugurando seu templo em Estocolmo e nem ele nem a igreja queriam a viagem. A questão era, portanto, muito grave. Ainda mais se considerarmos as estimativas de que no Brasil já são mais de treze mil membros, enquanto a *Filadélfia* tem quatro mil, e aqui já há dezenas de igrejas, lá apenas uma.<sup>465</sup>

Mesmo que a crítica de uma fraca liderança faça algum sentido, no diário de Gunnar Vingren, Ivar Vingren informa, o que parece ter sido, o modo ou a perspectiva que seu pai viu na viagem que faria até a Suécia para convencer em trazer Lewi Pethrus à Convenção:

Conscientes da importância dessa conferência, chegou-se à conclusão de que seria necessário convidar o pastor Lewi Pethrus, da Suécia, para estar presente. Ele poderia então dar os conselhos necessários, tanto para o trabalho da missão em geral como para os missionários.<sup>466</sup>

Voltando aos jornais, focando no manifesto dos pastores nordestinos, investigamos o que o jornal *O Som Alegre*, sob a perspectiva e direção de Vingren, publicou ao mesmo tempo ou nos meses seguintes às publicações do *Boa Semente* em 1930 para encontrar mais informações sobre a perspectiva da Igreja no Sudeste, pois, o *Boa Semente* estava mais concatenado com as questões da Igreja onde ela era mais predominante, ou seja, no Nordeste.

Inicialmente percebemos que os relatos ou informações acerca do trabalho da Igreja, embora incluam as Igrejas do Nordeste, concentram-se nas Igrejas do Sudeste, especialmente do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. Desse último Estado, além notícias do campo missionário, encontramos o seguinte depoimento: “O jornalzinho é espiritual, e bom para propaganda. No mês que vem escreverei alguma coisa para o jornal”.<sup>467</sup> O depoimento é do pastor Bruno Skolimowski, fundador da Assembleia de Deus em Curitiba-PR e confirma a ideia de Vingren sobre a necessidade de existir outro jornal no Sudeste.

Como já informado, o jornal *O Som Alegre* teve curta duração, iniciou em dezembro de 1929 e encerrou em outubro de 1930, totalizando onze números. Acerca do manifesto dos pastores do Nordeste publicado repetidamente no *Boa Semente* constatamos que nada sobre o tal manifesto foi publicado no *O Som Alegre*, o que nos leva

---

<sup>465</sup> ALENCAR, 2013, p. 137.

<sup>466</sup> VINGREN, 1973, p. 161.

<sup>467</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930, nº 3, p. 7.

a perguntar, por que? Se a Igreja era uma só e os trabalhos estavam interligados? Então, passamos a buscar nesse jornal outras informações, no que diz respeito à tensão em si e a própria movimentação em torno da realização da Convenção Geral.

O primeiro registro que temos, refere-se ao número de maio de 1930, três meses após o manifesto dos pastores brasileiros. Trata-se de uma notícia a respeito da pessoa de Lewi Pethrus que, embora estivesse à frente da construção de um grande templo informa que planejava vir ao Brasil: “recebemos notícias que o pastor “Lewi Pethrus”, da igreja da capital, provavelmente virá ao Brasil, no fim deste anno. Elle virá afim de vêr a obra do Senhor, com a qual muito se interessa”.<sup>468</sup>

Portanto, ao que se lê nessa fonte, Pethrus já planejava vir ao Brasil naquele ano, e o que Vingren parece ter tido em mente na sua viagem a Suécia, era apenas convencê-lo de vir antes do previsto, o que também confirma que a resolução da denominada “crise” era tratada por ele como urgência. Além disso, observamos a preeminência que o jornal dá a Pethrus, pois na publicação escrita da notícia, seu nome recebe aspas, o que explica o fato de ser ele o grande líder pentecostal e promotor da missão no Brasil. Nesse sentido, ainda lemos na mesma notícia que “a Suécia tem tido privilégio de mandar a maior parte dos missionários que trabalham no Brasil [...]”.<sup>469</sup>

No número seguinte, junho de 1930, na primeira página, em uma matéria de capa há uma publicação acerca da viagem de Vingren à Suécia, que teve como redatora sua esposa Frida Vingren. Fragmentamos algumas partes dessa longa matéria.

Mais uma vez, vem cumprimentar-vos o “O Som Alegre” e, quando elle vos chegar às mãos o seu director se achará longe daqui. Elle embarcou no dia 22 de Maio para a Suecia [...] O motivo dessa viagem não foi outro senão, o que o Senhor lhe mandou. [...] Elle voltará provavelmente em Setembro, talvez em companhia de outros irmãos, que esperamos também. Oremos para que o Senhor o fortaleça, de modo que, ao voltar, venha com as forças renovadas. Elle se achava bastante cansado com as luctas que se tem entregue durante quasi 8 annos de permanência aqui. Esperamos que ao regressarem esses irmãos, se realize uma convenção em Natal, Rio Grande do Norte, já há muito tempo planejada pelos irmãos dalli. Oremos, então, para que o Senhor nos dê uma convenção gloriosa aonde sobre o verdadeiro vento pentecostal. O “vento sul” e o “vento norte” se encontrarão, e dificuldades e perturbações hão de desaparecer. Maravilhoso é o Senhor [...] e de forma alguma Elle dará a sua herança como presa ao inimigo [...].<sup>470</sup>

<sup>468</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Maio de 1930, n° 6, p. 7.

<sup>469</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Maio de 1930, n° 6, p. 7.

<sup>470</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Junho de 1930, n° 7, p. 1.

O texto de Frida Vingren carrega representações e imagens simbólicas distintas de tudo o que até aqui já foi visto. Sua redação revela uma fé surpreendente, embora ambígua, pois, ao mesmo tempo em que demonstra uma espiritualidade que independe da institucionalização, pois, depende unicamente da Providência de Deus, o próprio discurso também revela, intrinsecamente, as estruturas do poder e o enrijecimento de seu funcionamento institucional em curso, que exige compreensão de qualquer espiritualidade, supostamente, independente. É por isso que seu texto merece uma análise, especialmente em algumas partes.

Como já constatado *O Som Alegre* não faz nenhuma referência ao manifesto dos pastores nordestinos, mas, no *Boa Semente* teve espaço, mesmo que nas últimas páginas. O jornal *O Som Alegre* não apenas ignora o tal manifesto, mas, cinco meses depois publica em primeira página, por meio de Frida, uma extensa notícia da viagem de Vingren à Suécia tendo no centro da capa uma grande foto de Gunnar Vingren. (Ver anexo 20).

No primeiro fragmento a ser analisado, lemos Frida dizer que Vingren, dirigido pelo Senhor, voltaria ao Brasil provavelmente em setembro, conforme ela diz “talvez em companhia de outros irmãos, que esperamos também”. Na leitura atenta e completa da matéria não há nenhuma referência ao nome de Lewi Pethrus, então é de se presumir que Frida opta por não dizer a principal intenção de Vingren nessa viagem.

Noutro fragmento lemos Frida detalhando sobre o estado em que se encontrava Vingren na ocasião da viagem. Segundo Frida “elle se achava bastante cansado com as luctas que se tem entregue durante quasi 8 annos de permanência aqui”. A referência dos oito anos refere-se ao tempo em que o casal havia se mudado de Belém para o Rio de Janeiro e ali iniciado um trabalho e aberto uma Igreja. As lutas podem se referir ao estado constante de problemas de saúde, mas, também apontam para os próprios problemas da Igreja e os efeitos de sua institucionalização sobre Gunnar. Para além do assunto investigado, a questão da inserção e função da mulher nos trabalhos da Igreja, incluía diretamente a sua própria esposa. Frida tinha uma dinâmica atuação no trabalho da Igreja, era uma verdadeira pastora, função da qual Vingren era o maior defensor. Vingren teve alguns embates, especialmente com Samuel Nyström, acerca do assunto (Nyström, que naquele momento era líder da Igreja em Belém e diretor do *Boa Semente*). Abordaremos esse assunto no próximo capítulo.

Em outro fragmento, o texto revelador de Frida, menciona a Convenção Geral de Natal como um evento planejado pelos pastores brasileiros. Ela informa e espera que

quando Vingren e os demais irmãos voltarem da Suécia “se realize uma convenção em Natal, Rio Grande do Norte, já há muito tempo planejada pelos irmãos dali”.

O ponto alto do texto de Frida está no trecho que ela afirma esperar que na Convenção “sobre o verdadeiro vento pentecostal. O “vento sul” e o “vento norte” se encontrarão, e dificuldades e perturbações não de desaparecer”. Aqui temos uma representação indelével acerca das estruturas de poder na Igreja, apontando para a mais grave das constatações: a Assembleia de Deus já estava dividida. Seu processo de institucionalização estava ocorrendo ao mesmo tempo em que homens e mulheres, talvez desprezados disso, trabalhavam incansavelmente com o mesmo ímpeto e dedicação pela causa do Evangelho e da doutrina pentecostal. Como no início da missão, buscavam não parecer uma denominação, mas, um movimento livre.

É para a essência do movimento que Frida aponta ao referir o verdadeiro vento pentecostal, tal qual a prerrogativa da descida do Espírito Santo em Atos em que, apesar das traições, perseguições e até mesmo divisões que existiram no seio daquela Igreja, diante do vento, chamado impetuoso nada disso pôde permanecer de pé a não ser o poder do Espírito transformando homens e mulheres, pecadores e pecadoras. Essa é fé que podemos desvelar das palavras de Frida.

Logo a seguir, Frida revela a existência de forças opostas representadas na prefiguração do Sul e do Norte, afirmando que o “vento sul” e o “vento norte” se encontrariam na dita Convenção de Natal. Os termos usados por Frida nos permitem compreender a questão geograficamente, considerando que a expansão da obra pentecostal por meio da Assembleia de Deus no país se deu a partir da região Norte, e agora, passados 20 anos de sua fundação em Belém-PA, a Igreja havia crescido substancialmente no Nordeste. Em meados de 1920 alguns missionários se deslocaram para as regiões Sudeste e Sul do Brasil, especialmente Gunnar e Frida Vingren que haviam se mudado para o Rio de Janeiro em 1924 e deixado a Igreja em Belém na responsabilidade de Samuel Nyström. (Ver anexo 8 e 9).

Portanto, ao que se percebe, a Assembleia de Deus crescia numericamente e já era possível perceber suas diferenças internas, tanto no que se refere à administração das Igrejas, como também pelas lideranças de Nyström e Vingren que administravam dois jornais oficiais da Igreja: Nyström, o jornal *Boa Semente* em Belém-PA e Vingren o jornal *O Som Alegre*, no Rio de Janeiro-RJ.

Frida afirma que quando os ventos Sul e Norte se encontrarem “dificuldades e perturbações hão de desaparecer”. De que dificuldades e perturbações ela fala? No jornal oficial da denominação seria muito difícil esperar ela tivesse detalhado isso, mas, dificuldades e perturbações combinam bem com as palavras “crise” e “dura prova” que a Assembleia de Deus estava passando como disseram os pastores nordestinos em seu manifesto. Frida concluiu esse parágrafo apontando para a mesma fé que sopra do vento pentecostal, o vento da unidade que a faz afirmar “Maravilhoso é o Senhor [...] e de forma alguma Ele dará a sua herança como presa ao inimigo”. Frida cria e orava para que a obra não viesse se dividir por causa de intrigas e lutas pelo poder advindos de uma institucionalização sem volta a qual se encaminhava e na qual se estruturava a Assembleia de Deus.

Nesse sentido, faz-se necessário relatar o que constatamos na comparação entre os dois jornais da Igreja. Não há nenhuma menção no *Boa Semente* acerca da viagem de Vingren a Suécia, muito menos uma matéria de primeira página como fez o jornal *O Som Alegre*. Isso revela que, considerando a importância que o líder pioneiro da Assembleia de Deus deu à questão da “crise”, a ponto de ir até à Suécia para trazer Pethrus, a condução dos trabalhos da Igreja já não estava coesa, e, os interesses dos líderes da Igreja já estavam divididos. Essa constatação se reverbera nas representações e publicações de ambos os jornais.

O *Boa Semente* fez indiretamente uma publicação acerca do assunto, referente ao adiamento da Convenção, intitulada “Convenção Geral em Natal – Aviso Urgente”:

Communicou-nos o irmão Francisco Gonzaga, em nome dos signatários da Convenção Geral em Natal, que em virtude de vários pedidos dos pastores das igrejas do sul, e também da próxima visita ao Brasil do missionário Pethrus, resolveram adiar *sine die*,<sup>471</sup> a mesma Convenção, não se realizando, portanto a 12 do corrente, como estava anunciada. A data para a qual foi transferida será previamente anunciada pelos irmãos signatários da mesma.<sup>472</sup>

Nesse informe temos, pela perspectiva do *Boa Semente*, a saber das Igrejas do Norte e Nordeste brasileiro, o adiamento da Convenção motivada pela vinda de Lewi Pethrus, pela primeira vez citado no jornal depois do manifesto dos pastores nordestinos. Como já temos inferido, ao que parece, não havia informação confirmada que Pethrus viria ao Brasil e, obviamente uma vez confirmada a sua vinda, a mudança da data da Convenção

---

<sup>471</sup> Expressão do latim que significa: “por tempo indeterminado”.

<sup>472</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Julho de 1930, nº 110, p. 6.

parece ter sido necessária, a julgar pela liderança maior representada na pessoa de Pethrus. No mesmo mês de julho de 1930, o jornal *O Som Alegre* também ratifica o que o *Boa Semente* publicara:

Conforme notícias recentemente recebidas da Suécia, deverão chegar ao Brasil, já no próximo mez de Agosto, os nossos irmãos que esperavamos em Setembro – o missionário Gunnar Vingren e o pastor Levi Pethrus, e talvez outros missionários. Na última semana de Agosto, se realizará portanto em Natal, a convenção de que já falámos no numero passado. É de grande importância que todos os trabalhadores que puderem, compareçam a essa convenção. Esperamos que a mesma seja para gloria do Senhor, e para o progresso do Seu trabalho neste paiz. Os que pretendem ir, deverão communicar-se com o pastor Francisco Gonzaga. Rua Amaro Barreto, 40 – Natal – Rio Grande do Norte.<sup>473</sup>

No número seguinte do *Boa Semente*, em agosto, há um novo aviso aos membros da Igreja confirmando o adiamento da Convenção, porém, dando novas informações:

A Convenção Geral em Natal das Assembléas de Deus que fôra transferida, afim de esperar a chegada do pastor Lewi Pethrus da Suecia, foi agora, de acordo com os obreiros nordestinos, marcada para se effectuar na ultima semana de agosto, de 24 á 31 do referido mez. Recebemos aviso telegraphico da Suecia, a respeito da chegada do pastor L. Pethrus que só se demorará aqui pouco tempo, por se aproximar a data da inauguração do grande templo, que a egreja, que elle pastoreia, edifficou em Stokolmo. Vamos rogar a Deus que a sua vontade seja feita nesta Convenção.<sup>474</sup>

Portanto, em agosto de 1930 há novas informações acerca da Convenção Geral de Natal. Embora tenha sido anunciado que a realização da Convenção<sup>475</sup> dependia da chegada de Pethrus, foram os obreiros nordestinos que estabeleceram a nova data, agora adiada para 24 a 31 de agosto daquele ano. Assim, a se considerar a primeira data, 12 de julho, estavam dando um tempo razoável para a chegada de Vingren e Pethrus.

No texto do *O Som Alegre* a Convenção também é confirmada para última semana de agosto, além da menção de que esperavam a chegada dos missionários para setembro. A logística dos transportes marítimos da época, no que se refere ao tempo de saída e

<sup>473</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Julho de 1930, nº 8, p. 8.

<sup>474</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1930, nº 111, p. 7.

<sup>475</sup> No mesmo número há um longo artigo intitulado “O que é uma Convenção e seu valor” escrito por Josino Galvão importante líder nordestino e “conhecedor profundo das Escrituras” ARAÚJO, 2007, p. 426. O artigo quer legitimar a Convenção de Natal e para isso o autor discorre por algumas passagens bíblicas, principalmente de Atos, culminando com a passagem do chamado Concílio de Jerusalém em que Paulo e Barnabé vão até Antioquia acompanhados por outros irmãos para observarem como os gentios estavam recebendo a graça do Evangelho. Para além da história em si, Josino Galvão conclui seu texto apropriando-se de um texto bíblico dizendo: “Chegamos, portanto, diante do valor de uma convenção. Regosijo e conforto eram agora trazidos aos corações dos irmãos, em lugar de perturbação a conversão de almas. Gloria a Jesus! Para uma cousa importante desejo chamar a atenção: é para estas palavras: “Parece bem ao Espírito Santo e a nós”. **Boa Semente**. Belém do Pará, Agosto de 1930, nº 111, p. 2-3.

chegada, não era preciso. Ao que parece os pastores nordestinos, via *Boa Semente*, alteraram a data da Convenção para 24 de agosto por conta da informação recebida por meio de um telegrama da Suécia de que Lewi Pethrus não se demoraria em sua estada por conta da construção e inauguração do templo em Estocolmo que havia deixado para vir ao Brasil depois do forte poder de convencimento de Vingren.

No número de agosto o jornal *O Som Alegre* publicou a informação de uma nova data da Convenção, indicando a data precisa de sua realização:

Ficou transferida para os dias 5 á 10 de Setembro próximo, a Convenção em Natal, Estado do Rio Grande do Norte. Conforme notícias recebidas deverão chegar ao Rio, no próximo dia 12 do corrente, pelo vapor Werca, os nossos irmãos Gunnar Vingren e Lewi Pethrus.<sup>476</sup>

Essa é a data histórica de realização da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. Nesse aviso é também divulgada a data precisa da chegada dos missionários ao Rio de Janeiro, dia 12 de agosto, portanto, um tempo hábil para que Pethrus e Vingren, juntamente com os demais missionários viajassem a Natal para a Convenção. Então, pergunta-se por que há um novo adiamento da Convenção? Indo ao *Boa Semente*, constatamos que não há nada publicado acerca dessa nova alteração, uma vez que eram os pastores nordestinos, signatários do manifesto, que estavam responsáveis por anunciar a data de acordo com a necessidade de mudança da mesma, mas, agora a nova data é divulgada apenas no *O Som Alegre*. A fonte apenas informa sucintamente a mudança sem dar explicações.

Porém, aqui temos uma demonstração do jornal como veículo oficial da Igreja, e se tratando de que a mesma Igreja possui dois jornais, e que os pastores nordestinos tinham mais espaço no *Boa Semente* do que no *O Som Alegre*, é razoável inferir que com a chegada de Pethrus ao Rio de Janeiro a mudança da data da Convenção tenha sido feita sem maiores problemas, ou que Pethrus quisesse um tempo a mais para se inteirar melhor da obra pentecostal no Brasil que desde 1914 tinha se tornado seu maior “colaborador”.

Os números de setembro e outubro dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* foram lidos atentamente, pois são fundamentais para compreender o fato da Convenção e seus desdobramentos. São o ponto alto dessa investigação, as representações que ambos os jornais oficiais da Igreja produziram acerca da Convenção Geral de Natal, que demonstram implícita e explicitamente a relação dos missionários suecos com os pastores

---

<sup>476</sup> *O Som Alegre*. Rio de Janeiro, Agosto de 1930, nº 9, p. 7.

brasileiros, especialmente os nordestinos, a importância de Lewi Pethrus e os rumos que a Igreja tomaria após as decisões da Convenção. Essa análise consolida nossa compreensão e interpretação do impacto da institucionalização da Assembleia de Deus e sua relação com a Igreja Filadélfia narrada nesse tópico desde o chamado missionário dos pioeiros para Belém-PA até a realização da Convenção Geral de 1930 em Natal-RN.

O número de setembro do jornal *O Som Alegre* relata a chegada de Pethrus e Vingren ao Rio de Janeiro. É Frida Vingren quem dá a notícia. Fragmentamos alguns trechos:

RIO DE JANEIRO. Chegaram a esta Capital, no dia 12 de Agosto, os nossos irmãos missionário Gunnar Vingren e o pastor Lewi Pethrus. Era já noite quando o navio atracou ao porto, de modo que ao penetrarem elles no templo, o culto já havia começado! Nesse momento a igreja se achava repleta, cantava com alegria o hyno 275 da Harpa Christã [...] Celebramos um culto cheio da graça de Deus, e tivemos a oportunidade de ouvir os irmãos recémchegados falarem das bênçãos do Senhor [...] No dia 13 de Agosto, fomos para o sertão convidados pelo irmãos Bellarmino Pedro Ramos [...] Foi também conosco, o irmão Pethrus que alli falou a palavra de Deus [...] No dia 18 embarcámos para S. Paulo e Santos [...] Regressamos depois ao Rio e a 25 do mesmo mez, seguiu para a Bahia o nosso irmão Lewi Pethrus que conosco havia feito essa ultima viagem. Assim, oremos pelo nosso irmão, para que a sua estada nesse paiz seja para grande bênção da obra de Deus. *Frida Vingren*.<sup>477</sup>

Embora faça um relato detalhado do dia da chegada e informe um itinerário de viagens feitas em solo brasileiro enfatizando a presença de Pethrus, Frida opta por não fazer nenhuma menção à realização da Convenção de Natal. Ao que parece seu objetivo é compartilhar a alegria de receber Lewi Pethrus no Brasil, que para além da liderança que tem sobre a obra no país, fora seu pastor na Igreja Filadélfia e responsável direto por seu envio ao campo missionário do Brasil. Um outro detalhe observado de passagem no relato de Frida é que ao chegarem à noite, depois de uma viagem de quase um mês de duração, Vingren e Pethrus foram diretamente para o culto e no dia seguinte, dia 13 já viajaram para interior do Rio. Bem ao “estilo” pentecostal de ser, embora estivessem cansados não há tempo para repouso, a responsabilidade da obra urge.

No jornal *Boa Semente* também há a informação da chegada de Pethrus, mas, reiteramos apenas de Pethrus, que de igual modo fragmentamos alguns trechos:

Deve ter aportado no Rio á 13 do mez passado, o pastor Lewi Pethrus de Stockolmo, Suécia, que vem assistir a Convenção a se reunir em Natal, Rio Grande do Norte, no corrente mez. O pastor Lewi Pethrus desde 1911 está á frente da igreja pentecostal de Stockolmo, denominada Philadelphia [...] O pastor Lewi

<sup>477</sup> *O Som Alegre*. Rio de Janeiro, Setembro de 1930, nº 10, p. 7.

Pethrus juntamente com a igreja Philadelphia, se interessa grandemente pelo trabalho das Assembleias de Deus no Brasil, desde 1914 quando o missionário Daniel Berg esteve na Suécia para restabelecer sua saúde. Em 1916 enviou os primeiros missionários para Brasil e muitos têm sido mandados, depois disto, com o mesmo destino [...] Esperamos que no pouco tempo que o pastor Lewi Pethrus póde demorar-se conosco e especialmente na Convenção, elle possa contribuir para grandes bençams na obra do Senhor Jesus neste paiz. A “Boa Semente” sauda o bemvindo [...] “Quão formosos os pés dos que annunciam a paz, dos que annunciam coisas boas!” (Rom 10:15).<sup>478</sup>

A matéria não tem revelada seu redator, mas, é presumível que possa ter sido Samuel Nyström, o próprio diretor do *Boa Semente*, sendo ele mesmo o primeiro missionário enviado ao Brasil em 1916 por Lewi Pethrus. Ao invés de um relato detalhado da chegada de Pethrus como fez o jornal *O Som Alegre*, o *Boa Semente* opta por fazer uma retrospectiva da relação da obra no Brasil com a pessoa de Pethrus e, por conseguinte, com a Igreja Filadélfia. É surpreendente que nesse relato o nome de Vingren seja completamente ignorado, embora tenha ido até a Suécia “convencer” Pethrus a vir ao Brasil, e dessa forma ambos chegaram juntos. Vingren não era por assim dizer o líder principal da Assembleia de Deus no Brasil?

No mesmo número, duas páginas depois, o *Boa Semente* publica novamente o anúncio da Convenção de Natal rememorando, de modo sucinto tudo, o que até então já havia sido publicado:

No dia 5 do corrente terá logar em Natal, capital do Rio Grande do Norte, a Convenção Geral das Assembléas de Deus no Brasil, convocada pelos nossos irmãos Francisco Gonzaga, Cícero Lima, Antonio Lopes, Ursulino Costa, José Amador, Napoleão de Oliveira Lima, José Barbosa, Francisco César, Nathanael G. de Figueiredo, Pedro Costa , afim de que nella se congregue a mor parte dos trabalhadores brasileiros e missionarios de outras nacionalidades, para resolverem certas questões que se prendem ao progresso e harmonia da causa do Senhor. A referida Convenção que devia realizar-se no dia 12 de julho p. passado, foi adiada para 5 do corrente, em virtude de um pedido telegraphico da Suecia, afim de aguardar a chegada do Snr. Lewi Pethrus, pastor duma igreja da mesma fé em Stockolmo, que vem participar da Convenção. Seja a vontade do Senhor feita nesta Convenção, eis os nossos sinceros e ardentes votos.<sup>479</sup>

É notório que quem reverbera mais a notícia da Convenção é o *Boa Semente*. Não sabemos até que ponto esse fato revela o quanto o jornal está mais interessado na realização da Convenção. Quando referimos o jornal, indicamos as pessoas que dirigem o jornal no tocante ao assunto da Convenção. Os pastores nordestinos, supracitados na fonte, tiveram nele plataforma ampla para anunciar durante todo ao ano os seus

<sup>478</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1930, nº 112, p. 5.

<sup>479</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Setembro de 1930, nº 112, p. 7.

interesses, especialmente na afirmação de que era necessário acontecer a Convenção. Ao mesmo tempo, podemos supor que o próprio Samuel Nyström estivesse interessado nessa Convenção, embora, por outros motivos.

No mês de outubro, o *Boa Semente* não publicou nada acerca da Convenção de Natal realizada no mês de setembro. Há apenas uma breve menção para informar que durante a Convenção um dos pastores, o irmão José Felinto de Belém-PA adoeceu e, depois, de alguns dias veio a falecer. Nos dias da Convenção em Natal “repentina moléstia assaltou-lhe o organismo e, depois de alguns dias de sofrimento, foi ter com o seu Deus, a quem serviu na terra”.<sup>480</sup>

O *Boa Semente* prepararia e publicaria uma matéria especial sobre a Convenção de Natal no número de novembro de 1930, que, por sinal, fora o último número desse distinto jornal, sendo esta uma das resoluções da dita Convenção. A mesma resolução se aplicava ao jornal *O Som Alegre* que publicou seu último número em outubro de 1930. Como o objeto principal dessa investigação é a Convenção Geral de Natal, transcrevemos na íntegra a seguir o que os dois jornais publicaram acerca dessa tão aguardada e controversa Convenção.

O relato no jornal *O Som Alegre* sobre Convenção de Natal, teve espaço sucinto e discreto na segunda página:

A CONVENÇÃO EM NATAL. Muitas orações, quer dos nossos irmãos do Brasil, quer dos nossos irmãos do estrangeiro, os quaes muito se interessam pelo trabalho do Senhor aqui, foram offerecidas em favor dessa convenção. Para gloria do Senhor, podemos agora dizer, que ellas foram ouvidas. Deus a todos abençoou grandemente. Sim, podemos mais uma vez affirmar, que a palavra de Deus é certa, quando diz que “tudo concorre para o bem daquelles que amam a Deus”. O Senhor uniu os seus servos, havendo em tudo perfeita harmonia. A direção do Espírito Santo, conforme a palavra de Deus, predominou, e cada um teve a oportunidade de acertar o seu relógio espiritual, ou melhor, examinar se sua fé estava de accordo com a sã doutrina. Como prova de união e cooperação, foi resolvido, que os dois jornaes, a “BOA SEMENTE”, do Pará e “O SOM ALEGRE” do Rio de Janeiro se unirão num só jornal que será então o orgam das “Assembléas de Deus no Brasil”. Será o mesmo dirigido no Rio de Janeiro, sob a directoria dos abaixo assignados e, sahirá quinzenalmente. O novo jornal que terá tanto assignaturas como venda avulsa, começará a sahir no mez de Dezembro do corrente anno. Tomaram parte na Convenção, vários missionarios, bem como o pastor Lewi Pethrus, da Suecia e muitos pastores e evangelistas nacionaes dos Estados nordestinos. Os cultos públicos, realizados, foram bem concorridos e durante os mesmos muitas pessoas entregaram-se a Jesus. A visita do amado irmão pastor Lewi Pethrus, foi de grande proveito para o trabalho em geral, e por isso, estamos gratos ao Senhor pela sua direcção em tudo. Também agradecemos a igreja de Natal e ao seu pastor Francisco Gonzaga, pelo bom acolhimento que nos dispensaram. A Convenção, manda, com o psalmo 133, uma

---

<sup>480</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Outubro de 1930, n° 113, p. 6.

saudação especial a todas as Assembléas de Deus no Brasil. Recife, 15 de Setembro de 1930. SAMUEL NYSTRÖM. GUNNAR VINGREN.<sup>481</sup>

O jornal *Boa Semente*, por sua vez, anunciou detalhes da realização da Convenção Geral de Natal na primeira página com título em letras garrafais e na segunda página relatou outras informações:

A CONVENÇÃO EM NATAL. Muitas orações foram elevadas a Deus em favor desta Convenção, pelos nossos irmãos tanto aqui no Brasil como no estrangeiro, que têm grande interessa nesta obra. Para gloria do Senhor, podemos que, foram ouvidas, pois Elle abençoou grandemente a convenção. Sim, podemos mais uma vez afirmar a verdade das Escripturas quando dizem que “tudo concorre para o bem daquelles que amam a Deus”, porquanto o Senhor uniu os seus servos em perfeita harmonia e paz. Predominou a direcção do Espírito Santo, conforme a palavra de Deus, e todos tiveram oportunidade de regular a sua actividade espiritual, ou com outras palavras, de examinar se a sua fé se encontrava em conformidade com a sã doutrina. Como prova de união e cooperação, foi resolvido, que os dois jornaes, a “Boa Semente”, do Pará e “O Som Alegre” do Rio de Janeiro se unirão num só que será o orgam das Assembléas de Deus no Brasil. Será redigido no Rio de Janeiro, sob a direcção dos abaixo assignados, e sahirá quinzenalmente. O novo jornal, qual o qual haverá tanto assignaturas como vendas avulsas, principiará a ser publicado no mez de dezembro do corrente anno. Tomaram parte na Convenção, diversos missionarios, bem como o pastor Lewi Pethrus, da Suecia e muitos pastores e evangelistas nacionaes e dos Estados nordestinos. As reuniões públicas realizadas a noite, foram muito frequentadas e um não pequeno numero de pessoas entregaram-se a Jesus. A visita do amado irmão pastor Lewi Pethrus, foi de grande proveito para o trabalho em geral. Estamos gratos ao Senhor pela sua direcção em tudo. Também agradecemos a igreja de Natal e ao seu pastor Francisco Gonzaga, o bom acolhimento que nos dispensaram. A Convenção envia uma saudação especial a todas as Assembléas de Deus no Brasil, com o psalmo 133. Recife, 15 de Setembro de 1930. SAMUEL NYSTRÖM. GUNNAR VINGREN.<sup>482</sup>

Numa comparação básica, o conteúdo e o sentido do texto é o mesmo. Em linhas gerais resume-se assim: os dois jornais anunciaram que a Convenção foi cercada de orações pelos pastores brasileiros e suecos – estes muito interessados pela obra – mas, que prevaleceu a direcção de Deus por meio de sua Palavra unindo todos os seus servos; é anunciada uma das resoluções da convenção, os dois jornais deixariam de existir e dariam lugar a um único jornal oficial dirigido por ambos diretores dos jornais extintos, Samuel Nyström e Gunnar Vingren; e, por último, informam a notória participação de Lewi Pethrus na Convenção com a mesma preeminência da qual já temos anunciado, não obstante os agradecimentos a Francisco Gonzaga (o primeiro da lista no manifesto dos pastores nordestinos) e a dedicação do Salmos 133 a todas Igrejas. É um texto, oficialmente, de unidade e paz para a denominação! Mas, teria acontecido exatamente

<sup>481</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Outubro de 1930, n° 11, p. 2.

<sup>482</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Novembro de 1930, n° 114, p. 1.

assim? Tal publicação informa todas as resoluções ocorridas na Convenção? E o que significa dizer que “cada um teve a oportunidade de acertar o seu relógio espiritual, ou melhor, examinar se sua fé estava de acordo com a sã doutrina”?

Antes de tentarmos encontrar respostas a tais perguntas, veremos o que mais o *Boa Semente* publicou na segunda página, uma vez que já tem sido demonstrado, foi o *Boa Semente* que mais publicou sobre a Convenção:

Pela graça de Deus, temos o prazer de dar um breve relatório da reunião dos obreiros evangélicos em convenção geral reunida em Natal. A convenção deu início aos seus trabalhos no dia 5 de setembro passado, remanando-os a 10. Achavam-se presentes os pastores Josino Galvão, Juvenal Rocque de Andrade, José Felinto, José Amador, Napoleão de Oliveira, Manoel Hygino de Souza, Antonio Lopes Galvão, Ursulino Costa, Gunnar Vingren, Daniel Berg, Otto Nelson, Manoel Cesar, Samuel Nyström, Manoel Leão, Lewi Pethrus, Algot Svensson, Anders Johansson, Cicero de Lima, Joel Carlson, Diomedes Pereira, Francisco Gonzaga e Nels J. Nelson. Há muito já, as Igrejas oravam constantemente para o Senhor abençoar essa convenção, e os obreiros que chegaram a Natal com antecedência, tomaram os dias que precederam a convenção para lutar em oração com o Senhor, afim de que o auxílio fosse completo; isto é, que fosse o Senhor, e não os homens, quem decidisse todas as cousas. [...] Graças a Deus, os corações estavam humildes como crianças, desejosos de conhecer a vontade do Senhor e de se deixar guiar pelo Espírito Santo. Vimos a graça de Deus derramada nos corações. Todos os assumptos foram discutidos com inteira liberdade, tanto pelos obreiros brasileiros como pelos missionários fazendo-se ouvir sempre o pastor Lewi Pethrus, da Suecia; e como se dava sempre liberdade ao Espírito Santo e em tudo se consultava a Palavra de Deus, as resoluções tomadas foram aceitas unanimemente. Gloria a Jesus! Alleluia! Foram resolvidos, com aprovação de todos, os problemas que mais de perto nos interessa e que, pelo Espírito Santo, nos deverão assegurar um trabalho sadio e prospero. O Senhor falou em profecia animando os seus servos e notava-se em todos grande satisfação [...] Que essas bênçãos que começaram a ser derramadas em Natal, possam correr como um rio de águas vivas, chegando aos pontos mais remotos de nosso Brasil, onde se encontre um servo do Senhor, são os nossos votos. Terminada a convenção, todos os obreiros voltaram alegres aos campos onde o Senhor os collocára. [...] Que Deus abençoe o seu povo Amen. Francisco Gonzaga.<sup>483</sup>

A matéria publicada no *Boa Semente* e que se apresenta como relatório da Convenção de Natal foi redigida por Francisco Gonzaga, pastor anfitrião da Convenção e o primeiro dos signatários do manifesto. Não há nada tão detalhado assim nesse relatório, ou seja, nenhuma informação que revele a “crise” ou “dura prova” que a Assembleia de Deus estava passando, a saber, o trecho do manifesto que expressa que “todos nós sabemos a crise por que, como uma dura prova, passou á Assembléa de Deus neste paiz”. Nada é revelado, a não ser o fato de que quem o redigiu tenha sido um dos pastores mais interessados em “negociar” com os suecos a administração das igrejas no Brasil.

<sup>483</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Novembro de 1930, nº 114, p. 2.

Nesse novo registro, o *Boa Semente* apenas reforça o primeiro aspecto destacado antes em sua primeira página: a ênfase são as orações. Elas se intensificam junto àqueles que chegam a Natal com dias de antecedência. Além disso, são relacionados os nomes das lideranças presentes na Convenção, suecos e brasileiros, dentre os quais estão, seis dos pastores nordestinos que assinaram o manifesto de convocação da Convenção: José Amador, Napoleão de Oliveira, Antonio Lopes Galvão, Ursulino Costa, Cicero de Lima e Francisco Gonzaga. Isso não significa que os demais não estiveram presentes. Para além disso, o que mais chama a atenção na publicação é a declaração de que se esperava “que fosse o Senhor, e não os homens, quem decidisse todas as cousas”. Porém, que todas as cousas são essas? O próprio jornal oficial da Igreja não revela, e o que foi divulgado, até aqui, por meio dos jornais foi apenas a resolução de extinção dos mesmos em unificação de um único jornal oficial.

O que esse relatório e fonte oficial da Igreja informa aos membros da Assembleia de Deus está simplificado nas tradicionais expressões da fé pentecostal como dizer que todos aqueles líderes viram “a graça de Deus derramada nos corações”, ou que, “O Senhor falou em profecia animando os seus servos”, ou ainda, de que todos estavam “desejosos de conhecer a vontade do Senhor e de se deixar guiar pelo Espírito Santo”.

No entanto, no mesmo relatório, há outras expressões que sinalizam uma representação das temáticas tratadas e resolvidas na Convenção. O texto afirma que “todos os assumptos foram discutidos com inteira liberdade, tanto pelos obreiros brasileiros como pelos missionários”. O relatório não informa quais são “todos” os assuntos, mas, diz que houve liberdade de discussão entre brasileiros e suecos, agora reunidos numa Convenção, uma vez que as reuniões anteriores entre esses grupos foram feitas separadamente.

A informação de que enquanto tratavam os assuntos faziam “ouvir sempre o pastor Lewi Pethrus” também confirma a primazia e preeminência dadas a Pethrus. Não obstante, em nenhum momento o nome de Gunnar Vingren, pioneiro da missão no Brasil e líder da Igreja, é citado. Por que? É possível pensar que os pastores nordestinos preteriram Vingren por alguma razão? Veremos mais adiante. No fim do relatório ainda há a expressão de que “foram resolvidos, com aprovação de todos, os problemas que mais de perto nos interessa”. É a primeira vez que o pastor Francisco Gonzaga informa algo que diz respeito à classe dos pastores nordestinos, mas, ele não informa, em seu texto, o que os interessava. Mas certamente chama a atenção tal declaração.

As últimas publicações aqui compartilhadas e analisadas se referem às últimas notícias registradas nos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* acerca da Convenção de Natal, oriundas de seus últimos números, pois, como está sendo anunciado, o novo jornal, o *Mensageiro da Paz*, publicaria seu primeiro número ainda naquele ano, em dezembro de 1930 e é para esse jornal que voltaremos a atenção.

Antes, é importante reiterar que como não tivemos acesso as Atas da Convenção de 1930 – até por que, muito do que foi escrito em Atas se perdeu – lançaremos mão do que a bibliografia oficial informa, inclusive com boa parte dos dados das Atas nela preservados. Ao mesmo tempo, é oportuno também analisar o que diziam as cartas que os missionários partilhavam entre si.

De acordo com a bibliografia oficial, mais precisamente na obra *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, temos as informações preliminares do funcionamento da Convenção. Silas Daniel informa que:

Como líder da igreja hospedeira, o pastor Francisco Gonzaga da Silva deu abertura aos trabalhos convencionais em Natal [...] o primeiro presidente da CGADB, eleito durante a Convenção para dirigir os trabalhos, foi o pastor Cícero Canuto de Lima. [...] Nessa época, o pastor Cícero estava com 37 anos e liderava a Assembleia de Deus em João Pessoa (PB) Alternaram-se secretariando as sessões da primeira Convenção Geral os pastores Manoel Leão e Manoel Higinio de Souza. O conteúdo das atas é desconhecido, já que estas se perderam. Porém, o teor das reuniões é sabido, devido aos registros dos pastores Francisco Gonzaga e Lewi Pethrus.<sup>484</sup>

É evidente, entre os pastores nordestinos que assinaram o manifesto, que Cícero de Lima e Francisco Gonzaga estão entre os mais preeminentes deles, os quais mais estão interessados na realização e condução dos trabalhos da Convenção. Essas duas lideranças começam a ser citados nos jornais mais do que quaisquer outros líderes da Igreja. Além disso, é graças aos registros de Gonzaga e Pethrus que a bibliografia oficial pôde preservar o conteúdo da Primeira Convenção. Nessa mesma obra também é informada a pauta da Convenção de Natal expressa em quatro temas:

1. O relatório do trabalho realizado pelos missionários;
2. A nova direção do trabalho pentecostal do Norte e Nordeste;
3. A circulação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*;
4. O trabalho feminino na igreja.<sup>485</sup>

---

<sup>484</sup> DANIEL, 2004, p. 27.

<sup>485</sup> DANIEL, 2004, p. 27.

Temos uma pauta convencional que em nenhum momento fora informada nos jornais da Igreja, quer seja no *Boa Semente*, *O Som Alegre* ou *Mensageiro da Paz*, com exceção da questão da direção do trabalho pentecostal no país. Acerca dos jornais, apenas a resolução da extinção dos mesmos foi noticiada após a Convenção, e ambos informaram simultaneamente o fim de sua publicação sem, contudo, fazerem referência um ao outro. Sobre o relatório do trabalho realizado pelos missionários nada é informado nos jornais, nem antes, nem depois da Convenção. Acerca do trabalho feminino na Igreja, nada é publicado. Sobre essa questão a análise da pessoa e da obra de Frida Vingren é fundamental.<sup>486</sup> Há que se dizer que Frida é o ponto nevrálgico dessa questão, mas, nada, absolutamente nada é informado nos jornais. Trataremos mais adiante desse último assunto da pauta.

No bojo das informações publicadas na bibliografia oficial da Assembleia de Deus temos a informação de que após a exposição do relatório feita pelos missionários suecos:

Foi discutida a transferência da responsabilidade da obra do Norte e Nordeste aos obreiros nacionais [...] cinco dos dez missionários presentes se destacaram na resolução do assunto ao lado dos pastores nacionais: Gunnar Vingren, Otto Nelson, Joel Carlson, Nels Nelson e Samuel Nyström.<sup>487</sup>

O fato dos missionários suecos supracitados terem sido destacados na resolução do assunto, não significa que eles eram unânimes em entregar as igrejas aos pastores nordestinos. Não sabemos o que arrazoaram em suas falas durante a discussão da pauta. Mas, podemos inferir que deve ter havido ponderações ou até mesmo negativas por parte deles na entrega das igrejas. Os jornais não revelam tais posicionamentos, nem mesmo a bibliografia oficial.

Porém, as cartas que os missionários brasileiros trocavam com a missão sueca podem revelar mais. De acordo com Luigi Bonaita:

Existem muitas suposições sobre o que Vingren pensava a respeito da direção do trabalho missionário no Brasil, e sobre o que ele pensava a respeito dos obreiros nacionais que colaboravam na obra, sobretudo no Nordeste. Vale lembrar que ele era o único missionário pentecostal sueco, presente em terras brasileiras, regularmente formado num curso de teologia de quatro anos, o que determinava sua particular compreensão eclesial e ministerial. [...] A respeito de sua compreensão, podem ser esclarecedoras algumas palavras que o casal Vingren escreveu numa carta enviada às igrejas na sua pátria, publicada no *Evangelii Härold*, através da qual pede reforços para a missão no Brasil: “Digam, eles não

<sup>486</sup> Embora algumas esposas de pastores estivessem presentes em Natal, estas participaram apenas dos cultos convencionais, e de acordo com Silas Daniel “a irmã Frida foi a única mulher a participar ativamente das sessões convencionais da Convenção Geral de 1930”. DANIEL, 2004, p. 34.

<sup>487</sup> DANIEL, 2004, p. 28.

precisariam de novos reforços para ajudar no trabalho? Mas vós, alguém pode dizer, tendes os obreiros nativos. Mas, o fato é que eles não têm a maturidade e força necessárias para esse trabalho. Em geral, eles são bons evangelistas, mas os pastores são poucos”. Gunnar e Frida Vingren, Rio de Janeiro, ano de 1929.<sup>488</sup>

Pela análise de Luigi Bonaita é possível confirmar que nem tudo fora publicado na bibliografia oficial, por razões óbvias. As fontes não revelam tal detalhamento o qual é compartilhado nas cartas. Em linhas gerais, é possível afirmar que Gunnar e Frida olhavam para os obreiros nacionais, com algumas exceções, como um grupo de obreiros e pastores que ainda não tinham alcançado a maturidade necessária para assumirem o campo e o ministério pastoral. Resumindo, para o casal, os pastores nordestinos não tinham capacidade de liderança, embora tivessem muita força de vontade de assumir os trabalhos da Igreja com mais autonomia. Essa análise, realmente perpassa pelo ponto de vista da capacidade e preparo que tinham o casal Vingren, especialmente Frida.

No entanto, a julgar tão somente pelo que os registros oficiais informam, os suecos, especialmente Pethrus, como se diz no relatório da Convenção que se fazia “ouvir sempre o pastor Lewi Pethrus”, consentiram de entregar o trabalho aos pastores nordestinos. Essa decisão, foi então proferida nas palavras do próprio Pethrus em um longo discurso na primeira sessão da Convenção, do qual aqui, fragmentamos alguns pontos principais:

Nesta oportunidade, eu falei sobre se não havia chegado o tempo, quando os pastores brasileiros a seu cargo a inteira responsabilidade pelo trabalho na Região Norte [entenda-se aqui Norte e Nordeste] do Brasil. O trabalho no Norte foi fundado há 20 anos, e ali existem agora muitas e grandes igrejas com experimentados pastores e dirigentes, de modo que o trabalho pode ser entregue inteiramente a eles. Os missionários poderiam então deixar a Região Norte e seguir para os Estados do Sul, onde a obra pentecostal ainda não começou. [...] Um trabalho missionário tem de ter como alvo, sempre que possível, entregar o trabalho aos obreiros nacionais. Como resultado disso, haverá uma responsabilidade maior entre esses obreiros, e maiores possibilidades de ofertas dos próprios brasileiros. [...] se a obra continuar como está, com o tempo podem surgir dificuldades entre os obreiros nacionais e os missionários, uma vez que os trabalhadores nacionais se sentiriam postos de lado [...] Essas dificuldades, que sempre têm prejudicado muito a obra de Deus, podem ser evitadas, se a missão estiver disposta a tomar as medidas necessárias que o caso requer. [...] Além disso, os missionários podem também servir para ajudar no caso de surgirem dificuldades especiais [...].<sup>489</sup>

Esse é, por assim dizer, um resumo da fala de Lewi Pethrus ao tratar do assunto no início da Convenção de Natal. É oportuno aqui resgatar que essa aparente decisão

---

<sup>488</sup> BONAITA, 2012, p. 54-55.

<sup>489</sup> DANIEL, 2004, p. 28-29.

salomônica, fora planejada antes, tanto entre os missionários suecos, como bem antes, entre Vingren e Pethrus o qual relata em sua biografia o seguinte:

No caminho para o Brasil, o missionário Vingren e eu conversamos sobre as dificuldades e como eles deveriam resolvê-las. Antes de chegarmos, ficou evidente para mim que o único modo de resolver a questão era recriando a união entre os missionários e os pastores brasileiros, entregando o trabalho nos oito Estados do Norte e Nordeste aos pastores brasileiros, ao passo que nossos missionários se retirariam para o Sul e Sudeste, regiões onde o trabalho ainda não se iniciara. [...] Durante os 22 dias que estive com Vingren da Europa para a América do Sul, analisamos o problema de todos os pontos de vista concebíveis. A conversa na Convenção e a discussão com os missionários deram ao assunto uma plena e clara luz.<sup>490</sup>

É presumível que, enquanto Vingren e Pethrus atravessavam o Oceano Atlântico em direção ao Brasil, os dois tenham conversado bastante sobre o que os esperava no Brasil. Vingren deve ter tido muito tempo para atualizar Pethrus sobre os últimos acontecimentos, e que, devemos lembrar, não era publicado nos jornais da Igreja. Uma primeira fala que comprova isso no relato de Pethrus, é quando ele afirma: “Vingren e eu conversamos sobre as dificuldades”. O que vem a seguir, em outra fala, seria a evidência de que tais dificuldades (não sabemos quais) haviam trazido desunião entre suecos e brasileiros, quando afirma que “o único modo de resolver a questão era recriando a união entre os missionários e os pastores brasileiros”. O trabalho da Assembleia de Deus já estava dividido.

Dessa forma, tendo terminado o discurso de Pethrus na primeira sessão da Convenção, conforme a bibliografia oficial, temos a informação de que os missionários apresentaram aos obreiros nacionais sua proposta. Assim teria dito Lewi Pethrus:

Antes de este assunto ser tratado, os missionários já haviam falado sobre ele e tinham uma proposta preparada para apresentar à Conferência [naquele tempo era comum suecos e brasileiros se referirem às convenções como conferências]. Haviam chegado à conclusão de que o trabalho nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, onde já havia cerca de 1000 membros e 160 igrejas, deveria ser entregue inteiramente aos obreiros nacionais. Também foi apresentado pelos missionários que todos os templos e locais de reuniões que pertenciam à Missão deveriam ser entregues, sem nenhum custo, às respectivas igrejas locais brasileiras. Se isto não fora feito, teria de fazer-se e estar terminado até o dia 1º de julho 1931.<sup>491</sup>

O que se segue, então, a essa desprendida e abnegada decisão dos missionários suecos, é a resposta dos pastores nordestinos, de igual modo, relatada por Pethrus, que

<sup>490</sup> PETHRUS, 2004, p. 222, 224.

<sup>491</sup> DANIEL, 2004, p. 29.

como já se tem lido, é o principal interlocutor desses fatos. Fragmentamos tal resposta em suas principais partes:

Depois que o assunto foi apresentado e os irmãos brasileiros compreenderam bem a situação, todos ficaram grandemente emocionados. Disseram que não podiam compreender como os missionários iam deixá-los e entregar-lhes todas essas igrejas com o trabalho já organizado. Mas também compreenderam que os missionários faziam isso movidos pelo amor de Cristo e ainda pelo amor que tinham aos irmãos brasileiros. [...] Os pastores disseram também que não tinham nada a dizer contra a proposta apresentada, e que a aceitavam. Houve um comentário de um irmão brasileiro, que disse: “Que grandes homens são esses missionários”. [...] também disseram que desejavam que o trabalho do Norte fosse sempre unido ao trabalho do Sul para que a obra continuasse unida em todo o país [...] Embora sentissem uma grande dor na alma, as duas partes estavam completamente certas de que essa decisão era de acordo com a vontade de Deus [...] Foi um momento muito comovedor. Muitas palavras sensíveis foram ditas e muitas lágrimas foram derramadas [...] pela prova do grande sentimento de negar-se a si mesmo, do desinteresse pessoal e da perfeita união que todos os missionários mostraram nesse assunto tão imponente.<sup>492</sup>

Há alguns pontos devem ser enfatizados nessa fala de Pethrus. O primeiro trata-se da declaração elogiosa a qual Pethrus diz ter ouvido de um irmão brasileiro: “Que grandes homens são esses missionários”. Se realmente foi proferida, trata-se de uma demonstração de gratidão ou de bajulação? Mais adiante, Pethrus informa o que viu nas expressões dos pastores brasileiros, afirmando que sentiam “grande dor na alma”. Por que dor na alma? O que eles queriam não era assumir as igrejas e a responsabilidade da obra? Não era por isso que estavam “lutando”? Por último, queremos enfatizar a declaração de Pethrus ao afirmar que aquele ambiente de comoção era “prova do grande sentimento de negar-se a si mesmo, do desinteresse pessoal e da perfeita união”. As expressões usadas por Pethrus são contundentes: *negação de si mesmo, desinteresse pessoal e perfeita união*. Nesse sentido, devemos indagar: nessa declaração tão positiva, Pethrus estaria incluindo os pastores brasileiros?

A resposta para essa questão parece estar velada, pois se tratando da fala e dos registros do grande líder da missão no Brasil, a bibliografia oficial tende a construir uma narrativa que, apesar dos problemas que ocorreram entre brasileiros e suecos, todas as coisas se encerram em plena harmonia e na “Paz do Senhor”. Será mesmo?! O primeiro número do jornal *Mensageiro da Paz* merece destaque e atenção pelo o que foi publicado acerca da Convenção de Natal.

---

<sup>492</sup> DANIEL, 2004, p. 29-32.

Devemos retomar a expressão proferida por Francisco Gonzaga em seu relatório publicado primeiramente no *Boa Semente* e seu último número, em novembro de 1930, portanto, após a Convenção. Ele afirma que “foram resolvidos, com aprovação de todos, **os problemas que mais de perto nos interessa** e que, pelo Espírito Santo, nos deverão assegurar um trabalho sadio e prospero”.<sup>493</sup>

Na primeira edição do jornal *Mensageiro da Paz*, em dezembro de 1930 o texto de Francisco Gonzaga foi reproduzido. Ele seria o mesmo texto do *Boa Semente* se não fosse por um único detalhe percebido somente depois de uma leitura atenta e comparativa dos textos. No *Mensageiro da Paz* esse mesmo trecho está assim publicado: “Foram resolvidos, com aprovação de todos, **os pontos mais necessários**, que pelo Espírito Santo nos deverão assegurar um trabalho sadio e prospero”.<sup>494</sup>

Essa edição do *Mensageiro da Paz* foi quase que inteiramente dedicada a informar o que ocorreu durante a Convenção, desde suas principais decisões – sem maiores detalhamentos – até às ministrações da Palavra proferidas por Lewi Pethrus e, foram assim, transcritas no jornal. Gunnar Vingren juntamente com Samuel Nyström são os diretores e responsáveis pelo novo jornal, tendo como redatores Frida Vingren e Carlos Brito.

A pergunta que se segue é: qual a essencial diferença entre se afirmar que foram resolvidos, com aprovação de todos, **os problemas que mais de perto nos interessa** e em se afirmar, que foram resolvidos, com aprovação de todos, **os pontos mais necessários**? A primeira frase diz respeito ao que realmente interessava aos pastores nordestinos e deve ter sido essa a publicação original escrita por Francisco Gonzaga, um pastor nordestino. A segunda, foi editada, é evidente. A diferença nas expressões publicadas está na razoabilidade do fato de que alguém, ou o próprio Gunnar Vingren, deve ter editado a segunda publicação no *Mensageiro da Paz*, um mês depois da publicação do *Boa Semente*.

Apenas essa incongruência nos textos dos jornais bastava para desconfiar de que a decisão salomônica de Pethrus não foi suficiente para resolver os problemas entre pastores brasileiros e missionários suecos. Porém, nesse mesmo número do *Mensageiro da Paz*, mais precisamente ao lado do texto, “editado”, de Francisco Gonzaga, está um pequeno texto, intitulado “O que precisamos?”, escrito por Gunnar Vingren. Este texto

---

<sup>493</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Novembro de 1930, n° 114, p. 2.

<sup>494</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, n° 1, p. 4.

desvela algumas ponderações da pauta da Convenção, além de ser uma evidente representação das tensões e inquietações que ainda rondavam as lideranças da Assembleia de Deus, pós Convenção. É também por isso, que optamos por dividi-lo em duas partes, transcrevendo a primeira abaixo, e a segunda parte logo a seguir. Assim sua representação terá sentido:

Nós que servimos ao Senhor na sua igreja, precisamos de santificação, isto é, separação de tudo que possa contaminar a nossa alma, para podermos oferecer um serviço agradável ao Senhor. Precisamos tirar de nós, tudo que fôr altivo, proprio, para recebermos tudo que fôr do Senhor, humildade, fé e amor. O Senhor quer edificar sua igreja por nós, e para isso, precisamos do Seu material. Os nossos pensamentos próprios não servem, somente, os pensamentos do Senhor, dados pelo Espírito Santo. É necessario que demos logar ao Espírito Santo na igreja; de outra fórma, nella entrará o espirito de orgulho e dissensão e perdemos assim a verdadeira espiritualidade [...].<sup>495</sup>

Essa primeira parte do texto de Vingren, e como já anunciado, publicado ao lado do texto, “editado”, de Francisco Gonzaga, não foi escrito ao acaso. Não é nenhum exagero supor ou até mesmo afirmar que Vingren o escreve para exortar a Igreja no sentido – não abertamente revelado, mas, implicitamente – emitido pela declaração de Francisco Gonzaga quando afirma que na Convenção haviam sido resolvidos “os problemas que mais de perto nos interessa”. Tal como citado no texto de Gonzaga, o Espírito Santo também é citado por Vingren, para se respaldar e para responder a pergunta que dá título ao seu texto: “O que precisamos?” Vingren responde: **“Precisamos tirar de nós, tudo que fôr altivo, proprio, para recebermos tudo que fôr do Senhor, humildade, fé e amor”**. Mais adiante, Vingren afirma categoricamente que se o Espírito Santo não tiver lugar na Igreja “nella entrará o espirito de orgulho e dissensão”.

Na parte final desse pequeno texto, Vingren escreve, o que inferimos ter sido, aquilo que mais marcou a sua vida e liderança nos últimos anos de trabalho no Brasil, a saber, a questão do ministério feminino, e sua posição vencida na convenção de Natal, em que defendia que homens e mulheres poderiam participar da obra igualmente:

[...] É necessario que demos liberdade ao Espírito Santo, para que elle opere livremente, seja por homem ou por mulher, seja por dom ou por ministerio, para que a igreja possa crescer na graça do Senhor. O Senhor deseja apromptar a Sua igreja para a Sua vinda gloriosa. Alleluia! “O tempo está próximo”. Quem tem ouvidos, ouça, o que o Espírito Santo diz ás igrejas. – Gunnar Vingren.<sup>496</sup>

<sup>495</sup> Mensageiro da Paz. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, n° 1, p. 4.

<sup>496</sup> Mensageiro da Paz. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, n° 1, p. 4.

Por meio da leitura e interpretação do que os jornais publicaram reverberam as representações que destoam da narrativa oficial da Igreja evidenciando que nem tudo foi como a bibliografia oficial narra e interpreta. A institucionalização da Igreja, a partir de 1930 em Natal, trouxe para a dinâmica daquela Igreja, os efeitos e as tensões da luta pelo exercício do poder de uma nova liderança nascente na Assembleia de Deus.

Devemos reiterar que após a resolução da Convenção de Natal em que as igrejas das regiões Norte e Nordeste seriam entregues aos pastores nordestinos, a hegemonia e o protagonismo dos missionários suecos se mantém e, é notável a presença deles nas publicações do *Mensageiro da Paz* inclusive pelas igrejas do Nordeste. Além disso, na seção de última página, onde constavam os endereços de todas as igrejas e os nomes de seus pastores, a hegemonia dos missionários suecos é ainda mais evidente, das dezessete igrejas, dez continuavam sendo pastoreadas pelos suecos.<sup>497</sup> Os próprios pastores nordestinos se reuniram para escrever cartas<sup>498</sup> a Pethrus para autorizar a permanência dos missionários suecos nas igrejas do nordeste, como nos casos de Nels Nelson, em Belém do Pará, e Joel Carlson em Recife-PE. Então, indagamos o seguinte: o manifesto dos pastores nordestinos foi realmente para terem autonomia, ou havia outra razão velada que o manifesto escondia? O quarto tópico da pauta da Convenção de Natal pode revelar mais.

Outra resolução de pauta da Convenção é aquela à qual já temos anunciado acerca da extinção dos jornais *Boa Somente* e *O Som Alegre*. Gunnar Vingren juntamente com Samuel Nyström são os diretores e responsáveis pelo novo jornal, e teriam como principais redatores Frida Vingren e Carlos Brito. Porém, devemos nesse ponto registrar que na resolução acerca da extinção dos dois jornais e criação do novo, não foi informado que Frida Vingren continuaria como redatora do jornal. Recapitulamos esse trecho na resolução:

Como prova de união e cooperação, foi resolvido, que os dois jornais, a "BOA SEMENTE", do Pará e "O SOM ALEGRE" do Rio de Janeiro se unirão num só jornal que será então o órgão das "Assembléas de Deus no Brasil". Será o mesmo dirigido no Rio de Janeiro, sob a directoria dos abaixo assignados e, sahirá quinzenalmente. [...] SAMUEL NYSTRÖM. GUNNAR VINGREN.<sup>499</sup>

<sup>497</sup> Cf. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Janeiro de 1933, nº 1, p. 8.

<sup>498</sup> Uma dessas cartas é datada de 09 de maio de 1931 e foi assinada por Cícero Canuto de Lima e alguns pastores da Paraíba que pediam a permanência de Joel Carlson na região. Assim também ocorrera com os pastores da Igreja de Belém solicitando a permanência de Nels Nelson.

<sup>499</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Outubro de 1930, nº 11, p. 2.

Essa resolução, como já anunciado, foi publicada em ambos os jornais extintos em seus últimos números. Informar que Frida Vingren continuaria sendo redatora do jornal era algo fundamental a ser feito, mas, não foi por que? Por qual razão essa importante informação é omitida? Frida tinha, segundo a própria bibliografia oficial anuncia, uma forte presença nos jornais e todos e todas “eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho”.<sup>500</sup>

Para que se entenda, a Assembleia de Deus passou a ter dois jornais como órgãos oficiais da Igreja de dezembro de 1929 a novembro de 1930. O *Boa Semente* dirigido por Samuel Nyström de Belém-PA e *O Som Alegre* dirigido por Gunnar Vingren do Rio de Janeiro-RJ. Como tópico de pauta da Convenção de Natal, Isael de Araújo explica assim a situação da existência e circulação de dois jornais na Igreja:

Os dois jornais assumiram posições antagônicas e regionalistas, sem que houvesse interferência mútua em suas áreas de atuação. Tornaram-se dois órgãos oficiais distintos, do Norte e do Sul. Isso resultou em certos constrangimentos entre as lideranças da época, e o problema culminou com a fusão de ambos em um só jornal, que passou a circular em todo o país.<sup>501</sup>

Essa informação demonstra, de igual o modo, que a tensão entre as lideranças da Igreja perpassava pelos jornais sendo emitidos neles e por meio deles opiniões diferentes e divergentes quanto a diversos assuntos, inclusive doutrinárias. O jornal é um produto e produtor de sentidos da fé pentecostal. Emílio Conde afirmou certa feita, que a fusão dos dois jornais unificou “um trabalho que estava sendo realizado com forças divididas”.<sup>502</sup>

O *Mensageiro da Paz*, se tornaria o principal órgão de divulgação e ensino da Assembleia de Deus, e que perduraria até os dias de hoje com seus 89 anos de existência. Esse jornal expande e melhora a transmissão da mensagem pentecostal servindo como agente de evangelização da Igreja. O *Mensageiro da Paz* passou a ser considerado à época um professor silencioso, que chegava onde nenhum seminário teológico poderia chegar, uma vez que acerca de educação teológica formal a Assembleia de Deus desse período era terminantemente contra. De todo o modo, há uma ruptura significativa com a inserção do jornal *Mensageiro da Paz* no que tange aos aspectos eclesiais e a doutrina pentecostal. A publicação do novo jornal também carrega a representação que marca do início da institucionalização da Assembleia de Deus

---

<sup>500</sup> DANIEL, 2004, p. 34.

<sup>501</sup> ARAÚJO, 2011, p. 282.

<sup>502</sup> CONDE, 2006, p. 136.

Na primeira página do *Mensageiro da Paz* há o seguinte editorial:

O “MENSAGEIRO DA PAZ”. Conforme determinou a Convenção em Natal, o “Mensageiro da Paz” veio substituir o “O Som Alegre e a Boa Semente”, que se fundiram em um só jornal, que passará a ser o órgão das Assembléas de Deus, no Brasil. Esperamos que todos os irmãos e leitores o recebam com alegria e se esforcem para propagal-o. *A redação*.<sup>503</sup>

Ainda no novo jornal, Samuel Nyström que recentemente havia sido transferido de Belém para São Paulo, e que se torna um dos diretores do jornal, publicou um pequeno texto de agradecimento aos assinantes do *Boa Semente* pelos anos de sua existência, ao mesmo tempo que pede para que eles sejam assinantes do novo jornal:

Aos assignantes da “Boa Semente”. Tendo findado no mez de Novembro a publicação da “Boa Semente”, e começando agora a publicação do novo jornal, venho por este, agradecer o conforto moral e espiritual com o assignantes me cercaram. Durante os annos em que estive na direcção da “Boa Semente”. Peço ao mesmo tempo, que estes tenham para com o novo órgão das Assembléas de Deus, a mesma consideração, lembrando-o nas suas orações diante de Deus, para elle seja, na verdade, um instrumento para salvação de muitas almas e para despertamento, edificação e instrucção do povo de Deus. São Paulo, 17 de Novembro de 1930. Samuel Nyström.<sup>504</sup>

Uma página antes, acerca do jornal *O Som Alegre*, temos de modo discreto e sucinto o seguinte aviso: “Em virtude dos últimos acontecimentos, não circulou o “O Som Alegre” durante o mez de Novembro. Avisamos isto, especialmente aos seus assignantes e leitores”.<sup>505</sup> O aviso não foi assinado, mas, por inferência supomos que tenha sido Gunnar Vingren quem o escreveu.

Em suma, todos devem trabalhar para o sucesso do *Mensageiro da Paz*. Em seu primeiro editorial é conclamado que todos os membros da Igreja o abracem e o divulguem: “O Mensageiro de Paz, é o portador de Salvação que deve entrar em todos os lares. Todo crente que tiver o privilégio de lel-o, deve esforçar-se para propagal-o entre seus parentes, amigos e conhecidos. Deus recompensa aquele que toma interesse pela evangelização”.<sup>506</sup>

Há mais de uma década produzindo e investindo em sua imprensa, a Assembleia de Deus, enquanto instituição, já compreendia bem o impacto e o poder da palavra impressa. Uma vez resolvida, em tese, a criação e o funcionamento do novo jornal, bastava

<sup>503</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, nº 1, p. 1.

<sup>504</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, nº 1, p. 8.

<sup>505</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, nº 1, p. 7.

<sup>506</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, nº 1, p. 6.

conclamar o engajamento de todos os membros da Igreja. De acordo com Gedeon Alencar, “o MP é uma causa. Mais do que um simples elo neste país continental, [...] é um meio e método de evangelização. Vendê-lo, ou presenteá-lo é levar a causa nos ombros, é proclamar a verdade pentecostal. É bem típico da militância pentecostal da época”.<sup>507</sup>

Ao mesmo tempo é importante lembrar que o contexto de uma nova década também anunciava um tempo de muitas incertezas. Gedeon Alencar também informa que “sua periodicidade é constantemente ameaçada pela crise (interna da igreja, financeira, política?). Há constantes apelos aos irmãos para que vendam, distribuam e enviem seu pagamento”.<sup>508</sup> O novo jornal nasceu em uma época de incertezas, mas, do propósito de unidade dos líderes da Assembleia de Deus objetivando também unificar todo o trabalho de uma Igreja que se expandia para todo o território nacional. Apesar de não possuir o status de uma denominação histórica, a Assembleia de Deus entrava na arena jornalística a partir e, diretamente da capital federal do país.

Foi Gunnar Vingren o principal interlocutor da resolução que tratou da criação do jornal *Mensageiro da Paz*. No final do ano de 1931, na quinzena de dezembro, acessamos no jornal as informações daquilo que Vingren decidiu publicar e contar acerca de como foi decidida a criação do novo jornal durante a Convenção de Natal. O texto será fragmentado em duas partes, a primeira a seguir, e a segunda no próximo capítulo, pois, trata do trabalho de Frida no jornal.

“O Mensageiro de Paz”. Afim de que todos fiquem sabendo a realidade concernente o “Mensageiro da Paz”, quero fazer a seguinte declaração. Ficou resolvido, na Convenção Geral dos Obreiros, realizada na cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte, em Setembro de 1930 p. p., que o novo orgam das “Assembleas de Deus”, no Brasil, aliás, o “Mensageiro de Paz”, fosse dirigido pelos irmãos Samuel Nyström e o abaixo assignado. Também que o mesmo ficava sendo redigido no Rio de Janeiro. [...].<sup>509</sup>

Vingren relembra um fato já resolvido. Mas, por que ele precisa fazer isso um ano depois? Algo não ficou bem esclarecido à Igreja que lia o jornal durante aquele ano de 1931, ou, algo estava acontecendo que não sabemos? Vingren propôs diretrizes para o funcionamento do *Mensageiro da Paz* estabelecidas por ele e tendo a concordância dos pastores nordestinos e missionários suecos presentes na Convenção de 1930. Deve ser também por isso que faz sentido o que Silas Daniel reitera na comparação do extinto jornal

<sup>507</sup> ALENCAR, 2010, p. 114.

<sup>508</sup> ALENCAR, 2010, p. 114.

<sup>509</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1931, nº 23 e 24, p. 11.

*O Som Alegre* com o *Mensageiro da Paz*: “ao analisarmos a diagramação de *O Som Alegre* e a do *Mensageiro da Paz*, percebemos que o MP nada mais era que o antigo *O Som Alegre*, mudando apenas nome do jornal. A diagramação era a mesma [...]”.<sup>510</sup>

O que quer que tenha ocorrido naquele ano de 1931 só poderemos compreender por meio do último tópico da pauta da convenção, ou seria o principal? O último assunto da pauta da Convenção trata do trabalho feminino na igreja. Considerando a importância histórica dessa temática na Assembleia de Deus, optamos por abordar a questão no próximo capítulo dessa pesquisa. O assunto reverbera a representação icônica da pessoa e da obra de Frida Vingren.

---

<sup>510</sup> DANIEL, 2004, p. 33.

## Capítulo 5

# GUNNAR E FRIDA VINGREN: AS RELAÇÕES ENTRE A FÉ E O “PODER”

*Somente o Senhor conhece a luta e o custo desse trabalho. São dias e noites em luta de oração e lágrimas. O Senhor sabe de tudo, não vou me defender, pois não sou perfeita, um dia tudo se tornará claro.*

Frida Maria Strandberg Vingren

### 5.1 A fé e o poder de Frida Vingren: a (dis)função da mulher na Igreja

O último tópico da pauta da Convenção Geral de 1930 é sobre o trabalho feminino na Igreja, tópico nevrálgico que, de modo persistente, ainda instiga reflexões e provoca novas análises e interpretações acerca da (dis) função “autorizada” da mulher no ambiente eclesiástico. Essa temática tem sido discutida nos últimos anos como nunca, especialmente nos círculos acadêmicos e, a produção de pesquisas sobre gênero tem crescido muito nos últimos anos. Tais pesquisas têm contribuído para recuperar as vozes de mulheres, que no espaço possível que tinham, deram sentido ao seu tempo e o dão ainda hoje, no tempo presente, na busca por emancipação, igualdade e liberdade.

A ideia da escrita desse tópico é colocar no centro da “trama” da institucionalização pentecostal o casal pioneiro da Assembleia de Deus, Gunnar e Frida Vingren, pautando-se pela busca de compreender a *fé* e o *poder* que os movia, embora tais conceitos possam ser vistos, vez ou outra, nessa “trama”, como representações ambíguas no interior do movimento que eles fundaram. Ainda hoje essas representações reverberam como sendo aspirações de homens e mulheres, defensores e defensoras de uma mensagem genuinamente pentecostal, onde a *fé* e o *poder* são conceitos purificados pelo Espírito do qual emana o movimento.

Nessa busca encontram-se os sentidos, ora implícitos, ora explícitos, daquilo que aquele casal sonhou para a natureza e função da Igreja. Nesse sentido, a análise da vida e da obra de Frida Vingren é imprescindível, pois é ela quem dá sentido à liderança de Gunnar, é ela quem torna possível o sonho de se construir uma Igreja com uma equidade que se fortalece na unidade, santidade e no poder do Espírito Santo. A mensagem do casal conclamava a todos e todas sem exceção a viverem sob a graça e livres para Deus, em um lugar onde realmente “não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus” Gl 3:28. A equidade que Frida e Gunnar pregavam provinha do Reino de Deus e anunciavam tal equidade como uma marca indelével da Igreja verdadeira! Porém, enquanto criam e trabalhavam por essa Igreja verdadeira, a “trama” da qual iam participando, também revelava uma *fé* que se coadunava ao *poder* dos homens da religião.

A compreensão de toda essa dita “trama” exige que façamos um recuo similar ao que fizemos no capítulo anterior. Enquanto, anteriormente, o recuo objetivou encontrar o ponto de partida da relação dos pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg com Lewi Pethrus e com a Igreja Filadélfia na Suécia, e dessa forma demonstrar a nova relação de apoio e institucionalização, nesse capítulo, o recuo tem por objetivo recuperar o ponto de encontro entre Gunnar e Frida e compreender o impacto dessa união para a obra pentecostal que se expandia grandemente nos idos do ano de 1917 na cidade de Belém-PA, ano em que Frida chegou ao Brasil. A perspectiva que se anuncia aqui é a da possibilidade de lermos uma nova história onde a perspectiva desse casal deve ser explorada em detrimento do que diz a história oficial, especialmente sobre o que a história oficial registra sobre Frida, ou, como a Assembleia de Deus tratou as mulheres da Igreja.

A história oficial ou oficiosa tendeu a relegar tais mulheres ao esquecimento, pois essa história sempre se revelou positivista, elitista e androcêntrica. Propomos explorar a perspectiva de sujeitos ignorados da história oficial, na qual “apenas os vitoriosos são lembrados. Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos”.<sup>511</sup>

Já afirmamos em recente pesquisa<sup>512</sup> que historicamente a mulher sempre teve seu protagonismo, ela sempre esteve presente em toda e qualquer dinâmica em que o trabalho também se fez presente e, dessa forma, o silêncio sobre sua presença ativa na

---

<sup>511</sup> THOMPSON, 2011, p. 14.

<sup>512</sup> LIMA, 2016, p. 146-147.

história é fruto de posturas preconceituosas e excludentes que precisam ser urgentemente combatidas.

No começo da Idade Moderna, especialmente na Europa, a mulher era vista como o sexo desregrado<sup>513</sup> por excelência. “*Une beste imparfaicte, sans foy, san loy, sans craincte, sans constance*”,<sup>514</sup> era o que dizia um provérbio popular da época. Concepções como essas eram disseminadas pela própria Igreja, entre católicos e protestantes. Natalie Davis, que investiga a sociedade e a cultura em transformação nesse período, afirma que “o desregramento feminino já tinha sido observado no Jardim do Éden, quando Eva foi a primeira a ceder à tentação da serpente, incitando Adão a desobedecer ao Senhor”.<sup>515</sup> Esse mito fundante subjuga a mulher, supostamente, sob a ira divina. Essa condição imposta pelo homem sempre existiu, mas, a modernidade acabou por estabelecer ainda mais esta condição. Essa é a imagem que foi utilizada como pretexto para a sujeição das mulheres.

A partir disso são incontáveis as representações que se (re)produzem sobre a mulher, ou, sobre o seu poder, que na verdade é um poder inconveniente para os homens, como confirma Michele Perrot: “Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida”.<sup>516</sup> Assim, como o Estado e a família, a religião também estabelece a condição da mulher na história, que a despeito da obra regeneradora de Cristo, chegou a disseminar, entre os homens de “razão lúcida”, que “a salvação consiste em exorcizar a ameaça que a mulher representa para o triunfo de uma ordem de homens”.<sup>517</sup>

Essa interpretação e condição impostas perdurariam no tempo até a contemporaneidade, pois “o século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis [...] Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos”.<sup>518</sup> O século XX representaria o século da luta ativa e direta

---

<sup>513</sup> Nas mulheres esse desregramento estava fundado na sua fisiologia. [...] Seu ventre, como um animal faminto, quando não era muito bem alimentado pelas relações sexuais ou pela prole, podia sair a vagar pelo corpo, dominando sua fala e sua razão. Se a Virgem Maria estava livre de tal fraqueza, é porque era vaso sagrado do Senhor. [...] Os homens que também sofriam da retenção de fluidos sexuais, tinham a força de vontade e a sagacidade de controlar suas necessidades brutais por meio do trabalho, da bebida ou do estudo. As mulheres só podiam tornar-se histéricas. DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 107.

<sup>514</sup> Do francês, que significa “uma besta imperfeita, sem fé, sem medo, sem constância”.

<sup>515</sup> DAVIS, 1990, p. 107.

<sup>516</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 177.

<sup>517</sup> PERROT, 1988, p. 178.

<sup>518</sup> PERROT, 1988, p. 178.

por emancipação feminina,<sup>519</sup> embora esse mesmo século trouxesse em seu bojo diversos efeitos, tais como “o comportamento efetivo de homens e mulheres na Europa pré-industrial, assim como vários usos do simbolismo sexual para tratar da vida social e para expressar, ou até mesmo esconder suas contradições internas”.<sup>520</sup>

Por isso, nesse novo alvorecer da história da mulher, parece fazer sentido a máxima de Simone de Beauvoir acerca do olhar que a sociedade, especialmente homens machistas e misóginos, ainda têm sobre a mulher: “O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela se comporta como um ser humano, é acusada de imitar o macho”.<sup>521</sup> Assim, reiteramos, mais uma vez, que em tempos atuais a mulher ainda luta por emancipação social, aprofundando ainda mais a ruptura dos padrões de comportamento e atitudes marcadas pelo patriarcalismo que passou a ser fortemente criticado a partir da segunda metade do século XX.<sup>522</sup>

Portanto, para além dos silêncios da história oficial e dos tradicionais discursos historiográficos da Igreja, essa pesquisa, enquanto propõe investigar a formação da doutrina, a fé e as práticas pentecostais, recuperar a dimensão humana daquilo que geralmente está pronto para ser esquecido, ou que talvez já tenha sido esquecido.<sup>523</sup> Essa

---

<sup>519</sup> A emancipação feminina do século XX teve no feminismo sua maior expressão, tanto do ponto de vista político como religioso. De acordo com Rosino Gibellini “na história do feminismo [...] se podem distinguir duas fases: a fase dos movimentos pela emancipação da mulher (até o início dos anos 60), que vê as várias organizações feministas empenhadas nas lutas pela igualdade dos direitos civis; e uma segunda posterior (a partir dos anos 60), em que o feminismo, primeiro nos EUA e depois no resto da Europa, assume a forma dos movimentos de libertação da mulher (neofeminismo), que impulsionam as lutas *beyond equality* (Marcuse), para além da igualdade. A consciência da mulher passa por uma profunda transformação, e, agora, percebe que às mulheres é fixado um papel e um lugar (woman’s place), no mundo que continua sendo o mundo do homem (man’s world); questiona, pois, esse mundo masculino, seus modelos androcêntricos e suas estruturas patriarcais. [...] A teologia feminista é expressão de mulheres, feministas e cristãs ao mesmo tempo, que compartilham com outras irmãs – numa união simultaneamente ideal e militante denominada *sisterhood*, irmandade – a nova consciência da mulher e a militância pela emancipação da mulher, mas, que são também cristãs e teólogas, engajadas em suas comunidades e em uma reflexão de fé”. GIBELLINI, 2012, p. 419-420.

<sup>520</sup> LIMA, Daniel Barros de. Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira; SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (org.). **História da Amazônia em doze olhares**: novas contribuições. Manaus: Mundo Novo, 2014, p. 112.

<sup>521</sup> BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, p. 72.

<sup>522</sup> MELLO, Adriana Girão da Silva; LIMA, Daniel Barros de. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas do Gênero**: Revista de Estudos Feministas em Gênero e Religião. São Leopoldo-RS, v. 2, n. 1, jan.jul. 2016, p. 122.

<sup>523</sup> Essa perspectiva revela aquilo que geralmente estava pronto para ser esquecido, histórias de gente comum, experiências de homens e mulheres na construção de sua própria história. Isso engrandece nosso papel como historiador, bem como disse Eric Hobsbawm, “o ofício do historiador é lembrar o que os outros esquecem”. HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 1995, p. 12. Podemos ampliar essa máxima, afirmando que o ofício do historiador é lembrar o que muitos “desejam” esquecer. Repensar a História, neste sentido, é incorporar

tarefa exige uma reinterpretação da ação de mulheres que tiveram um protagonismo tal, que transcendeu o peso das estruturas sociais e religiosas de seu tempo. Os anos nevrálgicos são os da década de 1920 e início dos anos de 1930.<sup>524</sup>

Frida Maria Strandberg<sup>525</sup> é o seu nome. Frida, pelo poder do Espírito, é uma “voz que clama no deserto” e grita estridentemente contra o poder da instituição que “apaga o Espírito” e que propaga uma submissão que coloca a mulher abaixo daquilo que Deus requer delas. É por isso que Frida dizia às mulheres de seu tempo que elas, “com humildade, prudência e pelo poder de Deus, venceriam todos os obstáculos”.<sup>526</sup>

Na leitura dos textos de Frida vemos um furacão impetuoso que desestabiliza a ordem vigente e o controle da religião institucionalizada. Neles vemos uma mulher livre e vivendo com uma mentalidade à frente de seu próprio tempo e, ainda conclamando as mulheres da Assembleia de Deus a saírem de qualquer estado letárgico que as impeçam

---

a ideia de que o papel social, especialmente, dos historiadores da Igreja também é contribuir para o resgate das práticas adotadas por pessoas, sendo Igreja (organismo espiritual invisível), transformam a própria Igreja (Instituição, Igreja Visível e Local) à medida que se entregam ao engajamento da missão no interminável processo de seu melhoramento.

<sup>524</sup> Avaliando o contexto institucional-religioso do tempo e do espaço em que Frida Vingren viveu, Valéria Vilhena destaca, como pano de fundo, “alguns períodos históricos do Brasil tais como: o Período da Borracha, a Belle Époque, o surgimento dos movimentos feministas e as lutas pelas causas feministas no país, os impactos da Primeira Guerra Mundial (principalmente sobre a Suécia) e o início do pentecostalismo no Brasil que foi compreendido como o início das Igrejas Assembleias de Deus. [...] A sua trajetória representa bem o que significou ‘ser mulher’, religiosa e evangélica na região Norte do Brasil nas décadas de 1920 e 1930 em contraste com outras mulheres engajadas em lutas feministas fora do contexto da igreja à qual ela pertencia”. VILHENA, Valéria Cristina. **Frida Maria Strandberg (1891-1940)**: mais do que esposa de pastor. São Paulo: Fonte Editorial, 2018, p. 40.

<sup>525</sup> Por uma questão objetiva e pelo número de pesquisas que já tem recuperado a biografia de Frida optamos por apresentar resumidamente nessa nota aspectos gerais de sua vida na Suécia, a partir das informações de Isael Araújo, mais precisamente na ambiência da Igreja Filadélfia, antes de casar com Gunnar Vingren no Brasil e iniciar o trabalho missionário ao seu lado. Frida Maria Strandberg, missionária sueca, enfermeira, poetisa, compositora, musicista, redatora, pesquisadora, pregadora e ensinadora. Nasceu em 9 de junho de 1891, em Själevad, Västernorrlands, região norte da Suécia [...] Estudou o primário e o ginásio e fez curso universitário, formando-se em Enfermagem. Em Estocolmo, foi chefe da seção de enfermagem no Hospital onde trabalhou. Dedicou-se, também, a arte fotográfica. Seus pais eram crentes luteranos, e criaram Frida num ambiente cristão. Mais tarde, tornou-se membro da Igreja Filadélfia onde cooperava. Batizada em águas pelo pastor Lewi Pethrus, em 24 de janeiro de 1917, pouco tempo depois recebeu o batismo no Espírito Santo. Posteriormente, recebeu o dom de profecia. [...] algo impulsionou-a para o movimento missionário, que, por essa época, estava surgindo na Suécia. Frida sentiu, da parte de Deus, o desejo de seguir o exemplo de seus contemporâneos, muitos deles jovens [...] Após comunicar a Lewi Pethrus que Deus a chamara para o campo missionário brasileiro, ingressou num curso bíblico de oito meses no Instituto Bíblico. [...] Quando o Espírito Santo revelou a Gunnar Vingren “que ele deveria ir ao Pará”, disse também que o missionário “iria se casar com uma sueca com uma sueca chamada Strandberg, de 26 anos”. [...] Seu casamento com Gunnar ocorreu em 16 de outubro de 1917. Vingren estava com 38 anos, e Frida, com 26, exatamente a idade prevista na profecia. A cerimônia, em Belém do Pará, foi presidida pelo missionário Samuel Nyström. O casal teve seis filhos: Ivar, Rubem, Margit, Astrid, Bertil e Gunvor. Esta última faleceu no Rio de Janeiro, em setembro de 1932, vítima de crupe, poucos dias antes do regresso definitivo de toda a família para a Suécia. ARAÚJO, 2007, p. 903-904.

<sup>526</sup> VINGREN, Frida. Filhas profetizando. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, nº 2, p. 5.

de produzir frutos na vida. Aliás, devemos destacar o que foi dito em um recente artigo revisionista da participação da mulher na Assembleia de Deus: “o protagonismo feminino é inegável na História da Assembleia de Deus. Nos seus primeiros anos é evidente a inserção das mulheres nas diversas atividades da Igreja”.<sup>527</sup> O movimento pentecostal em si possui uma marca característica de inclusão. Desde seu início sempre houve espaço para todos e todas trabalharem na obra e na expansão da mensagem pentecostal.

Com uma visão de mundo *sui generis* para uma mulher pentecostal dos anos 1920, Frida trabalhou intensamente para Deus e chocou uma legião de líderes, homens, que se empoderavam da Igreja à medida que ela ia se institucionalizando e, também por isso, era uma Igreja que refletia, em suas próprias fileiras, os preconceitos da sociedade em que ela estava inserida no seu tempo e no seu espaço. As experiências e visão de mundo de Frida lhe deram um empoderamento próprio e necessário, como indicado por Valéria Vilhena: “para enfrentar a mais fina e cruel vontade de dominação dos homens sobre as mulheres, pois, se tratava da ‘cultura de subalternidade’, noção esta pensada a partir de Michel Foucault em sua obra *História da Sexualidade I*”.<sup>528</sup>

A recuperação da memória de Frida Vingren é uma das principais representações dessa pesquisa. Nela, além da recuperação de suas experiências no campo missionário que, como já afirmamos, a forjaram e deram valor ao seu protagonismo, também se recupera a representação da própria pessoa de Frida, e, por conseguinte, a sua obra. As representações que ecoam dos textos de Frida nos jornais, revelam os sonhos de uma Igreja prevalecente na terra e apontam para uma esperança utópica de fazer da Igreja o melhor lugar do universo, pois, um Deus justo e amoroso se revela ali transformando homens e mulheres em novas criaturas as quais são impelidas pelo poder do Espírito Santo a transformar o mundo. Essa é mensagem de Frida, mas, será pelos jornais, a partir de 1919, que poderemos compreender o reverberar e a publicidade dessas verdades.

A vida de Frida é profundamente marcada pela fé contida na mensagem pentecostal e sob o contexto de sua vida na Suécia inicia sua caminhada cristã e o exercício dos dons da fé que professa. Desde os primeiros anos, como membro da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Frida demonstrou sempre estar apta para servir a Deus e à Igreja com os

---

<sup>527</sup> LIMA, Daniel Barros de. LIMA, Maria José Costa. Pastoras na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Manaus-Am: um olhar feminino a partir do 4º RELEP e da consagração de mulheres na CADB. In: LIMA, Adriano. COSTA, Moab. GANDRA, Valdinei. (Orgs.). **O Espírito e as Igrejas**. São Paulo: Editora Recriar, 2018, p. 148.

<sup>528</sup> VILHENA, 2018, p. 40.

primeiros talentos que ia desenvolvendo, inclusive, Frida se via chamada para pregar a Palavra. Nesse tempo, a Igreja Filadélfia havia anunciado aos membros da Igreja que as “irmãs que tivessem a mesma chamada [...] para pregar o evangelho eram bem-vindas ressaltando-se a capacidade do ambiente. Se houvesse falta de lugar, os homens teriam precedência, embora a chamada pudesse ser a mesma”.<sup>529</sup>

Sob esta diretriz, após ter feito um curso bíblico de oito meses e outro curso de caráter missionário, em 27 de maio de 1917, Frida foi ordenada missionária para trabalhar no Brasil como *bibelkvinna*.<sup>530</sup> Esse fato foi publicado em uma reportagem de primeira página no jornal sueco *Evangelii Härold* sob a seguinte notícia: “Ny arbetskraft till Brasillien”,<sup>531</sup> que significa, “Nova mão de obra para o Brasil”. Abaixo desse título, há uma foto de Frida vestida de enfermeira. (Ver anexo 7)

O ponto de partida desse recuo se dá exatamente no relato, o qual já fizemos, do primeiro retorno de Gunnar Vingren à Suécia de dezembro de 1915 a março de 1917. Foi nesse período que Gunnar conheceu Frida e, provavelmente, no início de 1917 iniciaram um namoro e, por conseguinte, oficializaram o noivado. Esse encontro traria, realmente, conseqüências imprevisíveis para Gunnar. Nesse contexto, Lewi Pethrus já estava ciente acerca do chamado missionário de Frida para o Brasil. Dessa forma, enquanto Gunnar e Frida namoravam, Lewi Pethrus os acompanhava, orando juntos com eles durante vários dias, pois, não se tratava apenas ideia do chamado de Frida, mas, da possibilidade do casamento entre os dois.

Frida chegaria ao Brasil em 4 de julho de 1917. Ela teria relatado a experiência de sua chegada em uma longa carta enviada a Suécia.<sup>532</sup> Gunnar Vingren não veio junto dela por que teve um problema em seu passaporte na América e, teria chegado em Belém do

---

<sup>529</sup> ARAÚJO, Isael. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 27.

<sup>530</sup> Antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas. ARAÚJO, 2014, p. 32.

<sup>531</sup> Ny arbetskraft till Brasillien. **Evangelii Härold**, Stockholm, 1917, n° 22, p. 1.

<sup>532</sup> A seguir fragmentamos um trecho dessa carta: “Cheguei agora ao destino de minha viagem. O navio entrou à noite no porto de Belém do Pará, mas não houve desembarque. [...] As nove horas da manhã do dia 4 de julho, o navio atracou. Eu estava um pouco nervosa. Será que alguém virá buscar-me? Pensei. Tinha mandado um telegrama de Nova York no mesmo dia da saída, avisando a minha chegada. Sim, realmente havia alguém me esperando! Ali no cais, entre todos os pequenos brasileiros, vi um homem claro e mais alto que todo mundo. Era o missionário Samuel Nyström, Junto com ele estava Adriano Nobre e três outros irmãos da Assembleia de Deus em Belém. Adriano veio saudar-me e o fez em inglês, porque Samuel Nyström chegara à conclusão, pelo meu telegrama, que eu era de nacionalidade norte-americana. [...] Ó como me alegrei de haver chegado bem e feliz! O Senhor é tão bom! Louvado seja seu nome! Sobre as profundidades Ele nos sustenta e leva!”. ARAÚJO, 2014, p. 37-38.

Pará em 6 de agosto de 1917.<sup>533</sup> Eles se casaram dois meses depois, em outubro de 1917, e a partir desse momento começaram a liderar juntos a Assembleia de Deus no Brasil. No ano seguinte, de 1918, Gunnar Vingren começaria a viajar bastante e conforme Isael de Araújo:

Frida ficava responsável pela direção da igreja e dos cultos muitas vezes. Seu bom conhecimento bíblico foi de grande bênção tanto verbalmente como por escrito nessas ocasiões e nos anos vindouros do ministério do casal, tanto no Pará como no Rio de Janeiro. Ela era enérgica, mas procurava compreender e solucionar os diferentes problemas que surgiam [...] Nesse ano, 1918, ela escreveu a sua segunda matéria-reportagem para o jornal sueco *Evangelii Härold*. O assunto foi a mulher e o trabalho doméstico no Brasil.<sup>534</sup>

A combinação dos seguintes fatos: Frida assumir a liderança da Igreja enquanto Gunnar viajava; sua capacidade de resolver problemas próprios da administração eclesiástica e sua publicação no jornal sueco acerca da mulher, se tornam simbólicos nessa trama, pois, representam o prenúncio dos problemas os quais o casal enfrentaria a partir da criação do jornal *Boa Semente* em 1919, e que perduraria por toda década de 1920 culminando nas tratativas da Convenção de Natal em 1930, tendo o trabalho feminino na Igreja como sua última pauta. Ou teria sido a principal?

A liderança de Frida era notável. Além de ter sido ordenada como *bibelkvinna*, literalmente do sueco, “mulher de Bíblia”, mas, livremente, compreendida como “professora de Bíblia”, Frida era enfermeira, compositora, poetisa, redatora, escritora de artigos teológicos, oradora talentosa, além de possuir uma linda voz e saber tocar vários instrumentos. Frida era excepcional para uma mulher da década de 1920, mais do que isso, para uma mulher evangélica de fé pentecostal daquele período.

Em linhas gerais, o casal, tinha ideias consideradas avançadas demais para aquela época, modernas demais para a Igreja daquele tempo. Juntos pensavam na abertura de um seminário teológico, na utilização da imprensa para a evangelização, incluindo o advento do rádio, mas, “nada pior” do que isso, seria a forma como o casal interpretava a participação da mulher na liderança da Igreja e sua ordenação ministerial. É nesse bojo que Gunnar e Frida Vingren sofreram a tensão e os embates da institucionalização da Igreja; são esses os pontos nevrálgicos da relação deles entre a *fé* e o *poder*.

A partir desse momento passaremos a fazer das matérias publicadas pelo casal nos jornais, o eixo norteador para compreender a sua “luta” pelo melhoramento da Igreja,

---

<sup>533</sup> ARAÚJO, 2014, p. 37-38.

<sup>534</sup> ARAÚJO, 2014, p. 46.

por assuntos que, de algum modo, perpassam tal melhoramento, mas, especialmente os textos publicados por Frida devem ser analisados. Essa compreensão remete-se a ideia de melhoramento defendida por Martinho Lutero sobre a qual Wilhelm Wachholz afirma: “Lutero relaciona o tema do poder da igreja com melhoramento [...] não existe poder na Igreja senão para o melhoramento [...] uma vez que Paulo diz aos coríntios: ‘Deus nos deu poder não para destruir, mas para melhorar a cristandade’ (2Co 10:8)”.<sup>535</sup>

Uma observação pertinente para essa abordagem se dá pela razão de que não pretendemos fazer esse recuo para que se conheça e se avance de modo linear e cronológico, por meio das matérias dos jornais, até a Convenção de 1930, e assim se chegue à pauta sobre o trabalho feminino na Igreja. Não. Não queremos analisar o acirramento do debate sobre assunto na Convenção. Não é esse o objetivo, pois a bibliografia oficial, ao seu próprio modo, já informa as resoluções sobre o assunto na Convenção, além das inúmeras pesquisas que já foram realizadas sobre o tema. É de conhecimento geral, tanto na Igreja, como na comunidade acadêmica, que o casal Gunnar e Frida Vingren são votos vencidos na Convenção na questão do trabalho feminino na Igreja.<sup>536</sup> Frida, enquanto mulher, está na interminável lista de vencidas da história, pois, ela foi uma pessoa que entrou em “becos sem saída”, teve suas causas perdidas e, como perdedora da “trama” que participava, corre, frequentemenete, o risco de ser esquecida.

Dessa forma, o que importa aqui é saber quais os principais textos do casal sobre o tema da mulher na Igreja publicados nos jornais, especialmente conhecer a perspectiva de Frida, que é, em si mesma, uma representação da mulher cheia do Espírito Santo em um tempo absolutamente incompatível com o modo de ser da mulher assembleiana. Frida sofre o poder da institucionalização da Igreja inserida sob um tempo histórico e sob a cultura de um implacável patriarcalismo. E qual é a perspectiva de Frida senão aquela que ela evocou nos jornais, nos artigos que ela publicou, nos acirramentos que ela provocou, na impetuosidade de sua alma liberando *poder* em sua máquina de escrever e, como uma navalha na carne, despertou a ira de uma legião de homens que, com seu *poder* religioso, pretensiosamente, controlava a Igreja e cerceava Frida. Esses homens calaram Frida.

<sup>535</sup> WACHHOLZ, Wilhelm. Reforma e melhoramento, tradição e transformação: os estamentos na teologia de Lutero a serviço da criação. In: REBLIN, Iuri. WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs). **Reforma**: tradição e transformação. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016, p. 19.

<sup>536</sup> A Convenção de 1930 decidiu que: “As irmãs têm todo o direito de participar da obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12. 3-8 (ref. acerca do princípio de necessidade). Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar”. DANIEL, 2004, p. 40.

Elencamos alguns artigos publicados por Frida desde os primeiros anos no jornal *Boa Semente*. Também analisaremos as publicações de Frida após a mudança do casal para o Rio de Janeiro, no jornal *O Som Alegre*, e posteriormente, na unificação dos jornais, as poucas e últimas publicações feitas no *Mensageiro da Paz*.

No ano de 1921, a família Vingren viajou à Suécia para um período de férias, ficando nos EUA por alguns meses. Durante esse tempo, Frida teve contato pessoal com Aimee Semple McPherson<sup>537</sup> e a partir desse momento, teve autorização para traduzir e publicar seus artigos no jornal *Boa Semente*. Algum tempo depois, Frida lhe escreveu uma carta agradecendo a oportunidade da conversa.<sup>538</sup> É importante pontuar esse fato, pois, é provável que McPherson fosse inspiração para Frida.<sup>539</sup>

Frida publicou diversos artigos no *Boa Semente* desde sua fundação em 1919. O jornal era, por assim dizer, um instrumento de “sua luta”, mas, também de propagação da doutrina que ela cria, escrevia e, traduzia disseminando, assim, a fé pentecostal no Brasil, além dos hinos de sua autoria preparados para a Harpa Cristã, o hinário da Igreja.

---

<sup>537</sup> Aimee Semple McPherson, uma evangelista conhecida como “Irmã Aimee”, fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular em 1º de janeiro de 1923, em Los Angeles, Califórnia, com a inauguração da sede internacional Angelus Temple, que tinha capacidade para cinco mil pessoas. Nos primeiros meses, sete mil pessoas se converteram a Jesus. Trinta dias depois, foi inaugurado o Instituto de Treinamento Evangelístico e Missionário e uma sala de oração, consagrada e tendo como base o versículo “orai sem cessar”. Aimée dirigia 21 cultos por semana, participava de eventos públicos e parava completamente as ruas de Los Angeles, diretamente para o Angelus Temple. Quando irmã Aimée concluiu seu ministério, em 1944, a presidência do movimento Quadrangular e da Cruzada Internacional de Evangelização passou para seu filho Rolf K. McPherson, que serviu ao corpo diretivo por 44 anos. A mudança da liderança não desacelerou o progresso. Sob sua responsabilidade, o movimento passou de 400 igrejas para mais de 10 mil. Hoje, já existem igrejas Quadrangulares em todos os Estados norte-americanos, além de outras tantas espalhadas por 146 países. Disponível em: <http://www.portalbr4.com.br/materias/5> Acesso em: 19 ago 2019.

<sup>538</sup> Essa carta data de “25 de fevereiro de 1923. Sra. Aimee Semple MacPherson. Templo Angelus. Los Angeles, Calif. Irmã em Cristo. Paz e alegria no Senhor. Sou grata por minha visita ao seu Templo e nossa breve conversa. Acompanho com alegria seu trabalho em seu desenvolvimento. Glória a Deus. Fiquei feliz pela impressão que meu bom amigo Pastor T. B. Barret teve ao visitar seu Templo ano passado. E gostaria de perguntar se a Sra. Nos permite publicar alguns dos seus sermões. Temos nossa casa publicadora através da qual trazemos o mesmo Evangelho pleno que a sra. Está pregando. Ficaria muito agradecida por uma resposta o mais breve possível. Queria dizer também que todo o lucro de nossa casa publicadora vai diretamente para missão. Meus cumprimentos e saudações. Sua no Senhor”. ALENCAR, 2013, p. 126-127.

<sup>539</sup> Gedeon Alencar vale-se dessa ideia, indagando “Quem é a referência de Frida? Quem é seu modelo? Na Suécia [...] não há nenhuma mulher em destaque. [...] No Brasil, também não existe nenhuma mulher em destaque no mundo religioso. No pentecostalismo norte-americano, despontava uma pregadora, musicista e escritora, que liderava um movimento que se transforma na Igreja Evangelho Quadrangular, Aimee Semple McPherson (1890-1944). Quem no Brasil poderia ter acompanhado este fenômeno senão exatamente os missionários suecos, pois todos vinham da Suécia para o Brasil via EUA e, provavelmente, todos falavam inglês. [...] McPherson nasceu em 1890 e Frida, em 1891, portanto, um ano mais nova; McPherson morreu em 1944, Frida, em 1940; ambas são compositoras, pregadoras e escrevem em jornais, diferem, porém, no que diz respeito aos casamentos. Frida casou apenas uma vez, McPherson três. Frida conhecia seu ministério, lia seus textos e a admirava”. ALENCAR, 2013, p. 126.

Em janeiro de 1924, Frida publicou no *Boa Semente* um artigo intitulado “Quando vier o filho do homem”, onde reflete acerca da esperança escatológica da volta de Jesus. Em linhas gerais ela argumenta: “Quando vier o filho do homem, porventura achará fé na terra? A Bíblia fala da fé em diferentes sentidos [...] pois é possível ter-se a doutrina sem ter-se esta fé viva de que Jesus ahi fala. A fé sem obras é morta”.<sup>540</sup>

Frida é a principal articulista do jornal *Boa Semente* produzindo diversos artigos teológicos que embasam a doutrina e fé pentecostal. De acordo com Gedeon Alencar, Frida possuía uma capacidade analítica excepcional e uma leitura teológica pentecostal com argumentação bíblica irretocável. Ela realmente cria que o Espírito Santo age igualmente em todos e todas, irmãos e irmãs.<sup>541</sup>

Os anos de trabalho em Belém-PA estavam findando e o casal se mudaria para o Rio de Janeiro. Belém foi o lugar onde Gunnar plantou a primeira igreja da Assembleia de Deus e, foi onde o casal iniciou a atividade jornalística, que a partir desse momento, ficaria sob a responsabilidade de Samuel Nyström. O *Boa Semente* fez matéria de primeira página, com uma foto central do casal, informando a mudança para, a então, capital federal do país:

EM DEMANDA DO RIO. Frida e Gunnar Vingren. Acabam de sair do meio de nós (da Assembléa de Deus em Belém do Pará), estes amados irmãos, e filhos, com destino ao Rio de Janeiro, para lá continuarem a trabalhar na vinha do Mestre. Um pequeno grupo de irmãos naquela capital, que creem que Jesus salva completamente e batiza no Espírito Sancto, segundo as Escripturas, e que ainda faz maravilhas, como no tempo da primitiva igreja cristã, tem clamado incessantemente com o fim de obterem um obreiro que cresse que Jesus é o mesmo de outr’ora. [...] Irmão Gunnar Vingren com irmão Daniel Berg aportaram, pela primeira vez, a esta Capital no meiado de novembro do anno de 1910. [...] Elles não foram chamados, enviados ou sustentados por alguma sociedade, de onde sahiram, mas tinham a sua confiança nas promessas de Deus e assim experimentaram que é verdade que aquelles que confiam no Senhor não serão envergonhados. Depois de aqui ter chegado em 1910, irmão Vingren ausentou-se por duas vezes em visita a Suecia a America do Norte. Depois da sua segunda chegada consorciou-se, em outubro de 1917 com Frida Strandberg, que tinha vindo da Suecia em meiado do mesmo anno. Deste consorcio já tem quatro filhos, três nascidos no Brasil e um na Suecia.[...] Que o Senhor os abençoe e guarde, e lhes faça grande prosperidade espiritual naquele logar é o nosso desejo e da igreja em Belem do Pará.<sup>542</sup>

Essa é a palavra de despedida da Igreja em Belém. O conteúdo da matéria mostra, na primeira parte, que o casal que liderava a Igreja no Brasil estava de mudança para o

<sup>540</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Janeiro de 1924, nº 32, p. 2.

<sup>541</sup> ALENCAR, 2013, p. 130.

<sup>542</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Maio de 1924, nº 36, p. 1.

Rio de Janeiro.<sup>543</sup> Registra-se, a seguir, a doutrina pentecostal, em suma que Jesus salva, o Espírito batiza e faz maravilhas, e as Escrituras confirmam isso. Essa é a doutrina crida pelos irmãos e irmãs dali. O casal muda de cidade, mas, a doutrina é a mesma! O argumento doutrinário ainda se baseia no *kerigma* neotestamentário de Atos, que é para a fé pentecostal seu maior fundamento, rementendo sua origem à Igreja apostólica. Esse é núcleo querigmático fundante da fé pentecostal. É por isso, também, que a matéria traz a memória dos pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1910, não como fundadores de uma instituição, pois, não foram enviados por alguma denominação, mas, como fundadores de um movimento de fé apostólica. Irônico, mas, esse ainda é o discurso! A matéria ainda faz referência ao casamento de Gunnar com Frida em 1917 e os quatro filhos que o casal teve até aquele momento: Ivar, Rubem, Margit e Astrid (nos anos seguintes, no Rio, ainda lhes nasceriam Bertil e Gunvor). Ao final, ninguém assina matéria.

Pelos próximos oito anos, o casal Vingren trabalhou incansavelmente na condução da Igreja carioca. (Ver anexo 11 e 12). As atividades deles podem de ser resumidas entre os cultos que realizavam na igreja e, ao ar livre, em diversos pontos de pregação espalhados pela cidade. Além disso, nesse período, Frida publicou diversos artigos no jornal *Boa Somente*, bem como, no jornal sueco *Evangelii Harold*, onde publicava relatórios repercutindo o progresso da obra pentecotal no Brasil. Frida era a grande protagonista do trabalho de implantação da igreja no Rio de Janeiro.<sup>544</sup> Isael de Araújo relata que:

Paulo Leivas Macalão, um jovem gaúcho, um dos primeiros membros da igreja, realizou o primeiro culto ao ar livre no Campo de Santana. Nenhuma alma se converteu. Frida tomou a frente dos cultos ao ar livre. Faziam-se cultos na Praça da Bandeira, Estação Central, Praça 11 e Largo da lapa.[...] Frida foi responsável pelas atividades evangelísticas em diversas áreas da cidade do Rio de Janeiro. Ela

<sup>543</sup> No dia 22 de junho de 1924, missionário Gunnar Vingren fundou oficialmente a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, e no domingo seguinte, dia 29, realizou o primeiro batismo na Praia do Caju. ARAÚJO, 2014, p. 75.

<sup>544</sup> Gunnar e Frida, por meio de uma carta enviada à Suécia e publicada no jornal *Evangelii Harold* registraram suas impressões sobre a “cidade maravilhosa” ao chegar no Rio de Janeiro em junho de 1924: “Deixamos o Pará no dia 21 de maio, e chegamos aqui no dia 3 de junho. [...] Rio de Janeiro, a cidade da luz, como é chamada, é propriamente uma cidade dos vícios e da vaidade, no mais alto grau. A natureza aqui é muito bonita, e o clima bastante bom. A cidade é situada em parte entre planícies e em parte sobre os declives de altas montanhas. Na cima de uma das montanhas mais altas, os católicos planejam a construção de uma imagem de Cristo, e para esse fim, eles têm juntado mais de um milhão de mil reis. Além dos católicos, existe aqui um grande número de igrejas evangélicas, mas nenhuma que pregue o Evangelho pleno, ao contrário: aqui, como nos outros lugares do Brasil, elas, na grande totalidade, são inimigas. [...] Aqui nessa cidade, pode-se ver que as pessoas em geral vivem para juntar bens desse mundo, e para alcançar esse alvo, não poupam nenhum meio. A falta de sinceridade e de honestidade é aqui um traço característico, tão forte que surpreende desde o primeiro instante”. BONAITA, 2012, p. 52. (Carta traduzida por Luigi Bonaita).

era responsável pela oração e visitação aos crentes. Na abertura de cultos, era quem fazia a leitura bíblica com a igreja. Quando Gunnar se ausentava em suas viagens, era Frida quem pregava a mensagem nos cultos e também cuidava de outras atividades da igreja. Ela gostava muito de ministrar estudos bíblicos. [...] Frida tocava órgão, e Paulo Macalão, violino. As vezes Frida e Vingren cantavam hinos e tocavam violão [...] Frida era a pregadora mais ativa nesses trabalhos evangelísticos ao lado de seu esposo e de dois jovens evangelistas: Paulo Leivas Macalão e Sylvio Brito.<sup>545</sup>

Esse foi o tom do cenário nos primeiros anos da Assembleia de Deus, fundada pelo casal Vingren, no Rio de Janeiro. A partir do ano de 1928, alguns fatos, começaram a alterar a “cor dessa paisagem”, alguns deles, inclusive, reverberados nos jornais. Emilio Conde registra que “cada membro da igreja era um evangelista voluntário e eficiente [...] contudo, de acordo com a Palavra de Deus, a igreja separou [...] Emília Costa como diaconisa, a única que ocupou esse cargo na igreja”.<sup>546</sup> A irmã Emília Costa foi separada por Gunnar Vingren para o serviço de diaconia da Assembleia de Deus no Rio de Janeiro. Acerca disso ressaltamos o trecho “de acordo com a Palavra de Deus”. Um ano depois, em 1929, o casal João Evangelista e Deolinda foram separados como evangelistas. Deolinda foi “a primeira mulher brasileira separada evangelista, segundo escreveu Gunnar Vingren no jornal sueco *Evangelii Harold*. [...] Vingren pregou concernente aos dons espirituais e sobre o direito de a mulher falar na igreja”.<sup>547</sup>

Kajsa Norell, uma jornalista sueca, publicou em 2011 um livro acerca da obra pentecostal no Brasil. Ela teve acesso a um vasto material junto às famílias e descendentes dos missionários suecos que atuaram no Brasil, especialmente da família de Gunnar e Frida Vingren. Esse material diz respeito a cartas, diários, prontuários médicos e depoimentos orais. Trata-se de uma documentação diferente da que a CPAD disponibiliza, enquanto editora oficial da Assembleia de Deus e, assim, muito do que esse material revela é considerado duvidoso pela CPAD.<sup>548</sup> (Ver anexo 22). Enquanto, portadora da bibliografia e do discurso oficial da Igreja hoje, não poderíamos esperar reação diferente. A história oficial possui o pretenso discurso da verdade e contemporiza as eventuais inconsistências

<sup>545</sup> ARAÚJO, 2014, p. 76-81.

<sup>546</sup> CONDE, 2006, p. 237-238.

<sup>547</sup> ARAÚJO, 2014, p. 101-102.

<sup>548</sup> Após a realização de algumas pesquisas sobre Frida Vingren, especialmente, a pesquisa da jornalista Kajsa Norell, e depois de uma reportagem da BBC Brasil realizada em 22 de julho de 2018, a CPAD veio a público por meio de uma publicação no jornal *Mensageiro da Paz*. Sob o título “Inverdades sobre Frida” o historiador oficial da CPAD, Isael de Araújo, contesta as informações publicadas na reportagem da BBC oriundas da pesquisa de Kajsa Norell. Em linhas gerais a contestação está baseada na seguinte pergunta feita por Isael Araújo: “A jornalista fez afirmações com base em provas documentais?”. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, Outubro de 2018, nº 1601, p. 27. A reportagem da BBC Brasil foi feita pela jornalista Camilla Veras Mota e pode ser acessada em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>.

nas narrativas, tal como asseverou Marina Correa, ressaltando que a história oficial “vai escamoteando os problemas, relativizando as tensões e escondendo as desavenças”.<sup>549</sup>

Muitas informações contidas nesse material, também diz respeito a questões pessoais da vida dos missionários. Por essa razão, decidimos lançar mão, para essa pesquisa, de algumas dessas fontes publicadas no livro de Kajsa Norell, traduzindo-as para o português. Acerca da consagração de Emília Costa, Norell informa que Frida informou certa ocasião aos irmãos suecos que muitas mulheres brasileiras que pregavam foram despejadas de suas casas e, assim infere que foi Frida quem fez de Emília Costa a primeira diaconisa da denominação.<sup>550</sup>

Acerca das novas ações que Vingren empreendeu nos anos que implantava a Igreja no Rio, Luigi Bonaita afirma que:

Vingren era a favor de um amplo ministério feminino, Samuel Nyström era contrário. O pioneiro, na convivência cotidiana com sua esposa, podia ver nela a capacitação de uma verdadeira missionária e pastora, completamente dedicada à vocação ministerial. Vingren era, portanto, favorável ao pastoreado feminino. Fortalece essa afirmação o pastoreado de fato que sua esposa Frida estava exercendo. A contingência da situação, à luz da piora das condições de saúde do Gunnar, e a abrangência da responsabilidade deste em referimento à missão sueca, em seu papel de coordenador nacional, rendia necessária uma maior presença e envolvimento ministerial de sua esposa. Vingren, por isso, via as mulheres como perfeitamente capacitadas para assumir todos os cargos eclesiais. Coerentemente com sua posição sobre os dons ministeriais femininos, ele foi o primeiro missionário sueco (e único) a separar para o Evangelho uma mulher evangelista.<sup>551</sup>

O que Bonaita descreve advém da compreensão que Vingren tinha de que os dons do Espírito Santo eram, de fato derramados sobre filhos e filhas<sup>552</sup> (Joel 2:28-29). Gunnar Vingren estava estabelecendo mudanças nunca vistas no interior do movimento pentecostal no Brasil, e, ao que parece, o movimento, como um todo, não estava pronto para compreender.

<sup>549</sup> CORREA, 2013, p. 257.

<sup>550</sup> NORELL, Kajsa. **Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land**. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, E-book, 2011, p. 164 (tradução por meio de tradutor digital).

<sup>551</sup> BONAITA, 2012, p. 97.

<sup>552</sup> Acerca dessas ordenações, em uma carta à Suécia, Vingren escreveu: “Um casal de evangelistas, marido e mulher, foram separados, e também outro irmão. Os primeiros tinham assumido a atividade num novo lugar e, com um ano de tempo, uma igreja com duzentos membros surgiu no lugar. Ambos trabalham. Cada um deles tem um cavalo e, às vezes, rodeiam até montanhas para testemunhar do Senhor. A esposa foi a primeira mulher brasileira separada para o Evangelho. Não podemos deixar de lembrar uma Ceia tão maravilhosa, como aquela em que aconteceu a separação desses obreiros. Foi uma maravilhosa decisão do Espírito. O poder de Deus caiu, alguns riam, outros choravam, outros ainda caíram debaixo do poder de Deus. Sim, nunca vimos algo parecido no Rio de Janeiro. É bom, quando o Espírito Santo pode agir como Ele quiser. Alguns crêem que o Espírito Santo vai se conformar com a tradição de seus pais, mas é errado”. BONAITA, 2012, p. 98. (Carta traduzida por Luigi Bonaita)

Nesse quadro, temos então, uma primeira diaconisa e uma primeira evangelista, mulheres separadas para atuarem na Assembleia de Deus. Porém, por que Vingren demorou quase 20 anos para separar e consagrar as mulheres para tais funções? Talvez a principal resposta esteja no nome de uma pessoa: Samuel Nyström, que era contra a ideia de consagrar mulheres para o serviço na Igreja. Nyström é considerado o maior opositor do ministério feminino na Assembleia de Deus.<sup>553</sup> Após as consagrações realizadas, “Vingren recebeu uma carta dura, com ameaças, do missionário Samuel Nyström [...] o assunto dessa missiva teria sido a sua posição contrária ao ministério da mulher na igreja”.<sup>554</sup>

O jornal *Boa Semente*, sob o comando de Nyström, no mês seguinte, em outubro de 1929, publicou um artigo intitulado “O Serviço das Irmãs na Igreja”. Trata-se de um trecho extraído de um livro do movimento pentecostal de Berlim. Em linhas gerais afirma:

[...] Queremos só expressar a nossa convicção de que, para a edificação da igreja há uma tarefa definida, deixada às irmãs, dentro das linhas traçadas na Escripura. [...] De um lado tem se limitado demais o serviço da mulher na igreja, como se estivesse a sua tarefa só dentro na família. E, como uma extremidade chama a outra, do outro lado não teem faltado esforços para simplesmente igualar o serviço dos irmãos ao das irmãs na igreja. Ambas as atitudes são contra a natureza e a Escripura. [...] Leiamos com atenção as seguintes passagens da Escripura: Luc. 8:1-3; Marc. 15:41; 16:7-11; João 20:17,18; Act. 1:14; 9:36-41; 18:26; 21:8,9; I Cor. 11:1 continuação; 14:34,35 [...] Temos neste artigo um bom resumo de passagens da Escripura, que mostra o campo das atividades das irmãs; tudo o que está dentro da palavra e conforme a mesma, é bom e com isto concordamos.<sup>555</sup>

Mais do que uma simples publicação para leitores e leitoras do *Boa Semente*, o artigo de Nyström tinha um destinatário maior, um leitor especial: Gunnar Vingren. Sem intenção de fazermos uma hermenêutica nos textos citados, um trecho do argumento deve ser analisado. Após afirmar que é um exagero a mulher se dedicar unicamente ao serviço familiar, o artigo diz que “não teem faltado esforços para simplesmente igualar o serviço dos irmãos ao das irmãs na igreja. Ambas as atitudes são contra a natureza e a Escripura”.

Ficam claras ao menos duas coisas: a primeira, é que igualdade entre homens e mulheres na igreja é um exagero. O serviço da mulher é inferior ao do homem e ela deve ser subalterna e aceitar isso. A outra, se depreende dessa, o texto afirma categoricamente

<sup>553</sup> De acordo com Gedeon Alencar, nas atividades do jornal *Frida* produzia mais do que Gunnar (em 1931, após a Convenção, *Frida* escreve no MP 19 artigos e Gunnar apenas 6). Vingren amargou ver sua mulher ser boicotada, inclusive por seu conterrâneo Samuel Nystron, o mais ferrenho inimigo de mulheres no ministério. ALENCAR, 2013, p. 120.

<sup>554</sup> ARAÚJO, 2014, p. 102.

<sup>555</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, Outubro de 1929, nº 101, p. 7.

que tornar a mulher igual ao homem é contra a natureza e contra as Escrituras. Repetimos: “Contra a natureza e as Escrituras!”. Sempre haverá diferentes interpretações, pois, dependerá da lente hermenêutica com que se estabelece a interpretação, assim como, também dependerá do interesse de quem interpreta. É importante registrar, que até esse momento Frida trabalha nas áreas de serviço da Igreja, sem, necessariamente, tratar da questão do trabalho feminino nos jornais; quem está à frente e defende a ideia é Gunnar Vingren. Mas, alguns fatos ocorridos em fins de 1929, fariam Frida começar a escrever.

Embora essa pesquisa não possua uma narrativa cronológica, seguir, nesse ponto, uma linha do tempo acerca de alguns fatos é fundamental. Após as consagrações das duas mulheres no Rio de Janeiro por Gunnar Vingren, Emília Costa, como diaconisa em fevereiro de 1928, e Deolinda, como evangelista agosto de 1929, seguiu-se a publicação de Samuel Nyström, em outubro de 1929, sobre “O Serviço das Irmãs na Igreja” onde Nyström delimitou, expressamente, o lugar da mulher na Igreja.

Dois fatos ocorreram num espaço de dez dias em novembro de 1929 e não foram publicados no *Boa Semente*. Esses fatos determinaram o futuro da Assembleia de Deus:

Em 4 de novembro, os Vingren receberam a visita do missionário Samuel Nyström. Ele veio de Belém do Pará certamente para conversar pessoalmente com Vingren, que era considerado o líder nacional das Assembleias de Deus no Brasil naquela época. Vingren escreveu no diário que Samuel Nyström não se humilhou e continuou sustentando que a **mulher não podia pregar nem ensinar, só testificar**. Disse mais que, provavelmente, iria embora do Brasil.<sup>556</sup>

Dez dias depois, Samuel Nyström voltaria ao Rio de Janeiro, dessa vez acompanhado de mais dois missionários. Ele também, teria ido a São Paulo conquistar o apoio de Daniel Berg e Simon Lundgren, e convencer Gunnar Vingren a mudar de ideia:

Assim, em 13 de novembro, Nyström visitou Vingren para mais uma conversa, dessa vez acompanhado de Lundgren e Berg. Depois desse segundo encontro, a divergência chegou ao clímax. Vingren escreveu: “Chegaram Samuel, Simon e Daniel. **Samuel não se humilhou**. Separamo-nos em paz, mas para não trabalhar mais juntos, nem com jornal ou nas escolas bíblicas, até o Senhor nos unir. Simon disse que ficava de fora, e Daniel tinha convidado Samuel a trabalhar em São Paulo”. Assim, Vingren disse a Nyström: “**Estamos separados**”. Apesar disso, Nyström ainda permaneceu no Rio de Janeiro por mais quatro dias e participou do culto do domingo à noite, quando cinco pessoas aceitaram a Jesus”.<sup>557</sup>

---

<sup>556</sup> ARAÚJO, 2014, p. 104.

<sup>557</sup> DANIEL, 2004, p. 35.

Esses dois encontros entre Samuel Nyström e Gunnar Vingren indicam o ambiente que se formava na Assembleia de Deus, praticamente, um ano antes da Primeira Convenção de Natal, e definitivamente, explicam a existência do último tópico de sua pauta. O clima estava tenso, e a divisão do trabalho na Igreja era fato! Portanto, essa divisão não tinha como único fator a autonomia requerida pelos pastores nordestinos nas igrejas do Nordeste, mas, o “problema” do ministério feminino fervia nos bastidores,<sup>558</sup> principalmente, entre a liderança sueca, representada por Vingren e Nyström.

Duas falas de Vingren são instigantes e confirmam tal assertiva. A primeira, Vingren diz “Samuel não se humilhou”, o que demonstra que Vingren era realmente o líder da Assembleia de Deus no Brasil, embora, ao mesmo tempo, considerasse Lewi Pethrus um líder maior. Nyström “não se humilhou” significa que Vingren deve ter procurado explicar sua interpretação (bíblica) e seu modo de compreender o ministério feminino na igreja, ao que Nyström não aceitou. Lundgren se isentou e Berg temporizou, chamando Nyström a trabalhar com ele em São Paulo. A outra fala de Vingren é “estamos separados”, o que não significa que não podiam servir a Igreja e a Deus por conta da controvérsia, mas, que fariam isso separadamente, tal como no episódio bíblico entre Paulo e Barnabé (Atos 15:39), ou pelo princípio veterotestamentário (Amós 3:3). Por ser o líder da Igreja, Vingren não impede de Nyström continuar trabalhando. Ao que parece, a reunião termina sob o clima da ameaça de Nyström ir embora do Brasil.

Nesse ponto da controvérsia, não é de se admirar que a criação do jornal *O Som Alegre* tenha ocorrido no próximo mês, em dezembro de 1929, quando publicou seu primeiro número. Como já anunciado, o primeiro editorial<sup>559</sup> do *O Som Alegre*, apresentou sua função além de uma expressa saudação aos leitores. Vingren não fez nenhuma referência ao *Boa Semente*, jornal que ele mesmo fundou em 1919, muito menos mencionou Samuel Nyström, seu atual diretor. Nesse instante, a Assembleia de Deus

---

<sup>558</sup> É oportuno relatar aqui o que teria ocorrido, na ambiência do manifesto dos pastores nordestinos, entre 1929 e 1930: “Nas correspondências trocadas entre o secretário de missões da Igreja Filadélfia de Estocolmo, Paul Ongman, e os missionários viu-se com clareza onde de fato estava a origem do conflito: a visão sobre o papel das missionárias. Em especial duas mulheres, que eram consideradas boas pregadoras e muito ativas na participação dos trabalhos, e tinham não pouca atuação nas ausências de seus esposos, Frida e Adina Nelson. Em especial o esposo da última, missionário Otto Nelson, escreveu uma carta para Estocolmo queixando-se de que havia missionários colegas seus que desejavam impedir a atuação de sua esposa”. ARAÚJO, 2014, p. 106.

<sup>559</sup> Recapitulamos aqui nesse ponto da pesquisa: “Com grande alegria e temor, e pela direcção do Espírito Santo vos apresentamos este humilde jornal – “O Som Alegre”. Não pretendemos que ele seja perfeito quanto á linguagem, mas desejamos e nos esforçamos para que seja um verdadeiro “Som Alegre” de salvação para os peccadores, de bênçãos recebidas para o povo de Deus”. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Dezembro de 1929, nº 1, p. 1.

tratava o *Boa Semente* como órgão oficial da Igreja, mas, não havia nada normativo ou instituído sobre isso. Além do mais, Gunnar Vingren é o líder maior da Igreja no Brasil, e é ele quem funda o novo jornal, *O Som Alegre*. Mas, a liderança mais próxima de Vingren e Nyström sabia que a criação do novo jornal representava, de algum modo, a divisão da liderança deles. Mais do que isso, indagamos: e os demais membros da Igreja não teriam questionado ou ao menos se confundido com a criação de um novo jornal da Igreja?

Na biografia de Frida, Isael de Araújo informa que abaixo do nome do jornal *O Som Alegre*:

Veio estampada a frase “Jornal das Assembleias de Deus para avivamento espiritual”. Frida passou a ter função de redatora das seções “Na Seara do Senhor” e “Breves Menções no O Som Alegre. Ela, possivelmente, foi quem cuidou do fechamento e da impressão da primeira edição durante a segunda quinzena de novembro para que o jornal circulasse no mês seguinte visto que Vingren viajou no dia 18 de novembro e só retornou ao Rio de Janeiro 28 dias após. Na seção do jornal em que constava o endereço das principais igrejas no país, apareciam as do Rio de Janeiro, Santos, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Maceió, Natal, São Luís, Manaus e Paraíba, menos a de Belém do Pará que era dirigida por Samuel Nyström em 1929 e passou a ser liderada em 1930 pelo missionário Nels Nelson. O endereço da Assembleia de Deus de Belém do Pará só começou a aparecer a partir da edição de março de 1930.<sup>560</sup>

Na leitura atenta de cada número do *O Som Alegre*, e foram apenas onze números, (o número 5 perdeu-se) podemos confirmar o que Isael de Araújo relata, mas, constatamos um pequeno detalhe. No topo da lista dos endereços das Igrejas está a Igreja do Rio de Janeiro, a qual Vingren liderava, e o endereço da Igreja de Belém, que Nyström liderava, está em antepenúltimo.

## 5.2 O “poder” nos jornais: a tríade nevrálgica de Frida Vingren

Observando os textos que Frida escreveu no *Boa Semente*, e a partir desse momento, no *O Som Alegre*, e, por último, no *Mensagem da Paz*, constatamos que apenas esses textos se constituem em um depósito de fontes que daria uma nova pesquisa, considerando especialmente a proficuidade dos artigos escritos por ela. Porém, nos delimitando, nessa pesquisa, apenas ao objetivo do capítulo, optamos por abordar e analisar três artigos os quais foram determinantes para que a relação de Gunnar e Frida com a fé e o “poder” da Igreja se estremecesse por completo.

---

<sup>560</sup> ARAÚJO, 2014, p. 104-105.

O primeiro texto intitula-se “Filhas Profetizando” publicado por Frida em janeiro de 1930. Trata-se de um longo artigo teológico do missionário F. Franson que possui uma hermenêutica inédita para o movimento pentecostal até aquele momento. Frida extrai uma parte significativa do artigo e traduz no *O Som Alegre*, ocupando três páginas no jornal. Desse artigo fragmentamos quatro partes, a primeira diz o seguinte:

[...] É interessante vermos o que a Bíblia diz acerca do trabalho da mulher no evangelho. Visto que dois terços das pessoas convertidas no mundo são mulheres, esta questão torna-se importante. Supponhamos pois, que verdadeiramente não existe mandamento contra o trabalho da mulher; estamos, então, diante do triste facto que Satanaz procura empatar dois terços das pessoas convertidas no mundo, de trabalharem para o Senhor. E isto é um prejuízo enorme para a causa do Senhor. Quero passar uma vista breve nalguns pontos da escriptura concernente isto. [...] No livro de Juizes 4:4-6 lemos: “E Debora, a prophetiza, mulher de Lapiedoth, julgava a Israel naquelle tempo. E habitava debaixo das palmeiras de Debora, entre Rama e Bethel, nas montanhas de Ephraim; e os filhos de Israel subiam á ella em juízo”. Aqui vemos uma mulher ocupar uma posição elevada. Debora era primeiramente *prophetiza*. Em que consistia este ministério? Naturalmente era o mesmo que o de propheta. E os prophetas antigamente não só predisseram coisas futuras, mas também exhortaram e ensinaram o povo, tanto publicamente como individualmente. Em segundo lugar, ella era *juiz*, estava colocada em autoridade por Deus para julgar e dirigir o povo. Parece estranho que uma mulher occupasse tal cargo – julgando os homens sábios do povo de Israel. Notamos que a juiz-mulher, exercitava o seu cargo de igual modo como o juiz-homem. Ella também era *chefe de exército*, vê verso 6 e verso 13 do cap. 5. “Fez-me o Senhor dominar sobre os valentes”. Mas a nossa admiração chega ao extremo quando vemos que ella era uma mulher casada, pois o marido vivia; de outra fôrma, havia sido chamada a viuva de Lapiedoth [...] No II. Chr. 34:22. Lemos acerca da profetiza Hulda, á qual o Rei de Israel mandou uma deputação de cinco homens cap. 34:20 entre estes o summo sacerdote, para consultal-a acerca do livro havia sido achado. Que pensariam alguns hoje se um rei ou um imperador mandasse um arcebispo consultar uma mulher? Essas coisas nos são incompreensíveis, mas não ao Senhor. A resposta de Hulda á estes homens, é clara e definitiva, revelando uma pessoa que está em constante communhão com Deus. [...].<sup>561</sup>

A premissa inaugural do texto é legitimar o assunto sob a informação de que dois terços das pessoas convertidas no mundo são mulheres. A partir de tal assertiva, considera-se a suposição de que “verdadeiramente não existe mandamento contra o trabalho da mulher”. Se isso for verdade, segue-se a conclusão de que Satanás é o responsável por impedir que dois terços de pessoas convertidas trabalhem livremente para Deus.

Esse primeiro fragmento tem a ênfase de expor alguns textos bíblicos do Antigo Testamento. Selecionamos a síntese das histórias de Débora e Hulda como mulheres, que dadas a diferentes atividades e contextos, atuaram em sua vocação profética mesmo

<sup>561</sup> VINGREN, Frida. Filhas profetizando. *O Som Alegre*. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, n° 2, p. 3.

quando haviam reis, sacerdotes e profetas homens. O que foi determinante para a cumprimento da missão delas não foi o fato de serem mulheres, mas, de serem vocacionadas por Deus para o profetismo em Israel. Os homens, ao redor delas, conforme apontam os textos, compreenderam isso.

O segundo fragmento, mais adiante no artigo, segue apresentando outros exemplos.

Agora vamos ao Novo Testamento ver alguns exemplos e ensinamentos. Acharmos então o primeiro em Luc. 2:36-38. Anna era profetiza. Nenhum homem tinha este ministério no tempo do nascimento de Jesus. No verso 38 diz que *ella fallava de Jesus á todos que esperavam a redempção em Jerusalém*. O verso não marca a quantidade de “ouvintes”, pois naturalmente ella falava tanto á uma pessoa, como á muitos. Como prophetiza tambem exhortava e ensinava o povo. Depois examinando os ensinamentos de Jesus nos quatro evangelhos, vemol-o declarar severamente que todo aquelle que não usa o talento recebido, é digno de castigo. Agora, se uma mulher possui um dom, póde ella deixar de usal-o? Aquelle que diz que a mulher é desnecessária – que não ha necessidade de a mulher pregar porquanto tem homens – pense nisto. Diz no Jeremias 48:10, “Maldito todo aquelle que faz a obra do Senhor fraudulentamente”. Ainda mais maldito será aquelle que fôr negligente e enterrar o dom que recebeu. Exemplo de mulher evangelista é a mulher samaritana. Também Maria Magdalena recebeu uma tarefa importante – anunciar a ressurreição de Jesus. Nos Rom., cap. 16, São Paulo fala acerca de varias mulheres que trabalhavam no evangelho. A primeira é Phebe. Alguns dizem que ella era diaconisa e tratava dos doentes e necessitados, opinião esta fundada na palavra “*serve – diaconon*” em grego [...] A mesma palavra é usada para designar o apóstolado. I Co. 3:5. “Pois quem é Paulo, e quem é Apollos senão ministros-servos, pelos quais crestes. A mesma palavra é usada em Rom. 15:8 aonde diz: “Digo pois, que Jesus Cristo foi ministro, (servo) da circuncisão. [...] Conforme diz no verso 2, “*ela tem ajudado á muitos*” podemos comprehender que ella occupava um lugar de responsabilidade, pois a palavra *ajudar*, aqui significa: *Quem preside*. Provavelmente isto se refere ao seu cargo oficial. A palavra também significa “quem é honrado” – em acordo com a sua posição. [...] O verso 7 falla de Andronico e Junia dos quais Paulo diz: “Meus companheiros na prisão, os quaes se assignalam entre os apóstolos, e que foram antes de mim em Christo”. [...] Junia era uma mulher casada. Portanto *uma mulher estava assignalada entre os apóstolos*. [...] No Tito 4:3 lemos: “Peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajude essas mulheres que *trabalham comigo no evangelho*”. O apóstolo Paulo não se envergonhava de declarar que, com elle, trabalhavam mulheres. [...].<sup>562</sup>

Nesse segundo fragmento, o artigo faz uma exposição de textos do Novo Testamento com o objetivo de respaldar e legitimar o ministério feminino. Citando como exemplos Ana, a mulher samaritana, Maria Madalena, Febe, Junia e demais mulheres do Novo Testamento, a ênfase na argumentação e a chave de interpretação é o *dom*, visto que todas elas o têm, sendo algo dado por Deus, indiscriminadamente, a todos e a todas. Isso aponta para a responsabilidade do uso dos dons por obediência àquele que os concedeu.

<sup>562</sup> VINGREN, Frida. Filhas profetizando. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, nº 2, p. 3-4.

As palavras do profeta Jeremias e do próprio Jesus são inseridas como exortações para que não se proíba ninguém – inclusive as mulheres – de fazer a obra de Deus e exercer os dons que Ele concedeu. A pergunta retórica que segue é: “Se uma mulher possui um dom, pôde ella deixar de usal-o?”. O ponto máximo dessa exposição é a abordagem feita sobre Junia (Rm 16:7), uma possível apóstola reconhecida por Paulo. Acerca do apostolado feminino neotestamentário, permanece até os dias de hoje um debate histórico-hermenêutico<sup>563</sup> na ambiência dos círculos acadêmicos da Teologia.

No terceiro fragmento Frida expôs o ponto mais alto do artigo, enfrentando os principais textos do Novo Testamento que, em tese, respaldam a proibição do ministério feminino, e que ainda sustentam tal interpretação até os dias de hoje:

[...] Considerando esses exemplos todos, não achamos proibição para a mulher trabalhar no evangelho, e parece incrível que as palavras de I. Cor. 14:34-36 e I Timoteu 2:11-12 são compreendidas por alguns, como sendo contrárias á este. Portanto queremos agora examinar esses dois logares mencionados. No verso 12 diz: “Não permitto porém que a mulher ensine”, nem use de auctoridade sobre o marido, mas que esteja em silencio, por que primeiro foi Adão formado depois Eva”. Alguns dizem que aqui ha uma proibição exacta da mulher pregar e ensinar. Uma coisa bem notável é a seguinte: Quase todas as doutrinas erroneas, têm por origem, um versiculo extrahido do seu logar e interpretado á parte sem a verdadeira relação do assumpto. Portanto para receber uma comprehensão certa deste verso é necessario ler os anteriores tambem. No verso 9 diz: “Que do mesmo modo as mulheres tambem se ataviem com traje honesto, com pudor e modestia, não com cabellos escrespados, ou com oiro ou perolas, ou vestidos preciosos”. Paulo sabia que neste ponto elle havia de encontrar resistencia do lado das mulheres, por causa disto elle continua no verso 11 que “a mulher aprenda em silencio com toda a sujeição”. Aprender o que? Naturalmente o que elle disse nos versos anteriores, acerca do vestimento. Ella tinha que aprender do marido concernente o vestir, e as coisas pertencentes a vida material. Na casa o homem é a cabeça, por que elle foi criado primeiro, e a mulher foi enganada e não o homem, portanto ella não pôde ensinar o homem. Ensinar o que? Naturalmente o mesmo, concernente ao vestimento. Pois Paulo bem conhecia o lado fraco das mulheres. Como Eva facilmente foi illudida pela belleza do fructo prohibido, da mesma maneira a mulher é facilmente seduzida pelas coisas

<sup>563</sup> Há variados modos de tratar o problema hermenêutico de “Junia”. A passagem de Romanos 15:7 gera interpretações que se defrontam umas às outras, pois tratam-se de *formas, sentidos e significados* do texto e suas implicações para o ministério feminino na igreja. De acordo com Marcelo Berti essas interpretações se apresentam assim: “Alguns comentaristas parecem certos de que Júnias era um homem, mas sem certeza se ele era um apóstolo ou não (John Peter Lange, Philip Schaff). Calvino, por exemplo, não oferece qualquer discussão sobre o gênero de Júnias(s) e afirma que ambos Andrônico e Júnias(s) são apóstolos no sentido mais abrangente do termo (João Calvino). Lutero, na sua tradução para o Alemão usa a expressão *den Andronikus und den Junias* (*lit.* o Andrônico e o Júnias), no seu livro sobre o ministério cristão os chama de *homens notáveis* e em suas palestras em Romanos ele vai ainda além: “*Saúdem a Andrônico, o homem, e Júnias, da família Juniana, que eram homens de renome entre os apóstolos*”. Outros parecem certos que Júnias(s) é de fato uma mulher, mas entendem que ela não faz parte do ministério apostólico (Robert H. Mounce, Joseph A. Fitzmyer, Thomas Schreiner). Há ainda quem defenda que Júnias(s) é uma mulher e parte do ministério apostólico da igreja primitiva (James Dunn, Ricahard Bauckham, Jay Eldon). A diversidade de opiniões nesse assunto dificulta o diálogo sobre o sentido e significado do texto, que acaba sendo definido em termos de preferências teológicas pessoais”. BERTI, Marcelo. Era Júnias uma apóstola? **Revista Teologia Brasileira**, nº 62, 2017, p. 2-3.

bonitas. E desta fôrma quer gastar o dinheiro do seu marido em coisas futeis como sejam: vestidos preciosos, mobílias luxuosas e jardins pomposos. Assim temos mostrado que esta passagem *não proíbe* a mulher ensinar e pregar o evangelho. [...] Agora acerca de I Cor. 14:34-36, notamos o seguinte: Pelo verso 35, vemos que aqui se trata de mulheres casadas, filhas ou moças são excluídas. A chave do verso 34 está no verso 35, nas palavras “se ellas querem aprender alguma coisa”. A palavra fallar no verso 35 significa fallar, discutir, mandar e conversar. Falar – “Lalei” em grego, significa tudo isto. Portanto estas palavras: As vossas mulheres estejam caladas nas egrejas é simplesmente um ensino como as mulheres casadas devem se portar na igreja. Tambem podemos notar aqui que essa passagem mostra ser uma reunião ou sessão particular da igreja, quando se discutia certos assumptos. Os judeus em geral tinham por costume interromper com perguntas. Quantas vezes Jesus não foi interrompido nas suas pregações? Parece que este hábito também tinha entrado na assembléa em Corinto, especialmente entre as mulheres. Mas aqui o apóstolo mostra como é indecente as mulheres interromperem com perguntas e opiniões.<sup>564</sup>

Essa hermenêutica é *sui generis* na história do movimento e para o pensamento doutrinário pentecostal. Os textos de I Co 14:34-36 e I Tm 2:11-12 são interpretados à luz de seu contexto histórico-formativo,<sup>565</sup> bem como, por meio de uma das regras básicas da hermenêutica bíblica.<sup>566</sup> Quem lê um texto ou versículo bíblico precisa de atenção para compreender o contexto daquele texto, ou seja, deve-se considerar os sentidos das palavras dentro do contexto do assunto tratado.

Essa compreensão tem sido aclarada por diversos autores da área da Bíblia. De acordo com E. Lund e P. C. Nelson “devemos começar mais acima a leitura e continuá-la até mais abaixo, para levar em conta o que precede e segue à expressão obscura e, procedendo assim, encontrar-se-á clareza no contexto por diferentes circunstâncias”.<sup>567</sup> Deve-se analisar, cuidadosamente as porções de textos que estão antes e depois do texto chave, pois assim, a interpretação gera uma unidade integral ao assunto investigado.

Essa é a regra anunciada e desenvolvida no artigo junto aos textos para que se tenha a compreensão do trabalho da mulher na Igreja, e, por isso, inicia com a premissa “quase todas as doutrinas erroneas, têm por origem um versiculo extrahido do seu logar e interpretado á parte sem a verdadeira relação do assumpto. Portanto para receber uma comprehensão certa deste verso é necessario ler os anteriores também”. A expressão

<sup>564</sup> VINGREN, Frida. Filhas profetizando. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, nº 2, p. 4.

<sup>565</sup> Essa é uma função da “teologia bíblica” que, enquanto disciplina, estrutura a mensagem dos livros da Bíblia em seu ambiente formativo histórico. A tarefa da teologia bíblica é a de expor a teologia encontrada na Bíblia em seu próprio contexto, com seus principais termos, categorias e formas de pensamentos. Cf. LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 38.

<sup>566</sup> Essa é considerada a terceira regra da hermenêutica bíblica que diz: “É necessário tomar as palavras no sentido indicado no contexto, a saber, os versículos que precedem e seguem ao texto que se estuda”. LUND, E. NELSON, P. C. **Hermenêutica**. 7ª ed. São Paulo: Vida, 1968, p. 23.

<sup>567</sup> LUND, NELSON, 1968, p. 23.

Paulina “não permitto porém que a mulher ensine” pode ser considerada uma “expressão obscura” que será compreendida somente à luz dessa regra.

Dessa forma, e fazendo uso da referida regra no primeiro texto, de I Tm 2:11-12, a exposição segue buscando a leitura dos versos anteriores, mais precisamente no versículo 9, o qual revela o contexto da admoestação de Paulo, bem como o verdadeiro tema da passagem, a saber, *o vestimento* da mulher. A maneira de se vestir das mulheres se traduz em vaidade. A extrema preocupação que as mulheres (ou algumas, ou aquelas de Corinto) têm com a aparência é tratada por Paulo como pecado, como sendo um lado fraco das “mulheres”, que segundo o artigo, Paulo conhecia bem. O argumento se utiliza da memória e do pecado de Eva no Jardim do Éden, que enquanto mulher, foi “facilmente seduzida pelas coisas bonitas”.

A seguir temos uma fala que só pode ser compreendida à luz da época em que o artigo fora escrito, a saber, início da década de 1930. Ele diz que a mulher que vive em excessos deseja “gastar o dinheiro do seu marido em coisas fúteis como sejam: vestidos preciosos, mobílias luxuosas e jardins pomposos”. O contexto da década de 1930 ainda exalava um forte patriarcalismo que reduzia a mulher às funções do casamento e do lar. A sociedade normatizava a condição da mulher a tais funções e isso refletia nas fileiras da Igreja.

Porém, o objetivo maior e final da exposição desse texto é mostrar que “esta passagem *não proíbe* a mulher ensinar e pregar o evangelho”, e revela, por meio do contexto do texto, que o tema chave e central da abordagem de Paulo é o *vestimento* da mulher desdobrando-se em excessos no uso de roupas, joias e atavios no cabelo. Acerca desse assunto, Paulo estaria exortando que “a mulher aprenda em silêncio com toda a sujeição”. Aprender o que? Sobre moderação no vestir. Com quem? Com seu marido.

O fragmento que extraímos é concluído com um breve enfiletamento do segundo texto de I Co 14:34-36. A questão central do texto é compreender o significado da ordem de Paulo para que as mulheres permanecessem em silêncio nas igrejas. O uso da mesma regra de interpretação apresenta como chave o verso seguinte, ou seja, o contexto daquilo que se lê depois da “expressão obscura”, mas, precisamente no versículo 35 que afirma “se ellas querem aprender alguma coisa” deveriam perguntar ao seu marido em casa.

Primeiramente, se identifica que a ordem é para mulheres casadas. Depois, por meio da análise da palavra “falar”, o grego apresenta significados como “discutir, mandar e conversar”. As mulheres deveriam se portar com descrição nas reuniões da Igreja. Tendo

por base, o costume das reuniões de judeus que discutiam e interrompiam inadvertidamente com perguntas, é possível que na comunidade cristã de Corinto algumas mulheres estivessem fazendo o mesmo. Portanto, pela regra do contexto, Paulo não estaria proibindo as mulheres de ensinar, pregar, ou exercer quaisquer dons (I Co 14: 39), mas, como se portar nas reuniões, sem discussões e indiscrições.

Chegamos então, a última parte, do artigo, que poderíamos chamar de conclusão do assunto:

Vendo então que não existe, na palavra de Deus, mandamento contra o trabalho da mulher no evangelho, cumpre-nos sómente dar liberdade ao Espírito Santo, e obedecer á sua santa palavra [...] Graças a Deus que há um mandamento para as mulheres rebeldes. De outra forma como seria? Tudo é bom e necessário. Mas não há proibição para a mulher se consagrar para ser um vaso de benção na casa de Deus. Acontece, porém, que os vasos que deshonram a casa de Deus pelo seu mau procedimento e desobediencia á palavra de Deus, são bem tolerados, enquanto os vasos de honra os que são cheios do Espírito Santo e usados pelo Senhor – são desprezados e criticados. *Convem abriremos os olhos para a realidade.* Nos diferentes paízes, aonde existe a obra pentecostal, as mulheres tomam grande parte do trabalho. Nos paízes Europeus, nos EUA e até nos paízes pagões ellas tem penetrado. Oxalá, que as mulheres brasileiras, que certamente não são inferiores às suas irmãs estrangeiras, se consagrassem de tal fórma que o Espírito Santo as pudesse chamar para pregar o evangelho de nosso Senhor Jesus Christo. Dizem alguns, que há dificuldades especiais nesse paiz, se assim é, cremos ser por falta de ensino entre os crentes. A's irmãs, queremos dizer que *não convem contenderem* pelo seu direito, sómente fazerem o que o que o Espírito dirigir. Assim estamos certos de que, com humildade, prudencia e pelo poder de Deus, vencerão todos os obstaculos. Tambem queremos dizer, que o motivo que nos levou a publicar este assumpto, não foi o do desejo de combater opiniões contrarias ao mesmo, mas, sim o de dar uma explicação que nos foi pedida por alguns irmãos. *(A Redacção)*.<sup>568</sup>

Nesse quarto e último fragmento, notoriamente, Frida assume a escrita e os comentários finais acerca do artigo por ela traduzido. Frida então reitera o que fora levantado como hipótese no início do artigo, afirmando que “não existe, na palavra de Deus, mandamento contra o trabalho da mulher no evangelho”. A partir disso, pondera que quaisquer casos de mulheres que tenham causado problemas na Igreja se referem a “mulheres rebeldes” que não souberam usar da liberdade que tinham no Espírito Santo.

De modo irônico e contraditório, Frida utiliza a analogia de Paulo ao se referir a pessoas como vasos de honra ou desonra (Rm 9:21-23), para afirmar que tais mulheres rebeldes são toleradas embora sejam “vasos que deshonram a casa de Deus pelo seu mau procedimento e desobediencia á palavra de Deus”, ao mesmo tempo que outras mulheres

---

<sup>568</sup> VINGREN, Frida. Filhas profetizando. **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, n° 2, p. 4-5.

obedientes ao seu chamado são desprezadas e criticadas, embora sejam vasos de honra “cheios do Espírito Santo e usados pelo Senhor”.

Em seguida, Frida faz uma análise do trabalho feminino em Igrejas ao redor do mundo, como na Europa e nos EUA, incentivando e conclamando as irmãs brasileiras a reagirem e desenvolverem seus dons e ministérios. Frida já lidava com opiniões contrárias ao ministério, pois revela que alguns diziam haver “dificuldades especiais nesse paiz”. Para Frida isso só existe “por falta de ensino entre os crentes” e as crentes. Os seus textos publicados nos jornais estariam suprindo essa necessidade.

Ao fim, Frida expõe o conselho que, ao nosso modo de ver, mais revela a sua sinceridade sobre o assunto apesar de toda a sua impetuosidade. Ela diz expressamente: “Às irmãs, queremos dizer que *não convem contenderem* pelo seu direito, sómente fazerem o que o que o Espírito dirigir. Assim estamos certos de que, com humildade, prudencia e pelo poder de Deus, vencerão todos os obstáculos”. O conselho de Frida revela apenas – e nada mais que isso – o desejo profundo de manifestar a equidade do Reino de Deus onde não há homem nem mulher (Gl 3:28), mas, há servos e servas (Joel 2:29) cheios e cheias do Espírito Santo aptos para servir a Deus e a Igreja. Frida não quer que as irmãs contendam por seu direito, mas, que sejam dirigidas pelo Espírito.

Não temos aqui uma Frida empoderada por qualquer tipo de feminismo libertário do qual algumas pesquisas acabam por vincular sua imagem. Nesse sentido, há no próprio ambiente acadêmico uma espécie de apropriação do caráter libertário da fé pentecostal que movia Frida em um mundo de homens, que faz uso de sua excepcionalidade em uma década de ebulição que antecede os movimentos feministas por busca de igualdade. Com isso, não queremos afirmar que os movimentos feministas que buscam igualdade não sejam legítimos em sua expressão e nem que não possam encontrar espaço nas Igrejas cristãs. Sobre isso, a história já tem demonstrado sua importância, inclusive para as Igrejas e o cristianismo como um todo. A questão é o feminismo que se apropria da imagem de mulheres e suas respectivas obras como base de apoio para suas lutas e resistências no tempo presente. Essa atitude, ao nosso modo de ver, chega a ser uma apropriação indevida e até mesmo anacrônica.

Frida conclui o artigo informando aos leitores do jornal *O Som Alegre* a motivação da escrita do denominado artigo “Filhas profetizando”. Ela afirma que sua publicação não teve intenção de “combater opiniões contrárias ao mesmo, mas, sim o de dar uma explicação”, pois alguns irmãos e, provavelmente, irmãs teriam pedido dela algum

esclarecimento. Será que Samuel Nyström e os demais pastores nordestinos viram assim? Outra pergunta: Quem seriam esses irmãos e irmãs? Tinham sinceridade ou era uma dissimulação? Não sabemos. Frida não informa, mas, publica a explicação.

No mês seguinte a essa publicação, em fevereiro de 1930, Frida publicou mais um artigo de Aimee McPherson, sob o título “A Igreja de Laodicéia”. Além traduzir, Frida também comenta o texto de McPherson. Em linhas gerais trata-se de uma exortação às Igrejas que se acomodaram e esfriaram na fé, ou melhor, amornaram na fé (Ap 3:16), pois descreram do poder e do batismo com o Espírito Santo. MacPherson ilustra tal condição sob a comparação da Igreja de Laodicéia representada no livro de Apocalipse sobre a qual, em determinado ponto, afirma que “nega-se a libertação dos peccados e vícios, o batismo do Espírito Santo e a cura divina”.<sup>569</sup> Frida, então, comenta boa parte do artigo exortando as Igrejas a crerem e voltarem ao Pentecostes. É possível que a publicação e tradução dos artigos de McPherson por Frida nos jornais sinalizasse aos líderes brasileiros e suecos que ela estivesse buscando apoio e respaldo para o ministério feminino e, dessa forma, conclamar as mulheres brasileiras a assumirem seus chamados.

Não temos como dimensionar o quanto as publicações de Frida reverberavam àquela Igreja. Fato é que após a publicação do artigo “Filhas profetizando” por Frida no jornal *O Som Alegre* em fevereiro de 1930, Samuel Nyström voltaria a se encontrar com Gunnar Vingren no Rio de Janeiro em 26 de março de 1930, para dar uma solução a questão do trabalho da mulher na Igreja, mas, ambos permaneceram irredutíveis em seus posicionamentos. Vingren teria escrito: “Samuel Nyström chegou do Pará. Está indo para São Paulo. Ele não tem mudado a opinião concernente à mulher. Disse que não é bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar”.<sup>570</sup>

Posteriormente, em abril daquele ano, Vingren escreveu uma carta a Nyström acerca do assunto, portanto, faltando cinco meses para a Convenção de Natal:

Deus é testemunha de que meu único desejo é que o Espírito Santo possa ter o seu caminho, o seu próprio caminho neste país, e que esta gloriosa obra divina possa continuar da mesma forma que começou. Não posso deixar de apresentar minha convicção de que o Senhor chamou e ainda está chamado homens e mulheres para o serviço do Evangelho para ganhar almas e testificar do seu amor. [...] Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã dos EUA e me instruiu sobre o batismo com o Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste país. Porém, com o nosso modo de

<sup>569</sup> *O Som Alegre*. Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930, n° 3, p. 3.

<sup>570</sup> DANIEL, 2004, p. 35.

agir, podemos impedi-la. Para não impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser.<sup>571</sup>

A luta pela causa do ministério feminino não é só de Frida; Ela tem em Gunnar um fiel companheiro e apoiador. Se não fosse assim, Frida não teria toda a liberdade que tinha. O líder da Assembleia de Deus no Brasil reitera nessa carta a sua posição. Vingren tentou convencer Nyström da necessidade de se aproveitar melhor as mulheres lhe dando mais responsabilidades e liberdade na Igreja.

Antes da Convenção de Natal, possivelmente antes da ida de Gunnar Vingren a Estocolmo para trazer Lewi Pethrus ao Brasil, Frida chegou a escrever uma carta a Pethrus demonstrando sua insatisfação com Nyström que se mantinha irredutível:

Agora, Samuel Nyström quer estabelecer regras sobre como uma irmã deve falar, faz diferença entre pregar e testemunhar, fazer diferença entre pregar e pregar. Só sei que o Senhor me deu uma mensagem para os crentes, para edificação da vida espiritual. [...] Isso está errado? Isso é? [...] Samuel diz que sou 'histérica e fanática' e vai contra a palavra de Deus.<sup>572</sup>

Frida também marca seu espaço e posição. Além de relatar a Pethrus o caráter intimidador e olhar regulador de Nyström, ela também argumenta e pergunta retoricamente se está errado pregar a mensagem que Deus lhe incumbiu de anunciar. Considerando que traçamos uma linha cronológica nessa narrativa, devemos lembrar e recuperar um segundo trecho da matéria do *O Som Alegre* de junho de 1930:

[...] Aguardemos agora, notícias da Suécia, para que os nossos irmãos de Natal resolvam o tempo, em que se deve realizar a dita convenção. Também peço eu, humilde serva do Senhor e vossa, oração em meu favor, para que possa continuamente fazer a sua vontade. Quero sómente, ser fiel ao meu amado e bemdicto Salvador. Assim, continuarei o trabalho com o auxílio do irmão Carlos Brito, e "O Som Alegre" não há de ser abafado, mas sahirá como de costume. Seremos gratos pela cooperação dos irmãos, e cremos que pela vossa oração e pelo Espírito Santo, tudo concorrerá para pela benção do povo de Deus, e para honra e gloria de nosso Senhor Jesus Christo. FRIDA VINGREN.<sup>573</sup>

Essa é a parte final da matéria, de primeira página, e que já analisamos uma primeira parte, em que Frida informou acerca da viagem de Gunnar Vingren à Suécia da qual ele convenceu Lewi Pethrus a vir ao Brasil participar da Convenção. Esse texto está carregado de representações, e nesse último fragmento duas falas nos chamam atenção, pois, exprimem sentidos implícitos da relação que Gunnar e Frida vivem com a Igreja.

<sup>571</sup> VINGREN, 1973, p. 196.

<sup>572</sup> NORELL, 2011, p. 227.

<sup>573</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Junho de 1930, nº 7, p. 1.

Após relatar a ida de Vingren à Suécia e anunciar a Convenção de Natal, Frida concluiu fazendo um pedido: “Também peço eu, humilde serva do Senhor e vossa, oração em meu favor, para que possa continuamente fazer a sua vontade. Quero sómente, ser fiel ao meu amado e bemdicto Salvador”. Frida pede oração à Igreja para que continue a fazer a vontade de Deus, o qual chama de amado e bendito. Por que Frida pediria orações para continuar a fazer aquilo que ela já vem fazendo desde 1917 quando chegou ao Brasil se não estivesse sendo ameaçada a não mais fazer? Seu esposo e maior defensor, Gunnar Vingren, está a caminho da Suécia para tentar trazer Pethrus como alguém fundamental para lhe dar apoio e evitar a “crise” e a divisão que a Igreja estava enfrentando, e que tinha na questão do ministério feminino seu ponto nefrágico. Frida só pôde pedir oração!

Logo depois e, entendemos isso como efeito e resultado das orações, ela permaneceria atuante na obra e no seu chamado pelo exercício de seus dons entre os quais o jornalístico, pois, Frida destacava-se como a principal redatora dos jornais da Assembleia de Deus. Por isso ela escreve que continuaria “o trabalho com o auxílio do irmão Carlos Brito, e ‘O Som Alegre’ não há de ser abafado, mas sahirá como de costume”. Nessa fala há mais um sentido implícito e ser desvelado, quando diz que *o jornal não seria abafado*. É razoável afirmar que, pelo fato de Frida continuar exercendo a função de redatora e publicando artigos que exortavam as mulheres a desenvolverem seus dons, a liderança, seja sueca ou brasileira (nordestina), deveria estar pressionando a extinção do jornal. Além disso, Nyström, que já havia tentando uma conciliação com Vingren, é o diretor do jornal *Boa Semente* em Belém. Por que ter mais um jornal na Igreja, ou pior, ter um jornal com uma redatora que escreve como se fosse a diretora do jornal? A esse respeito é bem provável que ela fosse mesmo a principal responsável pelo jornal e o nome de Gunnar como diretor não passasse de mera formalidade institucional.

Naquele mesmo mês de junho, Frida recepcionou na Igreja do Rio, em São Cristóvão alguns obreiros visitantes tanto de algumas partes do interior do Estado como de outros países. Dentre eles chagaram também o casal de evangelistas João Evangelista e Deolinda, que participaram de um culto de domingo dia 29 de junho de 1930. Nesse mesmo culto, uma irmã chamada Felisbela Barbosa, conhecida como Belinha e que atuava na evangelização de Realengo, subúrbio do Rio, foi quem pregou a Palavra.<sup>574</sup>

---

<sup>574</sup> ARAÚJO, 2014, p. 115.

Frida fez referência a esse culto na edição de julho do *Som Alegre*, observando o seguinte: “[...] a nossa irmã Bellinha, de Realengo, suburbio da Capital, testemunhou da palavra do Senhor [...] Elle a tem chamado para o Seu serviço glorioso [...] Graças a Deus, que Elle também está levantando irmãs brasileiras, para pregarem a Sua Palavra”.<sup>575</sup> Assim, o jornal continua reverberando os efeitos da mensagem que Deus estava usando mulheres como pregadoras. Frida não apenas usou o jornal para exposições bíblico-teológicas para esclarecer a questão do ministério feminino, ela também sabe usá-lo para comprovar e dar testemunho do fato em si, de que as mulheres brasileiras estão sendo usadas no exercício de seus dons na Igreja.

Como já anunciamos, na Convenção de Natal os dois jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre* acabaram extintos e o *Mensageiro da Paz* passou a ser o único órgão oficial da Igreja. Vingren e Nyström se tornaram os diretores no novo jornal que deveria ser produzido a partir do Rio de Janeiro e, Frida continuaria como principal redatora no jornal, embora isso não tenha sido expressamente informado na resolução de criação do *Mensageiro da Paz* em Natal, porém, mais adiante trataremos disso. Mas, essa é uma questão que se arrastava desde os primeiros anos em que Frida publicava ou “dirigia” o *Boa Semente* em Belém-PA.

O fato da capacidade excepcional de Frida era tratado pela liderança da Igreja exatamente assim, como exceção, por isso Gedeon Alencar pergunta retoricamente: “Quantos jornais na década de 1920 eram dirigidos por mulheres e, mais ainda, quantos tinham como redatora principal uma mulher?”.<sup>576</sup> Outro fator instigante eram os anúncios de exclusão de irmãos da Igreja feitos por Frida no jornal. Por exemplo, na edição de julho de 1930, portanto, na ausência de Gunnar, que estava na Suécia, foi publicado o seguinte: “COMUNICAMOS aos irmãos que o Sr. Raul Alvares de Abreu está excluído da Assembleia de Deus, na Capital. Pela Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1930. Frida Vingren. Palatino dos Santos. Joaquim Cardoso”.<sup>577</sup>

Notemos que o nome de Frida Vingren vem primeiro, e, portanto, está à frente de outros dois nomes masculinos, que, conforme Isael Araújo informa, eram diáconos da Igreja<sup>578</sup> e, eram por assim dizer, testemunhas da exclusão do irmão Raul de Abreu. Esse é um fato instigante! O que os líderes, pastores, homens da liderança da Igreja, pensavam

<sup>575</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Julho de 1930, nº 8, p. 7.

<sup>576</sup> ALENCAR, 2013, p. 117.

<sup>577</sup> **O Som Alegre**. Rio de Janeiro, Julho de 1930, nº 8, p. 6.

<sup>578</sup> ARAÚJO, 2014, p. 147.

ao ver uma mulher comunicando e assinando à frente de outros homens, a exclusão de um membro da Igreja? Certamente, os bastidores ferviam por causa dela.

É o *Mensageiro da Paz* que, agora, devemos acessar e analisar o segundo artigo de Frida. Ele tem por título “Deus mobilizando as suas tropas” e foi publicado em 01 de fevereiro de 1931, cinco meses depois da convenção de Natal. Pela sua extensão, de igual modo, fragmentamos o artigo, observando, conforme nossa metodologia a análise da *materialidade*, que os trechos em *itálico* não foram assim reproduzidos ao acaso.<sup>579</sup> Frida escreveu assim:

Mobilização é um movimento pertencente ás guerras. É o ato de preparação das tropas para a lucta. Vivemos em tempos de apprehensões, guerras e revoluções, e, em muitos paizes, tem havido, ultimamente, taes movimentos. Quando a guerra é declarada numa nação, chama-se o povo para a mobilização. Deus também está mobilizando as suas tropas, ou, em outras palavras chamando o seu povo para a actividade e lucta pela causa do Evangelho. Delle procede um despertar espiritual, mais necessário que o material, pois, a felicidade de um povo, não consiste apenas no progresso material, mas, sim, no verdadeiro conhecimento de Deus e de sua Palavra. Os interesses do Reino excedem em valor e nobreza aos interesses terrenos [...] A primeira vez que Deus mobilizou suas tropas, foi no dia de Pentecostes, quando o Espirito Santo foi derramado sobre os discipulos, no cenaculo. [...] O mandado do Mestre foi este: “Ide por todo o mundo, e pregae o Evangelho a toda criatura”. Mas, os seus enviados necessitavam primeiramente, entrar na “camara dos armamentos” para serem revestidos de poder”; por isso, foi-lhes dito: “Ficae em Jerusalem, até que do alto sejaes revestidos de poder”. O cenaculo em Jerusalem, tornou-se, figuradamente, a casa dos armamentos, onde os discipulos foram revestidos de força. Depois sahiram como “testemunhas de fogo”, em toda parte, fallando de Jesus e da Sua Salvação. [...] E hoje? Deus ainda está mobilizando as suas tropas? Sim, agora, para o ultimo combate, que será travado antes da vinda de Jesus. A “camara dos armamentos” ainda está aberta – Jesus está derramando o Espirito Santo sobre seus servos e servas [...]. O amor de Jesus nos constringe. Eis a força invisível, que nos leva a pôr-nos, a nós mesmos, acima do altar em sacrificio Santo e agradável a Deus, dizendo: “Senhor, aqui estou, faz de mim o que Tu queres”.<sup>580</sup>

Nessa primeira parte fragmentada do artigo Frida não reproduz nenhuma palavra em *itálico*. Em seu conteúdo ela demonstra ter uma rica *capacidade analítica*<sup>581</sup> e, antes mesmo de apresentar qualquer texto bíblico, se utiliza de uma leitura da realidade

<sup>579</sup> Como anunciado em nossa metodologia, o historiador que trabalha com jornais deve estar atento ao procedimento de três eixos de análise: a *materialidade*, o *conteúdo* e os *idealizadores* dos jornais. De acordo com de Tania Regina de Luca acerca da *materialidade* devemos atentar para as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê, uma vez que um texto publicado em um determinado período e as informações nele contidas não são dadas desinteressadamente ou aleatoriamente. LUCA, 2014, p. 132.

<sup>580</sup> VINGREN, Frida. Deus mobilizando suas tropas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 1931, nº 3, p. 3.

<sup>581</sup> Gedeon Alencar categoriza a capacidade analítica Frida Vingren nos seguintes tipos de leituras: uma leitura da realidade; uma leitura feminina e não feminista; uma leitura do movimento pentecostal; uma leitura eclesial e apelo à autoridade. Essa era Frida Vingren! Afinal ela não foi enviada como *bibelkvinna*? ALENCAR, 2013, p. 130-131.

que a cerca para, assim, fazer a devida aplicação da mensagem. O contexto de início dos anos de 1930 lhe dava os elementos essenciais para relacionar as guerras e revoluções ocorridas no início do século XX à mensagem de que Deus estava “mobilizando as suas tropas”. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Revolução Russa (1917), e, especialmente no contexto brasileiro, a Revolução de 1930, são exemplos daquilo que podia referenciar o texto de Frida. O ano anterior foi de grande efervescência política para todo povo brasileiro, pois, em outubro de 1930 Getúlio Vargas chegava ao poder e, os estrangeiros no país foram afetados por esse ambiente político.<sup>582</sup>

Acerca dessa leitura da realidade, Gedeon Alencar afirma que:

A esperteza da Frida é óbvia: ela parte da realidade, em pleno período entre guerras, para articular a urgente e absoluta necessidade de mão-de-obra. Mobilização de tropas para a guerra é o assunto do momento. Seu título atrai corações e mentes e, a partir da realidade de guerra, ela faz, genialmente, uma ponte com a convocação divina para outra guerra. E essa é mais importante.<sup>583</sup>

A mais importante guerra daquele momento para Frida era o fato de Deus estar chamando “seu povo para a actividade e luta pela causa do Evangelho”. Do Evangelho advém um despertar que, sob a ênfase da doutrina e visão de mundo pentecostal, é verdadeiro e genuíno, é um departamento espiritual, que segundo Frida afirma “é mais necessário que o material, pois, a felicidade de um povo, não consiste apenas no progresso material, mas, sim, no verdadeiro conhecimento de Deus e de sua Palavra”. Nesse sentido, temos nesse trecho uma crítica implícita à motivação das guerras nas quais Frida se inspira, pois, o que move o interesse delas é de ordem material, incidindo assim, em um suposto progresso para algum país determinado. Por isso, Frida afirma que “os interesses do Reino excedem em valor e nobreza aos interesses terrenos”. Essa é a ética que move o pentecostalismo clássico negando este mundo pelo outro.

A partir desse ponto, Frida chama a atenção dos leitores para afirmar que “a primeira vez que Deus mobilizou suas tropas, foi no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, no cenáculo”. Que outra referência bíblica Frida

<sup>582</sup> É oportuno ponderar que do ponto de vista da liberdade religiosa nada mudou com o poder instaurado por Getúlio Vargas. No diário de Vingren temos o seguinte registro: “[...] não podemos deixar de falar da revolução e da guerra ocorridas no país nesse mesmo ano, a chamada “Revolução de 30”. Foram dias tensos. [...] do ponto de vista do trabalho evangélico, tudo continuou favorável, pois Getúlio conservou boas relações com os pentecostais, e ajudou esse movimento de todas as maneiras possíveis. Vários parentes do presidente eram crentes pentecostais, e um deles é ainda pregador do Evangelho no Rio Grande do Sul [...] o Senhor nos guardou durante a revolução, e podemos continuar a trabalhar com a mesma liberdade de antes”. VINGREN, 1973, p. 173.

<sup>583</sup> ALENCAR, 2013, p. 130.

utilizaria para respaldar sua conclamação, senão, o elemento fundante da fé pentecostal? O derramamento do Espírito Santo em Atos 2! A analogia continua, reiteradamente, fazendo uso do cenáculo, enquanto lugar que os discípulos estavam quando foram cheios do Espírito Santo. Frida afirma ser o cenáculo figuradamente “a casa dos armamentos, onde os discipulos foram revestidos de força. Depois saíram como ‘testemunhas de fogo’, em toda parte, falando de Jesus e da Sua Salvação”. Os armamentos são sinônimos de poder para testemunhar a salvação em Jesus (Atos 1:8). O poder do Espírito Santo e todo seu armamento estão disponíveis a Igreja hoje.

A aplicação dessa mensagem e o significado da analogia se dão por meio de duas breves perguntas retóricas: “E hoje? Deus ainda está mobilizando as suas tropas? Sim, agora, para o ultimo combate, que será travado antes da vinda de Jesus”. O objetivo da conclamação de Frida é afirmar que Deus está mobilizando seu povo para a última guerra. Dessa forma, a verdade desse chamado é para hoje e o que mais importa é saber quem está disposto e pronto para a guerra. Se o chamado é verdadeiro e a guerra é urgente, Frida reitera que “a ‘camara dos armamentos’ ainda está aberta – Jesus está derramando o Espírito Santo sobre seus servos e servas”. O mesmo poder que operou no dia de Pentecostes está disponível para todos e todas. Aliás, nesse momento temos um novo elemento a ser enfatizado que revela o maior objetivo do artigo de Frida. O Espírito Santo é derramado, hoje, sobre servos e servas, ou seja, sobre homens e mulheres.

Depois de cinco meses da resolução que determina o “lugar” da mulher na Assembleia de Deus, Frida está novamente tocando no assunto e, a escrita do artigo finalmente revela que seu objetivo transcende a questão análoga da Guerra e do derramamento do Espírito Santo. A exortação ao despertamento das mulheres é o seu ponto nevrálgico. Estaria, então, Frida contestando a decisão da Convenção de Natal?<sup>584</sup> Vejamos o próximo fragmento do artigo:

Despertemo-nos, para atender ao chamado do Rei, alistando-nos nas suas fileiras. As *irmãs* das “assembléas de Deus”, que igualmente, como os irmãos têm recebido o Espírito Santo, e portanto, possuem a mesma responsabilidade de levar a mensagem aos peccadores precisam convencer-se que podem fazer *mais* do que tratar dos deveres domesticos. Sim, podem tambem, *quando chamadas pelo Espírito Santo*, sair e anunciar o Evangelho. Em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de habitantes, existem *um grande número de* irmãs evangelistas, que saem por toda parte annunciando o Evangelho, entrando em logares novos e trabalhando

---

<sup>584</sup> Recapitulando, a decisão da Convenção dizia (a CGADB ainda diz) que as irmãs poderiam testificar e ensinar, mas, somente poderiam exercer de fato o ministério em casos e situações excepcionais.

*exclusivamente* no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta. (Os que estiveram na convenção em Natal e ouviram o Pastor Lewi Pethrus falar desse assumpto, sabem que é verdade). Por qual razão, as irmãs brasileiras hão de ficar atrazadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem? Na “parada das tropas” a qual teve lugar aqui no Rio, depois da revolução, tomou também parte, um batalhão de moças do Estado de Minas Geraes, as quaes tinham se alistado para a lucta. Para cumprir um ideal terrestre há muita coragem, porque também não há para cumprir a vontade de Deus? Não pode ser falta de direcção, pois é o *mesmo* Senhor que dirige a obra em todo o logar. Só pode ser falta de educação espiritual ou de submissão á direcção do Espirito Santo [...].<sup>585</sup>

Nessa segunda parte fragmentada do artigo, Frida reproduz várias palavras em *itálico*. Atentemos para elas. Desse ponto em diante, o artigo Frida busca o despertar das mulheres da Assembleia de Deus. Se de igual modo elas recebem o Espírito Santo, de igual modo possuem a mesma responsabilidade dos homens e com seus dons podem devem servir a Deus. Para além disso, Frida exorta as mulheres a saírem de seu *status quo*, passivo e resignado e, nesse sentido, subverterem a condição de subserviência que a própria sociedade lhe relegava, pois isso diz que elas “precisam convencer-se que podem fazer *mais* do que tratar dos deveres domesticos”. O poder do Espírito Santo seria a força vital que não somente transforma o ser humano em seu estado de morte espiritual, mas, também subverte a ordem vigente do sistema do mundo caído e sem Deus. Esse é o argumento de Frida, que subverte até decisões de concílios e convenções.

Frida proclama, em seu texto, um Reino de Deus onde a equidade age sobre todos e todas que são integrados nele. Uma das marcas no movimento pentecostal, como já ressaltado, é a assimilação prática da ideia de *sacerdócio universal* de todos os crentes, que no conceito cunhado por Richard Niebuhr de “igreja dos deserdados”<sup>586</sup> satisfaz as necessidades de camponeses, seringueiros, trabalhadores do campo e das demais classes subalternas. Ao se converterem ao Evangelho, por meio da fé pentecostal, nutriram a participação direta no culto, o fervor espiritual e a esperança escatológica. O pentecostalismo que nasceu junto ao povo é também o pentecostalismo do povo que, por meio de laços de cumplicidade e solidadiedade, não produzia acepção de pessoas.

Mas, a ideia que Frida conclama e faz apelo, não estaria restrita ao seu contexto, ou seja, ao contexto brasileiro. Ela faz uma leitura global do pentecostalismo e reitera que “em todas as partes do mundo, e especialmente no trabalho pentecostal, as irmãs tomam grande parte na evangelização. Na Suécia, paiz pequeno com cerca de 7 milhões de

---

<sup>585</sup> VINGREN, Frida. Deus mobilizando suas tropas. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 1931, nº 3, p. 3.

<sup>586</sup> Cf. NIEBUHR, 1992, p. 25-40.

habitantes, existem *um grande número de* irmãs evangelistas”. Frida, nesse momento, e entre parênteses se utiliza do nome de Lewi Pethrus fazendo referência ao seu discurso na Convenção de Natal, sendo ela mesma uma testemunha ocular do fato. Frida sabe fazer também o apelo à autoridade e reafirma o que Pethrus deve ter testemunhado na Convenção: que na Suécia há mulheres “trabalhando *exclusivamente* no Evangelho. Dirigem cultos, testificam e falam da palavra do Senhor, aonde há uma porta aberta”.

Quando afirma existirem mulheres “trabalhando *exclusivamente* no Evangelho”, com o termo *exclusivamente*, Frida argumenta que podem haver mulheres que não foram chamadas para os afazeres domésticos, condição esta imposta pelo patriarcalismo da época, mas, que podem trabalhar apenas pregando a mensagem do Evangelho como pastoras, entendendo isso como sua profissão e vocação. Isso deve ter assustado os opositores do ministério feminino na Igreja.

Ela fecha o argumento perguntando retoricamente: “Por qual razão, as irmãs brasileiras não de ficar atrasadas? Será, que o campo não chega, ou que Deus não quer? Creio que não. Será falta de coragem?”. Acrescentamos ainda, se na Suécia, país que se apropriou da missão e sustentava o movimento até então, havia a prática de consagrar mulheres chamadas ao ministério como *bibelkvinnas*, por que a Convenção não considerou estabelecer tal consagração às mulheres do Brasil? Parece que realmente a questão não era apenas hermenêutica, mas que, “o machismo dos líderes nordestinos, associado ao reacionarismo sueco, proibiu essa prática”.<sup>587</sup> A combinação desses dois tipos de machismo formou o que Paulo Freston denominou de “*ethos* sueco-nordestino”.<sup>588</sup>

Em um último ponto Frida, novamente estabelece uma correlação com o mundo a sua volta. Dessa vez, não o faz de modo geral, como na analogia usada no início sobre a mobilização das tropas, mas o faz, de um modo muito específico e local. Havia passados três meses que Getúlio Vargas tinha chegado ao poder por meio de forças militares, pondo fim ao período denominado República Velha, e instaurando o que ficou conhecido por Revolução de 1930. Frida morava no Rio de Janeiro e por certo acompanhou toda a movimentação que se deu nesse importante fato político da história do Brasil. Ela provavelmente foi testemunha da chegada das chamadas tropas revolucionárias na capital federal.

---

<sup>587</sup> ALENCAR, 2013, p. 120.

<sup>588</sup> Cf. FRESTON, 1994, p. 112-114.

Nesse movimento de tropas, Frida visualizou “um batalhão de moças do Estado de Minas Geraes, as quaes tinham se alistado para a lucta”. Esse é ponto de referência que ela utiliza, no meio da “parada de tropas”,<sup>589</sup> para correlacionar o alistamento das moças de Minas Gerais ao alistamento das mulheres assembleianas para saírem à luta e cumprirem sua missão e vocação. Estamos diante de uma mensagem absolutamente subversiva e contra a decisão de Natal que “controlou” a ascensão de mulheres na Igreja.

A prova conclusiva dessa convocação é quando ela compara o valor de ambos os alistamentos perguntando: “Para cumprir um ideal terrestre há muita coragem, porque também não há para cumprir a vontade de Deus?” Frida responde afirmando que “não pode ser falta de direcção, pois é o *mesmo* Senhor que dirige a obra em todo o lugar. Só pode ser falta de *educação espiritual* ou de *submissão á direcção do Espirito Santo*”. O Deus que mobiliza tropas e inclui mulheres da Europa, dos EUA ou do Brasil, é o mesmo. Frida insere dois motivos que explicam o porquê isso ainda não era uma realidade no Brasil: “Educação espiritual e submissão á direcção do Espirito Santo”. O que inferimos, que ela buscou fazer, brilhantemente, na escrita desse artigo.

Por isso Gedeon Alencar acerca desse artigo, indagou: “Quem – sueco ou brasileiro – na liderança assembleiana na época, seria capaz de responder a este texto? E quais (e como) dos seus argumentos poderiam ser refutados?”.<sup>590</sup> Frida demonstrou, tal como exposto no artigo “Filhas profetizando”, que ministério, chamado ou vocação não era uma questão de gênero, homem ou mulher, mas, do dom do Espírito Santo dado indiscriminadamente a todos e a todas.

O terceiro e último artigo, forma então, o que chamamos de tríade nevrálgica de Frida Vingren acerca do ministério feminino. Seria publicado no próximo número do *Mensageiro da Paz*, apenas quinze dias após a publicação do artigo “Deus mobilizando suas tropas”. Intitulado “O Pastor”, Frida aprofunda a questão, enfatizando a “vocação” e

---

<sup>589</sup> Em sua pesquisa Valeria Vilhena informa que “a ‘parada das tropas”, a que Frida está se referindo, provavelmente, está ligada à luta das mulheres da “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, liderada pela mineira Elvira Boni de Lacerda. Elvira lutava para além do sufrágio, pois reconhecia a desvalorização das mulheres, a desqualificação, a exploração e as precárias condições de trabalho a que eram submetidas e os salários recebidos muito inferiores aos dos homens. [...] sua fama consistiu em liderar o conhecido batalhão feminino, cujas mulheres auxiliaram os soldados durante a Revolução de 1930, em Belo Horizonte (MG). Elas formaram, voluntariamente, salões de costura para confeccionar uniformes, lençóis, ataduras e distintivos. Até ao fim da Revolução, esse batalhão de mulheres contava com cerca de 8 mil filiadas de várias regiões e, provavelmente, Frida estava se referindo a ele”. VILHENA, 2018, p. 130.

<sup>590</sup> ALENCAR, 2013, p. 129.

o “dom”, deixando ainda mais sólido o seu posicionamento, tal como de seu esposo Gunnar. Ela escreveu assim:

O ministro do Evangelho é um servo de Deus, para servir-O, e ao rebanho que lhe foi entregue. [...] o pastorado não é um premio que recebeu por merecimento, ou um titulo de honra diante dos homens. A palavra *pastor* é simplesmente uma expressão do caracter da sua missão. Para cumprir a missão de pastor elle precisa fazer *mais* do que baptizar e ministrar a santa ceia [...] o verdadeiro pastor, é aquelle que carrega as ovelhas fracas, e busca com amor as perdidas. É aquelle, que considera menos a sua própria dignidade, do que as almas remidas, pelo sangue do Christo [...] talvez não haja nenhum cargo tão espinhoso, mas tão abençoado, como esse. Por isso, vemos que Jesus, antes de entregar o pastorado a Pedro, fez-lhe unicamente esta pergunta: “amas-me?”. Não disse: “Pedro, tens coragem de confessar o meu nome diante do mundo?” Ou, “Estás prompto a andar por cima das aguas?” Não! Elle não tocou nesses pontos em que Pedro havia falhado tão fatalmente, mas, examinou apenas *o ponto do amor*. Se Jesus nos viesse agora examinar nesse ponto, como seria? [...].<sup>591</sup>

Nesse primeiro fragmento, Frida faz uma exposição acerca do título ou cargo de *pastor*, dando uma ênfase conceitual ao título do artigo. Ela inicia esclarecendo que o homem consagrado a ser ministro do Evangelho deve ter a consciência de que “o pastorado não é um premio que recebeu por merecimento, ou um titulo de honra diante dos homens”, levando leitores e leitoras, a uma reflexão acerca da motivação interior daquele que é assim chamado *pastor*. Frida aponta para o sentido implícito e essencial da palavra *pastor*, revelando que o termo expressa mais o “caracter da sua missão” do que qualquer *status* que o mesmo possa produzir, tal como observado por Richard Niebuhr acerca do poder da religião, que fez e ainda faz, com que a Igreja defenda privilégios que lhe garantam a segurança por meio da santificação do seu *status quo*.<sup>592</sup>

Para além do cumprimento de algumas funções de um cargo, como, realizar batismos ou celebrar a santa ceia, o verdadeiro pastor deve possuir o encargo de cumprir a principal função de sua missão: carregar as ovelhas fracas e buscar com amor as perdidas. E por anunciar a palavra *amor*, Frida chega ao ápice da conceituação da palavra *pastor*, se utilizando da cena bíblica e icônica do recomissionamento de Pedro após ter falhado no cumprimento e na fidelidade de sua missão (Jo 21:15-17). Jesus não lhe perguntou nada diretamente acerca de suas falhas: “Pedro, tens coragem de confessar o meu nome diante do mundo?”, ou ainda: “Estás prompto a andar por cima das aguas?” Frida fecha seu argumento e exposição afirmando: “Não! Elle não tocou nesses pontos [...] mas, examinou apenas *o ponto do amor*”. Pois a pergunta foi: “Amas-me?”. Frida, então,

<sup>591</sup> VINGREN, Frida. O Pastor. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1931, n° 4, p. 3.

<sup>592</sup> NIEBUHR, 1967, p. 17.

faz outra pergunta: “Se Jesus nos viesse agora examinar nesse ponto, como seria?”. Eis o confronto! Frida faz os leitores e as leitoras do jornal refletirem, e faz repensar àqueles ditos “pastores” que talvez estivessem, em sua prática, aquém dessa compreensão. Portanto, a ênfase nessa primeira parte é a vocação. No segundo fragmento do artigo Frida afirma:

Muitos, pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro – esta, é unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, e um auxílio, para diante da lei social, poder exercitar as funcções de um ministro evangelico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores: Deus, porém, olha o interior. O que *faz o pastor*, é primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo. Vêde I Cor. cap. 12. Falando desse assumpto, disse o pastor Lewi Pethros, as seguintes palavras: “O facto, é que muitos pastores podem possuir a primeira condição – a vocação, sem terem a segunda – o dom” [...] “Buscae com zelo os melhores dons”. I cor. 12: 31. Para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título. [...] o verdadeiro pastor nunca é “dirigente” no sentido absoluto. Elle tem o Espírito Santo como *dirigente*, e não como “auxiliar”. O Espírito Santo não permite outro ao seu lado. E se alguém se atreve a tomar seu lugar, elle se retira. [...] muitos têm espantado o Espírito Santo. Cuidado! [...] o Summo Pastor vem, e a Palavra de Deus diz, que os pastores hão de prestar contas pelas almas. Os fies e verdadeiros, hão de receber a imperecível corôa da justiça. *Frida Vingren*.<sup>593</sup>

Esse segundo fragmento diz respeito ao que consideramos ser também a segunda parte do artigo. Nela a abordagem de Frida se aprofunda ainda mais ao acusar como erro a ideia e o fato de que a “consagração é que faz o pastor”. Ela diz que a consagração, que também entendemos como ordenação, é apenas “uma confirmação da vocação de Deus”, vocação essa, primeiramente, confirmada entre Deus e o vocacionado e a vocacionada, e posteriormente, reconhecida publicamente pelo ato de consagração, bem como, e principalmente, pelo exercício do pastorado. Frida afirma isso mais adiante e acrescenta o segundo elemento, quando observa que “o que *faz o pastor*, é primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Esse dom não é natural, é dado antes pelo Espírito Santo conforme exposto em I Coríntios 12.

A seguir Frida, mais uma vez, apela ao sentido da autoridade que recai sobre Lewi Pethrus, fazendo uso de uma fala decisiva acerca do assunto, quando ele mesmo teria afirmado que: “O facto, é que muitos pastores podem possuir a primeira condição – a vocação, sem terem a segunda – o dom”. Teria sido uma fala proferida na Convenção de Natal? Se sim, Frida está remexendo em um problema, definitivamente, já resolvido.

---

<sup>593</sup> VINGREN, Frida. O Pastor. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1931, nº 4, p. 3.

Notemos que, mesmo sem citar nada acerca do ministério feminino, o uso da fala de Pethrus reascende a questão, mesmo que indiretamente, pois, é possível que muitos ditos “pastores” estivessem exercendo o pastorado, homens exclusivamente, sem o dom do pastorado, embora tenham sido chamados para atuarem na obra de Deus e vocacionados para isso. Por isso Frida exclama, como se estivesse bradando: “Para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título”. Longe de exigirem, o título, Frida, e muito provavelmente uma legião de mulheres queriam apenas o reconhecimento da realidade.

Essa é uma das constatações na leitura desse último artigo. Frida não aborda em nenhum momento a questão do ministério feminino, ou sobre sua realidade, como tratara quinze dias antes no artigo anterior. Nem mesmo cita a palavra mulher. Nesse artigo ela opta por aprofundar a compreensão do caráter da missão do pastorado nas bases da *vocação* e do *dom*, que pelo conjunto dos seus três artigos, não distingue pessoas, nem homem, nem mulher.

Portanto, estamos, mais uma vez, diante de uma excepcional exposição. Ou talvez uma grande provocação? Isso certamente dependeu de como o texto foi lido. Assim, fazemos, retoricamente, as seguintes perguntas: Além do sentido meramente esclarecedor do tema do artigo, estaria Frida escrevendo o texto para ser lido por alguém em específico ou para um grupo de líderes? Como o artigo “O Pastor” foi recebido pelos leitores e leitoras da Igreja, e mais, pelos líderes que tiveram participação direta na decisão da Convenção de Natal? Os pastores se sentiram confrontados, na própria exposição, por meio do caráter do “verdadeiro pastor”? Pior, isso sendo feito por uma mulher? Buscaremos algumas dessas respostas nas cartas que os suecos e brasileiros trocaram entre si, ou no jornal, mesmo que minimamente e implicitamente.

As análises desses três artigos objetivam revelar, no campo da hermenêutica pentecostal em sua própria epistemologia, aquilo que selou o destino do casal fundador da Assembleia de Deus no Brasil. Enquanto, apreciação dos argumentos que Frida usa nessa “tríade”, não há dúvidas, que existe neles uma excepcional capacidade analítica e doutrinária que gerou sentido e ensino para muitas pessoas à época, mas, que, do ponto de vista da institucionalização da Assembleia de Deus, em seu *ethos* sueco-nordestino, deve ter deixado muita “gente” irritada. Pergunta-se, então, mais objetivamente: Qual teria sido a reação de Samuel Nyström e dos demais pastores nordestinos ante a leitura dos artigos publicados por Frida no *Mensageiro da Paz* no mês de fevereiro de 1931?

No mês de março de 1931, no número seguinte do *Mensageiro da Paz*, há um artigo, escrito por Nils Kastberg sob o título “Silêncio Santo” que supomos ser mais uma representação de sentido implícito ao que estava ocorrendo. Seria uma resposta, mesmo que velada, ao que Frida estava provocando na Igreja. O artigo possui alguns tópicos com ênfase no silêncio, como *silencio na oração*; *silêncio na tribulação*; *silêncio diante dos homens e lugar silencioso*. Em linhas gerais Kastberg escreve: “Há na natureza humana um defeito muito grave: o de falar muito, falar demais [...] Salomão disse: um gotejar continuo são as contendas da mulher”.<sup>594</sup> Mais adiante se utiliza da história de Maria e Marta de Betânia para afirmar que, ao invés de falar e fazer demais, como no caso de Marta, o exemplo a ser seguido é o de Maria que apenas se assentou para ouvir Jesus lhe ensinar. E diz: “Aos pés de Jesus – os falladores podem aprender a se calar [...]”.<sup>595</sup>

Além do sentido amplo de ensinar o controle da língua e o prejuízo do muito falar, em seu artigo Kastberg deseja falar a mais alguém: Frida é o seu alvo. A lógica geral do texto é simples. Quando o ser humano, e aqui destacamos, quando os homens falam demais causam contendas, mas, quando são as mulheres que causam contendas isso é muito pior, é como “um contínuo gotejar”, ensurdecador e inconveniente para os homens da Igreja.

É importante lembrar nesse ponto que Nils Kastberg foi quem substituiu Frida após sua saída do jornal *Mensageiro da Paz* ao final do ano de 1931. Ele trabalhava ao lado de Samuel Nyström e se tornou o principal redator do jornal após a saída de cena do casal Gunnar e Frida Vingren. Portanto, o jornal também se tornava, mesmo que implicitamente, um espaço de luta e poder pelo discurso da verdade. Essa é uma das características da história da imprensa que reverberou também nos jornais religiosos. Desde o século XIX, inegavelmente, a participação da mulher vem emergindo na vida pública de modo irreversível. Maria Luiza Ugarte Pinheiro chama essa emergência de “fenômeno novo e inquietante, a presença cada vez maior da mulher na vida pública foi alvo de intenso debate em todo o período e a imprensa foi um dos espaços onde esse debate foi travado com maior intensidade”.<sup>596</sup>

<sup>594</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Março de 1931, nº 5, p. 5.

<sup>595</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Março de 1931, nº 5, p. 5.

<sup>596</sup> PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A mulher nos primórdios da imprensa amazonense. In: MORGA, Antonio Emilio. BARRETO, Cristiane Manique. (Orgs.). **Gênero, sociabilidade e afetividade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2009, p. 25.

É também por isso que o termo “silêncio” no artigo de Kastberg carrega uma forte representação. Representa o controle e a busca da regulação do movimento irreversível de emancipação feminina no trabalho da Igreja. O objetivo não é meramente ensinar a prudência do pouco falar, mas, silenciar as mulheres. Frida causou um efeito catalizador de compreensão e libertação de uma mentalidade enrijecida pelo poder da religião, por isso ela tinha que ser silenciada.

Nesse sentido, o silêncio não é apenas simbólico, pois a presença de Frida nos jornais estabelecia sua posição e influência, mas, também é historiográfico, uma vez que as pesquisas sobre Frida Vingren só foram recentemente realizadas quando as fontes puderam ser acessadas, quando “se abriam” os arquivos, especialmente os jornais. Maria Luiza Ugarte Pinheiro também comenta sobre esse ocultamento na história das mulheres e o aparente silêncio documental, afirmando que “cabe reconhecer como fez Simone de Beauvoir, que ‘toda a história das mulheres foi escrita pelos homens’, o que, se não justifica o silêncio, pelo menos o esclarece”.<sup>597</sup>

### 5.3 A conspiração “nordestina” contra Gunnar e Frida Vingren

Em uma retomada dessa trama, como consequência dos artigos de Frida, em 21 de abril de 1931, uma carta contra ela foi endereçada a Lewi Pethrus, remetida por um grupo de pastores nordestinos, dentre os quais estão alguns nomes conhecidos. Eles foram signatários do manifesto para a Convenção de Natal. (Ver anexo 31). Nesse ponto, a trama que envolveu a relação de Gunnar e Frida entre a fé e o “poder”, é definitivamente acirrada e a “trocação” de cartas revela os bastidores da Igreja, àquilo que se passava entre a liderança sueca e brasileira, àquilo que os jornais, no máximo, revelavam de modo implícito, como na publicação de Nils Kastberg sobre o “silêncio”.

Sendo assim, o conteúdo dessa carta, datada de 21 de abril de 1931, deve ser analisado. Transcrevemos a sua íntegra:

Natal, 21 – 04 – 1931. Caro irmão Lewi Pethrus, a Paz seja consigo! Lembramos com alegria a visita do amado irmão Lewi Pethrus! Desde d’aquelle tempo, temos fructos. Gloria á Jesus! As descicões que foram feitas na convenção em Natal durante a estadia do irmáo, tem em parte sido obedecidas, porém tambem outras cousas não se obedeceu. Aqui em norddestre, como tambem em todo o norte, todos os ministros unanimes protestamos, primeiramente pela entrada de

---

<sup>597</sup> PINHEIRO, 2009, p. 26.

Irmá Frida como redactor do jornal “Mensajeiro de Paz”. As circunstancias não estavam em harmonia com está collocação. Fora d’isto, Irmá Frida tem escripto diversos artigos, entre elles um, que tem como titulo “O Pastor”. N’este artigo ella ensina como deve estar um pastor, como tambem como o trabalho deve ser dirigido. Irmáo Pethrus, todos nos reunidos aqui, e garantimos, de alagóas até Pará todos os ministros do Senhor Jesus protestam contra esta direccáo da Irmá Frida. A velha questáo acerca da mulher como dirigente accende-se de novo e, certo é, se continuar como está, haverá um levante, talvez de um character ainda mais milindroso do que o primeiro. Segundo nos sabemos, não tem um missionario aqui que véem com bons olhos esté trabalho de Irmá Frida. Depois da convencáo em Natal, segundo o que fallavamos ahi, as irmás trabalham para o Senhor, testificando o amor de Deus! Temos visto que Deus está usando ellas para o desenvolvimento do trabalho. Mas tambem as referidas irmás sabem-se collocar no logar onde devem estar. Devemos andar prudentemente, sómente entrar nas portas que stáo abertas, assim teremos paciencia esperar até que se abrem as portas. Appellamos para o irmáo Pethrus, e para os irmáos na Suecia em Stockholmo a orar por nos, para que a perfeita paz e unidade reine em nosso meio! A segunda questáo é a retirada do nosso irmáo Samuel Nyström. Tem chegado para nosso conhecimento, que irmáo Samuel deixará o nosso paiz. Para alguns elle já escreveu isto. Nos não crémos que isto sera conforme a vontade do Senhor Jesus! Com a retirada do nosso irmáo Samuel, por questoes com irmá Frida, haverá grandes desintelligencias entre os nativos. Por causa d’isto, desejamos que a Assembléa de Deus em Stockholmo fará todo o possivel para que o nosso irmão Samuel ficará neste paiz em continuacáo. O trabalho esta em progresso, desejamos as vossas oraçóes! Unidos mandamos as nossas cordiaes saudaçoes para o irmáo e os demais irmáos desejamos mais uma visita do irmáo e já agora saudamos irmáo bemvindo! De vossos irmáos em Christo, Cicero Lima. Napoleao de Oliveira Lima. Francisco Gonzaga. Joao Baptista. Jose Amador. Amaro Celestino.<sup>598</sup>

Essa carta possui uma versão em sueco.<sup>599</sup> (Ver anexo 32). A tradução teve o sentido óbvio, alcançar o seu destinatário, Lewi Pethrus, em Estocolmo, mas, a versão em português deve ter servido para compartilhar e documentar entre os pastores nordestinos, o que parece ter sido uma reivindicação comum de todos e, por que não, de todas. Essa foi uma ação inédita e também temerária, um apelo desesperador ante a “crise” que a Igreja continuava enfrentando após a Convenção de Natal.

A primeira constatação que temos na leitura da carta é que ela foi datilografada e está, demasiadamente, repleta de erros tendo por base o português da época, principalmente erros de acentuação. Optamos, como já temos feito com os jornais, em manter a originalidade da grafia da carta, mesmo com os erros, ou melhor, por causa dos erros, pois eles também falam e, inicialmente, nos instigam a indagar:

Quem teria datilografado a carta? Um dos pastores que abaixo assinam? Se há uma versão em sueco, é evidente que quem a traduziu foi um missionário sueco, pois, nenhum dos brasileiros que assinaram a carta falava sueco. Teria sido Samuel Nyström o

<sup>598</sup> LIMA, Cícero. et al. [Carta]. 21 de abril de 1931, Natal [para] PETHRUS, Lewi. Estocolmo. 2f.

<sup>599</sup> Ambas a versões estão nos Anexos dessa pesquisa, assim como outros documentos e fotos.

autor?<sup>600</sup> Nesse período ele estava pastoreando a Assembleia de Deus em São Paulo, tendo se transferido de Belém em 1930. Isso não o impedia de ser um dos diretores do *Mensageiro da Paz*, nem tampouco, de se comunicar com os pastores do Nordeste. Mas, pode ter sido Joel Carlson,<sup>601</sup> que pastoreava em Recife, portanto, mais próximo de Natal e que nessa trama estava coadunado com os pastores nordestinos, chegando a enviar outra carta no mês seguinte para Lewi Pethrus. Para além dessas hipóteses, Samuel Nyström é citado na carta, e por isso, é razoável afirmar, no mínimo que, como líder institucional, isto é, primeiro missionário enviado pela Igreja Filadélfia, maior antagonista de Frida e do ministério feminino, ele sabia dessa carta, e não há dúvidas que a endossava.

A pergunta que nos instiga é: porque enviaram uma carta diretamente à Suécia para Lewi Pethrus e não a Gunnar Vingren<sup>602</sup> que era o líder da igreja no Brasil, já que não se viram autônomos para resolverem a questão? Mais do que isso, por que recorrer a Pethrus se ele mesmo na Convenção de Natal deliberou a entrega de todas as igrejas das regiões Norte e Nordeste aos pastores brasileiros estabelecendo assim autonomia da Assembleia de Deus nos país em relação à missão sueca? Pethrus não era adepto do modelo de “igrejas livres”,<sup>603</sup> e, portanto, tais igrejas deveriam ser independentes de quaisquer formas e interferências de governo estatal e institucional-elesiástico? Parece que estamos diante de uma grande contradição da qual Gedeon Alencar diz:

É muito estranho que a Filadélfia, tão ciosa de interferência estatal em suas atividades, tão autônoma como “igreja livre”, visceral em modelo congregacional, mas em se tratando de Brasil, age de forma episcopal. [...] Oficialmente Pethrus e a *Igreja Filadélfia* não tinham direito, autoridade e legalidade nenhuma para interferir. Mas, parece, Pethrus gosta disso. Ele é pastor batista com pretensão episcopal [...].<sup>604</sup>

<sup>600</sup> Valéria Vilhena afirma que “Nyström ainda morava em Belém nesse período e, certamente, foi ele quem escreveu quem a traduziu para o sueco, se não foi também quem escreveu a carta em português”. VILHENA, 2018, p. 254. Mas, o certo, é que Samuel Nyström já não estava mais em Belém nesse período, Nels Nelson havia assumindo pastorado da Igreja em 1930. Cf. ARAÚJO, 2007, p. 510.

<sup>601</sup> A jornalista Kajsa Norell acredita ter sido Joel Carlson o tradutor da carta. Segundo Norell a carta “tem a mesma maneira peculiar de ignorar os espaços após a pontuação”. NORELL, 2011, p. 234.

<sup>602</sup> Gedeon Alencar comenta, sucintamente, acerca do teor geral da carta dizendo: “Os nativos nordestinos pedem para Pethrus tirar Frida e manter Nystron (Quem afinal escreveu essa carta? O próprio Nystron?) e isso foi um golpe contra Vingren, pois ele veio por uma ‘revelação de Deus’, e essa igreja, da qual os nativos e os suecos faziam parte, era a prova da veracidade de tal revelação”. ALENCAR, 2013, p. 154.

<sup>603</sup> Pethrus chegou a afirmar “desde de que estive no Brasil, em 1930, tenho falado aos missionários e pastores sobre esses pontos de vista, e de toda a parte me vem a ideia de que a igrejas em nossos campos de trabalho deveriam ser independentes o quanto antes, e elas mesmas devem tornar-se igrejas missionárias que estendem o evangelho no próprio país e fora de seus limites”. PETHRUS, 2004, p. 225.

<sup>604</sup> ALENCAR, 2013, p. 154.

Observando a carta, após uma breve saudação a Lewi Pethrus, trazendo a memória sua visita a Natal, eles vão direto ao ponto, informando a Pethrus que “as descicões que foram feitas na convenção em Natal durante a estadia do irmão, tem em parte sido obedecidas, porém também outras cousas não se obedeceu”. Ao analisar os efeitos das decisões da Convenção, não há parte obedecida e outras não. Na verdade, e, supondo o que eles tentavam dizer, unicamente a decisão sobre o ministério feminino não estava sendo obedecida, o que perpassava a produção do jornal *Mensageiro da Paz*. Por isso, expressaram na carta que havia alguém responsável por essa “desobediência” e não era ali que residia o problema, pois, afirmam “aqui em nordestre, como também em todo o norte, todos os ministros unânimes protestamos, primeiramente pela entrada de Irmá Frida como redactor do jornal ‘Mensageiro de Paz’”. O problema não residia nos Estados do Norte e Nordeste. A culpada estava no Rio de Janeiro e, como principal redatora, estava escrevendo e publicando no jornal a todo o vapor: Frida Vingren.

Eles afirmam que todos os ministros, unânimes, protestaram contra Frida, e, é certo que há algum sueco por trás endossando o protesto. Não podemos ignorar a expressão que eles usaram na carta ao se referir a Frida “como redactor do jornal”. Isso não foi datilografado errado e despercebidamente. Os pastores que assinam a carta não chamam Frida de redatora, por que essa função inexistia, ela não deveria estar ali. Tratam da função dela no jornal como uma atividade de homens, portanto, ilegítima unicamente por ela ser mulher e, suspostamente, por não ter obedecido à resolução de Natal, implicando no fato de continuar ensinando que a mulher pode participar do ministério, dons e chamado igualmente como os homens. Sua atividade como redatora implicava no risco de ela publicar e propagar tais ideias no jornal. Isso era inadmissível! Era o *ethos* sueco-nordestino em pleno funcionamento. O ranço machista, patriarcal e coronelista desses pastores nordestinos falou mais alto e aflorou em forma de uma carta, o que consideramos ter sido um golpe traiçoeiro contra Gunnar e Frida Vingren.

A prova nevrálgica do impacto que Frida causou, escrevendo nos jornais vem a seguir quando afirmam: “Fora d’isto, Irmá Frida tem escripto diversos artigos, entre elles um, que tem como titulo ‘O Pastor’”. N’este artigo ella ensina como deve estar um pastor, como também como o trabalho deve ser dirigido”. Uma primeira impressão que temos é de uma ignorância notável no comentário feito sobre o artigo “O Pastor”. A ignorância seria a explicação mais provável para explicar o que esses pastores, “cabras machos”, entenderam sobre o que Frida expôs.

Além disso, outra explicação, seria a decisão intransigente desses pastores em negar, de modo tão desonesto, que Frida estava certa e que poderiam haver muitos pastores homens que possuíam o título e o reconhecimento público, sem possuírem a realidade da vocação e do dom tendo no amor a maior expressão do pastorado. Em suma, esse foi o teor geral da exposição de Frida. Mas, é evidente que eles estavam determinados a acabar com o ministério dela. Argumentam e repetem a Pethrus que do Estado do Alagoas até o Estado do Pará “todos os ministros do Senhor Jesus protestam contra esta direcção da Irmá Frida”, e apresentam o motivo “a velha questão acerca da mulher como dirigente accende-se de novo”, e como efeito eles temem que “se continuar como está, haverá um levante, talvez de um caracter ainda mais milindroso do que o primeiro”. O uso da palavra *levante* nos dá a constatação que Frida não estava sozinha e, ao que parece, temos nela uma representação de tantas mulheres que acreditavam que poderiam fazer mais do que afazeres domésticos, ou, talvez, já estivessem fazendo, e por isso, denominam tal movimento de melindroso.

A seguir, o grupo de pastores informa que, “segundo nos sabemos, não tem um missionario aqui que véem com bons olhos esté trabalho de Irmá Frida”. Não sabemos o impacto que as publicações de Frida tinham para aqueles e aquelas que liam os jornais. Capturar essa realidade parece ser impossível, mas, já foi demonstrado que haviam membros da Igreja que concordavam com Frida, como nos casos das consagrações que Gunnar fez no Rio de Janeiro. O fato de Gunnar ser um missionário já demonstra que há um exagero em dizer que não há um missionário que aprecie o trabalho de Frida.

Porém, o missionário Otto Nelson, que nesse tempo estava na Bahia, mas, que ficara no Alagoas até 1930, é um exemplo de que os pastores exageraram. É importante lembrar que Nelson foi um missionário sueco que imigrara para os EUA e dali foi comissionado para a obra missionária, chegando ao Brasil em 1914. Com auxílio de Gunnar Vingren, Nelson começou a pregar no Estado do Pará.<sup>605</sup> Portanto, ele não tinha sido enviado pela Igreja Filadélfia, e, tal como Vingren, tinha vindo para o Brasil sem nenhum vínculo denominacional. Sua esposa, Adina Nelson era uma boa pregadora e muito ativa na participação dos trabalhos (Ver anexo 5). Certa feita Otto Nelson, escreveu uma carta para Estocolmo queixando-se de que haviam missionários suecos impedindo a atuação de sua esposa.<sup>606</sup>

---

<sup>605</sup> CONDE, 2006, p. 39.

<sup>606</sup> ARAÚJO, 2014, p. 106.

Em sua pesquisa, Kajsa Norell resgata uma carta de A. P. Franklin enviada ao jornal *Evangelii Harold*, o então secretário de missões na Svenka Fria Missionen (Missão Livre Sueca). Sob a influência de Nyström e pela justificativa do meio ambiente brasileiro Franklin ressalta a necessidade do envio de mais missionário ao Brasil enfatizando ao menos duas vezes que deveriam ser homens. De acordo com Kajsa Norell “em outras palavras, o apelo era sobre não enviar mais missionárias como Frida ou Adina, esposa de Otto Nelson. Eles precisavam de homens. De preferência com as mesmas qualidades de liderança de Frida e Adina, mas, do sexo masculino”.<sup>607</sup>

Em um determinado ponto de seu livro Kajsa Norell informa que enquanto se acirrava a questão do ministério feminino por causa dos textos de Frida, Otto Nelson teria dito que “todos os outros missionários se levantaram contra Samuel Nyström, mas, isso acabou não acontecendo de verdade. Pelo menos alguns dos missionários acabaram vindo para apoiar Nyström”.<sup>608</sup> Dessa forma, Nyström conseguiu persuadir a maioria dos missionários suecos e pastores brasileiros fazendo, assim, muitos aliados.

Em visita aos arquivos da Igreja Filadélfia, Kajsa Norell encontrou uma carta de Otto Nelson para Paul Ongman,<sup>609</sup> o então secretário de missões na Svenka Fria Missionen (Missão Livre Sueca) que substituiu A. P. Franklin em 1930. Nessa carta Otto Nelson comenta sobre Frida, afirmando que “‘Deus lhe deu grandes presentes e se pergunta por que ela não deveria usá-los’. Mas até sua esposa foi afetada pelas restrições sobre como as mulheres podiam operar na assembléia de Deus”.<sup>610</sup> Mais adiante, Otto Nelson inclui sua esposa Adina Nelson relatando, que, enquanto esteve fora, “Adina liderou as reuniões e ajudou outros irmãos a testemunhar sobre Deus [...] mas, o irmão Nyström nos disse que Adina havia agido errado [...] é realmente angustiante quando você ouve algo assim”.<sup>611</sup> A fala de Otto Nelson representa que ele resistia ao olhar regulador de Samuel Nyström além de demonstrar que Gunnar e Frida não estavam sozinhos.

A seguir, na carta, os pastores nordestinos lembram da resolução de Natal, reafirmando que desde lá “as irmãs trabalham para o Senhor, testificando o amor de Deus!”, e depois, enfatizam que como resultado disso “Deus está usando ellas para o desenvolvimento do trabalho. Mas também as referidas irmãs sabem-se collocar no lugar

---

<sup>607</sup> NORELL, 2011, p. 190.

<sup>608</sup> NORELL, 2011, 181.

<sup>609</sup> Paul Ongman, líder e estrategista sueco pentecostal de missões e escritor. Trabalhou como secretário de missões na Svenka Fria Missionen (1930 a 1945) liderado pela Igreja Filadélfia. ARAÚJO, 2007, p. 533.

<sup>610</sup> NORELL, 2011, p. 223.

<sup>611</sup> NORELL, 2011, p. 223.

onde devem estar”. Portanto, a lógica simples do argumento é: Deus só pode usá-las se elas estiverem no seu devido lugar. Que lugar era esse? O espaço determinado pelos homens da Igreja no qual as mulheres deveriam “andar prudentemente”.

Temos, então, aplicado a essas mulheres, aquilo que Valéria Vilhena chama de “mecanismo de poder e regulação”, executado por Samuel Nyström, pois, ele “age de forma controladora e centralizadora, definindo os espaços que as mulheres podiam ou não utilizar, qual ocupação podiam ter, o quanto podiam fazer – tudo isso ele pensava estar sob seu controle”.<sup>612</sup> Apela a Pethrus “para que a perfeita paz e unidade reine”, pois, é certo que, para eles, Frida estava produzindo guerra e divisão.

Nesse ponto, devemos considerar o que disse uma fonte oral oriunda da pesquisa de Gedeon Alencar. Trata-se de um pastor com mais de 80 anos de idade que não teve o seu nome revelado. Ao ser perguntado: por que Frida era a única mulher presente na foto oficial dos missionários suecos participantes da Convenção de Natal? (Ver anexo 15). Onde estão as esposas dos outros? Ele respondeu rispidamente: “Mas a Convenção de 1930 aconteceu por causa dela!”<sup>613</sup> Aqui temos revelado o que a bibliografia oficial jamais publicou ou vai admitir: O fato da Primeira Convenção Geral das Assembleias Deus ter sido realizada por causa de uma mulher, chamada Frida Vingren. Somente isso poderia explicar a revolta desses pastores em sua carta a Pethrus.

Na segunda parte da carta, Samuel Nyström é o assunto. Vemos que os pastores nordestinos estão bastante preocupados com uma possível “retirada” de Nyström, pois, souberam que ele deixaria o país, afirmando que “para alguns elle já escreveu isto”. Supomos que isso fazia parte das ameaças melindrosas que Samuel Nyström chegou a fazer nesse período, inclusive, como já relatado, para o próprio Gunnar Vingren, quando este se manteve firme na decisão de aproveitar melhor o trabalho das mulheres na Igreja.

A saída de Nyström do Brasil é algo inadmissível para os pastores brasileiros, pois representaria a derrota do fundamentalismo do qual eles se retroalimentavam, por isso, expressam, convictamente, não crerem ser esta “a vontade do Senhor Jesus”. Os motivos da possível saída, são as “questões com a irmã Frida”, e afirmam que se isso ocorrer, “haverá grandes desintelligencias entre os nativos”. Essa declaração é uma das comprovações de que os pastores brasileiros ainda se veem como totalmente dependentes da Igreja Filadélfia, da missão sueca em si. Eles mesmos se autodenominam

---

<sup>612</sup> VILHENA, 2019, p. 253-254.

<sup>613</sup> ALENCAR, 2010, p. 125.

como nativos, termo próprio do “missionário colonizador” que lhes imprime sua cultura e visão de mundo, ao ponto de subestimarem a sua própria inteligência que, em tese, comprovaria àquela suposta autonomia requerida por eles quando escreveram o manifesto para Convenção de Natal. Que contradição! Nesse momento Nyström representa ser o maior esteio deles.

Sendo assim, acreditam e afirmam que “a Assembléa de Deus em Stockholmo fará todo o possível para que o nosso irmão Samuel ficará neste paiz em continuação”. Além do erro de conjugação verbal expresso na frase “o nosso irmão Samuel ficará”, eles cometem outro grande erro ao chamarem a Igreja de Estocolmo de Assembleia de Deus, pois, trata-se da Igreja Filadélfia da qual Lewi Pethrus é o pastor principal. Ou ele seria um Bispo?

Acerca desse ato falho, Gedeon Alencar observa:

Os suecos não lhes explicaram que na Suécia não existiam ADs, e que eles eram pentecostais batista? E sendo de natureza congregacional não era permitido que uma igreja – mais grave, uma pessoa, no caso Pethrus – decidir algo sobre outra igreja? Aqui falou mais alto o machismo sueco. Misoginia não distingue nacionalidade.<sup>614</sup>

A dependência e subordinação que demonstravam na carta, faz de Pethrus um Bispo que deve agir e interferir na situação, sob um modelo de governo episcopal de igrejas, algo absolutamente contrário às ideias que ele mesmo defendia de “igrejas livres”. São muitas as incongruências. Eles concluem a carta e a assinam: “Cicero Lima. Napoleao de Oliveira Lima. Francisco Gonzaga. Joao Baptista. Jose Amador. Amaro Celestino”. Desses nomes, em comparação com os nomes dos pastores que assinaram o manifesto para Convenção de Natal, apenas os nomes de João Batista e Amaro Celestino não constam na lista.

A carta é uma extensão do manifesto da Convenção de Natal. Nyström já havia vencido em Natal, mas, os “problemas” continuaram e, em nenhum momento vemos Vingren considerar a hipótese de ir embora do Brasil. Nyström sim, sempre que lhe parece oportuno, ameaça ir, como numa espécie de jogo dissimulador de sua liderança junto aos pastores brasileiros, em sua maioria “do Alagoas até o Para”, portanto, sobre a grande maioria de pastores da Assembleia de Deus. A essa altura “Vingren perdeu carisma e liderança. Boicotado por contrerrâneos e brasileiros, foi forçado a abandonar o campo”.<sup>615</sup>

---

<sup>614</sup> ALENCAR, 2013, p. 154.

<sup>615</sup> ALENCAR, 2013, p. 152.

Mas, nesse ponto, é oportuno afirmar, pelo “conjunto da obra” que a conspiração na carta representa um golpe contra Gunnar e Frida. A preparação de um golpe é sempre antecipada por um suposto testemunho de piedade e santidade em torno de um *status quo*, feito inclusive, e, na maioria das vezes no assentimento da maioria e em nome de “Deus”. Reiteramos o que disse Niebuhr ao tratar de traições do gênero na história do cristianismo: “a Igreja se colocou na defesa dos privilégios que lhe garantiam a segurança, na santificação do *status quo*, e a religião resultante dessa traição tornou-se a principal sustentação da ideologia das classes dominantes, da luta pela santificação dos objetos”.<sup>616</sup>

Assim, ousamos afirmar que todas as vezes que a religião cristã se institucionalizou, sob qualquer signo ou denominação, utilizando da fé e do nome de Deus para ter “poder” sobre a humanidade de homens e mulheres, ela se tornou a pior inimiga do Evangelho. Se assim o fez, em nada se diferenciou do que fizeram – e ainda fazem – os grupos econômicos e as classes dominantes de um país em seu próprio sistema de governo, considerando ser a Igreja uma estância profética que deve manifestar, para os seus e para os de fora, o governo e a justiça do Reino de Deus.

No mês seguinte à carta dos pastores a Lewi Pethrus, em maio de 1931, foi enviada uma segunda carta, desta vez, com uma reação do missionário Joel Carlson que pastoreava a Igreja de Recife-PE. Foi mais um levante contra Frida por causa da publicação do artigo “O pastor” no *Mensageiro de Paz*, três meses antes, em fevereiro. A carta diz assim:

Você pode imaginar, querido irmão Pethrus. Tudo estava tão bem, todos os crentes aqui no Brasil louvaram a Deus por sua visita e pela conferência em Natal. Todos aguardavam ansiosos pelo novo jornal e, quando chegou, todos puderam ler, com estilo arrojado: “Redator, Frida Vingren”. Foi um tapa na cara e a ferida que foi curada, ou pelo menos estava curando, se abriu novamente. Agora, não a critico como redatora do jornal, mas, isso pode ser entendido por qualquer um [...] como intrusões de Gunnar e Frida. Depois de um tempo, o artigo 'O Pastor' chegou, ele literalmente acendeu um fogo na multidão e a divisão se tornou ainda maior. Assim, a irmã Vingren perdeu a simpatia entre os crentes. Algo deve ser feito para que este maravilhoso trabalho não sofra derrota ou decaia. Além disso, todos os irmãos que eu conversei estão sofrendo com esse trabalho da irmã Frida.<sup>617</sup>

Kajsa Norell acessou uma carta em que Frida escreveu para Pethrus acerca da carta de Carlson que, de algum modo ela tomou conhecimento: “Não lanço nenhuma culpa

---

<sup>616</sup> NIEBUHR, 1967, p. 17.

<sup>617</sup> NORELL, 2011, p. 232.

sobre Joel. Ele estava com um pouco de medo dos nativos e de Samuel”.<sup>618</sup> E Norell completa afirmando: “Talvez tenha sido um erro de juízo Joel Carlson fazer exatamente o que Samuel Nyström queria”.<sup>619</sup> Nyström conseguia amedrontar os brasileiros e brasileiras, missionários e missionárias, e Frida sabia disso. Ela também sabia do impacto do seus textos no jornal. Avaliando o contexto e a tensão desse ambiente Kajsa Norell vê Samuel Nyström pronto para ir até às últimas consequências contra Frida. Ela afirma:

Samuel Nyström provavelmente teria facilmente levado com ele no púlpito os pastores e evangelistas do Nordeste brasileiro na luta contra as mulheres. Frida Vingren era uma ameaça ao seu orgulho, talvez até à sua identidade como homem. Mesmo que tenham ganhado poder sobre o movimento, isso não foi suficiente. Eles queriam parar Frida Vingren. [...] Samuel Nyström pensa que, a menos que Frida entregue o cargo de redatora, um “jornal de oposição” será publicado no Norte e, nesse caso, ele trabalhará com ele.<sup>620</sup>

A Convenção de 1930 foi realizada para evitar divisões, mas, passados menos de um ano, as cartas revelam que a Igreja continuava dividida. A ameaça de Nyström é, se Frida não entregar o cargo de redatora e sair do jornal, ele criaria um jornal de oposição no Norte. Nyström tem o apoio da maioria, pois, ele tem o “poder” e o carisma necessários, embora a manipulação seja sua maior arma. Como apontado por Max Weber,<sup>621</sup> Gedeon Alencar assevera que “a transmissão do carisma nunca acontece sem lutas”.<sup>622</sup>

Em setembro de 1931 Joel Carlson visitou o Rio de Janeiro e foi juntamente com Samuel Hedlund à casa da família Vingren. Gunnar não estava presente, portanto, Frida estava sozinha, mas, foi abordada por eles. Segundo Norell, desse encontro Carlson escreveu o seguinte a Pethrus:

O Sr. Vingren não estava em casa, apenas a irmã Frida. Depois de nos cumprimentarmos, a irmã Frida começou a falar sobre o trabalho e, entre outras coisas, ela disse: “Vocês irmãos, sabem que Gunnar irá para a América em breve?” Eu respondi: “O que ele vai fazer lá?” [...] Sim, isso ainda não está decidido. Depende da resposta que Gunnar receber de Pethrus. [...] ele deve ir para a América [...] Em seguida, opus-me: “Mas, vocês não têm condições o quanto nós, outros missionários da Filadélfia. E, a propósito, vocês recebem 40 dólares por mês de uma Igreja [Igreja do Evangelho Quadrangular de Aimee Semple McPherson]. E assim vocês recebem de algumas pessoas o que nenhum outro missionário recebe”. E então Frida ficou furiosa e disse: “Talvez os suecos queiram nos chamar pra casa”, ela objetou. Sim, veja, eu certamente não vou mais

<sup>618</sup> NORELL, 2011, p. 232.

<sup>619</sup> NORELL, 2011, p. 232.

<sup>620</sup> NORELL, 2011, p. 235.

<sup>621</sup> Max Weber apresenta *o nascimento e transformação da autoridade carismática* afirmando que “a ‘transmissão do carisma’, então, pode acontecer por nova escolha, por revelação, por designação do sucessor, por qualificação profissional, por hereditariedade, por transferência do carisma ao cargo. E isso ‘nunca acontece sem lutas’”. WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 4ª ed. Brasília: Unb, 1998, p. 166.

<sup>622</sup> ALENCAR, 2013, p. 150.

para casa, como Pethrus fez comigo. Eu não quero vê-lo. Não queremos ter mais nada a ver com os suecos e não queremos vê-los”. [...] Assim que disse isso, ela bateu nos braços e pisou forte no chão. Hedlund e eu.<sup>623</sup>

O teor dessa carta apresenta um Joel Carlson invasivo, considerando, inclusive, a ausência de Gunnar. Aparentemente estava ressentido pelo fato de Gunnar e Frida terem o apoio financeiro que eles não tinham da Igreja Filadélfia, embora, o que Gunnar e Frida tinham não fosse o suficiente. Em seu diário Gunnar relata a situação econômica<sup>624</sup> da sua família no último ano em que estavam no Brasil. Vingren teria escrito isso a um amigo nos EUA, o qual havia ouvido falar que Vingren vivia muito bem no Rio de Janeiro e por isso deixou de lhe enviar ofertas:

Durante o ano passado, eu tinha uma dívida. Então fizemos um esforço especial durante o último trimestre, e passamos a viver com quase nada durante esse tempo, para eu poder pagá-la. Minha família teve de andar com roupa velha e usada para que eu pudesse pagar as outras dívidas.<sup>625</sup>

Acerca da condição econômica de Vingren, se faz necessário pontuar que os pentecostais suecos desenvolveram uma mentalidade de que o pastor ou missionário deve *viver pela fé*, e isso significa dizer que, passar necessidade até confirma o chamado. Isso transmigrou-se para a práxis da igreja brasileira. Norell relata uma publicação da Revista *A Seara* de 1957 em que o missionário Daniel Berg passava necessidade no interior de São Paulo.<sup>626</sup> Berg quase passa despercebido em toda essa história, pois, ele nunca se interessou por discutir tópicos de natureza político-eclesiástica. (Ver anexo 3).

A carta revela que Vingren recebia uma oferta de 40 dólares por mês de Aimee McPherson, valor considerável à época.<sup>627</sup> Carlson reitera o fato. Não se tratava apenas do fato que o casal recebia mais ofertas que os outros missionários suecos, mas, do remetente da oferta, Aimee McPherson, que matinha comunicação com o casal no Brasil.<sup>628</sup>

<sup>623</sup> NORELL, 2011, p. 235-236.

<sup>624</sup> A publicação diz: “O irmão Berg reside em São Paulo (Santo André). Não sei como ele vive ultimamente; tive, contudo, notícias desagradáveis com relação a sua condição de vida, não tem o descanso que merece, nem o conforto que lhe devemos proporcionar. Irmãos, não sejamos injustos, lembremo-nos de auxiliar o tão amado pioneiro da obra pentecostal no Brasil. Adrião Nobre”. NORELL, 2011, p. 326.

<sup>625</sup> VINGREN, 1972, p. 222-223.

<sup>626</sup> Kajsa Norell lembra que “era caro morar no Rio de Janeiro (tinham seis filhos para criar) e parece que Paul Ongman já tinha compreendido que a família Vingren precisava mais do que a Igreja da Filadélfia fornecia”. NORELL, 2011, p. 236-237.

<sup>627</sup> Mais adiante Norell relata ter lido uma carta em que Ongman e Pethrus realmente pediram que Gunnar que negociasse com McPherson. Eles admitiam que não poderiam cumprir suas reponsabilidades com a família Vingren. Ou teria sido mais uma ameaça. [...] se eles queriam permanecer como missionários da Filadélfia, precisavam se adaptar. NORELL, 2011, p. 253.

<sup>628</sup> Norell acessou uma carta de Aimee McPherson a Gunnar Vingren: “Seu trabalho é o mais difundido e completo que já vimos, e sua organização parece ser um exemplo brilhante de toda a atividade

Como apontado por Valéria Vilhena, para os missionários contrários ao ministério de Frida, “Aimee não era um exemplo de mulher submissa e subalterna, ao contrário, foi uma líder e com uma vida pessoal de má fama para os moralistas da época”.<sup>629</sup> É por essa razão que Carlson não hesita, nem se constrange em focar para Pethrus o que ouve de Frida, incluindo *aspas* nas falas dela na própria escrita da carta. Sua intenção é avisar Pethrus dos planos do casal apesar de sua situação financeira.

O argumento de Frida deixa claro que eles estavam prontos para ir para os EUA,<sup>630</sup> e até mesmo, se separar da missão sueca e do próprio Pethrus, conforme a resposta que Gunnar receberia dele. Frida parece não suportar mais a pressão a ponto de não querer nem mais ver Pethrus, pois, conforme Carlson, ela teria dito “Eu não quero vê-lo. Não queremos ter mais nada a ver com os suecos e não queremos vê-los”. Frida já teria dado tempo suficiente para que Pethrus agisse em favor deles, mas, não o fez. Norell ainda registra o fato de Frida ter escrito uma carta para Pethrus questionando por que seus artigos não estavam mais sendo publicados no jornal *Evangelii Harold* como de costume.

Nesse ponto de sua análise Kajsa Norell considera que:

O destino de Frida está selado em algum lugar. Ela já havia, em uma carta a Lewi Pethrus, criticado o *Evangelii Harold* em certo sentido, perguntando por que o jornal não publicava mais seus artigos, um sinal claro de que sua estrela estava em declínio. O fato de ela e Gunnar, como Joel Carlson escreve, estarem pensando em ir para a América provavelmente foi algo muito sério aos olhos da Igreja da Filadélfia. O fato de terem recebido dinheiro de outras pessoas que não eram da congregação, provavelmente não foi bem visto, porque significava que a Igreja da Filadélfia e seu homem forte, Lewi Pethrus, não tinham controle total sobre eles. Talvez tenha sido ainda mais polêmico o fato de o dinheiro ter saído precisamente de Aimee Semple McPherson, que era uma pessoa controversa no em muitas partes do mundo.<sup>631</sup>

Portanto, ao ter a vida financeira da família questionada, Frida explode enfurecida e indignada, pois, “ela bateu nos braços e pisou forte no chão”. Esse temperamento, bem como seu total desprendimento deve ter surpreendido Carlson, pois “os homens da época não admitiam que uma mulher demonstrasse ser inteligente, autônoma, estudada e esclarecida. Argumentar é compreendido como desafiar ordens”.<sup>632</sup> Por isso, Carlson também decide ir reclamar de Frida para o próprio Gunnar e escreve o

---

missionária, que deve ser seguido. Sabemos que o trabalho dos missionários, na melhor das hipóteses, é árduo e pesado, mas vale a pena, tanto nesse tempo, quanto na eternidade”. NORELL, 2011, p. 252.

<sup>629</sup> VILHENA, 2018, p. 228.

<sup>630</sup> Norell reitera que “Frida pode ter olhado para os EUA, onde, dentro da equivalência da Assembléia de Deus as mulheres eram nomeadas (ordenadas) pastoras”. NORELL, 2011, p. 237.

<sup>631</sup> NORELL, 2011, p. 238.

<sup>632</sup> VILHENA, 2018, p. 229.

resultado dessa conversa a Pethrus. Kajsa Norell informa trechos dessa carta:

O Sr. Vingren lamentou o comportamento da irmã Frida, dizendo que agora ela havia abandonado a idéia de ir para a América e que queria ficar com os suecos. [...] Gunnar disse: “Sofri muito pelas mulheres neste país e posso também sofrer por minha própria esposa”. Eu não considero correto a manutenção dos irmãos Vingren nessa equipe escassa, nem que falem mal do irmão, pois todos sabem que todos vocês fazem o seu melhor por nós. [...] Mas ter dito: “Eu não quero vê-lo. Não queremos ter mais nada a ver com os suecos” [...] Gunnar Vingren está atrasando o trabalho, então, a melhor coisa para ele seria voltar para casa para descansar. A irmã Frida, por outro lado, parece muito saudável, mas, é extremamente histérica. Meu querido irmão Pethrus. Espero que você me entenda, não é nada contra os Vingren, mas, acredito que a verdade está por vir. Todos os missionários concordam que a melhor coisa para os amigos Vingren é voltar para casa por um tempo. [...] acho que todo o Brasil, os crentes esperam que os Vingren saiam do Rio. Seu irmão no senhor.<sup>633</sup>

Embora Samuel Nyström tivesse uma liderança fortíssima sobre os missionários suecos, Joel Carlson surpreende e o supera nessa carta. Consegue fazer Vingren lamentar o comportamento de Frida e recuar na ideia de irem para os EUA. Talvez faltasse mais prudência a Frida em não falar tudo o que disse a Carlson, mas, nesse momento, sua autonomia e seu provável temperamento intempestivo não foram páreos para qualquer tipo de cuidado e prudência, pois, os suecos representavam o controle e o “poder” sobre a Igreja no Brasil, e, por conseguinte, sobre o casal.

Sem hesitar, e, com um suposto zelo pela obra missionária, Carlson pede a Pethrus que não o interprete mal, e sugere a retirada do casal do Brasil, afirmando que Gunnar estava cansado, o que é verdade, além de cansado bastante doente. Mas, Frida era um vulcão em erupção pronta para cumprir sua vocação e usar seus variados dons, mas, para Carlson ela era apenas histérica. Ele concluiu afirmando “achar” que todos os membros das igrejas do Brasil esperam que os Vingren saiam do Rio de Janeiro.

A cidade do Rio de Janeiro possui a representação do *locus* da resistência, pois, ao que parece, era a única cidade em que uma Igreja da Assembleia de Deus tratava homens e mulheres como iguais, especialmente no exercício da vocação e dos dons. Pois, no restante do país, o que significa dizer, no Nordeste brasileiro – onde havia uma Igreja em cada capital – as mulheres não ocupavam nenhum cargo e em hipótese alguma subiam no púlpito.<sup>634</sup> Mas, no Rio de Janeiro, além de dar liberdade às mulheres para atuar no

<sup>633</sup> NORELL, 2011, p. 238-239.

<sup>634</sup> Norell acessou uma carta de Frida enviada a Igreja de Estocolmo pouco antes da criação do jornal *O Som Alegre* para apontar o que Nyström estava publicando e cerceando no jornal *Boa Semente* acerca do ministério feminino, inclusive, fazendo uso das tradicionais Escolas Bíblicas para estabelecer sua visão e não permitir qualquer aprofundamento sobre a questão. Depois de listar sete pontos com argumentos bíblicos para legitimar a atuação da mulher na Igreja, Frida, então, deu testemunho do que estava

trabalho da Igreja, consagrando-as, Frida é a protagonista, como diz Gedeon Alencar, ali “ela prega, canta, toca, escreve poemas, textos escatológicos, visita hospitais, presídios, realiza cultos e – nada comum – dirige a igreja na ausência do marido e, segundo algumas insinuações, na presença também”.<sup>635</sup> (Ver anexo 13).

Nesse sentido, é oportuno ressaltar que, não há registro de movimento de mulheres brasileiras reivindicando ou reclamando de sua condição na Igreja. Frida é quase uma guerreira solitária, com raras exceções, como no caso de Adina Nelson, mas, também Beda Palm, Ester Andersson e Ingrid Andersson-Fransson as quais Norell encontra registrado nas cartas terem sido atuantes no ensino e na pregação, apesar das dificuldades enfrentadas.<sup>636</sup>

#### 5.4 Nyström, Gunnar e Frida: as relações entre a fé e o “poder” da Igreja

A compreensão do que a pesquisa revelou até aqui nos leva a afirmar que Frida Vingren subestimou o “poder” gerado pelo *ethos* sueco-nordestino e para ela a guerra já estava perdida. Conforme assevera Gedeon Alencar “a mistura desses dois tipos de machismo a destruiu”,<sup>637</sup> especialmente, o machismo no Nordeste brasileiro. Acerca de seu esposo Gunnar, Norell indica, o que considerávamos ser uma suposição, que embora Vingren tenha se tornado o grande líder do movimento no país, “parece que ele não tinha desejo de poder, por si próprio”.<sup>638</sup> Mas, Samuel Nyström havia sido criado e preparado para atuar no “poder”, na forma e no conteúdo, na estrutura e na institucionalização da Igreja. Na aplicação do conceito de dominação carismática de Max Weber,<sup>639</sup> Vingren era

---

ocorrendo no Rio de Janeiro: “[...] aqui no Rio foi uma maravilha quando a situação oposta (atuação da mulher) prevaleceu aqui [...] exceto no Rio de Janeiro, as irmãs no Brasil não têm liberdade para testemunhar e falar a palavra de Deus”. NORELL, 2011, p. 240. Além disso, Norell informa um trecho da carta de Frida que ela escreve “Samuel Nyström diz aberta e publicamente que eu violei a palavra de Deus quando frequentei a Escola Bíblica no Rio de Janeiro”. NORELL, 2011, p. 242.

<sup>635</sup> ALENCAR, 2010, p. 124-125.

<sup>636</sup> Kajsa Norell informa que Beda Palm, Ester Anderson e Ingrid Andersson-Fransson “foram ativas no trabalho pioneiro de fundação de congregações. Em uma carta a Lewi Pethrus Beda Palm escreve que ela tem ‘total liberdade para testemunhar tanto aos pecadores quanto ao povo de Deus [...] outra coisa, é se você como mulher’ quiser assumir uma posição de liderança e cuidar da congregação’ [...]. Outra missionária, Ingrid Andersson-Fransson, escreve: ‘Nós irmãs nos vimos necessitadas, e tivemos que recuar, como bem, como para todas as atividades, exceto as de casa. Foi difícil, mas, o Senhor nos apoiou [...]’”. NORELL, 2011, p. 242.

<sup>637</sup> ALENCAR, 2013, p. 121.

<sup>638</sup> NORELL, 2011, p. 247.

<sup>639</sup> Cf. WEBER, 1998, p. 158-160.

o profeta carismático e Nyström o sacerdote da tradição. O carisma do profeta é sempre transitório, com o tempo ele é perseguido e morto. O “poder” do sacerdote é perpétuo e perene, pois, se estabelece na tradição de uma estrutura hierarquicamente sagrada.

Nesse ponto podemos perguntar: o que se passava no jornal *Mensageiro da Paz* ao final daquele fatídico ano de 1931 para Gunnar e Frida? Nos números que saíam mês a mês impressiona o crescimento pujante da obra pentecostal, assim como, relatado nas obras históricas da bibliografia oficial da CPAD. Os relatos eram de que Deus estava abençoando a todos e todas, muitas pessoas estavam crendo e sendo batizadas nas águas e no Espírito Santo, além disso, alguns templos eram inaugurados.

Apesar de toda tensão dos bastidores, Gunnar Vingren e Samuel Nyström continuavam como diretores e também publicavam no jornal. Frida Vingren também publicava seus artigos, hinos e poesias, mas, nada relacionado à sua maior luta, embora no segundo semestre daquele ano, é perceptível que suas publicações tenham diminuído significativamente.

A partir do número da primeira quinzena de junho de 1931, o nome de Frida foi retirado da nominata do quadro editorial. Frida Vingren e Carlos Brito eram os redatores e seus nomes eram informados desde o primeiro número do jornal. Nesse quadro permanece apenas o nome de Gunnar Vingren, sendo o nome de Samuel Nyström também retirado, permanecendo apenas no cabeçalho do jornal como um dos diretores. Nada é informado nos jornais acerca da retirada do nome de Frida, mas, presumimos que, pelo clima que o casal enfrentou naquele ano, essa ação tenha sido fruto de toda a pressão gerada por Samuel Nyström. Nesse momento, Frida sofre com muitas acusações, as quais, hoje, é impossível averiguar sua veracidade,<sup>640</sup> uma vez que o ambiente está carregado de fofocas ligadas às pessoas que queriam pará-la a qualquer custo.

---

<sup>640</sup> Kajsa Norell conjectura que Frida poderia ter adulterado com o redator, Carlos Brito. Norell sustenta essa possibilidade através de cartas e depoimentos, nos quais estão as falas de Paulo Leivas Macalão e Samuel Nyström principais opositores de Frida. A relação deles com essa acusação torna a história do adultério bastante complexa. Recentemente, a história de Frida Vingren ganhou notoriedade na imprensa secular numa reportagem da BBC Brasil feita pela jornalista Camilla Mota, a qual observa: “apesar de não haver uma confirmação documental do romance que a missionária teve com o rapaz, bem mais novo que ela, os indícios levam a crer que isso de fato aconteceu. ‘Eu realmente acredito que seja verdade”, diz Norell, que entrevistou um dos filhos de Frida e algumas de suas netas enquanto escrevia o livro e que identificou o assunto em cartas enviadas à Suécia ‘por pessoas que não eram hostis a ela’”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>. Acesso em: 23 jul 2018. A CPAD se pronunciou acerca da reportagem da BBC. Isael de Araújo, historiador oficial da CGADB, afirmou: “Quanto aos rumores de que ela teria tido um *affair* com um obreiro brasileiro, trata-se apenas de boato. A própria Norell reconhece em depoimento à BBC que não há como provar isso, que é opinião dela apenas. No Rio de Janeiro, quando Gunnar estava enfermo, Frida dirigia a igreja, sendo auxiliada por um obreiro, e porque ambos trabalhavam juntos na Seara do Mestre, esse fator serviu de combustível para

É importante relatar que uma das resoluções da Convenção de Natal foi a de que as Convenções Nacionais seriam realizadas todos os anos, e dessa forma, sendo resolvido que Belém receberia a Convenção de 1931, especialmente pelo fato de que a Igreja-mãe estaria completando 20 anos de existência. Porém, no primeiro número de março do *Mensageiro da Paz*, Gunnar Vingren comunicou um aviso de Nels Nelson acerca da impossibilidade de a Convenção ser realizada em Belém, ao que, sem hesitar, Vingren já sinalizava a possibilidade do Rio de Janeiro substituir a capital paraense.<sup>641</sup>

Dois meses depois, na primeira quinzena de maio, Vingren publicou um comunicado oficial, confirmando a realização da Convenção no Rio de Janeiro de 16 a 31 de agosto daquele ano, e ainda informou que a mudança foi devido a uma “crise”, possivelmente econômica que se passava no Norte. Em um trecho do comunicado ele conclama: “para esta Convenção, são especialmente convidados, desde já, os irmãos que trabalham no Evangelho; os Missionarios, pastores, evangelistas e auxiliares, bem como qualquer um que tenha interesse no trabalho do Senhor”.<sup>642</sup>

No número seguinte, da segunda quinzena de maio, notamos algo que não pode ter ocorrido por acaso, ou seja, sem intencionalidade. O mesmo comunicado foi publicado, porém, o trecho supracitado da edição anterior sofreu uma “pequena” alteração. Gunnar afirma: “Para esta reunião, são especialmente convidados, desde já, os irmãos e as irmãs

---

a formulação de comentários maliciosos. Quando vamos às fontes da jornalista, ela afirma que a história circulou através de cartas de pessoas que espalhavam boatos, e a própria não consegue afirmar com segurança pela inconsistência do conteúdo, isto porque não há comprovação. Então, levanto a seguinte pergunta: Com que objetivo alguém força essa conclusão? Não desejamos esconder o passado, mas, daí a partir para especulações infundadas e maliciosas, não é possível”. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, Outubro de 2018, nº 1601, p. 27 (Ver Anexos a matéria completa). Em sua pesquisa Valéria Vilhena assume a perspectiva de Kajsa Norell afirmando o adultério de Frida: “Nyström e os demais ‘homens de Deus’ ganham uma arma a mais: o pecado de Frida [...] aquele que atinge diretamente a moral cristã, o possível adultério de Frida Maria Strandberg e o jovem carioca [...] Somente após algum tempo e já viúva na Suécia ela confessa ter aberto a porta de seu quarto muitas vezes ao rapaz, enquanto fechou ao seu esposo Gunnar”. VILHENA, 2018, p. 162-163. Gedeon Alencar pondera: “Aceitada a *veracidade* desta versão, surge um problema: se isso de fato foi verdade, como alguns gostam de repetir para justificar seu alijamento, por que isso não foi usado contra ela na carta em que foi denunciada a Pethrus, em 1932? Isso não seria o suficiente para pôr fim à sua atuação no MP, seu ministério e seu casamento? Esse fato poderia ter sido usado na época para calá-la completamente, mas, as acusações são de que ela *manda na igreja, atropela os homens, não obedece a convenção e incita as mulheres contra os obreiros*. A acusação de adultério surge – coincidência? – bem depois das polêmicas. Na falta de argumentos parte-se para ataques pessoais, fórmula bem “eficiente”, especialmente contra mulheres”. ALENCAR, 2013, p. 135-136. Diante do exposto, é impossível constituir uma *representação do real* que possa esclarecer a história do adultério com provas documentais cabais, desvinculadas do carregado ambiente de intrigas o qual Frida Vingren viveu.

<sup>641</sup> Vingren publicou o aviso de Nelson assim: “Conforme o aviso que temos recebido do missionário Nels Nelson, não há convenção em Belém-Pará, este anno. Pensamos, se Deus quiser ter uma semana ou duas de oração e edificação, aqui no Rio, provavelmente no mez de Julho, o que mais tarde anunciaremos mais detalhadamente”. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Março de 1931, nº 5, p. 3.

<sup>642</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Maio de 1931, nº 9, p. 6.

que trabalham no Evangelho; os Missionários, pastores, evangelistas e auxiliares, bem como qualquer um que tenha interesse no trabalho do Senhor”.<sup>643</sup>

Há duas novas palavras no trecho do comunicado. A palavra *reunião* substituiu a palavra *convenção* e a palavra *irmãs* foi inserida ao lado de irmãos como quem, de igual modo, trabalha no Evangelho. O convite é para todos e todas “que trabalham no Evangelho”. Uma primeira questão nos vem à mente: teria sido Frida quem fez as alterações desse texto no jornal? Não sabemos. Gunnar ratifica as alterações. A palavra *reunião* é mais branda do que *convenção*, até por que havia um grupo de missionários e pastores que chegariam ao Rio de Janeiro e não tolerariam a entrada de irmãs na Convenção. Por isso a palavra *irmãs* é inserida em conexão direta com a palavra *reunião*. Depois disso, é no mínimo intrigante que no próximo número do jornal, como já informado, na primeira quinzena de junho, o nome de Frida ter sido retirado do quadro de redatores. Coincidência?

Nos próximos dois números, na segunda quinzena de junho e na primeira de julho, nada mais é publicado sobre a Convenção no Rio de Janeiro, considerando que todos os números, assim como nos meses anteriores, o comunicado de uma Convenção era repetido reiteradamente. O que estaria ocorrendo nos bastidores? O nome de Frida foi retirado do jornal e não se publicou nada mais sobre a Convenção. Haveria alguma correlação? Os jornais nada revelam. No final de julho, Gunnar publicou um pequeno texto fazendo referência à Convenção, revelando certa preocupação: “Aproxima-se a nossa convenção; e esperamos que os irmãos não tenham esquecido da mesma [...] Até agora, poucos irmãos têm avisado a sua vinda”.<sup>644</sup> Essa Convenção seria dirigida por Gunnar Vingren e, supomos que ele estava preocupado em saber se todas as igrejas da Assembleia de Deus se fariam representar.

No número da primeira quinzena de agosto, há uma publicação de propaganda do jornal *Mensageiro da Paz* com uma foto emblemática que circula, inclusive na internet, até os dias de hoje. (Ver anexo 16). Na foto, estão em pé Gunnar, Frida e Sylvio Brito diante dos vários números do *Mensageiro da Paz*. Ao que parece, estão na expedição do jornal, no dia do lançamento daquele número. Na legenda da foto, há mais uma informação

---

<sup>643</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1931, n° 10, p. 7.

<sup>644</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1931, n° 14, p. 8.

intrigante: “eis ahi, o “Mensageiro de Paz” prompto para levar as boas novas a todos os recantos do Brasil; juntamente com um dos seus directores e membros da redacção”.<sup>645</sup>

Nyström não está presente, pois mora em São Paulo. Porém, todos os pastores que leram esse número do jornal e viram a foto sabiam que a mulher ao lado de Gunnar é Frida, e mais, a legenda confirma ser ela, membro da redacção do jornal ou seria diretora? Mas, o nome dela não havia sido retirado dois meses antes? O que teria ocorrido? Como Samuel Nyström reagiu a essa publicação? Por que Carlos Brito, o outro redator, que trabalhava com Frida não está na foto, e sim, seu irmão Sylvio Brito? São algumas das perguntas que provavelmente nunca acharemos as respostas, apenas inferências.

Não é nossa intenção nem objetivo tratar da Convenção de 1931 no Rio de Janeiro, mas, não podíamos ignorá-la. O que nos interessa é conhecer o tenso ambiente que se formou antes de sua realização e compreender como Gunnar e Frida sofreram os efeitos desse mesmo ambiente, ao ponto de irem gradativamente saindo de cena. Eles estavam dando os últimos passos nessa direção, mas, estavam também intensamente envolvidos com a fé e com o “poder” que os cercavam.

Não obstante a isso, e acerca da Convenção de 1931, Silas Daniel informa que “todos os registros disponíveis hoje sobre essa Convenção se encontram apenas nas edições da 1ª e 2ª quinzena de setembro de 1931 do jornal Mensageiro da Paz. [...] ficou a cargo da irmã Frida Vingren relatar no jornal tudo o que ocorreu durante a Convenção”.<sup>646</sup> Supomos que as Atas dessa Convenção se perderam. Assim, quando menos imaginávamos lá está ela, Frida novamente incumbida de uma função excepcional para uma mulher, o que também comprova sua participação na *reunião*.

No número da primeira quinzena de setembro, do relatório de Frida, extraímos apenas o trecho em que ela menciona os nomes de alguns pastores presentes na Convenção, Segundo ela: “[...] estão conosco os pastores, Bruno Skolimowski, de Curityba; Francisco Gonzaga, de Natal, Rio Grande do Norte; e Cicero de Lima, de Parahyba do Norte”.<sup>647</sup> Nessa lista, Francisco Gonzaga e Cicero de Lima eram seus opositores diretos e encabeçaram o manifesto para Natal como também a carta a Lewi Pethrus contra Frida. Devem ter feito grande esforço para chegar ao Rio de Janeiro. E Samuel Nyström e os demais missionários, onde estão?

---

<sup>645</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 1931, nº 15, p. 5.

<sup>646</sup> DANIEL, 2004, p. 46.

<sup>647</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 01 de Setembro de 1931, nº 17, p. 8.

No número da segunda quinzena, do relatório de Frida extraímos apenas o trecho em que ela informa quem chegou depois, ou podemos afirmar, quem chegou atrasado à Convenção: “Nos últimos dias da convenção, chegaram de São Paulo os missionários Samuel Nyström, Joel Carlson e Anders Johanson, bem como os pastores João Pedro da Silva, de Vitória, do Espírito Santo; e Climaco Bueno Aza, de Juiz de Fora, Minas Gerais”.<sup>648</sup>

A Convenção foi realizada de 16 a 31 de agosto de 1931. Por que os missionários suecos, Nyström e Carlson, bem como esses pastores brasileiros chegaram nos últimos dias da Convenção? O texto observa que todos estão vindo de um mesmo lugar, isto é, São Paulo. É Nyström o missionário responsável pela igreja de São Paulo. O que faziam todos eles em São Paulo, enquanto a Convenção ocorria no Rio de Janeiro? A bibliografia oficial nada diz. Se não diz nada, podemos inferir que Samuel e os outros não deram a devida importância à Convenção organizada por Vingren, ou que eles estivessem tramando algo contra Vingren, pois essa atitude parece boicote. Teriam chegado nos últimos dias para averiguar as decisões, uma vez que Cicero de Lima e Francisco Gonzaga se faziam presentes desde o início da Convenção?

Aqueles últimos meses de 1931 após a Convenção foram ainda mais conturbados para Gunnar e Frida. Enquanto o jornal *Mensageiro da Paz* mostrava em seus números a fé pentecostal em ação salvando vidas e edificando as igrejas, os bastidores ferviam em uma espécie de trama e trocas de cartas e até mesmo ofensas e ameaças entre os missionários no Brasil e a Igreja da Suécia. Gunnar e Frida se viam numa teia complexa entre a fé e o “poder”.

De acordo com Kajsa Norell, Paul Ongman escreveu para Samuel Nyström afirmando que “a ideia de que a mulher deve ser equiparada ao homem é um tendência muito perigosa e diz que Pethrus deve escrever para o casal Vingren e exigir que Frida saia do trabalho com o jornal”.<sup>649</sup> Em outubro de 1931, Ongman escreveria novamente com o ultimato: “Se Frida Vingren não aderir às solicitações que foram feitas consideraremos que eles romperam conosco e depois lhes retiraremos a sua manutenção”.<sup>650</sup> Temos aqui uma ameaça concreta. Norell ainda informa, que por algum motivo, não encontrou essas cartas ao acessar a pasta de Gunnar e Frida na Igreja Filadélfia.

---

<sup>648</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1931, nº 18, p. 7.

<sup>649</sup> NORELL, 2011, p. 254.

<sup>650</sup> NORELL, 2011, p. 254.

Em novembro de 1931, Vingren receberia um telegrama da Suécia, que dizia: “Entrega jornal”. Era, então, uma ordem para ele entregar o jornal *Mensageiro da Paz*, e pela trama que se encaminhava, deveria ser entregue a Samuel Nyström. Gunnar e Frida se viram forçados a se retirar do jornal e admitirem que seu tempo no Brasil estava findando. Na semana seguinte, Vingren escreveu uma carta para Lewi Pethrus onde, em linha gerais, observava que o teor dessa missiva foi contar a verdade concernente a Samuel.<sup>651</sup>

Chegamos ao final do ano de 1931, mais precisamente na segunda quinzena de dezembro, em que acessamos um texto editorial de Gunnar Vingren, em que relembra as resoluções da Convenção de Natal do novo jornal, principalmente, o que havia sido acertado com Samuel Nyström. Fragmentamos a primeira parte no fim do capítulo anterior, e nesse ponto faremos a análise da segunda parte:

E particularmente entre mim e o irmão Samuel Nyström, combinamos duas coisas, as quaes, quero deixar escripto aqui. A primeira foi que, a resolução tomada em convenção, a respeito de que o novo orgam, hoje, “Mensageiro de Paz”, ficasse sendo redigido no Rio de Janeiro, teria valor, entre nós diretores, durante o tempo em que eu ficasse trabalhando neste campo, isto é, no Rio de Janeiro. A segunda combinação, foi que a irmã Frida Vingren, ficasse trabalhando na redacção do novo orgam, da mesma maneira em que trabalhava com o extinto jornal “O Som Alegre”. Pela verdade do que escrevi aqui, me responsabilizo. Segundo essas combinações, temos trabalhado durante todo este anno que está para terminar. Agora, pedimos as orações de todos os irmãos, que amam o trabalho do Senhor, neste sentido, que Deus dirija para o próximo anno, todas as coisas concernentes ao jornal. Queremos em tudo, que a vontade e a direcção do Senhor, prevaleça e com a vontade de Deus, estamos promptos a nos conformar. Declaro também, que o meu ardente desejo, pela graça de Deus, posso afirmar, que sempre foi, é e será, de trabalhar em harmonia, com todos os meus amados irmãos no Brasil, em favor da obra gloriosa do Mestre. Vosso no Senhor, Gunnar Vingren.<sup>652</sup>

A considerar a afirmação de Gedeon Alencar, o texto desse editorial de Gunnar Vingren tinha um destinatário “um leitor especial: Samuel Nyström”.<sup>653</sup> Ao findar daquele ano, após tantos embates, vemos Vingren inteligentemente tornando público algo que, ao que parece, fora ignorado por Nyström e pelos demais pastores nordestinos que lutavam a todo custo para tirar Frida do jornal. Suas publicações acerca do ministério feminino representavam a instabilidade do controle que eles tinham sobre as igrejas, e foi o combustível necessário para o acirramento dos ânimos e para a “trocação” de inúmeras cartas carregadas de ofensas e ameaças.

---

<sup>651</sup> ARAÚJO, 2014, p. 135.

<sup>652</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1931, nº 23 e 24, p. 11.

<sup>653</sup> ALENCAR, 2013, p. 133.

Ao mesmo tempo é possível notar nesse editorial de Vingren um tom de despedida, pois primeiramente ele pede “orações de todos os irmãos, que amam o trabalho do Senhor”, para que “Deus dirija para o próximo anno, todas as coisas concernentes ao jornal”, e depois reitera desejar seguir “a direcção do Senhor”, que para tal, afirma, “estamos promptos a nos conformar”. A versão oficial se reservou a dizer apenas que Vingren “aproveitou para esclarecer a todos os boatos que haviam surgido”.<sup>654</sup> É oportuno registrar que nesse número, do editorial de Vingren, Frida faria a sua última publicação no *Mensageiro da Paz* morando no Brasil.<sup>655</sup>

Acerca da ordem recebida da Igreja Filadélfia, no dia 2 de janeiro de 1932, Vingren mandou um telegrama para Nyström que dizia o seguinte: “Recebestes carta. Resolvi outra coisa. Entrega jornal. Mando pra aí”. No dia seguinte, Vingren mandou um telegrama para Lewi Pethrus informando: “Jornal entregue”. Na semana seguinte, dia 6 de janeiro, Vingren recebeu uma carta de Nyström o ameaçando. Vingren escreveu em sua agenda: “Recebi uma carta feia do irmão Nyström. O Senhor tenha compaixão dele”. Dois dias depois Vingren escreveu uma carta para Pethrus a respeito das acusações de Nyström para ele.<sup>656</sup>

Conforme Kajsa Norell, nesse período, Gunnar teria escrito uma carta e informado a Pethrus acerca do comportamento truculento de Nyström ao saber da entrega do jornal. Fragmentamos alguns trechos dessa carta:

Caro irmão Pethrus e demais anciãos, Paz de Jesus! [...] Frida possui total confiança dos evangelistas e pastores no Estado do Rio. Trabalhamos com a maior harmonia e o Senhor nos abençoa. Assim, até o presente momento, só posso ver como um mal-entendido o lado do irmão Samuel, a causa dessa batalha [...] Quero paz e não luta, e foi por isso que entreguei o jornal ao irmão Samuel Nyström, e então eu esperava que a luta terminasse. Sim, fui tão além que até ofereci ao irmão Samuel que ele viesse pra cá e cuidasse da congregação [...] eu começaria um novo trabalho na cidade da Lapa, e ao mesmo tempo o ajudaríamos no jornal sob sua direção, pois isso causaria uma boa impressão no trabalho como um todo, mas, ele recusou. [...] Em sua resposta ele escreveu o seguinte: “Eu não recebo a congregação até que você deixe claro que está saindo do Rio”. Ele também me confessa que eu deveria tê-lo derrubado da liderança. [...] posso dizer que tenho a consciência tranquila diante de Deus nesse caso. Além disso, ele pretende agora, apesar de o jornal lhe ter sido entregue sem

<sup>654</sup> DANIEL, 2004, p. 58.

<sup>655</sup> Frida publicou uma matéria sobre Assembleia de Deus em Minas Geras sob o título “A obra do Senhor em Belo Horizonte” recapitulando o trabalho iniciado ali por Clímaco Bueno Aza em 1924. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1931, nº 23 e 24, p. 7. A última publicação de fato, seria a matéria que Frida escreveu informando os detalhes da morte de Gunnar Vingren na primeira quinzena setembro de 1933.

<sup>656</sup> ARAÚJO, 2014, p. 144.

reservas, realizar uma Convenção em Pernambuco e discutir a questão do jornal.<sup>657</sup>

Essa carta revela, com detalhes, a tensão que Gunnar e Frida viviam com Nyström. Inicialmente temos Vingren revelando a sua perspectiva a partir da Igreja do Rio de Janeiro ao afirmar que “trabalhamos com a maior harmonia e o Senhor nos abençoa”. Isso parece ser resultado do peculiar trabalho desenvolvido por ele ali, pois antes, ele afirma com convicção que “Frida possui total confiança dos evangelistas e pastores no Estado do Rio”. Essa parece ser a causa da bênção e harmonia que tinham na Igreja do Rio. Vingren já havia relatado isso antes em 1929.<sup>658</sup> Mais do que isso, essa informação sinaliza para Pethrus uma perspectiva diferente daquela que Nyström e os seus “seguidores” propagavam nas Igrejas no Nordeste e nas cartas enviadas ao próprio Pethrus. Vingren minimiza as ações de Nyström e sua batalha, como um mal-entendido.

Vemos, a seguir, um Gunnar Vingren absolutamente resignado e abnegado para com aquilo que, em tese, ainda lhe dava poder: o *jornal* e a *igreja*. Ele decide comunicar a Pethrus aquilo que já informara ao próprio Nyström, além da entrega do jornal, o que coloca Nyström como único diretor, a entrega da Igreja que ele fundou e da qual ele era responsável. Essa atitude comprovaria a fraqueza de Vingren? Frida estaria de acordo com tal decisão? Vingren afirma “Quero paz e não luta”. Então, estaria ele querendo transmitir publicamente, uma imagem de unidade para todos os missionários, principalmente, para os líderes que sabiam da tensão e rivalidade com Nyström? Parece ser uma hipótese razoável.

Temos então, no desfecho da carta, Vingren dando duas informações que expõem Nyström, desconstruindo sua imagem definitivamente. Vingren relata, em *aspas*, ter recebido a seguinte resposta de Nyström: “Eu não recebo a congregação até que você deixe claro que está saindo do Rio”. Ele aceitaria assumir a igreja desde que Vingren saísse da cidade. E iria para onde? Carlson já tinha sugerido em sua carta a Pethrus, ele deveria voltar à Suécia. Esse sentimento é comum a Nyström. Além disso, sobre o jornal, Vingren informa à Petrus que “ele pretende agora, apesar de o jornal lhe ter sido entregue sem reservas, realizar uma Convenção em Pernambuco e discutir a questão do jornal”.

Essas informações transformam Samuel Nyström, o grande expositor bíblico e intelectual assembleiano, em um líder mesquinho e rancoroso disposto e decidido a

---

<sup>657</sup> NORELL, 2011, p. 255-256.

<sup>658</sup> Ao descrever a obra que fazia há 5 anos no Rio de Janeiro Vingren disse em seu diário: “A minha esposa, junto com os obreiros da Igreja, têm levado a responsabilidade pela obra”. VINGREN, 1973, p. 154.

promover a contenda com Gunnar e Frida a qualquer custo. Mais adiante, no fim da carta, Vingren desaba afirmando “eu fiz o que pude para ganhar o irmão Samuel, mas parece impossível [...] mais recentemente, foi Frida quem fez a proposta de convidar Samuel para o Rio, insistindo comigo em lutar. G.V.”<sup>659</sup>

Kajsa Norell confirma a primeira das duas informações reveladas por Vingren, acerca do convite para assumir a igreja no Rio de Janeiro. Em carta de Nyström a Pethrus ele teria ressaltado: “Eu respondi a isso, que enquanto ele permanecer no Rio, não assumirei a congregação onde ele trabalha, porque isso só dificultaria o trabalho”.<sup>660</sup> Sobre a ideia de Nyström organizar outra Convenção em Pernambuco, de fato isso aconteceu. De acordo com a bibliografia oficial, na obra *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, Recife sediou a Convenção Geral de 20 a 24 de janeiro de 1932, apenas cinco meses depois da Convenção de 1931 no Rio de Janeiro. Indagamos então: por que haveria a necessidade de se realizar outra Convenção num espaço de tempo tão curto uma da outra? Nem o nome de Samuel Nyström, como mentor da ideia, foi citado. A bibliografia oficial não diz nada sobre isso, mas, descreve que foi uma “Convenção avivada” tendo por marca “a manifestação do Espírito Santo”,<sup>661</sup> sendo tudo realizado na “Paz do Senhor”, sem a presença de Gunnar e de Frida.

De acordo com Silas Daniel, no período da Convenção, Gunnar Vingren se encontrava doente e sofria muito com uma enfermidade no estômago e, dessa forma, não pôde participar da Convenção de Recife. A bibliografia oficial expressa que “havia também o entendimento de que Vingren não tinha mais condições de continuar à frente do jornal”.<sup>662</sup> Esse entendimento está baseado apenas no fato de que Vingren está doente. Mas, quem lê seu próprio diário descobre que Gunnar Vingren vivia doente. Mas, essa é a versão oficial. Então, temos a informação de que Vingren enviou uma circular aos pastores reunidos em Recife-PE, a qual foi acatada pela Convenção para ser publicada no jornal *Mensageiro da Paz*. Vingren disse o seguinte:

Aos prezados destinatarios do “MENSAGEIRO DA PAZ”. Saudações! Comunico-vos que para o corrente anno, 1932, o jornal “MENSAGEIRO DA PAZ”, está entregue ao irmão Samuel Nyström, que pelo mesmo se responsabilizará, na qualidade de director. Outrossim, participo que nenhuma parte terei na redacção do mesmo, devendo portanto, todas as correspondencias como sejam: cartas

---

<sup>659</sup> NORELL, 2011, p. 256.

<sup>660</sup> NORELL, 2011, p. 257.

<sup>661</sup> DANIEL, 2004, p. 62.

<sup>662</sup> DANIEL, 2004, p. 58.

com valor, testemunhos, artigos, etc, serem enviadas á Samuel Nyström, Caixa 1786, São Paulo. O ex-director. GUNNAR VINGREN.<sup>663</sup>

Gunnar Vingren não comenta nessa circular o motivo que o impediu de participar da Convenção. Ele é objetivo em informar o que interessa. A bibliografia oficial é que se encarrega de dar como motivo a sua enfermidade. Porém, nos chama atenção o que Isael de Araújo informa na biografia de Frida: “Vingren embarcou para Santa Catarina no dia 24 de janeiro [...] Após trinta e seis dias em Santa Catarina, Vingren chegou ao Rio de Janeiro no dia 1º de março de 1932”.<sup>664</sup> Perguntamos: o que poderia mais desgastar uma pessoa doente, uma viagem de cinco dias a Pernambuco ou trinta e seis dias a Santa Catarina? Vingren quis apenas diminuir o conflito ausentando-se da Convenção e, indo trabalhar em Santa Catarina por trinta e seis dias, apesar de estar doente.

Voltando ao conteúdo da carta de Vingren à Convenção de Recife, além dela confirmar a entrega do jornal a Nyström, enfatiza: “Nenhuma parte terei na redacção do mesmo”. Faltou ele detalhar que Frida também não, mas, implicitamente está compreendido que, principalmente ela não publicaria mais no jornal, e assim foi. Não obstante e, embora a carta tenha sido enviada à Convenção, Vingren escreveu “aos prezados destinatarios do ‘MENSAGEIRO DA PAZ’”. Era uma carta pública e nela Vingren assina seu nome, GUNNAR VINGREN, com letras maiúsculas, algo incomum nos seus comunicados do jornal. Isso demonstra a ênfase *de quem* assinava e a importância *do que* assinava.

Fizemos a leitura atenta em todos os números de 1932 e de fato nem Gunnar nem Frida publicaram mais nada no jornal. Samuel Nyström assume a direção, mas, publica muito pouco no jornal, Nils Kastberg é o principal redator, e publica muito mais do que qualquer outra pessoa. A Convenção de Recife designou que Nils Kastberg seria o redator do *Mensageiro da Paz* e também seu co-diretor. Essa mudança foi, devidamente, aprovada na Convenção de Recife. Porém, notamos que, alguns meses depois, o nome de Gunnar Vingren reaparece no jornal como responsável, apenas, pela venda de uma lista de livros e folhetos tendo seu nome e caixa postal informados ao fim da última página do jornal.<sup>665</sup> Isso ocorre nos números da segunda quinzena de maio à primeira de agosto. Até então, o jornal anunciava apenas a venda da Harpa Cristã sob a responsabilidade de Nyström.

---

<sup>663</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, Janeiro de 1932, nº 1 e 2, p. 12.

<sup>664</sup> ARAÚJO, 2014, p. 147-148.

<sup>665</sup> Cf. **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, Quinzenas de Julho e Agosto de 1932, nº 14 e 15, p. 12.

Na segunda quinzena de agosto, período em que Gunnar Vingren iria embora do Brasil, Samuel Nyström assumiu a venda dos livros e folhetos, informando, para isso, a sua própria caixa postal. Ao que parece, é possível que Vingren detivesse o direito das vendas dos livros e folhetos e, Nyström deve ter autorizado no jornal, a venda direta desse material à caixa postal de Vingren. Fato é que, se tinha ou não direito, é Nyström quem depois assume essa função.

Gunnar e Frida permaneceram pastoreando a Igreja do Rio de Janeiro nos primeiros meses daquele ano, mas, “sentiram que o tempo deles no Brasil talvez estivesse terminado, ou que o Senhor tinha alguma outra missão para eles”.<sup>666</sup> Gunnar registra em seu diário: “Convidei Samuel Nyström para mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro e colaborar comigo neste Estado [...] pois eu não tenho tempo para, sozinho, tomar conta de todas essas igrejas”.<sup>667</sup>

Então, Samuel Nyström informou, por meio do *Mensageiro da Paz*, sua mudança de São Paulo para Niterói em maio de 1932, onde passou a administrar o jornal mais de perto. Após a leitura, porém, nos chama atenção que ele não tenha relatado em seu anúncio de mudança, o fato de Vingren ter lhe convidado para ir morar no Rio, nem muito menos mencionou que Vingren o chamara para ajudar no pastoreio das igrejas. Nyström fez um longo relatório de seu trabalho em São Paulo e ao fim disse:

Mudamos agora a nossa residencia para o Rio de Janeiro, responsabilizando-nos inteiramente, pelo trabalho em Nictheroy, ao mesmo tempo que continuamos o nosso labor no “Mensageiro da Paz”. Pedimos as orações de todos os servos de Deus. Vosso irmão no Senhor.<sup>668</sup>

Nesse período, de acordo com Kajsa Norell, Frida escreveu uma carta à Suécia, relatando seu estado de saúde, bem como, seu estado espiritual e emocional:

Somente o Senhor conhece a luta e o custo desse trabalho. São dias e noites em luta de oração e lágrimas. [...] Nesse período, me senti completamente esgotada dos nervos e sofri de um mal no coração, mas, fui fortalecida e curada novamente. O Senhor sabe de tudo, não vou me defender, pois não sou perfeita, um dia tudo se tornará claro.<sup>669</sup>

Temos assim, uma Frida aparentemente resignada, admitindo limitações e falhas, mas, também convicta que um dia tudo se tornaria claro. As pesquisas atualmente

---

<sup>666</sup> ARAÚJO, 2014, p. 147.

<sup>667</sup> VINGREN, 1973, p. 216.

<sup>668</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1932, nº 9, p. 7.

<sup>669</sup> NORELL, 2011, p. 261.

confirmam a aspiração de Frida, uma vez que uma grande variedade de fontes se tornaram acessíveis e, assim, a história oficial, que detinha o controle da verdade histórica, pôde em muitos aspectos ser questionada e, foi possível, assim, estabelecer outras perspectivas dessa história por meio do poder de suas *representações*.<sup>670</sup>

Pouco antes de voltar à Suécia, Frida expressou profunda angústia em ter que ir embora do Brasil. Provavelmente, o casal percebeu que a batalha estava perdida. Ela disse: “Todos os nossos pensamentos foram para a Suécia e talvez não tenhamos muito tempo no Brasil. Para mim, é como arrancar meu coração do peito, enquanto penso em deixar o Brasil para talvez nunca mais voltar”.<sup>671</sup>

No diário de Gunnar, Ivar compartilhou o conteúdo de muitas cartas que o pai escreveu à Suécia nesse período. Numa delas, ele escreveu assim: “Tenho boa consciência diante de Deus, e não sinto nada que me acuse. Se eu soubesse de alguma coisa, pediria logo perdão. [...] Cada um terá de responder diante de Deus pelo o que fez”.<sup>672</sup> Gunnar demonstra estar consciente de que não errou, mas, diz algo parecido com o que Frida disse: Quem errou um dia responderá a Deus.

Nos últimos meses, antes da partida, houve uma reaproximação de Gunnar e Frida com Nyström. Gunnar parece decidido em só viajar depois de deixar tudo na perfeita paz. Em carta a Pethrus, Gunnar revela esse plano, e Frida interferiu nisso diretamente: “Minha esposa disse que desejava que ficassem até que tudo estivesse resolvido entre os missionários [...] concordei com isso, ambos pensamos que seria mais conveniente voltar para casa quando tudo estivesse bem e não houvesse mais disputas”.<sup>673</sup>

De acordo com Isael de Araújo, meses antes de sua partida, na primeira semana de março de 1932, Gunnar, Frida e Nyström tiveram um encontro e uniram-se por causa do trabalho do Senhor. Vingren pediu para Nyström ajudá-lo com os trabalhos no interior do Estado do Rio de Janeiro, em Escolas Bíblicas e outras atividades. Gunnar pediu que Nyström visitasse a Igreja sede no Rio de Janeiro, para que todos vissem que estavam

---

<sup>670</sup> Foi possível atenuar a chamada “escapada” de determinadas instâncias da realidade. Recapitulando o que disse Chartier: “as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes é externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”. CHARTIER, 2009, p. 51-52. Apronfundando tal conceito Pesavento afirma que as representações operam uma transposição da “tradicional clivagem entre real e não-real, [...] tem a capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais nos quais as pessoas vivem”. PESAVENTO, 2008, p. 41.

<sup>671</sup> NORELL, 2011, p. 331.

<sup>672</sup> VINGREN, 1973, p. 214.

<sup>673</sup> NORELL, 2011, p. 327.

unidos. Seu único desejo era que houvesse paz e harmonia em toda a Assembleia de Deus no Brasil até a vinda de Jesus.<sup>674</sup>

A seguir temos a constatação de que Vingren conseguiu cumprir o que desejava: *paz e harmonia*, especialmente com Samuel Nyström. Ele relata em uma carta à Suécia, datada de 8 de julho de 1932, que “estamos realizando cultos especiais nesta semana, e os missionários Samuel Nyström e John Sørheim nos têm ajudado”.<sup>675</sup> Chegaria, então, no mês seguinte, o dia em que Vingren entregaria a Igreja a Nyström. No diário de Vingren foi assim relatado a sua despedida do Rio de Janeiro:

Hoje entreguei oficialmente a igreja ao irmão Samuel Nyström. O irmão John Sørheim também ficará aqui no Rio para ajudar na obra que é muito grande. No culto de despedida que se realizou em 14 de agosto de 1932, senti muito amor pelos irmãos, pois era como ovelhas que rodeavam o seu pastor para se despedirem dele. Também coloquei as mãos sobre os irmãos Samuel e Sørheim consagrando-os para a obra. No dia seguinte, as três horas da tarde, muitos crentes reuniram-se no porto para nos darem o tradicional “Adeus!”. O irmão Carlos Brito falou em nome da igreja e entregou-nos um lindo buquê de flores. Uma verdadeira multidão de irmãos da igreja foi ao porto junto com o seu amado pastor [...] Às 18 horas o navio saiu do porto e a viagem começou.<sup>676</sup>

Ao invés de ressentimento, em um ato de total desprendimento, Vingren impôs as mãos sobre Nyström, o consagrou, entregando a ele a responsabilidade pela Igreja do Rio de Janeiro, ao lado de John Sørheim, um missionário norueguês que ficaria como seu auxiliar. Há uma foto histórica da família Vingren no navio. Frida sorrindo com o pequeno buquê de flores e Gunnar com semblante triste e cansado. (Ver anexo 17). Na segunda quinzena do mês de agosto de 1932, o *Mensageiro da Paz* publicou uma matéria especial acerca da despedida de Vingren e sua família. O jornal rememora toda a trajetória de Gunnar e seus 22 anos no Brasil. Embora Gunnar não tenha dito ser um adeus, o jornal trata como despedida. Fragmentamos assim a matéria:

PALAVRAS DE DESPEDIDA. Estão de partida para a sua terra natal, Suecia, os nossos irmãos missionários Frida e Gunnar Vingren, juntamente com seus filhos. O embarque está marcado para o dia 15 do mez corrente, no vapor Alabama. [...] ha 8 annos se achavam na seara do Senhor, aqui no Rio de Janeiro. Nesta cidade, onde o trabalho principiou, apenas, com poucos irmãos, a obra do Senhor foi-se estendendo tanto, que, hoje, existe no Districto Federal e no Estado do Rio, vinte assembléas com cerca de dois mil membros. [...] em parte, auxiliou o começo da obra do Senhor nos Estados de Minas Geraes, Paraná e Santa Catharina, com obreiros e com alguns auxilios materiaes e espirituaes. [...] podem os nossos irmãos, que agora vão para a Europa, recuperar as forças perdidas [...] A redacção do “Mensageiro da Paz” saúda o seu ex-director Gunnar Vingren, sua esposa e

<sup>674</sup> ARAÚJO, 2014, p. 147.

<sup>675</sup> VINGREN, 1973, p. 227.

<sup>676</sup> VINGREN, 1973, p. 229-230.

auxiliadora missionária Frida Vingren, seus filhos Ivar, Ruben, Margit, Astrid e Bertil, desejando-lhes muitas bênçãos do Senhor, e fazendo-lhes votos para que possam continuar a lutar “pela fé, uma vez entregue aos santos”, e ainda ganhar muitas almas para “o reino de Deus e de seu Christo”. Aquelle que dirigiu o nosso irmão, ha vinte e dois annos passados para vir ao brasil, e lhe abriu a porta, certamente ainda quer dirigil-o, bem como aos seus e lhes abrir o caminho em que deve trilhar. [...] Foi escolhido por unanimidade, para substituir o missionario pastor Gunnar Vingren, na assembléa de Deus no Rio de Janeiro o missionario pastor Samuel Nyström, que foi empossado no dia 14 de Agosto do corrente anno.<sup>677</sup>

A ênfase desse fragmento são os anos que Gunnar e Frida atuaram no Rio de Janeiro. Por oito anos imparáveis, Gunnar e Frida estabeleceram a Igreja na capital federal e ainda abriram 20 congregações da Assembleia de Deus pelo Estado com um número, impressionante, de mais de dois mil membros, além da expansão para os demais Estados do Sudeste brasileiro. A redação do jornal, talvez o próprio Nyström, saúda Vingren e sua família desejando bênçãos e a continuidade da obra em novo caminho que devem trilhar. Frida é citada na matéria e chamada de auxiliadora antes de missionária, o que reforça o olhar vencedor de Samuel Nyström que estabelece a condição da mulher na Igreja.

Surpreende ainda o fato da matéria não ter publicado que Gunnar e Frida perderam, três semanas antes, uma filha, Gunvor Alice, a filha caçula de apenas 4 anos de idade. Nem no número anterior nem no posterior, nada foi mencionado. Os jornais da Igreja, desde o *Boa Semente*, sempre noticiaram o falecimento de irmãos e irmãs, inclusive de filhos e filhas dos membros da Igreja. Os anúncios desse tipo são diversos.<sup>678</sup> Apenas os livros da bibliografia oficial mencionam o falecimento da menina Gunvor.

Além da morte de Gunvor Aline, Kajsa Norell registra alguns detalhes desse terrível momento, de dor e angústia, que antecedeu a partida da família Vingren:

A filha de Frida e Gunnar, Gunvor, morreu apenas três semanas antes de retornarem [...] Gunvor não chegou a viver nem cinco anos de vida. A filha mais velha de Vingren, Margit, disse a seus filhos que Gunvor era uma criança maravilhosamente feliz, que cantava onde quer que fosse. Sua canção de amor era: “O Senhor nosso Deus elevou seu trono” de um livro de canções pentecostais sueco. [...] De repente, um dia a babá Margarita, uma senhora de meia idade, disse: “Gunvor, por que você não está cantando hoje? Gunvor respondeu que estava um pouco rouca. Alguns dias depois, ela estava morta. Era uma criança adorável, amada e sua morte foi sentida por toda a congregação no Rio, [...] Gunnar escreveu: “Frida chorou muito no dia da partida, à noite, ao pensar em nossa filha Gunvor, que permaneceu, enterrada na terra brasileira”.<sup>679</sup>

<sup>677</sup> **Mensageiro da Paz**. Rio de Janeiro, 2ª Quinzena de Agosto de 1932, nº 16, p. 3.

<sup>678</sup> Como exemplo: “O nosso amado irmão José Moraes, pastor da Assembléa de Deus em Manaus, soffreu o rude golpe de perder a sua filhinha Berenice, que dormiu no Senhor [...]”. **Boa Semente**. Belém do Pará, Abril de 1929, nº 95, p. 8.

<sup>679</sup> NORELL, 2011, p. 331.

Assim termina a trajetória de Gunnar e Frida Vingren no Brasil. Uma amarga despedida. Foram perdas incalculáveis a serviço da obra que acreditavam ser de Deus e não de homens e, também por isso, os ganhos para a obra de Deus, foram imensuráveis, embora pessoa alguma possa contar. A partir do momento em que a família Vingren saiu do Brasil, o jornal não publicou mais nada acerca deles, muito menos Gunnar e Frida tiveram algum texto ou artigo publicado.

Inicia-se, assim, um período em que qualquer comunicação acerca de Gunnar e Frida se restringiu às cartas trocadas entre eles e os missionários suecos. É também o início do seu silenciamento institucional, pois, Samuel Nyström, o grande emissário da Igreja Filadélfia, e, por assim dizer, o *sacerdote* da tradição e da institucionalização da Assembleia de Deus, estabeleceria a organização necessária da Igreja fazendo-a crescer, exponencialmente, nos anos seguintes em todo o Brasil. O próprio jornal *Mensageiro da Paz* sofreu uma modernização, passando a utilizar em suas páginas muitas fotografias dos variados movimentos que as igrejas faziam em todo o país.

Após a Convenção, realizada no Rio de Janeiro em abril de 1933, em junho daquele ano, Nyström publicou uma nota acerca do futuro da Assembleia de Deus. Essa nota confirma o início de um período que seria marcado por sua forte liderança, ratificado pela bibliografia oficial:

A NOSSA ORIENTAÇÃO QUANTO AO FUTURO. Após algumas considerações sobre o trabalho em geral, e, também, sobre o perigo de nos tornarmos formalistas, se impedirmos ou tomarmos o lugar do Espírito Santo, a Convenção resolveu continuar, como até hoje o tem feito, a obedecer, em tudo, á sábia direcção do Espírito Santo. O Presidente: Samuel Nyström. O Secretario: Emilio Conde.<sup>680</sup>

A considerar tudo o que a pesquisa revelou até aqui, a suposta preocupação de Nyström sobre o perigo do formalismo que toma o lugar do Espírito Santo parece ser a sua maior contradição. A despeito da necessária organização da Assembleia de Deus no Brasil da qual a Igreja Filadélfia foi responsável, Nyström não apenas formalizou e dogmatizou suas posições em detrimento da ação libertadora do Espírito Santo, mas, também participou, diretamente, da trama e da disputa pelo poder da Igreja, da qual, a família Vingren e alguns poucos membros devem ter tido percepção.

Cerca de um ano depois da partida da família Vingren, o *Mensageiro da Paz* publicaria, em uma matéria de primeira página, a notícia do falecimento de Gunnar

---

<sup>680</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Junho de 1933, nº 11, p. 2.

Vingren. É Frida quem envia a notícia da partida de Gunnar. Tratam-se de duas páginas dedicadas à vida e obra de Gunnar Vingren, desde sua ida aos EUA até os últimos anos no Rio de Janeiro. Abaixo fragmentamos apenas o início da matéria:

DESCANSANDO NO SENHOR. Por carta vinda da Suecia, a irmã Frida Vingren comunica-nos que passou para o Senhor, no dia 28 de Junho deste, seu esposo e nosso companheiro e irmão na fé, o missionário Gunnar Vingren. Depois de ter sofrido alguns mezes, atacado por uma enfermidade, que começára a manifestar-se enquanto elle ainda estava entre nós, o Senhor o chamou para o logar onde não ha sofferimento. (aguardamos, agora, a noticia completa, contando como se deu a sua passagem para o Senhor e a qual a sua esposa prometteu enviar, para ser publicada no “Mensageiro da Paz”). Hoje, damos algumas notas da sua vida e da sua actividade, na vinha do Senhor. [...].<sup>681</sup>

Quem assina a extensa matéria é Samuel Nyström, diretor do jornal e pastor da Igreja no Rio de Janeiro. Antes de fazer recapitulação da vida de Gunnar, Nyström informa que em breve publicaria no jornal a notícia completa com maiores detalhes acerca da morte de Gunnar que Frida prometera enviar. Um mês depois, na primeira quinzena de setembro de 1933, foi publicada, em segunda página, a carta completa que Frida enviara, e da qual fragmentamos boa parte dela abaixo:

*Os ultimos momentos do irmão Vingren, aqui na terra.* Amados irmãos, no Senhor. Com grande conforto e, ao mesmo tempo, com profunda tristeza, é que vos escrevo, participando-vos os últimos momentos do meu fallecido esposo [...] deixamos o Rio com destino á Suecia afim de descansarmos das luctas, trabalhos e tristezas; o amor com que os irmãos aqui nos receberam, foi um balsamo para nossas almas, e deu-nos novo animo. [...] o meu esposo tinha trabalhado muito, na seara do Mestre; o seu physico não era forte, as suas forças estavam esgotadas. [...] Ele amava muito os brasileiros, como todos vós sabeis; por isso, também mandou uma lembrança para os irmãos no Brasil, a qual, agora transmito: “*Diga-lhes que vou alegre, para Jesus, e, também, como pae em Christo, os exorto a lembrarem-se da graça de Deus, que quer obrar santificação e mais humildade; para que possam receber os dons do Espirito Santo, afim de que, assim, a igreja do Senhor esteja prompta para a Sua vinda*”. Agora posso contar como se deu a sua partida, deste mundo [...] No dia 27 de Junho, entre cinco e seis horas da manhã, elle recebeu a chamada para o céu. Então, com os braços levantados, exclamou: “Oh, Jesus, como Tu és glorioso” Alelluia” Alelluia!” e a sua voz se foi enfraquecendo, até que o poder de Deus o tomou, transformando-o, ante os nossos olhos. E, assim, ficou immovevel por alguns minutos, preso pelo poder de Deus [...] Depois voltando a si, novamente, elle disse: “Oh, Jesus, como Tu és bom! Eu não sabia que eras tão glorioso”. E, assim, depois de repetir isto, duas vezes, chorando, chamou a si as crianças, e despediu-se de todos nós, dando-nos a cada um, uma palavra de lembrança, pois queria ver-nos todos, no céu. [...] Depois disto, elle viveu ainda dois dias [...] Na quinta-feira, pela manhã, quase não falava [...] As duas e quarenta e cinco da tarde, deu-se, então, a sua partida, sem menor agonia. “Orem por mim”, disse elle; começamos, então, a orar, e o poder de Deus manifestou-se tão maravilhosamente, que pensávamos que subiríamos todos para o céu. Em menos de cinco minutos, elle passou o rio da morte [...] Foi desse modo, que se deu a gloriosa partida do pioneiro da obra pentecostal no Brasil.

<sup>681</sup> **Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Agosto de 1933, nº 15, p. 1.

[...] Creio que a sua memória nunca morrerá nos corações dos irmãos [...] Termino, pedindo orações dos amados irmãos, para que o Senhor me dirija, até o fim. Meu desejo é continuar a trabalhar na seara do Senhor, seja onde fôr. [...] Que Deus abençõe os amados irmãos no Brasil, é o meu desejo e constante oração. Da vossa irmã em Cristo, *Frida Vingren*.<sup>682</sup>

A narrativa de Frida é carregada de sentimentos, onde a dor e a alegria se misturam profundamente. Frida revela a *fé* que eles tinham e o *poder* no qual viviam, *fé* e *poder* são manifestados nas últimas horas de vida de Gunnar. Ao descrever o caráter sobrenatural desses últimos momentos da vida de seu esposo, Frida o “canoniza”, por assim dizer, e o transforma em um verdadeiro herói da fé e da obra pentecostal para Igreja brasileira. Esta foi a última matéria assinada por Frida Vingren em um jornal da Assembleia de Deus no Brasil.

Na primeira quinzena de outubro de 1933, acessamos uma publicação de Nils Kastberg que estava na Suécia por ocasião da morte de Gunnar Vingren e assim enviou ao *Mensageiro da Paz* um breve relato do que ele testemunhou ali. Fragmentamos uma parte: “[...] Eu tive a oportunidade de assistir ao seu enterro [...] em Stockholmo. A primeira cerimonia, teve lugar no grande templo da Igreja Filadelfia. Apesar de ser um dia de trabalho, cerca de mil e trezentas pessoas estiveram reunidas para assistir a esse acto”.<sup>683</sup>

Como já ressaltamos, há muitas cartas que os missionários trocaram após esse período, inclusive na relação que ainda resta de Frida com a Igreja no Brasil. Kajsa Norell acessou muitas dessas cartas. Através delas são registradas muitas histórias e relatos sobre uma variedade de assuntos, inclusive, há nessas cartas uma teia de conspirações e muita fofoca. Pelo que lemos, somente essas cartas constituem um arcabouço documental profícuo que poderiam gerar inúmeras novas pesquisas acerca do estabelecimento do movimento pentecostal no Brasil e de seus desdobramentos. O que fizemos nesse capítulo foi apenas entrecruzar, nesse ponto da pesquisa, algumas delas às análises dos discursos e representações dos jornais, que como havíamos pressuposto, auxiliariam no seu objetivo, a saber, na verificação das representações percebidas nas publicações da *imprensa assembleiana* que configuram a produção e disseminação dos discursos e sentidos implícitos e explícitos na gênese doutrinária da fé pentecostal até seu gradual processo de institucionalização da Igreja.

<sup>682</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 1<sup>a</sup> Quinzena de Setembro de 1933, n° 17, p. 2.

<sup>683</sup> *Mensageiro da Paz*. Rio de Janeiro, 1<sup>a</sup> Quinzena de Outubro de 1933, n° 19, p. 6.

Antes de darmos encerramento deste capítulo guardamos um fato último nessa história, uma fonte que revela mais um sentido implícito da relação de Gunnar e Frida com a fé e o “poder”. Um fato, no mínimo intrigante, que pode ter passado despercebido nas pesquisas sobre Frida. O marco inicial da intriga de Nyström com Frida pode estar representado no dia em que ela aportou em Belém-PA em 1917. Frida relata assim sua chegada:

Ali no cais, entre todos os pequenos brasileiros, vi um homem claro e mais alto que todo mundo. Era o missionário Samuel Nyström, Junto com ele estava Adriano Nobre e três outros irmãos da Assembleia de Deus em Belém. Adriano veio saudar-me e o fez em inglês, porque Samuel Nyström chegara à conclusão, pelo meu telegrama, que eu era de nacionalidade norte-americana.<sup>684</sup>

Primeiramente, Frida o identifica, possivelmente de longe, pois, Nyström tinha mais de dois metros de altura. Mas, ela não apenas o identifica destacado entre os “pequenos brasileiros”, ela o reconhece. Frida e Nyström estudaram na mesma Escola Bíblica na Suécia,<sup>685</sup> sendo, possivelmente, colegas da mesma classe, além de serem membros e missionários da Igreja Filadélfia. É razoável afirmar que as divergências datam dessa época, ou seja, poderia haver uma intriga antiga entre eles.

Outro detalhe: Frida informa, em seu relato, que Nyström supôs que ela era americana por conta de seu telegrama. Frida não informa o que escrevera no telegrama. Não sabemos se ela assina seu nome completo, mas, deve ter escrito alguma mensagem em inglês e, como vinha para o Brasil, via EUA, a conclusão de Nyström de que ela fosse americana é razoável. Portanto, é possível supor que Samuel Nyström foi acometido por um grande susto ao se deparar com Frida, sua conterrânea, missionária e *bibelkvinna*, que além de solteira, viajava sozinha, se tornando a primeira mulher missionária enviada pela Igreja Filadélfia.

Nesse instante – o que estamos supondo – algo pode ter se reascendido em Nyström, e talvez em Frida. Seus temperamentos e visões do trabalho eram diferentes e isso deve ter ficado muito evidente entre eles ainda na Suécia. Pior do que isso, além de amigo de Pethrus, sendo Nyström o primeiro missionário oficialmente enviado pela Igreja Filadélfia, com *status* de grande sistematizador da doutrina pentecostal e organizador da

---

<sup>684</sup> ARAÚJO, 2014, p. 38.

<sup>685</sup> De acordo com Isael de Araújo a mulheres eram bem-vindas a Escola Bíblica e estudavam lado a lado com homens. Tão logo a Escola Bíblica fosse concluída, homens e mulheres eram enviados como evangelistas a diversas regiões do país e posteriormente do mundo. ARAÚJO, 2014, p. 24-28.

missão no Brasil, certamente ele esperava ser avisado da chegada de Frida, mas, ao que parece, não o foi.

Após quinze anos, retomando ao fim da relação deles, podemos afirmar que a morte de Gunnar Vingren possui a maior representação dessa pesquisa, pois, na sua morte, morrem com ele a esperança e o sonho de um projeto de uma Igreja melhor para o seu tempo, embora devamos considerar o bom trabalho das lideranças que assumiram a obra iniciada pelo casal. Além disso, quem morre também junto com Gunnar é Frida, pois com ele, ela havia desenvolvido seu ministério com extrema dificuldade, agora sem ele, nada mais seria possível. Frida tem sua morte simbólica na morte de Gunnar e ficaria enclausurada pelos próximos sete anos em lutas contra o poder da Igreja que não lhe permitiu mais fazer a obra que tanto ela amava e contra o pioramento de sua saúde física.

Em sua pesquisa Gedeon Alencar sintetiza bem, com base nas fontes de Kajsa Norell, o que se passa nos últimos anos da vida de Frida até ela falecer em 30 de setembro de 1940. Frida viveu quinze anos no Brasil e seus últimos oito anos na Suécia, viúva com cinco filhos, mas, teve seis, como já informamos, Gunvor morreu e foi enterrada no Brasil. Frida deixou Belém e o Rio de Janeiro, onde ela e as crianças estavam acostumadas com o clima tropical, e foi morar na fria Suécia. No mundo, a Segunda Guerra Mundial se aproximava. Em sua vida particular, Frida viveu uma guerra com a Igreja Filadélfia e mais particularmente com Lewi Pethrus. É de se indagar, depois da morte do marido o que ela faria na Suécia? Frida tentou voltar para o Brasil, mas, a Igreja Filadélfia não permitiu. Ela tentou ir a Portugal, ocorreu o mesmo. Por fim, decidiu voltar por conta própria, mas, quando estava na plataforma do trem com as crianças, um grupo da igreja a impediu de embarcar.

Então, Frida teria sido levada a uma delegacia e de lá internada compulsoriamente no Hospital Psiquiátrico de Konradsberg, em Estocolmo, no dia 25 de dezembro de 1934. Ela viveria os próximos seis anos, com graves alucinações, vindo a falecer em setembro de 1940. A documentação do hospital informa sobre alguns distúrbios mentais e alucinações persecutórias que Frida viveu em seus últimos dias. Ela oscilava em “afirmar” e “negar” as inúmeras acusações que sofreu em vida, inclusive de adultério. Considerando uma viúva que tivera seus filhos tomados, hospitalizada a força, abandonada e destituída de seus ministérios, vendo sua vida findando sem nenhuma perspectiva tanto na Suécia como no Brasil, é razoável que enlouqueça. Frida era “louca” antes de ser hospitalizada ou se tornou “louca” posteriormente? Conclusivamente, a

Assembleia de Deus elegeu seus santos, mas, falta assumir que têm uma mártir, feita não por inimigos da Igreja, mas, por ela própria”.<sup>686</sup>

Diante desse quadro, a recuperação e a justa inserção da atuação e do protagonismo da mulher na esfera eclesial continua sendo tópico de luta e resistência, na Assembleia de Deus atualmente, especialmente para as Convenções que buscam o melhoramento da Igreja. Porém, é bem verdade que esse quadro também gerou um total pessimismo por parte de mulheres cristãs feministas desde a década de 1970, ao ponto de muitas delas romperem totalmente com a tradição e com a Igreja institucionalizada. Nesse sentido, nossa perspectiva e esperança se coaduna com o que asseverou John Cobb acerca dos erros do passado e das desistências do presente: “O cristianismo é processo, é movimento e o é ainda agora; conserva, pois, a capacidade de corrigir-se e renovar-se”.<sup>687</sup>

A perspectiva que assumimos é a da utopia, enquanto, “lugar possível”. O melhoramento da Igreja se dará, hoje, por meio da decisão de fazer da esperança<sup>688</sup> a força motriz que não traz frustração, mas, convicção de fé e prática. Tal qual disse Paulo: “E a esperança não nos decepciona, porque Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu” Romanos 5:5.

---

<sup>686</sup> ALENCAR, 2013, p. 136.

<sup>687</sup> GIBELLINI, 2012, p. 424.

<sup>688</sup> Leonardo Boff traduz o sentido da esperança como sendo “um princípio gerador de sonhos e ações. A esperança representa o inesgotável potencial da existência humana e da história que permite dizer *não* a qualquer realidade concreta, às limitações espaçotemporais, aos modelos políticos e às barreiras que cerceiam o viver, o saber, o querer e o amar”. BOFF, 2018, p. 65-66.



## CONCLUSÃO

Não chegamos nesse fim com a pretensão de apresentar conclusões fechadas acerca dos variados temas pesquisados nos últimos quatro anos, pois, isso não seria prudente diante da complexidade de leituras e interpretações acerca do que falaram e fizeram homens e mulheres reais, sujeitos históricos de um tempo que lhes era apenas seu. Mas, conscientes de que essa pesquisa também se constitui em uma representação histórica, queremos tornar pública mais uma contribuição para a compreensão do pentecostalismo clássico, que moldou a formação da Assembleia de Deus, apreendendo tal compreensão por meio e a partir dos jornais, a chamada *imprensa assembleiana*, que circulou entre os anos de 1919 e 1933 no Brasil.

A historiografia do movimento pentecostal tendeu – e não se podia esperar algo diferente – a produzir uma narrativa oficial em que se apresenta uma história positiva da Assembleia de Deus na perspectiva de seu progresso em solo brasileiro baseada na preservação da memória de seus heróis pioneiros, o que constituiu e fundamentou a sua própria hagiografia. Essa narrativa oficial nos deu a compreensão básica acerca dos primórdios da doutrina pentecostal e sobre os demais assuntos que se depreendem da pesquisa. Não obstante, e de igual modo necessário, buscamos aprofundar a compreensão do movimento pentecostal por meio das pesquisas produzidas recentemente no âmbito acadêmico e, por conseguinte, passamos a capturar as representações de fé e de práticas pentecostais percebidas a partir das leituras dos jornais, a *imprensa assembleiana*, fonte e objeto dessa pesquisa.

Nesse sentido, assumimos trabalhar uma articulação entre a doutrina pentecostal e o jornal. Nessa articulação o jornal se tornou *fonte e objeto* para a análise e a reflexão da doutrina pentecostal, demonstrando sua proficuidade em duas dimensões. Na primeira dimensão, o jornal enquanto *fonte*, mesmo que de forma incipiente em sua consolidação, permitiu compreender, pelo conteúdo do que publicava, o seu principal objetivo: a instrução de doutrinação dos membros da Igreja. Tal como registrado no primeiro número do jornal *Boa Semente* em janeiro de 1919: “[...] anunciamos nossa humilde entrada entre todos os outros que, por sua leitura, anunciam as boas novas da Salvação, por Christo – Jesus, as do batismo no Espírito-Santo; as da cura divina [...]”,<sup>689</sup> observando que o batismo no Espírito Santo era parte fundamental dessas boas novas.

---

<sup>689</sup> **Boa Semente**. Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1, p. 1.

Na segunda dimensão da articulação entre a doutrina pentecostal e o jornal, o jornal enquanto *objeto* foi inquirido, pois, como afirmado no início da pesquisa, o jornal não é, por si e em si, uma espécie de “voz do passado”, registro “seco”, absoluto e seguro do que aconteceu. O jornal não é espelho da realidade, mas, constrói uma visão dela, especialmente, uma visão de mundo permeada pela espiritualidade da vida religiosa. O jornal é *representação*.<sup>690</sup> Para além das ideias e dos pensamentos doutrinários, as notícias e os fatos publicados são projeções e interpretações dos mesmos, por isso o jornal é também produto e produtor de sentidos, e nessa pesquisa se tornou *objeto* a ser inquirido.

Além de confirmar algumas proposições das pesquisas acerca do pentecostalismo, essa pesquisa proporcionou a reflexão e a constatação do rico arcabouço documental que se constituem os jornais da *imprensa assembleiana*, especialmente o jornal *Boa Semente*, que reproduziu e difundiu a *doutrina pentecostal* em seus primórdios no Brasil, confirmando e configurando, enquanto procedimento metodológico, que a história por meio dos jornais é um campo extremamente fértil para a pesquisa histórica no que tange as representações de fé e de práticas do pentecostalismo clássico.

A relação intrínseca entre a doutrina pentecostal e o jornal, que dimensiona o jornal a se constituir *fonte* e *objeto*, foi evidenciada no desenvolvimento da pesquisa. Isso foi objetivamente demonstrado quando apresentamos o campo metodológico, a caracterização e a contextualização da *imprensa assembleiana*, especialmente o jornal *Boa Semente*, conhecendo sua natureza e materialidade, seu tempo e espaço. Como proposto por Tania Regina de Luca para o devido tratamento da pesquisa histórica com jornais, a *imprensa assembleiana* foi submetida ao método dos três eixos para a sua análise: a *materialidade*, o *conteúdo* e os *idealizadores* dos jornais.<sup>691</sup>

Essa dinâmica análise possibilitou um olhar epistêmico sobre os inúmeros relatos e as experiências registradas nos jornais que fundamenta a fé e a prática do membro pentecostal. A experiência é fonte legítima do saber e marca da práxis pentecostal. É sobre essa assertiva que se fundamentam suas principais doutrinas, como o batismo no Espírito Santo, a cura divina do corpo e o exercício dos demais dons espirituais.

---

<sup>690</sup> O conceito de representação de Roger Chartier aponta para uma representação do real, uma (re)produção da realidade. As modalidades de relação das representações com o mundo socioreligioso em destaque, especialmente no que diz respeito a fé e as práticas pentecostais, apontam para um (re)conhecimento de uma identidade social e as formas institucionalizadas que marcam a existência de um determinado grupo, aqui grupo e identidade pentecostal. Cf. VAINFAS, 2011, p. 143.

<sup>691</sup> Cf. LUCA, 2014, p. 132.

A seguir, evidenciamos que a difusão da doutrina pentecostal por meio e a partir do jornal *Boa Semente* durante a década de 1920 foi profícua em vários sentidos e seus efeitos ainda ressoam instigantemente. Os opúsculos, Escolas Bíblicas e os Estudos Dominicais (EBD) foram anúncios e práticas (eventos) imprescindíveis para a gênese doutrinária pentecostal desse período, em um tempo que a aquisição e o estabelecimento de sua imprensa tornavam possível a propagação de sua doutrina em grande escala de Norte a Sul do país. Estes eventos se constituíram em elementos formadores da doutrina pentecostal em uma conjugação direta com o jornal *Boa Semente*, o primeiro órgão oficial da Assembleia de Deus no Brasil. Foi esse jornal, mesmo entre tantos analfabetos nas fileiras da Igreja, que trouxe sentido de verdade para a fé e a prática dos primeiros líderes do movimento pentecostal em sua formação, especialmente os líderes brasileiros.

Ao mesmo tempo identificamos o forte interesse dos líderes pioneiros – Gunnar Vingren e Samuel Nyström, fundadores do *Boa Semente* – pela propagação da doutrina pentecostal em grande escala por meio da palavra impressa. Portanto, a *imprensa assembleiana* é canal e difusor da doutrina pentecostal. Assim, foi possível constatar e compreender, pelas leituras dos jornais, o cotidiano dos líderes e dos membros da Igreja na expansão da obra, o gradual processo de construção identitária do movimento pentecostal emergente por meio de suas práticas representadas nos jornais.

Embora a Igreja não possuísse cursos de Teologia formais ou não houvesse nenhuma sistematização doutrinário-teológica, os jornais acabaram por produzir e transmitir, nos primeiros anos, os enfoques histórico-teológicos evidenciados nos artigos publicados. Esses artigos se constituíram, pouco a pouco, no e a partir dos jornais, em um corpo doutrinário documental fomentador para a produção da teologia pentecostal, que posteriormente se organizaria em uma profissão de fé densa e própria.

A partir desse momento da pesquisa, identificamos, por meio da *imprensa assembleiana*, como foram as relações da Assembleia de Deus com outras Igrejas a partir da década de 1920, uma vez que essas Igrejas, a saber, nessa pesquisa, as Igrejas Católica, Batista e Presbiteriana, atuavam no campo da imprensa com seus próprios jornais, fazendo propagar de igual modo as suas doutrinas muitos tempo antes dos pentecostais publicarem seu primeiro jornal. Constatamos que os jornais da *imprensa assembleiana*, os jornais *Boa Semente*, *O Som Alegre* e o *Mensageiro da Paz* estão carregados de notícias e histórias que representam a relação da Assembleia de Deus com outras Igrejas, bem como, os jornais das Igrejas Católica, Batista e Presbiteriana acerca da Assembleia de Deus,

tratada pelo pejorativo nome de “seita pentecostista”. Os embates foram tensos e, muitas vezes, as respostas publicadas contra os pentecostais estavam carregadas de calúnias de modo que, por isso, o grupo acabou sendo estigmatizado entre os demais.

Esses embates e divergências doutrinárias, analisados a partir dos jornais, se configuram em representações produzidas pela Assembleia de Deus a partir da formação identitária de seu grupo por meio dos intercâmbios com outros grupos. Ao mesmo tempo, foi possível constatar que a lógica<sup>692</sup> exposta por Gedeon Alencar não deixou os pentecostais absolutamente resignados, enquanto grupo, para suportar os ataques e as perseguições que sofriam. Pelo contrário, foi demonstrado que os pentecostais fizeram de seus jornais uma arma de defesa (apologia) acerca do que diziam e publicavam sobre o grupo, assim como, uma arma de ataque contra os demais grupos (doutrinação), reafirmando a fé e as práticas pentecostais.

A história do pastor José de Moraes é simbólica nesse sentido, pois, ele soube utilizar o jornal *Boa Semente* com uma perspicácia inteligente para comprovar – tanto interna quanto publicamente – que o ataque do pastor batista, Munguba Sobrinho, havia sido infame e calunioso. Isso se deu em Manaus-AM, justamente no tempo e no espaço em que o movimento pentecostal mais se expandia nos idos da década de 1920. A região Norte e Nordeste foi o *locus* de maior impacto e crescimento da Assembleia de Deus nesse período. Dessa forma, é razoável afirmar que o jornal foi um fundamental instrumento de reação e proteção do grupo, tanto internamente como na esfera pública.

Não obstante, conclusivamente, afirmamos que o pentecostalismo que emergiu no Brasil nas primeiras décadas do século XX, se tornou um paradigma a ser superado pelos demais grupos protestantes. Esses grupos, tal como demonstrado na pesquisa, decidiram em comum, que o movimento pentecostal, ou como denominavam, a “seita pentecostista”, deveria ser tão somente combatida, pois, além de herege, era fortemente proselitista. A ideia de que o movimento pentecostal não se encolheria diante de tais combates, só pôde ser compreendida gradualmente com o passar do tempo e das décadas.

A questão da institucionalização da Assembleia de Deus por meio de sua relação com a Igreja Filadélfia de Estocolmo vem a seguir, ocupando uma densa parte da pesquisa.

---

<sup>692</sup> Essa lógica foi denominada nessa pesquisa como lógica legitimadora de fé e prática do movimento pentecostal, sendo a mesma reverberada nos jornais. Ao destacar que a perseguição foi valorizada como elemento da própria militância pentecostal, Gedeon Alencar expoe a seguinte lógica: 1. Estamos evangelizando; 2. Daí vem a perseguição; 3. Muitas pessoas estão se convertendo; 4. Muitos batismos (sempre os dois); 5. Nós temos a verdade. ALENCAR apud SOUZA, MATOS, 2017, p. 272-273.

Essa compreensão se deu pela análise do percurso da Assembleia de Deus no Brasil desde a chamada dos missionários pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg, reconhecendo o hiato entre os anos em que o trabalho missionário não esteve vinculado a nenhuma denominação<sup>693</sup> (1911 a 1915), até os primeiros contatos com a pessoa de Lewi Pethrus. O entrecruzamento das fontes enriqueceu esse capítulo e suas conclusões.

A relação Berg-Pethrus-Vingren, exatamente nessa ordem, marcou o ponto de partida da institucionalização do pentecostalismo da Assembleia de Deus no Brasil. A transformação do movimento apostólico – considerado pelos pioneiros um movimento livre – foi gradativamente se tornando uma denominação organizada. O vínculo do movimento pentecostal com a Igreja Filadélfia foi fundamental nesse sentido, pois, a partir do momento em que Gunnar Vingren e Daniel Berg foram registrados como missionários da Igreja Filadélfia, e assim, incorporados à Missão Sueca, a cooperação financeira mudou o *status* da missão no Brasil e o envio de novos missionários deram o novo tom do crescimento e expansão da Assembleia de Deus na década de 1920.

Esses novos missionários são os emissários da institucionalização da Assembleia de Deus, tendo na pessoa de Samuel Nyström sua maior representação, o símbolo da ordem, o sacerdote da tradição, que se torna perpétuo e perene, na medida em que organiza a estrutura e a hierarquia da Igreja. A História da Igreja manifestou essa dinâmica como um padrão para as institucionalizações das Igrejas cristãs na História, como apontado por Richard Niebuhr ao diferenciar Evangelho de Religião,<sup>694</sup> sendo essa última, subproduto econômico da institucionalização.

Pouco tempo depois, os pastores brasileiros alcançaram certo protagonismo na missão, abrindo novas Igrejas e participando das publicações nos jornais, e, dessa forma passaram a “exigir” autonomia sobre as igrejas, especialmente no Nordeste, o que deu origem a suposta “crise” na Igreja. Essa exigência está representada no manifesto dos pastores nordestinos publicado no *Boa Semente* durante o ano de 1930, convocando todos os missionários suecos e pastores brasileiros para a Convenção Geral de Natal.

Analisando os assuntos da pauta principal da Convenção, unindo os interesses dos pastores nordestinos com a travestida liderança de Samuel Nyström, concluímos que essa primeira e histórica reunião da Assembleia de Deus no Brasil ocultou – nos jornais

---

<sup>693</sup> Vingren disse antes de embarcar para o Pará: “Ali estávamos os dois sem nenhum recurso, sem pertencer a nenhuma denominação, pertencendo somente à denominação que está no céu”. VINGREN, 1973, p. 25.

<sup>694</sup> Niebuhr trata a religião como *canga*. Relaciona a religião ao *status quo* em nome do futuro, quase sempre feito em benefício dos comerciantes. A religião é instinto de conservação. NIEBUHR, 1967, p. 16-17.

da Igreja – o real motivo de sua convocação: Frida Vingren. A análise das fontes de Kajsa Norell demonstrou que a atuação excepcional de Frida nos trabalhos da Igreja incomodou suecos e brasileiros, prefigurando a formação do chamado *ethos* sueco-nordestino.

A escrita acerca da institucionalização da Assembleia de Deus representa o ponto mais alto de investigação dessa pesquisa, especialmente, compreendendo o modo em que o pentecostalismo se formou e se desenvolveu no Brasil e, mesmo que o movimento pretendesse não ser uma denominação organizada – pois pretendia ser ou parecer um movimento apostólico no modelo de Atos dos Apóstolos – sua institucionalização se tornou irreversível. Os ideais de um *ethos* pentecostal sueco-nordestino se formaram pela sua incursão no país, e, por meio do contexto socioeconômico brasileiro, desenvolveu uma cultura e tradição evangélica distinta dos modelos, até então, estabelecidos no Brasil.

Do ponto de vista da análise da *imprensa assembleiana*, há representações implícitas nas publicações de Frida nos jornais da Igreja. Elas deram forte impacto a formação da Igreja. Nessa imbricada relação, a saber, entre Frida e os jornais, Samuel Nyström e Gunnar Vingren romperam o relacionamento por causa da (dis)função da mulher na Igreja, tendo como símbolo dessa ruptura a prefigurada existência dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*, cada jornal por eles dirigidos de Belém-PA e do Rio de Janeiro, respectivamente. Essa ruptura apresenta o *locus* pentecostal em sua origem, no tempo e no espaço, com forças divididas. A Convenção de Natal foi o estopim que comprovou a ascensão da liderança de Samuel Nyström e o desvanecimento da liderança de Gunnar Vingren, auferido pelo “poder” de Lewi Pethrus. Gunnar e Frida Vingren são vencidos em suas proposições, e são, por assim dizer, derrotados pelo “poder” da Igreja.

Na parte final dessa pesquisa tratamos das representações e relações que Gunnar e Frida tiveram entre a fé e o “poder”. É um desdobramento da institucionalização da Igreja, considerando a resolução da Convenção de Natal no último tópico de sua pauta, a saber, o trabalho feminino na Igreja, tendo em Frida Vingren sua principal interlocutora, defensora, e única mulher a participar diretamente das reuniões convencionais de Natal. Por isso, concluímos que Frida foi o real motivo da convocação da Convenção. A fé de Frida chocou-se com o poder da Igreja e com sua hermenêutica convenientemente e resolutamente estabelecida pelo machismo advindo do *ethos* sueco-nordestino que estabeleceu o lugar da mulher na Igreja. Por isso, optamos em contrapor a resolução de Natal, buscando investigar o poder que Frida tinha nos jornais, mais precisamente pela análise de três artigos, que denominamos de *tríade* nevrálgica. A leitura e publicação

desses artigos gerou uma ambiguidade, pois, tornam a atuação de Frida Vingren *sui generis* na história da Assembleia de Deus, ao mesmo tempo que sua publicação foi o estopim para a conspiração “nordestina” que visava retirar ela e seu esposo do Brasil.

Samuel Nyström foi o grande arquiteto dessa conspiração. Como indicado na pesquisa, ele foi criado e preparado para atuar no “poder”. Ele se enquadra no conceito weberiano de dominação carismática,<sup>695</sup> fazendo valer sua influência sobre missionários suecos e pastores nordestinos, além do status de ter sido o primeiro missionário enviado pela Igreja Filadélfia, enviado por Lewi Pethrus. Após a retirada de cena do casal Vingren do Brasil, o silenciamento de Frida<sup>696</sup> foi uma consequência natural do enrijecimento regulador que a Assembleia de Deus produziria nas próximas décadas em sua tradição. O alijamento de Gunnar e Frida deixou marcas profundas na História, e é convenientemente importante para a manutenção do *status* regulador da doutrina e da tradição pentecostal, alijando também inúmeras outras lideranças. Mas, os mortos não descansarão em paz, enquanto suas memórias não se mantiverem vivas.

Embora o fator da institucionalização perpassasse todas as denominações cristãs, no caso da Assembleia de Deus, identificamos que uma teia de intrigas e conspirações pelo poder e, por conseguinte, contra Gunnar e Frida, mancharam o caráter básico e essencial da Igreja de Cristo. O *ethos* sueco-nordestino não destruiu apenas Frida, mas, milhares de mulheres que foram, de igual modo, silenciadas por sonharem com uma Igreja melhor. Isso dá sentido e revela a origem dos cismas convencionais, ocorridos posteriormente dentro das Assembleias de Deus no Brasil, em que o mesmo espírito, isto é, a mentalidade, ainda atua fortemente sobre as lideranças atuais com seus impetuosos projetos de poder.<sup>697</sup> Esse poder continua fazendo acepção de pessoas e excluindo a mulher da plena participação no ministério e dos cargos hierárquicos da Igreja.

Acerca das representações da doutrina pentecostal nos jornais, sustentamos a ideia de uma *tese*, de que houve um conjunto de interesses defendidos pelos líderes

---

<sup>695</sup> Por isso afirmamos que Vingren era o profeta carismático e Nyström o sacerdote da tradição. O carisma do profeta é sempre transitório, com o tempo ele é perseguido e morto. O “poder” do sacerdote é perpétuo e perene, pois, se estabelece na tradição de uma estrutura hierarquicamente sagrada. Cf. WEBER, 1998, p. 158-160.

<sup>696</sup> Gedeon Alencar diz: “Frida foi morta duplamente. Em vida, mataram-na, pois lhe tiraram seu ministério. Depois, mataram-na novamente quando silenciam sobre sua história”. ALENCAR, 2013, p. 241.

<sup>697</sup> Marina Correa apresenta o *modus operandi* do caudilhismo assembleiano no exercício do poder. Os pastores-presidentes usam as convenções que presidem para realizar acordos políticos, criação de cargos e salários, filiações de novas igrejas entre outras ações. O pastor-presidente obtém controle absoluto de todas as ações administrativas e poder político em seus ministérios e convenção estaduais o que lhe serve de apoio aos pastores-presidentes das convenções nacionais. CORREA, 2013, p. 216.

pioneiros e pelos redatores dos jornais para que os membros da Igreja, por meio da doutrina pentecostal, pudessem ser fieis a Deus, mas, também à denominação na medida em que a mesma se institucionalizava. Além disso, ao registrar e comunicar os fatos e temas daquele tempo (notícias e doutrinas), a *imprensa assembleiana* defendeu, protegeu e estabeleceu sua doutrina, seu núcleo querigmático fundante, construindo no bojo, seu próprio escatologismo e apoliticismo, sob o modelo *Cristo contra cultura* que contribuiu para para distanciar os membros pentecostais do mundo social à sua volta. Uma incongruência é constatada na prática atual dessa mesma Igreja, que em certa medida, substituiu o discurso escatológico pela política partidária de cooptação no âmbito do Estado, em que o poder eclesiástico une-se com o poder político, subordinando igrejas a uma ética instrumental (imprudente) como quer e estabelece o ultraliberalismo.

Essa tese aponta para a necessária compreensão dos pontos de vistas ou perspectivas (construção das representações) percebidas nos jornais da Igreja e também nos jornais de outras denominações. Houve nos jornais pesquisados um modo distinto de transmissão e difusão da doutrina pentecostal aos membros da Igreja, que é percebido na medida em que os primeiros missionários desenvolviam a missão como movimento livre, ou seja, antes da institucionalização da Igreja, iniciada de modo gradativo a partir da primeira Convenção de 1930 em Natal-RN, quando, inclusive, o jornal *Boa Semente* deixa de existir dando lugar ao jornal *Mensageiro da Paz*. Nesse sentido, temos no estudo dessa transição uma ruptura, enquanto representação histórica, o que oportuniza a descoberta e a análise de novos objetos de pesquisas, uma vez que o domínio das representações tem apresentado uma grande proficuidade de temas que emergem dos jornais, aqui em especial, da *imprensa assembleiana*.

Portanto, concluímos essa pesquisa afirmando, com novos olhares, a possibilidade de se reconstituir um conjunto de representações sobre a doutrina pentecostal por meio dos jornais, que não é produzida desinteressadamente, mas, é incidida com a política eclesiástica e com o poder, principalmente por meio do exercício da fé e da prática dos membros pentecostais. Essa pesquisa trilhou um percurso em que práticas e representações se imbricaram de forma visceral. O campo da doutrina pentecostal pôde ser investigado por dentro, visto a partir de si mesmo. A investigação acerca da *imprensa assembleiana* se constitui na pedra de toque dessa pesquisa, e, é produto de reflexão histórica para aqueles e aquelas que buscam compreender melhor o pentecostalismo no Brasil em sua gênese.

## REFERÊNCIAS

### 1 - Periódicos

- A Cruz.** Rio de Janeiro, 17 de dezembro de 1939, nº 50.
- A Cruz.** Rio de Janeiro, 24 de maio de 1942, nº 21.
- A Ordem.** Natal, 10 de setembro de 1942, nº 2065.
- A Ordem.** Natal, 15 de setembro de 1942, nº 2069.
- A Ordem.** Natal, 3 de dezembro de 1941, nº 1844.
- A Paz.** Manaus, 21 de março de 1898, nº 1.
- Boa Semente.** Belém do Pará, 18 de Janeiro de 1919, nº 1.
- Boa Semente.** Belém do Pará, 16 de Abril de 1919, nº 2.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1920, nº 7.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1921, nº 10.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Julho de 1921, nº 11.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Outubro de 1921, nº 13.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Março e Abril de 1922, nº 17 e 18.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Julho de 1923, nº 26.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Agosto de 1923, nº 27.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Dezembro de 1923, nº 31.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Janeiro de 1924, nº 32.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Maio de 1924, nº 36.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Junho de 1924, nº 37.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Fevereiro de 1925, nº 45.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1925, nº 46.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Abril de 1925, nº 47.
- Boa Semente.** Belém do Pará, Junho de 1925, nº 49.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Julho de 1925, nº 50.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Agosto de 1925, nº 51.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1926, nº 58.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Julho de 1926, nº 62.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Agosto de 1926, nº 63.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Setembro de 1926, nº 64.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Janeiro de 1929, nº 92.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Março de 1929, nº 94.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Abril de 1929, nº 95.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Outubro de 1929, nº 101.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Novembro de 1929, nº 102.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Fevereiro de 1930, nº 105.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Junho de 1930, nº 109.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Julho de 1930, nº 110.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Agosto de 1930, nº 111.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Setembro de 1930, nº 112.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Outubro de 1930, nº 113.

**Boa Semente.** Belém do Pará, Novembro de 1930, nº 114.

**Evangelii Härold,** Stockholm, 1916, nº 1.

**Evangelii Härold,** Stockholm, 1916, nº 3.

**Evangelii Härold,** Stockholm, 1916, nº 5.

**Evangelii Härold,** Stockholm, 1917, nº 22.

**Mensagem da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1930, nº 1.

**Mensagem da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Fevereiro de 1931, nº 3.

**Mensagem da Paz.** Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1931, nº 4.

**Mensagem da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Março de 1931, nº 5.

**Mensagem da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Maio de 1931, nº 9.

- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1931, n° 10.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1931, n° 14.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Agosto de 1931, n° 15.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Setembro de 1931, n° 17.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1931, n° 18.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 01 de Outubro de 1931, n° 19.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1931, n° 23 e 24.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, Janeiro de 1932, n° 1 e 2.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1932, n° 9.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, Quinzenas de Julho e Agosto de 1932, n° 14 e 15.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 2ª Quinzena de Agosto de 1932, n° 16.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Janeiro de 1933, n° 1.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Junho de 1933, n° 11.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Agosto de 1933, n° 15.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Setembro de 1933, n° 17.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 1ª Quinzena de Outubro de 1933, n° 19.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, 2ª Quinzena de Agosto de 1937, n° 16.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, Junho de 1985, n° 1178.
- Mensageiro da Paz.** Rio de Janeiro, Outubro de 2018, n° 1601.
- O Estandarte.** São Paulo, 13 de Março de 1919, n° 11.
- O Estandarte.** São Paulo, 20 de Março de 1919, n° 12.
- O Estandarte.** São Paulo, 27 de Março de 1919, n° 13.
- O Estandarte.** São Paulo, 10 de Abril de 1919, n° 15.
- O Jornal Baptista.** Rio de Janeiro, 25 de julho de 1929, n° 30.
- O Jornal Baptista.** Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1930, n° 52.
- O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Dezembro de 1929, n° 1.
- O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Janeiro de 1930, n° 2.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Fevereiro de 1930, nº 3.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Maio de 1930, nº 6.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Junho de 1930, nº 7.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Julho de 1930, nº 8.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Agosto de 1930, nº 9.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Setembro de 1930, nº 10.

**O Som Alegre.** Rio de Janeiro, Outubro de 1930, nº 11.

**Voz da Verdade.** Belém do Pará, Novembro de 1917, nº 1.

## 2 – Bibliografia

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946).** São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALENCAR, Gedeon. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011.** Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** 3ª ed. São Paulo: Arte Editorial, 2005.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário Teológico.** Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. O Mensageiro da Paz: uma história do sagrado. In: **Cadernos da FaEL,** Nova Iguaçu-RJ: Universidade Iguaçu, FaEL. v. 1, nº 1, jan/fev, 2008.

ARAÚJO, Isael de. **História da Casa Publicadora das Assembleias de Deus: 1940 – 2010.** Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

ARAÚJO, Isael de. **100 acontecimentos que marcaram a história das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro.** Piracicaba-SP: UNIMEP, 1996.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História: uma introdução às especialidades da História. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, dez, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**: Princípio e conceitos fundamentais. vol. 1. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BERG, Daniel. **Enviado por Deus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERTI, Marcelo. Era Júnia uma apóstola? **Revista Teologia Brasileira**, nº 62, 2017.

**Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Brasil**: concluir a refundação ou prolongar a dependência? Petrópolis: Vozes, 2018.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo libertador**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

BONAITA, Luigi. **A influência de Lewi Pethrus, do pingströrelse e da missão sueca na identidade das Assembleias de Deus no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). IBAD – Instituto Bíblico das Assembleias de Deus, Pindamonhangaba-SP, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAIRNS, Earle. **Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

CAMARGO, Thiago Dutra de. **Educação Integral e espiritualidade**: os benefícios dessa relação para a formação integral do ser humano. Porto Alegre: UFRGS, FAGED, 2015.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

CARSON, D. A. **Cristo e Cultura**: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012.

CARVALHO, Osiel Lourenço de. **(In)versões político-escatológicas no pentecostalismo brasileiro**: uma análise da posição e ação política das Assembleias de Deus de 1930-1945 e 1978-1988 a partir do jornal Mensageiro da Paz. Tese de Doutorado em Ciências da Religião: Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP, 2016.

CARVALHO, Sandro Amorim de. **O Povo do livro**: o protestantismo no Amazonas. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. São Paulo: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, 11(5), 1991.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e Segmentação dos Impressos. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

**Coleção Lições Bíblicas**. Vol.1. 1934 – 1940. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

CONDE, Emílio. **Estudos da Palavra**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1979.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

CORREA, Marina. **Assembleia de Deus**: ministérios, carisma e exercício de poder. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

CRABTREE, A. R. **História dos batistas do Brasil até 1906**. vol. I. 2ª ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

DANIEL, Silas. **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FAJARDO, Maxwell. **Onde a luta se travar**: uma história das Assembleias de Deus no Brasil. Curitiba: Editora Primas, 2017.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERNANDES, Mirian Lins. **História da Assembleia de Deus no Amazonas**. Manaus, (s.e.), 1993.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. Ascetismo e sectarismo no pentecostalismo clássico das Assembleias de Deus. In: **Protestantismo em Revista**. São Leopoldo-RS, v. 39, jun/dez. 2015.

FIEGENBAUM, Ricardo Zimmermann. **Midiatização**: a reforma protestante do século XXI? Igrejas, dispositivos midiáticos e sistemas de valor, de visibilidade e de vínculo entre regulações e resistências. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2010.

FORTES, Alexandre. “Miríades por toda a eternidade”: a atualidade de E. P. Thompson. **Revista Tempo social**. São Paulo, v. 18, n. 1, 2006.

FRESTON, Paul. Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: A Assembleia de Deus. In: **Religião e Sociedade**, Vol./Nº 16/3, 1994.

GAMA, Rafael da. “A heresia pentecostal”: Embates, tensões e diálogos do pentecostalismo em Belém do Pará (1911-1931). **Revista Nures**, PUC-São Paulo, Ano XI, nº 30, 2015.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. vol. 2. São Paulo: Ática, 2002.

GINI, Sérgio. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 8, set, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONZÁLEZ, Justo. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo. A era dos mártires**. vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZÁLEZ, Justo. **E até aos confins da terra: uma história ilustrada do cristianismo. A era inconclusa**. vol. 10. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GONZÁLEZ, Justo. **História Ilustrada do Cristianismo**. vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

HAHN, Karl Joseph. **História do Culto Protestante no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: ASTE, 2011.

HELFENSTEIN, Janaína. Kirchenblatt, Sonntagsblatt e Der Lutheraner: a imprensa periódica luterana no Brasil. **Revista Temporalidades**. ed. 22, v. 9, n. 3, set/dez, 2016.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª ed. 1995.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

LAFER, Celso. **Conferências de Paz de Haia (1899 e 1907)**. Repositório do CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – Fundação Getúlio Vargas, 2013, p. 2-3. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CONFER%C3%80NCIAS%20DA%20PAZ%20DE%20HAIA.pdf> Acesso em: 27 fev 2019.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **A História Nova**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

LÉORNARD, Émile G. **O protestantismo no Brasil**: estudo de eclesiologia e história social. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2002.

LIMA, Cícero. et al. [Carta]. 21 de abril de 1931, Natal [para] PETHRUS, Lewi. Estocolmo. 2f.

LIMA, Daniel Barros de. BRANDENBRUG, Laude Erandi. A educação integral correlacionada aos princípios educacionais na cosmovisão cristã: tensões e rupturas. **Protestantismo em Revista**, v. 43, n° 1, jan./jun, São Leopoldo, 2017.

LIMA, Daniel Barros de. Historiografia contemporânea e alguns sujeitos sociais como objeto da pesquisa histórica: aproximações e possibilidades. In: PIO JÚNIOR, Amaury Oliveira; SILVA FILHO, Eduardo Gomes da (org.). **História da Amazônia em doze olhares**: novas contribuições. Manaus: Mundo Novo, 2014.

LIMA, Daniel Barros de. LIMA, Maria José Costa. Pastoras na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Manaus-Am: um olhar feminino a partir do 4º RELEP e da consagração de mulheres na CADB. In: LIMA, Adriano. COSTA, Moab. GANDRA, Valdinei. (Orgs.). **O Espírito e as Igrejas**. São Paulo: Editora Recriar, 2018.

LIMA, Daniel Barros de. O processo educativo-religioso e a espiritualidade. In: REBLIN, Iuri Andréas. (org.). **10 teses sobre religião e educação**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2017.

LIMA, Daniel Barros de. **Representações do seringueiro na imprensa amazonense**: cotidiano e vivências no mundo da borracha (1890-1920). UFAM: Manaus, 2016. Dissertação de Mestrado, 2016.

LIMA, Maria José Costa. **Um enigma de Deus**: a história de um legado de fé e educação. Manaus: Travessia, 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LUND, E. NELSON, P. C. **Hermenêutica**. 7ª ed. São Paulo: Vida, 1968.

MAGALHÃES, Antonio C. M. Religião: Árvore ou Rizoma? **Estudos de Religião**. UMESP, v. 27, n° 1, jan-jun, 2013.

MANOEL, Ivan Aparecido. **O pêndulo da História**: tempo e eternidade no pensamento Católico (1800-1960). Maringá: Eduem, 2004.

MARIANI, Ceci M. C. Baptista. Experiência de Deus. In: **Theologica Latinoamericana**: enciclopédia digital. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=181> Acesso em: 03 jan. 2018.

MARIN, Jérri Roberto. Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. **Revista Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro: v. 38, n° 3, set/dez, 2018.

MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). **História: Pensar & Fazer**. Niterói: LDH/UFF, 1989.

MELLO, Adriana Girão da Silva; LIMA, Daniel Barros de. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas do Gênero: Revista de Estudos Feministas em Gênero e Religião**. São Leopoldo-RS, v. 2, n. 1, jan. jul. 2016.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.

MESQUITA, Antonio N. de. **História dos batistas do Brasil de 1907 até 1935**. vol. II. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

MOLTMANN, Jürgen. **O Espírito da vida: uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: LUCA, Tania Regina de. MARTINS, Ana Luiza (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NELSON, Samuel. **Samuel Nyström: pioneiro do ensino pentecostal em escolas bíblicas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

NIEBUHR, Richard H. **As origens sociais das denominações cristãs**. São Paulo: Ciências da Religião/Aste, 1992.

NIEBUHR, Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

NORELL, Kajsa. **Halleluja Brasilien! Em resa till knarkgängens, favelans och den helige andens land**. Stockholm: Ed. Bladh by Bladh, E-book, 2011.

NYSTRÖM, Samuel. Escolas bíblicas e trabalho literário. In: VINGREN, Ivar (Trad.). **Despertamento Apostólico no Brasil: resumo da missão sueca no Brasil, alguns missionários**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

NYSTRÖM, Samuel. Trabalho de evangelização no Norte do Brasil. In: VINGREN, Ivar (Trad.). **Despertamento Apostólico no Brasil: resumo da missão sueca no Brasil, alguns missionários**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

OLIVEIRA, David Mesquiati de (org.). **Pentecostalismo e transformação social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

OLIVEIRA, David Mesquiati de. Lutero, o Espírito Santo e pentecostais. In: ZWETSCH, Roberto E. (Org.). **Lutero e a teologia pentecostal**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

OLIVEIRA, Liliane Costa de. PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do protestantismo na Amazônia. In: **Revista Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo-SP, v. 31, n° 2, maio/ago, 2017.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2001.

PAIXÃO, Daniel dos Santos. A missão sueca na construção da identidade assembleiana no Brasil. In: **Azusa Revista de Estudos Pentecostais**. Joinville, v. 2, n. 1, janeiro/2011.

**Pastores Nacionais**. Rev. Manoel Francisco do Nascimento Machado. p. 86. <http://www.ebenezer.org.br/wp-content/uploads/2015/09/Parte-3-Pastores-nacionais.pdf> Acesso em: 17 out 2019.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta: libertando o cristianismo de seu cativeiro cultural**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. São Paulo: Autêntica, 2008.

PETHRUS, Lewi. **Lewi Pethrus: a vida e a obra do missionário sueco que expandiu a mensagem pentecostal no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. A mulher nos primórdios da imprensa amazonense. In: MORGA, Antonio Emilio. BARRETO, Cristiane Manique. (Orgs.). **Gênero, sociabilidade e afetividade**. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2009.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. **Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)**. Manaus: EDUA, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imprensa e cultura letrada no Amazonas, 1889-1920. **ANPUH – Anais do XXV Simpósio Nacional de História**, 2009.

PLAÇA, Joyce Torres. **A comunicação no movimento wesleyano: pistas para uma mídia metodista hoje**. Dissertação em Ciências da Religião. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo-SP: 2010.

RAMOS, André Luiz. **Escola Bíblica Dominical: história e situação atual**. Universidade Mackenzie: São Paulo, 2013. Dissertação de Mestrado, 2013.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

**Revista da Escola Dominical**. Centenário Assembleia de Deus no Amazonas: um legado histórico em 13 lições. PECC: Belém-PA, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. 3 vols. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: Uma interpretação socioreligiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ROSSI, Agnelo. **Diretório Protestante no Brasil**. Campinas: Tipografia Paulista, 1938.
- SILVA, K. V. SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. Manaus: Valer, 2004.
- SODRÉ, Néelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: INTERCOM, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- SOUZA, Catiane Rocha Passos de. MATOS, Rita de Cássia Aragão. O pentecostalismo clássico brasileiro em vias de midiaticização. In: **Extraprensa: cultura e comunicação na América Latina**. vol. 1, n. 1, 2017.
- TERRA, Kenner Roger Cazotto. O êxtase na reforma: superando preconceitos e afirmando identidade. In: LIMA, Daniel Barros de. ALENCAR, Gedeon Freire de. CORREA, Marina Santos (Orgs.). **Reforma protestante e pentecostalismo: convergências e divergências**. Manaus: FBN/Vitória: Editora Unida, 2017.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VAINFAS, Ronaldo & CARDOSO, Ciro Flamarion (Orgs.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**. São Paulo: Campus, 2011.
- VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**. Tese de Doutorado em História: PUC, São Paulo, 2010.
- VIEIRA, Maria do Pilar. et al. Imprensa como fonte para a pesquisa histórica. São Paulo: **Projeto História 3**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, v. 3, jan/dez, 1984.
- VILHENA, Valéria Cristina. **Frida Maria Strandberg (1891-1940): mais do que esposa de pastor**. São Paulo: Fonte Editorial, 2018.
- VINGREN, Ivar. **O Diário do Pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 1973.
- WACHHOLZ, Wilhelm. O ser humano cooperador com Deus: ética cristã a partir dos dois regimentos e três estamentos na teologia de Martim Lutero. In: **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 57, n. 1, jan/jun, 2017.

WACHHOLZ, Wilhelm. Reforma e melhoramento, tradição e transformação: os estamentos na teologia de Lutero a serviço da criação. In: REBLIN, Iuri. WACHHOLZ, Wilhelm (Orgs). **Reforma: tradição e transformação**. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

WALKER, Wiliston. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. 4ª ed. Brasília: Unb, 1998.

ZICMAN, Renée Barata. História através da Imprensa: algumas considerações metodológicas. São Paulo: **Projeto História 4**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, v.4, jan/dez, 1985.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 7ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.

### 3 – Sites

<http://arquisp.org.br/historia/dos-bispos-e-arcebispos/arcebispos/dom-agnelo-cardeal-rossi>

<http://historiacongregacional.blogspot.com.br/2013/08/horace-bushnell-o-pai-do-liberalismo.html>

[http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost\\_constitutions/1961/documents/hf\\_j-xxiii\\_apc\\_19611225\\_humanae-salutis.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html)

[http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN\\_ID=12](http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=12)

<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/meses-euripedes-cardoso-de>

<http://www.portalbr4.com.br/materias/5>

<http://www.sibmanaus.com.br/quem-somos/historia/>

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/index\\_po.htm](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm)

<https://pibpa.org.br/sobre-nos/>

[https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1993/september/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_19930918\\_rinnovam-carismatico.html](https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/en/speeches/1993/september/documents/hf_jp-ii_spe_19930918_rinnovam-carismatico.html)

<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44731827>

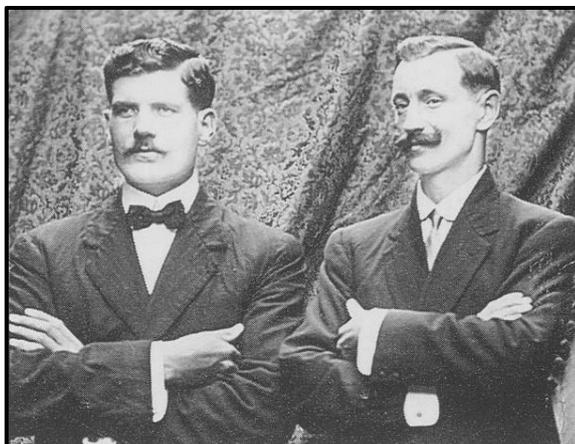
<https://www.expositorcristao.com.br/sobre>

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D119-A.htm)

<https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/constituicoes-brasileiras>

## ANEXOS

### Fotos



Anexo 1: Daniel Berg e Gunnar Vingren (Fonte: CEMP)



Anexo 2: Samuel e Lina Nyström (Fonte: CEMP)



Anexo 3: Daniel, Sarah Berg e filhos (Fonte: CEMP)



Anexo 4: Samuel Nyström e Nels Nelson (Fonte: CEMP)



Anexo 5: Otto, Adina Nelson e filhas (Fonte: CEMP)



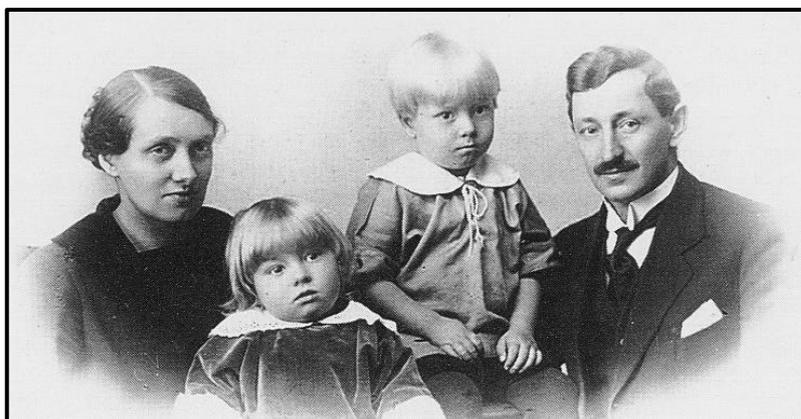
Anexo 6: Joel, Signe Carlson e filhos (Fonte: CEMP)



Anexo 7: Frida Maria Strandberg (Fonte: CEMP)



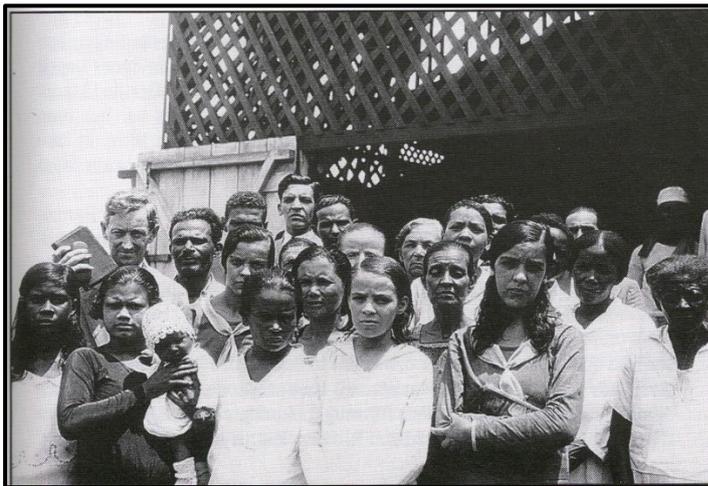
Anexo 8: Gunnar e Frida Vingren (Fonte: CEMP)



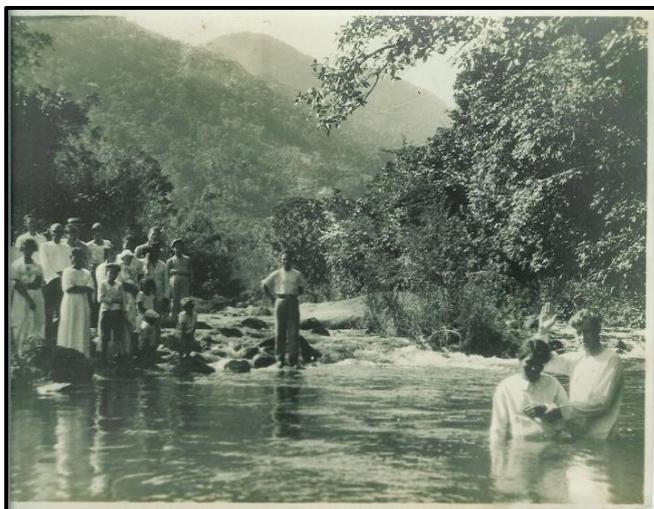
Anexo 9: Gunnar, Frida Vingren e filhos (Fonte: CEMP)



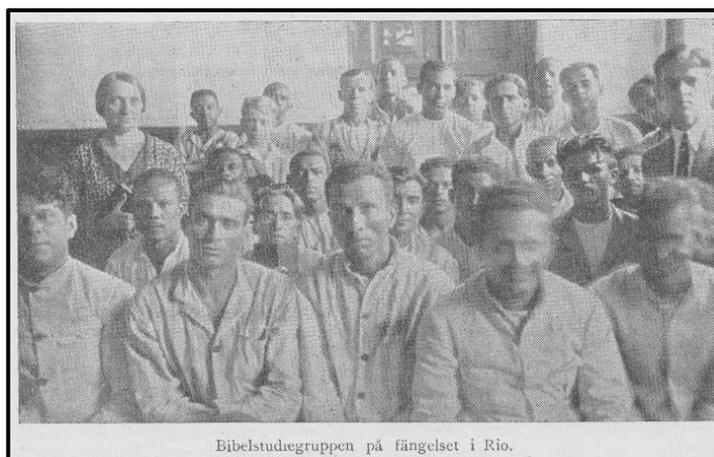
Anexo 10: Casal Vingren em campo missionário (Fonte: CEMP)



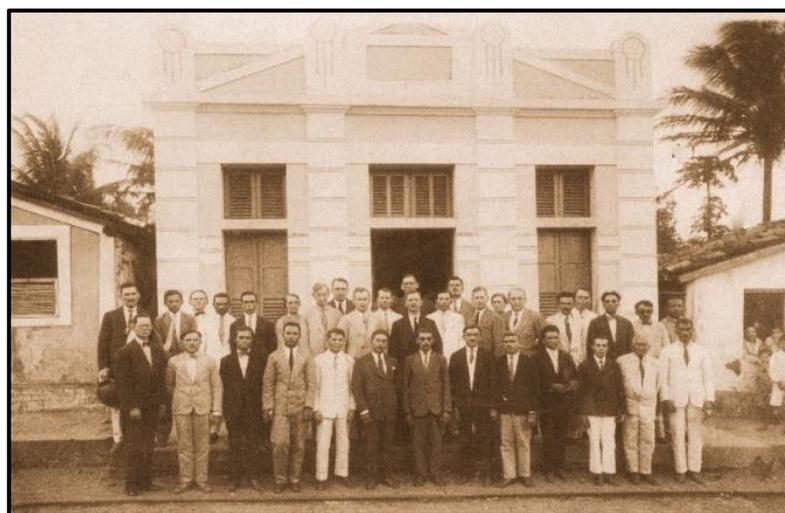
Anexo 11: Gunnar Vingren com candidatos ao batismo no Rio de Janeiro (Fonte: CEMP)



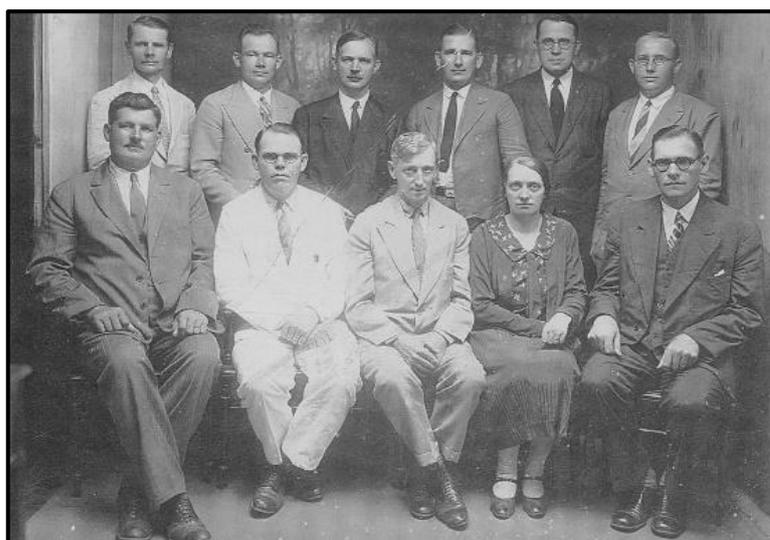
Anexo 12: Gunnar Vingren em batismo no Rio de Janeiro (Fonte: CEMP)



Anexo 13: Frida Vingren em Escola Dominical em presídio do Rio de Janeiro (Fonte: CEMP)



Anexo 14: Convenção Geral de Natal em 1930 (Fonte: CEMP)



Anexo 15: Missionários e Frida - Convenção de Natal em 1930 (Fonte: CEMP)



Anexo 16: Sylvio Brito, Gunnar e Frida Vingren - Expedição do Jornal MP (Fonte: CEMP)



Anexo 17: Despedida da Família Vingren em 1932 (Fonte: CEMP)



# BOA SEMENTE

«O reino dos céus é semelhante ao homem que semeia boa semente no seu campo. — Math. 13-24.

ORGÃO DA EGREJA PENTECOSTAL

Direcção de Gunnar Vingren

Redacção: Trav. 9 de Janeiro, 75

Anno I

Pará—Belem, 16 de Abril de 1919

Num. 2

## O que nós cremos

*Cremos* em toda a palavra de Deus, que foi escripta pela inspiração do Espírito de Deus, e que Deus quer que nós sigamol-a, para que experimentemos tudo o que n'ella é mencionado e prometido;

*Cremos* em uma salvação completa: salvação de todo o peccado, pelo pagamento de sua divida, pela lavagem completa de suas manchas, e pelo aniquilamento do seu poder;

*Cremos* na cura divina effectuada por Jesus, em toda doença, porque tanto os nossos peccados como as nossas doenças Jesus tomou sobre si (Isa. 53);

*Cremos* no poder efficaz da oração, e por isso nós oramos;

*Cremos* nas bênçãos do Senhor, e na necessidade de obedecermos a Jesus, em tudo, conforme a sua palavra, e que para isso descemos com Elle á sepultura, na morte pelo baptismo;

*Cremos* que Jesus morreu e que tambem resuscitou—morreu, cumpridor da lei e substituto do peccador, mas resuscitou e vive «para ser nosso intercessor»;

*Cremos* que devemos e podemos entrar em communhão com o Salvador vivo, pelo seu Espírito-Santo, e que esta communhão com Jesus é perfeitamente manifesta pelos signaes e prodigios sobrenaturaes, pois ella em nós se opera, quando temos uma vida verdadeiramente espiritual, com dons espirituaes: como lingua extranha, etc;

*Cremos* que Jesus em breve virá, para receber a sua Esposa, e que ella, durante o milenio, julgará e reinará com Elle. Isto é o que nós cremos; praticamos e annunciamos como testemunhas do Senhor, e por isso, como testemunhas suas que somos, nada queremos occultar, augmentar ou mudar, sobre tão importante assumpto.—O que nós não queremos ser é perjuros espirituaes.

## EXPEDIENTE

Como em nosso primeiro numero, só accitaremos em nossas columnas os artigos que tenham assignatura de seus proprios autores e que estejam em conformidade com a sua doutrina.

Estamos grandemente agradecidos a Deus pelo apoio que achamos entre os interessados pelo evangelho, pois que já hoje pode ser publicado o segundo numero deste humilde jornalzinho. Por isso insistimos em dizer que só podemos continuar com a sua publicação pela efficacia das orações dos crentes em nosso Senhor Jesus-Christo, no sentido de que elle dê prosperidade a este trabalho, assim como, todos orem pelo nosso amado irmão José Rodrigues, nosso auxiliar para que o Senhor lhe dê graça, força e saúde, para que elle continue a dar-nos tão importante auxilio como o que nos vem prestando. Tambem pedimos aos que se interessam pela propagação do Santo Evangelho, para que dirijam suas contribuições para o nosso director Gunnar Vingren, Caixa Postal 672, Belem-Pará.

## Como «Ensor» roubava de Deus

(Uma historia que é verdadeira)

Por E. Zarkir.

«Pensaes vós que um homem pode roubar de Deus? E dizeis, em que te roubamos? Sim nos dizimos e offertas alçadas.» Mal. 3: 8.

Um Servo do Senhor, no Estado de Main, da America do Norte, tinha na sua igreja um homem, que se dizia convertido, mas que era muito amante do dinheiro. Elle desejava receber todas as bênçãos que o Evangelho contem, mas, o que parece é que elle não queria comprehender o mandamento: «de graça vobestee e de graça dae.» O pregador teve vontade de ajudar o homem; mas sempre que elle lhe falou alguma coisa, para que elle contribuisse para o trabalho do Evangelho em sua terra ou nos paizes pagãos, foi sempre encontrado com a desculpa: que tinha a sua familia para sustentar e por isto não tinha dinheiro para dar.

Um dia quando o pregador ia de viagem, sentado em seu carro, viu o homem (queremos chamal-o «Ensor»), que estava em seu campo, pelo que parou o carro para conversar com elle. O pregador, então, deu-lhe conselhos para que elle separasse um pedaço do campo e o tratasse da melhor forma, para dar depois o seu producto ao Senhor.

Ensor prometteu fazer assim, e o pregador ficou satisfeito e foi-se alegre. E «Ensor» começou a plantar o campo separado para o Senhor e a semente plantada começou a crescer maravilhosamente. Quando o pregador o viu outra vez, elle disse: que nunca tinha visto uma semente tão boa para crescer, e mais lhe admirava porque o terreno plantado era o peor de todo o campo.

Então o pregador lhe disse: Sim, é o Senhor que tem abençoado a sua lavoura, e você sabe que tem prometido tudo para o Senhor.—«Não! eu não sei disto, disse Ensor. Eu somente esperava ter 4 arrobas, mas vou ter ao menos 20. E eu vou dar só as 4 arrobas que eu esperava, e o resto eu preciso para o sustento da minha familia.» O pregador falou contra isto, mas não poudo convencer o lavrador avarento. E com algumas palavras, deixou-o ir.

Algumas semanas depois, veio, fóra do tempo, uma noite de muito frio. E quando o pregador se encontrou com Ensor, perguntou-lhe se o frio havia estragado a sua lavoura.

—«Estragou, sim, disse elle zangado... toda a lavoura está estragada, excepto o pedaço separado...—«Oh! o quinhão do Senhor está guardado! interrompeu dizendo o pregador.

...Eu comprehendo o que chama «quinhão do Senhor», mas eu o chamo «meu quinhão», disse Ensor. Porque eu penso de usar cada espiga para mim e ninguem deve esperar que eu dê alguma cousa, quando eu tenho tido sorte tão ruim.»

—Meu irmão—disse o bondoso pastor—nada ha neste mundo que se chame «sorte ruim». O que o homem semear, isto tambem ceifará. Veja, pois, como semeia...

Um mez mais tarde, entrando o pregador numa loja da visinhança de Ensor, para fazer compras, indagou do nego-

# O Som Alegre

" JORNAL DAS ASSEMBLÉAS DE DEUS PARA AVIVAMENTO ESPIRITUAL "

BEMAVENTURADO O POVO QUE CONHECE O SOM ALEGRE, ANDARA' O SENHOR NA LUZ DA TUA FACE, (Psalmo, 89:15).

EIS AQUI VOS DOU NOVAS DE GRANDE ALEGRIA, QUE SERA' PARA TODO O POVO. (S. Lucas, 2:10).

ANNO I ~ N. 7 ~ Junho de 1930 ~ Director: Gunnar Vingren ~ Caixa 3053 ~ RIO DE JANEIRO

## I r m ã o s A m a d o s

Mais uma vez, vem cumprimentar-vos o "O Som Alegre", e, quando elle vos chegar ás mãos, já o seu director se achará longe daqui.

Elle embarcou no dia 22 de Maio para a Suecia, juntamente com o missionario Simon Lundgren e familia, de Santos.

O motivo dessa viagem não foi outro senão, o que o Senhor lhe mandou. Comprehendemos que Deus quiz que elle fosse para assistir á convenção annual dos obreiros, que alli se realizará no mez de Junho. Constará essa de uma semana de consagração, oração e estudos biblicos.

Elle voltará provavelmente em Setembro, talvez em companhia de outros irmãos, que esperamos também. Oremos para que o Senhor o abençoe e o fortaleça, de modo que, ao voltar, venha com as forças renovadas. Elle se achava bastante cansado com as luctas a que se tem entregue durante quasi 8 annos de permanencia aqui.

Esperamos também que, ao regressarem esses irmãos, se realize uma convenção em Natal, Rio Grande do Norte, já ha muito tempo planejada pelos irmãos dalli. Oremos, então, para que o

Senhor nos dê uma convenção gloriosa, aonde sobre o verdadeiro vento pentecostal. O "vento sul" e o vento norte" se encontrarão, e difficuldades e perturbações hão

mãos de Natal resolvam o tempo, em que se deve realizar a dita convenção.

Tambem, peço eu, humilde serva do Senhor e vossa, oração em meu favor, para que possa continuamente fazer a sua vontade. Quero sómente, ser fiel ao meu amado e bemdicto Salvador.

Assim, continuarei o trabalho com o auxilio do irmão Carlos Brito, e o "O Som Alegre" não ha de ser abaçado, mas sahirá como de costume. Seremos gratos pela cooperação dos irmãos, e cremos que pela vossa oração e pelo auxilio do Espirito Santo, tudo concorrerá para benção do povo de Deus, e para honra e gloria de nosso Senhor Jesus Christo.

FRIDA VINGREN



Missionario Gunnar Vingren

de desaparecer. Maravilhoso é o Senhor! Nelle confiamos. O nosso zelo pela obra de Deus pode ser muito grande mas o do Senhor é ainda maior. Sim, o seu amor é grande, e de fôrma alguma Elle dará a sua herança como presa ao inimigo.

Aguardemos agora, noticias da Suecia, para que os nossos ir-

Quão suaves são sobre os montes, os pés do que annuncia boas novas, que faz ouvir a paz, que annuncia o bem, que faz ouvir a salvação; que diz a Sião: "o teu Deus reina". Isa 52:7.

O Senhor te guardará de todo o mal: guardará a tua alma. O Senhor guardará a tua entrada e a tua sahida, desde agora e para sempre. Ps. 121:7.8.



# Mensageiro da Paz

ORGÃO DAS  
ASSEMBLÉAS DE DEUS NO BRASIL

„JEHOVAH ABENÇOÁRA' COM PAZ, O SEU  
POVO" — Salmo 29:11

EIS AQUI VOS DOU NOVAS DE GRANDE ALEGRIA,  
QUE SERA' PARA TODO O POVO. (S. Lucas, 2:10)

Redacção: Rua Maria Amalia, 107 — Rio de Janeiro O Numero avulso 200 rs. O Director: Samuel Nyström — Nils Kastberg  
ANNO III — N.º 15 ~~~ 1.ª Quinzena de Agosto de 1933 ~~~ RIO DE JANEIRO

## Descansando no Senhor

POUR carta vinda da Suecia, a irmã Frida Vingren communicou que passou para o Senhor, no dia 28 de Junho deste, seu esposo e nosso companheiro e irmão na fé, o missionario Gunnar Vingren. Depois de ter soffrido alguns mezes, atacado por uma enfermidade, que começára a manifestar-se enquanto elle ainda estava entre nós, o Senhor o chamou para o lugar onde não ha soffrimento. Antes de partir, porém, elle fôra avisado de que os seus dias estavam para terminar; sentiu, tambem, que podia despedir-se dos seus e mandar uma saudação para o povo de Deus, aqui no Brasil. (Aguardamos, agora, a noticia completa, contando como se deu a sua passagem para o Senhor, e a qual a sua esposa prometteu enviar, para ser publicada no "Mensageiro da Paz").

Hoje, damos algumas notas da sua vida e da sua actividade, na vinha do Senhor.

Filho de paes crentes e zelosos, o missionario Gunnar Vingren recebeu, desde a infancia, uma educação puramente christã.

Aos 17 annos de idade, o Senhor o convenceu da necessidade de nascer de novo; depois desta experiencia, começou a tomar parte activa no trabalho evangelico; uniu-se, então, á igreja baptista, á qual seu pae já pertencia.

Aos 19 annos participou numa escola biblica interdenominacional, e della sahio, então, para evangelizar, a sua terra natal — a Suecia. Ahi, elle se demorou pouco tempo, porquanto, emi-



O MISSIONARIO GUNNAR VINGREN,  
QUE ACABOU A CARREIRA E PASSOU PARA  
O SENHOR.

grando para America do Norte, entrou, algum tempo depois, para um seminario baptista, em Chicago, onde, após quatro annos de estudos, sahio como pastor, para assumir suas funcções numa igreja baptista.

Em Chicago, juntamente com outros pastores da mesma denominação, entrou em contacto com o povo que recebera o despertamento pentecostal nos annos de 1908 e 1909, recebendo, bem como seus companheiros, o baptismo do Espirito Santo.

Antes de entrar em contacto com

esse movimento, elle fôra candidato ao posto de missionario, sendo accedido por uma junta baptista, para trabalhar numa provincia Chinesa, onde seu tio Charles Vingren tinha sido pioneiro e fundador de uma missão baptista.

Depois de baptizado com o Espirito Santo, sentiu que não mais podia seguir os planos, que, antecipadamente fizera; renunciou, então, ao lugar de missionario baptista, pois recebera uma chamada\* pelo Espirito Santo, para trabalhar no Pará, lugar que elle só conheceu após essa chamada, quando consultou a geographia.

Havendo renunciado o pastorado da igreja baptista, que estava sob a sua responsabilidade, juntamente com Daniel Berg, que, tambem, pertencia a uma igreja baptista em Chicago, embarcou para o Pará, Brasil, onde chegou a 19 de Novembro de 1910. Sendo elles baptistas baptizados no Espirito Santo, e como algumas igrejas baptistas na America do Norte haviam recebido o baptismo do Espirito Santo, resolveram procurar a igreja baptista em Belem do Pará. Alli estiveram algum tempo; alguns queriam que o missionario Vingren fosse para o seminario em Pernambuco, para estudar portuguez. Mas o pastor da igreja, homem inexperiente e que, mais tarde, escreveu um folheto injurioso contra a obra pentecostal, fez com que os irmãos recém-chegados, juntamente com um grupo de crentes zelosos, que creram no baptismo do Espirito Santo, fossem, então, obrigados a

# Inverdades sobre Frida Vingren

ISAEL DE ARAUJO

Recentemente, a missionária sueca Frida Vingren, esposa de um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, Gunnar Vingren, foi mencionada de forma polêmica por uma contemporânea sua, a jornalista sueca Kajsa Norell, autora do livro *Halleluja Brasilien!*, lançado em 2011, que narra a história da fundação da Assembleia de Deus em terras tupiniquins. A sua versão da vida de Frida foi divulgada pela BBC Brasil e repercutida em vários sites de notícia no Brasil, como o G1, pertencente ao Grupo Globo, de modo que o mundo secular passou a conhecer Frida Vingren. Dentre outras informações, temos citações polêmicas, como a de que houve perseguição dela por parte de pastores e até mesmo um *affair* da missionária com um obreiro brasileiro. Mas tudo isso é verdade? A jornalista fez afirmações com base em provas documentais? Vamos examinar os fatos à luz de informações extraídas dos anais da Igreja Filadélfia de Estocolmo, na capital sueca.

Pelo fato de a missionária ser uma celebridade, há diversas informações em torno de suas atividades, mas algumas delas não podem ser confirmadas, porque é preciso analisar de forma científica todas essas informações, ou seja, analisá-las levando em conta fatos, as fontes - que podem ser primárias e secundárias - e as narrativas.

A nossa personagem acabou sendo assunto da primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus realizada em Natal (RN), realizada em 1930. É que os pastores reuniram-se a fim de debater, dentre outros assuntos, a questão da ordenação de mulheres ao pastorado. Os pioneiros Gunnar Vingren, marido de Frida, e Samuel Nyström defenderam suas ideias, com Vingren a favor e Nyström contra. Os argumentos do segundo venceu o debate.

Frida Vingren era enfermeira e teóloga formada na tradicional Escola Bíblica de verão realizada na Suécia. De acordo com o próprio Vingren, uma profecia da parte de Deus vaticinara que o seu casamento seria com uma jovem sueca com sobrenome Strandberg, e a profecia cumpriu-se ao conhecer Frida Maria Strandberg (nome de solteira de Frida) ao viajar para Suécia logo depois de ter iniciado a obra no Brasil. O namoro entre os dois não demorou mais que dois anos. Frida Vingren era uma mulher com vocação missionária, de modo que houve uma afinidade

Cine/Cine



entre ambos ao se conhecerem. Eles casaram-se em 16 de outubro de 1917, em Belém (PA), com a cerimônia celebrada por Samuel Nyström. Mas, antes de ser enviada ao Brasil, Frida participou do culto de despedida na Igreja Filadélfia de Estocolmo, na Suécia. Pode ter acesso ao conteúdo do jornal *Evangelii Härold*, edição 22, do dia 31 de maio de 1917, no qual foi publicada a ordenação dela como uma *bibelkvinnan* (antiga palavra sueca para designar uma mulher que exercia o ministério de ensinadora da Palavra de Deus nas igrejas). Não temos como entrar em detalhes sobre como se desenvolvia a atividade feminina no movimento pentecostal na Suécia, porém, resumindo, podemos dizer que este título era delegado às mulheres que demonstravam conhecimento bíblico e capacidade para ensinar. Ela foi ordenada a fim de atuar no Brasil.

Naqueles tempos, ambos os sexos participavam da Escola Bíblica na Suécia. O curso estendia-se em torno de dois a três meses com as mulheres podendo ser ordenadas a evangelistas, a missionárias. Após o curso, as formadas poderiam ser deslocadas para uma determinada região e abrir um trabalho evangelístico, mas quem assumia o púlpito era um pregador do Evangelho, ou seja, um homem. Ademais, as próprias

esposas dos missionários também frequentaram a Escola Bíblica, e a maioria foi consagrada a evangelista. Essas informações têm base nos históricos e reportagens dos periódicos da igreja sueca.

Frida sempre será lembrada como ensinadora, evangelista, musicista, compositora, redatora, poetisa, esposa, mãe e uma eficaz auxiliadora da obra de Deus, porém nunca como alguém que empunhava uma bandeira de militância ao engajamento feminino ao pastorado.

Ao longo de sua trajetória, a missionária jamais escreveu sobre - ou estimulou as demais missionárias ou mesmo mulheres nativas a - trabalharem para tornarem-se pastoras. Ao contrário, ela conclamava as mulheres apenas a serem atuantes na Seara do Mestre, inclusive existem artigos de sua autoria que trazem essa proclamação. É absolutamente indevido usar a figura de Frida para uma causa pela qual ela, até onde se sabe, não lutou.

Quanto aos momentos finais de sua vida, há momentos realmente tristes. A família instalada em Estocolmo, Suécia, sofre a perda de seu patriarca: o veterano missionário Gunnar Vingren morre no dia 29 de junho de 1933, devido ao enfraquecimento do organismo pela ação das doenças tropicais e malária. Frida também contraíra

a doença enquanto esteve atuante junto aos nacionais em terras brasileiras.

A missionária contraíra a doença por duas vezes permanecendo 100 dias enferma, com o agravante de que os hospitais da Suécia não reuniam informações acerca das doenças tropicais, por total desconhecimento. É verdade que os hospitais onde Frida acabou sendo internada também funcionavam como sanatórios, mas o conceito de "sanatório" não era o de "hospício", lugar onde os loucos ficam internados, que fique bem claro.

Quanto à manutenção da viúva e dos órfãos, a Igreja Filadélfia em Estocolmo era uma das maiores da Europa, com 100 funcionários inscritos, mantenedora de alojamentos e hotéis. Antes de seu passamento, Gunnar Vingren foi deslocado para um desses locais de repouso para ficar aos cuidados da igreja sueca. Com o seu passamento, a família não ficou desamparada: a igreja sueca estava preparada a fim de cuidar da viúva e dos filhos.

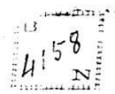
Mas é verdade que Frida acalentava o desejo de volta ao Brasil? É verdade, mas ela encontrou resistência na pessoa do líder da igreja sueca, pastor Lewi Pethrus, que pontuou as causas de sua negativa: Frida estava viúva e os cinco filhos do casal precisavam de sua total atenção, e estamos falando também de crianças pequenas.

O primogênito, Ivar Vingren, já estava no Exército, e um dos meninos, Rubens, teve o seu ensino mantido por uma família. Porém, quanto aos demais, permaneciam em um orfanato da igreja. A ajuda dispensada à família Vingren não foi por causa da pobreza que bateu à porta da casa deles, mas pela responsabilidade da igreja em sustentar as famílias de seus missionários.

A descrição de Kajsa Norell dá conta de um episódio no qual a missionária acabou sendo detida com camisa de força e que não estaria totalmente de posse de suas faculdades mentais. O que aconteceu foi que os pastores suecos contribuíram com a divulgação dessa informação equivocada. A filha de Frida, Margit (*in memoriam*), explicou para mim que em um desses insistentes pedidos de voltar ao Brasil, Frida tentou ir, mas encontrou resistência pelos motivos acima pontuados por Lewi Pethrus e depois foi encaminhada ao hospital vestindo camisa-de-força, sim, mas não foi diagnosticada nem internada como louca. Não há nenhum documento que comprove insanidade mental.

E quanto aos rumores de que ela teria tido um *affair* com um obreiro brasileiro, trata-se apenas de boato. A própria Norell reconhece em depoimento à BBC que não há como provar isso, que é opinião dela apenas. No Rio de Janeiro, quando Gunnar estava enfermo, Frida dirigia a igreja, sendo auxiliada por um obreiro, e porque ambos trabalhavam juntos na Seara do Mestre, esse fator serviu de combustível para a formulação de comentários maliciosos. Quando vamos às fontes da jornalista, ela afirma que a história circulou através de cartas de pessoas que espalhavam boatos, e a própria não consegue afirmar com segurança pela inconsistência do conteúdo, isto porque não há comprovação. Então, levanto a seguinte pergunta: Com que objetivo alguém força essa conclusão? Não desejamos esconder o passado, mas daí a partir para especulações infundadas e maliciosas não é possível.

Isael de Araujo é pastor, licenciado em História, diretor da Faecad (Faculdade Evangélica de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB) e autor dos livros *Dicionário do Movimento Pentecostal*, *100 Histórias que Marcaram as Assembleias de Deus no Brasil* e *100 Mulheres que Fizem a História das Assembleias de Deus no Brasil*, *História do Movimento Pentecostal no Brasil* e *Frida Vingren*.



# IMPrensa EVANGELICA



PUBLICA-SE TODOS OS SABBADOS.

N. 1

Sabbado 5 de Novembro

1864

## IMPrensa EVANGELICA

### PROSPECTO

Temos perlustrado todas as classes da sociedade com o designio de lhe prestarmos de um modo proporcionado ás suas mais legítimas exigencias na esphera religiosa. Em toda parte achamos disposição para conversações santas, desejo ardente de reformar o coração, esforços de uma alma afflicta por se reconciliar com Deos.—Não importa isto um protesto solemne, de que não vivemos só para este mundo, senão também para um outro mundo, que infallivelmente nos espera, logo que a morte nos transforma?

O homem, porém, parece ter no peito, á hora da devoção, um coração inteiramente differente daquelle que revela sua vida commum. — Aqui, seus actos não correspondem á religião que professa; e, se alli se mostra esculpulo em praticar acções que lhe acarretarão a justiça de Deos, não se mostra menos naquellas que não revelão algum amor a Deos: nem sempre a santidade de suas obras confirma seus bons propositos, raras vezes imitando a Jesus Christo aquelles que mais publicamente o confessão.

No meio do cháos de idéas religiosas, que divide actualmente os homens, inutil fóra descobrir-lhes as fontes d'onde borbulha o mal, se para cura-lo lhes não applicassemos meios. A propagação do Evangelho, pela vivificação da devoção domestica, pelo orgão de uma folha, particularmente a isso consagrada, eis da nossa parte a applicação dos meios.

Se de nossos esforços não conseguirmos vingar senão o minimo do nosso designio, ainda assim nos lisonjaremos jubitosos, por havermos cumprido com o nosso dever.

Tal é a unica missão da Imprensa Evangelica. Sahirá sémanalmente um numero de 8 paginas que, além dos artigos de fundo, conterá um noticiario universal de interesse puramente evangelico.

Com o progresso de nossa Igreja, iremos dando á nossa foiha o desenvolvimento que lhe convém. por publicações variadas, que, sem se afastarem de seu principal objecto, lhe procurarão o attractivo da novidade nas fórmás.

Este trabalho, não tendo em vistas senão os interesses exclusivamente religiosos da sociedade em geral, como em particular do individuo, estranha á toda e qualquer ingerencia em politica, a todos é consagrado; porém com muita particularidade o dedicamos áquelles para quem a religião de Jesus Christo ainda não se tornou cousa indifferente, e, no meio da perversão universal de seus principios divinos, não trahirão ainda o dom mais precioso de Deos — a liberdade de consciencia perante o Evangelho.

### Considerações sobre a religião.

Todas as religiões têm em commum o fim que pretendem conseguir. Todas ellas reconhecem como axioma fundamental, que a raça humana padece tantas e tão grandes necessidades, que é mister um remedio sobrenatural. Qualquer systema que não reconheça a necessidade de buscarmos fóra de nós as forças indispensaveis á nossa felicidade, não passa de um systema philosophico. O sobrenatural é a linha divisoria entre a philosophia e a religião. Todas as theorias philosophicas se basão na crença de que a rehabilitação do genero humano no seu todo, tanto como do individuo, está no desenvolvimento e aperfeiçoamento dos dotes do corpo e do espirito. com que a natureza nos beneficia. Não ha religião alguma que negue este principio, sustentando a fraqueza radical do homem, e a necessidade de procurarmos em outra parte as forças que a philosophia, com vista curta, pretende achar em nós mesmos. Esta necessidade de adjutorio sobrenatural é o ponto de par-

REDACTOR  
RVD. MARCUSE. CARVER

**A PAZ**

SECRETARIO  
JUVENIO DE MELLO

Orgão official da Igreja Bethesda

---

ANNO I      QUINTA-FEIRA, 21 DE MARÇO DE 1898      NUM. I

---

**HOMENAGEM**

AO

**RVD. MARCUS G. CARVER**

**NO DIA DO SEU NATALICIO**

Anexo 24: Jornal *A Paz* - Primeiro jornal protestante publicado no Estado do Amazonas. Circulou de março de 1898 até o ano de 1900 (Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional)

Biblioteca do Instituto III's.  
 História e Geographica d.  
 Nations

# O Jornal Baptista

Publicação Semanal  
 Órgão da Convenção Baptista Brasileira

Officinas: Rua Cons. Magalhães Castro, 99

Redacção: Rua do Carmo n. 61

Director-Geral — S. L. Watson.

Redactor — Theodoro R. Teixeira

Gerente — Ismail S. Gonçalves

ANNO XXXI

Setembro 17 de 1931

N. 38

## O PAPADO E A LIBERDADE DE CONSCIENCIA

Santidade :

Diz o quarto concilio ecumenico Laterano, após ter anathematisado os "hereticos": "Prohibimos, sob pena de maldição, que alguém os abrigue, ou proteja, em sua casa ou territorio, ou tenha quaesquer relações de tracto ou commercio com elles. E se algum morrer no seu proprio peccado, nenhuma oração deve por elle ser feita, e o enterro christão dever-lhe-á ser negado."

O Papa Innocencio III, no mesmo concilio legislou como segue: "Os governadores seculares devem ser advertidos e, se necessario fôr, compellidos por meio de censura ecclesiastica a prestarem publico juramento de tudo fazerem em seu poder, para exterminarem de seu territorio toda a qualidade de hereticos (**universos haereticos exterminare**) que tenham sido apontados pela Igreja. A este juramento será obrigado todo aquelle que assuma um cargo de governo civil, quer esse cargo seja vitalicio ou temporario. E se um governador secular, depois de advertido pela igreja, negligenciar expurgar o seu territorio da mancha heretica (ab haeretica foeditate), seja excommungado pelo arcebispo metropolitano e os bispos da provincia. Se depois disso elle não tomar uma attitude differente, dentro do praso de um anno seja isto levado ao Papa, afim de que o Supremo Pontifice possa declarar os seus subditos isentos de obediencia

a elle, e o seu territorio aberto á conquista pelos catholicos, que delle tomarão posse plenamente (**absque ulla contradictione**) uma vez que nelle destruíam de todo a heresia existente, e restabeleçam a pureza de doutrina... Aos catholicos que tomarem parte na cruzada de exterminio dos hereticos (**ad-haereticorum exterminium**) serão dadas as mesmas indulgencias e santos privilegios que eram dados aos crusados que iam á Terra Santa". (Cartas a Sua Santidade Pio X, por Um Modernista, pags. 18 e 19.) E' para isto que o clericalismo trabalha no Brasil, sendo a sua principal arremettida, aparentemente bem succedida, o funesto decreto do ensino religioso (catholico) nas escolas. Mas é contra isso que o povo pensante se está levantando do norte ao sul e de leste a oeste, para impedir, e o conseguirá, que o Brasil venha a ser o que foi a Europa na noite tormentosa e trevosa da idade média. Este innominavel attentado do clericalismo audaz e prepotente, jamais será consumado, para honra do Brasil, da civilização, da humanidade e da religião verdadeira, que elle parodeia, conspurca e envergonha; pois que é a igreja de Roma, mais que qualquer outra entidade deste mundo, a mãe prolifera de todos os erros e heresias que fazem com que o povo não atine com o verdadeiro caminho estreito que conduz a alma do homem ao céu.

Anexo 25: O Jornal Baptista - Órgão Oficial da Convenção Batista Brasileira

Iniciou circulação em janeiro de 1901 e permanece até os dias de hoje (Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional)

# O Estandarte

ORGÃO PRESBYTERIANO INDEPENDENTE

Pela Corôa Real do Salvador

"Arvorae o estandarte ás gentes" — Is. 62. 10

ANNO XXVII

S. PAULO, 13 DE MARÇO DE 1919

NUMERO 11

## NA MÃO DE DEUS

*Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palacio encantado da Ilusão,  
Descei a passo e passo a escada estreita.*

*Como as flores mortuas, com que se enfeita  
A ignorancia infantil, despojo vão  
Deput do Ideal e da Paixão  
A fórma transitoria e imperfeita.*

*Como creança, em lobrega jornada,  
Que a mãe leva no collo aguzalhada  
É atravessa, sorrindo, vagamente,*

*Selvas, mares, areias do deserto,  
— Dorme teu somno, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente.*

*Anthero do Qgental.*

## EXPEDIENTE

### PUBLICAÇÃO SEMANAL

Assignatura annual . . . . . 10\$000

*Gratis aos Ministros do Evangelho*

### REDACÇÃO:

Redactor responsavel: EDUARDO CARLOS FERREIRA

Secretario e thesoureiro: VICENTE THEMUDO LESSA

Redactores auxiliares:

J. A. CORREA, DENTO FERREZ e A. PINHEIRO

ESTABELECI: Caixa 300 — São Paulo

OFFICINAS: Rua Visconde de Ouro Preto, 26

## SUMMARIO

Pela Justiça — E. C. P.

Apontamentos — C.

A Calumnia — Herculano de Gouvêa.

Invasão pentecostista — M. Machado.

Trez grandes inimigos — Antonio Ribeiro.

Vinde a mim — Esther Silveira.

Actas do Synodo.

Seminario Unido.

Pela seara independente.

Registro.

Factos e Noticias.

Boletim Financeiro.



ANO XXIV RIO DE JANEIRO, 17 DE MAIO DE 1942 NUM. 20

# Aprestos para o Congresso Eucarístico

S. Paulo apresta-se para celebrar, no próximo Setembro, seu grande Congresso Eucarístico, numa obração uníssona de almas. Todas as forças vivas de seu catolicismo congregam-se, para o maior realce desse certamen.

Desde as Juventudes Católicas, aos Circulos Operarios, dos sodalistas marianos aos assistentes vicinicos, os "militantes da Igreja Militante" se esforçam, unânimes, para que o Reino Social de Cristo obtenha, na Metrópole Paulista, uma completa realização.

Nestas instâncias de incertezas que o mundo vem atravessando, parecem entre nós as palavras com que se afirmara, no Congresso de Avignon, a influencia social da Eucaristia.

"Civilização consiste na conservação e aumento da vida cristã, principalmente, a conservação da vida sobrenatural... A povos cobertos pelo sangue de Jesus Cristo, as leis naturais, as forças naturais não bastam mais. Para povos cristãos, é preciso o sobrenatural, é preciso a Eucaristia, o uso frequente da Eucaristia, e preciso em abundância o Corpo e Sangue de Deus..."

E S. Paulo, — terra de Anchieta, glêba onde se reuniu, em 1915, o Primeiro Congresso Eucarístico, celebrado no País — não poderia faltar com seu apoio entusiasta aos aprestos para o grande consagração a Jesus-Hostia.

Ha meses, que os Bispos sufraganeos vêm realizando, em seus Congressos Diocesanos, visando o preparo espirital do povo bandeirante. E, em todas as dioceses, o fervor popular ultrapassa a expectativa. Até em Santos, onde a propaganda bolchevista minara, mais fundamente, os meios proletarios, a Comunhão dos Homens, realizada na Missa Campal da Meia Noite, em Julho do ano findo, reuniu um numero superior a 10.000 consagrados, cifra correspondente a 20% da população masculina da cidade paulista.

Os trabalhos preparatorios acham-se centralizados pela Junta Executiva.

sistência medica velará pelo pronto socorro em caso de acidentes. E a de transportes procurará assegurar aos congressistas, meios normais de circulação.

**O PROBLEMA DA HOSPEDAGEM**  
A hospedagem, — eis um dos mais serios problemas práticos a solucionar. Trata-se de albergar milhares de visitantes eromeiros. E todos os hotéis não seriam bastantes para alojá-los.

A Comissão respectiva entrou em entendiamentos com o Touring Clube. E este encarregou-se de receber as propostas dos que se prontificaram a acolher congressistas em suas residencias.

Um funcionario visita as casas propostas. As fichas são classificadas de acordo com a maior ou menor comodidade que elas apresentem. De maneira a constituir um acervo completo das possibilidades de hospedagem em nossa Capital.

O governo do Estado coopera, aliás, com a iniciativa privada. Colocará à disposição da Junta, durante a realização do Congresso, vários imóveis, como o Hospital das Clinicas e a Hospedaria dos Imigrantes.

Tudo se prepara, pois, para o maior brilho do Quarto Congresso Eucarístico. E S. Paulo, que conta hoje com 25.000 congregados marianos, numero ainda maior de Filhas de Maria, 32.000 operarios católicos, — por certo oferecerá a Jesus Sacramento uma grande consagração.

Que será ao mesmo tempo, um prelo de fé e um desagravo. Uma Supplicação e um agradecimento. Consagração.

Os aspectos materiais não foram esquecidos. Existe, desde já, em organização, um Serviço de Lanchas, a serem distribuídos após a Comunhão das crianças. Uma Comissão de as-

## DIOCESE DE AMARGOSA

Já aqui dissemos da criação do bispado de Amargosa, na Baía, e da eleição do seu novo bispo, na pessoa austera e respeitável de d. Florêncio Vieira. Queremos acrescentar hoje algumas notas a respeito dos mecimentos do novo bispo, que é acatadissimo ona Baía, pela sua ilustração e pela sua piedade. Nasceu o primeiro antiteito de Amargosa em 11 de maio de 1901, conta, portanto, 41 anos de idade. Foi seu herço natal Jequiriçá. Depois de haver terminado seus estudos no Seminário do Salvador, foi ordenado sacerdote em 1923. Foi vigário de S. Filipe e ainda de Amargosa, onde vai ser bispo agora. Transferido para a capital baiana, durante longos anos cuidou diligentemente da paróquia da Penha. E' grande o seu zelo apostólico, muita a sua fé.

Acaba de sair do prelo:

### "Ano Liturgico"

de MONS. QUINDERÉ  
1.º volume da "Coleção Veritas et Vita".

PREÇO: 68000  
Pedidos, acompanhados da respectiva importância, à Administração "A CRUZ Rua Real Grandeza, 248 RIO.

que ainda uma vez realfirmará suas gloriosas tradições católicas e eucarísticas", como asseverou, em seu 2.º numero, o "Boletim do Congresso".

"Tradições que vêm dos tempos de antanho, e do presente, são, perpetuário, tempos em fóra..."

## Premios Monsenhor D. ALOISI MASELLA

Terça Dierui, realizou-se sábado, 9 do corrente, sob a presidência do Núcleo Apostólico de S. Santidade, a distribuição dos Prêmios — D. ALOISI MASELLA — instituídos pelo grande benfiteira da Casa, o dr. Mário de Andrade Ramos, e constante de seis (6) cadetes da Caixa Econômica do Rio de Janeiro, com o depósito, inicial de Rs. 100.000 (cem mil réis) cada uma.

Os prêmios emburaram as seguintes almas: Altair Pinto Caldeira, Edna Leni Sampão, Idalina Leite Ribeiro, Cecília Soares Filho, Maria Tereza Ventura e Rivalda Wanderley, que mais os mereceram pela sua aplicação e honestidade, e espírito de fé, no último ano letivo. Por ocasião da entrega dos prêmios, foram lidas as palavras de um numero de 120 estudantes no grande salão de festas, tendo sido entoados cânticos e sendo saudados, o sr. Nônio Apóstólico e o dr. Mário de Andrade Ramos, respectivamente pelas almas Altair Pinto Caldeira e Rivalda Wanderley, que ofereceram também lindos prêmios de flores artificiais, trabalho da casa.

O sr. Mário de Andrade Ramos dirigiu a entrega dos prêmios, e falou, agradecendo a saudação e enaltecendo a obra que se realizava naquela Casa, em bem da instrução e da educação moral e religiosa de tantas crianças e agradecendo também a presença de Monsenhor Aloisi Masella, que, em nome do Sr. Nônio Apóstólico, fez uma saudação a todos os presentes.

## O POVO CATOLICO DO BRASIL...

(Continuação de 1.º pag.)

Palmas Marianas seja Nossa Bênção apostólica, que a Ti, a todo o Episcopado do Brasil, ao Clero secular e regular e a todos os membros das Congregações Marianas com grande alento no Senhor enviarmos.

Dado em Roma, junto a São Pedro, XXI do mês de janeiro, ano MXXVIII, do Nôstro Pontificado, em — Pia PP. XII".

O congregado mariano Leonidas So. Brinjo Porto fez uma saudação a Sua Eminência e ao Sr. Nônio Apóstólico. A seguir, levando o Sr. Nônio Apóstólico o Santissimo, sob um palio, desfilou por entre a multidão um cortejo pedoso, enquanto todos em alta voz repetiam orações especialmente compostas pelo Sumo Pontifice, pelo Instituto Nacional de Música, Presbítero D. Sebastião Leme, com a presença de Monsenhor José Portalfino, secretário da Irmandade da Penha, sr. Oswaldo de A. B. L. Padre de João de Almeida, sr. Alberto de Lima Júnior, escritor, e sr. Carlos de Almeida, jornalista, e sr. João de Almeida, jornalista, e sr. João de Almeida, jornalista.

Seguraram-se aos discursos vários outros, musicos, muito aplaudidos. Deu nota de destaque a grande figura apostólica de Mons. José Maria Alves Jr. Rocha.

## CATOLICOS!

Na tradicional Casa "A LUNETTA DE OURO" encontramos, por preços barattissimos, o mais fino e completo sortimento de ARTIGOS RELIGIOSOS, como sejam: PARAMENTOS, IMAGENS, CALICES, AMBULAS, SACRARIOS, TRONOS, BANQUETAS, HARMONIOS e os mais delicados artigos para Presentes, Comunhão e Associações Religiosas.

RUA DO OUVIDOR N.º 141 - Sobrado - Fone: 22-0830 End. Telef. LUNOURO - RIO. (Entrada pela Casa BABY - Elevador) - Caixa Postal, 1.598

(Recorte e guarde este anuncio onde se encontra bem claro o nosso endereço).

## Páscoa dos antigos e dos atuais alunos das Escolas Superiores.

Promovida por Sua Eminência o Sr. Cardinal-Arcebispo Dom Sebastião Leme de Florêncio Vieira, a tradicional Páscoa coletiva dos nossos alunos de estudo.

Ha vinte anos vem a nossa intelectualidade católica participando-se diante do altar e partilhando do banquete eucarístico.

São os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A Páscoa deste ano promete ter um grande brilhantismo e a julgar pelo elevado numero de adesões recebidas a concorrência deve ser superior a dos anos anteriores.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

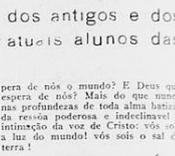
A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.

Entre os mais expressivos elementos da nossa elite pensante que tomam parte nesta locaute solenidade, manifestando publicamente a sua fé em Jesus Sacramento.

A cerimonia se eleturá na igreja da Candelária, visto como a Catedral Metropolitana já se havia tornado pedida a concorrência deves ser superior a dos anos anteriores.



Dr. Moreira de Fonseca, organizador e animador da Páscoa dos Intelectuais.

Estaremos à altura da nossa missão providencial? Sim, se vivermos em Cristo e de Cristo e a nossa vida sobrenatural for uma realidade transfiguradora da existência. O Cristo que vive e revive em cada cristão irradiará a luz, o amor e a paz de preciosos nós e de que precisa o mundo.

Mas só a comunhão alimentada, desenvolvida e defendida a vida sobrenatural da graça. "Quem come a minha carne permanece em mim e eu nele vivo."

Vamos a Cristo para vivermos de Cristo. Só assim satisfaremos as nossas terribes responsabilidades. E o segredo da paz em nossos almas. E a força misteriosa na reconstrução de um porvir melhor."

Estiveram presente também, os sr. Biagos D. Benedito de Souza, sr. Luiz Keler, D. Pedro Massa, Mons. Rosalvo Costa Rego, Vigário Geral, sr. Olimpio A. Mendes, sr. Jonas Góes, dr. Teófilo de Miranda Santos.

Constitua a homenagem da entrega ao sr. Nônio de um album, contendo mais de 400 pagés, em papel pergaminho contendo a relação das comunhões pelas almas das escolas públicas da cidade.

Foi a sessão aberta pelo Pe. Dr. João de Almeida Tapajós, diretor da C. A. E. R. que explicou os motivos daquela homenagem.

Saudou o Sr. Padre Leme, em seguida de dr. Alceu Amoroso Lima, presidente da A. C. B. o qual bem explicou os propósitos da Catedral Brasileira para com o Sumo Pontifice, no presente. O dr. Pedro Calmon, diretor da F. N. D. promoveu o curso oficial.

Ouviram numeros de música, passados sr. Nônio, a agradecer, em nome do Santo Padre, aquela grandiosa homenagem.

Retirou-se, em seguida, para a B. S. onde irá presidir a HOMENAGEM DOS JORNALISTAS.

Esteve imponente a festa dos jornalistas. Teve início às 18 horas, no salão de honra da Av. B. I.

A mesa achavam-se o sr. Nônio Apóstólico, D. Benito Aloisi Masella, sr. Carlos de Almeida, sr. João de Almeida, sr. Alberto de Lima Júnior, escritor, e sr. Carlos de Almeida, jornalista, e sr. João de Almeida, jornalista.

Seguraram-se aos discursos vários outros, musicos, muito aplaudidos. Deu nota de destaque a grande figura apostólica de Mons. José Maria Alves Jr. Rocha.

## Companhia Fornecedora de Materiais

LADRILHOS — AZULEJOS — LOUÇAS SANITARIAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO.

TELEFONE: 22-7740 — Rede Central

Telegramas: "ARTHEDO"

RUA FREI CANECA, 35 - 39

RIO DE JANEIRO — BRASIL

### NO PROXIMO CONGRESSO EUCARISTICO MISSIONARIA

Estamos informados de que vão em progresso os trabalhos de uma exposição missionaria para os dias do congresso eucarístico nacional, que se celebrará em setembro próximo na capital de S. Paulo.

Os Dominicanos de Goiás trabalham febrilmente na sua representação, que será certamente das mais interessantes, dando que o Tocantins e o Araguaia, tanto nas suas margens como no misterio das suas águas, tem dado assento para uma das mais belas epopéias da greja em nosso país.

Por seu lado, os Salesianos do Amazonas e de outros Estados, ou sejam os Salesianos das três inspetorias instaladas no Brasil, inclusive a de Mato Grosso, alguma coisa estão fazendo, de muito atraente e ilustrativa, para que o nosso grande publico tome conhecimento mais intimo

— Lembramos aos Colégios católicos da Arquidiocese que estamos em condições de executar qualquer trabalho tipografico, por preços compensadores.

Podam, sem compromisso, oremos de nossos preços e concluem não se dizem baratos.

do que são as missões junto aos Indios.

Assim, é que o Congresso Eucarístico, tirante a sua ação eminentemente espiritual, também vai dar margem para alguns pontos praticos na vida da Igreja em nossa terra.

# A ORDEM

Propriedade e direção do Centro de Imprensa - C. M. M.

ANO VII

Estado do Rio Grande do Norte - Natal - Quarta-feira, 3 de Dezembro de 1941

NUM. 1.844

## O presidente da Republica vem recebendo inumeras felicitações pela assinatura do Estatuto da Lavoura Canavieira

### Festa de S. Francisco Xavier

A Igreja celebra hoje a festa de S. Francisco Xavier, o apóstolo das Índias, que mais conversões operou no mundo.

Cerca de um milhão de almas foram salvas pelo apóstolo desse diteto filho da Companhia de Jesus.

O Santo Padre PIO X o declarou padroeiro das Missões.

Francisco Xavier com o exemplo de Inácio de Loyola renunciou as grandezas do mundo e abraçou a Companhia de Jesus.

Recebendo do Papa Paulo III o encargo de ganhar para Cristo as Índias, conquistadas pelos heróicos portugueses desempenhou com zelo a sua missão. Fez longas e penosíssimas jornadas através daquele imenso país, penetrou em suas ilhas e avançou até o Japão. O Senhor agraciou-o com o dom das línguas e dos milagres, e quando se preparava para le-



var a luz do Evangelho à China, sobreviveu-lhe a morte, aos 40 anos, como coroa de seus gloriosos triunfos.

Seu corpo está sepultado em Goa, nas Índias, onde é venerado pelos próprios infiéis e o seu braço direito se encontra em Roma.

Que pelas virtudes de S. Francisco Xavier Deus nos seja propício!

### Lavoura Canavieira

Telegramas dirigidos ao presidente da República

RIO, 3.—O presidente da República vem recebendo numerosos telegramas de felicitações por motivo do decreto-lei que aprovou o Estatuto da Lavoura Canavieira.

De todos os pontos do país, chegam mensagens, destacando-se as da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, Federação dos Plantadores de Cana do Brasil e vários fornecedores de Alagoas, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e São Paulo.

### Sete Estados participarão da Reunião Regional de Economia Rural a realizar-se no Ceará, em Janeiro próximo

O RIO GRANDE DO NORTE TAMBÉM SE FARÁ REPRESENTAR

O Serviço de Economia Rural das condições sociais, morais e mesmo culturais da grande massa de brasileiros que vive e trabalha no interior e contribui poderosamente para a grandeza e prosperidade da nossa pátria. Coordenando essas forças e orientando o esforço construtivo dos nossos patriotas dentro de um sentido único e perfeitamente combinado, seja na unificação dos métodos de trabalho e produção, seja na organização das classes rurais, o Serviço de Economia Rural realiza uma grande obra social e econômica. Compete a esse departamento técnico do Ministério da Agricultura, que tem como diretor o Dr. Artur Torres Filho, a realização de um importante inquérito já em andamento sobre sociologia e economia pan-brasileira; a divulgação do cooperativismo e a sua prática em benefício dos pequenos produtores e, também, das classes menos favorecidas; a implantação do crédito agrícola, do qual depende o desenvolvimento integral das nossas fontes de produção, e, finalmente a padronização, fiscalização e exportação dos nossos produtos e a sua colocação segura nos mercados exteriores, sem o menor receio de confronto com a qualidade dos de outras origens, que concorrem com os nossos na conquista, cada vez maior, das preferências mundiais.

São essas, em resumo, as grandes responsabilidades do Serviço de Economia Rural.

### Vocações

Especial para A ORDEM

Pe. Ascânio BRANDÃO

Sim, Vocações... Entre nós, o ideal baixou de nível. Ninguém quase põe o ideal no alto, nos astros... O menino sonhava outrora: —Hei de ser advogado, deputado, fazer carreiras brilhantes na política.

Agora mais robusto e gordinho dá murros na mesa e ensaia box no nariz dos irmãos, tendo em vista o ideal: ser Joe Louis!

A menina deixou os livros e é piano. Gosta de samba. Canta o taboleiro da balna, que é uma gracinha! É fan de uma constelação toda de Hollywood. Tem alguns riquíssimos de fofinhos sorridentes, de «estrelas» e «estrelas». Tem duas vocações: ser de um dia rainha do samba ou então uma estrela fulgurante da tela.

A futilidade, a extravagância, o exótico, o cabotinismo dominaram a mentalidade da nossa gente até... ao ridículo.

E o que é pior e de consequências lamentáveis, entrarão na educação da nossa infância e da nossa mocidade.

Eis por que eu me alegro quando vejo autoridades concientes do seu dever de zelar pelo futuro das gerações, como agora aquele Juiz de Menores de Distrito Federal, preibindo os programas infantis no rádio sem uma severa e moralizadora censura.

### Pentecostistas e protestantes

Pe. Agnelo ROSSI

Para que os leitores possam avaliar o grau de fraternidade evangélica entre algumas setas protestantes, apresentaremos neste artigo uns exemplos de ambigüidades com que frequentemente os protestantes brindam seus irmãos pentecostistas.

Em que pese a muitos crentes que se entregam e recusam confessar seus laços de parentesco com os "línguas de fogo", assim estes em campo proclamando e advogando o princípio básico do protestantismo: a Bíblia e só a Bíblia através do livre exame.

Quisiram ou não as demais setas, o pentecostismo é um resultado consequente e natural da regra de fé erigida pelo protestantismo. Constantemente surgem novas aberrações do genuíno sentido bíblico, aumentando desta forma a desagração protestante. Que essas inovações sejam errôneas, não há dúvida, mas que não sejam protestantes só um espírito preconceituoso pode acertar. Elas protestam erradamente contra formas errôneas protestantes. Nem isso causa espécie visto como o erro pode revestir-se de uma multiplicidade de feições.

O folhetim "Os Pentecostistas", divulgado pela Casa Publicadora Batista do Brasil, assim se expressa:

"Conhecendo esses métodos ardilosos, traiçoeiros, e outros a um tempo poderão ver qual detestável é essa seta que pretende basear-se na Sagrada Escritura, coisa não estranhável, porque o próprio Diabo fez assim, e precaver-se contra ela". Neste trecho se percebe qual fragil é o princípio fundamental do protestantismo. Até o demônio pode servir dessa base, mereo pretexto para uma interpretação a gosto critério de cada indivíduo.

O opúsculo acima citado, considera os pentecostistas como "o jolo por excelência", "saltadores", "falsos operadores de milagres" (pag. 15), "falsos profetas" (pag. 16), "precursores de heresias, escandalizadores e arruinadores da causa de Deus" (pag. 17). "Poderá alguém, em seu juízo, depois de... assistir a uma das sessões dos tais pentecostistas, e ver algumas pessoas como que em ataques epilepticos, espumando, revolvidos de se pelo chão e saltando frases sem nexo, idiotas, incompreensíveis e julgar depois que tais cenas se parecem, e que o poder que operou em Jerusalém no dia de Pentecostes é o mesmo que opera na tal reunião pentecostista?" (pag. 18).

Filipe Mauro, em "O Dom das Línguas", apresenta o pentecostismo como um dos mais perigosos erros dos nossos dias, não só por causa das suas imposturas, formalidades e fustas, mas como igualmente pela terrível destruição moral e espiritual que tem produzido (pags. 11-12).

Nas 88 páginas de "Os Pentecostistas", da autoria de Enéas da Silva Pereira, há cópias material de semelhantes gentilezas. Um exemplo, a página 87: "Os pentecostistas são os que causam divisões entre os irmãos, são senasais porque fazem predominar os seus cantos carais (vista, ouvido, tacto) em seu culto, para enganarem a si próprios e aos outros".

Os jornais protestantes, com frequência falam das tais "assembléias tremeliquesas da onda herética", da "seta nefasta", que se assemelha ao baixo espiritismo e feiticismo.

"Os sorridentes pentecostais" se contentam com "arremedos profanos e ridículos, falsificações das manifestações pentecostais".

Galdino Moreira considera o pentecostismo como "um grave exagero de proselitismo, ignorância das doutrinas e lamentável mistura de verdades e erros." É uma seta que falha e claudica... Não é realmente cristã" (folheto "O Pentecostismo no Brasil"). O missionário batista Pedro Tarsis (J. Batista, 28-3-40), diz que falta ao pentecostal o juízo perfeito.

Sem precisar aumentar esta lista, o que se poderá fazer nos nossos dias, já os leitores perceberam em que pé andam no protestantismo brasileiro as relações amáveis e fraternas com os pentecostistas.

(De "O Legionário", de São Paulo).

### "O TICO-TICO"

A velha revista infantil "O Tico-Tico" acaba de reaparecer, sob forma nova, com orientação segura digna do apoio de todos os bons católicos. É de notar-se, sobretudo, a preocupação da nova direção de "O Tico-Tico" em desenvolver assuntos de interesse aos nossos, da nossa história, em tratar dos vultos nacionais, dos heróis da Pátria, exemplo a ser seguido pela juventude do Brasil.

Quando se derrama, por todos os quadrantes do país este exame de revistas diárias infantis e que tantos males trazem aos nossos jovens, de espírito em formação, alegria ressaltar o novo folheto de "O Tico-Tico".

### O maior açude do mundo!

11 cidades desapareceram sob as águas

RIO, 3.—O maior lago artificial do mundo está se formando detrás da barragem de Grande Coulee, construída pelo governo dos Estados Unidos, no Estado de Washington, e que custou 118 milhões de dólares.

O açude tem a extensão de 241 quilômetros e sua largura varia entre 800 metros e 6 quilômetros e meio, com a profundidade média de 115 metros. Embarcações de recreio já começam a circular nas águas que cobrem as colinas e as 11 povoações, que desapareceram em consequência da formação do lago. A região circunvizinha foi colocada sob a jurisdição do Serviço Nacional de Parques, repartição que está subordinada à Secretaria do Interior.

### Nomeado bispo de Jacarezinho o mons. Ernesto de Paula

RIO, 3.—Informam da Cidade do Vaticano que o Sumo Pontífice nomeou Monsenhor Ernesto de Paula bispo de Jacarezinho, no Brasil. Monsenhor de Paula era, até agora, vigário geral da Arquidiocese de São Paulo.

### Destacado para Campina Grande

RIO, 3.—Deverá seguir brevemente para a cidade de Campina Grande, na Paraíba, a 1ª Bateria do 1º Grupo de Obuses.

### Campanha em prol da aviação no Brasil

Uma entrevista do diretor do Departamento de Aeronautica Civil

RIO, 3.—Comunicam de Recife que o cal. Samuel Ribeiro, diretor do Departamento de Aeronautica Civil, que ali se encontra, referindo-se à campanha em prol da aviação, declarou que o Brasil já conta com cerca de 900 aeródromos e mais de 200 aero-clubes. Acrescentou que a sua viagem ao norte pretende-se aos serviços realizados pela Panair do Brasil nos aeroportos da Baía, Macaé, Recife, Natal, Fortaleza, Camocim, São Luiz do Maranhão, Belém e Ampará e que o custo total dessas obras eleva-se a cerca de 68 mil contos.

### Quatro aviões o um hidro chegaram pelo Cantanaria

RIO, 3.—A bordo do "Cantanaria" que deverá chegar na primeira quinzena deste mês foram embarcados 4 aviões e um hidro encomendados pela Companhia Nacional de Aviação Civil. Este último foi ofertado pela firma Dahne Condição & Cia. ao governo fluminense. Delibero o comte. Amara Peloto ceder à capital do Amazonas a possante unidade. Dos quatro outros aparelhos, três foram dados pelo industrial Lette Garcia, destinando-se a Belém.

### Escola S. Vicente de Paulo

Reunião dos professores

Hoje às 19,30, na sede da Escola S. Vicente de Paulo, a rua Voluntários da Pátria, haverá uma reunião dos diretores e professores da mesma Escola para tratar do encerramento das aulas e da ampliação dos cursos para o próximo ano letivo.

Pelos novos planos a Escola ficará aparelhada a preparar candidatos aos exames de admissão aos cursos secundário e comercial.

O ensino será gratuito, por isso que é destinado aos meninos pobres.

A Escola S. Vicente de Paulo funciona sob os auspícios do marianismo potiguar.

### Dia da Propaganda

RIO, 3.—Amanhã, quinta-feira, será comemorado em toda a America o "Dia da Propaganda", cujos festejos assumem este ano grande brilhantismo. Haverá ao meio dia um almoço no Automovel Clube, presidido por sr. Lourival Pontes com o comparecimento de autoridades.

### O leite originario de vaca tuberculosa representa um perigo real d saúde.

LEITURA PREJUDICADA NA LOMBA DO MUTILADO

## LAR CATHOLICO

D. José Maurício da Rocha  
BISPO DE BRAGANÇA — EST. DE S. PAULO

### DOUTRINANDO

Com vistas aos senhores protestantes e aos catholicos tambem

Estas respostas, como o indica seu título, não têm outro fim além do de doutrinar sem intuito de offender susceptibilidades. Por isso, si alguma palavra nos escapou, que possa ser tida por menos delçada, ou menos caridosa, fica como si não tivesse sido escrita. *Bispo de Bragança*



Illustres senhores protestantes da Igreja Evangelica Baptista Paulistana, sita á rua Conselheiro Furtado n. 1, em S. Paulo, mandaram imprimir um avulso, subscripto pelo pastor Emilio W. Kerr, pelo secretario José F. de Mendonça, pelo thesoureiro Iray Flavio de Mello e pelo superintendente da escola dominical, dr. Juvenal Ricardo Mayer, contendo 18 proposições, que dirigem aos catholicos, prometendo converter-se todos ao Catholicismo, si lhes forem mostrados na Biblia textos, pelos quaes seja provada a doutrina das referidas proposições.

Transcrevemos abaixo uma a uma, as alludidas proposições, dando-lhes as convenientes respostas de accordo com a verdade, que é o que, em substancia, devem querer os illustres signatarios do avulso, e com fundamento na Escripura.

Si os senhores protestantes da Igreja Evangelica Baptista Paulistana tiverem boa vontade, acharão a paz, de que, certamente, se sentem carecidos quando dirigem aos catholicos as 18 proposições.

Os anjos annunciando o nascimento de Jesus Christo, annunciaram, ao mesmo tempo, a paz para os homens de boa vontade.

Si, ao contrario, não tiverem boa vontade, serão inúteis todos os argumentos para os convencer.

Infelizmente a só formulação das proposições já deixa ver má vontade, em vez de boa, ou falta de certos conhecimentos. Com effeito, orer na Sagrada Escripura, como, com tanto alarde o dizem os protestantes, e attribuir-lhe o exclusivismo de ser ella a única fonte da ver-

dade christã, ou é má vontade, ou insciencia. Que seja esta e não aquella, pois a ultima, de facto da intelligencia pôde ser corrigida facilmente, enquanto que a primeira, vicio da vontade, não conta com a mesma facilidade.

A Biblia é fonte da verdade religiosa, nenhum catholico o nega; mas não é a unica, segundo ella mesma o afirma.

O Apostolo S. João, no cap. 21, v. 25 de seu Evangelho, diz: *«Muitas outras cousas ha ainda, que fez Jesus, as quaes si se escrevessem uma por uma, creio que nem no mun to todo poderiam caber os livros, que dellas se houvessem de escrever.»*

E evidentemente figurada é afirmativa de S. João no tocante á quantidade de livros, mas a sua substancia é verdadeira, no sentido de não ter ficado escripto tudo o que disse Nosso Senhor.

Si, pois, Jesus Christo fez, o que quer dizer ensinou, cousas, que não foram escriptas, é claro que a Sagrada Escripura não é a unica fonte da verdade christã.

Multe antes da revolta de Luthero, antes, pois, que houvesse no mundo protestantes (baptistas, anabaptistas, evangelistas, adventistas, pentecostistas, etc.) já Santo Agostinho, o grande Santo Agostinho, no seculo V, quando o protestantismo é do seculo XVI, dava ás palavras do Apostolo a mesma interpretação. Assim, no seu «Sermão 44 acerca das palavras do Senhor», commentando o milagre da resurreição do filho da viuva de Naim, diz: *«Tres mortos sabemos visivelmente resuscitados pelo Senhor... Quanto, porém, de facto resuscitou, quem sabe? E que nem tudo o que fez, ficou escripto, consoante o affirma S. João; e refere em seguida as mesmas palavras do cap. 21, v. 25 do evangelho joannino.»*

Além disso, quando aos Apostolos ceitou Jesus a missão de evangelisar os povos, não lhes ordenou que escrevessem, mas pregassem, se-

gundo se lê no cap. 16, v. 25 do evangelho de S. Marcos que diz: *«Pregae o Evangelho a toda a creatura.»*

Ordenando que pregassem, não quiz de certo prohibir que escrevessem, como, aliás, o fizeram os Apostolos, mas sem darem valor somente ao que fosse escripto, conforme se deprende das palavras de S. Paulo no cap. 2, v. 14 de sua segunda carta aos Thessalonicenses, onde se lê: *«E assim, Irmãos, estas firmes na fé e conservae as tradições, que aprendestes, ou de palavra, ou por carta nossa.»*

A disjunctiva—ou de palavra, ou por carta nossa—mostra a quem tenha olhos de que, o ensino do Evangelho não se contém todo em escriptos, havendo, portanto, ensino de viva voz.

E' clarissimo, pois, segundo a mesma Sagrada Escripura, que não é ella a unica fonte da doutrina de Jesus Christo, que, uma vez conhecida, sendo da mesma origem, é, por consequencia, do mesmo valor, quer tenha sido transmittida por escripto (pela Sagrada Escripura) quer oralmente (pela Tradição).

Nem pode ser de outra sorte, visto como ninguém de bom senso pôde restringir o valor da palavra de Deus á sua materialisação pela letra.

A par do ensino escripto e do ensino oral divinos, ha outras fontes de constatação da verdade, mesmo para a doutrina religiosa, como a recta razão, a historia profana, etc.

O ensino religioso, em suas relações com a Biblia, pode dividir-se em escriptural ou de accordo com a Escripura; extraescriptural ou fóra da mesma, mas a ella não opposto; e antiescriptural ou a ella contrario.

A Igreja Catholica admite o primeiro, por isso que reconhece a inspiração divina da Biblia; admite o segundo, cujas verdades embora não contidas na Escripura, constam por testemunhos irrefragaveis da Tradição, que a propria Biblia, reconhece, quando afirma que não estão escriptos todos os ensinamentos de Jesus Christo; não admite o terceiro, porque, como é claro, isso seria negar a Biblia, o que, nem mesmo em parte, pôde o catholico fazer.

O mesmo, entretanto, não podem dizer os protestantes, que não obstante a ostentação de seu apego á Sagrada Escripura, negam verdades nella contidas, como teremos occasião de provar o adepto, negando por consequente, a mesma Biblia, que, si for falsa em uma parte, deixará por isso mesmo de offerecer garantia quanto ao demais, principalmente para quem, como os senhores protestantes, carece de uma autoridade infalivel para decidir com segurança em que lado se acha a verdade.

E' certo que, pretendendo libertar-se do embaraço da necessidade da autoridade indispen-

### Mamãe Borrallheira

11

Novella por Mary Flaran

Tradução do hespanhol

—O que?—interrogou a mãe—que queres dizer?

Que ideal de vida formaste?... o de correr de festa em festa? levar ao lado de tua existencia de soldado, uma vida exclusivamente de sociedade e de dissipação? A tudo isto sacrificar: tua fortuna; sem duvida, a carreira tambem, pelo amor de uma mulher que não o agradecerá, accetando-o apenas como um tributo devido a sua belleza? Que, mais que a ti e a teus filhos, quereirá a sociedade e suas homenagens; aos exitos da formosura e do trajar, collocando em mais alto gráo as futeis, más e vans preocupações?...

Vendo que seu filho calava continuou:

—Ou sonhaste uma vida de familia, uma vida de lar, intima terna e attrahente, de que, entretanto, não estariam inteiramente excluidos o mundo e suas relações, considerados apenas como uma distração secundaria, uma diversão agradável e ás vezes mesmo necessaria, sem dar-lhe a importancia de uma questão capital? Sonhaste com o carinho correspondido, uma companheira fiel e amante e com os filhos que seriam o ornato e o orgulho della? Sonhaste terminar tua vida junto a esposa querida, sem que a menor causa venha desunil-os, nem a pôr-se entre os dois, numa comunidade de pensamentos que prolonga e fortalece o amor, com agradável e immutavel ternura, e guarda seguro esse bem contra o qual nada podem as desgraças da terra e que é um affecto reciproco e eterno? Sonhaste com tudo isto de que é susceptivel teu amoroso coração e teu espirito sensato e digno?

Pois sendo assim, não te cases com a senhorinha de Asqueur.

—E si eu a amasse, com todas as veras do coração—exclamou o moço, um pouco contra tal resolução.

—Si a amasses assim, meu filho, dir-te-ia:

reflecte com calma, fecha os olhos para julgar sem vel-a, pois ella conseguiu entrar em teu coração pelos olhos. Essa moça nada possui do que se requer para ser amada por ti.

—E, não sois muito severa, mãe?—insistiu Felipe— a senhorinha de Asqueur tem qualidades boas...

—Acredito, porém acredito tambem que a educação afogou-as, não debaixo dos espinhos, como o bom grão da parabolá, mas, sob as rosas. Supprimidas fatalmente, um ou outro dia, as alegrias da vida, poderá ainda germinar a semente boa e produzir felizes fructos?... Causa gravissima é esta, e não te aconselharei nunca, que intentes proval-a.

—Que impressão cansou-vos o conde de Asqueur?—proseguiu Felipe sem responder ao que lhe dizia sua mãe.

—A de um menino muito grande, acariado pela sorte e pela vida. Tambem é bom, espirituoso, leviano, possuindo qualidades boas e generosas, um pouco mais superficie que fundo. Muita sinceridade, vantajosa opinião de si mesmo, educação e distincção irreprensiveis; mas, pouco sentido pratico, o que

## Outros Documentos

ATA da cisão na Igreja

1º 222 Acta da sessão extraordinária da 1ª Igreja  
Batista de Belém realizada em 13 de Junho 1911

No templo da 1ª Igreja Batista de Belém a Rev.  
João Balby nº 10 Depois do culto p. m. de  
Oracão bebendo-se presente grande numero de  
irmãos de ambos os sexos Oirmãos evangélicos  
e presb. da Igreja Raymundo Sobri  
canvencou os irmãos presentes a sessã  
extraordinária expresso as seguintes  
nações da mesma, a qual era de evitar  
de expulsa da igreja o elemento pernicioso  
que são conhecidos como espiritualidade,  
segundo dizem elles, o Baptismo de fogo,  
Espirito Santo, Louvãta que se manifi-  
esta blasfemando botendo com todos fa-  
ltaudo línguas estranhas que imigram  
compreende semelhante ao expulsa-  
dos Rodriguezianos, sendo o moderador  
da Igreja o irmão officiar Diácono  
segundo se occorria. O irmão Raymundo  
Sobri, na qualidade do pregador da Igreja  
convidou o irmão Diácono Antunes Bello de hi-  
mo para a moderação, e para secretario  
intitativo José Joaquim de Lima Antunes  
occupando a cadeira da moderação o irmão  
Bello moderador a congregação cantou  
o hymno nº 9 do Cantor procedendo a lei-  
tura da escriptura sagrada e oração pelo o  
mesmo foi declarada a 1ª sessão em  
seguida o irmão Antunes obtendo permissão  
para falar pediu em nome de Jesus Christo  
que os que fossem a favor ou a contrario  
seguem no verso

Anexo 30: Página 1 – ATA da Cisão da Primeira Igreja Batista de Belém-PA de 13/06/1911 (Fonte: RELEP)  
Sob a versão Batista a ATA retrata a expulsão dos 18 membros que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil

176 (2)

222

dos espiritualistas e que se manifestaram manifestando proposita ocasião es adeptos presentes, Diáconos José Nacido de Lencastre, Manoel Maria Rodrigues, José Baptista de Carvalho, Sotomaior Mendes e Jacinto Lins, Diáconos João Domingos, Manoel Rodrigues Dias, Maria dos Prazeres Costa, Jesusa Rodrigues, Maria José, Sotomaior de Carvalho e Alberta Garcia, considerando a Igreja que a nova heresia imposta por eles e seguida por outros e não se tem attentado contra as regras Baptista (rede origem dos Baptistas) como o item antecultural foi proposto pelo irmão Antunes que estava adepto da nova heresia fossem excluidos do Seio da Igreja Baptista até que arrependidos se voltarem reconhecendo o seu erro, além dos irmãos acima foram disciplinados também a irmã Celina Cardoso de Albuquerque, Maria de Jesus Nazareth as (propheticas) e também os chefes da seita, Juana Nunes e Daniel de Tolque, que não compareceram a sessão; a proposta dos indicados foi apoiada sem discussão, obtendo-se a seguinte unanimidade: O irmão Pedro Alexandrino Ramos usando da palavra fez lembrar a necessidade dos diáconos e thesoureiros; nesta ocasião falou o irmão Theodeto Belozo propondo para que fosse nomeada uma comissão para tratar e recetar dos irmãos disciplinados.

segue folha 3

Anexo 30: Página 2 - ATA da Cisão da Primeira Igreja Batista de Belém-PA de 13/06/1911 (Fonte: RELEP) Sob a versão Batista a ATA retrata a expulsão dos 18 membros que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil

22  
 3 3 1917  
 dos aquillo que por ventura pertence a  
 a Igreja para os irmãos felleiros e  
 elidos os seguintes irmãos: Antonio M. e  
 Corrêa Antonio Bello de Lima e José Joaquim  
 de Lima Antunes. Pedio a palavra novo-  
 te o irmão Antunes e falou dizendo ha  
 por varios meses se levantado questões na  
 Igreja servindo de moradia em casas e  
 e que por ultimo o irmão missionario Dr.  
 Nelson resolveu que não mais ali mora-  
 ra ninguém e que ficaria destinado exclu-  
 sivamente para trabalhos da Igreja e que  
 em vista disto exigia a retirada dos irmãos que  
 atualmente ali habitavam resolvendo já  
 já levar em consideração o seu pedido. pedio  
 a palavra o irmão Raimundo Tobre e pedio que  
 a Igreja concedesse um prazo para os irmãos  
 dalhe retirarem pedindo a palavra  
 o irmão Antunes propoz para que o  
 Culto daci Igreja N.ª ficasse discon-  
 tinuado da primeira Igreja Baptista meto-  
 distica o irmão Chibellor Nello fez um  
 movimento para que tambem ficasse  
 suspenso todos os cultos externos até  
 a chegada do irmão Nelson e fizesse  
 toda semana destinada a orações  
 cujas propostas foram accitadas por  
 unanimidade. depois pedio a palavra  
 para o irmão Antunes pedio que a  
 Igreja o autorizasse escrever para o  
 Jornal Baptista fazer constar por  
 este os factos ultimamente acontecidos e  
 segue no verso

Anexo 30: Página 3 - ATA da Cisão da Primeira Igreja Batista de Belém-PA de 13/06/1911 (Fonte: RELEP)  
 Sob a versão Batista a ATA retrata a expulsão dos 18 membros que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil

170 (4) 4

222 - dentro da Igreja Baptista qual se tem  
 mantido: não tendo mais nada a tra-  
 zar foi convocada a sessão com uma  
 Carta a Deus pelo irmão Anacleto Martins  
 Vellozo

O Secret. Joaquim Antunes  
 Omodorador Raymundo da  
 Silva

---

223 - Acta da sessão extraordinaria da 1ª Igreja Baptista  
 em Belém do Pará realizada em 16 de Junho de 1911

No templo da 1ª Igreja Baptista a Rua João Balby nº 6.  
 em 16 de Junho) foi convocada a uma sessão extraordinaria  
 para tratar da eleição da directoria da Igreja.

Ocupando a cadeira de moderador o irmão Antonio Bell de  
 Lima procedeu a leitura da escriptura sagrada em lingua  
 grega: foi pelo o moderador declarada aberta a sessão;  
 pedindo a palavra o irmão Raymundo Sobre pediu a pa-  
 lara para escolher os officiaes; pedindo a palavra o irmão  
 Pedro Alexandrino Ramos disse Anacleto Martins Vellozo  
 propoz para que o irmão Manoel Marques Correia,  
 Sobre e Theodorico, propoz para que foi appoiado por  
 unanimidade não havendo o contrario; pedindo  
 a palavra o irmão Alexandrino Ramos, propoz  
 para que o irmão Raymundo Sobre fosse o moderador  
 da Igreja sendo appoiado foi posto em discussão não  
 havendo o contrario foi accito unanimi; pedindo o moderador  
 que a Igreja escolhesse um secretario, pediu a pa-  
 lara o irmão Anacleto, propoz para que o irmão  
 Antonio, passasse a secretario effectivo sendo appoiado

Anexo 30: Página 4 - ATA da Cisão da Primeira Igreja Batista de Belém-PA de 13/06/1911 (Fonte: RELEP)  
 Sob a versão Batista a ATA retrata a expulsão dos 18 membros que fundaram a Assembleia de Deus no Brasil

Natal 21 - 4 - 1931.

Caro irmão Lewi Pethrus! A paz seja consigo!

Lembramo-nos com alegria a visita do amado irmão Lewi Pethrus! Desde d'aquelle tempo, temos fructos. Gloria á Jesus!

As descicções que foram feitas na convenção em Natal durante a estadia do irmão, tem em parte sido obedecidas, porém tambem outras cousas não se obedeceu.

Aqui em nordestre, como tambem em todo o norte, todos os ministros unanimes protestamos, primeiramente pela entrada de irmã Frida como redactor do jornal "Mensageiro de Paz". As circumstancias não estavam em harmonia com está collocação. Fora d'isto, irmã Frida tem escripto diversos artigos, entre elles um, que tem como titulo " O Pastor". N'este artigo ella ensina como deve estar um pastor, como tambem como o trabalho deve ser dirigido.

Irmão Pethrus, todos nos reunidos aqui, e garantimos, de alagões até Pará todos os ministros do Senhor Jesus protestam contra esta direcção da irmã Frida. ~~DEIXEMOS A VELHA QUESTÃO ACERCA DA MULHER COMO DIRIGENTE ACCENDE-SE DE NOVO, É CERTO É, SE CONTINUAR COMO ESTÁ, HAVERÁ UM LEVANTE, TALVEZ DE UM CARACTER AINDA MAIS MILINDROSO DO QUE O PRIMEIRO. SEGUNDO NOS SABEMOS, NÃO TEM UM MISSIONARIO AQUI QUE VÊEM COM BONS OLHOS ESTE TRABALHO DE IRMÃ FRIDA.~~ A velha questão acerca da mulher como dirigente accende-se de novo, é certo é, se continuar como está, haverá um levante, talvez de um caracter ainda mais milindroso do que o primeiro. Segundo nos sabemos, não tem um missionario aqui que vêem com bons olhos este trabalho de irmã Frida.

Depois da convenção em Natal, segundo o que fallavamos ahi, as irmãs trabalham para o Senhor, testificando o amor de Deus! Temos visto que Deus está usando ellas para o desenvolvimento do trabalho. Mas tambem as referidas irmãs sabem-se collocar no logar onde devem estar.

Devemos andar prudentemente, sómente entrar nas portas que stão abertas, assim teremos paciencia esperar até que se abrem as portas.

Appellamos para irmão Pethrus, e para os irmãos na Suecia, em Stockholmo a orar por nos, para que a perfeita paz e unidade reine em nosso meio!

A segunda questão é a retirada do nosso irmão Samuel Nyström. Tem chegado para nosso conhecimento, que irmão Samuel Deixará o nosso paiz. Para alguns elle já escreveu isto. Nos não crémos que isto será conforme a vontade do Senhor Jesus! Com a retirada do nosso irmão Samuel, por questões com irmã Frida, haverá grandes desintelligencias entre os nativos. Por causa d'isto, desejamos que a Assembléa de Deus em Stockholmo fará todo o possivel para que o nosso irmão Samuel ficará neste paiz em continuamãt.

O trabalho está em progresso, desejamos as vossas oracoes! Unidos mandamos as nossas cordiaes saudacoes para o irmão e os demais irmãos desejamos mais uma visita do irmão e já agora saudamos irmão bemvindo!  
Do vossos irmãos em Christo,

Cicero Lima.  
Napolião de oliveira Lima.  
Francisco Gonzaga.  
João Baptista.  
José Amador.  
Amaro Celestino.

/ COPIA. /

Natal den 21-4-1931.

Käre broder Lewi Pethrus! Guds frid !

Vi komma med glädje ihåg vår käre broder Pethrus visit här!  
Ifrån den tiden finnes det frukt. Ära vare Jesus!

Vad som bestämdes på konferensen i Natal under broders besök,  
har del efterföljts, men å andra sidan icke.

Här i södra, "norra Brasilien", likaväl som norrut, alla bröderna  
som tjäna Gud med ordets predikan protestera enhälligt, först och främst  
dessa; Syster Frida som redaktör av tidningen "Mensajeiro de Paz". Omstän-  
digheterna voro icke sådana, att de kunde harmonisera med detta. Förutom att  
har syster Frida skrivit en hel del artiklar, bland dessa en, som hade till  
titel "O Pastor". I den artikeln undervisar hon om, huru en pastor skall  
vara, ävenså huru en pastor skall leda arbetet.

Broder Pethrus, alla vi, som äro samlade här garantera, att från  
Alagoas t.o.m. Pará alla bröderna som vittna om Jesus emot den ledande  
ställning, som syster Frida intagit. Den gamla frågan om kvinnan som ledare  
blåser upp på nytt, och ett är visst, om det får fortsätta, kommer det att  
bliva en brytning, kanske ännu mer omfattande karaktär än första gången.  
Snligt vad det synes, finnes det heller ingen av missionärerna, som med  
sympati ser syster Frida arbeta som hon gör.

Efter konferensen i Natal, efter vad som vi kommo överens om här,  
har många systrar arbetat i evangelium. Vi hava sett huru Gud har bekännt  
sig till verket och deras arbete har varit till välsignelse. Men, så hava  
också alla dessa systrartagit den ställning, som Gud ville att de skulle  
taga.

Vi böra vara visliga, endast gå in genom de öppna dörrarna, och ha-  
va tålmod tills nya portar öppnar sig.

Vi vilja vända oss till broder Pethrus, till Bröderna i Sverige, i Stockholm att alla bedja för oss! Så att fullkomlig frid och endrärt må råda i vår mitt!

Den andra frågan är angående broder Samuel Nyström. Det har kommit till vår kännedom, att broder Samuel skall lämna vårt land, "Brasilien". Till en del bröder har han redan skrivit om det. Vi tro emmertid icke att det är Guds vilja. Genom att broder Samuel lämna/på grund av misshällighet med syster Frida/tro vi, att de infödda bröderna skola taga mycket illa upp. Därföre bedja vi, att Guds församling i Stockholm må göra vad på den ankommer, att vår broder Samuel stannar i detta land i fortsättningen!

Arbetet går framåt, vi önska Edra förböner! Till sammans skanda vi en fridens hälsning till broder och de övriga bröderna! Vi önska en ny visit av broder, och redan nu hälsa vi vår broder välkommen!

Edra bröder i Kristus,

Cicero Lima.  
 Napolião de Oliveira.  
 Francisco Gonzaga.  
 João Baptista.  
 José Amador.  
 Amaro Celestino.

Tradução/



